



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

FLORA MOURA LORENZO

**CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS  
REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO  
“EU” NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO COMO  
CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DE  
INTERAÇÕES HUMANAS EM APRENDIZAGEM,  
DESENVOLVIMENTO E ORGANIZAÇÕES**

FLORIANÓPOLIS

2013



FLORA MOURA LORENZO

**CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS  
REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO  
“EU” NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO COMO  
CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DE  
INTERAÇÕES HUMANAS EM APRENDIZAGEM,  
DESENVOLVIMENTO E ORGANIZAÇÕES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Olga Mitsue Kubo

**FLORIANÓPOLIS  
2013**



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lorenzo, Flora

Características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito Eu na Análise do Comportamento como contribuição para o conhecimento e interações humanas em aprendizagem, desenvolvimento e organizações / Flora Lorenzo ; orientador, Olga Kubo - Florianópolis, SC, 2013.

548 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Eu. 3. Comportamento. 4. Análise funcional de comportamentos. 5. Análise conceitual. I. Kubo, Olga. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.



*Flora Moura Lorenzo*

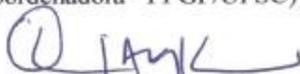
*Características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito "eu" na análise do comportamento como contribuição para o conhecimento de interações humanas em aprendizagem, desenvolvimento e organizações*

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

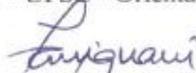
Florianópolis, 07 de agosto de 2013.



Dra. Carmen Leonina Ojeda Campo Moré  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



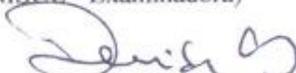
Dra. Olga Mitsue Kubo  
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dr. Denis Roberto Zamignani  
(Universidade Ahembi Morumbi - SP - Examinador)



Dra. Juliane Viecili  
(UNISUL - Examinadora)



Dra. Denise Cord  
(PSI - UFSC - Examinadora)

Dr. Silvio Paulo Botomé  
(PPGP - UFSC - Suplente)



*E quando nem uma légua tinham andado, a sorte, que ia guiando suas coisas de bem a melhor, lhe deparou a estrada, na qual descobriu uma estalagem, que a seu pesar e a gosto de D. Quixote havia de ser castelo. Porfiava Sancho em que era estalagem, e seu amo que não, e sim castelo; e tanto durou a porfia que tiveram lugar de, sem acabá-la, chegar a ela, onde Sancho entrou sem mais averiguações com toda sua récua.*

**Miguel de Cervantes Saavedra**  
**O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha**



## **AGRADECIMENTOS**

Escrevi diversas versões de agradecimentos, mas nenhuma fez jus ao sentimento que tenho por todos que foram mais que fundamentais para que essa etapa da minha vida pudesse se concretizar. Muita gente é responsável por esse trabalho... em incontáveis aspectos. Por não conseguir colocar em palavras tudo quanto gostaria, por não conseguir expressar o tanto quanto precisaria dizer, vou deixar a promessa do meu “obrigada!” pessoalmente, num abraço apertado a cada um.



## SUMÁRIO

Resumo.....	xxiv
Abstract.....	xxvi
<b>1. CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO “EU” NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DE INTERAÇÕES HUMANAS EM APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO E ORGANIZAÇÕES.....</b>	<b>28</b>
1.1. Precisão, concisão e clareza conceitual em uma área de conhecimento: requisitos à qualidade dos processos envolvidos na produção de conhecimento da área e em intervenções nos fenômenos que consistem em seus objetos de estudo.....	31
1.2. Noção de Comportamento como base para exame dos graus de suficiência de definições e de coerência entre definições e descrições de aspectos constituintes dos processos aos quais o conceito “Eu” se refere e à superação da noção de entidades internas determinantes das ações dos organismos.....	44
A- <i>Desenvolvimento da noção de Comportamento como recurso à produção de conhecimento científico relacionado a conceitos.....</i>	44
B- <i>Noção de comportamento como contribuição para superar a atribuição de função determinante de ações dos organismos a entidades internas a eles.....</i>	53

1.3.	O conceito de Contingências de Reforço como recurso para exame dos graus de suficiência de definições e de coerência entre definições e descrições de aspectos constituintes dos processos aos quais o conceito “Eu” se refere.....	56
1.4.	Noções de “unidade”, “classe” e “sistema” como parâmetros para delimitar a unidade de análise de fenômenos comportamentais a serem investigados, especificamente aos referidos pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento.....	63
1.5.	Análise Funcional como recurso para caracterizar classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” conceitos na literatura da Análise Experimental do Comportamento.....	78
	A- <i>Conceitos divergentes em relação ao que consiste o recurso da Análise Funcional e a que fins pode servir.....</i>	78
	B- <i>Conhecimento produzido em Análise Experimental do Comportamento acerca de relações de controle de estímulos como complementação das possibilidades do recurso da Análise Funcional.....</i>	83
	C- <i>Recurso da Análise Funcional de comportamentos com fins à produção de conhecimento científico acerca das características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” na Análise do Comportamento.....</i>	91
1.6.	Relação entre fenômenos atribuídos tradicionalmente à “Subjetividade” e o comportamento verbal.....	94

1.7.	Conceito “Eu” em Análise Experimental do Comportamento: indícios de aspectos distintos, graus de coerência e complementaridade entre as proposições apresentadas em diferentes obras da área, bem como de sua qualidade como subsídio a processos de produção de conhecimento e de intervenção nos fenômenos pelo termo referidos.....	108
1.8.	Investigar características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “eu” na Análise do Comportamento como um meio de tornar o conhecimento da área acerca desse conceito subsídio confiável e preciso a modalidades de intervenção do psicólogo.....	125
<b>2.</b>	<b>Método para observar características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” na Análise do Comportamento.....</b>	<b>128</b>
I.	Fontes de informação.....	128
II.	Instrumentos, materiais e equipamentos.....	128
III.	Situação e Ambiente.....	129
IV.	Procedimentos.....	129
IV.1	Seleção das fontes de informação.....	129
IV.2	Procedimentos de coleta, análise e tratamento de dados.....	130
2.1.	<i>Selecionar trechos das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito e características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito.....</i>	<i>133</i>

- 2.2. *Transcrever trechos selecionados das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito ou características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito.....* 136
- 2.3. *Fragmentar trechos das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito ou características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito em unidades de informação.....* 138
- 2.4. *Identificar os componentes das sentenças das unidades de informação que exercem as funções “sujeito”, “verbo” e “complemento”* 142
- 2.5. *Aperfeiçoar estrutura das sentenças das unidades de informação de modo que o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse exerça função de “sujeito” .....* 145
- 2.6. *Aperfeiçoar verbos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza das ações ou comportamentos a que se referem.....* 149
- 2.7. *Aperfeiçoar complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza acerca dos estímulos a que se referem.....* 152
- 2.8. *Avaliar e aperfeiçoar grau de generalidade das unidades de informação em relação à possibilidade de identificar classes de comportamentos a partir de seus componentes.....* 155

- 2.9. *Analisar funcionalmente informações apresentadas nas unidades de informação e identificar elementos que exercem função de “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” em classes de comportamentos* 159
- 2.10. *Avaliar e aperfeiçoar a redação dos componentes identificados e registrados como “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” por meio do conceito de comportamento.....* 162
- 2.11. *Identificar lacunas nas classes de comportamentos cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram identificadas e tiveram sua redação aperfeiçoada conforme o conceito “comportamento” e derivar componentes para complementá-las, de modo a manter a fidedignidade à proposição da obra.....* 165
- 2.12. *Identificar equivalência funcional entre as classes de comportamentos analisadas funcionalmente e agrupá-las em classes mais gerais.....* 168
- 2.13. *Nomear as classes de comportamentos cujos componentes foram identificadas conforme suas características e características das relações que estabelecem entre si.....* 173
- 2.14. *Identificar relações de cadeia, pré-requisitos e abrangência, entre as classes de comportamentos identificadas.....* 176

2.15.	<i>Organizar as classes de comportamentos conforme as relações de cadeia, pré-requisito e abrangência que estabelecem entre si em um sistema comportamental.....</i>	177
2.16.	<i>Derivar classes de comportamentos a partir da identificação de lacunas entre as classes de comportamentos cujas relações de pré-requisito, cadeia e abrangência foram identificadas.....</i>	179
2.17.	<i>Analisar funcionalmente classes de comportamentos derivadas.....</i>	181
2.18.	<i>Identificar função dos eventos identificados como “estímulos antecedentes” e classificá-los como contextuais, condicionais e discriminativos conforme a função exercida...</i>	183
<b>3.</b>	<b>Características das classes de comportamentos às quais o conceito “Eu” se refere no capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003).....</b>	<b>187</b>
1.	Classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere.....	189
2.	Componentes das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere.....	193
2.1.	Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”.....	194

2.2. Características das classes de componentes que constituem as classes comportamentos da Categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”.....	226
2.2.1. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B.....</i>	226
2.2.2. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B.....</i>	237
2.3. Características das classes de componentes que constituem as classes comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘Eu iniciador’”.....	244
2.3.1. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C.....</i>	244
2.3.2. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C.....</i>	255

3	Observar os aspectos que constituem as classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” no capítulo “O Eu” da obra <i>Ciência e Comportamento Humano</i> (1953/2003) de Skinner possibilita ampliar suas possíveis contribuições à produção de conhecimento científico e à intervenção profissional, bem como confere à obra parâmetros de comparação com outras proposições da área da Análise Experimental do Comportamento relacionadas ao mesmo conceito.....	264
3.1.	Exame das Características das classes de comportamentos da Categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”.....	269
3.2.	Exame das Características das classes de comportamentos da Categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”.....	284
3.3.	Exame das características das classes de comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘Eu iniciador’”.....	295
4.	<b>Características das classes de comportamentos às quais o conceito “Eu” se refere no capítulo “O Self” da obra “FAP - Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....</b>	<b>306</b>
1.	Classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (2001) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere.....	308

2. Componentes das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (2001) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere.....	311
2.1. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”.....	312
2.1.1. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria A.....</i>	313
2.1.2. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria A.....</i>	330
2.2. Características das classes de componentes que constituem as classes comportamentos da Categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”.....	339
2.2.1. <i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B.....</i>	340

2.2.2.	<i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B.....</i>	358
2.3.	Características das classes de componentes que constituem as classes comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’” .....	365
2.3.1.	<i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C.....</i>	366
2.3.2.	<i>Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C.....</i>	374
3.	Observar os aspectos que constituem as classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na obra <i>FAP – Psicoterapia Analítico Funcional</i> (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai possibilita ampliar suas possíveis contribuições à produção de conhecimento científico e à intervenção profissional, bem como confere à obra parâmetros de comparação com outras proposições da área da Análise Experimental do Comportamento relacionadas ao mesmo conceito.....	376
3.1.	Exame das características das classes de comportamentos da Categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” .....	380

3.2. Exame das características das classes de comportamentos da Categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘Eu’ se referem”.....	397
3.3. Exame das características das classes de comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”.....	411
<b>5. Organização das classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas referidas em proposições acerca do conceito “eu” nos capítulos “O Eu” da obra <i>Ciência e Comportamento Humano</i> de Skinner (1953/2003) e “O Self” da obra <i>FAP – Psicoterapia Analítico Funcional</i> de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) em sistemas comportamentais.....</b>	<b>419</b>
1. Organização das classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere no capítulo “O Eu” da obra <i>Ciência e Comportamento Humano</i> de Skinner (1953/2003) em um sistema comportamental.....	422
2. Organização das classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere no capítulo “O Self” da obra <i>FAP – Psicoterapia Analítico Funcional</i> de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) em um sistema comportamental.....	440

3. Organizar classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas referidas em proposições acerca do conceito “Eu” nos capítulos “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003) e “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) em sistemas comportamentais como forma de prover subsídios a intervenções e processos de produção de conhecimento acerca das características das relações estabelecidas entre as classes..... 456
- 3.1. Contribuições dos sistemas comportamentais propostos a partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner..... 459
- 3.2. Contribuições dos sistemas comportamentais propostos a partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai..... 465
- 6. Identificar e derivar características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” nos capítulos “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003) e “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) denota alto grau de relevância das contingências culturais ao desenvolvimento de processos relacionados ao que é denominado “Eu”..... 472**

1. Possíveis relações entre as características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das informações apresentadas nos capítulos “O Eu” da obra <i>Ciência e Comportamento Humano</i> (1953/2003) e “O Self” de <i>FAP- Psicoterapia Analítico Funcional</i> (1991/2006) e dos sistemas comportamentais propostos como constituídos de tais classes.....	475
2. Algumas implicações dos resultados obtidos e das características dos processos identificados nas fontes de informações em relação aos conceitos “Eu” apresentados em outras obras da Análise Experimental do Comportamento.....	497
3. Limitações dos resultados obtidos por meio do conjunto de procedimentos de coleta, análise e tratamento dos dados em relação às características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” na Análise Experimental do Comportamento e ao exame de seus graus de coerência.....	505
<b>Referências.....</b>	<b>508</b>
<b>Lista de Tabelas.....</b>	<b>522</b>
<b>Lista de Figuras.....</b>	<b>543</b>

## RESUMO

Do conhecimento produzido por uma área de conhecimento em relação a seu fenômeno de estudo decorre a qualidade das intervenções de profissionais que nela se embasam para fundamentar sua atuação. Uma das variáveis que constitui o processo de produção de conhecimento e interfere em seus produtos e em sua utilização como subsídio consiste nos conceitos dos autores da área em relação aos termos nela utilizados. O termo “Eu” é tradicionalmente concebido como uma instância responsável pelas características de ações e sentimentos dos indivíduos, sendo tal interpretação perpetuada ao serem supervalorizados “fenômenos subjetivos” em sistemas explicativos reunidos sob a área de conhecimento da Psicologia. Ao desenvolver o conceito “comportamento” como um sistema multideterminado complexo de relações entre ações que um organismo apresenta e aspectos de seu ambiente físico ou social e o conjunto de procedimentos reunidos sob a denominação “análise funcional”, a Análise Experimental do Comportamento torna possível identificar quais sejam os fenômenos comportamentais envolvidos no que é entendido como “Eu”, propor interpretações aos mesmos e possibilitar que tais sejam validadas experimentalmente. Investigar as características de classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” nessa área de conhecimento tem fins a estender o entendimento do que seja tal conceito a partir de uma explicação comportamental, conferir alto grau de minúcia às características das classes de componentes das classes de comportamentos referidas, possibilitar a identificação de relações entre tais classes e conferir parâmetros comuns a proposições de autorias distintas que possibilite contrastá-las com alto grau de precisão, avaliar a coerência entre elas e identificar possíveis complementaridades. Foram examinadas as proposições de B. F. Skinner no capítulo *O Eu* da obra *Ciência e Comportamento Humano* e de R. J. Kohlenberg e S. C. Tsai no capítulo *O Self* da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* por meio de etapas de coleta, análise e tratamento de dados reunidas sob seis classes gerais de procedimentos: 1. Identificar trechos das obras que contenham informações relacionadas a classes de comportamentos referidas pelo conceito; 2. Identificar unidades de informação relacionadas a classes de comportamentos referidas pelo conceito apresentadas nos trechos selecionados; 3. Organizar informações apresentadas nas unidades de informação de

modo a favorecer a identificação de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes constituintes de classes de comportamentos; 4. Identificar características de classes de comportamentos constituídos das classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes identificadas na obra; e 5. Propor sistema de relações entre classes comportamentos identificadas como aquelas referidas nas obras em proposições acerca do conceito; 6. Especificar controle de estímulos exercido pelas classes de eventos identificadas como classes de estímulos antecedentes. A partir da obra de B. F. Skinner foram identificadas e derivadas 36 classes de comportamentos agrupadas em três categorias: A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos; B. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um “eu iniciador”; e C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um “eu iniciador”. Da obra de R. J. Kohlenberg e S. C. Tsai foram identificadas e derivadas 30 classes de comportamentos agrupadas em três categorias: A. Características do desenvolvimento da unidade funcional “eu” e de tal unidade depois de desenvolvida; B. Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo “eu” se referem; e C. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um “eu iniciador”. Com base nas propriedades das classes, foram identificadas entre elas relações de abrangência e pré-requisitos e propostos dois grandes sistemas comportamentais, ambos organizados em 15 graus de abrangência. Os resultados obtidos possibilitaram identificar possíveis relações de complementaridade entre os processos referidos nas obras e denotar alto grau de relevância de comportamentos verbais vocais de tato e da formação de classes de estímulos contextuais no desenvolvimento do fenômeno a que os indivíduos se referem ao dizer “Eu”. Bem como, e principalmente, especificar características dessas relações. Também é denotado o papel das contingências do nível de seleção cultural ao longo dos processos referidos nas proposições.

**Palavras-chave:** Eu; Comportamento; Análise funcional de comportamentos; Análise conceitual; Comportamento verbal.

## ABSTRACT

From the knowledge related to its study phenomenon produced by an area derives the quality of interventions from professionals to support their activities. One of the variants constituting the process of production of knowledge interferes in its products and in their use as a subsidy consists in the concepts proposed by the authors in the area to the used terms. The term "Self" has been traditionally conceived as a responsible instance for the characteristics of action and feeling of the individuals. This is a perpetuated interpretation because of the overvaluation of the "subjective phenomena" in explanatory systems gathered under Psychology. While developing the concept of "behavior" as a multidetermined complex system of relations between the actions of an organism, the aspects of its physical or social environment and the set of proceedings grouped under the name "Functional Analysis", the Experimental Analysis of Behavior enables to identify the behavioral phenomena involved in what is understood as "Self", as well as to propose interpretations to them and to allow them to be experimentally validated. The investigation of the characteristics of behavioral classes referred in the propositions of the concept "Self" in this area of knowledge aims to expand the understanding from a behavioral explanation; to provide details about to the characteristics of the classes of components of the referred behavioral classes; to enable the identification of relationships between these classes and to compare ordinary parameters from propositions of different authorship which enables to contrast them with high degree of accuracy, to evaluate the coherence between them and to identify possible complementarities. We examined the propositions of B. F. Skinner in the chapter "The Self" of the work *Science and Human Behavior* and of R. J. Kohlenberg and S. C. Tsai in the chapter "The Self" of the work *FAP - Functional Analytic Psychotherapy* for the of phases of collection, analysis and data processing gathered under six general classes of proceedings. They are: 1. To identify excerpts containing information related to the behavioral classes referred by the concept; 2. To identify units of information

related to the behavioral classes referred by the concept presented in the excerpts; 3. To organize the information presented in the units of information in order to facilitate the identification of antecedent stimuli classes, response classes and consequent stimuli classes constituents of behavioral classes; 4. To identify characteristics of behavioral classes constituted of the antecedent stimuli classes, response classes and consequent stimuli classes identified in the work; 5. To propose a system of relations between the classes of behavior identified as those referred in the works in propositions about the concept and 6. To specify the stimulus control exerted by the classes of events identified as antecedent stimuli. From the work of B. F. Skinner we identified and extracted 36 classes of behavior grouped in three categories. They are: A. Characteristics of behavior systems and relationship between behavior systems; B. Characteristics of behaviors that favors the conception of a "self-starter"; and C. Characteristics of behaviors that are alternatives to the conception of a "self-starter". From the work of R. J. Kohlenberg and S. C. Tsai we identified and extracted 30 classes of behavior grouped in three categories. They are: A. Characteristics of the development of the functional unit "Self" and of such unit after its developing; B. To characterize the processes or events that the functional units constituted of the word "Self" refers to and C. Characteristics of behaviors that favor the conception of a "self-starter". Based on the properties of the classes, we identified relations of coverage between them and prerequisites and proposed two major behavioral systems, both organized in 15 degrees of coverage. The results enable to identify the possible complementary relations between the procedures referred in the works and to indicate high degree of relevance of tact vocal verbal behavior and the formation of contextual stimuli classes on the development of the phenomenon that individuals refer when saying "Self". As well, and mainly, to specify the characteristics of these relations. The role of cultural selection level over the procedures referred in the propositions is also indicated.

**Keywords:** Self, Behavior, Functional Analysis of Behavior, Conceptual Analysis, Verbal Behavior

## 1.

**CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS  
REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO “EU”  
NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO*****Uma contribuição para o conhecimento de interações humanas  
em aprendizagem, desenvolvimento e organizações***

“Eu” consiste em conceito associado cotidianamente a processos introspectivos realizados pelos indivíduos, bem como a sua “subjetividade”. É concebido como um agente iniciador das próprias ações e por elas responsável (Skinner, 1953/2003). Em tal concepção há o pressuposto de que as ações e emoções dos indivíduos são determinadas pelas características de uma entidade ou de atributos internos, cujo acesso e controle são demasiado limitados ou inviáveis, o que implica em considerar verdadeiro o dualismo entre mente-corpo, sendo cada instância considerada de natureza ontológica distinta. O que é chamado de “Eu” a partir de uma perspectiva de senso comum – mas também compatível com muitas proposições na própria área de conhecimento da Psicologia – seria dotado, portanto, de características não físicas, cuja origem independeria das características do meio e a partir das quais seriam função seus modos de sentir e agir.

Os conceitos que constituem a área de conhecimento denominada Análise Experimental do Comportamento, embasadas nos princípios do Behaviorismo Radical, oferecem uma possibilidade de interpretação distinta acerca do conceito “Eu” em exame, uma vez que o pressuposto de haver uma entidade interna e de natureza distinta que exerça controle sobre as ações dos organismos é veementemente refutada e demonstrações experimentais de controle por aspectos do ambiente já foram fartamente apresentadas (Skinner, 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; 1991; Botomé, 1997; Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Catania, 1999). Por meio do conhecimento produzido a partir de tal perspectiva é possível não apenas oferecer uma fundamentação oposta à concepção de um “Eu iniciador”, mas identificar se há processos referidos por tal termo além de uma confusão conceitual e, caso houver, caracterizá-los e apresentar uma interpretação comportamental ao processo envolvido no que é denominado “Eu”, bem como procedimentos à sua validação experimental.

Segundo Russell (1956), a função da Ciência está relacionada à identificação de padrões entre os eventos da natureza. Consiste em produzir conhecimento acerca da ordenação existente entre eventos ou fenômenos em diferentes graus de abrangência – desde eventos microscópicos a fenômenos do maior nível de abrangência possível (*nível estelar*) – e expressá-lo em “leis” que descrevam as relações existentes entre eles, de modo a possibilitar previsão e controle dos mesmos. Se o conhecimento produzido e expressado em asserções científicas for fidedigno às características dos fenômenos observados, profissionais que neles intervêm podem deduzir a pertinência das “leis” aos fenômenos específicos com que trabalham e, por conhecer suas variáveis, intervir de maneira precisa e com maior probabilidade de eficácia. Resultados satisfatórios de intervenções orientadas ao atendimento de necessidades sociais (direta ou indiretamente), portanto, dependem do desenvolvimento contínuo de conhecimento científico acerca das características dos fenômenos envolvidos na produção de tais necessidades.

A função da Ciência de produzir conhecimento acerca das características das relações entre eventos e fenômenos da natureza se aplica à Análise Experimental do Comportamento que, por si, pode ser considerada uma área de conhecimento. Trata-se de uma área cujo objeto de estudo é o comportamento e são investigadas as variáveis que o constituem e das quais é função, em suas diversas possibilidades de ocorrência. Ao proverem processos de produção de conhecimento relacionados às características do fenômeno “comportamento” e às “leis” nele envolvidas, a área de conhecimento em questão produz subsídios a (1) intervenções profissionais com funções de previsão e controle de comportamentos e (2) a novos processos de produção de conhecimento relacionados a comportamentos previamente investigados.

Considerando a relevância das proposições da Análise do Comportamento em relação aos fenômenos que investiga, é válido questionar que alternativas são oferecidas por produções científicas da área que refutam a noção de um “Eu iniciador”. Se há comportamentos envolvidos naquilo que recebe a denominação “Eu” no senso-comum e em outros sistemas explicativos a respeito de interações humanas, quais são eles? A depender da relevância de tais comportamentos em relação ao desenvolvimento humano individual e coletivo, intervenções neles são necessárias e requerem conhecimento de qualidade no qual se embasar. Do mesmo modo como processos de produção de conhecimento a fim de tornar

o conhecimento acerca desses comportamentos mais minucioso e preciso e, conseqüentemente, de maior utilidade.

A contribuição da produção de conhecimento científico da Análise Experimental do Comportamento em relação ao conceito “Eu” se dá também por outra razão. O tratamento dado ao conceito em questão na Análise Experimental do Comportamento (Skinner, 1953/2003; 1974/2003; 1991; Kohlenberg e Tsai, 1991/2006) consiste em um dos demarcadores das distinções dessa área/tipo de conhecimento e outras perspectivas em Psicologia, já que refutar uma entidade interna com status causal em relação às ações e sentimentos dos organismos e propor “simplesmente” o controle ambiental em seu lugar implica em questionamento e negação de uma noção tradicional de “subjetividade”, pilar do conhecimento psicológico. Identificar a que analistas do comportamento se referem por meio do conceito “Eu”, portanto, é também um meio de tornar mais claras as implicações da fundamentação filosófica dessa área de conhecimento.

Por fim, para que o conhecimento existente na área relacionado ao conceito “Eu” seja fidedigno às características do(s) fenômeno(s) referido(s) pelo conceito e subsídio confiável para possibilitar (1) intervenções nesse(s) fenômeno(s); (2) processos de produção de conhecimento de alto grau de qualidade a seu respeito; e (3) exames precisos das implicações de processos de produção de conhecimento a respeito das interações humanas serem embasados nos princípios do Behaviorismo Radical, é necessário ainda mais um critério: coerência conceitual (Staats e Staats, 1963/1973). As proposições de autores de uma mesma área de conhecimento que investigam um mesmo fenômeno, supostamente o caracterizam e definem de maneira coerente entre si, já que se embasam nos mesmos princípios. Ou de maneira gradativamente mais coerente, conforme o desenvolvimento da própria área. De outro modo, por não apresentarem informações precisas acerca das características dos fenômenos que investigam, não consistiriam em fontes confiáveis de informações que pudessem ser utilizadas como subsídios de intervenções ou processos de produção de conhecimento sem que seus produtos fossem comprometidos.

Novos aspectos de fenômenos podem ser descobertos a cada processo de produção de conhecimento, assim como aspectos previamente identificados podem ser refutados ou complementados, etapas que caracterizam a permanente produção e aperfeiçoamento do conhecimento científico. Uma vez que o conhecimento produzido consiste em substrato a ser transformado em condutas profissionais (Botomé e Kubo, 2002), no

entanto, isso requer constante avaliação das proposições derivadas dos processos de produção de conhecimento de uma área de conhecimento. Já que a perpetuação de proposições incoerentes e incompatíveis entre si interfere na qualidade das intervenções profissionais nelas embasadas. A fim de avaliar se o critério de coerência conceitual é contemplado pelas obras da Análise Experimental do Comportamento em que são apresentadas alternativas de tratamento ao conceito “Eu”, cabe questionar se, por fundamentarem-se nos princípios do Behaviorismo Radical, apresentam proposições equivalentes ou complementares.

Uma análise minuciosa de proposições de autores da Análise Experimental do Comportamento acerca do conceito “Eu” que investigue as características dos comportamentos a que se referem e as relações que tais comportamentos estabelecem entre si pode consistir em relevante contribuição ao avanço da área de conhecimento em questão de maneira geral. Por prover uma sistematização das proposições relacionadas a um conceito que a distingue de outros tipos de conhecimento em Psicologia e favorecer a identificação de aspectos a serem aprimorados nas proposições, bem como de possíveis aprimoramentos. De modo mais pontual, por identificar e caracterizar comportamentos efetivamente relacionados ao conceito, bem como relações entre eles, tal análise pode servir de subsídio preciso a intervenções nesses fenômenos e a processos de produção de conhecimento a seu respeito.

### **1.1. Precisão, concisão e clareza conceitual em uma área de conhecimento: requisitos à qualidade dos processos envolvidos na produção de conhecimento da área e em intervenções nos fenômenos que consistem em seus objetos de estudo**

À solução de necessidades sociais serve a produção de conhecimento científico. Seja aquele que mais diretamente possibilita identificar procedimentos de intervenção em campos de atuação profissional diversos, seja aquele cuja relação com as modalidades de intervenção direta nos fenômenos estão menos visíveis, sem por isso serem menos importantes a seu desenvolvimento (Botomé e Kubo, 2002; 2004). Considerando a finalidade da produção de conhecimento científico, um dos parâmetros à avaliação do conhecimento produzido em uma área de conhecimento pode ser, portanto, sua utilidade a intervenções nos fenômenos que consistem em seu objeto de estudo. Independentemente de as relações estudadas nos processos de produção de conhecimento

divergirem das que constituem efetivamente comportamentos profissionais em intervenção direta, já que o desenvolvimento de tais comportamentos requer conhecimento produzido acerca de diversos outros fenômenos. Ainda que não seja condição à produção de conhecimento de determinada área que os fenômenos estudados consistam naqueles que os profissionais que embasam sua atuação nessa área intervêm diretamente, há critérios que, cumpridos, aumentam a probabilidade de que o conhecimento produzido tenha utilidade às intervenções de tais profissionais. Bem como a demais processos de produção de conhecimento. Cumprir tais critérios aumenta não só a utilidade dos produtos desses processos de produção de conhecimento, mas também de sua confiabilidade – aspecto sem o qual a própria utilidade é comprometida. Quais são eles? De que forma utilizá-los para avaliar a confiabilidade e relevância do conhecimento produzido?

Russell (1956) apresenta alguns princípios do conhecimento científico a partir dos quais idealmente é possível organizar os eventos da natureza conforme leis gerais de diferentes graus de generalidade de acordo com os fenômenos que abrangem, até “leis gerais que governam tudo no universo” (pg. 50). A função da produção de conhecimento científico, para o autor, portanto, seria propor leis com base nas características comuns à ocorrência de diversos eventos. Primeiramente leis de “ordem baixa” que categorizam uma parcela pequena dos eventos que ocorrem na natureza e, gradativamente, na medida em que são comuns a mais conjuntos de eventos, leis mais gerais. A partir da identificação dessas leis de diferentes graus de generalidade, passa a ser possível identificar sua ocorrência em fenômenos específicos e, dada a confiabilidade das “leis” identificadas, conferir precisão e qualidade a intervenções realizadas em tais fenômenos. A produção de conhecimento científico serve, portanto, como fonte de informações nas quais embasar intervenções.

Em conformidade com a função e a relevância destacadas por Russell (1956) a respeito do processo de conhecer cientificamente, Botomé e cols. (2003) propuseram comportamentos básicos como constituintes das competências profissionais do psicólogo, cujos produtos finais são alterações significativas e de valor ao indivíduo e à sociedade. Como base às suas proposições, os autores examinaram as características dos eventos na natureza e na sociedade com as quais o psicólogo se depara ao intervir sobre fenômenos. A partir de tais características propuseram “trabalhos” a serem realizados e produtos desses trabalhos que, de maneira mais ou menos direta, contribuem às alterações de valor nos fenômenos sob intervenção. Na primeira coluna à esquerda da Tabela 1.1 estão

representados os seis conjuntos de eventos na natureza e na sociedade com os quais consideraram que o profissional se depara ao intervir, na coluna central estão representados os “trabalhos” a serem por ele apresentados em relação a cada um dos conjuntos de eventos e na coluna à direita, os resultados importantes de serem obtidos.

A seta à esquerda dos conjuntos de aspectos presentes na natureza e na sociedade representa que todos os “trabalhos” referidos na coluna central estão relacionados e constituem um *continuum*, sendo os resultados de um a condição para que novos conjuntos de eventos possam consistir em características da natureza ou da sociedade com que o profissional se depara ao intervir. Representa que a cada “trabalho” apresentado, seguido de seus resultados, o conjunto de eventos da natureza é alterado. Embora os autores tenham caracterizado conjuntos de eventos com os quais especificamente o psicólogo se depara ao intervir, o mesmo exame pode ser realizado em relação a outros profissionais. As características dos “trabalhos” a serem apresentados a cada conjunto de eventos e dos resultados a serem obtidos a partir deles, nesses casos, seriam análogas às propostas.

Observar as características de cada conjunto de eventos da natureza sob controle dos quais o profissional necessita realizar os “trabalhos” propostos pelos autores, as características de tais “trabalhos” e de seus resultados denota que para que o profissional tenha à sua disposição informações acerca das características dos fenômenos psicológicos que consistem nos objetos de intervenção do profissional, acerca das possibilidades de acesso a eles e das que possibilitam seu controle, é necessária a ocorrência dos processos referidos nas cinco primeiras linhas da Tabela 1.1, que consistem em processos de produção de conhecimento.

TABELA 1.1

**COMPONENTES DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS RELACIONADOS A CONDIÇÕES DE CONHECIMENTO E TECNOLOGIA EXISTENTES PARA LIDAR COM FENÔMENOS, PROCESSOS OU PROBLEMAS PSICOLÓGICOS, ADAPTADO DE BOTOMÉ E COLS. (2003)**

CARACTERÍSTICAS DOS EVENTOS NA NATUREZA E NA SOCIEDADE	TRABALHOS CORRESPONDENTES A REALIZAR PELAS PESSOAS	RESULTADOS IMPORTANTES E ÂMBITOS DE ATUAÇÃO
Desconhecimento das variáveis envolvidas em fenômenos, processos ou problemas psicológicos	Conhecer variáveis... Produzir conhecimento sobre...  (Tornar conhecidas as variáveis envolvidas em...)	Conhecimento sobre as variáveis envolvidas em fenômenos, processos ou problemas psicológicos  (Conhecimento ou pesquisa científicas, pesquisa fundamental, pesquisa básica)
Desconhecimento sobre as interações entre as variáveis relacionadas a fenômenos, processos ou problemas psicológicos	Conhecer as interações entre... Produzir conhecimento sobre...  (Tornar conhecidas as interações entre as variáveis...)	Conhecimento sobre as interações entre as variáveis envolvidas em...  (Conhecimento ou pesquisa científicas, pesquisa fundamental, pesquisa básica, pesquisa de campo, pesquisa aplicada)
Dificuldade de acesso às variáveis relacionadas a fenômenos, processos ou problemas psicológicos	Produzir conhecimento e ou tecnologia que possibilitem o acesso às variáveis relacionadas a...  (Tornar viável o acesso às variáveis...)	Conhecimento sobre as formas ou processos de acesso às variáveis... ou disponibilidade de procedimentos de acesso às variáveis...  (Conhecimento, ou pesquisa científica e pesquisa aplicada ao conhecimento tecnológico básico)
Dificuldade para controlar as variáveis relacionadas a fenômenos, processos ou problemas psicológicos	Produzir conhecimento e ou tecnologia que possibilitem o controle das variáveis relacionadas a...  (Tornar controláveis as variáveis relacionadas a... ou viabilizar intervenções sobre os fenômenos, processos ou problemas psicológicos)	Conhecimento tecnológico sobre os processos de controle de variáveis relacionadas a... ou procedimentos tecnológicos de controle das variáveis...  (Pesquisa aplicada, tecnologia, pesquisa-ação, integração entre pesquisa científica e condições naturais de ocorrência dos fenômenos e processos)
Inexistência de procedimentos de intervenção sobre as variáveis relacionadas a fenômenos, processos ou problemas psicológicos	Produzir conhecimento e ou tecnologia que possibilitem intervenção profissional sobre as variáveis relacionadas a...  (Produzir procedimentos de intervenção, avaliar procedimentos de intervenção, testar procedimentos de intervenção relacionados a...)	Conhecimento tecnológico sobre os processos de intervenção nas variáveis relacionadas a... ou procedimentos tecnológicos de intervenção nas variáveis...  (Pesquisa aplicada, tecnologia, pesquisa-ação, pesquisas avaliativas, integração entre pesquisa científica e condições naturais de ocorrência dos fenômenos e processos)
Variáveis relacionadas a fenômenos, processos ou problemas psicológicos conhecidas, acessíveis, controláveis...	Intervir sobre as variáveis relacionadas a fenômenos, processo ou problemas psicológicos  (Produzir mudanças ou resultados socialmente significativos ou humanamente desejáveis por meio de alterações em variáveis relacionadas a...)	Resultados, mudanças ou situações socialmente significativos e humanamente desejáveis em relação a fenômenos, processos ou problemas psicológicos.  (Intervenção profissional, tecnologia de intervenção, trabalho humano na sociedade, benefícios sociais do trabalho do psicólogo)

Embora se possa discorrer acerca de todos os componentes propostos pelos autores e suas implicações às características das competências profissionais do psicólogo ou outros profissionais – já que implicam em conceber que sejam atribuições do psicólogo a produção de conhecimento científico a respeito dos fenômenos em que necessita intervir, quando tal não houver ou for insuficiente – ao entendimento da função que conceitos utilizados em uma área de conhecimento exercem em relação a seus produtos e utilidades possíveis são de especial relevância os componentes representados na primeira, segunda e última linhas da Tabela 1.1, com destaque em cinza. Enquanto os componentes das duas primeiras linhas se referem à produção de conhecimento acerca das variáveis envolvidas em fenômenos, processos ou problemas psicológicos e das interações entre tais variáveis, os componentes da última linha se referem à intervenção nelas.

Considerando ser cada conjunto de eventos antecedentes aos “trabalhos” propostos pelos autores possibilitado pelos “trabalhos” representados nas linhas anteriores, os processos de intervenção nas variáveis de fenômenos, processos ou problemas psicológicos depende dos resultados obtidos pelos processos de produção de conhecimento a respeito de suas variáveis e da relação entre elas, representados nas duas primeiras linhas. Há características específicas de tais processos de produção de conhecimento científico que, se conhecidas e controladas aumentam a probabilidade de que seus produtos sejam conhecimentos fidedignos às características do fenômeno investigado, de modo que possam ser utilizados como subsídios a intervenções?

Identificar as variáveis envolvidas em um fenômeno e relações entre tais variáveis equivale aos padrões comuns a diferentes eventos referidos por Russell (1956), que podem ser expressos em “leis”. Para tanto, é requerida a utilização apropriada de procedimentos que confirmem fidedignidade à caracterização e ao agrupamento de eventos em relação a sua ocorrência. Ainda que filosoficamente a correspondência entre o conhecimento produzido acerca de determinado fenômeno e o próprio fenômeno seja objeto de discussão ainda ou permanentemente insolúvel (Abbagnano, 2007), caracterizar fenômenos de maneira fidedigna à sua ocorrência consiste em um objetivo da perspectiva científica. E embora somente possa ser atingido de maneira aproximada em função da grande quantidade de variáveis que constituem fenômenos e que constituem os processos de produzir conhecimento a seu respeito (Botomé e Kubo, 2008; Botomé, 1997). Para tanto, “caracterizar” cientificamente um processo comportamental ou outro processo qualquer da natureza requer que as variáveis

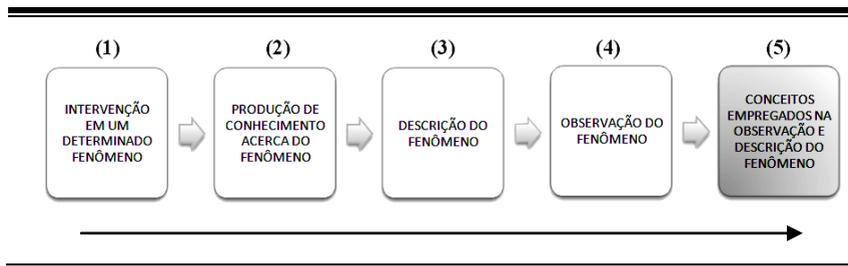
estudadas do processo em exame sejam controladas pelo pesquisador, bem como seus próprios comportamentos profissionais, de modo a diminuir sua interferência e consequente produção de vieses nos dados obtidos e em sua interpretação (Botomé, 1997).

Especificamente no caso de pesquisas cujo objetivo é identificar características ainda desconhecidas de ou entre processos, e cujos produtos subsidiam as demais pesquisas da área, há aspectos específicos que precisam ser controlados a fim de que seus produtos sejam efetivamente os mais fidedignos possíveis aos fenômenos observados. A produção de conhecimento acerca de qualquer conjunto de eventos unificados por características comuns – que constituem fenômenos – implica na utilização de procedimentos para sua observação. Por isso, a qualidade e fidedignidade do conhecimento produzido acerca de fenômenos observados são função do grau de desenvolvimento desses procedimentos e do controle de suas variáveis (Staats e Staats, 1963/1973; Botomé, 1997). De que forma, no entanto, é possível avaliar observações realizadas por pesquisadores de determinada área e os instrumentos que utilizam para realizá-las? Que variáveis os constituem?

Conforme Staats e Staats (1963/1973), registrar observações de fenômenos de maneira simples consiste em um primeiro estágio no desenvolvimento de conhecimento a seu respeito, enquanto a utilização de signos verbais em tais tipos de registro lhes confere status de *descrições* dos fenômenos observados. Para que observações tenham utilidade à Ciência, é requerido que sejam realizadas de maneira pormenorizada e sistemática de modo que possibilitem descrições do mesmo modo qualificadas. Observações de fenômenos, portanto, podem ser avaliadas por meio de exame das características das descrições que viabilizam. Ou por meio de um parâmetro mais específico: os signos verbais conhecidos e consolidados por uma comunidade científica por meio dos quais aspectos do fenômeno são registrados nas descrições derivadas de suas observações. O modo como tais signos são utilizados na área de conhecimento expressa os conceitos referidos por cada termo nessa área.

Os graus de fidedignidade e qualidade do conhecimento produzido em uma área de conhecimento acerca dos fenômenos que consistem em seus objetos de estudo dependem da qualidade dos instrumentos de observação e descrição desenvolvidos pela área, sendo a qualidade desses procedimentos diretamente dependente dos conceitos neles utilizados. Uma vez que intervenções em fenômenos dependem do conhecimento produzido a seu respeito, é possível verificar que há uma

relação de dependência entre os conceitos utilizados em descrições de fenômenos e processos de intervenção neles, a qual interfere na qualidade dos produtos da intervenção. Na Figura 1.1 é apresentada uma representação das relações entre alguns dos processos intermediários à intervenção em fenômenos e os conceitos utilizados por meio de signos verbais. Os retângulos representam, respectivamente: (1) a intervenção em determinado fenômeno; (2) a produção de conhecimento a seu respeito; (3) a descrição de suas características; (4) a observação de sua ocorrência; e (5) conceitos empregados na descrição e orientadores à observação. As setas da figura representam que o processo/evento à direita consiste em requisito à ocorrência do processo à esquerda, sendo a seta localizada na parte inferior da figura uma representação da relação entre os conceitos utilizados por uma área de conhecimento e as intervenções embasadas no conhecimento produzido por essa área. Tais processos intermediários tornam mais minuciosa a análise dos processos mencionados na primeira e segunda linhas da Tabela 1.1, também relacionados à produção de conhecimento sobre fenômenos, e de sua relação com os processos de intervenção nesses fenômenos. Tornam mais nítida, especialmente, a função dos conceitos empregados em sua observação e descrição.



**Figura 1.1.** Representação das relações entre conceitos utilizados em descrições de fenômenos e intervenções realizadas em fenômenos.

Os graus de controle das variáveis com que um fenômeno é observado, bem como de adequação dos procedimentos de observação e seus produtos, podem ser identificados, portanto, a partir das descrições dos fenômenos derivadas desses processos e, especificamente, das proposições e definições acerca dos signos verbais utilizados em tais descrições, que expressam os conceitos utilizados na área de conhecimento em questão. Mas descrições de fenômenos, além de consistirem em fontes que possibilitam o acesso ao grau de controle das

variáveis do processo de produzir conhecimento científico e aos graus de adequação dos procedimentos de observação utilizados nesse processo, servem a funções específicas em relação à finalidade geral da Ciência descrita por Russel (1956). O que confere maior grau de relevância a seu exame. De acordo com Staats e Staats (1963/1973), descrições pormenorizadas e sistemáticas de fenômenos envolvem o registro dos eventos que os constituem e possibilitam a produção de conhecimento acerca de: **(1)** novos aspectos de tais eventos; **(2)** aspectos comuns entre diferentes eventos; e **(3)** relações entre eles. Passam também a ser passíveis de identificação **(4)** conjuntos de eventos com propriedades comuns; e, a partir dos padrões observados entre tais conjuntos, **(5)** são derivadas as leis da ciência em distintos graus de generalidade a que Russel (1956) se refere. Ainda, além de possibilitar a identificação de conjuntos de eventos e de relações entre tais conjuntos, observá-los e descrevê-los sistematicamente é condição que possibilita aumentar o conhecimento acerca de **(6)** aspectos do próprio evento; ou **(7)** dos conjuntos de eventos.

Descrever fenômenos sistematicamente por meio de signos verbais – que expressam conceitos, a depender do modo como utilizados – ainda serve a mais uma função específica em acordo com a finalidade geral da Ciência. Ao possibilitar a identificação de conjuntos mais gerais de fenômenos, unificados por características comuns, criam condições à previsão e ao controle dos fenômenos específicos que constituem um conjunto previamente identificado e caracterizado (Staats e Staats, 1963/1973). Tais condições são derivadas do raciocínio dedutivo: uma vez que há características comuns a determinado conjunto de fenômenos, essas caracterizam cada um dos que constitui o conjunto (Russel, 1956). Processos para identificar propriedades de fenômenos específicos tornam-se desnecessários uma vez que as mesmas podem ser previstas com base nas características do conjunto, identificadas previamente. Ao tornar possível a previsão de características de um fenômeno específico, o mesmo ocorre à possibilidade de seu controle, já que o conhecimento de suas variáveis as torna passíveis de manipulação. Descrever fenômenos com os maiores graus de precisão e clareza possíveis é, portanto, um comportamento profissional do qual dependem as intervenções no fenômeno pertencente à classe identificada por meio de descrições sistemáticas.

Dado o alcance dos produtos do processo de registrar fenômenos de maneira sistematizada e a fim de conferir confiabilidade e fidedignidade aos fenômenos observados, tal tipo de processo de produção de conhecimento requer alto grau de controle das variáveis

que o constituem (Staats e Staats, 1963/1973; Botomé, 1997). Que aspectos de descrições de fenômenos e de conjuntos de fenômenos necessitam ser examinados a fim de verificar o grau de controle de suas variáveis e, conseqüentemente, seu grau de confiabilidade? Utilizá-las como fundamento de processos de produção de conhecimento ou intervenções requer que tais aspectos a serem examinados sejam conhecidos.

Uma descrição tem sua confiabilidade e fidedignidade limitadas quando, por exemplo, eventos presumivelmente – mas não comprovadamente – existentes forem descritos e quando forem utilizados termos que se referem a mais de um evento (Staats e Staats, 1963/1973), já que identificar a que processos descrições se referem se torna um processo inviável ou sujeito a erros se a própria terminologia empregada é imprecisa e ambígua. Portanto, produzir conhecimento seguro a partir de observações implica na utilização de termos cujo “significado” é suficientemente claro e preciso à comunidade à qual o pesquisador pretende contribuir, uma vez que os produtos obtidos fundamentarão intervenções em diferentes modalidades de atuação. Ou seja, implica na utilização de termos em relação aos quais os conceitos dos profissionais da área e do campo de atuação coincidem.

Os termos utilizados em uma área de conhecimento não têm sua utilização justificável somente por sua familiaridade ou consolidação, mas há também critérios que os tornam fontes seguras de conhecimento por evitarem ambiguidades ou referências a eventos cuja ocorrência não é comprovada cientificamente (Staats e Staats, 1963/1973), os quais devem servir de parâmetro à sua utilização. Para verificar se os termos utilizados em uma área de conhecimento atendem a tais critérios, é necessário examinar o “modo” como são utilizados, o que envolve identificar sob controle de que variáveis são apresentados e com que finalidade. Fontes de informações acerca dos conceitos empregados em uma área de conhecimento são definições das terminologias utilizadas ou proposições a seu respeito, ou ainda definições propostas por autores de outras áreas nas quais os pesquisadores se embasam. A terminologia e os conceitos empregados em uma área de conhecimento, portanto, consistem em variáveis das quais decorrem o grau de fidedignidade das descrições dos fenômenos às suas características e a decorrente confiabilidade dessas descrições à fundamentação de intervenções ou a outros processos de produção de conhecimento.

De proposições ambíguas ou imprecisas acerca de termos utilizados em uma área de conhecimento é possível inferir decorrências

relacionadas à divergência de conceitos. Em relação a tais divergências, Copi (1981) descreve três tipos de “conflitos”: (1) casos em que os contendores se referem ao mesmo processo por meio de uma palavra, mas discordam em convicção ou crença acerca de determinado aspecto – disputas “obviamente genuínas” –; (2) outros em que por meio do mesmo termo se referem a processos distintos, mas explicitar a ambiguidade do termo demonstra que não divergem em opinião; (3) e casos em que fazem referência a processos distintos e divergem em opinião, ainda que a ambiguidade do termo seja explicitada. Definições ou proposições ambíguas ou imprecisas de termos só não estão na base do tipo de conflito conceitual “obviamente genuíno” descrito por Copi (1981), o que possibilita conjecturar acerca de suas implicações, especialmente a uma área de conhecimento e a campos de atuação profissional. Especificamente à Psicologia.

Que decorrências proposições acerca da constituição de um fenômeno respaldada em conceitos expressos imprecisa ou ambigualmente podem acarretar na atuação de profissionais cuja atribuição é intervir nesse tipo de fenômeno? Que decorrências podem acarretar a qualquer processo de produção de conhecimento que utilize tais proposições como fundamentação ou fonte de informações para coleta de dados? Observar cientificamente a ocorrência de um fenômeno implica na necessidade de o pesquisador dispor de termos apropriados ao registro sistematizado (descrição) dos eventos que observa, conforme afirmam Staats e Staats (1963/1973). Se proposições acerca dos termos disponíveis ao registro da observação forem incoerentes entre si, se houver a tais termos mais de uma definição ou se a definição não delimitar precisamente o evento ou a característica dos eventos a que se referem, a descrição produzida do fenômeno favorecerá o manejo de variáveis inadequadas ou naquelas não críticas à alteração necessária.

Favorecerá, ainda, que processos de produção de conhecimento que utilizem a descrição de fenômenos cujas definições são imprecisas como fonte de informações tenham confiabilidade restrita e produzam conhecimento, se não equivocado, pouco ou nada útil ao avanço do conhecimento científico, além de induzir erros de percepção e atuação profissional com variados graus de gravidade. Como examinam Staats e Staats (1963/1973), portanto, toda a cadeia de produção de conhecimento acerca de determinado fenômeno e intervenções nele depende dos conceitos da área de conhecimento. De imprecisões conceituais em Ciência decorrem desde pouca utilidade de processos de produção de conhecimento até as diversas consequências

de intervenções em variáveis inadequadas ou irrelevantes dos fenômenos.

O conceito “Eu” em Psicologia subsidia parcelas de intervenções nos mais variados fenômenos psicológicos e processos de produção de conhecimento a seu respeito, uma vez que é considerado referência a uma instância “iniciadora” das ações e sentimentos dos indivíduos. Considerando a importância dos termos utilizados em uma área de conhecimento em relação aos processos de observar fenômenos, descrevê-los, produzir conhecimento a seu respeito e intervir neles, ao contrapor à compreensão comum do termo “Eu” embasada nos princípios do Behaviorismo Radical e ao propor um conceito coerente com tais princípios, analistas do comportamento contribuem também à realização desses processos em sua área de conhecimento e campo de atuação profissional. Se em suas proposições, se referem a comportamentos que efetivamente ocorrem – se concebem fenômenos existentes referidos pelo conceito “Eu”, não apenas denunciam uma confusão conceitual – é necessário identificá-los e caracterizá-los a fim de subsidiar intervenções nesses fenômenos de modo efetivo, preciso e coerente. Compreender a extensão da relevância dos conceitos utilizados em uma área de conhecimento, no entanto, denota ainda mais importância à análise das proposições dos autores em Análise do Comportamento em relação ao conceito “Eu”, pois da precisão e clareza de suas proposições dependem processos de produção de conhecimento e intervenção em outros fenômenos que abrangem os referidos pelo conceito “Eu” ou estabelecem com eles relações.

A coerência de proposições de analistas do comportamento em relação ao conceito “Eu”, portanto, interfere não só em processos de produção de conhecimento a respeito dos comportamentos referidos pelo conceito e em intervenções neles, mas em todos os processos a ele relacionados que abrangem tais comportamentos ou estejam a eles relacionados e utilizem o conceito “Eu” como base às suas observações e descrições. O fato de as proposições fundamentarem-se nos mesmos princípios – do Behaviorismo Radical – supostamente as tornaria coerentes ou, conforme o avanço do conhecimento, gradativamente mais precisas (Copi, 1981). A fundamentação comum, no entanto, não garante o controle das variáveis necessário a uma proposição científica (Botomé, 1997) e, por isso, não é suficiente para que sejam coerentes entre si ou consistam em complementações umas das outras.

Uma vez que propriedades nucleares que caracterizam o conhecimento produzido em Análise Experimental do Comportamento são seu rigor científico e sua ênfase no controle exercido pelas variáveis

ambientais em comportamentos, a fim de prevê-los e controlá-los, historicamente houve nessa área maior produção de conhecimento acerca de procedimentos capazes de alterar comportamentos do que acerca dos processos ocorridos nos organismos em função da aplicação de tais procedimentos (Moskorz e cols., 2012). Essa ênfase teve sua importância em função de ser condição para a demonstração da eficácia de procedimentos bem desenvolvidos para alteração de condições ambientais e, conseqüentemente, dos comportamentos. No entanto, acarretou em lacunas especialmente a respeito de processos cujas variáveis mais críticas possuem baixo grau de observabilidade, em função das restrições a seu acesso (Tourinho, 2009).

Embora processos cujas variáveis críticas são encobertas tenham de algum modo sido descritos e definidos na literatura da Análise do Comportamento (Pessotti, 2008; Tourinho, 2006; Tourinho, 2009; Kohlenberg e Tsai, 1991/2006; Skinner, 1974/2003; Skinner, 1953/2003; 1974/2003; 1991; Staats & Staats, 1963/1973), a constatação de ter havido menor destaque histórico a tais processos consiste em mais um aspecto que confere relevância à investigação das proposições a respeito do conceito “Eu” – considerando a possibilidade de processos a tal conceito relacionados apresentarem características inobserváveis a terceiros – e de seus graus de coerência entre si.

Um meio de delimitar a compreensão de termos a somente um conceito é apresentar definições a seu respeito. O acesso a definições fidedignas às características dos fenômenos a que se referem, possibilita aos profissionais que intervêm neles ou em fenômenos associados, ou ainda que produzem conhecimento a seu respeito uma fonte confiável de informações. Mas que características definições devem apresentar a fim de serem de qualidade, além de fontes de informações confiáveis? À suficiência de definições, Botomé (2001) discorre:

“Uma das regras para definir um evento ou objeto de estudo é garantir, na definição, as características, propriedades ou *atributos* essenciais àquilo que é objeto de definição. Porém, conforme o objetivo que tem a pessoa que constrói a definição, ela tende a enfatizar uma ou outra das características, propriedades ou *atributos* do objeto que é alvo de definição. E isto é uma das grandes armadilhas do processo de conhecimento: as tendências das pessoas ao definir um evento, fenômeno ou qualquer outro objeto de interesse” (pg. 689).

De acordo com o autor, uma “boa definição” necessita contemplar as propriedades nucleares daquilo que é descrito, o que nem

sempre ocorre em função do objetivo de quem define. O destaque de aspectos nucleares, no entanto, requer a identificação dos aspectos que constituem um fenômeno e critérios à avaliação do grau de importância de cada um em relação aos demais. Se nas críticas de proposições da Análise do Comportamento que argumentam contra a concepção de um “Eu iniciador” há a proposição de comportamentos relacionados ao conceito “Eu”, suas características necessitam ser conhecidas a fim de possibilitar a elaboração apropriada de uma definição do conceito “Eu”. Ou a fim de avaliar as definições já existentes. Para tanto, serve também o exame das proposições acerca desse conceito em obras da Análise do Comportamento que obtenha como produto a caracterização dos comportamentos referidos.

Mais que consistir em “subsídio” seguro a partir do qual pesquisadores e profissionais de determinada área de conhecimento podem iniciar o processo de produção de conhecimento ou intervenção sem o risco de incorrer em conflitos conceituais fundados na ambiguidade, vagueza ou imprecisão dos termos (Copi, 1981), definições servem também a funções específicas ao avanço do conhecimento científico e a intervenções profissionais nos fenômenos. Considerando as relações entre os processos de “intervir em um fenômeno”, “produzir conhecimento científico a seu respeito”, “descrevê-lo”, “observá-lo” e os conceitos utilizados nos processos de observação e descrição do fenômeno, a comunidades científicas, definir conceitos serve como forma de delimitar os conceitos da área e aumentar o grau de fidedignidade das observações realizadas em relação a seus objetos de estudo e de todos os processos que requerem tais observações (Staats e Staats, 1963/1973; Copi, 1981).

Em uma grande área como a Psicologia, em que há vários *tipos de conhecimento* (Botomé e Kubo, 2002) – Análise Experimental do Comportamento, Psicanálise, Psicologia Existencialista, Gestalt, Psicologia Histórico-Cultural etc. –, imprecisões conceituais em cada uma delas promove ainda maior discrepância entre seus produtos e diminui a probabilidade de que profissionais que embasem sua atuação em sistemas explicativos distintos comuniquem-se sem o risco das discussões meramente ou aparentemente verbais descritas por Copi (1981). Examinar proposições da área que viabilizem a caracterização dos fenômenos a que se referem, a identificação de suas variáveis críticas e que possibilitem a elaboração de definições concisas, precisas e claras, portanto, serve não somente ao avanço da própria área de conhecimento na qual conceitos são formulados e utilizados. Mas a atuações profissionais que dependem desse conhecimento e à

comunicação entre profissionais que se embasam em diferentes tipos de conhecimento. Promover coerência conceitual em cada um dos tipos de conhecimento de uma grande área aumenta a probabilidade, também, de comunicação entre distintas áreas de conhecimento. Examinar proposições de áreas e tipos de conhecimento referentes aos termos neles utilizados, portanto, consiste em processo fundamental ao avanço do conhecimento científico e à sua utilidade em relação às necessidades de uma sociedade.

## **1.2. Noção de Comportamento como base para exame dos graus de suficiência de definições e de coerência entre definições e descrições de aspectos constituintes dos processos aos quais o conceito “Eu” se refere e à superação da noção de entidades internas determinantes das ações dos organismos**

*A – Desenvolvimento da noção de Comportamento como recurso à produção de conhecimento científico relacionado a conceitos*

Considerar a relação entre as intervenções em fenômenos e o conhecimento produzido acerca das características desses fenômenos (Staats e Staats, 1963/1973; Botomé e Kubo, 2002; Botomé e cols., 2003) implica em reconhecer o alto grau de relevância do controle das variáveis que constituem o processo de produzir conhecimento científico (Botomé, 1997). Uma vez que é a fidedignidade das informações que constituem seus produtos às características dos fenômenos existentes na natureza o que possibilita o manejo das variáveis que efetivamente o constituem e determinam. Dada a especificação conferida por Staats e Staats (1963/1973) acerca de os conceitos utilizados em uma área de conhecimento consistirem em uma das variáveis que interferem nos graus de fidedignidade e conseqüente confiabilidade aos produtos de processos de investigar cientificamente, é que se torna relevante investir na caracterização dos fenômenos referidos em proposições de diferentes autores de uma mesma área em relação a um mesmo termo. Por tal consistir em uma forma de identificar os conceitos dos autores em relação a um mesmo termo e examinar se entre eles há coerência.

Quaisquer exames, no entanto, dependem de parâmetros que orientem avaliações acerca do que é ou não apropriado, suficiente, confiável, coeso, etc. Em processos de produção de conhecimento

realizados na área da Análise Experimental do Comportamento, um dos conceitos instrumentais mais importantes é o “comportamento”, cujo conhecimento de sua constituição e determinação serve de critério orientador às decisões necessárias em exames de informações. As características do conceito “comportamento”, portanto, podem servir como principal critério para analisar e avaliar as proposições de autores cuja produção de conhecimento é fundamentada nos princípios do Behaviorismo Radical a respeito de definições de conceitos ou de características constituintes ou determinantes dos processos pelos conceitos referidos. Podem, especificamente, servir ao exame de proposições relacionadas ao conceito “Eu”, bem como de indicações de características dos processos a que esse conceito se refere. Sendo as características dos eventos ou relações entre eventos circunscritos sob o conceito “comportamento” informações relevantes à produção de conhecimento científico relacionado a proposições acerca do conceito “Eu”, é necessário especificá-las.

O conceito “comportamento” tal como é proposto até a segunda década do século XXI e cujas características são orientadoras à investigação das características de fenômenos comportamentais – dentre os quais os conceitos apresentados por autores de uma mesma área de conhecimento em relação a determinado termo – é produto de um longo processo de produção de conhecimento, com contribuições de diversos pesquisadores. O início desse processo está relacionado ao estudo do “reflexo” realizado por fisiólogos, e, em especial, aos estudos de Pavlov (1849-1936) acerca do “reflexo condicionado” (Pavlov, 1934/1980; Keller e Schoenfeld, 1950/1971). A partir da delimitação de aspectos da natureza e de aspectos das interações dos organismos por meio dos termos “estímulo” e “resposta” se tornou possível observá-los como parcelas diferenciadas dos demais eventos da natureza (como “unidades de análise”) e investigar relações de determinação entre eles. Foram descobertas, assim, relações reflexas “estímulo-resposta”, quando a ocorrência de um estímulo elicia uma resposta do organismo (Keller e Schoenfeld, 1950/1971).

A partir da descoberta desse tipo de relação ordenada entre eventos da natureza, passaram a ser investigadas relações “estímulo-resposta” específicas, que explicassem as interações dos organismos com o ambiente. O acúmulo de demonstrações de relações dessa qualidade, tanto no comportamento animal quanto humano, fez com que John B. Watson (1878-1958) propusesse que a identificação de relações “estímulo-resposta” consistisse no principal objetivo da Psicologia como área de conhecimento (Keller e Schoenfeld, 1950/1971). Embora outras

descobertas tenham demonstrado existir parcelas das interações dos organismos que não são explicadas exclusivamente pelo tipo de relação entre aspectos do ambiente e ações dos organismos investigadas à época, sua identificação possibilitou superar concepções em que as “causas” das ações dos organismos eram atribuídas a “forças sobrenaturais” ou “poderes com sede nos próprios músculos”. Possibilitou propor, em seu lugar, sequências de relações “estímulo-resposta”.

O desenvolvimento da possibilidade de analisar as interações dos organismos com aspectos do ambiente por meio do conceito “reflexo” consistiu em condição à identificação de outro tipo de relação entre respostas dos organismos e estímulos do ambiente: a relação que define o “reflexo condicionado” ou “comportamento respondente”, descoberto por Pavlov (1927/1980; 1934/1980; Keller e Schoenfeld, 1950/1971). Ao investigar os reflexos salivares de cães, tal pesquisador observou a ocorrência de respostas de salivação dos animais a outros estímulos que não apenas a “comida” presente, mas também diante do aparecimento do responsável por prover-lhes alimento. Salivar diante do estímulo “comida” consistia em uma relação considerada inata ou hereditária. O mesmo não se podia concluir em relação à ocorrência da mesma resposta diante do outro estímulo, o que parecia consistir em indício da interferência da experiência individual dos organismos no desenvolvimento das características de suas interações com o ambiente. Pavlov desenvolveu, então, um método experimental a fim de investigar as relações de eliciação “estímulo-resposta” *adquiridas* (1927/1980; 1934/1980; Keller e Schoenfeld, 1950/1971) e, com base nas relações observadas, desenvolveu o conceito de “reflexo condicionado”.

O processo de condicionamento reflexo descoberto por Pavlov consiste no desenvolvimento da função eliciadora a um estímulo anteriormente neutro ao organismo (1927/1980; 1934/1980; Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Todorov, 1991). Tal se dá pelo pareamento entre um estímulo *incondicional*, como a comida no experimento realizado com cães acerca de seus reflexos salivares, e outro estímulo. A apresentação aproximadamente simultânea do estímulo neutro junto do estímulo *incondicional* sucessivas vezes possibilita que o estímulo primeiramente neutro passe a também eliciar a resposta. Por meio de um processo de condicionamento reflexo, portanto, adquire função de estímulo e torna-se o que foi denominado de *estímulo condicional*.

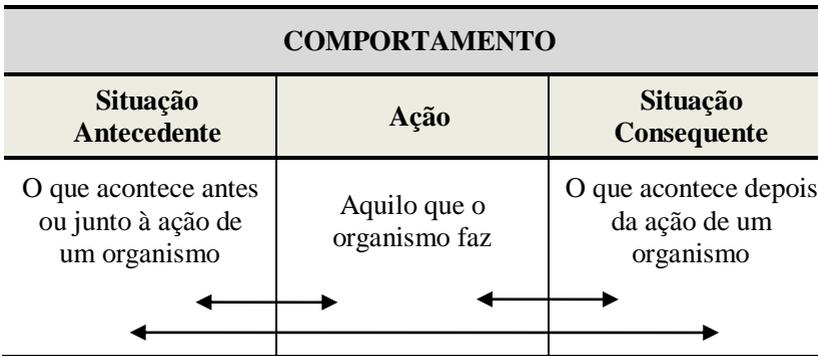
Conforme salienta Botomé (2001) em um artigo de sistematização da evolução do conceito de “comportamento” e caracterização do mesmo, a unidade de análise utilizada por Pavlov para

investigar os reflexos já não consistia simplesmente na resposta apresentada pelo organismo, como eram entendidos previamente a ele, mas na *relação* entre o estímulo externo e a ação do organismo. Por denotar que qualquer dos eventos que constituem os reflexos variam rapidamente, Skinner (1935, apud Botomé, 2001; 1991) complementa a definição desse tipo de relação ordenada entre eventos ao propor que o que define um reflexo não seja a relação entre um estímulo particular e uma resposta particular, mas entre *classes* de respostas e de estímulos. Sendo o termo “classe” entendido como “todos os eventos ou todas as dimensões dos eventos que pudessem definir ou fazer existir a relação” (Botomé, 2001, p. 691).

Após o desenvolvimento de procedimentos experimentais das variáveis que constituem as interações dos organismos com aspectos do ambiente e a descoberta das relações de eliciação entre classes de estímulos e classes de respostas, outra categoria de relações entre estímulos do ambiente e respostas dos organismos pôde ser descoberta. Experimentos de laboratório cujos resultados observados não podiam ser explicados com base na relação entre estímulos eliciadores e respostas do organismo consistiram na base para que Skinner propusesse outros tipos de relação entre estímulos e respostas (Keller e Schoenfeld, 1950/1971). Além das relações entre estímulos que antecedem e eliciam uma resposta do organismo, que caracterizavam os reflexos condicionados e incondicionados, passou a ser investigada pelo autor principalmente a relação entre as respostas dos organismos e os estímulos apresentados posteriormente a elas (Skinner, 1991). Da relação de funcionalidade identificada entre respostas e estímulos consequentes, em que o organismo “opera” sobre o meio produzindo consequências que, por sua vez, interferem nas respostas do próprio organismo, foi proposto pelo autor o conceito de “comportamento operante”. Posteriormente, à sua definição de “operante” foi integrada também o papel dos estímulos antecedentes à resposta, por ter sido identificado o controle que tais também exercem no tipo de relação operante (Skinner, 1991).

De sua proposição inicial de “comportamento”, em que o definia como “o que o organismo está fazendo” (Skinner, 1938 apud Botomé, 2001), Skinner (1969/1980) passa a salientar ser tal fenômeno constituído de complexas relações entre aquilo que um organismo faz e aspectos do ambiente em que o faz. Mais especificamente, entre o “estímulo antecedente”, a “resposta” e o “estímulo consequente”. Com tal proposição, passa a abranger todas as interações dos organismos com o meio, não apenas as circunscritas como eliciadas pelos estímulos do

ambiente. Com isso, acrescenta ao conhecimento produzido acerca dos comportamentos respondentes contribuições à superação da ênfase histórica – desde a Filosofia Antiga à atualidade – atribuída às emoções e aos estados internos dos organismos como condição de compreender suas ações. A partir da identificação de relações entre aspectos do ambiente e as ações dos organismos, deixa de ser necessário utilizar o recurso de referência a uma entidade ou instância interna que precise ser conhecida para compreendê-los e se torna possível tanto desenvolver quanto modificar seus comportamentos por meio do arranjo de aspectos do meio em que estão inseridos. Na Figura 1.2 é apresentado um esquema simplificado das relações básicas estabelecidas entre componentes de um comportamento.



**Figura 1.2.** Especificação dos três componentes constituintes da definição do comportamento como relação entre o que um organismo faz e o ambiente (anterior e posterior à ação) em que o faz. Reproduzido de Botomé (2001, p. 697).

Na sistematização do conceito de comportamento apresentada por Botomé (2001) é possível identificar tanto as principais contribuições que possibilitaram a formulação do conceito “comportamento” como expresso na proposição de Skinner em *Contingências de Reforço* (1969/1980), como outras posteriores complementações ao conceito que o tornaram gradativamente mais complexo, por contemplar uma maior quantidade de variáveis como constituintes do fenômeno. Consequentemente, também mais preciso e de maior valor como conceito instrumental à investigação de características de processos comportamentais – bem como ao manejo de

suas variáveis em modalidades de intervenção direta e à elaboração de condições de aprendizagem a eles relacionada.

A mesma consideração feita por Skinner (1935, apud Botomé, 2001; 1991) acerca de os comportamentos reflexos não se tratarem de relações entre estímulos eliciadores específicos e respostas específicas, mas entre *classes* de estímulos e classes de respostas, é feita pelo próprio autor em relação às demais possibilidades de relações entre estímulos e respostas. Considerar que a variação em aspectos desses eventos não necessariamente configura relações distintas possibilita compreender um comportamento como as relações entre *classes* de estímulos antecedentes, uma *classe* de resposta e *classes* de estímulos consequentes. Ao examinar relações entre respostas e seus efeitos no ambiente, Schick (1971 apud Botomé, 2001) propõe que à definição de “comportamento” seja somada a variável “propriedades das respostas”. Como examina o autor, respostas são constituídas de diversas propriedades. O evento que se segue a uma resposta específica e que interfere na força das relações entre os componentes do comportamento constituído de tal resposta, no entanto, seria contingente apenas a uma propriedade de uma classe de respostas, não à classe como um todo. Embora o autor se referisse especificamente às propriedades de respostas e classes de respostas, sua proposição torna possível que a definição de “comportamento” se torne mais precisa também em sua referência às classes de estímulos antecedentes e consequentes.

A referência à *relação* entre uma classe de respostas e classes de estímulos antecedentes e consequentes é destacada por Catania (1973 apud Botomé, 2001) e pelo próprio Skinner (1969/1980). Skinner (1969/1980) enfatiza ser o conjunto de contingências o que define um operante. Tal asserção denota que ao autor tal categoria de comportamentos era equivocadamente definida como “resposta” ou “classe de respostas” – confusão que ainda permanece. Em lugar da ênfase somente a esse conjunto de eventos, há diversas relações estabelecidas entre classes de estímulos antecedentes, classe de respostas e classe de estímulos consequentes que, somente em conjunto, configuram um sistema de relações que delimita um “comportamento”. Catania (1973 apud Botomé, 2001) também se opõe à restrição de “respostas” como aspectos definidores de comportamentos operantes. Por considerar a noção de “propriedade de eventos” propõe que comportamentos operantes sejam definidos com base nas propriedades das relações entre respostas e estímulos.

Como mais uma complementação ao conceito “comportamento”, Rebelatto e col. (1987 apud Botomé, 2001) inserem a

variável “valores de variáveis”. Com a proposição de mais essa especificidade, o conceito deixa de se referir simplesmente a relações entre propriedades de respostas de uma classe e propriedades dos aspectos do meio (antecedente e consequente). Uma vez que os valores das propriedades dos eventos podem variar, uma definição mais precisa do conceito implica em considerar também os valores das variáveis das classes de eventos que constituem o fenômeno. Como tal, pode ser expressa em “relação entre valores de cada propriedade de uma classe de respostas e valores de cada uma das propriedades de classes de eventos ambientais”.

Como uma última complementação aos aspectos que constituem o fenômeno “comportamento” e são explicitados em sua definição, Catania (1973, apud Botomé, 2001) destaca a necessidade de superar a dicotomia existente entre os conceitos de “comportamento respondente” e “comportamento operante”. A distinção entre tais categorias de comportamentos teve relevância ao longo do processo de desenvolvimento das descobertas acerca das possíveis relações entre estímulos do ambiente e respostas dos organismos (Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Botomé, 2001). Tendo sido o conceito de “comportamentos operante” formulado em função da não suficiência do conhecimento acerca das relações reflexas para explicar um fenômeno comportamental, defini-lo com base nos aspectos em que se distingue do “comportamento respondente” consistiu em condição à investigação das relações entre aspectos do ambiente e respostas dos organismos não contempladas na definição de comportamentos respondentes. O avanço do conhecimento das relações possíveis entre classes de estímulos e classes de respostas – mais especificamente entre valores de propriedades de classes de estímulos e de respostas –, no entanto, possibilita rever a distinção inicialmente utilizada como demarcador das proposições acerca do conceito operante. Catania (1973 apud Botomé, 2001), então, propõe que *relações reflexas* e *relações operantes* consistam em relações que se complementam na constituição de um mesmo comportamento.

Considerando todos os avanços possibilitados ao longo de desenvolvimento do conceito “comportamento”, passaram a se tornar passíveis de conhecimento todas as diversas relações possíveis de serem estabelecidas entre estímulos do ambiente e respostas do organismo (Skinner, 1969/1980; Skinner, 1974/2003; Millenson, 1967/1975; Catania, 1999; Botomé e Kubo, 2006). A descoberta de tais relações consiste em subsídio à superação de concepções embasadas ainda no princípio aristotélico de determinação absoluta de fenômenos (Botomé e

Kubo, 2008) e representa grande marco na ampliação das possibilidades de conhecimento das características de interações de organismos com o meio, ao tornar viável o controle experimental de aspectos ambientais que estabelecem relações com as respostas dos organismos, como variáveis independentes, e mensurar a frequência das respostas de mesma classe, como variáveis dependentes (Skinner, 1969/1980). Na Figura 1.3 há um esquema de representação das relações básicas entre os componentes de comportamentos que passaram a ser passíveis de ser identificadas em relações dos organismos com aspectos do ambiente.

COMPORTAMENTO			
Componentes Tipos de Relação	Classes de Estímulos Antecedentes	Classes de Respostas	Classes de estímulos consequentes
1		→	
2			→
3	←		
4		←	
5	→		→
6	←		←
7	← →	← →	← →

**Figura 1.3.** Representação das relações básicas entre os três tipos de componentes do comportamento. Adaptada de Botomé (2001).

Conforme descreve Botomé (2001), a relação entre estímulos constituintes de classes de estímulos antecedentes e respostas constituintes de uma classe de respostas é representada pelo tipo de relação *um*. A seta aparece no sentido classe de estímulos antecedentes – classe de respostas por se referir à influência de aspectos do meio na ocorrência de respostas do organismo: tais aspectos podem favorecer

respostas, facilitá-las, dificultá-las, impedi-las, eliciá-las ou provocá-las. O tipo de relação *dois* representa a produção de consequências pelas respostas da classe de respostas ou à ocorrência de eventos consequentes subsequentemente a tais respostas. A relação *três* se refere à função de um aspecto do ambiente de sinalizar a oportunidade de a apresentação de uma ação produzir determinado tipo de consequência. Estímulos de classes de estímulos antecedentes exercem tal função de sinalizar a oportunidade de apresentação das respostas. A relação *quatro* se refere à influência dos estímulos de classes de estímulos consequentes na probabilidade de ocorrência de respostas da mesma classe que a resposta apresentada no comportamento constituído pela classe de estímulos consequentes em questão. A relação de tipo *cinco* se refere à função discriminativa de estímulos antecedentes à resposta, os quais sinalizam o tipo de consequência que poderá ser obtido por meio da apresentação de determinadas respostas. A relação *seis* representa o que ocorre aos aspectos antecedentes da ação em função da ocorrência de determinada consequência: aspectos do ambiente, propriedades desses aspectos ou relação entre aspectos do ambiente adquiram propriedades de sinalização de que em ocasiões em que estejam presentes, a apresentação de respostas de determinada classe produzirão ou serão subsequenciadas por consequências de determinada classe de estímulos consequentes. A linha *sete* da figura representa todo o conjunto de relações possíveis entre os componentes de um comportamento.

A especificação de todas as relações que constituem o *sistema de relações* “comportamento”, bem como de todas as variáveis que constituem cada classe de estímulos antecedentes, classe de respostas e classe de estímulos consequentes denota o alto grau de complexidade desse fenômeno, possibilitado graças às contribuições de diversos autores na história do desenvolvimento da Ciência e, mais especificamente, da área da Análise Experimental do Comportamento. A partir dos avanços descritos e dos aprimoramentos no conceito “comportamento” é que tal se torna um “instrumento” útil à delimitação de parâmetros para exames de proposições acerca de aspectos constituintes ou determinantes dos processos a que conceitos se referem.

Em suma, o conhecimento das propriedades do fenômeno “comportamento” torna possível identificar em proposições a respeito de conceitos quais dessas variáveis são contempladas, com que grau de precisão, quais podem ser derivadas das diretamente explicitadas pelos autores e que lacunas restam em relação aos demais aspectos do comportamento. Ainda, a partir dessas informações, a comparação entre proposições de diferentes autores com fins à identificação de seus graus

de coerência se torna mais minuciosa e, portanto, seus produtos mais confiáveis. Consiste, portanto, em contribuição importante da área da Análise Experimental do Comportamento ao exame de proposições da área acerca do conceito “Eu”.

*B – Noção de comportamento como contribuição para superar a atribuição de função determinante de ações dos organismos a entidades internas a eles*

As proposições acerca das características dos componentes de comportamentos não consistem meramente em proposições conceituais, embora se tenha abordado o “comportamento” como um conceito. Fossem meramente elaborações sem fundamentação em dados experimentais, não seriam suficientes como instrumento a ser utilizado em exames de definições e proposições de características de comportamentos envolvidos em outros conceitos, como no caso do conceito “Eu”, nem em investigações científicas cujos objetivos envolvem a identificação ou o exame de características de comportamentos. A área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento contém em seu nome o termo “experimental”, que representa a exigência da área de que o conhecimento produzido tenha validação experimental (Botomé, 2010; Botomé e Kubo, 2004). Apesar de tal exigência não diminuir a importância de que pesquisas e intervenções possam ser realizadas com variados graus de controle experimental, nem de que a interpretação possa ser utilizada como ferramenta de investigação de relações entre ações do organismo e aspectos do meio e intervenção em tais relações, ressalta a necessidade de que somente a identificação de relações entre variáveis experimentalmente controladas atendem ao critério de *verdade* da área de conhecimento em questão.

Considerando a base experimental envolvida no desenvolvimento do conceito de comportamento, é possível estender sua contribuição para além da identificação de características dos comportamentos envolvidos no conceito “Eu” – ou outros conceitos – e do exame da coerência entre as proposições de diferentes autores embasadas na Análise do Comportamento. De modo mais abrangente, serve à superação da tendência a atribuir ações dos organismos a suas emoções e a entidades internas. Ao tornar as minúcias envolvidas em comportamentos passíveis de serem conhecidas, possibilita demonstrar

com precisão as relações entre as ações dos organismos e os aspectos do meio e, mais especificamente, o controle que aspectos do meio exercem sobre as características das ações apresentadas. Com isso, a Análise Experimental do Comportamento oferece não apenas uma contraposição conjectural acerca da constituição e determinação de comportamentos, mas oferece dados que as sustentam.

À compreensão da dimensão da importância da possibilidade de dispor dados que sustentem proposições acerca da natureza e das características de comportamentos, é relevante compreender o tipo de raciocínio lógico que sustenta a inferência de uma exacerbação da responsabilidade do organismo em relação a suas ações e de entidades internas às quais estão relacionadas, bem como as consequências de proposições desse gênero. Em *Trece trucos de magia: el origen verbal de los mitos en Psicología*, Robinson (2003) apresenta de maneira didática treze recursos linguísticos ou lógicos que, encadeados, resultam em diversos equívocos acerca da natureza e origem dos comportamentos dos indivíduos e culminam, ao final, na atribuição de todas as interações dos indivíduos a “traços de personalidade” ou à “mente”, sem nenhuma base empírica capaz de sustentar tais conclusões.

Uma primeira parcela dos recursos consiste resumidamente em: propor um verbo abrangente como substituto de verbos descritivos das ações dos organismos, substantivar tal verbo, inferir que os substantivos derivados se referem a uma faculdade da qual os indivíduos são contemplados, inferir um gerúndio relacionado ao substantivo, um advérbio a partir do gerúndio e, por fim, um adjetivo a partir do advérbio, que se torna caracterizador do indivíduo que primeiramente apresentou uma ação. Um exemplo torna mais fácil compreender cada um dos recursos: a ação apresentada por um indivíduo e nomeada descritivamente como “golpear” é inserida na categoria “agredir”, mais abrangente, e a partir dela é inferido o substantivo “agressão”, o gerúndio “agredindo” e o advérbio “agressivamente”. Do advérbio, é derivado ainda o adjetivo “agressivo”, que passa a ser utilizado como referente a uma característica do indivíduo que apresentou a ação “golpear”. O indivíduo passa, por meio da utilização desses recursos, não só a golpear algo ou alguém, mas a agir agressivamente e a ser considerado agressivo (Robinson, 2003). No lugar da identificação das variáveis que determinaram a ocorrência da ação do indivíduo, a primeira sequência de recursos culmina na atribuição de uma qualidade ao indivíduo, totalmente desvinculada de características do ambiente em que esteve inserido.

Na sequência, a qualidade atribuída ao indivíduo por meio de um adjetivo passa não só a qualificá-lo, mas a defini-lo – de “agressivo”, o indivíduo passa a ser um “agressor”. Os próximos recursos descritos por Robinson (2003) consistem em proposições circulares em relação à determinação das características atribuídas ao indivíduo. Ao se questionar acerca do que “causa” os comportamentos já qualificados por meio de um adjetivo, o substantivo derivado a partir do verbo descritivo da ação e o adjetivo atribuído ao indivíduo que a apresenta são utilizados como explicação. No caso, um indivíduo se comportaria de maneira agressiva porque possui “agressividade” (substantivo) ou porque é “agressivo”. O caráter circular dessas explicações se dá pelo fato de tanto o substantivo quanto os adjetivos que qualificam as ações e o indivíduo terem sido originalmente derivados da descrição verbal da ação apresentada. Não há nenhuma identificação de determinantes, somente um imbróglgio conceitual.

Por fim, outras falsas explicações consistem nas respostas às perguntas acerca do que torna o indivíduo qualificado daquela forma: primeiramente, a causa referida é o substantivo derivado e, por fim, à mente e a entidades internas. Conforme o exemplo, o indivíduo é agressivo porque tem agressão, sendo tal faculdade atribuída à sua “personalidade” ou à sua “mente”. Por meio dos recursos descritos pelo autor, as conclusões acerca da existência tanto da faculdade “agressão” (bem como quaisquer outras) e de sua “causa” ser a “personalidade” do indivíduo ou sua “mente” consistem simplesmente em inferências infundadas e de lógica circular. Esse tipo de raciocínio é também referido por Woodworth (1975), de maneira mais genérica, ao conceber como equívoco a utilização de substantivos como descrição de interações do organismo com seu ambiente e propor sua substituição pelos verbos que melhor descrevem a interação.

É a tais categorias de cadeias de argumentação que Skinner (1953/2003; 1957/1978; 1974/2003; 1969/1980; 1991) e outros analistas do comportamento procuram contrapor o conhecimento derivado do controle de variáveis e verificação experimental de relações entre componentes de comportamento. O problema não reside simplesmente na diferença teórica entre concepções embasadas na determinação mentalista de comportamentos dos organismos e uma concepção em que os determinantes são investigados nas interações das ações com o ambiente, mas na falta de sustentação empírica de proposições que atribuem ao indivíduo e às suas faculdades internas a responsabilidade exclusiva ou majoritária sobre seus comportamentos (Botomé e Kubo, 2008). Um problema talvez ainda mais grave consista nas implicações

de proposições dessa natureza, como a resignação diante da compreensão de que comportamentos são previamente determinados e inalteráveis em função de características pré-estabelecidas por “traços de personalidade”, “estruturas”, pela “mente” ou outras instâncias inferidas como seus determinantes. Por meio das descobertas das características que constituem interações dos indivíduos com o ambiente e do desenvolvimento do conceito de “comportamento”, a área da Análise do Comportamento contribui à superação da atribuição indiscriminada de ações dos indivíduos a entidades internas inferidas e à sua substituição pela identificação dos aspectos que efetivamente constituem e determinam comportamentos.

### **1.3. O conceito de Contingências de Reforço como recurso para exame dos graus de suficiência de definições e de coerência entre definições e descrições de aspectos constituintes dos processos aos quais o conceito “Eu” se refere**

A utilidade do conceito de comportamento em relação à investigação dos processos aos quais o conceito “Eu” se refere em proposições de autores embasados na Análise Experimental do Comportamento e da coerência entre tais proposições se dá por possibilitar a fundamentação a partir da qual podem ser identificadas as características dos componentes dos comportamentos envolvidos nas asserções em que são apresentadas. Por meio do conceito é possível identificar não apenas a resposta, os estímulos antecedentes a ela e os estímulos consequentes, mas classes de estímulos e respostas, suas propriedades, valores dessas propriedades e relações entre elas. Trata-se de significativa contribuição ao exame de processos comportamentais. Há outro conceito, no entanto, que também representa o avanço do conhecimento da área da Análise Experimental do Comportamento acerca de características de interações do indivíduo com seu ambiente e que, do mesmo modo, tem sua importância como recurso à identificação de características dos processos envolvidos no conceito “Eu” e à avaliação dos graus de coerência entre proposições de diferentes autores acerca de tais processos: o de “Contingências de reforço”. Na obra *Contingências de Reforço*, Skinner (1969/1980) se refere ao termo da seguinte forma:

Uma formulação das interações entre um organismo e o seu meio ambiente para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: (1)

a ocasião na qual ocorreu a resposta, (2) a própria resposta e (3) as consequências reforçadoras. As relações entre elas constituem as “contingências de reforço” (...) As inter-relações são muito mais complexas do que as que ocorrem entre um estímulo e uma resposta, e são muito mais produtivas tanto nas análises teóricas como nas experimentais (pg. 180)

Segundo Souza e Kubo (2009), a definição de “contingências de reforço” apresentada por Skinner (1969/1980) é ainda imprecisa em função de os aspectos salientados como nucleares do conceito se assemelharem aos aspectos definidores do conceito “comportamento” (Skinner, 1953/2003; Botomé, 2001). Embora ainda não possibilite suficientemente a diferenciação entre os conceitos, apresenta ênfase especificamente nas relações entre os componentes de comportamentos e destaca a maior complexidade de todas as inter-relações entre tais componentes do que simplesmente a relação entre um estímulo e uma resposta, que, originalmente, caracterizava comportamentos. Em outros trechos da obra de Skinner, bem como em outras de suas publicações e em proposições de outros autores em que há especificações de tipos e características de relações entre os componentes de comportamentos, é possível compreender a extensão e minúcia do conceito de “contingências de reforço” e em que aspectos complementa o conceito “comportamento”, no que se refere ao conhecimento das propriedades e valores das relações que os indivíduos estabelecem com o meio. Para compreender o avanço no conhecimento que o desenvolvimento do conceito de “contingências de reforço” representa, é relevante esclarecer o conceito de “contingência” e que processos comportamentais decorrem da ocorrência de diferentes consequências às respostas.

O termo “contingência” possui definições diversas (Abbagnano, 1998), mas, dentre elas, foi considerado equivalente ao conceito de “possibilidade” e oposto à “necessidade”. Enquanto eventos *necessários* apresentam causa e ocorrência absolutas, eventos *contingentes* podem ou não ocorrer. Não há, a priori, necessidade de que ocorram. Outra definição apresentada pelo próprio Abbagnano (1998) não desvincula o conceito de sua equivalência à “possibilidade”, mas o atrela à “necessidade”, porém não absoluta: consistiria naquilo que é possível “em si” e necessário em relação a outra coisa. “Em si” mesmo, trata-se de um evento que pode ocorrer ou não, no entanto, dada a ocorrência de eventos que o determinem, torna-se necessário. O conceito de “contingência”, portanto, se refere a uma oposição à noção de determinação absoluta dos eventos, em que eventos da natureza

necessariamente ocorrem, determinados apenas pela ocorrência de um evento.

Ao mesmo tempo, ao abranger parcialmente uma noção de “necessidade”, o conceito trata de relações de dependência entre eventos, porém um tipo de dependência não absoluta onde a ocorrência de um evento exerce função em relação à ocorrência de outro. Ao desenvolvimento do conceito de “contingências de reforço”, somou-se à definição do conceito “contingência” a noção de multideterminação dos fenômenos, derivada das proposições galilêicas em relação aos eventos da natureza (Botomé e Kubo, 2008). A multideterminação de fenômenos se refere tanto a um determinismo dos fenômenos quanto uma especificação de que as relações de determinação não são exclusivas entre um fenômeno e um evento determinante, mas múltiplos eventos determinantes interferem em sua ocorrência. O conceito de “contingência” somado à noção de multideterminação dos fenômenos, portanto, fundamenta a concepção de que comportamentos consistem em relações não necessárias entre ações dos organismos e aspectos do ambiente, as quais podem ou não ocorrer. Sua ocorrência é função da ocorrência de múltiplos eventos que interferem de diferentes formas no fenômeno. Os quais, por sua vez, ocorrem também como função de múltiplos outros eventos.

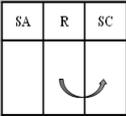
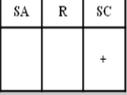
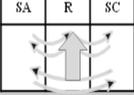
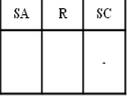
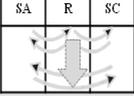
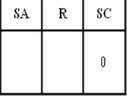
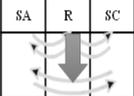
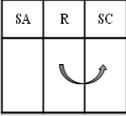
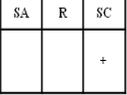
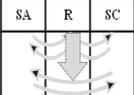
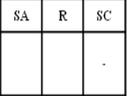
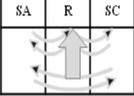
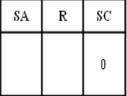
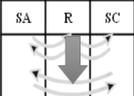
A definição de “comportamento” como circunscrita à relação entre um estímulo e uma resposta consistiu em um avanço no conhecimento em relação aos fenômenos comportamentais, antes resumidos ao comportamento reflexo concebido ainda como a resposta do organismo diante de um estímulo (Botomé, 2001). Embasada ainda no princípio aristotélico de determinação absoluta (Botomé e Kubo, 2008), no entanto, limitava-se à identificação de apenas uma relação entre um estímulo antecedente do ambiente e uma resposta do organismo, onde a ocorrência do estímulo eliciava a resposta. Foi a descoberta da suscetibilidade dos organismos às consequências de suas ações, verificada por meio da influência das consequências das respostas na probabilidade e frequência de ocorrência de respostas da mesma classe, que, além de fundamentar a proposição acerca de comportamentos operantes, possibilitou o conhecimento das diversas relações entre estímulos e respostas do organismo<sup>1</sup> e de diversas inter-relações entre as classes de componentes que constituem um mesmo comportamento (Skinner, 1974/2003; Botomé, 2001; Botomé e Kubo, 2006).

---

<sup>1</sup> Como as representadas na Figura 1.3.

Dada a importância da descoberta da suscetibilidade dos organismos às consequências de suas ações, a investigação dos diferentes *tipos* de influência das consequências na frequência e probabilidade das ações dos organismos produziu conhecimento de grande relevância ao conhecimento de comportamentos e à intervenção em relações de indivíduos com seu meio (Skinner, 1969/1980; 1974/2003; Botomé e Kubo, 2006). Em uma comparação com a teoria da evolução de Darwin, Skinner (1974/2003) destaca uma função que atribui ao conhecimento da Análise Experimental do Comportamento: do mesmo modo como coube ao evolucionismo identificar e caracterizar os processos de seleção de espécies, cabe à ciência do comportamento a identificação e caracterização dos processos de seleção de comportamentos por suas consequências. A investigação de tais processos se deu por meio do controle experimental de consequências das ações de organismos – como variáveis independentes – a fim de mensurar alterações na frequência de resposta – como variável dependente –, a partir do qual se tornou possível identificar ao menos cinco tipos de conjuntos de relações entre os componentes de comportamentos que configuram “contingências de reforço”, cuja definição pode se tornar mais precisa a partir da caracterização dos conjuntos de relações em questão.

Há contribuições de vários estudiosos ao aperfeiçoamento do conceito de “contingências de reforço” desde a proposição feita por Skinner (1969/1980), como Todorov (1991), Catania (1999) e De Souza (2000). Compreender as características de cada conjunto de relações que configura diferentes tipos de contingências de reforço pode ser favorecido pelo exame realizado por Botomé e Kubo (2009) acerca dos processos envolvidos em cada contingência de reforço. O termo “processo” utilizado nesse contexto se refere tanto **(a)** ao que acontece com a frequência de respostas da classe de respostas que constitui o comportamento à medida que ocorrem consequências a elas; quanto **(b)** a processos inferidos a partir da observação da frequência de tais respostas. Na Figura 1.4 são apresentados os cinco tipos de contingências de reforço identificados a partir do desenvolvimento do conhecimento da área da Análise Experimental do Comportamento, com especificação de seus aspectos nucleares e destaque aos processos comportamentais **(a)** e **(b)** – as colunas que os representam estão destacadas em cinza.

Processo comportamental básico	Variações do processo comportamental	Frequência da resposta	Decorências sobre o comportamento	Contingência	Processo comportamental
 Produzir		 Aumento		Reforço Positivo	Fortalecimento do comportamento
		 Suspensão		Punição Positiva	Supressão do comportamento
		 Desaparecimento		Extinção	Enfraquecimento do comportamento
 Eliminar		 Suspensão		Punição Negativa	Supressão do comportamento
		 Aumento		Reforço Negativo	Fortalecimento do comportamento
		 Desaparecimento		Extinção	Enfraquecimento do comportamento

**Figura 1.4.** Representação das características dos processos comportamentais envolvidos nos tipos de contingências de reforço. Adaptada de Botomé e Kubo (2009).

Na primeira coluna à esquerda da figura estão representados os dois processos comportamentais básicos relacionados à relação entre as respostas e os estímulos a elas consequentes: apresentação ou remoção de um evento no ambiente. A segunda coluna representa o processo que ocorre com a frequência de respostas como função das consequências seguidas às respostas: aumento da frequência, suspensão ou desaparecimento. Na terceira coluna há uma representação das

decorrências das consequências que se seguem às respostas pertencentes a uma classe de respostas em relação a todas as relações entre as classes de componentes que constituem o comportamento – além da classe de respostas, o constituem classes de estímulos antecedentes e consequentes: se há aumento da frequência de todo o sistema de relações que constitui o comportamento, se tal é suspenso ou se desaparece.

Na quarta coluna são nomeados os tipos de contingência de reforço caracterizados pelas implicações em comportamentos representadas nas quatro primeiras colunas. E, por fim, na quinta coluna é especificado o processo comportamental inferido a partir da frequência das respostas que ocorre com as relações entre todos os componentes de um comportamento como decorrência das consequências às respostas apresentadas pelos organismos: se há fortalecimento, supressão ou enfraquecimento das relações que constituem o comportamento.

Com base nos aspectos especificados na Figura 1.4, torna-se mais claro o que define cada um dos cinco tipos de contingências de reforço. “Contingências de reforço positivo”, representadas na primeira linha da figura, são caracterizadas pela apresentação de um estímulo após uma resposta do organismo e pelo aumento da frequência de ocorrência de respostas da mesma classe (Keller & Shoefeld, 1950/1971; Skinner, 1974/2003; Skinner, 1969/1980; Catania, 1999; Botomé e Kubo, 2006). O aumento de tal frequência configura os estímulos consequentes apresentados como estímulos com função reforçadora, bem como implica no aumento da frequência de ocorrência do comportamento de que faz parte. Os aumentos na frequência de respostas da mesma classe e do comportamento de que faz parte consistem nos produtos da influência exercida pelos valores da variável independente (consequência às respostas) e possibilitam inferir o processo em função do qual se dão tais alterações: o *fortalecimento* das relações entre os componentes do comportamento (Botomé e Kubo, 2006; 2009; Souza e Kubo, 2009).

O segundo tipo de “contingências de reforço” que envolve a produção de um evento após a apresentação de uma resposta consiste nas “contingências de punição positiva”. No lugar de haver aumento na frequência de respostas da mesma classe, no entanto, há suspensão das mesmas, do que se depreende que o evento consequente apresentado exerce função aversiva (Keller & Shoefeld, 1950/1971; Skinner, 1974/2003; Skinner, 1969/1980; Catania, 1999; Botomé e Kubo, 2006). A suspensão da frequência das respostas de uma mesma classe implica na de todas as relações estabelecidas entre as classes de componentes do

comportamento e, com isso, na suspensão do próprio comportamento. Tais “suspensões” consistem nos produtos da influência da consequência apresentada após a ocorrência da resposta, dos quais é inferido o processo de *supressão* das relações entre os componentes do comportamento (Botomé e Kubo, 2006; 2009; Souza e Kubo, 2009).

“Contingências de extinção” são representadas na terceira e na sexta linhas da figura. Em ambas coincide o desaparecimento das respostas de uma classe de respostas como processo decorrente da ausência de consequências após a apresentação de uma resposta dessa classe (Keller & Shoenfeld, 1950/1971; Skinner, 1974/2003; Skinner, 1969/1980; Catania, 1999; Botomé e Kubo, 2006). O desaparecimento de respostas da classe implica no desaparecimento das relações que configuram o comportamento constituído de tal classe e, assim, também de tal comportamento. O processo comportamental inferido consiste no *enfraquecimento* das relações entre os componentes do comportamento (Botomé e Kubo, 2006; 2009; Souza e Kubo, 2009). A representação desse tipo de contingência relacionada tanto ao processo comportamental básico de produção quanto de remoção de um evento após a apresentação de uma resposta ao processo, pois se configura como tal tanto em função da não ocorrência de um evento após a resposta – do que se depreende que exercesse função reforçadora ao organismo – quanto em função da não ocorrência da remoção de um evento – o qual se depreende que desempenhasse função aversiva e sua remoção teria efeito reforçador.

Na quarta linha da figura estão representadas as características e processos comportamentais nucleares envolvidos nas “contingências de punição negativa”. Tais são caracterizadas pela remoção de um evento do ambiente após a apresentação de uma resposta e pela suspensão das respostas da mesma classe (Keller & Shoenfeld, 1950/1971; Skinner, 1974/2003; Skinner, 1969/1980; Catania, 1999; Botomé e Kubo, 2006). A suspensão da frequência das respostas da mesma classe consiste no processo decorrente da influência da remoção de um evento do ambiente, do que se depreende que o evento exercesse função reforçadora. Tal processo implica na suspensão das relações entre a classe de respostas e as demais classes que constituem o comportamento e, conseqüentemente, na suspensão desse comportamento. Dessas alterações na frequência – observadas por meio da frequência de respostas da classe de respostas – é inferido o processo comportamental de *supressão* do comportamento. Em relação às contingências de punição positiva e negativa não é inferido o *enfraquecimento* das relações que constituem o comportamento em função de dados

referentes à apresentação de respostas da classe após a suspensão das consequências punitivas – tanto a apresentação de um estímulo aversivo quanto a remoção de um estímulo gratificante (Catania, 1999).

Por fim, na quinta linha da figura são representadas as “contingências de reforço negativo”. Tais são caracterizadas pela remoção de um estímulo do ambiente após a apresentação da resposta e, como consequência, pelo aumento da frequência de respostas da mesma classe. (Keller & Schoenfeld, 1950/1971; Skinner, 1974/2003; Skinner, 1969/1980; Catania, 1999; Botomé e Kubo, 2006). O aumento da frequência das respostas configura a remoção do estímulo como evento com função reforçadora – e o estímulo removido é configurado como com função aversiva. Além disso, o aumento da frequência de respostas da mesma classe implica em aumento da frequência do comportamento dela constituído e, tais, nos processos dos quais é inferido que o processo comportamental que caracteriza as “contingências de reforço negativo” consiste no *fortalecimento* do comportamento (mais especificamente das relações entre as classes de componentes que o constituem).

O conhecimento das características das contingências de reforço descritas na literatura possibilita compreender o conceito como configurações específicas de classes de consequências a respostas de uma classe que interferem na força das relações entre todos os componentes do comportamento constituído dessa classe de respostas. Especificamente à produção de conhecimento acerca dos processos comportamentais envolvidos no conceito “Eu” na Análise Experimental do Comportamento e acerca da coerência entre as proposições de distintos autores, as características de contingências de reforço servem como complementação à noção de comportamento, o que possibilita tornar mais precisas as análises de processos comportamentais referidos em proposições acerca do conceito “Eu”, bem como consiste em mais um parâmetro de comparação das proposições de diferentes autores.

#### **1.4. Noções de “unidade”, “classe” e “sistema” como parâmetros para delimitar a unidade de análise de fenômenos comportamentais a serem investigados, especificamente aos referidos pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento**

Dentre os avanços no conceito de “comportamento” possibilitados pela produção de conhecimento na área da Análise Experimental do Comportamento, o desenvolvimento da noção de

“classe” teve papel fundamental por ampliar a compreensão do que era concebido como a unidade de análise da área de conhecimento em questão, bem como por explicitar o grau de abrangência da noção de “comportamento”. Em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), ao descrever o condicionamento operante, Skinner destaca o fato de não ser possível mensurar a probabilidade de ocorrência de uma resposta já observada, uma vez que essa resposta específica não se repete. Em lugar disso, o controle experimental de estímulos consequentes a uma resposta possibilita prever e controlar a ocorrência de respostas semelhantes à ocorrida, o que é denominado de respostas de uma mesma “classe de respostas”. É tal consideração que faz com que o autor proponha que a unidade de uma ciência preditiva do comportamento seja, justamente, a frequência da classe de respostas.

Na sistematização do conhecimento acerca do conceito “comportamento” apresentada por Botomé (2001), a noção de classe é explicitada como característica não só da resposta, mas também dos estímulos antecedentes e consequentes a uma dada classe de respostas – no caso, “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes”. Em relação aos três tipos de componentes, o termo classe é o que possibilita que o conceito de comportamento abranja não somente relações entre estímulos antecedentes específicos, uma resposta específica e estímulos consequentes específicos, mas estímulos e respostas que mantêm entre si relações equivalentes, ainda que sejam distintos em alguns aspectos. O fundamento a tal proposição é a constatação de que determinadas alterações em propriedades de estímulos e de respostas constituintes de um comportamento não implicam necessariamente em alterações nas relações funcionais estabelecidas entre eles e, por isso, não implicam que constituam um comportamento distinto. A partir das proposições de que comportamentos são constituídos de relações entre classes de eventos que possuem propriedades cujos valores podem variar e que as próprias relações entre os eventos são também passíveis de variação sem alteração de suas funções (Botomé, 2001; Botomé, 2010), é possível investigar cientificamente diferentes aspectos de interações de organismos com o meio e com diferentes graus de minúcia. Tanto interações específicas quanto classes dessas interações.

Como ilustração, alguns exemplos de aspectos cujas características podem ser investigadas são: uma unidade de resposta apresentada; propriedades de uma unidade de resposta; valores de propriedades de uma unidade de resposta; uma classe de respostas; uma unidade de estímulo antecedente/consequente; propriedades de uma

unidade de estímulo antecedente/consequente; valores de propriedades de uma unidade de estímulo antecedente/consequente; uma classe de estímulos antecedentes/consequentes; uma unidade de relação entre componentes de um comportamento; propriedades de uma unidade de relação entre componentes de um comportamento; valores de propriedades de uma unidade de relação entre componentes de um comportamento; uma unidade de comportamento; propriedades de uma unidade de comportamento; e valores de propriedades de uma unidade de comportamento; uma classe de comportamentos.

Examinar as tantas possibilidades de aspectos de interações organismo-ambiente passíveis de serem identificadas e caracterizadas por meio de processos de produção de conhecimento científico a partir dos conceitos instrumentais da Análise Experimental do Comportamento possibilita destacar, primeiramente, dois termos que fazem referência à distinção entre eventos ou fenômenos específicos e classes de eventos ou fenômenos. Tratam-se dos conceitos *unidade* e *classe*. Examiná-los em suas sutilezas – e reexaminar alguns aspectos da história do desenvolvimento do conceito “comportamento” para tanto – parece necessário para conferir precisão aos processos de produção de conhecimento científico acerca de processos comportamentais em relação a qual desses níveis de abrangência a interação investigada se refere. Ou, ainda, a utilização de qual desses níveis como parâmetro de exame é mais adequado a cada problema de pesquisa.

Embora represente um avanço do conhecimento científico em relação às propriedades de comportamentos, o conceito de “classe” é ainda por vezes utilizado de maneira indiscriminada, fator que dificulta a compreensão de sua relevância, bem como das circunstâncias em que sua utilização não é requerida. A história do desenvolvimento do conceito de “operante” ao longo das obras de Skinner possibilita compreender à solução de que impasses teóricos serviu a utilização do conceito *classe*. Identificar sua função original e seus aperfeiçoamentos possibilita também delimitar a que fins pode atualmente servir em relação à produção de conhecimento acerca de processos comportamentais. Além da utilização do termo “classe” como parâmetro à definição do comportamento e condicionamento operantes (Skinner, 1953/2003) e como recurso à explicitação da abrangência do fenômeno “comportamento” (Botomé, 2001), ao longo de seu desenvolvimento o termo foi também utilizado como delimitação do conceito de comportamento reflexo e passou por vários estágios, nos quais diferentes aspectos dos comportamentos eram considerados parâmetros

ao estabelecimento de *classes* (Todorov, 2002; Sérgio, 1983; Botomé, 2010).

Sério (1983) corrobora a denotação de Botomé (2001) acerca de a noção de *classe* já estar implicada em proposições de Skinner antes mesmo do desenvolvimento do conceito de “comportamento operante”. Não apenas a noção, mas o próprio termo *classe* foi originalmente utilizado pelo autor como referência a regularidades em correlações entre estímulos eliciadores e respostas, consideradas critério definidor de comportamentos reflexos (Skinner, 1935 apud Botomé, 2001). Já havia nesse momento da história de desenvolvimento da Análise Experimental do Comportamento, a indicação do equívoco de conceber o aspecto topográfico das respostas como critério definidor de um comportamento. A mesma ressalva em relação à ênfase na topografia é repetida na formulação do conceito de comportamento operante, em que o estabelecimento e a força de relações entre as classes de componentes que constituem comportamentos – não somente entre os componentes constituintes de uma ocorrência do comportamento – se dão pelo efeito das respostas no ambiente, não por suas propriedades formais (Todorov, 2002).

Na formulação original de Skinner em relação ao conceito de “comportamento operante” apresentada em *Comportamento dos organismos* (1938 apud Sérgio, 1983), no entanto, embora a topografia não fosse utilizada como referência à delimitação de classes de respostas constituintes de tais comportamentos, o critério utilizado consistia na não ocorrência de um estímulo eliciador das respostas, contrariamente aos comportamentos reflexos (Séριο, 1983; Todorov, 2002). Skinner ainda definia comportamentos operantes por meio da referência ao que não os constituía e atribuía ênfase somente às respostas – estímulos antecedentes eram somente mencionados como parâmetros à classificação de comportamentos, não como seus elementos constituintes –, aspectos que limitavam o alcance e as contribuições de sua definição. Ainda assim, o conceito de “classe” utilizado como delimitação das respostas constituintes de comportamentos operantes já possibilitava que o fenômeno denominado “comportamento operante” fosse além de apenas a ocorrência de uma resposta relacionada a aspectos específicos do ambiente e passasse a se referir a um conjunto desses eventos.

Conforme enfatiza Sérgio (1983), a partir das proposições de Skinner desenvolvidas em um segundo momento de desenvolvimento do conceito “operante” são identificados estímulos relacionados às respostas cuja ocorrência não é função de estímulos antecedentes

eliciadores. Consistem nos estímulos reforçadores com ocorrência posterior à apresentação das respostas. Neste estágio de desenvolvimento do conceito de “comportamento operante”, a propriedade definidora das classes de respostas que constituem comportamentos do tipo “operante” é dada pelo reforçamento consequente às respostas. Sua equivalência em relação a diferentes respostas seria a variável independente em função da qual classes constituídas de tais respostas sofreriam alterações coincidentes. Nesse estágio, portanto, o reforçamento equivalente consiste no parâmetro à constituição de uma *classe* de respostas constituinte de um comportamento operante.

Conforme o exame de Sérió (1983), no entanto, a delimitação do reforçamento equivalente como critério definidor da constituição de *classes de respostas* de comportamentos operantes (em oposição a regularidades de relações entre classes de estímulos eliciadores e classes de respostas como critério delimitador dos reflexos) manteve ainda uma ênfase nas respostas, no lugar de nas *relações* entre respostas e aspectos do ambiente. Além disso, promoveu uma dicotomia entre os conceitos “comportamento reflexo” e “comportamento operante”. Enquanto a primeira categoria seria definida com base nos estímulos que eliciam respostas de uma mesma classe, a definição da segunda seria em termos dos estímulos produzidos por respostas de uma mesma classe. O termo “classe de respostas”, neste estágio de definição de comportamento operante, portanto, era definido com base na temporalidade da propriedade crítica dos eventos do ambiente que interferem na ocorrência de respostas do organismo.

Apesar das limitações e implicações de proposições acerca das propriedades definidoras de *classes de respostas* constituintes de comportamentos operantes ao longo do desenvolvimento desse conceito, a proposição do termo “classe de respostas” e a identificação de sua relação com os aspectos do ambiente – sejam estímulos antecedentes eliciadores ou consequentes produzidos pelas respostas –, é que possibilitou identificar a relação de dependência existente entre os aspectos do meio e a constituição de uma classe de respostas. Classes de respostas constituintes de comportamentos operantes não existiriam “em si” antes do estabelecimento da relação “operante” entre respostas e estímulos, mas o estabelecimento das relações operantes entre estímulos consequentes e respostas produtoras desses estímulos é que constituiriam a condição para o pertencimento de distintas respostas em uma mesma classe. Tal constatação possibilita compreender que o conceito “classe de respostas” só faz sentido a partir do estabelecimento

de relações entre respostas do organismo e estímulos do ambiente (Sério, 1983). Possibilita, ainda, identificar que além dos estímulos críticos do ambiente que interferem na frequência de respostas de uma classe de respostas – estímulos consequentes – exercerem função na constituição do sistema de relações que constitui o comportamento, o mesmo se pode afirmar em relação aos estímulos antecedentes às respostas, uma vez que deles dependem a ocorrência de consequências (Sério, 1983).

Enquanto Sério (1983) examina o desenvolvimento do conceito de “classe de respostas operante” dentre as proposições de Skinner entre as décadas de 30 e 50, Todorov (2002) examina também proposições do autor em suas obras seguintes em relação ao desenvolvimento do mesmo conceito. Período que contempla a ampliação de concepções acerca da determinação do comportamento: de consequências reforçadoras às contingências filogenéticas e ontogenéticas como critérios delimitadores de *classes* de respostas e também de comportamentos. Conforme denota Todorov (2002), a partir de *Ciência e Comportamento Humano* (Skinner, 1953/2003), o desenvolvimento da noção de *classe* já possibilita contrapor o formalismo – em que comportamentos dos organismos são atribuídos a suas estruturas – e oferecer alternativa funcional consistente. Tal alternativa é embasada não em eventos específicos que constituem comportamentos nem em classes desses eventos, mas em relações entre classes desses eventos. A variação correspondente na probabilidade – observada por meio da frequência – de ocorrência de diferentes respostas é que, à época, consistiu no critério do qual depreender que constituam uma mesma *classe*, em função de sua equivalência *funcional* (Todorov, 2002; Millenson, 1967/1975).

Como destaca Todorov (2002) em conformidade com Botomé (2001), Skinner destaca o papel do “conjunto de contingências” na formação de *comportamentos* operantes e das *classes* de respostas que os constituem a partir de *Contingências de Reforço* (1969/1980). Por fim, Todorov (2002) enfatiza o acréscimo da sobreposição de contingências na formação de *classes* em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003). Nessa obra, Skinner destaca os níveis de seleção filogenética, ontogenética no desenvolvimento de comportamentos e classes de eventos que os constituem. Com isso, propõe que não apenas relações entre classes de eventos com os quais os organismos se deparam diretamente em sua interação com o meio interferem no desenvolvimento de classes de respostas, classes de estímulos e comportamentos, mas também classes de eventos que interferiram na

seleção de comportamentos da espécie e outras que interferem na seleção de práticas culturais.

A partir dos momentos históricos examinados, é possível sugerir que conhecer a utilização do conceito *classe* ao longo do desenvolvimento dos conceitos de “comportamento” e “comportamento operante” nas obras de Skinner possibilita identificar parte significativa de sua relevância. Torna possível identificar com mais clareza a amplitude da noção de comportamento – antes compreendido somente como a relação entre um estímulo e uma resposta –, assim como torna o conceito mais preciso à medida que os critérios à delimitação de *classes* passaram a abranger a complexidade do fenômeno “comportamento”.

Embora importante à ampliação das perspectivas de conhecimento das relações entre os organismos e o ambiente, ao intervir em processos comportamentais ou ao produzir conhecimento a seu respeito, nem sempre uma classe delimita o “objeto” de interesse. Ainda que a investigação de classes de eventos e classes de fenômenos aumente a probabilidade de eficácia em intervenções diretas em comportamentos e torne os produtos de um processo de produção de conhecimento promissora e relevantes a uma maior quantidade de necessidades sociais e científicas, por vezes o que é necessário de ser investigado ou o que merece intervenção direta são ocorrências de *unidades* de fenômenos ou de eventos.

A história de desenvolvimento do conceito de comportamento operante possibilita diferenciar “resposta” de “classe de respostas”. Enquanto o termo “resposta” se refere à ocorrência específica de uma ação de um organismo, “classe de respostas” consiste em um conjunto constituído de respostas funcionalmente equivalentes (Sério, 1983; Todorov, 2002; Kienen, 2008; Botomé, 2001; Botomé, 2010; Skinner 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003). Como bem destacam Kienen (2008) e Sérgio (1983) ao examinarem os aperfeiçoamentos pelos quais o conceito de comportamento sofreu ao longo de sua história, só há a constituição de classes de respostas a partir do estabelecimento de relações funcionais entre respostas e estímulos que a seguem e antecedem. Tais relações é que passam a consistir nos parâmetros de quais respostas equivalem funcionalmente às ocorridas na ocasião de seu estabelecimento. Contemplar os aperfeiçoamentos propostos por Skinner (1953/2003; 1969/1980; 1974/2003) e examinados por Todorov (2002), possibilita compreender o alto grau de complexidade das relações estabelecidas, por envolverem contingências filogenéticas, ontogenéticas e também culturais.

Alguns dos critérios definidores de classes de estímulos antecedentes e consequentes se assemelham aos de classes de respostas. Do mesmo modo como respostas não constituem uma classe sem que relações funcionais entre estímulos e respostas tenham sido previamente estabelecidas, é também o estabelecimento de tais relações que constitui uma classes de estímulos. A ocorrência de uma consequência gratificante após a apresentação da resposta de um indivíduo seguida de aumento na frequência de outras respostas indica a formação tanto de uma classe de respostas como de uma classe de estímulos reforçadores. Em outras ocorrências do comportamento, além de a unidade de resposta não se repetir, o mesmo ocorre com o estímulo consequente. Seu pertencimento à classe de estímulos reforçadores somente pode ser verificado dada a manutenção da força da relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos consequentes, inferida a partir da frequência de apresentação das respostas.

Assim como respostas e estímulos consequentes podem constituir, cada qual, classes de eventos, o mesmo se pode afirmar em relação aos estímulos antecedentes às respostas. Os processos comportamentais envolvidos na formação de classes de estímulos antecedentes, no entanto, diferem em alguns aspectos. A investigação das relações de controle de estímulos antecedentes, inclusive, se configura como uma importante área de pesquisa em Análise Experimental do Comportamento (Sério et. al, 2004). A formação de classes de estímulos antecedentes está, de maneira geral, relacionada às operações de discriminação e generalização de estímulos decorrentes da história de reforçamento do organismo (Catania, 1999; Sério et. al, 2004).

O aumento observado na frequência de respostas após o seguimento de determinadas consequências – seja a apresentação ou a remoção de um estímulo – consiste em processo que denota a formação de classes de respostas e de estímulos consequentes. Também denota, no entanto, a formação de classes de estímulos antecedentes devido à operação de *discriminação* (Keller e Schoenfeld, 1950/1978; Catania, 1999; Sério et. al, 2004). A ocorrência de consequências de determinada classe após a apresentação de respostas ocorre somente sob algumas configurações de eventos do ambiente. Tais passam a consistir em parcelas diferenciadas dos demais eventos ambientais e a exercer controle *discriminativo* sobre as respostas ao “estabelecerem a ocasião” em que respostas da mesma classe serão reforçadas. Tal controle é estendido, por *generalização* a outros estímulos semelhantes (Keller e Schoenfeld, 1950/1978; Catania, 1999; Sério et. al, 2004). Há ainda

formação de classes de estímulos antecedentes devido a arranjos mais complexos de estímulos antecedentes às respostas e do desenvolvimento de relações de controle também mais complexas. Tais consistem nas classes de estímulos *condicionais* e *contextuais*<sup>2</sup>, que possibilitam a formação de classes de estímulos antecedentes constituídas de estímulos equivalentes funcionalmente, embora topograficamente possam ser distintos entre si (Sério et al., 2004; Assis et al., 2000; Matos, 1999; Sidman, 1985; Catania, 1999; Skinner, 1953/2003; Assis e Galvão, 1996; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Costa, de Rose e de Souza, 2009).

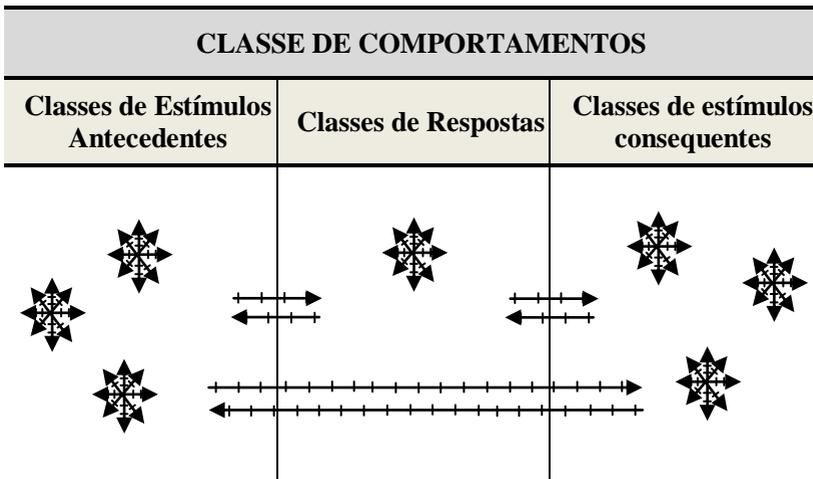
Ampliando ainda mais a abrangência do conceito de *classe* à análise de processos comportamentais, é possível observar que também as interações entre classes de respostas e classes de eventos do meio – que constituem um comportamento – podem variar e constituir classes de interações. Comportamentos, portanto, podem também constituir classes de comportamentos (Botomé, 2010; Kienen, 2008). O aspecto responsável pelo desenvolvimento de uma classe dessa natureza é também o estabelecimento de relações funcionais entre respostas do organismo e estímulos do ambiente. Para conferir precisão à sua definição, são úteis a definição aperfeiçoada do conceito de comportamento apresentada por Botomé (2001) – relações entre valores específicos de propriedades de respostas de uma classe de respostas e valores específicos de propriedades de estímulos de classes de estímulos antecedentes e valores específicos de propriedades de estímulos de classes de estímulos consequentes – e o esclarecimento acerca da noção de *classe*, referente a um conjunto de eventos unificados por determinada propriedade.

*Classe de comportamentos* consiste, portanto, em um conjunto de comportamentos cuja propriedade topográfica não consiste na mais relevante ou crítica, mas a equivalência funcional. Tal equivalência, conforme Catania (1996 apud Todorov, 2002), é observada por meio tanto das características das classes de estímulos consequentes, das propriedades da classe de respostas e das características das classes de estímulos antecedentes, já que todas são necessárias para que as relações estabelecidas se mantenham. De acordo com o desenvolvimento do conceito de “comportamento operante”, mais importante ainda são as

---

<sup>2</sup> Relações de controle de estímulos são examinadas com maior grau de minúcia no tópico 1.5 “Análise Funcional como recurso para caracterizar classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito ‘Eu’ na literatura da Análise Experimental do Comportamento”

características das relações estabelecidas entre as classes de componentes. A utilização do conceito de *classe* também aos comportamentos possibilita aumentar a precisão da compreensão das interações dos indivíduos com o seu ambiente. Passa a ser possível identificar equivalências funcionais tanto entre comportamentos topograficamente semelhantes, quanto entre aparentemente distintos. Um exemplo ilustrativo é o caso em que os comportamentos “ler notícias em jornais” e “verificar caixa postal de e-mails”, sem nenhuma relação evidente entre si, constituem a classe de comportamentos “procrastinar” ao serem apresentadas durante o horário de trabalho. Na Figura 1.5 é apresentada uma representação de uma *classe de comportamentos*, constituída de relações entre *classes* de componentes (classes de estímulos antecedentes, classe de respostas e classes de estímulos consequentes), considerando as propriedades de cada classe de eventos e os valores de cada uma delas.



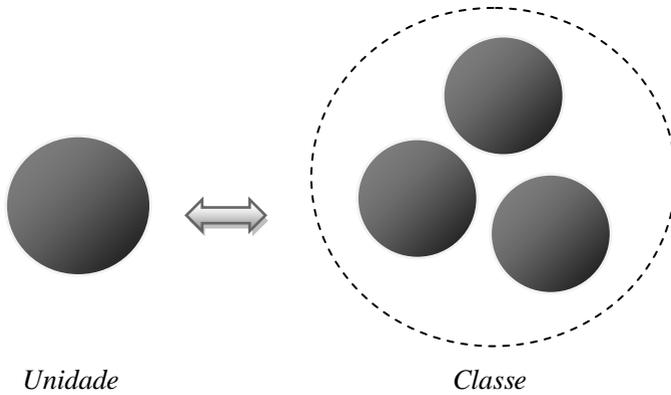
**Figura 1.5.** Ilustração dos componentes constituintes de classes de comportamentos e das relações entre eles. Adaptada de ilustrações didáticas apresentadas na disciplina de Análise Experimental do Comportamento do Programa de Pós-Graduação da UFSC, 2011; e da dissertação de Botomé (2009).

São ilustrados na Figura 1.5 como componentes constituintes de uma *classe de comportamentos* e relações que podem ocorrer entre eles:

classes de estímulos antecedentes, classes de estímulos consequentes, classes de respostas, propriedades de uma classe de respostas, propriedades de uma classe de estímulos, valores de propriedades de uma classe de eventos e relações entre ações do organismo e seu ambiente. As setas apresentadas dentro de cada coluna ilustram classes de eventos – tanto classes de respostas quanto classes de estímulos antecedentes e classes de estímulos consequentes às respostas – com suas diversas propriedades passíveis de variação de valor, cujos valores são representados pelos traços de gradação. As setas entre as colunas ilustram as possíveis relações entre as classes de eventos. Analisar tal ilustração permite observar o alto grau de complexidade existente em relação às variáveis que constituem um sistema de relações entre o organismo e o ambiente, bem como identificar avanço nas produções de conhecimento a respeito da constituição de comportamentos desde sua primeira definição – “aquilo que o organismo está fazendo” (Skinner, 1938 apud Botomé, 2001).

Embora de grande relevância à compreensão da complexidade das interações entre organismos e aspectos do meio, os conceitos *unidade* e *classe* são instrumentais e sua utilização não implica em uma delimitação fixa da quantidade de eventos que constituem um fenômeno (Millenson, 1967/1975). “Potencialmente” qualquer evento pode ser decomposto em unidades menores ou constituir classes maiores. O critério a ser utilizado para considerar um evento como uma “classe” ou uma “unidade” é relacional: a depender do sistema de relações em exame, estímulos, respostas e comportamentos que o constituem serão considerados unidades ou classes de eventos (Kienen, 2008), como representa a Figura 1.6. Tal condição variável é que possibilita que análises de interações organismo-meio sejam realizadas em diferentes graus de minúcia.

O comportamento “ler notícias em jornais”, por exemplo, tanto pode ser considerado constituinte da classe “procrastinar” como podem ser analisadas cada uma de suas propriedades, passíveis a variação (latência e intensidade da resposta, intensidade e outras dimensões dos estímulos antecedentes e consequentes, por exemplo). Se a perspectiva a partir da qual for realizada uma análise for o comportamento “ler notícias em jornais”, tal comportamento será considerado uma *classe* constituída de propriedades variáveis. Se a perspectiva for o comportamento “procrastinar”, consistirá em uma das *unidades* constituintes dessa classe.



**Figura 1.6.** Representação das relações variáveis entre “unidade” e “classe” de eventos.

Essa variabilidade possível de classificação de comportamentos como unidades ou classes de eventos possibilita compreender a distinção entre respostas e comportamentos de forma mais precisa. Apesar de o termo “resposta” se referir à ação apresentada pelo organismo que estabelece relações funcionais com estímulos do ambiente e, em conjunto a eles, constitui um comportamento, a depender do grau de microscopia utilizado no exame de uma interação organismo-meio, uma resposta pode ser considerada um “comportamento”. No exemplo apresentado, “procrastinar” pode ser um comportamento constituído da resposta “ler notícias em jornais”. Nesse caso, “ler notícias em um jornal” exerce papel de resposta por ter função como um dos componentes do comportamento utilizado como perspectiva de exame. Se, no entanto, tal perspectiva tiver maior grau de minúcia, pode ser verificado que “ler notícias em um jornal” é também um sistema de relações entre classes de estímulos antecedentes, uma classe de respostas e classes de estímulos consequentes. É portanto, potencialmente, também um comportamento (Kienen, 2008).

Mais um exemplo pode tornar as distintas “perspectivas” de exame possíveis em relação a um mesmo “recorte” de interações organismo-meio mais claras. Uma ocorrência específica de “fumar” pode consistir tanto em uma unidade de resposta, se for considerada somente a ação envolvida, quanto em uma unidade de comportamento, se além da ação do indivíduo forem também considerados aspectos do

ambiente como constituintes do processo a que o termo “fumar” se refere (como a chama necessária para acender o cigarro e a fumaça produzida pela ação). Já a utilização do termo “fumar” de maneira genérica referente não a respostas ou a comportamentos específicos de fumar, mas a quaisquer respostas ou comportamentos com características em comum que os caracterize como “fumar”, pode se referir tanto a uma “classe de respostas” – novamente se a referência se restringir a ações do indivíduo – ou a uma “classe de comportamentos” – caso aspectos do ambiente também forem contemplados.

Em ainda mais um grau de abrangência possível de analisar as interações organismo-meio, é possível identificar não apenas unidades e classes, mas *sistemas* de interações. Enquanto *classes de comportamentos* consistem em unidades de análise constituídas de classes de estímulos antecedentes, classe de respostas, classes de estímulos consequentes e classes de relações entre tais componentes, um *sistema de comportamentos* consiste em um conjunto de comportamentos que estabelecem relações ordenadas entre si. O critério delimitador de comportamentos que constituem um sistema é também funcional, do mesmo modo como de respostas que constituem uma classe de respostas e comportamentos que constituem uma classe de comportamentos. No entanto, é proposto que o que diferencia os conceitos de *classe* e *sistema* em exames de interações organismo-meio, seja que o que exerce função sobre o ambiente em um “sistema de comportamentos” seja o conjunto de comportamentos inter-relacionados como um todo. A ausência ou o acréscimo de uma classe de comportamentos pode ser suficiente à descaracterização de um sistema específico<sup>3</sup>.

Um tipo específico de “sistema de comportamentos” cujo conhecimento é divulgado na literatura da Análise do Comportamento é a *cadeia comportamental*. Caracterizá-la pode possibilitar identificar as características relevantes que definem um sistema. Cadeias de comportamentos são formadas por meio do desenvolvimento de função dupla de estímulos envolvidos em comportamentos do organismo: tanto função discriminativa quanto reforçadora (Skinner, 1953/2003; Millenson, 1967/1975; Sérgio et al., 2004). O fortalecimento das relações entre estímulos e uma resposta a partir da ocorrência de uma consequência reforçadora implica no desenvolvimento da função

---

<sup>3</sup> À exceção da delimitação do início e fim de cadeias comportamentais, em que os comportamentos considerados o primeiro e o último elos podem variar sem necessariamente haver comprometimento da função do sistema.

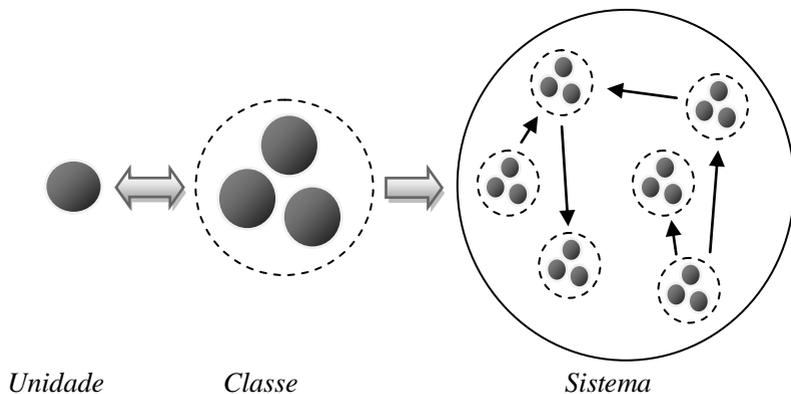
discriminativa à classe de estímulos a que pertence o estímulo que antecedeu a resposta reforçada. Isso significa que estímulos de uma mesma classe passam a sinalizar a alta probabilidade de que respostas (da mesma classe que a resposta reforçada) sejam seguidas de consequências reforçadoras (também da mesma classe que o estímulo reforçador apresentado como consequência ao comportamento originalmente desenvolvido).

O reforçamento de respostas de um organismo atribui aos estímulos antecedentes às respostas da classe de respostas reforçada mais que apenas a função discriminativa. Concomitantemente, os estímulos discriminativos tornam-se também reforçadores a qualquer resposta que os tenha como produtos (Keller e Schoenfeld, 1950/1971). A sinalização da possibilidade de reforço se torna um estímulo reforçador condicionado e é tal condição que favorece o desenvolvimento de cadeias comportamentais, quando comportamentos são sequenciados pelo fato de um produzir como consequência o estímulo discriminativo de respostas constituintes de outro comportamento. Nas circunstâncias em que o conjunto de comportamentos sequenciados constitui uma unidade funcional, trata-se de uma cadeia de comportamentos. É o caso do comportamento de “amarrar os sapatos”, por exemplo, no qual o produto final “cadarços amarrados” depende não de uma ação do organismo em relação a parcelas do sapato, mas diversas ações sequenciadas (girar um cadarço em torno do outro, puxar ambos os cadarços separadamente, fazer um laço com um dos cadarços, fazer um laço com o outro cadarço, girar ambos os laços em torno um do outro, puxar ambos os laços separadamente). Ou melhor, depende de diversos comportamentos sequenciados, uma vez que o recorte “estímulos antecedentes – resposta – estímulos consequentes” consiste em uma unidade de comportamento. Uma vez que comportamentos encadeados exercem em conjunto uma função sobre o ambiente, a depender do conjunto de comportamentos em exame, cadeias de comportamentos podem ser consideradas uma unidade de comportamento ou cada um de seus “elos” serem identificados e considerados as unidades em análise.

Do ponto de vista do que se propõe como definição de um “sistema de comportamentos” – um conjunto de comportamentos inter-relacionados que exercem, como um todo, uma função sobre o ambiente –, comportamentos encadeados constituem um tipo de sistema de comportamentos. A condição de desconstituição do sistema em casos de acréscimo ou remoção de um dos comportamentos do conjunto é, de maneira geral, também definidora de uma “cadeia de comportamentos”.

A depender, no entanto, da “posição” do comportamento “removido” ou “acrescido” dentre os demais “elos”. À exceção dos primeiros e últimos elos, a remoção dos demais acarreta na não ocorrência do estímulo discriminativo do comportamento seguinte e, conseqüentemente, no comprometimento da continuidade da cadeia. No entanto, cadeias comportamentais não consistem na única possibilidade de inter-relação entre comportamentos que caracteriza um sistema, mas uma de suas configurações possíveis.

*Sistemas de comportamentos*, portanto, compartilham entre si a característica de serem constituídos de comportamentos ou classes de comportamentos que estabelecem entre si relações específicas que os caracterizam, por serem condição ao exercício da função do sistema. A Figura 1.7 ilustra tanto a constituição de um “sistema de comportamentos” quanto sua relação com os conceitos instrumentais “unidade” e “classe”, quando usados como referência a interações de organismos com o ambiente. As duas primeiras imagens à esquerda representam novamente as definições de uma *unidade* e de uma *classe* de eventos, bem como sua variabilidade conforme o sistema em análise, representada pela seta bidirecional entre as imagens. A última imagem, à direita das demais, representa um “*sistema de comportamentos*”, constituído de classes de comportamentos, em relação às quais se pode tanto identificar comportamentos constituintes quanto propriedades das classes de eventos que os constituem.



**Figura 1.7.** Representação das relações entre “unidade”, “classe” e “sistema” de eventos.

As noções de *unidade*, *classe* e *sistema* utilizadas como conceitos instrumentais para tratar de interações de organismos com o ambiente servem à possibilidade de caracterizar tais interações em distintos graus de microscopia, conforme o que for de interesse a cada investigação ou intervenção. Comportamentos apresentados pelos organismos, embora tenham sido fragmentados teoricamente como unidade de análise, consistem em um recorte de suas inúmeras interações contínuas (Skinner, 1953/2003). Por meio dos conceitos em exame, é possível que o “recorte” seja realizado tanto mais microscopicamente, em exames de propriedades de comportamentos, como de modo mais abrangente, em exames de características de classes abrangentes de comportamentos ou de sistemas de comportamentos. Além disso, analisar o conhecimento produzido sob a perspectiva da Análise Experimental do Comportamento – ou qualquer outra área de conhecimento – em relação aos processos comportamentais envolvidos em um conceito utilizado e/ou definido por autores da mesma área requer levar em consideração que tais processos podem ser examinados em diferentes graus de microscopia. É por meio das noções de *unidade*, *classe* e *sistema* que as diferentes perspectivas de análise adotadas por autores podem ser identificadas e, ainda, se ao partirem da mesma perspectiva apresentam definições ou caracterizações divergentes, convergentes ou complementares.

### **1.5. Análise Funcional como recurso para caracterizar classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” conceitos na literatura da Análise Experimental do Comportamento**

*A – Conceitos divergentes em relação ao que consiste o recurso da Análise Funcional e a que fins pode servir*

Os conceitos de “comportamento” e de “contingências de reforço” podem ser utilizados como recursos à investigação de características de comportamentos referidas em proposições de autores acerca de conceitos. Sejam tais características apresentadas de modo explícito, sejam implicadas nas informações apresentadas. Ao mesmo objetivo também servem as noções de “unidade”, “classe” e “sistema”, a partir das quais a identificação de características de comportamentos se torna mais precisa e apropriada a cada objetivo. O desenvolvimento da Análise Experimental do Comportamento como área de conhecimento científico, no entanto, não é perceptível apenas pela formulação e

aperfeiçoamento desses conceitos e noções a partir das descobertas realizadas acerca de suas propriedades por meio de pesquisas experimentalmente controladas. Com base no conhecimento das variáveis que constituem comportamentos – e classes de comportamentos – e das características de contingências de reforço, foi desenvolvido o que é denominado “Análise Funcional”. Apesar de a seu respeito não haver definição e função consensuais entre analistas do comportamento, é empregada com fins tanto à investigação sistemática de relações entre aspectos do ambiente e ações do organismo quanto como recurso para intervenção direta em comportamentos, como no campo clínico de atuação (Tourinho, 2006b; Moskorz e cols., 2012).

Em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), Skinner apresenta uma proposição acerca do que concebe, à época, como “análise funcional”:

As variáveis externas, das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou funcional. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta é nossa variável dependente – efeito para o qual procuramos a causa. Nossas variáveis independentes – as causas do comportamento – são as condições externas das quais o comportamento é função. (pg. 28)

Dessa definição de Skinner, é possível compreender como aspecto nuclear da “análise funcional” a identificação das variáveis que exercem função em relação às características dos comportamentos dos organismos. Embora tal proposição explicita o aspecto nuclear do conjunto de procedimentos referido, mantém grau de generalidade alto. Diversos procedimentos podem ser realizados a tais fins e em diversas modalidades e campos de atuação (Silvares e Meyer, 2000; Neno, 2003; Tourinho, 2006b; Todorov, 2010). Quais relações entre as variáveis de comportamentos são identificadas, qual a natureza dessas relações e mesmo quais princípios embasam tal procedimento são aspectos ainda divergentes na literatura (Neno, 2003). Do mesmo modo como a quais objetivos específicos serve e se implica na exigência de controle experimental (Silvares e Meyer, 2000; Tourinho, 2006b).

Neno (2003) sistematizou a literatura da Análise do Comportamento em relação às definições e aos usos do termo “análise funcional” e tornou possível compreender parte da origem e as implicações das divergências. Assim como tornou evidente a necessidade de, ao utilizar o conjunto de procedimentos reunidos sob a

denominação “análise funcional” em processos de produção de conhecimento científico, explicitar a definição qual dos entendimentos possíveis da expressão é utilizada como embasamento. Originalmente, quando o conceito de comportamento operante ainda não havia sido desenvolvido por Skinner, o termo “análise funcional” ainda não envolvia o princípio da multideterminação de fenômenos e não abarcava a complexidade de relações implicada na noção de comportamento atual (Skinner, 1931/1961 apud Neno, 2003; Micheletto, 1995 apud Neno, 2003). Apenas a identificação das variáveis relacionadas à ocorrência da resposta constituía a análise funcional e era concebida como suficiente à explicação do comportamento, tal qual a identificação de variáveis em uma função matemática (Silvares e Meyer, 2000).

A partir da descoberta das relações operantes, analisar funcionalmente comportamentos passou a possibilitar a identificação das múltiplas relações entre os múltiplos componentes constituintes de comportamentos (Micheletto, 2000; Neno, 2003). Dada a grande quantidade de relações que passam a ser passíveis de identificação em quaisquer comportamentos com base no princípio da multideterminação de fenômenos (Botomé, 2001; Kubo e Botomé, 2008), surge a necessidade de delimitar quais delas devem ser identificadas por meio desse recurso, a depender do objetivo com o qual é utilizado. Mas mesmo com base nos produtos dos mesmos processos de desenvolvimento conceituais da área – como os conceitos de comportamento reflexo, comportamento operante, contingências de reforço, tipos de contingências de reforço, noção de classe etc. – proposições do que consista a “análise funcional”, bem como seus usos em processos de produção de conhecimento e de intervenção em fenômenos é distinto. Uma das divergências mencionada por Neno (2003) se refere justamente à delimitação de quais eventos devem constituir-la. Mais especificamente, se eventos da história passada dos indivíduos devem integrar a análise, considerando a função que exercem em relação a comportamentos presentes.

Meyer (1998) afirma que somente a identificação de relações entre as classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes não é suficiente para abarcar todas as informações importantes referentes às relações entre as ações do indivíduo e seu ambiente. O procedimento examinado pela autora com fins de contemplar os aspectos do comportamento é acrescentar na extensão do conjunto de procedimentos denominados “análise funcional” a descrição de eventos passados à ocorrência do comportamento e do que chama de “fatores disposicionais”. Neno

(2003) menciona a crítica de Owens e Ashcroft (1982) a respeito da restrição de variáveis consideradas na análise funcional, a qual corrobora a proposição de Meyer (1998). Aos autores, conceber a análise funcional somente como a identificação de variáveis atuais envolvidas no comportamento e nas relações estabelecidas entre tais variáveis a tornaria circunscrita somente a intervenções diretas e desvinculada dos princípios da Análise Experimental do Comportamento. Posicionamento contrário é apresentado em três das obras sistematizadas por Neno (2003): Haynes e O'Brien (1990 apud Neno, 2003), Jones e Owens (1992 apud Neno, 2003) e Sturmey (1996 apud Neno, 2003). Tais autores propõem que a análise funcional seja limitada à identificação de relações entre variáveis controláveis, observáveis e atuais.

Em relação à temporalidade, parece haver um pressuposto tanto na sistematização de Neno (2003) quanto na proposição de Meyer (1998) de que a inclusão de variáveis passadas na análise funcional consiste em mencionar o evento ocorrido ou o comportamento apresentado ao longo da história de aprendizagens do indivíduo. Dessa forma, é plausível a crítica de que sua inclusão represente um excesso de informações com pouca ou nenhuma utilidade, ao menos à intervenção direta em comportamentos. Não apenas com pouca utilidade, mas sua classificação como estímulos antecedentes às respostas do indivíduo requer avaliação, pois não necessariamente exercem função de estímulo. Nos casos em que não exercem tal função, mas ainda assim interferem nas relações que constituem o comportamento em análise, parece ser mais plausível considerar o produto de comportamentos previamente apresentados e o produto de comportamentos de “notar” eventos passados (também previamente apresentados) como estímulos antecedentes às respostas do comportamento.

Um exemplo com fins de esclarecimento pode ter utilidade: no lugar de considerar “agressão recebida do pai durante a infância” um estímulo antecedente do comportamento “evitar relacionamentos com homens”, seria mais apropriado considerar apenas os estímulos que efetivamente ocorrem atualmente, embora tenham relação com o evento passado. No caso, no lugar do evento ocorrido na história de vida do indivíduo, o evento “sentimentos notados após agressão recebida do pai durante a infância lembrados” pode consistir em um estímulo antecedente do comportamento atual e, ao mesmo tempo, conseqüente de outro comportamento apresentado. Entendido dessa forma, o estímulo antecedente mencionado é tanto atual quanto controlável. A

exigência de que seja observável, no entanto, é incoerente com os princípios do behaviorismo radical, que admite acesso diferenciado aos eventos privados – como é o caso da ação que exerce função de estímulo antecedente no exemplo – sem que isso consista em um limite para que seja considerado e tratado em uma análise funcional e em intervenções de analistas de comportamentos (Carrara, 2005; Skinner, 1953/2003; 1957/1978; 1974/2003; 1991; Botomé, 2001).

Silvares e Meyer (2000) complementam o exame de Neno (2003) em relação às divergências acerca dos diferentes entendimentos do recurso “análise funcional” e de diferentes utilizações do mesmo. As autoras examinam as análises compiladas por Sturmey (1996 apud Silvares e Meyer, 2000) acerca do termo e, dessas, ao menos quatro denotam conceitos e usos distintos, não apenas em relação à quantidade de eventos constituintes e determinantes de comportamentos a serem contemplados na análise funcional, mas acerca do próprio entendimento de qual seja a função do conjunto de procedimentos e quais suas características nucleares. Consistem em proposições em que a “análise funcional” é entendida como **(a)** com fins à identificação do *propósito* de comportamentos; **(b)** um recurso em que a descrição de variáveis correlacionadas é suficiente como explicação do comportamento; **(c)** “análise comportamental descritiva”, perspectiva da qual partem as autoras; **(d)** análise comportamental experimental; **(e)** ou como um recurso de intervenção.

À luz do conceito do desenvolvimento dos conceitos de “comportamento” e “contingências de reforço”, as duas primeiras concepções descritas podem ser examinadas como de alcance limitado por não abrangerem o grau de complexidade das relações que constituem e determinam comportamentos. Silvares e Meyer (2000) definem a proposição **(c)** “análise comportamental descritiva” como um recurso à explicitação das “contingências correntes que podem estar operando para manter o comportamento”. As variáveis mencionadas pelas autoras como as contempladas pela “análise funcional” de acordo com essa acepção são: respostas, classes de respostas, classes funcionais de estímulos consequentes, estímulos antecedentes e “processos que estabelecem um estímulo como reforçador, punidor ou que modificam o valor de um reforçador” (pg. 331), os quais consistem em operações estabelecedoras ou motivadoras. A acepção acerca de o recurso em questão consistir na **(d)** análise comportamental experimental, implica na exigência de que somente sejam reunidos sob sua denominação procedimentos experimentais que demonstrem as relações funcionais entre as variáveis independentes e o comportamentos sob exame. Por

fim, há ainda a possibilidade de que consista (e) em um recurso a ser utilizado em intervenções, constituído de condições para clientes identificarem as relações entre os próprios comportamentos e as variáveis ambientais das quais são função consista.

A partir da definição pormenorizada do conceito “comportamento” apresentada na sistematização de Botomé (2001), da definição de “contingências de reforço”, da descrição dos tipos de contingências de reforço (Keller & Shoefeld, 1950/1971; Skinner, 1969/1980; 1974/2003; Todorov, 1991; Catania, 1999; De Souza, 2000; Botomé e Kubo, 2006; Souza e Kubo, 2009) e das noções de *unidade* e *classe*, se torna possível compreender o alto grau de complexidade das variáveis envolvidas no fenômeno “comportamento”, como representado na Figura 1.5. Possibilita, ainda, compreender extensões possíveis do conjunto de recursos que configura a “análise funcional”. Por meio de tal conjunto, a depender da perspectiva de análise e dos objetivos da mesma, podem ser identificados os componentes que constituem um comportamento específico (os estímulos antecedentes, a resposta e os estímulos consequentes específicos), relações entre tais componentes, classes de componentes que constituem uma classe de comportamentos (classes de estímulos antecedentes, classe de respostas e classes de estímulos consequentes) e as classes de relações entre elas. Mais que isso, é possível ainda identificar quais as propriedades relevantes de cada um dos componentes que constituem um comportamento específico ou que constituem cada uma das classes de componentes, bem como precisamente os valores relevantes dessas propriedades e relações estabelecidas entre si.

A partir das classes de componentes identificadas e de relações entre elas, se torna possível, ainda, identificar que tipo de contingência de reforço o conjunto de relações configura: contingência de reforço positivo, de reforço negativo, de punição positiva, punição negativa ou de extinção.

### *B – Conhecimento produzido em Análise Experimental do Comportamento acerca de relações de controle de estímulos como complementação das possibilidades do recurso da Análise Funcional*

Além dos componentes de comportamentos mencionados por Botomé (2001) em sua sistematização da literatura acerca do conceito “comportamento”, que confere à análise funcional a possibilidade de alto grau de minúcia na identificação de características de comportamentos ou classes de comportamentos em análise, e dos

aspectos a que chamam a atenção Meyer (1998), Micheletto (2000), Neno (2003), Silvaes e Meyer (2000) e Tourinho (2006b), o conhecimento produzido acerca das distintas relações de controle de estímulos confere ao entendimento do conceito “comportamento” ainda maior precisão. Ao possibilitar distinguir as funções exercidas pelos estímulos pertencentes a classes de estímulos antecedentes às respostas de comportamentos, tal conhecimento estende também as possibilidades do conjunto de recursos reunido sob a denominação “análise funcional” e lhes provê como produtos possíveis ainda maior utilidade ao controle e previsão de interações do indivíduo com o ambiente. Trata-se do conhecimento desenvolvido a respeito de estímulos discriminativos, condicionais e contextuais (Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Skinner, 1953/2003; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Sidman, 1985; 1994; Lopes e Matos, 1995; Assis e Galvão, 1996; Matos, 1999; Catania, 1999; Assis et al., 2000; Sério et al., 2004; Costa, de Rose e de Souza, 2009).

À diferenciação das funções dos estímulos antecedentes, soma-se ainda extensa produção de conhecimento acerca dos “fatores disposicionais” mencionados por Meyer (1998) como interferências em comportamentos necessárias de serem consideradas em suas análises, denominadas “operações estabeledoras” (Da Cunha, 1995; Michael, 2000; 1993; 1982; Iwatta, Smith, Michael, 2000; Miguel, 2000; Laraway et al., 2003; Haydu, 2004; Rocha et al., 2010; Zazula e Haydu, 2011) ou “motivadoras” (Laraway et al., 2003). Considerar tais operações ao analisar comportamentos também aumenta o grau de utilidade das análises funcionais ao conhecimento, à previsão e ao controle de comportamentos, uma vez que são responsáveis por alterar o valor reforçador de classes de estímulos consequentes, bem como interferir na frequência de respostas que têm tais classes como consequência.

O desenvolvimento de conhecimento acerca do conceito de comportamento e especificamente de comportamento operante possibilitou identificar o alto grau de importância que possuem os estímulos consequentes apresentados após as respostas dos organismos. Graças à sensibilidade às consequências, herdada ao longo da história filogenética de suas espécies, os organismos passaram a apresentar comportamentos adaptativos que aumentaram a probabilidade de sua sobrevivência, assim como tais comportamentos se tornaram mais complexos (Skinner, 1981). Classes de estímulos antecedentes, por sua vez, são consideradas conjuntos de eventos constituintes de comportamentos em função de constituírem as relações entre as ações do organismo e aspectos do meio, mas por sua diferenciação também

apresentar vantagens à sobrevivência individual e da espécie (Sério et al., 2004). Ser sensível a determinados aspectos do ambiente confere organização e coerência aos comportamentos dos organismos, de modo que suas probabilidades de ocorrência diferem conforme a ocasião (Skinner, 1953/2003; Sério et al., 2004). Não fosse isso, as interações dos organismos com o ambiente seriam caóticas e as possibilidades de controlá-las e prevê-las seriam, no mínimo, bastante restritas.

O estabelecimento de relações de controle dos estímulos antecedentes em relação à ocorrência de determinada resposta se dá em função de uma história específica de reforçamento, na qual a resposta apresentada na presença de determinados estímulos foi seguida de reforçadores e não foi seguida de reforçadores em sua ausência (Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Skinner, 1953/2003; Millenson, 1967/1975; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Sidman, 1985; Lopes e Matos, 1995; Assis e Galvão, 1996; Matos, 1999; Catania, 1999; Assis et al., 2000; Sério et al., 2004; Costa, de Rose e de Souza, 2009). Disso decorre que os aspectos do ambiente diante dos quais a apresentação da resposta foi seguida de estímulos reforçadores passam a constituir uma classe de estímulos diferenciada, na presença da qual a probabilidade de o organismo apresentar respostas funcionalmente semelhantes é maior. Os estímulos que constituem a classe de estímulos antecedentes formada, portanto, passam a exercer controle sobre a ocorrência de respostas de uma mesma classe, uma vez que estabelecem a ocasião na qual serão, muito provavelmente, seguidas de estímulos reforçadores. As operações de “discriminação” por meio das quais tal tipo de diferenciação ocorre e cujo produto é a constituição de uma classe de estímulos “discriminativos” implicam em tais estímulos passarem a sinalizar a probabilidade de ocorrência de estímulos reforçadores após a apresentação de respostas de determinada classe.

Considerando ainda a complexidade do conceito de comportamento, apenas determinadas propriedades de eventos ou ainda apenas certos valores de tais propriedades podem se configurar nas classes de eventos com função discriminativa ao sistema de relações que constitui um comportamento (Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Sério et al., 2004; Botomé, 2001). São necessárias para tanto sequências de operações de “discriminação”, em que um evento é diferenciado dos demais aspectos do ambiente e estímulos da mesma classe passam a sinalizar a probabilidade de ocorrência de estímulos reforçadores; “generalização”, em que o efeito sinalizador do estímulo é estendido a outros aspectos com propriedades estruturais semelhantes e, como decorrência, há o aumento do tamanho da classe de estímulos com

função discriminativa; e “discriminação” novamente, em que o tamanho da classe é restringido pelo reforçamento diferencial contingente apenas a uma parcela dos eventos que previamente a constituíam. Tal parcela pode consistir exclusivamente em determinadas propriedades de eventos ou em valores específicos de tais propriedades.

Há por meio das operações de “discriminação” e “generalização”, portanto, a formação de classes de estímulos discriminativos cujo conhecimento é fundamental à previsão e controle de comportamentos. Mas há ainda outras especificidades de função de estímulos antecedentes que necessitam ser consideradas em análises funcionais e que lhes conferem ainda maior utilidade quando o comportamento ou a classe de comportamentos em análise forem constituídos de eventos com tais funções. Além da operação de “discriminação” de estímulos, há outra similar, porém mais específica. Há ocasiões em que a ocorrência de estímulos reforçadores após a apresentação de respostas na presença de determinados estímulos antecedentes (estímulos discriminativos) depende ainda de outros estímulos. Nesses casos, somente na presença desses determinados estímulos, que recebem o nome de “condicionais”, estímulos discriminativos exercem função. Em sua ausência, permanecem neutros, sem exercer controle algum sobre respostas da classe em relação à qual o controle discriminativo foi previamente estabelecido. A operação decorrente dessas características envolvidas no reforçamento das relações entre estímulos antecedentes, respostas e estímulos consequentes é denominada “discriminação condicional” (Catania, 1999; Matos, 1999; Sidman, 2000; Sidman, 2009; Sérgio et al., 2004). A operação de discriminação envolvida na formação de classes de estímulos discriminativos, por sua vez, passa a ser qualificada como “discriminação simples”.

O conhecimento produzido acerca desse terceiro tipo de operação relacionada à diferenciação de estímulos antecedentes às respostas do organismo possibilitou ampliar a noção de classe de estímulos antecedentes. Às operações de “discriminação simples” e “generalização” é acrescida a operação de “discriminação condicional” como responsável pela formação de classes de estímulos com funções de controle distintas em relação às respostas de uma classe. Além da relação de dependência entre estímulos estabelecida por tal tipo de discriminação, duas outras particularidades a caracterizam e conferem ainda maior complexidade à noção de classe de estímulos, bem como denotam a possibilidade de haver uma quarta operação envolvida nos processos de formação de classes de estímulos antecedentes. Estímulos

constituídos de propriedades estruturais distintas podem exercer a mesma função condicional em relação a uma classe comum de estímulos discriminativos. Como decorrência, por meio da operação de “equivalência”, ambos os estímulos que exercem função condicional passam a constituir uma classe de estímulos equivalentes, mesmo que tenham propriedades bastante distintas. Estímulos antecedentes a respostas de uma mesma classe, portanto, não necessitam ser estruturalmente semelhantes – condição ao pertencimento de estímulos em uma mesma classe formada exclusivamente pelas operações de “discriminação simples” e “generalização”. Desde que exerçam função condicional em relação a estímulos discriminativos, passam também a configurar uma mesma classe de estímulos que exerce controle sobre as respostas de uma mesma classe (Sério et al., 2004; Sidman, 2000; 2009; De Souza e De Rose, 2006; De Rose, 2005).

Uma terceira função possível de ser exercida por estímulos antecedentes às respostas que os torna pertencentes a uma mesma classe consiste na função *contextual*. Estímulos antecedentes que exercem tal tipo de controle consistem em estímulos “contextuais” ou “de contexto” e, ao tal função ser compartilhada por outros eventos do ambiente, tais configuram uma classe de estímulos contextuais ou de contexto. A relação de controle assim denominada consiste em um tipo de controle condicional de segunda ordem (Lopes e Matos, 1995; Assis e Galvão, 1996; Assis et al., 2000; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Sidman, 1994; Costa, de Rose e de Souza, 2009). No lugar de se tratar de um controle exercido sobre estímulos discriminativos ao comportamento do organismo – característica definidora de estímulos condicionais –, os contextuais exerceriam controle sobre estímulos condicionais. Uma das implicações relevantes da formação de relações de controle condicional de segunda ordem, conforme Assis e Galvão (1996) ao examinarem os resultados de pesquisas na área, é que tal relação possibilita que um mesmo estímulo seja membro de duas classes distintas, a depender dos estímulos contextuais presentes.

Conhecer as funções “discriminativa”, “condicional” e “contextual” que estímulos antecedentes podem exercer em relação às respostas do organismo e mesmo em relação ao papel de outros estímulos antecedentes possibilita compreender o grau ainda mais alto de complexidade a que podem chegar relações estabelecidas entre respostas de organismos e aspectos do meio<sup>4</sup>. Mais que isso, possibilita

---

<sup>4</sup> O conhecimento que tem sido produzido em pesquisas relacionadas à “Teoria dos quadros relacionais” acerca da formação de classes de estímulos em função

maior grau de minúcia a análises de comportamentos e classes de comportamentos, cujo produto é aumento da probabilidade de seu controle e previsão efetivos. Além de variáveis constituintes de comportamentos, como é o caso das classes de estímulos antecedentes em questão, interações dos organismos com o ambiente sofrem ainda interferência do fenômeno concebido no senso comum e em outras perspectivas da Psicologia como “motivação” – relacionado geralmente a faculdades mentais ou outras instâncias internas aos organismos. Segundo Michael (2000), tal fenômeno é analisado e examinado em Análise Experimental do Comportamento sob os termos “operações estabelecedoras” ou “motivadoras”. Mesmo sem exercer relações funcionais com as variáveis constituintes das interações, por promoverem alterações nos sistemas de relações entre estímulos do ambiente e respostas do organismo, consistem em aspectos relevantes de serem considerados em análises funcionais (Segura, Sanchez e Barbado, 1991).

A relevância de conhecer as características do que é denominado “operações estabelecedoras” ou “motivadoras” se dá por possibilitar ainda maior previsão e controle acerca das interações dos organismos com o ambiente. Ainda que sejam conhecidas e estejam sob controle todas as variáveis funcionalmente relacionadas às respostas de um organismo – o que é possível somente em tese, uma vez que o princípio da multideterminação de eventos e fenômenos dificulta um controle de tão grande alcance –, isso não garante que sejam apresentadas tais respostas subsequentemente à ocorrência de estímulos que adquiriram funções contextuais, condicionais e discriminativas no sistema de relações em questão. A não apresentação das respostas tampouco significa que necessariamente houve diminuição ou deterioração da força das relações estabelecidas entre os eventos do comportamento. Para compreender tal tipo de fenômeno em situações em que não há alteração na força de tais relações, Michael (1982; 1993; 2000) retoma o termo “operações estabelecedoras” cunhado originalmente por Keller e Schoenfeld (1950/1971) e utilizado por Millenson (1967/1975) e o redefine e propõe ao fenômeno a que se refere uma maior extensão (da Cunha, 1995; Miguel, 2000).

Keller e Schoenfeld (1950/1971) e Millenson (1967/1975) relacionam “operações estabelecedoras” ao que concebem como

---

de relações comuns de “desigualdades” é indicativo, ainda, de uma quinta operação responsável pela formação de classes de estímulos antecedentes (Hayes e Roche, 2001; Salzinger, 2003).

impulso (*drive*). Diferentemente de concepções tradicionais de impulso, no entanto, não se referem a nenhuma atividade interna autônoma dos organismos, mas a operações que podem ser realizadas em relação aos organismos e que interferem em seus comportamentos. Tal interferência se dá tanto em função de uma alteração momentânea que produzem na efetividade de eventos reforçadores – podendo não somente interferir em graus de seu valor reforçador, mas estabelecê-lo – e na frequência de comportamentos que têm a ocorrência desses eventos como consequência. Millenson (1967/1975), especificamente, apresenta duas categorias de operações “de impulso”: a privação como a responsável por estabelecer o valor reforçador de eventos e a saciação como a responsável por reduzir ou eliminar seu valor reforçador. Conforme Da Cunha (1995), embora Skinner não tenha utilizado o termo “operações estabelecedoras”, sua definição de motivação coincide com a de Millenson (1967/1975) por também se referir à privação e à saciação como as variáveis críticas do fenômeno assim nomeado.

Os eventos considerados “operações estabelecedoras” até então consistiam somente em operações incondicionais, filogeneticamente selecionadas e independentes de processos de aprendizagem ocorridos na história de vida do organismo. São exemplos as operações de privação e saciação de água, alimento, sono; alterações hormonais; e estimulações dolorosas (Haydu, 2004). A proposição de Michael (1982; 1993; 2000) e Laraway et al. (2003) envolve operações estabelecedoras incondicionais, mas acrescenta a possibilidade de ocorrência de operações estabelecedoras condicionais, cuja interferência no valor reforçador de determinados estímulos e o consequente aumento da frequência de respostas que os produzem dependam da história de processos de aprendizagem. Além disso, os autores também sugerem maior grau de importância às variáveis motivacionais, cujas características e implicações eram até os estudos iniciais de Michael (1982) pouco conhecidas e pouco consideradas em análises funcionais e intervenções. Condição alterada desde a primeira redefinição e ampliação do conceito proposta pelo autor, visto a quantidade de investigações científicas sobre o fenômeno desde então.

Considerando as contribuições dos processos de produção de conhecimento a respeito dos fenômenos a que o termo “operações estabelecedoras” se refere, suas características críticas não incluem somente o incremento de valor reforçador a estímulos consequentes de determinada classe e o aumento de frequência de respostas que têm tais estímulos como consequências. Também constituem o mesmo processo operações que diminuem o valor reforçador de estímulos consequentes

e, em função de tal tipo de alteração na efetividade de eventos reforçadores, diminuem a frequência de respostas produtoras de tais eventos. Haydu (2004) denomina tais possibilidades de “bidirecionalidade” dos efeitos das “operações estabelecedoras”, aspecto contemplado na proposição de Michael (1993) acerca dos quatro efeitos que as caracterizam: 1. *Estabelecedor* de reforçamento, referente à alteração momentânea do valor reforçador ou aversivo de estímulos de determinada classe; 2. *Evocativo/supressivo* de respostas que tenham como consequência os estímulos da classe cujo valor reforçador ou aversivo foi alterado; 3. *Evocativo/supressivo* em relação aos estímulos discriminativos, relacionado à alteração na efetividade de sua função discriminativa em relação às respostas que produzem as consequências cujo valor foi também alterado; e, por fim, 4. *Efeito sobre o reforçamento ou punição condicionada*, referente à alteração no valor reforçador ou aversivo condicionados, em função da alteração dos eventos incondicionais em relação aos quais sua efetividade está relacionada (Miguel, 2000; Michael, 1982; 1993; 2000).

Ao revisar e examinar as proposições e críticas ao conceito de “operações estabelecedoras”, Laraway et al. (2003) identificam limitações à compreensão de sua extensão, justamente em função dos termos utilizados. O termo “estabelecedora” conduz ao equívoco de considerar somente eventos que aumentem ou estabeleçam o valor reforçador de estímulos e a frequência de respostas que os produzam. Embora o efeito “bidirecional”, mencionado por Haydu (2004), tenha sido considerado na proposição de Michael (1993), uma vez que autor se refere tanto ao incremento quanto à diminuição do valor reforçador ou aversivo de estímulos, Laraway et al. (2003) alegam que a manutenção de uma terminologia que enfatize somente uma das possibilidades do processo induzem tanto a erros quanto à minimização dos efeitos de operações com efeito “abolidor” de reforçamento. Em seu lugar, propuseram que passasse a ser usado o termo “operações motivadoras”, de modo que não houvesse ênfase somente a uma parcela de graus de seus efeitos, mas a todos os graus possíveis de alterações provocadas por operações dessa natureza. Circunscritos sob o conceito estariam tanto o “efeito estabelecedor”, relacionado ao aumento do valor reforçador de consequências, quanto o “efeito abolidor”, relacionado à diminuição desse valor.

Assim como o conhecimento acerca das características das funções “discriminativa”, “condicional” e “contextual” passíveis de serem exercidas por estímulos antecedentes às respostas dos organismos serve ao aumento da minúcia e precisão de análises funcionais e,

consequentemente, das probabilidades de previsão e controle de comportamentos, o mesmo pode ser alegado em relação ao conhecimento a respeito das “operações motivadoras”. Tais contribuições podem ser consideradas especificamente em relação a processos de conhecimento acerca das características de classes de comportamentos referidos em proposições acerca de conceitos na literatura de uma área de conhecimento, como é o caso do conceito “Eu” utilizado em obras da Análise Experimental do Comportamento. Tornam possível identificar, dentre as proposições dos autores acerca de estímulos antecedentes dos comportamentos mencionados, se há menção às funções específicas que exercem tais estímulos no sistema de relações que constitui o comportamento e quais são elas. Possibilitam, ainda, identificar a ocorrência de lacunas em componentes propostos.

*C – Recurso da Análise Funcional de comportamentos com fins à produção de conhecimento científico acerca das características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” na Análise do Comportamento*

Considerar a diversidade de entendimentos existentes em relação ao que consista o conjunto de procedimentos reunidos sob a denominação “Análise Funcional”, bem como a que fins pode servir, denota a relevância de ser explicitada a perspectiva de que partem processos de produção de conhecimento científico – bem como processos relacionados às outras modalidades possíveis de atuação profissional. Somar aos avanços dos conceitos “comportamento”, “contingência de reforço”, do conhecimento acerca dos tipos de contingências de reforço e às noções de “classe” e “unidade” o conhecimento acerca das diferentes funções passíveis de serem exercidas por estímulos antecedentes a respostas de um comportamento e o conhecimento acerca das interferências das “operações motivadoras” sobre a ocorrência e as características de comportamentos, dispõe instrumentos conceituais ao analista de comportamento que podem subsidiar análises funcionais com alto grau de minúcia e precisão. Especificamente à identificação de características de classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu”, sob as condições descritas, é possível por meio do recurso “análise funcional” identificar classes as classes de componentes representadas na Figura 1.8. Tal consiste em uma representação de um exemplo da identificação das classes de componentes constituintes de uma classe de

comportamentos. A demarcação das funções das classes de componentes indicam também as características das classes de relações existentes entre elas. Embora o exemplo se refira à análise funcional de uma *classe* de comportamentos, o mesmo conjunto de procedimentos pode ser realizado com fins à identificação de componentes de uma ocorrência específica de um comportamento.

CLASSE DE COMPORTAMENTOS				
OM: - evento com função de operação motivadora				
Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- valor da propriedade relevante da classe de estímulos contextuais <i>a</i>	- valor da propriedade relevante da classe de estímulos condicionais <i>b</i>	- valor da propriedade relevante da classe de estímulos discriminativos <i>c</i>	- classe de respostas constituída de determinadas propriedades relevantes e determinados valores relevantes dessas propriedades	- valor da propriedade da classe de estímulos consequentes <i>d</i>

**Figura 1.8.** Ilustração da explicitação das classes de componentes constituintes de classes de comportamentos e das relações entre elas, considerando as funções discriminativa, condicional e contextual passíveis de serem exercidas por estímulos antecedentes, operações motivadoras, classes de respostas e classes de estímulos consequentes que constituem uma análise funcional de uma classe de comportamentos.

Além de possibilitarem identificar possíveis classes de componentes constituintes de classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito e, a partir delas, a ocorrência de lacunas em classes de componentes, as contribuições das características dos procedimentos reunidos sob a denominação “análise funcional” se estendem, ainda, à possibilidade de propor classes de componentes que

supram tais lacunas em relação às quais nenhuma ou apenas algumas parcelas são conhecidas (Tourinho, 2006b; Todorov, 2010). À identificação das características dos processos aos quais o conceito “Eu” se refere e também ao exame da coerência entre proposições embasadas na Análise Experimental do Comportamento relacionadas a tal conceito, analisar funcionalmente consiste, portanto, em procedimento útil. Assim como à proposição de novas características a partir das descobertas apresentadas nas proposições em exame.

Nesse âmbito de atuação, é necessário ao pesquisador o controle das variáveis envolvidas no processo de produzir conhecimento (Botomé, 1997), o que, nesse caso, não envolve controlar as variáveis constituintes do fenômeno referido pelo conceito “eu”, no caso de os materiais acessíveis serem documentos a respeito do fenômeno, e não sua ocorrência. Isso não implica diminuição no grau de controle das variáveis, mas envolve a interpretação como ferramenta de proposição de classes de componentes de classes comportamentos alicerçada nos conceitos base analítico-comportamentais. A validação das proposições, no entanto, somente é possível por meio de controle experimental das variáveis dos comportamentos analisados e verificação da ocorrência das relações propostas (Botomé e Kubo, 2008).

Fenômenos cujo conhecimento é ainda parcial ou cuja própria existência é colocada em questão, mas são abordados na literatura por meio de conceitos – como é o caso do conceito “eu” – podem ter sua constituição parcialmente conhecida (ou parcialmente negada) a partir da análise funcional de classes de comportamentos identificadas nas proposições de autores, sendo necessária uma posterior verificação experimental para que tal conhecimento tenha validade científica. Para comparar e avaliar a coerência entre proposições de diferentes autores embasados em um mesmo sistema explicativo acerca do mesmo conceito, no entanto, os dados obtidos a partir de uma coleta de dados por meio de análises funcionais exclusivamente a partir de obras parece ser pertinente. Tal utilização do recurso da “análise funcional”, embora não consensual entre analistas de comportamento, como salientam Silves e Meyer (2000) e Neno (2003), é defendida por Tourinho (2006b), Todorov (2010) e, como é possível sugerir a partir do exame de importantes proposições de Skinner (1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; 1991), também pelo próprio autor.

Dada a complexidade de relações passíveis de serem identificadas em comportamentos e à variabilidade de condições disponíveis à sua identificação, os procedimentos a serem utilizados para garantir o atendimento ao princípio científico da experimentação

não são fixos. Tourinho (2006b) enfatiza a proposição de Skinner (1945) acerca tanto da experimentação quanto da interpretação como métodos válidos de investigação do comportamento, desde que a interpretação esteja subordinada aos conceitos desenvolvidos experimentalmente na área de conhecimento da Análise do Comportamento. Para Tourinho (2006b), ambas as possibilidades caracterizam a análise funcional e viabilizam sua utilização em qualquer âmbito de atuação profissional do psicólogo, embora difiram em relação ao alcance e ao status conferidos aos produtos da utilização do conjunto de procedimentos.

Acerca da pertinência de analisar funcionalmente comportamentos de modo não experimental, Todorov (2010) examina a própria produção de Skinner e destaca a grande quantidade de proposições do autor embasadas apenas na interpretação como meio de conhecer. Conforme o exame do autor, Skinner também destaca a importância de extrapolações de dados obtidos em laboratório a fenômenos em relação aos quais o controle de variáveis dependentes e independentes é de difícil realização considerando o avanço do conhecimento e da tecnologia em dada época. A exemplo de capítulos importantes do livro *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e do livro *Contingências de Reforço* (1969/1980), em que Skinner não apresenta dados empíricos como embasamento de suas conclusões, mas extrapola o alcance de princípios do comportamento verificados experimentalmente em situações circunscritas, Todorov (2010) argumenta a favor do progresso que tal procedimento de conhecer proporciona. Ainda que posterior verificação se faça necessária, é condição para ampliar as contribuições do conhecimento produzido pela área da Análise Experimental do Comportamento para a análise e avaliação de fenômenos cujas variáveis têm ainda baixo grau de controle.

## **1.6. Relação entre fenômenos atribuídos tradicionalmente à “Subjetividade” e o comportamento verbal**

Identificar características de quaisquer interações entre indivíduos e o ambiente por meio do instrumental da Análise Experimental do Comportamento carrega consigo o estigma histórico de simplismo e superficialidade atribuído aos conceitos que configuram tal área de conhecimento (Skinner 1974/2003; Carrara, 2005), em função de uma diversidade de aspectos. Um deles reside na vinculação aos behaviorismos clássico e metodológico, movimentos filosóficos

anteriores ao Behaviorismo Radical que sustenta a Análise Experimental do Comportamento e em relação aos quais apresenta divergências importantes. Dentre elas, inclui-se o modo como os eventos privados são concebidos e tratados. Ao contrário das demais concepções filosóficas, o Behaviorismo Radical inclui os eventos privados como constituintes do comportamento dos organismos e os considera passíveis de serem conhecidos por uma ciência do comportamento, mesmo se inacessíveis à observação direta (Skinner, 1953/2003; 1974/2003; 1957/1978; 1991; De Rose, 1982; Silva e Banaco, 2000; Carrara, 2005). Embora a legitimação de tais eventos como objetos de estudo e intervenção consista em um marco distintivo do embasamento filosófico da área de conhecimento em questão, suas proposições referentes a fenômenos caracterizados pelo alto grau de privacidade e tradicionalmente atribuídos a uma instância mental ou subjetiva são criticadas. Uma das críticas é de que não abranja a complexidade inerente a tais fenômenos.

Como qualquer área de conhecimento, mesmo aquelas embasadas nos princípios da ciência (Botomé, 1997; Botomé e Kubo, 2008), não é possível afirmar que o conhecimento por meio dela produzido consista na “verdade” acerca dos fenômenos nem que se encontre finalmente desenvolvido. Desde que sejam descobertas novas relações entre eventos, o conhecimento proposto pode ser superado e é esperado que o seja. Ainda, outras formas de conhecer – como o senso-comum, a arte, religião, filosofia etc. – podem relativizar ou mesmo superar os próprios critérios de verdade a partir dos quais conclusões são apresentadas como conhecimento. De todo modo, a Análise Experimental do Comportamento oferece uma extensa produção acerca de fenômenos tradicionalmente relacionados e atribuídos à subjetividade humana, a partir dos quais partem processos de produção de conhecimento na área. É o caso de pesquisas relacionadas ao conceito “Eu”, conceito não somente vinculado à subjetividade humana, mas por vezes, inclusive, confundido com ela.

De um ponto de vista comportamental, a concepção tradicional de “subjetividade” e a forma como tal “instância” – é comumente considerada – é tratada pelo senso-comum ou mesmo por outras áreas de conhecimento é criticada sem que a introspecção, como via de acesso, seja negligenciada nem que um mundo imaterial seja proposto (Skinner, 1953/2003; 1957/1978; 1969/1980; 1974/2003; 1991; Silva e Banaco, 2000). De acordo com Skinner (1974/2003), a concepção mentalista amplamente difundida na cultura ocidental, concebe o comportamento do ser humano como função de suas características internas, de sua

mente ou subjetividade. Esse pressuposto está implicado em uma quantidade tão extensa de interações dos indivíduos no dia-a-dia que, a um olhar desavisado, pode ser de difícil identificação. Ao considerar legítima a existência de hábitos, inteligência, virtudes, intenções, ídolos, propensões, ideias, responsabilidades, lembranças, necessidades, ansiedade, energia psíquica, escolhas, desejos, propósitos, doenças mentais etc. como fenômenos independentes de relações estabelecidas com ambiente, por exemplo, afirma-se também acerca da validade das causas internas e existência de uma instância subjetiva.

Para fugir às explicações mentalistas ou internalistas do comportamento humano, proposições da Análise Experimental do Comportamento acerca de fenômenos denominados “subjetivos” os concebem – assim como todos os fenômenos psicológicos – como complexas relações funcionais entre respostas do organismo e estímulos do ambiente. Como comportamentos, portanto, e, conseqüentemente, como fenômenos independentes de qualquer entidade interna com status causal. A definição do conceito “Eu” como uma instância interna e causadora dos comportamentos dos indivíduos, a partir desse entendimento, perde seu sentido. Em lugar do que é concebido como “subjetividade” são identificados os comportamentos a partir dos quais o conceito muito provavelmente foi formulado e em função dos quais se mantêm em uso, bem como as contingências determinantes e mantenedoras de tais comportamentos.

Há, no entanto, uma distinção – a princípio apenas didática – entre os fenômenos que historicamente foram circunscritos sob o conceito “subjetividade” e seus derivados, como “mente”, “eu”, “personalidade” etc., que lhes confere um tratamento especial também a partir da perspectiva da área. Não apenas em função de um movimento de “defesa” em relação às críticas que recebe, nem como um meio de demonstração de sua distinção filosófica em relação às proposições embasadas no behaviorismo clássico e metodológico ou mesmo em relação às proposições que partem do princípio da existência de uma vida subjetiva. Tal distinção se refere ao fato de as variáveis críticas dos comportamentos referidos pelos conceitos em questão serem inobserváveis publicamente e de tal privacidade implicar distinções de acesso e desenvolvimento em relação aos demais fenômenos e, ainda, em relação às possibilidades de seu controle. Compreender a proposição analítico-comportamental a respeito dos fenômenos considerados “subjetivos”, portanto, requer identificar de que forma são concebidos e tratados os “eventos privados” nessa área de conhecimento.

Acatar a existência de “estados internos” não equivale a tratá-los do mesmo modo como em perspectivas mentalistas ou subjetivistas. Há uma distinção fundamental relacionada à maneira como esses “estados” são entendidos a partir de um referencial analítico-comportamental e as decorrências dessa “compreensão” para o conhecimento sobre o comportamento humano, uma vez que no lugar de explicações sem referência às relações com o meio produtoras desses “estados”, tais relações são evidenciadas. Em *O Autoconhecimento na Psicologia Comportamental de B. F. Skinner* (2006), Tourinho apresenta a discussão da privacidade realizada por Skinner, a qual tem como um objetivo claro a negação de qualquer condição distintiva entre eventos internos e externos. Skinner (1953/2003, 1957/1978; 1969/1980; 1974/2003; 1991) considera físicos tanto os eventos “externos” como os “internos” ao organismo, o que elimina uma perspectiva de dualismo ontológico do comportamento humano.

Além da natureza dos eventos, em favor de uma ciência do comportamento que possibilite previsão e controle do mesmo, Skinner (1945) atribui a funcionalidade dos comportamentos como critério de verdade, tendo a topografia (observável) um papel secundário. Com tal proposição, deixa de haver necessidade de um critério de concordância – como no behaviorismo metodológico – para considerar fidedigna a ocorrência de um fenômeno, o que confere aos eventos não observáveis condição de serem estudados cientificamente (De Rose, 1982). Dessa maneira, mesmo que em diversos momentos tenha preferido prescindir a esse segundo elo da cadeia ambiente – eventos privados – comportamento observável, Skinner garante legitimidade ao estudo científico de eventos privados, sem atribuir a eles status de causalidade, e propõe uma perspectiva científica para fenômenos a eles relacionados (Skinner, 1974/2003; Tourinho, 2006).

Sob a circunscrição do conceito “eventos privados” está uma pequena parcela do universo que se encontra sob a pele dos organismos – portanto, *interna*. Essa parcela inclui respostas encobertas, emitidas em escala com graus tão diminutos que não podem ser observadas por outros (como o “responder reflexivo”), e estímulos privados, gerados pelo próprio corpo da pessoa (como o aumento da temperatura corporal associado ao rubor da face) e que afetam somente o próprio organismo (Skinner, 1953/2003). Banaco (1999) alerta ao fato de ser recorrente entre estudos da Análise do Comportamento o uso do termo “comportamento encoberto”. O que é encoberto, no entanto, são eventos componentes do comportamento (respostas ou estímulos), enquanto o comportamento é um complexo conjunto de relações entre ações do

organismo e aspectos do meio dentre os quais há eventos “abertos”. Do mesmo modo como eventos “abertos” e observáveis podem ser analisados, o mesmo se aplica aos eventos privados, cuja designação “privacidade” pode ser, inclusive, circunstancial (Simonassi, Tourinho e Silva 2001). Coerentemente com uma perspectiva anti-mentalista do comportamento humano, portanto, eventos privados são considerados em análises funcionais como qualquer outro evento que faça parte de um fenômeno psicológico (Skinner, 1953/2003; Banaco, 1999; Simonassi, Tourinho e Silva, 2001).

Resta compreender o modo como são tratados os eventos privados pela área de conhecimento em questão. Uma vez que não é a topografia da resposta que garante acesso a eles, de que maneira consistem em objetos de uma ciência? A via de acesso a eventos privados é direta somente ao próprio indivíduo, mas seu acesso é possível aos demais de maneira indireta por meio de relatos verbais (Simonassi, Tourinho e Silva, 2001), aspecto que confere ao comportamento verbal alto grau de relevância à compreensão dos fenômenos designados à subjetividade. Não apenas por consistir no meio de tornar conhecidas aos outros as características dos eventos privados a um indivíduo, mas principalmente por possibilitar a ele próprio a diferenciação da parcela privada de seu organismo, tanto dos estímulos privados quanto das respostas encobertas.

Estímulos privados somente se tornam diferenciados graças às contingências de reforço oferecidas pela comunidade verbal a respostas que ocorrem inicialmente sob controle de estímulos públicos e, gradativamente, passam a ocorrer sob controle parcial dos estímulos privados concomitantes aos públicos (Skinner, 1945; 1957/1978; Moore, 2001 apud Tourinho, 2009). Um exemplo pode ser citado com fins de esclarecimento: ao observar que seu filho responde prontamente à apresentação de comida (uma resposta observável), os pais provavelmente dirão que ele “está com fome” e o ensinarão a apresentar o auto-relato “estou com fome”. Concomitantemente à resposta de comer prontamente, no entanto, há estímulos privados – como a sensação de “estômago vazio” – acessíveis somente à criança que passam a exercer controle sobre o auto-relato, primeiramente sob controle de aspectos unicamente públicos de seu próprio comportamento.

Respostas com formato encoberto, por sua vez, são desenvolvidas primeiramente em formato aberto para, a depender das contingências em vigor, serem então apresentadas em uma “escala reduzida” até um nível inobservável aos demais (Skinner, 1953/2003;

1974/2003; 1968/1972). O tipo de contingência responsável pela determinação do grau dessa escala de observabilidade seria o “social”, relacionado à comunidade em que os indivíduos estão inseridos e que confere aprovação e reprovação a seus comportamentos. Conforme Tourinho (2009), aqueles cuja forma aberta é reprovada socialmente passam a ser apresentados com respostas encobertas. Sua diferenciação aos demais e ao próprio indivíduo também se dá por meio das condições oferecidas pela comunidade verbal: descrições da forma aberta das respostas passam a ocorrer também sob controle das formas encobertas.

Mas e quanto ao desenvolvimento das respostas verbais referentes aos eventos encobertos? Se tais eventos podem ser acessados por meio do relato verbal a seu respeito, é necessário compreender a origem de tal repertório. Da mesma forma como há pouco esclarecimento sobre as relações entre os aspectos do ambiente e os fenômenos comumente concebidos como “subjativos”, essa difundida concepção pode embasar a compreensão de que respostas verbais sobre eventos privados se refiram a “estados internos” que prescindem ao estabelecimento dessas respostas em relação com o meio (Skinner, 1957/1978; Skinner, 1974/2003; Silva e Banaco, 2000; Sérió et al., 2004). Dada a relevância do comportamento verbal à diferenciação dos eventos que ocorrem internamente ao organismo e de acesso direto somente ao próprio indivíduo, caracterizar a proposição embasada na Análise do Comportamento acerca dessa categoria específica de comportamentos parece necessário para compreender a extensão e implicações de tal proposição.

Skinner (1957/1978) apresenta uma concepção a respeito das interações verbais dos indivíduos que difere do modelo explicativo tradicional de linguagem, no qual significados, ideias, imagens, informações ou correlatos são considerados determinantes das expressões verbais. Conforme o autor, considerar que respostas verbais tenham significados induz ao erro de conceber a independência desses em relação ao uso aprendido de palavras e frases, como se a expressão verbal servisse simplesmente à comunicação de significados inerentes às palavras. Por meio de tal raciocínio, então, palavras utilizadas como menção a uma entidade interna pressuporiam a existência de tal entidade. Não somente sua existência, mas sua independência em relação aos aspectos do ambiente. É o que ocorre com o conceito de “Eu”, comumente compreendido como uma entidade interna e originadora dos comportamentos do indivíduo, cujas características não sofrem interferência do ambiente.

Skinner (1957/1978) propõe – e Sérgio et al. (2004), Passos (2003), Silva e Banaco (2000), entre outros, corroboram – que o que é chamado de linguagem se refira a comportamentos operantes e por isso os denomina de comportamentos verbais e cada uma de suas unidades de “unidade funcional”. Tais expressões são mais apropriadas à denotação de que consistem em interações funcionais entre respostas dos indivíduos com aspectos do ambiente, não independentemente dele. A partir dessa perspectiva, se torna possível descrever e identificar padrões de comportamentos verbais e identificar as variáveis das quais são função. Além disso, perde sentido a concepção acerca de um significado – ou correlatos – inerente às palavras e expressões. Não há necessariamente um referente ou um significado em relação ao qual respostas verbais se referem, uma vez que sua apresentação ocorre em função de contingências de reforço como quaisquer outros comportamentos. A uma perspectiva comportamental, o “significado” equivale – embora a expressão seja avaliada como desnecessária – às variáveis que exercem controle sobre as respostas verbais. Em nenhum outro “lugar” (Sérgio et al., 2004; Skinner 1957/1978).

Embora compartilhe com os demais comportamentos operantes a sensibilidade das respostas ao reforço, bem como as relações decorrentes estabelecidas entre as classes de respostas e classes de estímulos do ambiente, comportamentos verbais constituem uma categoria diferenciada. A particularidade que os define e confere tratamento diferenciado em relação aos demais consiste na função que outros indivíduos exercem em seu reforçamento e em suas classes de estímulos antecedentes. Trata-se de um tipo de comportamento desenvolvido e mantido por reforço mediado por outras pessoas, as quais são previamente preparadas para exercer tal papel (Skinner, 1957/1978; Sérgio et al., 2004). A função de tal comportamento, portanto, só pode ser estabelecida e exercida por intermédio de indivíduos de sua comunidade verbal. Na Figura 1.9 estão representadas as características básicas que constituem e definem comportamentos verbais, o que não inclui a topografia da resposta. Considerando tanto a função como critério unificador de respostas do organismo e aspectos do ambiente em um sistema de relações que constitui um comportamento quanto o aspecto “consequências mediadas por outras pessoas”, definidor de comportamentos verbais, perde sentido identificar apenas respostas vocais como verbais. Quaisquer interações podem ser consideradas verbais, portanto, desde que sejam caracterizadas pelos dois aspectos em questão.

<b>CLASSE DE COMPORTAMENTOS VERBAIS</b>		
<b>Classes de estímulos antecedentes</b>	<b>Classe de respostas</b>	<b>Classes de estímulos consequentes</b>
- classe de estímulos “audiência” (um ou mais indivíduos) previamente “treinada” a mediar reforçadores a respostas verbais - classe de estímulos discriminativos	- classe de respostas verbais	- classe de estímulos reforçadores apresentados por intermédio de outro(s) indivíduo(s)

**Figura 1.9.** Representação simplificada das características definidoras de comportamentos verbais.

A mediação exercida pela comunidade verbal apresenta papel de destaque ainda maior em relação a expressões verbais descritivas de fenômenos considerados privados, uma vez que é somente por seu intermédio que “estados internos” se tornam diferenciados dos demais eventos e passam a poder ser descritos pelo próprio indivíduo. A categoria formal de comportamentos verbais à qual pertencem comportamentos descritivos de tais estados – tanto de estímulos privados quanto de respostas encobertas – é a que Skinner (1957/1978) denomina “tato”. Tais comportamentos verbais são constituídos de respostas verbais apresentadas sob controle de um estímulo ou conjunto de estímulos antecedentes específicos não-verbais e de natureza física (um objeto particular, um acontecimento ou uma propriedade de objeto ou acontecimento) ou de relações entre estímulos, e seguidas por estímulos reforçadores apresentados pela audiência (Skinner, 1957/1978; Matos, 1991; Sérgio et. al, 2004). O tamanho das respostas verbais de tato pode ser variável, desde uma sílaba a um conjunto de palavras, desde que ocorram como uma unidade e tenha sido estabelecido controle de um estímulo (ou conjunto de estímulos) específico do ambiente sob a resposta verbal (Skinner, 1957/1978).

Sendo sociais as consequências reforçadoras dos comportamentos de “tato”, é a comunidade verbal quem seleciona respostas verbais auto-descritivas, e o faz por meio de reforçamento diferencial de respostas controladas tanto pelos estímulos públicos que estabeleceram sua ocasião, quanto pelos privados concomitantes. Além de selecionar as respostas auto-descritivas, o reforçamento diferencial possibilita a ocorrência da operação de discriminação em relação aos eventos privados que acompanham os públicos, o que é relevante à comunidade verbal por consistir em importante via por meio da qual “estados internos” dos indivíduos podem ser acessados (Matos, 1991).

Uma vez que cada resposta é considerada funcionalmente relacionada a um conjunto de condições que tornam sua ocorrência (mais) provável (Skinner, 1957/1978) – como quaisquer outros comportamentos –, respostas verbais passam a ser apresentadas na presença de estímulos que se tornaram discriminativos por indicarem a possibilidade de reforço à sua ocorrência, e não por nomearem seus referentes. Conhecer o processo de desenvolvimento e manutenção de determinada resposta verbal descritiva de um evento privado, portanto, permite compreender de que maneira tal evento se torna discriminativo e a qual consequência está relacionado. Bem como – e principalmente – identificar a ausência de referentes “internos”. Mesmo sem acesso direto aos eventos privados, é a comunidade, por inferência, quem provê as condições para a aquisição de relatos verbais sobre o próprio comportamento com propriedades encobertas, o que faz da “consciência” um produto social (Skinner, 1974/2003). Sem o “auxílio” do comportamento verbal, eventos encobertos não seriam identificados pelo próprio indivíduo e para os demais, nem mesmo fariam sentido por se manterem indiferenciados.

É a concepção funcional da linguagem proposta por Skinner (1957/1978) e mantida como um conceito base da área de conhecimento da Análise do Comportamento que possibilita identificar os equívocos tanto em concepções representacionais da linguagem quanto na consequente concepção de existência independente de uma entidade interna aos indivíduos. Além disso, e principalmente, também possibilita compreender na minúcia o papel da comunidade verbal no desenvolvimento dos fenômenos designados à subjetividade e na identificação desses fenômenos. Em relação especificamente ao conceito “Eu”, o conhecimento relacionado ao comportamento verbal pode servir ao questionamento da plausibilidade da existência de uma entidade interna referida por tal conceito e sustentada por uma concepção de linguagem baseada na concepção de “referência” – em

que termos necessariamente representam eventos existentes –, ou mesmo de propriedades internas ao organismo relacionadas ao conceito. Serve também para analisar as expressões verbais constituídas de tal termo e identificar sob controle de que aspectos são apresentadas e que tipo de consequências mantêm sua utilização.

### **1.7. Conceito “Eu” em Análise Experimental do Comportamento: indícios de aspectos distintos, graus de coerência e complementaridade entre as proposições apresentadas em diferentes obras da área, bem como de sua qualidade como subsídio a processos de produção de conhecimento e de intervenção nos fenômenos pelo termo referidos**

Considerar as relações entre o desenvolvimento – e constante aprimoramento – de um conceito em uma área (ou subárea) de conhecimento, os processos de produção de conhecimento nela envolvidos e procedimentos de intervenção em fenômenos com base em seus produtos (Staats e Staats, 1963/1973) implica em conferir alto grau de relevância à análise dos conceitos de tal área e dos graus de coerência com que são apresentados em diferentes proposições. Em relação especificamente ao conceito “Eu” apresentado em obras da Análise Experimental do Comportamento, a relevância é implicada também em função de o conceito se tratar de um aspecto fundamental que distingue a subárea ou tipo de conhecimento – em relação à Psicologia – dos demais. Precisar as características de processos a que se refere em diferentes proposições com embasamento comum (no Behaviorismo Radical) e examinar seus graus de coerência, portanto, são condições à utilização dos produtos da subárea ou tipo de conhecimento como fontes confiáveis de informação que subsidiem intervenções e processos de produção de conhecimento ou, ainda, à identificação de lacunas e aspectos a serem aperfeiçoados.

A concepção de senso-comum é presente mesmo em proposições de alguns tipos de conhecimento em Psicologia acerca de um “Eu” agente responsável pelas ações do organismo e iniciador delas consiste no “ponto de partida” das proposições de Skinner apresentadas em pelo menos três de suas obras: em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003) e *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991). Contrários a tal concepção, são apresentados pelo autor séries de argumentos a fim de

demonstrar os equívocos implicados em uma noção de “Eu” como iniciador dos comportamentos dos indivíduos, bem como decorrências danosas aos próprios indivíduos e à sociedade derivadas de tal noção, em variados graus. É o caso do obscurecimento produzido a respeito das relações entre as ações dos organismos e os aspectos do ambiente no qual se comportam.

Nas obras em que discorre sobre o conceito “Eu” (1953/2003; 1974/2003; e 1991), Skinner também apresenta o que considera consistir no que é referido como “Eu” e analisa, por meio dos conceitos instrumentais da Análise Experimental do Comportamento, classes de comportamentos cuja responsabilidade é atribuída ao “Eu” dos indivíduos – como os processos de auto-observação, autocontrole, autoestima e autoconfiança. Dada a proporção com que discorre sobre as características do processo que concebe como envolvido no conceito “Eu” e sobre os processos a ele relacionados, é razoável sugerir que a atenção que despende a esses últimos é maior que às características do que propõe como substituto à noção de um “Eu iniciador”. Consequentemente acaba por explicitar pouco ou com baixo grau de minúcia as características do processo que propõe.

No capítulo “O Eu” de *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), Skinner argumenta em favor de o termo “Eu” consistir, simplesmente, em um recurso linguístico que representa o que chama de um conjunto de “respostas unificadas” por sua função em relação ao meio. Com tal proposição, Skinner defende ser desnecessária qualquer explicação acerca do que seja o “Eu”, uma vez que não haveria um fenômeno a receber tal denominação e que tal conceito apenas equivaleria a determinadas respostas circunscritas por sua função. Não por isso desconsiderou proposições acerca de seu “significado” como fontes de informação, já que, segundo ele, analisá-las remeteria às contingências às quais organismos foram submetidos. Possibilidade embasada na premissa de que por meio de informações acerca de “padrões” de comportamentos dos indivíduos seja possível identificar características predominantes de variáveis que constituem os ambientes em que são desenvolvidos ou mantidos os padrões em questão. Examinar o conceito “eu” apresentado cotidianamente na cultura ou em proposições de outros autores, portanto, tinha para Skinner (1953/2003) serventia à identificação das condições ambientais que favorecem o desenvolvimento de características aos sistemas de respostas e o processo de atribuição desses sistemas a um agente por elas responsável.

Negar categoricamente a existência de uma instância “Eu” acarreta também questionamentos acerca de aspectos de conceitos como

“Personalidade” e proposições acerca do funcionamento “psíquico”, como os conceitos “Id”, “Ego” e “Superego” elaborados por Freud (citado por Skinner, 1953/2003). Considerando suas definições como fontes de informações acerca das contingências que determinaram sua formulação e utilização, Skinner (1953/2003) explicita que, estando as respostas dos organismos relacionados às condições ambientais que as antecedem e sucedem, suas características variam conforme varia o ambiente. Interações variadas do organismo com o meio ou consigo próprio – como as implicadas nos conceitos propostos por Freud (citado por Skinner 1953/2003) e no conceito de “personalidades múltiplas” –, portanto, não são indícios ao autor de que há distintas instâncias interagindo entre si no “psiquismo humano”, nem que há distintas personalidades das quais decorrem as ações aparentemente incongruentes entre si. Da observação de incongruências relativas, de modo geral, ao que um organismo faz, uma análise comportamental derivaria a identificação de sistemas distintos de respostas funcionalmente unificados. Distintos por suas propriedades, por serem controlados por aspectos diferentes do ambiente e por, neste, operarem produzindo consequências de diferentes classes. Por serem funcionalmente distintos. Examinar a relação entre aspectos do ambiente e seu efeito na probabilidade de sistemas de respostas dos organismos, portanto, consiste em alternativa à utilização do conceito “Eu” como agente iniciador de ações e torna desnecessário supor um agente comum responsável por todas as ações unificadas por tal agente, como uma “personalidade histórica” ou “obsessiva”, por exemplo. É tal tipo de exame que possibilita compreender que sistemas distintos de respostas podem, por serem controlados por aspectos distintos dos ambientes e neles operarem de formas distintas, coexistir num mesmo indivíduo, inclusive no mesmo ambiente (Skinner, 1953/2003).

Ao propor a ausência de um ou mais agentes responsáveis pelas ações e ao explicitar a possibilidade de um mesmo indivíduo apresentar diversos sistemas distintos de respostas funcionalmente relacionadas, Skinner (1953/2003) favorece, segundo seu próprio ponto de vista, a prevenção ou reparação de um erro lógico na história da Psicologia: confundir o nome atribuído a uma classe ou conjunto de acontecimentos com seus determinantes e, com isso, conceber entidades responsáveis pelas ações dos organismos, processo explicitado em *Treze Truques de Magia* (Robinson, 2003). Por evitar a ocorrência de tal equívoco por meio da proposição acerca de diversos sistemas de respostas determinados pelas características do ambiente, Skinner (1953/2003) também apresenta uma premissa à refutação da determinação absoluta

do comportamento por estruturas precocemente formadas ou pré-determinadas. O desenvolvimento de comportamentos depende das características das relações que são estabelecidas entre o organismo e o ambiente, e isso implica que possam ser estabelecidas em qualquer momento de suas vidas, desde que condições para tanto sejam oferecidas. Assim, padrões podem ser alterados sem necessitar de supostas estruturas de personalidade inferidas para explicar essas alterações. Não há para Skinner nenhum agente responsável e organizador dos comportamentos dos indivíduos, nenhum sistema único entre todos os comportamentos do organismo, nem mesmo estruturas que limitem suas possibilidades de interação: há relações entre o organismo e ambiente, cuja variação depende das relações funcionais estabelecidas entre o que é feito por um organismo em determinada circunstância e as consequências advindas desse fazer.

Afirmar que o desenvolvimento de sistemas de respostas funcionalmente unificadas depende das características das relações que são estabelecidas com o meio e, por isso, depende de suas características, consiste em ênfase às características das condições das quais sistemas de respostas decorrem. Apesar de consistir em contribuição ao esclarecimento dos determinantes e aspectos constituintes dos comportamentos, dá origem ainda a questões acerca das características desses processos que decorrem das relações estabelecidas entre o organismo e seu ambiente. As proposições que Skinner apresenta em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), portanto, definem o “Eu” como um sistema de respostas funcionalmente unificadas. Mas conceber um “sistema de respostas funcionalmente unificado” equivale a conceber o “Eu” como um processo comportamental constituído de comportamentos funcionalmente unificados? Em caso afirmativo, as asserções do autor contemplam as características do fenômeno assim denominado? Há características mais específicas nelas envolvidas? Correspondem com as proposições apresentadas pelo autor nas outras obras em que se propõe a discorrer sobre o termo “Eu”?

Em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003), Skinner apresenta no capítulo denominado “O Eu e os outros” proposições similares às que apresenta na obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003). Não utiliza a expressão “sistema de respostas funcionalmente unificado”, mas em oposição à noção de um “eu iniciador”, afirma que os “eus” consistem em repertórios de comportamentos cujas características são produtos da história de reforçamento à qual o indivíduo foi submetido. Dada a relação entre as características desses repertórios e as

características dos ambientes nos quais foram desenvolvidos e são mantidos, refere-se outra vez à possibilidade de diferentes repertórios coexistirem num mesmo organismo – ao que afirma serem as “personalidades múltiplas” apenas um exemplo extremo dessa ocorrência, já que o modo como os indivíduos se comportam é naturalmente variado conforme as particularidades dos ambientes. Ao se referir a tais circunstâncias, no entanto, equivale a “repertórios” o termo “pessoa”. A delimitação entre diferentes sentidos aos termos “eu” e “pessoa” não é clara e parecem ser utilizados como sinônimos.

Tal qual a declaração acerca de o que é denominado “eu” consistir em recurso linguístico para representar sistemas de respostas do organismo, ao considerá-lo equivalente a repertórios de comportamentos, Skinner (1974/2003) também retira do termo o status causal ao qual é associado. Invés disso, propõe que uma pessoa (termo avaliado como de uso equivalente a “eu” pelo autor) consista meramente em um “lugar”. Mais precisamente, onde “múltiplas condições genéticas e ambientais se reúnem num efeito conjunto” (pg. 145). Cabe questionar a que se refere tanto por meio do termo “lugar” quanto da expressão “efeito conjunto”. Por tratar-se do efeito das condições genéticas e ambientais, a partir dos conceitos da Análise Experimental do Comportamento não parece haver resposta se não os próprios comportamentos do indivíduo. O lugar seria simplesmente “onde” tais comportamentos ocorrem? Mais que se propor a descrever características do que seja o processo a que efetivamente o conceito se refere, com tal proposição Skinner parece investir na refutação da relevância do termo em questão, já que não discorre com maior precisão acerca do local no espaço em que efeitos de condições ambientais e genéticas são reunidos.

Nas interpretações que Skinner (1974/2003) apresenta em relação aos processos comportamentais envolvidos no conhecimento de si próprio e dos outros é possível inferir outros aspectos acerca do conceito do autor em relação ao termo “eu”. Ao afirmar que conhecer uma pessoa implica em simplesmente conhecer o que ela faz, fez ou fará e as variáveis determinantes de tais categorias de interações com o meio, o autor resume a pessoa em seus comportamentos, já que suas variáveis constituintes e determinantes consistem nos eventos a serem conhecidos. Trata-se novamente de uma definição da pessoa ou do eu como equivalente a um repertório de comportamentos, na qual não é cogitada a necessidade de um agente por eles responsável.

Por fim, há em um trecho referente à análise do processo de conhecer a si próprio referência a ao menos um aspecto mais minucioso

ao que Skinner (1974/2003) propõe como processo referido pelo conceito “Eu”. O autor examina a alegação de indivíduos que consideram conhecer melhor a si próprios que os demais e considera que o que lhes permite tal percepção de sua condição de conhecimento acerca de si não é o fato de identificarem com maior propriedade quaisquer características de seu repertório de comportamentos, mas especificamente os próprios sentimentos e os estados introspectivamente observados. Embora Skinner não afirme claramente que tais aspectos de repertórios de comportamentos consistam em suas propriedades nucleares, foram enfatizados entre os demais. Parece válido inferir que se não consistem nos aspectos definidores do processo a que o conceito “Eu” se refere na proposição do autor, tenham alto grau de relevância por terem sido destacados. Com tal acréscimo, a concepção de um “Eu” – que provavelmente seria melhor nomeado com outro termo – como um repertório de comportamentos ou ao local onde tal repertório ocorre recebe maior grau de minúcia. Tal repertório e/ou local é constituído de sentimentos e estados introspectivos ao indivíduo.

No capítulo “O Eu iniciador” da obra *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991), por fim, Skinner apresenta uma de suas últimas contribuições em relação ao conceito “eu” a partir de uma perspectiva comportamental. Diferentemente das obras anteriores, nessa Skinner propõe uma análise mais minuciosa tanto dos termos utilizados para designar os comportamentos dos indivíduos quanto dos processos relacionados a tais termos. O autor afirma que há três categorias de comportamentos individuais que são produtos de tipos diferentes de seleção: os propiciados pela seleção natural seriam os que configuram o *organismo*; os desenvolvidos por meio do condicionamento operante configurariam a *pessoa*; e os relacionados às características da cultura é que permitiriam o *eu*.

Enquanto definia os processos a que o conceito “eu” efetivamente se refere por meio da expressão “repertório de comportamentos”, Skinner (1974/2003) propunha uma delimitação abrangente de eventos da natureza que poderia ser utilizada como referência aos comportamentos derivados dos três tipos de seleção. A expressão “sistema de respostas funcionalmente unificado” (1953/2003), por sua vez, parece poder fazer referência ao menos às duas últimas categorias de comportamentos – ao se considerar a unificação das respostas como menção somente às ocorridas ao longo da história de vida dos organismos. Até tal estágio de desenvolvimento de suas análises do uso do termo “eu” e dos processos a que efetivamente se refere, os termos “pessoa” e “eu” que propunha pareciam

indiferenciados a um exame preliminar. Ao distinguir o “eu” como um produto da seleção cultural de comportamentos, Skinner pretende uma delimitação mais circunscrita das interações dos indivíduos que são reconhecidas como um “eu”.

Ao examinar a própria produção científica, Skinner (1991) afirma que na obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) utilizava o termo “eu” como repertório de comportamentos, modo como mais tarde definiria somente o termo “pessoa”. À distinção dos conceitos envolvidos por ambos os termos, o autor também propõe que repertórios de comportamentos (pessoas) podem ser observados pelos outros, enquanto o “eu” seria observado somente por meio dos sentimentos e da introspecção do próprio indivíduo. Chega a defini-lo como “o que a pessoa sente a respeito de si própria” (pg. 45) e como “uma condição corporal que acompanha o comportamento” (pg. 50). Considerando “si própria” como equivalente aos comportamentos do próprio indivíduo e sentimentos como uma condição corporal percebida por ele, Skinner estaria afirmando que o “eu” consiste na condição corporal que acompanha os comportamentos do indivíduo e é por ele percebida.

Skinner propõe ainda que o “eu” consista em “uma predisposição que acompanha estados internos” (pg. 44). Com tal afirmação, é possível considerar que o “eu” referido por Skinner não consista em qualquer condição corporal percebida pelo indivíduo como concomitante aos próprios comportamentos, mas mais especificamente uma condição que acompanha “estados internos”. Embora tais conjecturas se configurem como interpretações razoáveis a partir das afirmações do autor, uma análise minuciosa e com controle de variáveis acerca das características dos comportamentos envolvidos em suas asserções consistiria provavelmente em uma fonte de informações de maior relevância e utilidade à identificação do desenvolvimento do conceito “eu” apresentado nas obras de Skinner e na área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento de maneira geral, já que as características de comportamentos envolvidos em suas proposições são pouco exploradas. Bem como a processos de intervenção e de produção de conhecimento científico. O mesmo se pode afirmar em relação às proposições de Skinner nas obras *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003).

Como conceituam o mesmo termo outros autores com produção científica na área da Análise Experimental do Comportamento? Consideram que consista em mero recurso linguístico ou fazem menção

a características de um processo comportamental além do comportamento verbal? A partir do princípio de que coerência e complementação conceituais são aspectos cujo atendimento aumenta a confiabilidade e utilidade de uma área de conhecimento, em especial de um tipo de conhecimento, decorre a relevância de examinar se há nas proposições de outros autores em relação ao conceito “Eu” a indicação dos mesmos aspectos, se outros os complementam ou se as características indicadas diferem substancialmente das apresentadas por Skinner em suas distintas obras.

Em uma tentativa de relacionar as proposições de autores de diferentes áreas do conhecimento e tipos de conhecimento identificando suas características comuns, Pessotti (2008) sistematiza o que denominou “níveis de eu” ou “momentos de constituição da identidade pessoal (subjatividade)” (pg. 1). De acordo com a sistematização que apresenta, há cinco níveis de “Eu”: (1) Individuação; (2) Sistema singular de respostas; (3) Consciência da experiência; (4) Identidade narrativa; e (5) Ipseidade. Consistem em sínteses do que considera estágios de desenvolvimento de relações cada vez mais complexas entre o organismo e o meio no qual está inserido que são responsáveis pelo desenvolvimento de uma “condição”, “noção”, “sensação” ou experiência de “Eu” – conforme seu nível de desenvolvimento. Em que suas proposições acerca do conceito “Eu” se assemelham às de Skinner? As complementam em algum aspecto? Distinguem-se fundamentalmente em outros? Conhecê-las, juntamente às de outros autores, parece necessário para identificar os graus de coerência e complementação entre diferentes proposições realizadas sob a perspectiva da Análise do Comportamento acerca do conceito “Eu”.

*Individuação*, segundo Pessotti (2008), consiste em um processo definido fundamentalmente pela segregação entre o organismo e o mundo a fim de impedir a própria destruição. Para tanto, o organismo necessita de uma identificação dos estados do corpo e o faz por meio da criação e manutenção de fronteiras em relação ao meio, assim mantendo-se como diverso dele. Há já nesse nível de “Eu”, segundo o autor, no entanto, a possibilidade de parcelas do meio serem integradas ao organismo, bem como parcelas do organismo serem desconsideradas como parte dele. Desse processo de reconhecer porções do mundo como próprias ou estranhas decorre um modo de situar-se no mundo caracterizado por maior ou menor rigidez e permeabilidade ao que constitui o mundo e não a si. Pessotti deriva da caracterização desse “estágio” de “Eu” a identificação de que tal processo consistiu na base de diferentes “linhas de indagação” (pg. 2) na Psicologia: tanto da teoria

pavloviana acerca dos reflexos como recursos de sobrevivência (primitivos e condicionados), que deu origem à Análise Experimental do Comportamento, quanto de teorias acerca de tipologias psicológicas, que fundamentaram teorias da personalidade e da psicopatologia.

Uma vez assegurada a integridade do organismo, torna-se necessário mantê-la (Pessotti, 2008). Tal manutenção é proporcionada, segundo Pessotti, pelo segundo nível de “Eu”, o *Sistema singular de respostas*, caracterizado por interações do organismo com o meio a fim de evitar lesões e satisfazer as próprias necessidades, consideradas “um sistema de respostas espontâneo” adequado às necessidades particulares de cada organismo e selecionadas segundo sua eficácia. Propor “um sistema de respostas espontâneo” vai ao encontro do que Skinner considera consistir o conceito “Eu” em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) – termo sob o qual são circunscritos sistemas de respostas funcionalmente unificados –, ainda que a esse autor, consistissem em mero recurso linguístico. Com proposições similares, no entanto, Skinner se refere na obra em questão genericamente ao conceito “Eu” e Pessotti (2008) a um de seus estágios. No nível *Sistema singular de respostas*, segundo Pessotti, não são desenvolvidas respostas metabólicas ou reflexas do organismo, mas respostas selecionadas pelas consequências obtidas pela experiência individual dos organismos, que consiste justamente no processo de desenvolvimento de comportamentos operantes (Skinner, 1953/2003, 1969/1980; 1974/2003, 1991) ainda anteriores ao desenvolvimento da linguagem.

Embora com maior grau de precisão em relação ao que o termo “eu” delimita, o posicionamento de Skinner em *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991) de distinguir repertórios comportamentais selecionados filogeneticamente e por contingências de reforço daqueles decorrentes da seleção pela cultura, e de considerar somente os comportamentos derivados da seleção por contingências culturais aqueles correspondentes ao “eu”, é distinto do segundo estágio de “eu” proposto por Pessotti. Enquanto esse autor considera os comportamentos selecionados por consequências na história do organismo como constituintes de um segundo estágio de “eu”, Skinner em sua última proposição acerca do conceito em questão os designa à “pessoa”. Constituem o “eu” somente comportamentos selecionados pela cultura.

Além de relacionar as características das interações dos organismos com o meio caracterizadas como o segundo nível de “Eu” às proposições de Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991) acerca de comportamentos desenvolvidos na história do indivíduo e selecionados

segundo seus resultados, Pessotti (2008) ainda as considera base para proposições psicanalíticas. Relações estabelecidas pelo organismo em relação ao meio cuja função é a obtenção da satisfação das necessidades do organismo e evitação de danos a si, teriam, segundo o autor, sido a origem da ênfase freudiana à “busca do prazer como movente da ação e geradora de modos de existir” (pg. 4). Ao apresentar e analisar proposições diversas de Skinner e de Freud, Pessotti (2008) argumenta em favor de ambos fazerem referência ao mesmo processo, porém com termos distintos: ambos propõem que há um nível de relação do “Eu” com o mundo caracterizado por uma interação “operante” com o meio, mais que simplesmente um estabelecimento da distinção entre o que é próprio ao organismo e o que lhe é distinto. Ambos, com isso, propõem uma relação operante com o mundo e que, a partir disso, o organismo seja percebido tanto como parte do mundo quanto como um “Eu”. Ainda, é possível sugerir que ambos considerem biológicos os determinantes dos comportamentos no nível do *Sistema singular de respostas*: Skinner os atribui à genética quando se referia ao processo filogeneticamente adquirido pelos organismos e Freud a relações instintivas (Pessotti, 2008).

Trata-se de contribuição significativa de Pessotti (2008) à aproximação de duas linhas de investigação histórica e ontologicamente consideradas opostas, realizada por meio da proposição de processos comuns aos quais ambas se referem, mesmo que de modos distintos, e nos quais ambas teriam se fundamentado. Além de tal contribuição consistir em indício do alto grau de relevância de trabalhos de identificação de processos comuns descritos por abordagens distintas em uma mesma área de conhecimento serem desenvolvidos, confere também, e principalmente, maior grau de relevância à identificação de processos a que conceitos de um mesmo tipo de conhecimento se refere, já que tal etapa seria condição a uma investigação mais abrangente.

Uma vez considerado condição para o avanço e qualidade do conhecimento em Análise do Comportamento, o exame das proposições de distintos autores acerca do mesmo conceito implica em sua comparação e identificação de aspectos comuns, destoantes ou complementares. Pessotti (2008) destaca dentre as proposições de Skinner acerca do desenvolvimento de comportamentos operantes, sua consideração de não haver um “local” de registro das contingências no organismo, que seria simplesmente modificado por elas. Se o conceito “Eu”, para Skinner (1953/2003) consiste apenas em um recurso linguístico e não um “agente iniciador”, não haveria “instância” em que tal modificação pudesse ocorrer. Embora em *Sobre o Behaviorismo*

(1974/2003) Skinner propõe que o “eu” ou a “pessoa” consista no local onde as contingências se reúnem num efeito conjunto, tal asserção não equivale a considerar que nele as contingências sejam registradas.

Pessotti (2008) questiona, no entanto, a que mudanças no organismo Skinner se refere. Pergunta-se se sua proposição é de que o organismo seja uma “sede” de probabilidades que seriam alteradas conforme as contingências, no lugar de haver uma espécie de representação delas. Nesse caso, questiona a plausibilidade dessa noção proposta, já que não fica claro onde seriam exercidos os efeitos das contingências. Respostas às indagações suscitadas acerca do que Skinner concebe como constituinte do “Eu” e da sustentação de tal concepção podem ser favorecidas por meio de processos de investigação acerca das características dos processos a que as proposições de ambos se referem. Desse modo, responder acerca da sustentação da negação do “Eu” como agente causador de ações e como “local” registrado/modificado pelas contingências pode se tornar possível, bem como tornar mais claras possíveis complementações.

Como produto do advento da linguagem, o homem atingiria, conforme Pessotti (2008), o próximo nível de sua experiência de “Eu”, denominado pelo autor como *Consciência da Experiência*. Nesse estágio, além de interagir operativamente no ambiente por meio de um sistema organizado de respostas para a satisfação das próprias necessidades e para evitar ser lesado, o organismo também desenvolve a possibilidade de relatar as próprias sensações, sentimentos e pensamentos, o que o autor equivale à capacidade de conhecê-los. A partir do relato verbal acerca da própria experiência, sistemas de respostas do organismo passam a ser apresentados sob controle de estímulos verbais. Como consequência, o indivíduo passa a “experimentar-se” como sujeito do próprio comportamento, o que Pessotti equivale ao surgimento da *subjetividade*. Passa a sentir-se autor das próprias ações, escolhas e pensamentos (Pessotti, 2008).

Suas proposições suscitam alguns questionamentos: ao mencionar a interferência do relato da própria experiência em relação a outros comportamentos do organismo, estaria Pessotti sugerindo aos relatos algum grau de função de determinante em relação aos demais comportamentos? Refere-se à subjetividade como recurso verbal ou também como um processo comportamental além do comportamento verbal? Contraria em algum grau a perspectiva de Skinner ao propor aos relatos verbais algum grau de controle em outros comportamentos? Novamente, responder a tais questões torna-se possível mediante processo de caracterização de cada definição do conceito “Eu” e

descrição dos processos a que se referem, a partir do que já foi apresentado e examinado nas proposições de Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991) e de Pessotti (2008).

Uma vez capaz de relatar os próprios sentimentos, pensamentos e as próprias sensações, o indivíduo torna-se suscetível a “experimentar” um outro tipo de conhecimento, denominada por Pessotti (2008) de *Identidade Narrativa*. Nesse quarto nível de “Eu”, no lugar de perceber de maneira caótica a ocorrência de eventos na relação entre si e o meio, o indivíduo tem uma percepção de continuidade no tempo dos eventos internos e externos com que se relaciona e de uma identidade em suas narrativas desses eventos. Como decorrência, experimenta os eventos que percebe e relata como próprios e percebe a si próprio como protagonista de uma história única e coerente. Consiste, para Pessotti, no processo de *genuíno autoconhecimento, consciência de si ou autoconsciência*.

Para Pessotti (2008), portanto, relatar as variáveis que constituem o próprio comportamento e as variáveis das quais é função, por si, não consistiriam nos aspectos definidores do “Autoconhecimento”, como concebe Skinner (1953/2003). Tal processo decorreria do conhecimento da própria experiência, mas não seria equivalente a tal conhecimento por ser também caracterizado pelo sentimento de propriedade dos eventos e perceber-se como protagonista de uma história única e coerente. Trata-se efetivamente de um processo que constitui o “Eu”? De processo a ele distinto? Propor tal definição ao estágio *Identidade narrativa* é mais um aspecto que suscita questões acerca da coerência entre as proposições de Pessotti (2008) acerca do “Eu” e outras proposições de analistas do comportamento. Ou ainda, acerca da complementação que sua definição e descrição dos processos podem proporcionar, do ponto de vista de poder se constituir em exame mais microscópico do desenvolvimento do que é denominado de “Eu”.

Ainda que se trate de asserção acerca especificamente do processo *Autoconhecimento*, defini-lo como constituinte de um estágio de “Eu” tem implicações à caracterização dos processos a que Pessotti (2008) se refere por meio desse conceito. Considerar a interferência do conhecimento da própria experiência no controle de estímulos em relação ao comportamento do indivíduo acarreta em examinar a possibilidade de também o “conhecimento de si” interferir no controle dos próprios comportamentos. Nisso consiste parte da caracterização de Pessotti a respeito do quarto nível de “Eu”. Para o autor, esse tipo de conhecimento, essa “espécie de repertório de respostas a eventos privados” (pg. 8), é responsável por alterar a probabilidade de outros

comportamentos do indivíduo, o que implica em admitir decorrências de tal asserção aos objetivos e fundamentos de uma ciência do comportamento. Skinner (1969/1980), segundo Pessotti (2008), teria admitido tal potencial interferência do auto-relato como auto-regras e, por admitir a possibilidade desse controle, teria tornado possível a identificação de uma *instância* intermediária entre a ação do ambiente e o comportamento resultante. Para Pessotti, essa *instância intermediária* entre as condições ambientais e o comportamento final resultante do organismo, admitida, é o que pode ser nomeado “Eu”. Atribuir a tal fenômeno – uma possível instância intermediária – o nome “Eu”, de acordo com Pessotti (2008) consiste em mera “escolha” verbal e, nisso, parece concordar com Skinner, quando o mesmo se refere ao “Eu” como recurso linguístico. No entanto, considerar a nomeação um processo arbitrário às características do fenômeno não corresponde a pressupor sua inexistência.

Mais que um conjunto de eventos distintos do meio, que um sistema organizado de respostas que operam nesse meio a fim de satisfazer as necessidades do organismo e evitar danos a ele e mais que uma capacidade de relatar os eventos com os quais se relaciona, a definição do conceito de “Eu” de Pessotti (2008), a partir de seu quarto nível, abarca consequências “afetivas” dos processos de relatar a própria experiência, da percepção e do relato da unicidade dessa experiência, como fica claro no trecho em que realiza uma síntese possível do termo:

(...) um conceito de eu, como ‘ser no mundo’, isto é, como um ser que ao longo de sua vida não apenas passa por situações variadas, algumas afetivas, mas que, além de fazer frente às exigências ambientais na sua função vital de sobreviver e operar, sobretudo, *sente* e de algum modo registra esses impactos afetivos. Sua vida, seu modo próprio de ser, seu ser, consiste então nessa história pessoal de afetos (pg. 12).

A caracterização do conceito “Eu” de Pessotti (2008) até seu quarto nível, portanto, concebe como seus aspectos constituintes as variáveis “afetivas” decorrentes do conhecimento da própria experiência e atribui a elas papel de destaque. Tais aspectos não são mencionados por Skinner em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), o que poderia configurar tanto em uma divergência entre os autores quanto uma potencial complementação. Em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003) e *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991), no entanto, Skinner passa a definir o “eu” e a discorrer sobre os processos a que tal

termo se refere por meio da menção aos sentimentos do indivíduo. Em especial na segunda obra em questão, em que demonstra conceber o “eu” como o que o indivíduo sente a respeito de si. Talvez Pessotti (2008) denote de maneira mais contundente a relevância que atribui ao registro afetivo do indivíduo ao longo de sua história como aspecto nuclear do nível *Identidade Narrativa*, mas parece razoável sugerir que Skinner também tivesse passado a atribuir alto grau de importância aos afetos na história do indivíduo em sua análise do “Eu”. Não em um estágio de seus níveis, mas como parte de sua definição, a qual pode ser considerada mais genérica do que aquela examinada por Pessotti (2008). A pertinência de tais possibilidades somente pode ser avaliada a partir da análise com maior grau de minúcia acerca dos componentes dos processos a que cada asserção permite observar.

Por fim, o último nível de “Eu” apresentado por Pessotti consiste no que chama de *Ipseidade*, conceito emprestado de Heidegger, definido como “a capacidade de interrogar-se a si mesmo sobre o seu (modo de) ser” (pg. 14). Interrogar a si mesmo pressupõe uma interação entre, como possivelmente proporia Skinner, dois sistemas distintos de respostas. Interrogar a si mesmo acerca de seu modo implica em interação ainda mais complexa, agora entre três sistemas de respostas do mesmo organismo. Sendo um estágio possibilitado pelo desenvolvimento da *Identidade Narrativa*, parece estar diretamente a ela relacionado: o indivíduo que narra episódios em que se relacionou com eventos percebe haver uma unidade entre cada uma de suas distintas narrativas e percebe-se como seu protagonista. Pode, no entanto, identificar-se não somente com o “narrador” das relações experimentadas, mas também com quem experimentou tais relações e, ainda com quem pode vir a atribuir valores a elas – ao “interrogar-se a si mesmo sobre o seu (modo de) ser”. Além de ser produto de sentir e registrar os impactos afetivos gerados ao narrar as próprias relações, o indivíduo é e se sente como qualquer um dos “sistemas de respostas”: o que experimenta diretamente as relações com outros eventos, o que as relata e o que as avalia. Ser capaz de identificar-se com todas as possibilidades é o que consistiria para Pessotti (2008) na “ipseidade de cada um”, no “si mesmo”.

As asserções e análises apresentadas por Pessotti (2008) em *Sobre o conceito de “Eu”* não se tratam de proposições simples ou facilmente relacionáveis às apresentadas por Skinner ou às de outros analistas do comportamento. Além de propor a possibilidade de o “Eu” ser desenvolvido em distintas etapas e, com isso, diferenciar suas proposições das de Skinner (1953/2003; 1974/2003; e 1991) ao mesmo

conceito, Pessotti (2008) salienta possíveis lacunas em tais proposições e discorre acerca de processos que as poderiam suprir em algum grau por também constituírem o “Eu”. Ao questionar a sustentação da proposição de Skinner de que não há um local onde o efeito das contingências ou as próprias contingências possam ser registradas; salientar a possível interferência que o relato acerca das próprias experiências e de si próprio tenha em outros comportamentos do organismo; admiti-la e considerá-la constituinte do “Eu”; propor que as consequências “afetivas” à maneira como o indivíduo percebe a si próprio também constituam esse processo; e, ainda, destacar não só a possibilidade de diversos sistemas de respostas coexistirem em um indivíduo, mas propor que perceber tal coexistência e identificar-se com ela constitua o último e mais complexo nível de “Eu”. Pessotti (2008) torna explícito o fato de não haver correspondência entre as suas proposições e as de Skinner, embora aspectos comuns sejam identificados. Mais que isso, contribui à denotação da necessidade de investir no desenvolvimento do conceito na área a fim de torná-la coesa e servir como subsídio para produção de conhecimento e intervenções.

Um exame realizado por Staats e Staats (1963/1973) acerca das características mais comuns em definições e descrições do que constitua o processo a que o conceito “Eu” se refere pode servir à comparação e avaliação das proposições de Skinner (1953/2003), Pessotti (2008) e outros autores. Segundo Staats e Staats (1963/1973), houve basicamente duas “linhas” de compreensão do conceito “Eu” em Psicologia: uma equivalendo ao processo de perceber-se e outra a algo inferido que determina o comportamento do indivíduo. Uma vez que a existência de relações entre dois ou mais sistemas de respostas é admitida por Skinner (1953/2003; 1974/2003), conceber a possibilidade de um sistema ter outro como objeto de observação e percepção é apenas uma das várias possibilidades, cuja tentativa de refutação seria desnecessária ao autor. A “primeira” linha de compreensão do conceito “Eu”, portanto, seria possivelmente admitida por Skinner (1953/2003; 1974/2003), ainda que o “perceber-se” consista não um “Eu”, mas uma interação entre “Eus”. A segunda consiste na propulsora das afirmações categóricas de Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991) contra a subjetividade e contra qualquer alusão a uma instância iniciadora dos comportamentos, denominada “Eu”.

É, no entanto, por comprometer-se com o desenvolvimento de uma tecnologia que possibilite a previsão e controle do comportamento, que Skinner, segundo Pessotti (2008), limita o tratamento da “*subjetividade*”, já que admiti-la como variável interveniente é admitir o

limite do arranjo das contingências ambientais, a não ser que passe a ser passível de controle. Por comprometer-se com o objetivo de tornar possível a alteração dos comportamentos dos indivíduos por meio de arranjos de contingências ambientais, Skinner (1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; 1991) teria, conforme Pessotti (2008), limitado seu exame acerca das variáveis intervenientes ao controle do comportamento derivadas do conhecimento do indivíduo da própria experiência e conhecimento de uma unicidade do relato dessa experiência. Novamente, acatar ou não tais avaliações acerca da produção intelectual de Skinner depende de uma análise de suas proposições que possibilite identificar as características dos processos a que se referem. Ainda sem tal exame, tais conjecturas consistem em indício da necessidade de sistematização e avaliação do conhecimento existente.

Ainda que exames minuciosos sejam necessários para aferir a extensão ou limitação das proposições de Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991) a respeito do conceito “Eu”, há processos de produção de conhecimento com fins de suprir suas supostas lacunas. É o caso do investimento de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), cuja proposta é descrever os processos que originam aos indivíduos o termo “Eu” como unidade funcional – conjunto de respostas verbais que constituem uma unidade por terem sido selecionadas pelas consequências e ocorrem controladas por determinados eventos ou conjuntos de eventos do ambiente (Kohlenberg e Tsai, 2001). De acordo com tais autores, analistas do comportamento ao negarem proposições em que estruturas não comportamentais são utilizadas como explicação do comportamento e ao evitarem, por isso, a utilização do termo *self* (eu), acabaram também não examinando nem realizando intervenções no que chamaram de “*problemas do self*”, tampouco desenvolvendo alternativas ao seu tratamento. Os autores têm como objetivo, por isso, produzir o conhecimento necessário para embasar intervenções nos referidos “*problemas do self*”, ou quaisquer processos ao “*self*” relacionados.

Considerar a existência de “*problemas do self*” ou processos ao “*self*” relacionados, entretanto, implica em considerar plausível a ocorrência de um processo denominado “Eu” ou, conforme afirmam Kohlenberg e Tsai (2001), de um fenômeno que “parece ser parte da experiência humana” (pg. 139). Os autores não se referem diretamente ao “Eu” como uma instância da qual decorrem comportamentos ou interferências em sua probabilidade de ocorrência, mas fazem menção a uma “experiência de eu” inevitável à condição humana que, de algum modo, necessita ser contemplada em um tipo de conhecimento que constitui a área de conhecimento da Psicologia, em função de suas

implicações aos indivíduos – como as que denominaram de “*problemas do self*”. Examinar as implicações de suas proposições em relação à atribuição de status de determinante de comportamentos ao “Eu” parece também ser necessário à averiguação do grau de coerência das distintas proposições em relação a esse conceito, uma vez que Pessotti (2008) e Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991) realizam tal exame e, a princípio, há indícios de que divergem em alguns aspectos. Além da função que a unidade funcional “Eu” pode exercer em outros comportamentos dos indivíduos, que características Kohlenberg e Tsai (1991/2006) indicam constituí-la? Conhecê-las – as características e implicações dessa experiência – é condição ao exame do conhecimento já produzido.

Explicar a experiência de “Eu”, para os autores, consiste em identificar os estímulos que controlam o termo “Eu” como uma unidade funcional e sua história de desenvolvimento para cada indivíduo. Ao longo do capítulo propõem características ao processo de desenvolvimento de tal unidade funcional e estímulos que exercem controle em cada estágio do processo. Trata-se de uma tentativa de compreender o que ocorre com os organismos à medida que adquirem mais condições para que sua resposta verbal “Eu” se torne uma unidade funcional, proposição que não exclui a ocorrência de uma experiência “não verbal” de “Eu”, como os dois primeiros níveis de “Eu” descritos por Pessotti (2008) – *Individuação* e *Sistema singular de respostas*. Segundo Kohlenberg e Tsai (1991/2006), o surgimento do comportamento verbal constituído da unidade funcional “Eu” se dá a partir de unidades funcionais maiores por meio de sua fragmentação. Para subdividi-las, de algum modo o organismo deve aprender as unidades maiores que contenham a resposta verbal “eu”.

Fragmentar cada resposta verbal constituída de diversos termos – dentre eles o termo “Eu” – em unidades funcionais menores depende, conforme explicitam Khonelberg e Tsai (1991/2006), de seus elementos serem comuns a elementos de outras respostas verbais, bem como de haver correspondência entre parcelas dos eventos que exercem função discriminativa a cada uma dessas respostas. Tais são as condições que possibilitam a discriminação de parcelas comuns de eventos antecedentes às respostas e de apresentação de fragmentos de tais respostas – como em “quero comida”, “quero brinquedo”, “quero mamãe”, em que “quero” é o termo comum e em que cada uma das unidades funcionais ocorre sob controle de aspectos comuns que caracterizam o comportamento “querer” e de aspectos distintos que constituem a comida, o brinquedo e a “mamãe”, respectivamente. A

mera recorrência de termos em unidades funcionais distintas, por si, não é suficiente para o desenvolvimento e manutenção “*apropriados*” das unidades funcionais menores, como o termo “Eu”. As características e “adequação” da noção de “Eu” de cada indivíduo depende, segundo Kohlenberg e Tsai (1991/2006) diretamente dos eventos que se tornam discriminativos para a sua emissão pelo indivíduo. Em que tais proposições se relacionam com as de Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991), Staats e Staats (1963/1973) e Pessotti (2008)? Em que a ênfase no comportamento verbal se relaciona aos níveis de “Eu” descritos por Pessotti a partir da aquisição da linguagem?

Aprender a “tatear” aspectos e relações do ambiente implica em distingui-los de outros aspectos e relações (Skinner, 1953/2003; 1974/2003; Kohlenberg e Tsai, 2001). Há, no entanto, eventos externos ao organismo e internos a ele, cuja “separação” física implica em graus variados de limitações a seu acesso por outras pessoas (Skinner, 1953/2003; 1974/2003). Ao ensino do tato daqueles eventos e relações cujas propriedades são públicas ou prioritariamente públicas, somente sua presença e presença das características que distinguem a relação tateada de outras é suficiente. Ensinar a “tatear” o objeto maçã, por exemplo, necessita somente da presença desse objeto diante do indivíduo que aprende a nomeá-lo.

Ensinar a explicitação verbal não somente do nome de um objeto, mas de uma interação do indivíduo que fala e esse objeto, entretanto, implica em que as características dessa ação – e não de outras – estejam presentes no momento em que tal tipo de “tato” é ensinado. Ao ensino do “tato” “eu vejo maçã”, exemplo didático apresentado por Kohlenberg e Tsai (1991/2006), apenas a presença do objeto “maçã” não é suficiente para estabelecer a relação apropriada entre as características do ambiente e da ação do organismo no ambiente e a unidade funcional “eu+vejo+maçã”, mas tal unidade funcional seria coerentemente emitida somente em situações em que efetivamente o indivíduo vê a maçã. Uma vez que significativa parcela dos eventos que caracterizam e definem a ação “ver” são inacessíveis à observação de terceiros – são privados –, o recurso disponível a seu ensino consiste em conhecer os eventos públicos que também constituem ações predominantemente privadas, como a orientação do indivíduo que “vê” em direção ao objeto visto. Ao ensino de tatos em que há eventos privados ao organismo, mas também há públicos, portanto, é possível utilizar como referência os eventos públicos a partir dos quais os eventos privados são inferidos.

Considerando um processo de desenvolvimento “normal” da unidade funcional relacionada à interação do organismo com o ambiente – em que o tato “eu vejo maçã” ocorre sob controle de características da ação de ver a maçã, por exemplo –, do estabelecimento do controle dos estímulos públicos em relação às respostas verbais e da recorrência dos privados nas situações em que as unidades são proferidas, há a transferência de parte desse controle aos estímulos privados. Segundo os autores, é possível que em processos de desenvolvimento “mal-adaptativos” a mesma unidade de comportamento verbal seja aprendida e utilizada sob controle de outros aspectos do ambiente que não os que constituem a ação em questão, assim como é possível que o controle por aspectos públicos prevaleça. Não favorecerá, nesses casos, a comunicação entre o falante e os demais membros da comunidade verbal em que está inserido.

Além de unidades funcionais relacionadas a processos em que há tanto objetos externos ao organismo com os quais se relaciona quanto suas ações, é possível apresentar tatos relacionados a fenômenos cujas variáveis constituintes são predominantemente privadas? Segundo Kohlenberg e Tsai (2001), esse é o caso da unidade funcional “Eu”. A dificuldade de acesso aos eventos que podem controlar a emissão dessa resposta verbal implica em especificidades a seu desenvolvimento. Os autores consideram que o desenvolvimento do tato singular “eu” sob controle exclusivo de estímulos privados seja decorrência de o termo “eu” constituir tatos maiores referentes às ações do indivíduo – como “eu vejo maçã”, “eu quero comida”, “eu jogo bola” etc. A cada resposta verbal constituída do termo “eu”, um termo “ação” e um termo “objeto” sob controle de aspectos públicos e privados de ações do indivíduo em relação a objetos, há aspectos dos estímulos discriminativos que variam conforme a ação e o objeto e outros que coincidem. Segundo a proposição dos autores, enquanto variam os estímulos de gradação “mais pública” de acordo com cada situação específica a que os tatos fazem referência, uma parcela de estímulos “mais privados” muito provavelmente permanece a mesma.

O estímulo privado “perspectiva” em que o indivíduo se encontra em relação ao ambiente consistiria no aspecto antecedente às respostas verbais do indivíduo comum a quaisquer comportamentos constituídos do termo “eu”. Consiste, por isso, no aspecto do ambiente que passa a exercer controle sobre a unidade funcional “eu”, desenvolvida a partir da fragmentação das unidades maiores. Concomitantemente a seu desenvolvimento, haveria também o desenvolvimento de uma classe de comportamentos caracterizada pelo

que denominam “experiência de ‘eu’”. Dessa forma, de acordo com os autores, o estímulo privado comum às respostas constituídas do termo “eu” ou da “experiência de eu” é a localização física da estimulação privada das atividades que acompanham essas respostas. Em que tal proposição se assemelha e em que se distingue das demais asserções acerca do “Eu” apresentadas por analistas do comportamento? As complementa em algum aspecto?

É possível sugerir que a recorrência da mesma “perspectiva em relação aos demais eventos do ambiente (tanto privado quanto público)” também tenha sido um aspecto ao qual Pessotti (2008) chama a atenção em relação aos níveis de *Identidade Narrativa* e *Ipseidade*. A sensação de continuidade temporal, descrita pelo autor como nuclear do nível *Identidade Narrativa* e a congruência entre os papéis “editor”, “protagonista” e “narrador” da própria história, definidora do nível *Ipseidade*, seriam produtos de uma “experiência de 'mesmidade' ao longo da narrativa, de perceber-se proprietário exclusivo ou protagonista dela” (pg. 7) e de uma experiência de unidade em relação aos vários papéis desempenhados pelo indivíduo em relação à sua própria história. Sendo a variável “lugar” da estimulação privada o possível estímulo controlador da emissão das respostas verbais “Eu”, de acordo com Kohlenberg e Tsai (1991/2006), e as experiências de “mesmidade” possivelmente decorrências da apresentação dessa resposta em variados contextos, parece haver concordância entre aspectos do que propõem os autores em relação a características nucleares e definidoras do “Eu”, ainda que seja possível sugerir que os dois últimos estágios descritos por Pessotti (2008) possam ser decorrências do processo de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” descrito por Kohlenberg e Tsai (1991/2006).

Apesar de Pessotti (2008) e Kohlenberg e Tsai (1991/2006) poderem apresentar aspectos comuns em suas proposições, tal congruência é significativa somente em relação às experiências verbais de “Eu”. Os primeiros dois níveis descritos por Pessotti (2008) – *Sistema singular de respostas* e *Individuação* – não são contemplados na análise de Kohlenberg e Tsai (2001) apesar de os mesmos admitirem a possibilidade de haver experiências não verbais de “Eu”. O terceiro nível – *Consciência da Experiência* –, apesar de verbal, parece também não ser contemplado pela análise acerca do desenvolvimento do “Eu” como unidade funcional na perspectiva do exame feito por Kohlenberg e Tsai (1991/2006), uma vez que essa análise trata do desenvolvimento dessa resposta e não de respostas relacionadas ao conhecimento de

outros aspectos da experiência que estariam, conforme Pessotti (2008) circunscritas no terceiro nível de “Eu”.

Em *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003), destaca características do que considera consistir o fenômeno referido pelo conceito “Eu” ao propor como sua definição “Eu” a expressão “sistemas de respostas funcionalmente unificados”. Consiste, no entanto, em proposição demasiado abrangente. Apesar de ter tido papel fundamental para tornar mais criterioso o exame de proposições acerca de uma instância “Eu” iniciadora de comportamentos sem a devida consideração de eventos ambientais envolvidos em seu processo de determinação e manutenção, por si, não possibilita identificação da microscopia do que sugere haver em lugar de uma instância particular subjetiva, ainda que a considere inexistente como entidade, mas como produto de processos comportamentais com características determinadas. Em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003), ao não mencionar sistemas de respostas funcionalmente unificados nem características envolvidas em seu desenvolvimento, pode comprometer as próprias contribuições, a depender das características a que se refere por “sistemas”. Em seu lugar, a expressão “repertório de comportamentos” ainda apresenta alto grau de generalidade. As especificações que confere à sua descrição do evento ou fenômeno referido pelo termo em questão – de que consiste no local onde o efeito dos diferentes tipos de contingências se reúne e onde estados introspectivos e sentimentos ocorrem –, no entanto, conferem à análise do autor maior grau de minúcia, embora ainda com graus de clareza e precisão por serem examinados.

Em sua última obra, *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991), embora confira maior grau de minúcia às características do que concebe como substituto a uma noção de “Eu iniciador” e atribua suas propriedades a processos de seleção de comportamentos a nível cultural, não apresenta o que seriam características de seu processo de desenvolvimento. Além disso, suas propriedades resumidas como uma condição corporal concomitante aos comportamentos do indivíduo e por ele percebida ou concomitante a seus “estados internos”, embora menos genéricas que “sistemas de respostas funcionalmente unificados” e “repertório de comportamentos”, são também pouco precisos e, como tais, de utilidade limitada a intervenções e processos de produção de conhecimento científico se comparada com aquela que pode ser produzida se seus processos constituintes e determinantes forem explicitados de modo mais minucioso.

Identificar a congruência ou incongruência dos conceitos de Skinner em relação ao termo “Eu” ao longo de sua produção científica às demais proposições torna-se, por seu grau de abrangência e ênfase nos procedimentos dos quais os comportamentos são função, processo também limitado enquanto somente proposições do processo “Eu” em sua forma “pura” (conforme apresentadas pelo autor) forem utilizadas. Derivar delas outras características não diretamente explicitadas, mas potencialmente também constituintes dos processos considerados alternativos a um “Eu iniciador” consiste em recurso para tornar as obras fontes mais completas que sirvam como fonte de informações, bem como para torná-las passíveis de comparações mais precisas com as proposições apresentadas em outras obras, também submetidas ao mesmo processo de análise.

Contrastar as variáveis consideradas constituintes dos processos referidos pelo conceito “Eu” possíveis de serem observadas a partir das proposições de diferentes analistas do comportamento é condição para identificar os graus de coerência da área da Análise Experimental do Comportamento em relação a esse conceito. A partir do exame preliminar das proposições de Skinner (1953/2003; 1974/2003; 1991), Pessotti (2008), Sataats e Staats (1963/1973) e Kohlenberg e Tsai (2001), é possível verificar que não é razoável afirmar que excluem contradições entre si e que são coerentes entre si em relação a alguns ou na maioria dos aspectos propostos. A impossibilidade de tal conclusão não se dá necessariamente em função de efetivamente as proposições dos autores se contradizerem, mas por não apresentarem informações que fundamentem suficientemente sua coerência e por ser possível derivar questionamentos acerca de em que aspectos se complementam, são comuns ou contrárias, bem como acerca das implicações das proposições de cada autor. Tornar mais preciso o exame dos graus de coerência entre as proposições a respeito do conceito “Eu” e, conseqüentemente, de seus graus de suficiência para subsidiarem intervenções e processos de produção de conhecimento, requer o desenvolvimento de um procedimento com maior controle das variáveis que torne possível a identificação minuciosa das características dos processos a que cada autor, em cada obra, se refere por meio do conceito “Eu”.

### **1.8. Investigar características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “eu” na Análise do Comportamento como um meio de tornar o conhecimento da área acerca desse conceito subsídio confiável e preciso a modalidades de intervenção do psicólogo**

Considerar as relações entre os processos de produção de conhecimento de uma área de conhecimento e os processos e procedimentos envolvidos nas intervenções nos fenômenos investigados pela área (Russell, 1956; Staats e Staats, 1963/1973; Copi, 1981; Botomé e Kubo, 2002) implica na necessidade de prover procedimentos de exame ao conhecimento já produzido, a fim de tornar mais provável que seja fidedigno às características de seus objetos de estudo. Como denotam Staats e Staats (1963/1973) e Copi (1981), conceitos utilizados em uma área como delimitação de aspectos da natureza consistem em um conjunto de variáveis dentre as que interferem nos produtos dos processos de conhecer cientificamente e, conseqüentemente, em intervenções neles embasados.

Embora consista em pressuposto comum à área da Análise Experimental do Comportamento a negação da existência de uma instância “subjéitiva” – e seus correlatos – com caráter explicativo em relação aos comportamentos dos indivíduos, independente do desenvolvimento de suas interações com o ambiente e de processos de seleção em níveis filogenético, ontogenético e cultural (Skinner, 1974/2003; 1974/2003; 1957/1978; 1991; De Rose, 1982; Silva e Banaco, 2000; Carrara, 2005), garantir que em lugar de uma tal instância inferida sejam apresentadas interpretações coerentes às características dos fenômenos sob controle dos quais é suposta, bem como que tais sejam coerentes entre si, requer o desenvolvimento de procedimentos que possibilitem analisar e avaliar as interpretações propostas. Investigar as características das classes de comportamentos referidas em proposições de autores da área acerca do conceito “Eu” consiste em uma das formas possíveis de realizar tal análise e avaliação, em relação especificamente a um dos termos relacionados à subjetividade humana. Especificar as características das classes de comportamentos referidas em proposições a respeito do conceito configura uma forma de contribuir à função da área de prover subsídios a intervenções nos fenômenos à subjetividade e ao “eu” atribuídos, cujas variáveis determinantes e constituintes são, por isso, obscurecidas.

Por meio do desenvolvimento do conhecimento da área da Análise Experimental do Comportamento em relação aos conceitos “comportamento”, “contingências de reforço”, “comportamentos verbal”, aos tipos de contingências de reforço, às noções de classe, unidade e sistema, a tipos de relações de controle de estímulos e ao conjunto de procedimentos reunidos sob a denominação “análise funcional”, se torna possível examinar com alto grau de minúcia as características de classes de comportamentos envolvidas em proposições acerca do conceito “Eu”, tanto explicitadas nas próprias asserções de autores quanto implicadas nas mesmas. Sob tais condições, é possível que as características das classes de comportamentos identificadas consistam em fontes de informação às modalidades de intervenção direta em comportamentos complexos, indireta por meio de ensino – quanto necessário – e indireta por meio de novos processos de produção de conhecimento científico, embasados nas características das classes de comportamentos identificadas (Botomé e cols., 2003).

Às modalidades de intervenção direta e indireta por meio do ensino, é válido ainda ressaltar em que aspectos a caracterização de classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” pode vir a contribuir. Embora não seja consensual, tal qual a modalidade de intervenção por meio do ensino, intervir diretamente em fenômenos também pode se beneficiar do conhecimento relacionado à produção de aprendizagens, especificamente da tecnologia de ensino denominada *Programação de Ensino* (Autor desconhecido, 1961; Skinner, 1968/1972; Botomé, 1975; 1977; 1981; Kubo e Botomé, 2001; Botomé e Kubo, 2002), desenvolvida na Análise Experimental do Comportamento. Tal conjunto de procedimentos de envolve a delimitação de comportamentos-objetivo a serem desenvolvidos ou ensinados. Com base nas características desses comportamentos e de outros a ele relacionados, ao profissional cabe elaborar condições que melhor favoreçam seu desenvolvimento.

A depender das classes de comportamentos identificadas como referidas em proposições da Análise do Comportamento em relação ao conceito “Eu”, tais – ou algumas delas – podem consistir em classes relevantes de serem desenvolvidas por indivíduos sob intervenção, cujas interações acarretam ou potencialmente acarretarão a si ou a outros prejuízos em função de lacunas no repertório relacionados justamente a tais comportamentos. Nesses casos, ao desenvolvimento desses comportamentos é de alto grau de relevância tanto o conhecimento das características de suas classes de componentes quanto das relações que tais classes de comportamentos estabelecem entre si. As características

de suas classes de componentes servem à elaboração de condições de desenvolvimento de cada uma das classes de comportamentos. Características de relações entre classes de comportamentos, por sua vez, servem à mesma função, mas estendem ainda mais as possibilidades de seu ensino ou desenvolvimento.

Dentre o conhecimento produzido no âmbito dos processos “ensinar” e “aprender” embasados na Análise Experimental do Comportamento e especificamente na Programação de Ensino, é denotada a relevância do conhecimento de relações de pré-requisitos entre comportamentos – em que o desenvolvimento de um comportamento é *necessário* ao desenvolvimento de outro mais abrangente – (Botomé, 1975; Vicili, 2008; Kienen, 2008), uma vez que o ensino de comportamentos complexos é beneficiado pela identificação de comportamentos mais simples que os constituem, que podem ser ensinados ou desenvolvidos previamente. Se for possível identificar dentre as características das classes de comportamentos identificadas em proposições da Análise do Comportamento acerca do conceito “Eu” tanto características de suas classes de componentes quanto de relações entre as classes de comportamentos, a contribuição de tal conhecimento às modalidades de intervenção direta e indireta por meio do ensino são estendidas.

Supor que classes de comportamentos complexas relevantes ao desenvolvimento dos indivíduos possam estar relacionadas ao conceito “Eu” definido ou caracterizado com base na Análise do Comportamento, como propõem Kohlenberg e Tsai (1991/2003), torna a identificação e caracterização das classes referidas em proposições da área da Análise Experimental do Comportamento em relação ao conceito ainda mais relevantes. Servem, além de ao aperfeiçoamento conceitual da área, à sua utilização como “substrato” a intervenções cujo objetivo envolve o desenvolvimento de tais comportamentos. Produzir conhecimento científico a respeito das características dos comportamentos a que se refere o conceito “Eu” em definições ou caracterizações embasadas em mais de uma obra da área possibilita, ainda, que seja verificado o grau de coerência entre as proposições, necessário à relevância e confiabilidade da área de conhecimento em questão.

## 2.

## MÉTODO PARA OBSERVAR CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO “EU” NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

### I. Fontes de informação

As obras selecionadas como fontes de informação para observar as características das classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento e das relações entre tais classes foram:

- (1) Skinner, Burrhus Frederic (1953/2003) Capítulo 18: O Eu. *Ciência e comportamento humano*. 11<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes, 489 pg.
- (2) Kohlenberg, Robert J. & Tsai, Mavis (1991/2006) Capítulo 6: O Self. *FAP - Psicoterapia analítica funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas*. Santo André : ESETec, 246 pg.

### II. Instrumentos, materiais e equipamentos

Para observar características das classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento e das relações entre tais classes foram utilizados o computador da pesquisadora, no qual foram instalados um software de edição de textos e um software de edição de diagramas (Microsoft® Office Visio® 2007), uma impressora, seis protocolos de observação de eventos a partir das obras e dois protocolos de proposição de eventos a partir dos observados nas obras, utilizados ao longo de diferentes etapas de coleta, análise e tratamento de dados. Os protocolos de observação e proposição de eventos consistiram em documentos elaborados em que há explicitação de (a) categorias de aspectos a serem observados ou propostos; e (b) localização e registro das fontes de informação com aspectos a serem observados ou propostos.

### III. Situação e Ambiente

As observações das características das classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento e das relações entre tais classes foram realizadas em locais confortáveis, bem iluminados, com pouco barulho e pouca movimentação de pessoas.

### IV. Procedimentos

#### IV.1. Seleção das fontes de informação

As fontes de informação para coleta de dados foram selecionadas primeiramente em função de consistirem em capítulos de obras da Análise do Comportamento em que há definições do conceito “Eu” – como em “‘Eu’ é...” – ou por apresentarem características dos componentes de classes de comportamentos a que os conceitos se referem. Além disso, outro critério utilizado para a delimitação das fontes foi o de consistirem em referências significativas e de impacto em relação à produção científica da área e, dado seu alcance, à formação de analistas de comportamento. O capítulo “O Eu” de *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003) consiste na proposição do autor acerca do conceito em sua obra de maior reprodução e que mais abarca temas relacionados às implicações de uma proposição científica do fenômeno “comportamento”, especialmente ao comportamento humano. Sendo Skinner o autor proponente do Behaviorismo Radical e o principal responsável por proposições em Análise Experimental do Comportamento – desde o relato científico de pesquisas experimentalmente controladas cujas conclusões propunham princípios do comportamento dos organismos até extrapolações dos resultados de laboratório tanto com comportamento humano individual quanto em grupo e tanto em relação a comportamentos verbais quanto não verbais –, investigar o conceito de “Eu” em Análise do Comportamento requer a inclusão de suas proposições dentre o material pesquisado.

O capítulo “O Self” da obra *FAP - Psicoterapia analítico funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas* (1991/2006), por sua vez, está inserido na obra de maior divulgação da proposição da “FAP - Psicoterapia analítico funcional” como um

modelo clínico pelos autores Kohlenberg e Tsai. O trabalho clínico de tais autores, embasado nos princípios do Behaviorismo Radical, é amplamente conhecido e reconhecido no âmbito da terapia comportamental tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil e internacionalmente (Kohlenberg et. al, 2005; Mangabeira, Kanter e Del Prette, 2012; Guilhardi e Vandenberghe, 2012). Além do alcance das proposições dos autores como fundamentos à intervenção clínica, o capítulo “O Self” selecionado como fonte de informações reúne tanto proposições acerca do que seja o fenômeno “eu” relatado com alta frequência por indivíduos em tratamento, bem como de que forma se dê o desenvolvimento desse fenômeno. Sendo esse o fenômeno de interesse investigado, tais se configuram como os critérios específicos de seleção da obra.

Além da produção de resultados específicos a partir de cada obra em relação às características dos comportamentos referidos pelo conceito “Eu” e das relações entre tais comportamentos, utilizar os mesmos procedimentos em relação a ambas as obras possibilita que os resultados obtidos sejam contrastados e seja avaliado o grau de coerência que estabelecem entre si. Uma vez que a qualidade de intervenções no fenômeno “comportamento” depende do conhecimento produzido a seu respeito e que a qualidade de tal conhecimento, por sua vez, é função dos instrumentos da área desenvolvidos para a observação do fenômeno, avaliar os conceitos utilizados em tais observações é condição que assegura o avanço da área de conhecimento em questão. Sendo Skinner e Kohlenberg e Tsai autores que apresentaram significativas definições e proposições de características de classes de comportamentos referidos pelo conceito “Eu” em *Análise do Comportamento*, a seleção de suas obras como fontes de informações para coleta de dados se deu também em função de a comparação entre os resultados de cada uma dessas obras consistir em contribuição significativa à avaliação da coerência do conceito na área de conhecimento em questão, embora a um exame mais completo seja ainda necessária a análise de outras produções científicas acerca do conceito sob a mesma perspectiva.

#### *IV.2. Procedimentos de coleta, análise e tratamento de dados*

A coleta de dados realizada para identificar as características das classes de comportamentos referidos pelo conceito “Eu” na *Análise do Comportamento* e das relações entre tais classes foi realizada por meio de observação indireta por meio de documentos. O conjunto de procedimentos utilizado tanto para a coleta quanto para o tratamento e

análise dos dados foi elaborado e é constantemente avaliado e aperfeiçoado pelo Núcleo de Análise e Síntese de Comportamentos da Universidade Federal de Santa Catarina. Tal conjunto – com especificidades conforme os problemas de pesquisas – foi utilizado e pode ser observado em relatos de pesquisas científicas orientadas nesse núcleo cujos problemas de pesquisa consistiram na produção de conhecimento relacionado a classes de comportamentos ou características de classes de comportamentos constituintes de uma classe geral de comportamentos. Tais relatos são apresentados nas dissertações de mestrado de Noceti (2011), Assini (2011), Moskorz, (2011), Goecks (2011), Lamonato (2011), Garcia (2009), Botomé (2009), De Luca (2008), Luiz (2008) e Mattana (2004); e nas teses de doutorado de Kienen (2008) e Viecili (2008), para citar os mais recentes.

Um resumo dos procedimentos utilizados nas etapas de produção de conhecimento científico acerca das características das classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento e das relações entre tais classes é apresentado na Tabela 2.1. A primeira coluna à esquerda se refere às etapas de produção de conhecimento científico desde a coleta de dados, a segunda coluna se refere a classes gerais de procedimentos que constituem cada etapa, a coluna à direita aos procedimentos específicos apresentados e constituintes de cada classe geral de procedimentos e a última apresenta a identificação dos protocolos de observação ou proposição utilizados em cada etapa, bem como a localização de sua representação. Ao todo, somam-se seis classes gerais de procedimentos de cada etapa e 18 procedimentos específicos.

TABELA 2.1.

**Resumo dos procedimentos utilizados nas etapas de produção de conhecimento científico acerca das características dos comportamentos referidos pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento e das relações entre tais comportamentos**

Etapa	Procedimentos de cada etapa		Protocolo utilizado
	Classes gerais de procedimentos	Procedimentos	
Coleta de dados	A. Identificar trechos da obra que contenham informações relacionadas a classes de comportamentos referidos pelo conceito	2.1. Selecionar trechos das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito e características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito	-
		2.2. Transcrever trechos selecionados das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito ou características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito	(A) Tabela 2.2
Análise e Tratamento de dados	B. Identificar unidades de informações relacionadas a classes de comportamentos referidos pelo conceito apresentadas nos trechos selecionados	2.3. Fragmentar trechos das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito ou características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito em unidades de informação	(B) Tabela 2.4
	C. Organizar informações apresentadas nas unidades de informação de modo a favorecer a identificação de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes constituintes de classes de comportamentos	2.4. Identificar os componentes das sentenças das unidades de informação que exercem as funções “sujeito”, “verbo” e “complemento”	(C) Tabela 2.6
		2.5. Aperfeiçoar estrutura das sentenças das unidades de informação de modo que o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse exerça função de “sujeito”	(D) Tabela 2.8
		2.6. Aperfeiçoar verbos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza das ações ou comportamentos a que se referem	(D) Tabela 2.8
		2.7. Aperfeiçoar complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza acerca dos estímulos a que se referem	(D) Tabela 2.8
		2.8. Avaliar e aperfeiçoar grau de generalidade das unidades de informação em relação à possibilidade de identificar classes de comportamentos a partir de seus componentes	(D) Tabela 2.8
	D. Identificar características de classes de comportamentos constituídas das classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes identificadas na obra	2.9. Analisar funcionalmente informações apresentadas nas unidades de informação e identificar elementos que exercem função de “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” em classes de comportamentos	(E) Tabela 2.13
		2.10. Avaliar e aperfeiçoar a redação dos componentes identificados e registrados como “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” por meio do conceito de comportamento	(E) Tabela 2.13
		2.11. Identificar lacunas nas classes de comportamentos cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram identificadas e tiveram sua redação aperfeiçoada conforme o conceito “comportamento” e derivar componentes para complementá-las, de modo a manter a fidedignidade à proposição da obra	(E) Tabela 2.13
		2.12. Identificar equivalência funcional entre as classes de comportamentos analisadas funcionalmente e agrupá-las em classes mais gerais	(F) Tabela 2.16
		2.13. Nomear as classes de comportamentos cujos componentes foram identificadas conforme suas características e características das relações que estabelecem entre si	(G) Tabela 2.19
	E. Propor sistema de relações entre classes comportamentos identificadas como aquelas referidas nas obras em proposições acerca do conceito	2.14. Identificar relações de cadeia, pré-requisitos e abrangência, entre as classes de comportamentos identificadas	-
		2.15. Organizar as classes de comportamentos conforme as relações de cadeia, pré-requisito e abrangência que estabelecem entre si em um sistema comportamental	-
2.16. Derivar classes de comportamentos a partir da identificação de lacunas entre as classes de comportamentos cujas relações de pré-requisito, cadeia e abrangência foram identificadas		-	
2.17. Analisar funcionalmente classes de comportamentos derivadas		(G) Tabela 2.19	
F. Especificar controle de estímulos exercido pelas classes de eventos identificadas como classes de estímulos antecedentes	2.18. Identificar função dos eventos identificados como “estímulos antecedentes” e classificá-los como contextuais, condicionais e discriminativos conforme a função exercida	(H) Tabela 2.21	

*A. Identificar trechos da obra que contenham informações relacionadas a classes de comportamentos referidos pelo conceito*

Observar as características das classes de comportamentos e das relações entre tais classes referidas por meio do conceito “Eu” em obras da Análise do Comportamento consiste em objetivo de difícil realização se as obras não receberem um tratamento que torne tais características mais evidentes. Textos de divulgação de conhecimento científico, como é o caso das obras selecionadas como fontes de informação – por mais que Skinner tenha escrito *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) com o intuito de torná-la uma fonte de referência ao conhecimento científico a respeito do comportamento humano também para leigos no assunto – são construídos com linguagem dissertativa, o que pode fazer com que a descrição de processos comportamentais a que se referem não seja apresentada explicitamente. Embora os títulos dos capítulos selecionados façam referência clara ao conceito em relação ao qual o processo de produção de conhecimento científico em questão se refere, isso não equivale a que características de classes de comportamentos referidas em suas proposições e de relações entre tais classes estejam perceptíveis de modo claro. Identificá-las requer, na maioria das vezes, que sejam primeiramente identificadas informações apresentadas na obra que façam alguma referência a características de classes de comportamentos ou de relações entre tais classes relacionadas ao conceito de interesse.

*2.1. Selecionar trechos das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito e características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito*

Informações apresentadas em obras como referência a características de classes de comportamentos ou de relações entre tais classes relacionadas ao conceito de interesse não são apresentadas isoladamente, mas em sentenças que constituem o raciocínio argumentativo do autor. Algumas vezes, em função da construção de seus argumentos, os autores as apresentam em meio a outras informações e conclusões, exercendo distintas funções nas sentenças e nos argumentos. Em outras, ainda, as apresentam distribuídas em tópicos distintos. Devido à multiplicidade de maneiras com que as informações acerca de características de classes de comportamentos e relações entre tais classes são dispostas em textos dissertativos, foram

primeiramente selecionados trechos constituídos dessas informações em conjunto com outras adicionais, podendo estas não estar relacionadas com o conceito de interesse. De todo modo, a seleção foi realizada segundo alguns critérios:

- a) *Definições do conceito de interesse*: foram selecionados trechos que continham definições explícitas do conceito, como em sentenças “Eu é (...)”. Considerando que definições consistem em sentenças que reúnem as características nucleares do fenômeno ou conceito definido, quaisquer trechos dos textos que atendessem o critério de consistirem em definições do conceito de interesse foram selecionados, independentemente de apresentarem informações acerca de características de componentes de classes de comportamentos ou de relações entre tais classes referidas pelo conceito de maneira explícita.
- b) *Características de componentes de classes de comportamentos referidas pelo conceito de interesse*: trechos que, ao se referir ao conceito “Eu”, continham possíveis características de componentes de classes de comportamentos relacionadas a tal conceito foram selecionados. Em tal categoria de informações se enquadram (1) possíveis características de respostas do indivíduo, (2) possíveis características de estímulos do ambiente antecedentes a respostas do indivíduo, (3) possíveis características de estímulos do ambiente consequentes a respostas do indivíduo, (4) possíveis características de estímulos ou conjuntos de estímulos do ambiente que interferem no valor reforçador de estímulos consequentes a respostas do indivíduo (operações motivadoras) e (5) possíveis características de estímulos do ambiente que interferem na função de outros estímulos do ambiente em relação a respostas do indivíduo (estímulos condicionais ou contextuais). Há nas obras selecionadas como fontes de informações uma especificidade que implica na necessidade de complementação do critério em questão. Ambas as obras apresentam informações relativas a fenômenos tanto ao longo do processo de desenvolvimento de tais fenômenos quanto ao final dele. Considerar tal característica das proposições investigadas implica que tenham sido selecionadas tanto possíveis características de componentes de classes de comportamentos relacionadas ao desenvolvimento dos processos referidos pelos

autores quanto de classes de comportamentos relacionadas aos processos já desenvolvidos.

- c) *Características de relações entre classes de comportamentos referidas pelo conceito de interesse:* também foram selecionados trechos em que proposições relacionadas ao conceito “Eu” apresentassem características de relações entre classes de comportamentos. Como “relações entre classes de comportamentos” foram consideradas indicações (1) de sequência entre classes de comportamentos, (2) de dependência de uma em relação à ocorrência de outra (relação de cadeia), (3) de dependência de uma em relação ao desenvolvimento de outra (relação de pré-requisito), (4) de diferenças de graus de amplitude entre classes de comportamentos e (5) de diferenças de graus de complexidade entre classes de comportamentos (relações de abrangência e complexidade). Novamente, levar em consideração proposições das obras tanto relacionadas a um processo em desenvolvimento quanto informações que se refiram ao processo já definido implica que fossem selecionados tanto trechos referentes a relações entre classes de comportamentos relacionadas aos processos em desenvolvimento quanto referentes a relações entre classes de comportamentos relacionadas ao processo já definido.
- d) *Sentido do trecho:* para que fossem selecionados trechos referentes a definições do conceito, características de componentes de classes de comportamentos referidos por tal conceito ou características de relações estabelecidas entre classes de comportamentos, foi considerado necessário que tais trechos fizessem sentido. Para tanto, foram selecionadas sentenças completas constituídas de sujeito, verbo e complemento ou mais de uma sentença, quando duas ou mais sentenças apresentassem relação de subordinação e perdessem o sentido se selecionadas isoladamente.
- e) *Exemplos cuja classe não foi apresentada em outros trechos da obra:* em textos dissertativos de natureza científica, exemplos geralmente têm função ilustrativa em relação a uma proposição previamente ou posteriormente apresentada no texto. Por serem geralmente mais específicos que a proposição a que se referem, trechos contendo exemplos não foram selecionados como informações relacionadas a características de classes de comportamentos referidas pelo conceito de interesse ou de relações entre tais classes. No entanto, foram selecionados

trechos que continham exemplos cujas classes de eventos a que se referem não foram apresentadas em outros trechos das obras, previamente ou posteriormente ao exemplo.

*2.2. Transcrever trechos selecionados das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito ou características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito*

A seleção de cada trecho foi seguida da transcrição do mesmo no protocolo (A) de observação de trechos das obras que contêm definições do conceito ou características de classes de componentes dos comportamentos referidos por tal conceito, representado na Tabela 2.2. Tal protocolo de observação é constituído de cinco colunas. A primeira à esquerda com função de registro da obra utilizada como fonte de informações e do autor da mesma. A segunda para registro da localização do trecho no texto (página, parágrafo e frase em que se encontra), a fim de tornar fácil a identificação do trecho em etapas posteriores de tratamento e análise dos dados, em casos de dúvidas a respeito do sentido contexto do trecho. A função da terceira coluna é de transcrição dos trechos selecionados. A fim de tornar os dados mais organizados e facilitar sua análise e tratamento, foram categorizados diferentemente trechos que apresentavam definições do conceito e trechos que apresentavam indicações de características de classes de comportamentos referidas pelo conceito ou de relações entre tais classes de comportamentos. Tal classificação consiste na função da quarta e quinta colunas.

**TABELA 2.2**  
**Representação do PROTOCOLO (A) DE OBSERVAÇÃO de**  
**trechos das obras que contêm definições do conceito ou**  
**características das classes de componentes de comportamentos**  
**referidos por tal conceito**

Obra e autor	Trecho	Sentença completa	Definição do conceito	Características do processo

Na Tabela 2.3 são apresentados dois exemplos de registro de trechos selecionados de uma das fontes de informações utilizadas. O trecho “Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III, e aí uma unidade menor ‘Eu’ emerge.” do capítulo “O Self” da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) está localizado na página 152, no parágrafo três, na primeira frase do parágrafo. Embora não consista em uma definição do conceito, apresenta uma proposição dos autores a respeito de características de comportamentos a ele relacionados, o que classifica o trecho como “características do processo”. O trecho “‘Eu’ é um elemento idêntico em cada uma das situações ‘eu X’ onde X varia.”, localizado na página 152, no terceiro parágrafo e na segunda frase desse parágrafo, por sua vez, foi classificada como “definição do conceito” por ser constituído dos elementos “Eu é”.

**TABELA 2.3**

**Exemplo de registro de dois trechos selecionados como informações no PROTOCOLO (A) DE OBSERVAÇÃO de trechos das obras que contêm definições do conceito ou características das classes de componentes de comportamentos referidos por tal conceito**

Obra e autor	Trecho	Sentença completa	Definição do conceito	Características do processo
“O Self” Kohlenberg e Tsai (1991 /2006)	152.3.1	Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III, e aí uma unidade menor “Eu” emerge.		x
	152.3.2	“Eu” é um elemento idêntico em cada uma das situações “eu X” onde X varia.	x	

*B. Identificar unidades de informações relacionadas a comportamentos referidos pelo conceito apresentadas nos trechos selecionados*

Em função da preservação de sentido das frases, muitos trechos selecionados a partir da obra continham diversas informações e, provavelmente, referências a mais de uma classe de comportamentos ou mais de uma característica de relações entre classes de comportamentos. É o caso de sentenças com mais de um sujeito, mais de um verbo ou mais de um complemento. O primeiro objetivo a ser atingido por meio dos procedimentos que constituem a análise e tratamento dos dados foi identificar unidades mínimas de informação nos trechos selecionados, a fim de facilitar, nos próximos procedimentos, a identificação de características de apenas uma classe de comportamentos ou de uma relação entre tais classes.

*2.3. Fragmentar trechos das obras definidas como fontes de informação que apresentem definições do conceito ou características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito em unidades de informação*

Para identificar unidades mínimas de informação apresentadas nos trechos, esses foram fragmentados em sentenças com apenas um sujeito, um verbo e um complemento e registrados no protocolo **(B)** de observação das unidades de informação contidas nos trechos das obras que contêm definições do conceito ou indicações de características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito, representado na Tabela 2.4. Esse protocolo é constituído de cinco colunas. A primeira à esquerda destinada ao registro da obra e do autor em que os trechos são apresentados e as unidades de informação identificadas; a segunda ao registro da localização do trecho; a terceira ao registro dos trechos transcritos; a quinta ao registro das unidades de informação identificadas a partir dos trechos; e a quarta à identificação das unidades de informação de cada trecho conforme a ordem em que são apresentadas.

TABELA 2.4

**Representação do PROTOCOLO (B) DE OBSERVAÇÃO das unidades de informação contidas nos trechos das obras que contêm definições do conceito ou indicações de características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito**

Obra e autor	Trecho	Sentença completa	Unidades de Informação	

Unidades mínimas de informações constituídas somente de um sujeito, um verbo e um complemento, no entanto, não são sempre facilmente identificáveis e na maioria das situações sua redação difere da apresentada no trecho original em função de alterações necessárias de serem realizadas na estrutura da frase, uma vez que o número de sujeitos, verbos e complementos é alterada e, com isso, a pessoa e a conjugação das sentenças. Para fragmentar os trechos de modo a identificar unidades de informação e redigi-las de modo claro e independente das demais informações do texto, foi necessário considerar especificidades de alguns trechos e elaborar procedimentos e critérios apropriados a esses casos. Nos casos em que elementos não presentes nos trechos originais foram acrescentados à redação das unidades de informação (especificidades *a*, *b* e *c*), tais elementos foram destacados em itálico. As especificidades contempladas foram:

- a) *Sujeito oculto ou incompleto*: há trechos em que o sujeito está oculto ou apresentado de maneira incompleta, sendo informações complementares apresentadas em outros trechos do texto. Nesses casos, foi necessário identificar o contexto no qual o trecho estava inserido ao longo do texto para identificar o sujeito ou informações que o complementam e acrescentá-los na redação final das unidades de informação.
- b) *Verbos e complementos incompletos*: do mesmo modo como sujeitos podem ser apresentados de maneira incompleta ou

oculta nas frases, o mesmo também ocorre aos verbos e complementos das frases que constituem os trechos. Podem se tratar de frases cujos verbos ou complementos estão suprimidos por terem sido apresentados em outros trechos do texto ou por ser possível inferi-los a partir do restante do trecho ou do contexto em que é apresentado. Para que cada unidade de informação se tornasse independente do restante do texto, nessas situações foi necessário acrescentar o verbo ou o complemento suprimidos ou, ainda, complementá-los.

- c) *Autores do texto referidos como sujeito da sentença:* dentre os trechos selecionados dos textos, houve alguns em que o sujeito das orações eram os próprios autores do texto. Nesses casos, ao fragmentar os trechos os sujeitos foram alterados para o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse. Conseqüentemente, foi necessário também realizar alterações nos demais elementos das sentenças.
- d) *Conjugação no plural de verbos correspondentes a mais de um sujeito:* nos casos em que havia mais de um sujeito nos trechos selecionados, os verbos da sentença necessariamente estavam conjugados originalmente no plural. Uma vez que ao fragmentar o trecho os sujeitos são separados, em unidades distintas de informação, redigir cada uma delas requer alteração da conjugação dos verbos para a primeira pessoa do singular.
- e) *Expressões de ligação entre sentenças ou elementos meramente ilustrativos:* ao fragmentar um trecho constituído de duas ou mais orações, foram retirados elementos conectivos entre o trecho selecionado e outros do texto, conectivos entre a sentença de cada unidade funcional e as demais sentenças do trecho e demais elementos meramente ilustrativos que não apresentavam informações novas a respeito do conceito de interesse ou de características de componentes de comportamentos relacionadas ao conceito.

Na Tabela 2.5 há um exemplo da fragmentação de um trecho selecionado em duas unidades de informação e registro no protocolo (B) de observação. O trecho “Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III, e aí uma unidade menor ‘Eu’ emerge.” do capítulo “O Self” da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), localizado na página 152, no parágrafo três, na primeira frase do parágrafo, possui dois sujeitos – “a criança” e “uma unidade menor ‘Eu’” –; dois verbos – “entre” e “emerge” –; um complemento

em comum – “após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos” –; e um específico ao sujeito “a criança” – “no estágio III”. Ao examinar os sujeitos e verbos, foi possível verificar que cada verbo correspondia a um sujeito e, com base nisso, foram elaboradas duas sentenças a partir do trecho original. Cada sentença com um dos sujeitos, um dos verbos, o complemento comum a ambas e uma delas com o complemento específico relacionado ao sujeito.

**TABELA 2.5**

**Exemplo de fragmentação de um trecho no PROTOCOLO (B) DE OBSERVAÇÃO das unidades de informação contidas nos trechos das obras que contêm definições do conceito ou indicações de características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito**

Obra e autor	Trecho	Sentença completa	Unidades de Informação	
“O Self” Kohlenberg e Tsai (1991/2006)	152.3.1	Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III, e aí uma unidade menor “Eu” emerge.	1.	Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III <i>de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” e da experiência de “Eu”</i> .
			2.	Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos uma unidade menor “Eu” emerge.

Na primeira coluna da figura está registrada a obra a partir da qual o trecho foi selecionado, na segunda a localização do trecho, na terceira há a transcrição do trecho e na quarta e quinta colunas estão registradas as unidades de informação identificadas, bem como sua sequência: (1) “Após um número considerável de tatos ‘eu X’ terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III *de desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e da experiência de ‘Eu’*” e (2) “Após um número considerável de tatos ‘eu X’ terem sido aprendidos uma unidade

menor ‘Eu’ emerge”. A unidade de informação (1) foi complementada pela expressão “*de desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e da experiência de ‘Eu’*”, nome atribuído pelos autores da obra em questão a estágios de desenvolvimento da unidade funcional “Eu”, por estar suprimida na sentença e apresentada em outros trechos do texto. Embora seja uma expressão que contém duas informações – “desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’” e “desenvolvimento da ‘experiência de ‘eu’” – não foi decomposta em unidades menores de informação por consistir na identificação dos estágios de desenvolvimento referidos pelos autores.

*C. Organizar informações apresentadas nas unidades de informação de modo a favorecer a identificação de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes constituintes de classes de comportamentos*

Após terem sido identificadas unidades de informações contidas nos trechos selecionados e as ter tornado independentes do restante do texto, tais unidades necessitavam receber tratamento para favorecer a identificação de classes de eventos constituintes de classes de comportamentos ou de relações entre classes de comportamentos nelas referidas. Para tanto, cada unidade de informação foi decomposta nos elementos que constituem uma oração – sujeito, verbo e complemento –, tais elementos foram avaliados em relação a aspectos que interferem na identificação de classes de eventos constituintes de classes de comportamentos e, quando necessário, foram realizados aperfeiçoamentos para aumentar o grau de visibilidade dessas classes de eventos.

#### *2.4. Identificar os componentes das sentenças das unidades de informação que exercem as funções “sujeito”, “verbo” e “complemento”*

Cada unidade de informação foi submetida a um procedimento de identificação das funções exercidas pelos componentes das sentenças em que estão apresentadas – sujeito, verbo e complemento – e cada elemento foi registrado no protocolo (C) de observação dos componentes das sentenças das unidades de informação que exercem funções de “sujeito”, “verbo” e “complemento”, representado na Tabela 2.6. O protocolo é constituído de sete colunas. A primeira, tal qual os protocolos (A) (Tabela 2.2) e B (Tabela 2.4), com função de registro da

obra utilizada como fonte de informações e do autor da obra; a segunda, de localização do trecho a partir do qual a unidade de informação foi identificada a fim de tornar fácil verificar as informações diretamente no trecho da obra quando necessário; a quarta, de transcrição da unidade de informação a partir do protocolo **(B)** de observação, com a manutenção dos destaques em itálico realizados no procedimento 2.3; a terceira, de indicação da sequência da unidade de informação no trecho a partir do qual foi identificada. A quinta, a sexta e a sétima, por fim, com função de registro dos elementos da sentença que exercem papel de sujeito, verbo e complemento, respectivamente. Para identificar as funções dos elementos das sentenças das unidades de informação foram utilizadas as normas gramaticais da língua portuguesa.

**TABELA 2.6**

**Representação do PROTOCOLO (C) DE OBSERVAÇÃO dos componentes das sentenças das unidades de informação que exercem funções de “sujeito”, “verbo” e “complemento”**

Obra e autor	Trecho	Unidade de informação		Sujeito	Verbo	Complemento

Considerando especificidades encontradas nas unidades de informação identificadas nos trechos das obras utilizadas como fontes de informações, alguns procedimentos específicos foram realizados. Foram eles:

- a) *Unidades de informação com mais de um complemento:* em algumas unidades de informação foram identificados mais de um complemento. Nesses casos, os complementos foram agrupados por meio de conectivos apropriados à relação que estabeleciam entre si – se complementos distintos ou complementares.
- b) *Unidades de informação constituídas de locuções verbais:* a identificação de verbos em unidades de informação serve à

identificação em procedimentos posteriores das ações a que tais verbos se referem. Nem todas as ações são referidas por meio de uma única palavra com função de verbo, no entanto. A depender das características do trecho a partir do qual as unidades de informação foram derivadas, tais unidades haviam sido redigidas com locuções verbais, que são expressões constituídas de um verbo auxiliar (ter, haver, ser, estar, ir) e um verbo principal em formato de gerúndio, particípio ou no infinitivo. Nesses casos, as locuções verbais por inteiras foram registradas na coluna do protocolo (C) de observação destinada ao registro de verbos das unidades de informação.

- c) *Unidades de informação cujos verbos são apresentados na forma negativa*: os verbos de algumas unidades de informação identificadas a partir dos trechos selecionados das obras eram precedidos do termo “não”. Ainda que o termo confira à unidade de informação uma forma negativa ao verbo e tal forma não corresponda a uma ação – evento que se pretende observar a partir dos verbos utilizados nas obras –, possibilita que a ação a que o autor se refere seja inferida. Seja por meio de explicitação do antônimo da expressão ou pela identificação em outros trechos de informações de verbo em formato afirmativo que substitua a expressão na forma negativa. Por possibilitar a inferência de componentes de classes de componentes de classes de comportamentos relacionadas ao conceito de interesse, portanto, verbos precedidos do termo “não” também foram registrados no protocolo (C) de observação na coluna destinada ao registro de verbos.

Um exemplo da identificação dos elementos de uma unidade de informação que exercem as funções de sujeito, verbo e complemento e de registro desses elementos no protocolo (C) de observação é apresentado na Tabela 2.7. A primeira unidade de informação identificada no exemplo de fragmentação de um trecho no protocolo (B) de observação apresentado na Tabela 2.5 foi transcrita para a quarta coluna do protocolo (C) de observação e as informações referentes à obra, autores, localização do trecho e sequência da unidade foram registradas nas três primeiras colunas. Na quinta foi registrado o sujeito “a criança” identificado na unidade de informação; na sexta foi registrado o verbo “entra”; e na sétima foi registrado o complemento “no estágio III de desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e da

*experiência de ‘Eu’ após um número considerável de tatos ‘eu X’ terem sido aprendidos”.*

**TABELA 2.7**

**Exemplo de identificação da função dos componentes das unidades de informação no PROTOCOLO (C) DE OBSERVAÇÃO dos componentes das sentenças das unidades de informação que exercem funções de “sujeito”, “verbo” e “complemento”**

Obra e Autor	Trecho	Unidade de informação	Sujeito	Verbo	Complemento
“O Self” Kohlenberg e Tsai (1991/ 2006)	152.3.1	1. Após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos, a criança entra no estágio III de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” e da experiência de “Eu”.	a criança	entra	<i>no estágio III de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” e da experiência de “Eu”</i> após um número considerável de tatos “eu X” terem sido aprendidos

*2.5. Aperfeiçoar estrutura das sentenças das unidades de informação de modo que o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse exerça função de “sujeito”*

Com a finalidade de tornar as características de classes de componentes de comportamentos referidas pelo conceito de interesse mais facilmente identificáveis, nas unidades de informações que faziam referência indireta ao “indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse” ou nas quais era referido na voz passiva, foram realizadas adaptações de modo a atribuir função de sujeito a tal indivíduo – o qual pode ser referido de diversas formas. Nas demais unidades de informação, com referência a especificidades de classes de comportamentos relacionadas ao conceito de interesse ou a proposições mais abrangentes, quando

possível, foram feitas alterações para tornar “Eu”, “Self” ou ainda, primeiro, segundo ou terceiro “estágio de desenvolvimento do Eu” os sujeitos das sentenças. Em função de ambas as obras selecionadas como fontes de informação tratem tanto do desenvolvimento de um processo relacionado ao conceito de interesse quanto do processo já definido, foi considerado que realizar alterações nas sentenças para atribuir função de sujeito aos termos “Eu”/“Self” ou seus estágios de desenvolvimento também favoreceria a identificação de características de classes de comportamentos relacionadas ao conceito de interesse. Houve muitos casos, no entanto, que as unidades de informação tratavam de características de componentes específicos de classes de comportamentos e tal especificidade impossibilitou que o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse, os termos “Eu”/“Self” ou seus estágios de desenvolvimento passassem a exercer função de sujeito.

As adaptações em questão foram realizadas nas sentenças e registradas nas duas primeiras linhas do protocolo (**D**) de proposição de aperfeiçoamento nas sentenças das unidades de informação de modo a favorecer a identificação de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes constituintes de classes de comportamentos, representado na Tabela 2.8. O protocolo em questão é constituído de sete colunas e cinco linhas e serviu aos procedimentos 2.5, 2.7, 2.8 e 2.9. A primeira coluna da esquerda com função de registro da obra utilizada como fonte de informações e do autor da obra; a segunda com função de registro da localização do trecho no texto; a terceira de indicação da sequência da unidade de informação em relação ao trecho a partir do qual foi identificada; a quarta para indicar a qualificação da unidade de informação conforme a quantidade e o tipo de transformações às quais foi submetida; a quinta, sexta e sétima colunas para o registro dos elementos da unidade de informação com função de “sujeito”, “verbo” e “complemento” a cada transformação.

A primeira linha do protocolo teve como finalidade a transcrição da redação da unidade de informação conforme foi originalmente fragmentada a partir dos trechos do texto no procedimento 2.3, cujo registro no protocolo (**D**) de proposição foi categorizado como “original”. Os destaques em itálico realizados ao fragmentar os trechos do texto (no procedimento 2.3) foram removidos, uma vez que seriam realizadas novas adaptações na redação das unidades de informação. Todas as demais linhas serviram ao registro das transformações propostas à redação das sentenças.

TABELA 2.8

**Representação do PROTOCOLO (D) DE PROPOSIÇÃO de aperfeiçoamentos nas sentenças das unidades de informação de modo a favorecer a identificação de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes constituintes de classes de comportamentos**

Obra e Autor	Trecho	U.I.	Sentença	Sujeito	Verbo	Complemento
			Original			
			SA			
			VA			
			CA			
			GA			

Transformações orientadas pelo aperfeiçoamento do sujeito foram registradas na segunda linha, sob a qualificação “SA” – sigla para “sujeito aperfeiçoado” –; transformações orientadas pelo aperfeiçoamento no verbo foram registradas na terceira linha sob a qualificação da sigla “VA”; unidades de informação que tiveram o complemento aperfeiçoado foram registradas na quarta linha do protocolo sob a qualificação “CA”; e, por fim, aperfeiçoamentos realizados no grau de generalidade das unidades de informação foram registrados na quinta linha, sob a qualificação “GA”. Não houve necessidade de todas as sentenças serem submetidas a todos os processos de transformação das funções de seus elementos ou de seus graus de abrangência. Foram realizadas adaptações conforme as características de cada unidade de informação. Além disso, foi também utilizado um critério adicional de transformação das sentenças: a uniformização do texto. Termos utilizados como sinônimos ao longo das unidades de informação foram substituídos pelo termo de maior grau de clareza dentre os equivalentes.

Na Tabela 2.9 é apresentado um exemplo da realização do procedimento em questão, de adaptação do sujeito da unidade de informação.

**TABELA 2.9**

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (D) do aperfeiçoamento na estrutura das sentenças das unidades de informação de modo que o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse exerça função de “sujeito”**

Obra e Autor	Trecho	U.I.	Sentença	Sujeito	Verbo	Complemento
“O Self” Kohlenberg e Tsai (1991/2006)	148.3.1 148.3.2	5.	Original	A atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã presente na situação em que a criança aprende o tato “eu vejo maçã”	é	acessível apenas à criança.
			SA	<i>O indivíduo</i>	aprende	o tato “eu vejo maçã” em situações em que há “atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã” acessível apenas a <i>ele</i>

Trata-se de uma unidade de informação distinta da utilizada como exemplo nos procedimentos 2.3, 2.4 e 2.5 (exemplos apresentados nas Tabelas 2.3, 2.5 e 2.7) por se tratar de um caso em que foram realizados aperfeiçoamentos em todos os componentes da sentença. A unidade de informação original com os elementos “sujeito”, “verbo” e “complemento” identificados foi transcrita do protocolo (C) de observação e registrada na primeira linha do protocolo (D) de proposição, o conjunto de elementos da sentença que exerce função

sujeito na sentença é “A atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã presente na situação em que a criança aprende o tato ‘eu vejo maçã’”, a palavra “é” exerce função de verbo e “acessível apenas à criança” exerce função de complemento.

Na segunda linha foram registradas as alterações na sentença orientadas para atribuir ao indivíduo envolvido no fenômeno de interesse a função de sujeito. “*O indivíduo*” passou a exercer tal função na sentença, portanto, e foi registrada na quinta coluna. Inicialmente foi realizada uma alteração para que “a criança”, indivíduo mencionado na sentença, exercesse o papel de sujeito. No entanto, como a finalidade dos procedimentos de aperfeiçoamento das sentenças das unidades de informação é favorecer a identificação de características de classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu”, foi decidido que seria mais apropriado tornar a referência ao sujeito mais genérica, uma vez que indivíduos em diferentes fases de desenvolvimento poderiam apresentar os comportamentos referidos na obra. Como foi realizada uma alteração na redação do trecho com função de sujeito, não somente sua localização, o mesmo foi destacado em itálico.

Para transformar a unidade de informação a fim de que “*o indivíduo*” passasse à função de sujeito, no entanto, o restante da sentença também sofreu alterações. Em relação ao novo sujeito da sentença, é mencionada na unidade de informação a ação “aprender”, a qual, portanto, passou a exercer função de verbo no modo “aprende”. O restante da sentença reorganizado em função do novo sujeito e novo verbo passou a exercer função de complemento: “O tato ‘eu vejo maçã’ em situações em que há ‘atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã’ acessível apenas a ela”. Como é possível observar no exemplo, em função da alteração do sujeito da frase foram necessárias algumas pequenas alterações nos elementos do trecho que passou a consistir no complemento da sentença, agora constituído do complemento da sentença original e parte da expressão que exercia função de sujeito na proposição original.

## *2.6. Aperfeiçoar verbos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza das ações ou comportamentos a que se referem*

Após alterar a redação das sentenças em função do sujeito que melhor favoreceria a identificação de características de componentes de comportamentos do “indivíduo relacionado aos fenômenos de

interesse”, os verbos das sentenças das unidades de informação foram avaliados. Conforme o grau com que possibilitavam identificar a resposta ou classe de respostas do sujeito da sentença, foram realizadas ou não aperfeiçoamentos que facilitassem sua identificação em procedimentos posteriores. Para avaliar o quanto cada verbo ou locução adverbial favorecia a identificação de características das classes de respostas de comportamentos referidos pelo conceito “Eu” nas obras investigadas, foram utilizados alguns parâmetros descritos por Noceti (2011), Franken (2009), De Luca (2008) e Luiz (2008):

- a) *Clareza*: avaliar um verbo em relação a seu grau de clareza se referiu a examinar o grau de facilidade/dificuldade com que era possível identificar ações do sujeito da oração ou do indivíduo relacionado aos fenômenos de interesse (mesmo que sua referência não seja realizada na expressão com função de sujeito na sentença). O grau de clareza acerca da ação referida pelo verbo ou de suas características é comprometido, por exemplo, com a utilização de expressões metafóricas – como o verbo “emergir” utilizado como referência ao desenvolvimento de determinado comportamento.
- b) *Precisão*: o grau de precisão dos verbos está relacionado à sua adequação ao grau de abrangência da ação a que se refere. Por vezes, os verbos das unidades de informação tinham um significado mais ou menos abrangente do que a ação referida no trecho, o que os tornava imprecisos. São exemplos de incoerência entre o significado do verbo e o tamanho da classe de ações a que a unidade de informação possibilita observar situações em que um verbo abrange uma classe de eventos maior do que a classe a que a unidade de informação efetivamente se refere ou quando são utilizados verbos vagos que não possibilitam identificar o tamanho da classe de ações a que se referem – como o verbo “envolve” na sentença “O desenvolvimento mal-adaptativo *envolve* um baixo grau de controle do “Eu” por estímulos internos”.
- c) *Concisão*: o termo “concisão” como qualificação de verbos se refere à condição de expressar conceitos/ideias de maneira breve e direta. Um verbo com sentido equivalente a uma expressão ou locução verbal, por exemplo, é mais conciso que as referidas expressões ou locuções verbais. A utilização do parâmetro “concisão” para avaliação e aperfeiçoamento de verbos ou locuções verbais apresentados nas unidades de

informação, no entanto, somente se deu em conjunto com o parâmetro “precisão”. Ainda que um verbo seja mais conciso que uma expressão ou locução verbal, não foi privilegiado em detrimento de um verbo ou locução verbal mais precisos.

Um exemplo da realização do procedimento de aperfeiçoamento de verbos das unidades de informação é apresentado na Tabela 2.10, referente a transformações realizadas na mesma unidade de informação submetida ao procedimento 2.5 (Tabela 2.9), no mesmo protocolo (**D**) de proposição. O registro primeira linha do protocolo foi suprimida em função de suas informações não interferirem no procedimento de avaliação e aperfeiçoamento do verbo da unidade de informação e por já ter sido apresentada no exemplo de aperfeiçoamento do sujeito da mesma unidade de informação (Tabela 2.9). Na segunda linha (SA), foi transcrito o produto do procedimento de aperfeiçoamento do sujeito e na terceira foi registrada a alteração realizada no verbo. O verbo conjugado “aprende” foi substituído pelo verbo conjugado “desenvolve”. Os demais componentes da sentença foram mantidos iguais, embora pudessem ter sofrido alterações caso o aperfeiçoamento do verbo requeresse adaptações no complemento para que se tornasse coerente com o novo verbo.

Nesse caso, a alteração do verbo foi embasada mais no critério de uniformidade do tratamento dado à redação das unidades de informação do que no favorecimento à identificação de características da classe de respostas a que se refere. O verbo “aprende” é claro, preciso e conciso – a partir de uma determinada definição do que consista “aprender” –, no entanto, outras unidades de informação do texto eram constituídas de verbos com sentido de “desenvolvimento”, porém menos precisos (como o caso do verbo “emergir” já mencionado). Nesses casos houve alteração para o verbo “desenvolver”, conjugado como “*desenvolve*” – com destaque em itálico. Uma vez que o verbo “aprender” foi entendido como referência à ocorrência de transformação de um comportamento ineficaz para solucionar determinada situação-problema em um comportamento novo, eficaz à solução da mesma situação, foi considerado que o verbo “desenvolver”, quando seguido de um complemento que especifique o comportamento (a ser) desenvolvido, pode substituir o verbo “aprender” sem prejuízos.

TABELA 2.10

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (D) do aperfeiçoamento dos verbos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza das ações ou comportamentos a que se referem**

Obra e Autor	Trecho	U.I.	Sentença	Sujeito	Verbo	Complemento
"O Self" Kohlenberg e Tsai (1991/ 2006)	148.3. 1 148.3. 2	5.	Original	-	-	-
			SA	<i>O indivíduo</i>	aprende	o tato "eu vejo maçã" em situações em que há "atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã" acessível apenas a <i>ele</i>
			VA	<i>O indivíduo</i>	<i>desenvolve</i>	o tato "eu vejo maçã" em situações em que há "atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã" acessível apenas a <i>ele</i>

### 2.7. Aperfeiçoar complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza acerca dos estímulos a que se referem

Após o exame das unidades de informação do ponto de vista dos verbos que as constituem, foram examinados os seus complementos e o quanto favorecem a identificação de características de componentes de classes de comportamentos referidas pelo conceito "Eu". Além do critério geral de uniformidade em relação às demais unidades de informação, foram utilizados como critérios os mesmos mencionados no procedimento 2.6 de aperfeiçoamento dos verbos: clareza, precisão e concisão. Embora atenda ao critério de precisão, uma alteração realizada

em unidades de informação merece destaque por ter sido realizada em várias delas e ser em parte embasada em uma interpretação. Menções a “possibilidades” foram interpretadas como recursos de parcimônia em conclusões/proposições dos autores, o que, embora seja um recurso importante em proposições que ainda requerem validação experimental, obscurece as características dos componentes de classes de comportamentos referidos nas obras como relacionadas ao conceito de interesse. Com base em tal interpretação e para conferir maior precisão às unidades de informação, as menções em questão foram substituídas pela especificação do intervalo de probabilidade (muito, pouco provável) a que as proposições se referiam.

Na Tabela 2.11 é apresentada a representação de um exemplo de adaptação nos complementos, também realizada por meio do protocolo **(D)** de proposição, na unidade de informação utilizada como exemplo da realização dos procedimentos 2.5 de aperfeiçoamento do sujeito e 2.6 de aperfeiçoamento do verbo. As duas primeiras linhas da tabela foram suprimidas por não interferirem na proposição de alterações no complemento da sentença. Na terceira linha (VA), foi transcrito o produto do procedimento de aperfeiçoamento do verbo e na quarta foram registradas as alterações realizadas no complemento.

TABELA 2.11

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (D) do aperfeiçoamento dos complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza acerca dos estímulos a que se referem**

Obra e Autor	Trecho	U. I.	Sentença	Sujeito	Verbo	Complemento
"O Self" Kohlenberg e Tsai (1991/ 2006)	148.3. 1 148.3. 2	5.	Original	-	-	-
			SA	-	-	-
			VA	<i>O indivíduo</i>	<i>desenvolve</i>	o tato "eu vejo maçã" em situações em que há "atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã" acessível apenas a <i>ele</i>
CA	<i>O indivíduo</i>	<i>desenvolve</i>	o tato "eu vejo maçã" em situações em que há "atividade privada" <i>como uma parcela privada do comportament</i> o "ver a maçã" por ele apresentado, associada à <i>parcela pública desse comportament</i> o "orientação pública em direção à maçã" e acessível apenas a <i>ele</i>			

Com base em informações apresentadas em outras unidades de informação próximas no texto à unidade de informação em questão, foi verificado que a expressão “atividade privada associada com a orientação pública em direção à maçã” apresentava tanto uma referência a uma parcela não observável do comportamento de “ver a maçã”, sob controle do qual é desenvolvido o tato “eu vejo maçã”, quanto uma referência a uma parcela observável de tal comportamento. “Atividade privada” consiste em referência a uma parcela privada do comportamento de “ver a maçã” e “orientação pública em direção à maçã”, por sua vez, se refere a um dos aspectos observáveis desse comportamento. Para conferir maior grau de clareza à unidade de informação e, com isso, favorecer a identificação de características de componentes da classe de comportamentos referida na sentença, foi considerado necessário esclarecer a condição “privada” ou “pública” dos eventos mencionados no complemento em exame, assim como especificar que constituem um comportamento apresentado pelo próprio indivíduo sob controle do qual o tato é desenvolvido. Foi proposto, então, acrescentar à expressão “atividade privada” o complemento “*como uma parcela privada do comportamento ‘ver a maçã’ por ele apresentado*” e à expressão “orientação pública em direção à maçã” o complemento “*parcela pública do comportamento ‘ver a maçã’ por ele apresentado*”. Uma vez que ambos os complementos propostos se referem ao “*comportamento ‘ver a maçã’*”, na redação final da sentença, somente uma referência ao comportamento foi considerada necessária, o que conferiu à referência ao aspecto público do comportamento o adendo “*desse comportamento*”. Todas as alterações propostas foram registradas em itálico.

## 2.8. *Avaliar e aperfeiçoar grau de generalidade das unidades de informação em relação à possibilidade de identificar classes de comportamentos a partir de seus componentes*

A última alteração realizada nas sentenças das unidades de informação se referiu aos graus de generalidade e alcance das sentenças. Dentre os critérios utilizados para a seleção de trechos dos textos utilizados como fontes de informação, no procedimento 2.1, um deles consistiu na seleção de trechos que continham exemplos cuja classe não foi apresentada em outros trechos da obra (critério *e*). Tais trechos foram selecionados, no entanto, não para identificar as características

dos componentes dos comportamentos específicos a que se referiam, mas de classes de comportamentos constituídas de tais comportamentos específicos. Para tanto, se fez necessário tornar a redação dessas sentenças mais correspondente à classe de comportamentos à qual pertencem os exemplos a que se referem.

Na Tabela 2.12 é apresentado um exemplo do procedimento em questão realizado por meio do protocolo (D) de proposição em relação à unidade de informação utilizada como exemplo dos procedimentos 2.5 (Tabela 2.9), 2.6 (Tabela 2.10) e 2.7 (Tabela 2.11). As três primeiras linhas da tabela foram suprimidas, uma vez que não interferiram na realização do aperfeiçoamento do grau de generalidade da sentença. Na quarta linha, foi transcrito o produto do procedimento de aperfeiçoamento do complemento da sentença. Na quinta linha, por fim, estão registrados os três componentes da sentença com alterações na redação do complemento, as quais foram realizadas nesse procedimento por se tratarem especificamente de aperfeiçoamentos no grau de generalidade da sentença – de outro modo, poderiam ter sido realizados no procedimento 2.7, destinado ao exame e aprimoramento dos complementos das unidades de informação.

As alterações realizadas no complemento da sentença qualificada como GA, todas destacadas em *itálico*, tiveram como base a consideração de que o tato “eu vejo maçã” consiste em um exemplo dos vários tatos possíveis de serem desenvolvidos pelo indivíduo sob controle de uma ação por ele apresentada em relação a um objeto, ou, mais precisamente, de um comportamento em relação a um objeto. De acordo com a unidade de informação, a situação na qual o indivíduo desenvolve o tato específico mencionado é constituída do aspecto público “orientação pública em direção à maçã” do comportamento “ver a maçã” e de “atividade privada” como uma parcela privada associada à parcela pública do comportamento. A partir de suas características, é possível, por indução, propor uma classe mais ampla tanto do comportamento de tato quanto dos eventos presentes nas situações em que é desenvolvido. Como classe mais geral de tatos, foi proposta a classe “tato *‘eu + ação + objeto’*”, considerando que o exemplo não constitui qualquer classe de tatos, mas uma classe relacionada a ações do próprio indivíduo em relação a objetos. Foi selecionado o termo “ação” e não “comportamento” em função do critério de uniformização do texto em relação aos tatos mencionados pelos autores.

TABELA 2.12

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (D) do aperfeiçoamento dos complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de generalidade dos estímulos a que se referem**

Obra e Autor	Trecho	U. I.	Senten-ça	Sujeito	Verbo	Complemento
"O Self" Kohlenberg e Tsai (1991 /2006)	148.3.1 148.3.2	5.	Original	-	-	-
			SA	-	-	-
			VA	-	-	-
			CA	<i>O indivíduo</i>	<i>desenvolve</i>	o tato "eu vejo maçã" em situações em que há "atividade privada" como uma parcela privada do comportamento "ver a maçã" por ele apresentado, associada à parcela pública desse comportamento "orientação pública em direção à maçã" e acessível apenas a ele
			GA	<i>O indivíduo</i>	<i>desenvolve</i>	o tato "eu + ação + objeto" em situações em que há "atividade privada" como uma parcela privada do comportamento por ele apresentado em relação a um objeto, associada à parcela pública desse comportamento e acessível apenas a ele

Como classe mais geral da parcela privada do comportamento ao qual o tato do exemplo se refere – “*‘atividade privada’ como uma parcela privada do comportamento ‘ver a maçã’*” –, foi proposta a redação “*‘atividade privada’ como uma parcela privada do comportamento apresentado em relação a um objeto*”. Como classe mais geral da parcela pública “*parcela pública desse comportamento ‘orientação pública em direção à maçã’*”, foi proposto “*parcela pública desse comportamento*”. A partir da nova proposição, passam a constituir as classes de eventos propostos não apenas dos elementos que constituem especificamente o exemplo em questão, mas quaisquer ações do indivíduo em relação a objetos e os tatos relacionados a tais comportamentos.

*D. Identificar características de classes de comportamentos constituídos das classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes identificadas na obra*

Após o exame e aperfeiçoamento das unidades de informação, as sentenças nas quais eram apresentadas foram utilizadas como fontes de informações para identificar as características dos componentes de classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” ao longo dos textos examinados. Para tanto, foi utilizado como recurso o conjunto de procedimentos reunidos sob o nome “Análise Funcional”, que possibilitam identificar os componentes de uma classe de comportamentos – classes de estímulos antecedentes, classes de respostas, classes de estímulos consequentes –; especificar as funções que classes de estímulos antecedentes exercem no sistema de relações do qual fazem parte – “classes de estímulos antecedentes contextuais”, “classes de estímulos antecedentes condicionais” e “classes de estímulos antecedentes discriminativos” –; eventos que exercem função de “operações motivadoras” em relação ao sistema de comportamentos caracterizado; e, ainda, relações que as classes de eventos identificadas estabelecem entre si.

Identificar com precisão as características de componentes de classes de comportamentos referidas nas obras utilizadas como fontes de informações, no entanto, necessitou que fossem realizados vários procedimentos que conferissem aos dados alto grau de fidedignidade às informações apresentadas nas obras, os caracterizasse como componentes de classes de comportamentos em conformidade às características desses eventos como definidas no conceito de “comportamento” e, ao mesmo tempo, possibilitassem a identificação de

relações entre as classes de comportamentos identificadas. Desse modo, as características das classes de comportamentos analisadas funcionalmente aumentariam a probabilidade de que fossem elaborados “sistemas comportamentais” constituídos de tais classes de comportamentos e, com isso, fossem produzidos resultados que oferecem uma “visão geral” das proposições apresentadas em cada obra em relação ao conceito de interesse.

*2.9. Analisar funcionalmente informações apresentadas nas unidades de informação e identificar elementos que exercem função de “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” em classes de comportamentos*

Num primeiro procedimento de identificação das características dos componentes de classes de comportamentos referidas nas obras pelo conceito “Eu”, os componentes estruturais das sentenças de cada uma das unidades de informação – sujeito, verbo e complemento – foram analisadas do ponto de vista da função que exercem em sistemas de relações entre classes de ações do indivíduo e classes de aspectos do ambiente (classes de comportamentos) e, conforme as funções identificadas, foram registrados no protocolo (E) de observação das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” referidas pelas unidades de informação, representado na Tabela 2.13. Tal protocolo é constituído de quatro colunas: a primeira referente ao registro da unidade de informação cujos elementos serão utilizados como fonte de informações à identificação de características de classes de eventos de uma classe de comportamentos, acompanhada, entre parênteses, da indicação de sua localização no texto, da sequência em que é apresentada no trecho selecionado do texto e da obra. As demais, destinadas ao registro dos componentes “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” de uma classe de comportamentos. O destaque em itálico realizado nas sentenças das unidades de informação submetidas aos procedimentos de aperfeiçoamento de sua redação (procedimentos 2.5 a 2.8) foi removido, uma vez que o aspecto “estrutural” das sentenças não seria mais examinado e aperfeiçoado.

TABELA 2.13

**Representação do PROTOCOLO (E) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” referidas pelas unidades de informação**

Unidade de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes

Ainda que a seleção dos trechos das obras utilizadas como fontes de informação (procedimento 2.1) tenha sido orientada pela identificação de referências a características de componentes de classes de comportamentos referidas pelo conceito de interesse – o que incluiu referências a possíveis (1) respostas do indivíduo, (2) estímulos antecedentes a respostas do indivíduo, (3) estímulos consequentes a respostas do indivíduo, (4) estímulos ou conjuntos de estímulos do ambiente que interferem no valor reforçador de estímulos consequentes a respostas do indivíduo ou (5) estímulos do ambiente que interferem na função de outros estímulos do ambiente –, identificar dentre os componentes das unidades de informação aqueles que de forma mais acurada exercem função de “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos antecedentes” em uma “classe de comportamentos” requereu observar de modo mais rigoroso as características definidoras dessas classes de eventos como critério orientador:

- a) *Classes de estímulos antecedentes*: classes de aspectos do meio que antecedem respostas do indivíduo e exercem função em relação a tais respostas e aos demais componentes da classe de comportamentos da qual faz parte, de modo a interferir na probabilidade de ocorrência das respostas da classe de respostas
- b) *Classes de respostas*: classes de ações do indivíduo, funcionalmente relacionadas a aspectos do meio que as antecedem e aspectos que as sucedem
- c) *Classes de estímulos consequentes*: classes de aspectos do meio que sucedem respostas do indivíduo e exercem função em relação a tais respostas e aos demais componentes da classe de

comportamentos da qual faz parte, de modo a interferir na probabilidade de ocorrência das respostas da classe de respostas

Análises mais precisas acerca das funções exercidas pelas classes de estímulos antecedentes – classes de estímulos antecedentes contextuais, condicionais ou discriminativos – ou de elementos que exercem função de “operações motivadoras” em relação à classe de comportamentos não foram realizadas nessa etapa por terem sido consideradas de maior grau de complexidade e requererem primeiramente a identificação de características menos específicas dos componentes das classes de comportamentos. A partir da análise das relações entre seus componentes é que se tornaria possível realizar uma análise mais minuciosa. Como ilustração do procedimento, é apresentado na Tabela 2.14 um exemplo do registro das classes de eventos identificadas a partir de uma unidade de informação.

**TABELA 2.14**

**Exemplo de registro de classes de eventos constituintes de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (E) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” referidas pelas unidades de informação**

Unidade de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
O indivíduo desenvolve o tato “eu + ação + objeto” em situações em que há “atividade privada” como uma parcela privada do comportamento por ele apresentado em relação a um objeto, associada à parcela pública desse comportamento e acessível apenas a ele. (148.3.1/148.3.2-5; Ob.1)	- “atividade privada” como uma parcela privada do comportamento o apresentado em relação a um objeto, acessível apenas a ele - parcela pública do comportamento o apresentado em relação ao objeto	- tato “eu + ação + objeto”	- desenvolve o tato “eu + ação + objeto”

Trata-se da mesma unidade de informação utilizada como exemplo dos procedimentos de aperfeiçoamento da redação das sentenças – 2.5 a 2.8. O registro realizado no protocolo (E) de observação foi realizado sem nenhuma alteração na redação dos componentes, uma vez que seriam submetidos posteriormente a um procedimento com tal finalidade.

Transcritos diretamente da unidade de informação cuja redação foi aperfeiçoada, os elementos da unidade de informação classificados e registrados como classes de estímulos antecedentes foram: “‘atividade privada’ como uma parcela privada do comportamento apresentado em relação a um objeto acessível apenas a ele” e “parcela pública do comportamento apresentado em relação ao objeto”. O elemento classificado e registrado como classe de respostas foi “tato ‘eu + ação + objeto’”. Como classe de estímulos consequentes foi classificado e registrado o elemento “desenvolve tato ‘eu + ação + objeto’”. Por meio desse procedimento, começa a ser evidenciada a natureza dos eventos referidos nas unidades de informação: consistem em eventos que constituem classes de interações entre classes de aspectos do meio e classes de respostas do indivíduo. Além disso, passa a se tornar possível utilizar o conhecimento acerca das propriedades do fenômeno “comportamento” a fim de identificar o maior grau de complexidade das relações estabelecidas entre os eventos, bem como derivar outros não diretamente referidos nas unidades de informação.

*2.10. Avaliar e aperfeiçoar a redação dos componentes identificados e registrados como “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” por meio do conceito de comportamento*

Ainda que tenha sido realizada uma avaliação da redação dos componentes em relação ao grau com que possibilitavam identificar de características de componentes dos comportamentos, após a identificação da função que os elementos das unidades de informação exercem em uma classe de comportamentos e de seu registro no protocolo (E), cada uma das classes de componentes identificadas foi submetida a um novo processo de avaliação de sua redação a partir do conceito “comportamento”. Registrados nas colunas do protocolo destinadas às “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes”, novas adaptações são requeridas para que se configurem efetivamente em referências a tais classes de

eventos. Na Tabela 2.15 é ilustrada a realização desse procedimento com os componentes identificados da unidade de informação utilizada nos exemplos dos procedimentos 2.5 a 2.9. Os componentes que sofreram alteração estão apresentados no exemplo somente a fim de lhe conferir clareza e foram destacados com um risco sobre eles. Abaixo, sinalizadas por setas, estão apresentadas as proposições de aperfeiçoamento.

**TABELA 2.15**

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (E) do aperfeiçoamento realizado na redação dos componentes “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” observadas nas unidades funcionais**

Unidade de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
<p>O indivíduo desenvolve o tato “eu + ação + objeto” em situações em que há “atividade privada” como uma parcela privada do comportamento por ele apresentado em relação a um objeto, associada à parcela pública desse comportamento e acessível apenas a ele. (148.3.1/148.3.2-5; Ob.1)</p>	<p><del>“atividade privada” como uma parcela privada do comportamento apresentado em relação a um objeto, acessível apenas a ele</del></p> <p>↓</p> <p>- respostas encobertas do comportamento apresentado em relação ao objeto</p> <p><del>parcela pública do comportamento apresentado em relação ao objeto</del></p> <p>↓</p> <p>- respostas públicas do comportamento apresentado em relação ao objeto + - estímulos públicos do comportamento apresentado em relação ao objeto</p>	<p><del>tato “eu + ação + objeto”</del></p> <p>↓</p> <p>- dizer “eu + ação + objeto”</p>	<p><del>desenvolve o tato “eu + ação + objeto”</del></p> <p>↓</p> <p>- tato “eu + ação + objeto” desenvolvido</p>

A redação da classe de estímulos antecedentes “‘atividade privada’ como uma parcela privada do comportamento apresentado em

relação a um objeto, acessível apenas a ele” foi alterada para “respostas encobertas do comportamento apresentado em relação ao objeto”. Esse aperfeiçoamento foi realizado com base em outras informações apresentadas em unidades de informações próximas à em exame, que especificavam ser tal “atividade privada” um dentre os vários estímulos privados presentes na situação em que o indivíduo apresenta o tato “eu vejo maçã” – cuja classe mais abrangente foi identificada como tato “eu + ação + objeto” – e apresentavam uma ponderação acerca de tal “atividade” ser fisiológica. Com base em tais informações e no conceito de “comportamento”, foi considerado que o componente em questão consistia nas respostas encobertas (possivelmente fisiológicas) de comportamentos do indivíduo em relação a um objeto que exercem função de estímulo antecedente em relação à resposta de tato.

Não foi encontrada nas demais unidades de informação alguma especificação ou ponderação acerca de a parcela pública do comportamento apresentado em relação ao objeto consistir em estímulos ou respostas, exclusivamente. Além disso, o evento específico apresentado na unidade de informações anteriormente aos aperfeiçoamentos realizados consistia em “orientação pública em direção à maçã”, que pode ser constituída tanto da resposta “orientar-se em direção à maçã” quanto do estímulo público “maçã” ou ainda outros eventos no campo visual do indivíduo que exerçam função de estímulo. Considerar não apenas o exemplo específico do comportamento “ver a maçã”, mas uma classe mais abrangente que envolve quaisquer comportamentos do indivíduo em relação a um objeto não interfere na interpretação realizada. Tendo sido considerado que tanto respostas públicas do comportamento do indivíduo em relação ao objeto quanto estímulos públicos que constituem esse comportamento consistem na “parcela pública do comportamento apresentado em relação a um objeto”, foi proposta sua substituição por “respostas públicas do comportamento apresentado em relação ao objeto” e “estímulos públicos do comportamento apresentado em relação ao objeto”.

Em relação à redação da classe de respostas, foi proposta a alteração para um verbo conjugado no infinitivo que melhor se adequasse à classe de respostas em questão. Sendo o tato um comportamento verbal oral, foi proposta a classe de respostas “dizer” acompanhado do complemento “eu+ação+objeto”. A redação da classe de estímulos consequentes, por sua vez, sofreu uma alteração em relação ao tempo verbal do verbo “desenvolver”. Para consistir em uma referência mais apropriada a um produto das respostas da classe de respostas, foi considerado mais apropriado colocá-lo no pretérito

perfeito. “Desenvolve o tato “eu + ação + objeto”, portanto, foi substituída por “tato ‘eu + ação + objeto’ desenvolvido”. Por meio do procedimento em questão, as redações das classes de componentes identificadas como constituintes das classes de comportamentos tornaram-se mais adequadas às características do fenômeno “comportamento”.

*2.11. Identificar lacunas nas classes de comportamentos cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram identificadas e tiveram sua redação aperfeiçoada conforme o conceito “comportamento” e derivar componentes para complementá-las, de modo a manter a fidedignidade à proposição da obra*

Após o aperfeiçoamento da redação dos componentes identificados nas unidades de informação como classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes, as classes de comportamento em análise foram examinadas a fim de identificar se havia lacunas dentre os componentes identificados. Tal exame foi realizado novamente com base no conceito “comportamento” e nas características apresentadas na literatura como constituintes desse fenômeno. Nos casos em que foram identificadas classes de componentes ausentes nas análises em construção, tais foram propostas como componentes das classes de comportamentos referidas nas obras selecionadas como fontes de informação. Foram registradas com destaque em itálico no protocolo (**E**) de derivação, de modo a distingui-las das classes de componentes identificadas a partir da obra. O que possibilita realizar tal proposição consiste na ênfase apresentada nas definições e caracterizações do fenômeno “comportamento” e na noção de “classe” a respeito de classes de estímulos e de respostas que o constituem somente serem constituídas como classes nas relações que estabelecem com os demais eventos do fenômeno “comportamento”. Com base nesse critério definidor de classes de eventos que constituem comportamentos e classes de comportamentos, por meio da ocorrência de uma classe de estímulos constituinte de uma classe de comportamentos se torna possível inferir as demais classes de eventos que também a constituem e que conferem à classe de estímulos em questão o status de “classe”. O mesmo tipo de inferência pode ser realizada a partir da identificação de classes de respostas.

Tal procedimento de inferência de componentes de uma classe de comportamentos a partir de classes de estímulos e/ou de respostas previamente identificadas – seja tal identificação realizada em documentos (como no conjunto de procedimentos em questão), seja por meio de relatos, observação direta etc. pode ser denominado **derivação** de componentes ou classes de componentes de uma classe de comportamentos. Dentre as classes de eventos derivados como classes de estímulos consequentes, houve derivação tanto de consequências a curto quanto a médio e longo prazos. Dentre as consequências a médio e longo prazos, enquadram-se alterações na probabilidade de ocorrência de outras classes de comportamentos. Tal categoria de classes de estímulos consequentes evidencia a relevância do recurso da análise funcional de comportamentos e de classes de comportamentos por possibilitar o aumento do grau de previsão de relações entre classes de comportamentos e das possíveis implicações que a alteração dos componentes de uma classe produz em outras classes de comportamentos.

Ainda, o grau de inferência conferido às derivações pode ser variável. Para delimitar o grau de inferência a ser realizado no procedimento em questão, o problema de pesquisa foi reexaminado do ponto de vista dos resultados a serem obtidos. O conjunto de procedimentos do processo de produção de conhecimento científico em questão teve como finalidade identificar características dos componentes das classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na literatura da Análise do Comportamento. Não há nesse objetivo apenas uma preocupação em caracterizar as classes de comportamentos que são denominadas “Eu”, mas também em caracterizar as proposições acerca desse conceito em obras da área. Em função dessa segunda preocupação, foi delimitado que o grau de inferência de classes de componentes constituintes das classes de comportamentos identificadas a partir das obras fosse baixo, de modo a manter a vinculação com as informações apresentadas nas asserções das obras. Também em função desse cuidado, houve casos em que não foi possível derivar componentes a partir das informações propostas nas obras: quando “derivar” componentes requeria graus de abstração demasiado distantes das asserções dos autores.

Um exemplo da identificação de lacunas dentre as classes de eventos identificadas como componentes das classes de comportamentos identificadas a partir da obra e da derivação de outras classes de componentes é apresentado na Tabela 2.16.

TABELA 2.16

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (E) de derivação de componentes complementares às “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” observadas nas unidades funcionais**

Unidade de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
O indivíduo desenvolve o tato “eu + ação + objeto” em situações em que há “atividade privada” como uma parcela privada do comportamento por ele apresentado em relação a um objeto, associada à parcela pública desse comportamento e acessível apenas a ele. (148.3.1/148.3.2-5; Ob.1)	- <i>objeto</i> - <i>comportamento apresentado em relação a um objeto</i> - respostas encobertas do comportamento apresentado em relação ao objeto - respostas públicas do comportamento apresentado em relação ao objeto - estímulos públicos do comportamento apresentado em relação ao objeto	- dizer “eu + ação + objeto”	- <i>informações sobre o que controla o comportamento verbal de tato do indivíduo disponíveis a terceiros</i> - tato “eu + ação + objeto” desenvolvido

Trata-se da classe de comportamentos cuja caracterização foi iniciada a partir da unidade de informação utilizada nos exemplos dos procedimentos 2.5 a 2.10. Três novas classes de componentes foram derivadas e registradas no protocolo (E) em itálico, duas classes de estímulos antecedentes e uma classe de estímulos consequentes. As classes de estímulos antecedentes “*objeto*” e “*comportamento apresentado em relação a um objeto*” foram derivadas a partir da menção nas três classes de estímulos antecedentes previamente identificadas a um comportamento apresentado pelo organismo em relação a um objeto e na menção na classe de respostas e na classe de estímulos consequentes a respeito de a classe de comportamentos em exame consistir em um comportamento verbal de tato. Uma vez que as

respostas verbais de tato ocorrem sob controle de estímulos antecedentes não verbais e dentre as classes de estímulos antecedentes havia menção a propriedades de uma classe de comportamentos, foi inferida a ocorrência de tal comportamento e do objeto em relação ao qual teria sido apresentado. A classe de estímulos consequentes “*informações sobre o que controla o comportamento verbal de tato do indivíduo disponíveis a terceiros*” foi derivada a partir da classe de respostas e da classe de estímulos consequentes previamente identificadas e do conceito de “tato”, caracterizado por produzir informações a terceiros acerca dos estímulos sob controle dos quais a resposta verbal foi apresentada.

### *2.12. Identificar equivalência funcional entre as classes de comportamentos analisadas funcionalmente e agrupá-las em classes mais gerais*

Muitas das unidades de informações que deram origem a cada uma das análises de classes de comportamentos apresentavam informações complementares acerca de uma mesma classe de comportamentos, o que tornou algumas das análises das classes de comportamentos com função equivalente (apesar de distinções na redação, quantidade e sequência de suas classes de componentes) ou complementares. O procedimento em questão teve como finalidades identificar essas análises complementares ou equivalentes, agrupar seus componentes e realizar os ajustes necessários nas classes de componentes constituintes das novas análises de classes de comportamentos. O agrupamento das classes de componentes com os devidos ajustes foram registrados no protocolo (F) de observação de equivalência funcional entre as classes de comportamentos identificadas a partir das unidades de informação, representado na Tabela 2.17. Tal protocolo é constituído de quatro colunas e quantidade indefinida de linhas, a depender da quantidade de classes de comportamentos agrupadas. A primeira coluna com função de registro das unidades de informação acompanhadas, entre parênteses, das indicações da localização de cada uma no texto, da sequência em que são apresentadas no trecho do texto e da obra. As três outras colunas com função de registro das classes de componentes da classe de comportamentos em relação à qual todas as unidades de informação registradas na primeira coluna se referem.

TABELA 2.17

**Representação do PROTOCOLO (F) DE OBSERVAÇÃO de  
equivalência funcional entre as classes de comportamentos  
identificadas a partir das unidades de informação**

Unidade de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes

A identificação de equivalência funcional entre classes de comportamentos foi realizada a partir do critério funcional: classes de comportamentos com a mesma função, ainda que com distinções na redação, sequência ou quantidade de suas classes de eventos constituintes, foram agrupadas no protocolo (F). Ao serem colocadas em conjunto em uma mesma análise, foi possível identificar diferentes relações que classes de componentes das diferentes classes de comportamentos identificadas ou derivadas a partir das unidades de informação estabelecem entre si – relação de semelhança, complementaridade ou equivalência. Conforme as relações identificadas, o procedimento em questão foi realizado com determinadas especificidades, que culminaram em registros distintos no protocolo. Foram elas:

- a) *Classes de componentes equivalentes com redação idêntica:* classes de componentes equivalentes e com mesma redação foram registradas somente uma vez no protocolo.
- b) *Classes de componentes equivalentes com redação distinta:* classes de componentes redigidas de maneira distinta, mas cuja função foi considerada a mesma foram também registradas somente uma vez no protocolo. A redação avaliada como mais clara, precisa e concisa foi mantida. Embora ao longo da realização dos procedimentos anteriores houvesse uma preocupação em relação à uniformização dos termos utilizados para se referir às classes de componentes das classes de comportamentos, a identificação de funções comuns em relação a uma mesma classe de comportamentos tornou possível

identificar ainda mais termos a serem aperfeiçoados ou removidos.

- c) *Classes de componentes complementares*: ao serem agrupadas as classes de componentes de classes de comportamentos funcionalmente equivalentes, foram identificadas classes de componentes que se referiam à mesma classe, porém ressaltavam propriedades distintas. Nesses casos, foi elaborada uma nova redação contemplando todas as características mencionadas.
- d) *Demais classes de componentes agrupadas*: classes de componentes das classes de comportamentos agrupadas que não estabelecem entre si relações de complementaridade nem equivalência, mas constituem a classe de comportamentos e complementam sua caracterização foram também registradas no protocolo.

Um exemplo do registro da realização do procedimento e registro no protocolo (**F**) é apresentado na Tabela 2.18. Na primeira coluna foram transcritas as unidades funcionais cujas classes de comportamentos a que se referem foram consideradas funcionalmente equivalentes. Todas apresentam informações referentes a características de classes de estímulos antecedentes da classe de comportamentos de tato caracterizada pela resposta verbal “eu + ação + objeto”, atribuída pelos autores ao que denominam primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” e da experiência de “Eu”.

Cada unidade de informações enfatiza classes de estímulos antecedentes distintos ou características distintas de uma mesma classe de estímulos. Em itálico estão destacadas as classes de componentes que foram derivadas a partir das demais, enquanto as classes de componentes identificadas a partir de uma ou mais unidades de informação – dentre as quais as classes que apresentavam redação idêntica nas classes de comportamentos caracterizadas separadamente; as classes equivalentes funcionalmente, porém com redação distinta; e as classes complementares – foram registradas sem destaque no protocolo.

TABELA 2.18

**Exemplo de registro no PROTOCOLO (F) do agrupamento de classes de comportamentos funcionalmente equivalentes**

Unidade de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
<p>O indivíduo desenvolve o tato “eu + ação + objeto” na presença de uma gama de estímulos privados. (148.3.1/148.3.2/148.3.3/148.3.4-2; Ob.1)</p> <p>O indivíduo desenvolve o tato “eu + ação + objeto” na presença de uma gama de estímulos privados acessíveis somente a ele. (148.3.1/148.3.2/148.3.3/148.3.4-3; Ob.1)</p> <p>O indivíduo desenvolve o tato “eu + ação + objeto” em situações em que há “atividade privada” como uma parcela privada do comportamento por ele apresentado em relação a um objeto, associada à parcela pública desse comportamento e acessível apenas a ele. (148.3.1/148.3.2-5; Ob.1)</p> <p>O componente privado associado com a parcela pública do comportamento apresentado pelo indivíduo em relação a um objeto corresponde provavelmente a componentes fisiológicos constituintes da ação, acessíveis somente ao indivíduo. (148.3.1/148.3.2/148.3.3/148.3.4-6; Ob.1)</p>	<p>- <i>objeto</i></p> <p>- <i>comportamento apresentado em relação a um objeto</i></p> <p>- estímulos públicos do comportamento apresentado em relação ao objeto que exercem controle sobre a resposta dizer “eu + ação + objeto”</p> <p>- respostas públicas do comportamento apresentado em relação ao objeto que exercem controle sobre a resposta dizer “eu + ação + objeto”</p> <p>- gama de estímulos privados</p> <p>- respostas encobertas do comportamento apresentado em relação ao objeto provavelmente correspondentes a componentes fisiológicos constituintes da ação apresentada em relação ao objeto</p>	<p>- dizer “eu + ação + objeto”</p>	<p>- <i>apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</i></p> <p>- <i>informações sobre o que controla o comportamento verbal de tato do indivíduo disponíveis a terceiros</i></p> <p>- efeito nulo dos estímulos privados</p> <p>- tato “eu + ação + objeto” desenvolvido</p> <p>- primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” desenvolvido</p>
<p>O primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” e da experiência de “Eu” é caracterizado pela ausência de um papel aos estímulos privados. (149.1.7-1; Ob.1)</p>			



Por meio do procedimento ilustrado, o número de classes de comportamentos identificadas a partir das obras de informação como referidas pelo conceito de interesse – no caso, o conceito “Eu” – foi consideravelmente reduzido, ao passo que as análises das classes de comportamentos se tornaram mais completas, o que possibilitou contemplar o grau de complexidade das proposições dos autores nas obras utilizadas como fontes de informação em relação ao conceito investigado. A partir do exemplo apresentado, é possível identificar que algumas das classes de componentes identificadas a partir das unidades de informação isoladamente foram complementadas com a especificação de funções que exercem no sistema de relações da classe de comportamentos.

*2.13. Nomear as classes de comportamentos cujos componentes foram identificadas conforme suas características e características das relações que estabelecem entre si*

O agrupamento de classes de componentes de classes de comportamentos com mesma função e o maior grau de minúcia e complexidade conferido às análises das classes de comportamentos submetidas a tal procedimento possibilitou propor nomes às classes de comportamentos conforme as características das classes de componentes que as constituem e das relações entre tais classes. Na Tabela 2.19 está representado o protocolo (**G**) de proposição de nomes às classes de comportamentos analisados funcionalmente cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram observadas nas unidades de informações, no qual foram registrados os nomes das classes de comportamentos observadas nas obras utilizadas como fontes de informação. Consiste em uma tabela equivalente à do protocolo (**F**) representado na Tabela 2.16, porém sem a coluna destinada ao registro das unidades de informação – uma vez que não seriam mais utilizadas como fontes de informação – e com acréscimo de uma última linha destinada ao registro do nome proposto à classe de comportamentos. Uma representação do protocolo (**G**) é apresentada na Tabela 2.19.

**TABELA 2.19**

**Representação do PROTOCOLO (G) DE PROPOSIÇÃO de nomes às classes de comportamentos analisados funcionalmente cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram observadas nas unidades de informações**

Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
<b>Nome da classe de comportamentos</b>		

Os nomes propostos às classes de comportamentos foram expressões constituídas de um verbo no infinitivo e um complemento, de modo a melhor enfatizar que consistem em classes de interações entre ações do indivíduo com aspectos do ambiente. Além disso, a função da classe de comportamentos foi critério orientador à nomeação, o que requereu a análise das relações entre as classes de componentes constituintes das classes de comportamentos. Na Tabela 2.20 é apresentado um exemplo do registro das classes de componentes de uma classe de comportamentos no protocolo (G) e da proposição de um nome apropriado ao conjunto de relações que estabelecem entre si. Trata-se da mesma classe de comportamentos analisada após o agrupamento de classes funcionalmente equivalentes e registrada na Tabela 2.18.

Sem uma análise das relações entre todas as classes de componentes que constituem a classe de comportamentos em questão, poderia ter sido proposto o nome da classe de respostas como nome da classe de comportamentos. “Dizer ‘eu + ação + objeto’”, no entanto, não especifica a função dessa resposta em relação a aspectos do ambiente que também constituem a classe de comportamentos. No lugar do nome da resposta, foi proposto “Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional (...)”. Especificar que se trata de uma resposta verbal implica em aludir às características de comportamentos verbais como correspondentes às da classe de comportamentos em questão – ocorrer na presença de uma audiência e ser mantido por

intermédio de reforçadores apresentados por tal audiência –, as quais coincidem. Além disso, o complemento “sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da ação em relação ao objeto” confere maior precisão ao nome, uma vez que a unidade funcional poderia ocorrer sob controle de variados estímulos do ambiente e o acesso público aos eventos antecedentes dessa classe de comportamentos consistem em aspecto crítico da mesma.

**TABELA 2.20**

**Exemplo de registro do nome de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (G) de proposição de nomes aos comportamentos analisados funcionalmente cujas das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram observadas nas unidades de informações**

Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>objeto</i></li> <li>- <i>comportamento apresentado em relação a um objeto</i></li> <li>- estímulos públicos do comportamento apresentado em relação ao objeto que exercem controle sobre a resposta dizer “eu + ação + objeto”</li> <li>- respostas públicas do comportamento apresentado em relação ao objeto que exercem controle sobre a resposta dizer “eu + ação + objeto”</li> <li>- gama de estímulos privados</li> <li>- respostas encobertas do comportamento apresentado em relação ao objeto provavelmente correspondentes a componentes fisiológicos constituintes da ação apresentada em relação ao objeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- dizer “eu + ação + objeto”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</i></li> <li>- <i>informações sobre o que controla o comportamento verbal de tato do indivíduo disponíveis a terceiros</i></li> <li>- efeito nulo dos estímulos privados</li> <li>- tato “eu + ação + objeto” desenvolvido</li> <li>- primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” desenvolvido</li> </ul>
<p><b>Responder verbalmente “eu+ação+objeto” como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto</b></p>		

*E. Propor sistema de relações entre classes comportamentos identificadas como aquelas referidas nas obras em proposições acerca do conceito*

Depois de identificar as classes de comportamentos a que as obras utilizadas como fontes de informação se referem por meio do conceito de interesse – conceito “Eu” – foi realizado um novo conjunto de procedimentos a fim de identificar relações que as classes de comportamentos identificadas estabelecem entre si. Como base para tanto, foram utilizadas as características das classes de componentes que constituem cada classe de comportamentos caracterizada e, como conceitos instrumentais, o conceito de “cadeia de comportamentos” e o de “comportamentos pré-requisitos”. Após identificadas as relações, foram propostos dois sistemas comportamentais nos quais tais relações são representadas graficamente e a partir dos quais se torna possível compreender as proposições de cada obra em relação ao conceito de interesse de maneira sistêmica e compará-las com mais facilidade. A organização das classes de comportamentos em diagramas de representação dos sistemas comportamentais foi realizada com base no exame de Botomé (1975) acerca de um procedimento para identificar classes de comportamentos intermediárias a classes mais complexas.

*2.14. Identificar relações de cadeia, pré-requisitos e de abrangência, entre as classes de comportamentos identificadas*

Para identificar as relações entre as classes de comportamentos que as classes de comportamentos observadas em cada obra estabelecem entre si, foi necessário examinar as características de cada classe de comportamentos – suas classes de componentes – com base nas definições dos tipos de relações de cadeia, pré-requisitos e abrangência. São elas:

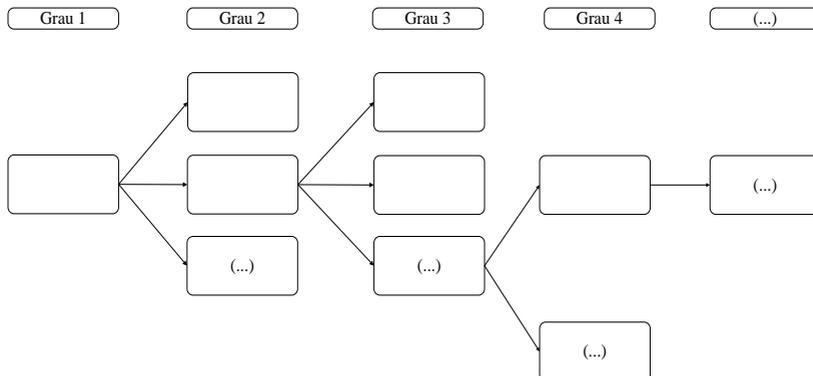
- a) *Relação de cadeia*: duas ou mais classes de comportamentos estabelecem entre si relações de cadeia quando as classes de estímulos consequentes de um comportamento consistem nos estímulos discriminativos de outro. Nesses casos, a ocorrência de um comportamento depende da ocorrência do elo comportamental anterior a ele.
- b) *Relação de pré-requisito*: em casos em que o desenvolvimento – e não a ocorrência – de uma classe de comportamentos é

necessária para que outra classe de comportamentos possa ser apresentada, ambas estabelecem entre si uma relação de pré-requisito. A classe cujo desenvolvimento é requerido consiste no pré-requisito ou na classe de comportamentos intermediários da outra. Classes de comportamentos que estabelecem entre si esse tipo de relação não são apresentadas sequencialmente. Após ter desenvolvido as classes de comportamentos mais simples, o indivíduo se torna capaz de apresentar a classe mais complexa de maneira independente.

- c) *Relação de abrangência*: classes de comportamentos constituintes de um mesmo fenômeno comportamental possuem variados graus de abrangência em relação umas às outras. As classes de comportamentos cuja ocorrência depende do desenvolvimento de comportamentos pré-requisitos são mais abrangentes que seus pré-requisitos (os quais são “abrangidos” por elas). Classes de comportamentos que estabelecem entre si relações de cadeia possuem graus de abrangência equivalentes.

### *2.15. Organizar as classes de comportamentos conforme as relações de cadeia, pré-requisito e abrangência que estabelecem entre si em um sistema comportamental*

Após terem sido identificadas as relações estabelecidas entre as classes de comportamentos referidas nas unidades de informação de cada obra utilizada como fontes de informação, tais relações serviram de base para a elaboração de “sistemas comportamentais”. Tais sistemas consistem em uma organização gráfica das relações de classes de comportamentos constituintes de um mesmo fenômeno comportamental. No caso das classes de comportamentos identificadas, se referiam às referidas nas obras por meio do conceito “Eu”. Um sistema comportamental é constituído de representações gráficas das classes de comportamentos que constituem um fenômeno comportamental e das relações estabelecidas entre tais classes. As classes são distribuídas num diagrama conforme seus graus de abrangência, as relações de pré-requisito que estabelecem entre si e as relações de cadeia. Na Figura 2.1 há uma representação de um sistema comportamental, na qual é possível observar o modo como foram organizadas as relações identificadas entre classes.



**Figura 2.1.** Modelo de diagrama de relações entre os comportamentos identificados a partir da obra. Adaptado de Botomé (1975).

A figura é constituída de uma primeira linha em que são apresentados cinco retângulos inscritos com referências a “graus de abrangência” e de quatro linhas em que são distribuídos retângulos com maior altura e conectados entre si por meio de setas. A primeira linha de retângulos se refere aos graus de abrangência de classes de comportamentos a serem distribuídas no diagrama. A fins de ilustração, os quatro primeiros estão com os graus de abrangência registrados, enquanto o quinto apresenta reticências, as quais se referem à possibilidade de acréscimo no diagrama de quantas colunas forem necessárias para contemplar todos os graus de abrangência dos comportamentos constituintes do fenômeno comportamental representado. Da esquerda para a direita são apresentadas as indicações de maiores a menores graus de abrangência das classes.

Os demais retângulos da figura representam as classes de comportamentos constituintes do fenômeno comportamental. Quanto mais à esquerda, mais abrangentes, e quanto mais à direita, menos abrangentes. As setas conectoras entre os retângulos representam as relações de pré-requisito estabelecidas entre classes: os retângulos nos quais as setas possuem como pré-requisitos as classes às quais as setas são direcionadas. As classes dispostas em uma mesma coluna apresentam o mesmo grau de abrangência e podem estabelecer entre si relações de cadeia. Nesses casos, são distribuídas nas linhas do diagrama conforme a sequência dos elos da cadeia e todas conectadas a uma mesma classe de comportamentos mais abrangente, à esquerda no

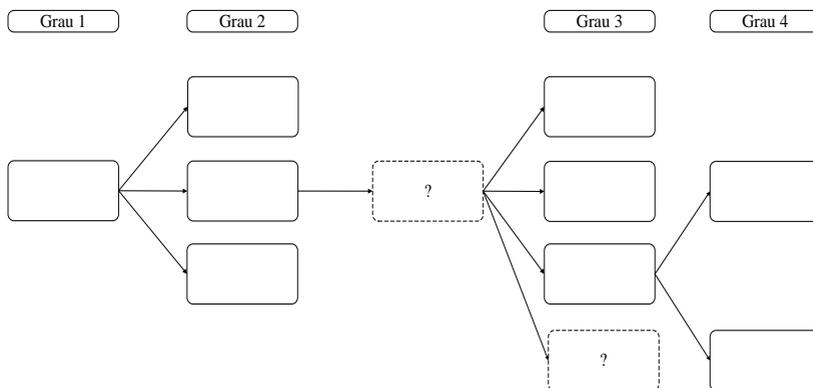
diagrama. Nem todas as classes dispostas uma abaixo da outra, no entanto, estabelecem entre si relações de cadeia, sendo a verificação da ocorrência desse tipo de relação entre classes possível a partir da análise de cada classe. Os últimos retângulos apresentados em cada coluna do diagrama inscritos com reticências representam a possibilidade de mais classes de comportamentos consistirem em pré-requisitos das classes à sua esquerda às quais estão conectadas por setas. O retângulo da última coluna à direita inscrito também com reticências representa tanto a possibilidade de classes de comportamentos mais básicos serem representados à sua direita quanto a de outras classes com o mesmo grau de abrangência serem representadas abaixo dela.

*2.16. Derivar classes de comportamentos a partir da identificação de lacunas entre as classes de comportamentos cujas relações de pré-requisito, cadeia e abrangência foram identificadas*

A partir da elaboração de sistemas comportamentais constituídos das classes de comportamentos identificadas a partir das obras, se tornou possível avaliar a suficiência das classes de comportamentos distribuídas nos diagramas em relação às relações identificadas como estabelecidas entre elas. Por meio dessa avaliação, foram identificadas tanto lacunas entre duas classes em relação às quais havia sido previamente identificada uma relação de pré-requisito, quanto no mesmo grau de abrangência de outras classes. A identificação dessas lacunas é representada na Figura 2.2. Tal figura se assemelha à Figura 2.1, porém inclui a identificação de duas lacunas entre as classes de comportamentos distribuídas no diagrama. Uma entre a segunda classe de comportamentos com grau dois de abrangência e as classes cuja abrangência foi considerada de grau três, que consistiam em seus pré-requisitos; e outra após a terceira classe de comportamentos de grau três de abrangência. Tais lacunas foram representadas por retângulos com linhas pontilhadas circunscritos com um símbolo de interrogação.

A lacuna identificada entre as classes com graus dois e três de abrangência ilustra casos em que as relações de pré-requisitos identificadas entre classes requeriam ainda classes de comportamentos de grau de abrangência intermediário entre elas. Nesses casos, foi avaliado que o desenvolvimento das classes de comportamentos pré-requisitos não seria suficiente à ocorrência da classe de grau de

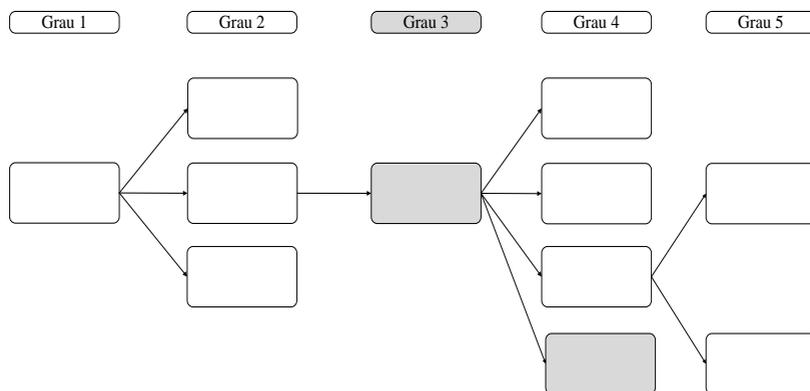
abrangência imediatamente maior em relação à qual haviam sido considerados pré-requisitos. Seu desenvolvimento seria suficiente à ocorrência de outra classe, a qual, essa sim, consistiria em pré-requisito à classe mais abrangente. A lacuna identificada na coluna destinada ao registro das classes de comportamentos com grau três de abrangência ilustra dois tipos avaliações em relação à suficiência das classes de comportamentos constituintes de um fenômeno comportamental. Um em que é identificada a ausência de um elo de uma cadeia comportamental e outra em que é identificada mais uma classe de comportamentos com função de pré-requisito a outra, sem que sejam estabelecidas relações de cadeia entre tal classe e as demais com mesmo grau de abrangência.



**Figura 2.2.** Representação da identificação de uma lacuna entre comportamentos identificados a partir da obra

Na Figura 2.3 é apresentada uma representação da complementação do sistema comportamental em relação ao qual foram identificadas lacunas entre as classes de comportamentos. Nos casos em que foram identificadas classes intermediárias às relações de pré-requisito, foi necessário acrescentar um grau de abrangência intermediário aos graus previamente propostos. O novo grau de abrangência e as novas classes de comportamentos propostos como complementares ao conjunto de classes estão destacados em cinza no sistema comportamental. Às classes acrescentadas ao diagrama de relações foram atribuídos nomes, ainda que ao contrário das demais, não

tivessem tido suas classes de componentes identificadas. Foram propostos nomes com base em características identificadas como ausentes nas demais classes de comportamentos e necessárias à ocorrência das relações identificadas entre as classes constituintes do fenômeno comportamental de interesse.



**Figura 2.3.** Representação da proposição de classes de comportamentos que preenchem as lacunas identificadas entre comportamentos identificados a partir da obra

*2.17. Analisar funcionalmente classes de comportamentos derivadas a partir das classes de comportamentos identificadas a partir das obras utilizadas como fontes de informação*

Embora tenha sido possível nomear as classes de comportamentos derivadas a partir das demais constituintes dos sistemas comportamentais elaborados, com base nas características ausentes nas demais classes de comportamentos – e cuja ausência acarretava limites às relações propostas entre as classes de comportamentos constituintes de um fenômeno –, considerando o objetivo de identificar as características das classes de comportamentos referidas pelo conceito de interesse – conceito “Eu”, no caso – nas obras, também as classes derivadas foram submetidas a um procedimento de análise funcional. Ainda que tenham sido classes inteiramente derivadas, foram inferidas a partir das características das classes de comportamentos às quais os trechos das obras se referem. Sua proposição e caracterização foram

necessárias a fim de abranger a complexidade dos fenômenos aos quais as proposições das obras se referiam, até o grau em que permitiam alcance.

Ao contrário da identificação das características das classes de componentes das demais classes de comportamentos, as classes derivadas a partir da elaboração dos sistemas comportamentais foram caracterizadas a partir dos nomes a elas propostos e das características ausentes nas demais classes de comportamentos. O registro das características de suas classes de componentes foi realizado no protocolo (G), representado na Tabela 2.19 e originalmente destinado à proposição de nomes aos comportamentos analisados funcionalmente cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram observadas nas unidades de informações, porém utilizado nesse procedimento para a proposição das classes de componentes.

#### *F. Especificar controle de estímulos exercido pelas classes de eventos identificadas como classes de estímulos antecedentes*

A última categoria de procedimentos realizados consistiu em aperfeiçoar as análises das classes de comportamento identificadas a partir dos trechos selecionados das obras e das classes derivadas a partir da identificação de relações entre tais classes e elaboração de sistemas comportamentais, de modo a torná-las mais coerentes com o desenvolvimento do conhecimento da área da Análise do Comportamento em relação ao conceito de comportamento e às possibilidades do procedimento de Análise Funcional. Havendo conhecimento produzido acerca de diferentes funções que os estímulos antecedentes de comportamentos podem exercer, bem como acerca de operações que interferem no valor reforçador de estímulos consequentes às respostas, tal conhecimento foi utilizado como base para examinar as classes de comportamentos referidas nas obras por meio do conceito “Eu” a fim de identificar se dentre as classes de componentes identificados ou derivados como classes de estímulos antecedentes havia classes que exerciam as funções em questão.

2.18. *Identificar função dos eventos identificados como “estímulos antecedentes” e classificá-los como contextuais, condicionais e discriminativos conforme a função exercida*

Para realizar o exame das funções das classes de estímulos antecedentes, foram utilizadas como instrumentos as definições de “classes de estímulos discriminativos”, “classes de estímulos condicionais”, “classes de estímulos contextuais” e “operações motivadoras”:

- a) *Classes de estímulos antecedentes discriminativos*: classes de estímulos antecedentes cujos estímulos constituintes sinalizam a probabilidade de ocorrência de estímulos reforçadores após a apresentação de respostas de determinada classe. Apenas determinadas classes de propriedades de eventos ou ainda apenas certos valores de tais propriedades podem consistir nas classes de eventos que exercem função discriminativa ao sistema de relações que constitui um comportamento (Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Skinner, 1953/2003; Millenson, 1967/1975; Sidman, 1985; Catania, 1999; Sérgio et al., 2004).
- b) *Classes de estímulos antecedentes condicionais*: classes de estímulos antecedentes cuja ocorrência é condição para que estímulos discriminativos exerçam sua função discriminativa no sistema de relações que constitui a classe de comportamentos. Em sua ausência, permanecem neutros, sem exercer controle algum sobre respostas da classe em relação à qual o controle discriminativo foi previamente estabelecido (Catania, 1999; Matos, 1999; Sidman, 2000; 2009; Sérgio et al., 2004; De Souza e De Rose, 2006; De Rose, 2005).
- c) *Classes de estímulos antecedentes contextuais*: classes de estímulos antecedentes caracterizados por exercerem um tipo de controle condicional de segunda ordem. No lugar de se tratar de um controle exercido sobre estímulos discriminativos ao comportamento do organismo, os estímulos contextuais exercem controle sobre estímulos condicionais. Somente na presença de estímulos da classe de estímulos contextuais, portanto, os estímulos da classe de estímulos condicionais exercem sua função condicional em relação a estímulos discriminativos (Lopes e Matos, 1995; Assis e Galvão, 1996;

Assis et al., 2000; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Costa, de Rose e de Souza, 2009).

- d) *Operações motivadoras*: eventos que mesmo sem exercer relações funcionais com as variáveis constituintes das classes de comportamentos promovem alterações em seus sistemas de relações entre estímulos do ambiente e respostas do organismo. As alterações possíveis produzidas por tais operações consistem em incremento de valor reforçador a estímulos consequentes das classes de comportamentos; aumento de frequência de respostas que têm tais estímulos como consequências; diminuição do valor reforçador de estímulos consequentes; e diminuição da frequência de respostas produtoras de tais eventos (Da Cunha, 1995; Michael, 2000; 1993; 1982; Iwatta, Smith, Michael, 2000; Miguel, 2000; Laraway et al., 2003; Haydu, 2004; Rocha et al., 2010; Zazula e Haydu, 2011)

Após identificadas as funções, as classes de componentes registradas no protocolo **(G)**, apresentado na Tabela 2.20, foram transcritas conforme sua função ao protocolo **(H)** de observação das “classes de estímulos antecedentes contextuais”, “classes de estímulos antecedentes condicionais”, “classes de estímulos antecedentes discriminativos” e “operações motivadoras” referidas pelas unidades de informação, representado na Tabela 2.21. O protocolo é constituído de cinco colunas e cinco linhas e consiste em uma tabela de registro da análise funcional de classes de comportamentos. A primeira linha com função de registro dos eventos que exercem função de “operação motivadora”; a segunda e a terceira linhas com função de especificação das funções exercidas pelas classes de eventos que constituem a classe de comportamentos; a quarta à transcrição das classes de eventos que exercem as funções indicadas na segunda e terceira linhas; e a quinta à transcrição do nome atribuído à classe de comportamentos. A primeira coluna à esquerda com função de registro das classes de estímulos antecedentes contextuais; a segunda das classes de estímulos antecedentes condicionais; a terceira das classes de estímulos antecedentes discriminativos; a quarta das classes de respostas e a quinta das classes de estímulos consequentes.

TABELA 2.21

**Representação do PROTOCOLO (H) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes contextuais”, “classes de estímulos antecedentes condicionais”, “classes de estímulos antecedentes discriminativos” e “operações motivadoras” referidas pelas unidades de informação**

OM:				
Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
Nome da classe de comportamentos				

Com base nas funções identificadas das classes de estímulos antecedentes, foi necessário reavaliar a redação de algumas das classes de componentes e aperfeiçoá-las. Tanto a redação das classes de estímulos antecedentes que tiveram função identificada quanto das demais classes de componentes, em função do aperfeiçoamento das anteriores. Ainda, conjuntos de eventos previamente identificados como classes de estímulos antecedentes que, no entanto, não exercem função discriminativa, condicional, contextual ou como operação motivadora foram avaliados do ponto de vista da relevância de seu registro. Conjuntos de eventos com função neutra em relação às respostas da classe de respostas foram removidos da análise. Como ilustração do procedimento, é apresentado na Tabela 2.22 um exemplo do registro das classes de componentes de uma classe de comportamentos identificada referida pelo conceito “Eu” em uma das obras utilizadas como fontes de informação.

TABELA 2.22

**Exemplo de registro de classes de componentes de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (H) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes contextuais”, “classes de estímulos antecedentes condicionais”, “classes de estímulos antecedentes discriminativos” e “operações motivadoras” referidas pelas unidades de informação**

*OM: covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas; covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas; conceito de comportamento*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- <i>determina- dos estímulos contextuais</i>	- ocorrência de diferentes respostas constituintes de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos	- unidade funcional dos comportamentos constituídos pelos respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos	- explicar várias relações funcionais que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos	- várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos explicadas  <i>- diminuição na probabilidade de uso do conceito “eu” em função de as várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos terem sido explicadas</i>

**Nome: Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos**

Trata-se de um exemplo distinto do utilizado como ilustração dos demais procedimentos de coleta, análise e tratamento de dados em função de terem sido identificadas classes de eventos que exercem todas as funções cuja observação foi possibilitada pelo procedimento em questão.

## 3.

**CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS  
REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO  
“EU” NO CAPÍTULO “O EU” DA OBRA *CIÊNCIA E  
COMPORTAMENTO HUMANO DE SKINNER (1953/2003)***

A Análise Experimental do Comportamento como área de conhecimento embasada nos princípios do Behaviorismo Radical (Carrara, 2005) é caracterizada pelo abundante volume de processos de produção de conhecimento científico a partir de tais princípios. Dependentes diretamente da qualidade desse conhecimento produzido, estão intervenções nos mais diferentes âmbitos e campos de atuação – o que inclui intervenções indiretas por meio de processos de produção de conhecimento – em relação aos mais diferentes fenômenos comportamentais (Botomé e Kubo, 2002; Botomé e cols., 2003; Botomé e Kubo, 2004). Sendo o conceito “Eu” um dos conceitos em relação aos quais há produção de conhecimento científico na área e – talvez principalmente – sendo este conceito uma importante condição à distinção da área em relação a outros sistemas explicativos na Psicologia, caracterizar tanto o modo como é apresentado na literatura quanto o fenômeno a que se refere servem à qualidade de intervenções e à própria confiabilidade do conhecimento produzido na área. Considerando que há proposições acerca da definição do conceito e dos comportamentos a que se refere em diferentes obras da Análise Experimental do Comportamento embasadas nos mesmos princípios do Behaviorismo Radical, as obras cujas proposições foram investigadas foram selecionadas em função do impacto que produziram tanto em processos de investigação científica quanto de intervenção nos fenômenos a que se refere.

Identificar as características de classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” em obras da área e avaliar a coerência de proposições apresentadas em cada uma não poderia prescindir da análise do conceito utilizado por Skinner em sua obra de 1953/2003: *Ciência e Comportamento Humano*. Deixar de considerá-la como fonte de coleta de dados equivaleria a ignorar o principal acesso a partir do qual foram e são formados os conceitos do ponto de vista de uma análise funcional do comportamento de uma maneira geral e da proposição acerca do “Eu” e de outros fenômenos designados à “subjetividade”, em particular. Sua ampla divulgação no Brasil, representada por sua utilização como livro-

base das disciplinas de Análise Experimental do Comportamento nos cursos de graduação em Psicologia de quase todo o país (Todorov, 2003) não é, no entanto, o único fator que justifica sua escolha como uma fonte importante de coleta de dados.

Como parte do conjunto de roteiros de leitura intitulado “Para ler *Ciência e Comportamento Humano*”<sup>5</sup>, Sério, Andery e Micheletto (2009) avaliaram a atualidade da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e, para tanto, analisaram cada uma de suas seções e seus respectivos objetivos. Por meio de tal exercício, identificaram os aspectos que a tornaram altamente relevante e distinta das proposições em voga acerca da Psicologia à época em que foi publicada, assim como a tornam ainda uma importante fonte aos princípios da Análise Experimental do Comportamento e suas possíveis extensões à intervenção em comportamentos de indivíduos e grupos. Skinner reúne nessa obra os fundamentos e pressupostos da área de conhecimento à qual contribui científica e filosoficamente; conceitos básicos da área à análise e intervenção em comportamentos de qualquer organismo; examina o comportamento humano individual ao analisar diversos fenômenos que podem ocorrer nesse âmbito; e examina o comportamento humano em grupos, ao analisar diversos fenômenos culturais, as contingências envolvidas em cada um e agências controladoras existentes – tais como o governo e a religião.

Mais que reunir diversos tipos de contribuições importantes da área de conhecimento em questão, o modo como Skinner as apresenta possibilita ao leitor identificar o valor que o autor atribui ao conhecimento a que se refere. De seu ponto de vista, uma ciência do comportamento consiste no meio mais promissor de intervir nos problemas de uma sociedade. Para tais fins é que a “previsão” e o “controle” são enfatizados como o que a ciência tem a contribuir aos “fenômenos psicológicos”, termo que inclui o comportamento individual ou em grupo (Sampaio, 2005). Todorov (2003) reitera a função social do conhecimento produzido por Skinner e demais analistas do comportamento ao responder às críticas rasas – e infelizmente comuns – que associam a área em questão a agências de controle que se utilizam ou utilizaram da coação ou outras estratégias de exercício do poder com fins a interesses escusos (como o regime militar brasileiro, por exemplo). Ao relatar parte da história inicial da Análise do

---

<sup>5</sup> Projeto do Laboratório de Psicologia Experimental pertencente ao Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (2009).

Comportamento no país, especificamente relativa ao momento em que lhe coube a tarefa de traduzir a obra *Ciência e Comportamento Humano* para o português, o autor destaca a relevância do conhecimento científico acerca do comportamento apresentado na obra traduzida como ferramenta, inclusive, à democracia. Embora conhecer as variáveis que desenvolvem e mantêm comportamentos possa servir a quaisquer fins, uma vez que torna possível manipulá-las e interferir nas probabilidades de ocorrência de comportamentos, o pressuposto de Skinner é de que a ciência sirva como uma forma de superar os problemas humanos (Skinner, 1953/2003; Todorov, 2003; Sampaio, 2005; Sagan, 2006).

Examinar o alcance da obra *Ciência e Comportamento Humano* como meio de divulgação de vários fundamentos e contribuições importantes do conhecimento da Análise Experimental do Comportamento torna possível identificar sua relevância como fonte de informações acerca do conceito “Eu”, cujo tratamento recebido consiste em aspecto importante que diferencia a área de conhecimento em questão das demais proposições na Psicologia. A princípio, conforme os objetivos explicitados por Skinner, a análise de tal conceito deve possibilitar a identificação de quais características do tratamento corrente que lhe é dado favorecem problemas aos indivíduos e à sociedade de maneira geral, bem como minimizar tais prejuízos ao propor uma interpretação e um tratamento diferenciados. Tais contribuições, se confirmadas, se devem à fundamentação consistente oferecida pelo autor, à apresentação dos conceitos básicos e instrumentais a partir dos quais interpretações e análises de casos complexos são realizadas e ao pressuposto – bem argumentado – do papel social de uma ciência do comportamento humano. Dentre as diversas contribuições de valor apresentadas no livro, é de especial interesse à identificação de comportamentos relacionados ao conceito “Eu” utilizado por Skinner e das características de tais comportamentos a análise das informações apresentadas no capítulo “O Eu”.

### **1. Classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere**

Na Tabela 3.1 são apresentados os nomes das 36 classes de comportamentos identificadas ou derivadas a partir do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas referidas pelo conceito “Eu” utilizado pelo autor. 16 classes de comportamentos constituem a categoria A. “Características de

sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”; 11 classes de comportamentos constituem a categoria B. “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”; e nove classes de comportamentos constituem a categoria C. “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’”. Os nomes das classes de comportamentos identificadas a partir das informações da obra estão apresentados primeiramente e sem nenhum destaque, enquanto os nomes das inteiramente derivadas estão apresentados na sequência, com destaque *itálico*.

TABELA 3.1

**NOMES DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS E DERIVADAS A PARTIR DO  
CAPÍTULO “O EU” DA OBRA “CIÊNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO” DE SKINNER  
(1953/2003) COMO AQUELAS ÀS QUAIS O CONCEITO “EU” SE REFERE, DISTRIBUÍDAS POR  
CATEGORIA**

CATEGORIA	NOMES DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS
<p align="center"><b>A. CARACTERÍSTICAS DE SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS E RELAÇÕES ENTRE SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS</b></p>	<p>A1. Comportar-se sob controle das variáveis externas da própria ação</p> <p>A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes</p> <p>A3. Apresentar distintos comportamentos funcionalmente semelhantes constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</p> <p>A4. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer</p> <p>A5. Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica</p> <p>A6. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais</p> <p>A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns</p> <p>A8. Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence</p> <p>A9. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais</p> <p>A10. Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes</p> <p>A11. Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente</p> <p>A12. Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros</p> <p>A13. Referir-se ao termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes</p> <p>A14. Referir-se ao termo “eu” como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</p> <p>A15. Referir-se ao termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo</p> <p>A16. Referir-se aos três “eu” ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social</p>

TABELA 3.1.1

**NOMES DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS E DERIVADAS A PARTIR DO  
CAPÍTULO “O EU” DA OBRA “CIÊNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO” DE SKINNER  
(1953/2003) COMO AQUELAS ÀS QUAIS O CONCEITO “EU” SE REFERE, DISTRIBUÍDAS POR  
CATEGORIA**

CATEGORIA	NOMES DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS
<p align="center"><b>B.</b> <b>CARACTERÍSTICAS DE COMPORTAMENTOS FAVORECEDORES DA CONCEPÇÃO DE UM “EU INICIADOR”</b></p>	<p>B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos</p> <p>B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas</p> <p>B3. Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui</p> <p>B4. Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos</p> <p>B5. Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao “eu” como agente e originador dos comportamentos</p> <p>B6. Identificar o eu como uma instância não física</p> <p>B7. Pressupor que o eu é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta</p> <p><i>B8. Referir-se ao termo “eu” como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes</i></p> <p><i>B9. Referir-se ao termo “eu” como agente e originador dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i></p> <p><i>B10. Referir-se ao termo “eu” como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo</i></p> <p><i>B11. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo</i></p>
<p align="center"><b>C.</b> <b>CARACTERÍSTICAS DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS À CONCEPÇÃO DE UM “EU INICIADOR”</b></p>	<p>C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos</p> <p>C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos</p> <p>C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos</p> <p>C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos</p> <p>C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de “eu” ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo</p> <p><i>C6. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes</i></p> <p><i>C7. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i></p> <p><i>C8. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos</i></p> <p><i>C9. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social</i></p>

## **2. Componentes das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere**

As características das 36 classes de comportamentos identificadas ou derivadas a partir das informações do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) estão apresentadas nas Tabelas 3.2 a 3.37, organizadas conforme a categoria a que pertencem – categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’” ou categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘Eu iniciador’” – e de acordo com o processo por meio do qual foram originadas: se identificadas ou derivadas a partir das unidades de informação da fonte de informações.

Nas tabelas estão registradas as classes de componentes identificadas ou derivadas como constituintes das classes de comportamentos ou como operações que interferem no valor reforçador das classes de estímulos consequentes, conforme as funções que exercem nesses sistemas de relações. As tabelas representam análises funcionais e são constituídas de cinco colunas e cinco linhas. Da esquerda para a direita, na primeira, segunda e terceira colunas estão registradas as classes de eventos cuja função nos sistemas de relações que constituem as classes de comportamentos é de “classes de estímulos antecedentes”. Na primeira coluna, especificamente as (1) “classes de estímulos antecedentes contextuais”, representadas pela sigla “SC”; na segunda as (2) “classes de estímulos antecedentes condicionais”, representadas pela sigla “Sc”; e na terceira as (3) “classes de estímulos antecedentes discriminativos”, representadas por “Sd”. Na quarta coluna estão registradas as (4) “classes de respostas”; e na quinta as (5) “classes de estímulos consequentes”. Na primeira linha das tabelas estão representadas as (6) “operações motivadoras” que interferem no valor reforçador dos estímulos consequentes das classes de estímulos consequentes identificadas. E, a fim de evidenciar que consistiram nos últimos elementos propostos, na última linha estão registrados os nomes das classes de comportamentos propostas a partir dos componentes identificados e derivados.

Componentes identificados diretamente a partir das unidades de informação da obra não apresentam nenhuma formatação especial, enquanto os componentes derivados a partir das unidades de informação da obra e dos demais componentes estão com destaque itálico. Há classes de comportamentos com colunas preenchidas com hífen “-”, os quais representam lacunas na identificação de componentes a partir da obra e impossibilidade derivá-los a partir dos demais componentes da classe de comportamentos.

### **2.1. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”**

Na Tabela 3.2 estão apresentadas as características das classes de componentes da classe de comportamentos “A1. Comportar-se sob controle das variáveis externas da própria ação”, primeira da categoria A. “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, apresentada na Tabela 3.1. O único elemento identificado diretamente a partir das unidades de informação da obra de Skinner (1953/2003) consiste na última classe de estímulos consequentes: “alteração na força da relação de funcionalidade entre a resposta e os estímulos consequentes e antecedentes da ação e externos a ela (fortalecida ou enfraquecida)”. A partir dessa classe de estímulos consequentes, que tem como implicação a ocorrência de estímulos antecedentes, respostas e estímulos consequentes, derivam todos os demais componentes constituintes do comportamento, suficientemente genéricos para que relações de funcionalidade fortalecidas ou enfraquecidas entre quaisquer respostas e quaisquer estímulos antecedentes e consequentes externos às respostas possam ser contempladas na caracterização do comportamento. A expressão “externo” como qualificação de estímulos (antecedentes e consequentes) é mantida em função de seu uso por Skinner (1953/2003).

**TABELA 3.2 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A1. COMPORTAR-SE SOB CONTROLE DAS VARIÁVEIS EXTERNAS DA PRÓPRIA AÇÃO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- estímulos condicionais externos à resposta do organismo	- estímulos contextuais externos à resposta do organismo	- estímulos discriminativos externos à resposta do organismo	- apresentar resposta	<p>* ocorrência de uma das cinco consequências abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ocorrência de estímulo gratificante externo à resposta do organismo</li> <li>- remoção de estímulo gratificante externo à resposta do organismo</li> <li>- ocorrência de estímulo aversivo externo à resposta do organismo</li> <li>- remoção de estímulo aversivo externo à resposta do organismo</li> <li>- ausência de consequência previamente reforçadora externa à resposta do organismo e de outras consequências externas à resposta do organismo</li> </ul> <p>- alteração na força da relação de funcionalidade entre a resposta e os estímulos consequentes e antecedentes da ação e externos a ela (fortalecida ou enfraquecida)</p>

**Nome: Comportar-se sob controle das variáveis externas da própria ação**

Dentre os estímulos antecedentes, são distinguidos como estímulo contextual (SC) “*estímulos condicionais externos à resposta do organismo*”; como estímulo condicional (Sc) “*estímulos contextuais externos à resposta do organismo*”; e como estímulo discriminativo (Sd) “*estímulos discriminativos externos à resposta do organismo*”. Como classes de estímulos consequentes, há cinco possíveis, de cuja ocorrência depende o tipo de contingência de reforço estabelecida – contingência de reforço positivo, contingência de reforço negativo, contingência de punição positiva, contingência de punição negativa e contingência de extinção –, respectivamente: “*ocorrência de estímulo gratificante externo à resposta do organismo*”, “*remoção de estímulo gratificante externo à resposta do organismo, ocorrência de estímulo aversivo externo à resposta do organismo, remoção de estímulo aversivo externo à resposta do organismo*”, “*ausência de consequência previamente reforçadora externa à resposta do organismo e de outras consequências externas à resposta do organismo*”.

Não há estímulos com função de operação motivadora como constituinte do comportamento em função do grau de generalidade do mesmo e de os estímulos consequentes identificados diretamente a partir da obra não possibilitarem tal derivação. O nome “Comportar-se sob controle de variáveis externas da própria ação” proposto é embasado na ênfase de todos os componentes constituintes do comportamento à relação entre a ação do organismo e as variáveis externas da ação e, especificamente, nos dois componentes identificados a partir da obra, nos quais há menção a uma relação de funcionalidade estabelecida entre a resposta do organismo e os estímulos externos a ela, sob controle dos quais passa a ser apresentada.

As classes de comportamentos “A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”; “A3. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”; “A4. Apresentar distintos comportamentos funcionalmente semelhantes constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”; e “A5. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer”; constituintes da categoria A. “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, representada na Tabela 3.1, apresentam características – distintas em cada classe – que determinam a unificação

de respostas em sistemas de comportamentos, como é possível observar nas Tabelas 3.3, 3.4, 3.5 e 3.6 que representam suas análises funcionais.

As características da classe de comportamentos “A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” são apresentadas na Tabela 3.3. Há, na classe de respostas constituinte do comportamento, ênfase às propriedades topográficas semelhantes das respostas apresentadas e, ao mesmo tempo, ao pertencimento dessas respostas a um mesmo sistema de comportamentos. A constituição de um sistema de comportamentos, nesse caso, ocorre em função da propriedade de semelhança topográfica de respostas apresentadas em diferentes comportamentos, além de sua semelhança funcional. O nome proposto à classe de comportamentos em questão, “Apresentar comportamentos de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” é embasado na ênfase às propriedades topográficas das respostas de comportamentos e à constituição de um sistema de comportamentos apresentada em sua classe de respostas.

Como classe de estímulos consequentes imediatos à ocorrência de respostas da classe de respostas, “*estímulos consequentes naturais às respostas topograficamente e funcionalmente semelhantes dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos*” constitui a classe de comportamentos. É proposta com base no conceito de comportamento, o qual é constituído das consequências naturais da resposta apresentada. A classe de estímulos consequente “Aumento da probabilidade de utilizar eu como artifício para representar o sistema de comportamentos constituído de comportamentos cujas respostas são topograficamente comuns” é a primeira menção ao termo “eu” dentre os componentes constituintes dos comportamentos da categoria A. Refere-se a uma maior probabilidade de o termo ser utilizado quando comportamentos cujas respostas têm propriedades topográficas semelhantes são apresentados.

**TABELA 3.3 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A2. APRESENTAR COMPORTAMENTOS DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS CUJAS RESPOSTAS SÃO TOPOGRAFICAMENTE E FUNCIONALMENTE SEMELHANTES”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	-	- apresentar respostas topograficamente e funcionalmente semelhantes, constituintes de comportamentos de um sistema de comportamentos	- <i>estímulos consequentes naturais às respostas topograficamente e funcionalmente semelhantes dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos</i>  - aumento da probabilidade de utilizar termo eu como artifício para representar o sistema de comportamentos constituído de comportamentos cujas respostas são topograficamente comuns

**Nome: Apresentar comportamentos de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes**

Há menção à utilização do termo “eu” também dentre os componentes constituintes da classe de comportamentos “A3. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”, representada na Tabela 3.4. Na classe de respostas, há ênfase ao pertencimento de distintas respostas constituintes de distintos comportamentos em um mesmo sistema de comportamentos em função exclusivamente de sua equivalência funcional. A classe de estímulos antecedentes contextuais (SC) “*determinados estímulos contextuais*” se refere à condição de a classe de comportamentos ocorrer somente em determinada configuração de estímulos contextuais, enquanto a classe de estímulos condicionais (Sc) “*estímulos condicionais do ambiente variáveis de momento a momento*” faz referência à diversidade de estímulos condicionais que podem ocorrer em uma mesma configuração de estímulos contextuais e que, por sua vez, tornam discriminativos variados estímulos do ambiente, como ilustrado na classe de estímulos discriminativos (Sd) “*estímulos discriminativos variáveis de momento a momento, conforme os estímulos condicionais presentes*”.

A classe de estímulos consequentes que constitui a classe é “*estímulos consequentes naturais às respostas funcionalmente semelhantes dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos*”, derivada da classe de respostas e com base no conceito de comportamento. A classe de estímulos consequentes “*aumento da probabilidade de utilizar o termo “eu” como referência aos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*” é derivada a partir dos demais componentes do comportamento, mas também a partir da classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos “A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”, representado na Tabela 3.3, uma vez que a distinção principal de ambas é a ênfase da classe de comportamentos A2 às propriedades topográficas da resposta. No caso da classe de comportamentos A3 em questão, a classe de estímulos consequente se refere a uma maior probabilidade de o termo “eu” ser utilizado para representar comportamentos apresentados que, ainda que topograficamente distintos, sejam funcionalmente equivalentes e constituam um mesmo sistema de comportamentos. O nome proposto à classe de comportamentos, “Apresentar distintos comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, é baseado principalmente na classe de respostas e sua ênfase

a respostas distintas, porém funcionalmente equivalentes, constituírem comportamentos funcionalmente equivalentes, e esses constituírem um mesmo sistema de comportamentos.

**TABELA 3.4 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A3. APRESENTAR DISTINTOS COMPORTAMENTOS FUNCIONALMENTE SEMELHANTES CONSTITUINTES DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS FUNCIONALMENTE UNIFICADO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- <i>determinados estímulos contextuais</i>	- <i>estímulos condicionais do ambiente variáveis de momento a momento</i>	- <i>estímulos discriminativos variáveis de momento a momento, conforme os estímulos condicionais presentes</i>	- apresentar respostas de distintos comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado de momento a momento	- <i>estímulos consequentes naturais às respostas funcionalmente semelhantes dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos</i>  - <i>aumento da probabilidade de utilizar o termo “eu” como referência aos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>

**Nome: Apresentar distintos comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado**

A classe de comportamentos “A4. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de

estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer” é constituída por dois comportamentos e está representada na Tabela 3.5. Cada linha de componentes da tabela representa um dos comportamentos constituintes da classe de comportamentos A4. O conjunto de componentes da classe a caracteriza de maneira genérica, de modo que se refira a praticamente quaisquer comportamentos. Em relação ao primeiro comportamento constituinte da classe, a classe de respostas consiste em “resposta A”, referência à possibilidade de ocorrência de qualquer resposta. Tal possibilidade é também representada pela classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) “situação qualquer” e pela classe de estímulos consequentes “reforçador X” identificadas. O único componente do comportamento que o distingue de quaisquer outros comportamentos é a operação motivadora genérica “privação”, identificada e qualificada por Skinner (1953/2003) como “variável principal”.

O segundo comportamento constituinte da classe de comportamentos representada na Tabela 3.5 é também caracterizado de maneira genérica e se assemelha ao primeiro comportamento da classe em vários de seus componentes. A classe de respostas “resposta B” se refere também à possibilidade de representar praticamente qualquer resposta, porém distinta da classe de respostas “resposta A”. A classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) é novamente referência a essa possibilidade. Os componentes que mais diferenciam o segundo do primeiro comportamento da classe são as classes de estímulos consequentes e as operações motivadoras identificadas. Como operações motivadoras, há “privação”, qualificada como variável principal tal qual no primeiro comportamento, e o “*comportamento A, cuja resposta é eficaz em conseguir reforçador X em qualquer situação*” referente ao prévio desenvolvimento pelo indivíduo do comportamento constituído da resposta A, primeiro comportamento da classe em questão.

**TABELA 3.5 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A4. APRESENTAR COMPORTAMENTOS DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS CONSTITUÍDO PELA OBTENÇÃO DE ESTÍMULOS REFORÇADORES CONSTITUINTES DE UMA CLASSE DE ESTÍMULOS COMUM EM SITUAÇÕES QUAISQUER”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** privação, como variável principal

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	- situação qualquer	-	- resposta A	- reforçador X

**OM:** privação, como variável principal; *comportamento A, cuja resposta é eficaz em conseguir reforçador X em qualquer situação*

-	- situação qualquer	-	- resposta B	- reforçador X comum ao apresentado como consequência da resposta A - constituição, muito provavelmente, de um sistema de comportamentos constituído dos comportamentos A e B - <i>aumento da probabilidade de utilizar o termo “eu” como referência aos comportamentos A e B constituíntes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>
---	---------------------	---	--------------	--

**Nome:** Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer

A classe de estímulos consequentes “reforçador X comum ao apresentado como consequência da resposta A” consiste na ocorrência de estímulo reforçador constituinte da mesma classe de estímulos que o estímulo reforçador apresentado como consequência da resposta A do primeiro comportamento da classe, variável determinante da ocorrência da segunda classe de estímulos consequentes “constituição, muito provavelmente, de um sistema de comportamentos constituído dos comportamentos A e B”. Tal classe de estímulos consequentes, por sua vez, consiste em base para a derivação da terceira classe de estímulos consequentes, o *“aumento da probabilidade de utilizar o termo “eu” como referência aos comportamentos A e B constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”*, uma vez que a ocorrência de comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos torna mais provável a utilização do termo “eu” como representação desse sistema – o que também é observado nas classes de comportamentos A3 e A4, cujas características estão apresentadas nas Tabelas 3.4. e 3.5.

O nome “Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer” atribuído à classe de comportamentos é proposto a partir principalmente das características das classes de estímulos consequentes de ambos os comportamentos constituintes da classe, nos quais há ênfase à constituição de um sistema de comportamentos em função de comportamentos distintos possuírem reforçadores comuns como classe de estímulos consequentes.

Na Tabela 3.6 está representada a classe de comportamentos “A5. Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica”. As duas classes de respostas que constituem essa classe de comportamentos ocorrem quase simultaneamente e derivam da classe de estímulos identificada, “unificação dos comportamentos constituídos pela resposta apresentada e pelas respostas emocionais com ocorrência quase simultânea em um sistema de comportamentos”. Tal derivação se dá em função de a classe de estímulos consequentes se referir à ocorrência de uma resposta qualquer apresentada e de uma resposta emocional, quase simultaneamente. A redação da segunda classe de respostas difere da referida na classe de estímulos consequentes em função de respostas emocionais serem constituídas de respostas fisiológicas do organismo. Os componentes da classe de comportamentos em questão tornam saliente mais um aspecto que determina a unificação de comportamentos

em um sistema de comportamentos. Por isso, a proposição do nome da classe de comportamentos enfatiza o aspecto “dimensão crítica fisiológica” e o pertencimento dos comportamentos em um mesmo sistema.

**TABELA 3.6 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A5. APRESENTAR COMPORTAMENTO DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS CONSTITUÍDO POR RESPOSTAS CUJA DIMENSÃO CRÍTICA É FISIOLÓGICA”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	-	<p>- <i>apresentar determinada resposta</i></p> <p>- <i>apresentar respostas fisiológicas quase simultaneamente à resposta apresentada</i></p>	<p>- unificação dos comportamentos constituídos pela resposta apresentada e pelas respostas emocionais com ocorrência quase simultânea em um sistema de comportamentos</p> <p>- <i>aumento da probabilidade de utilizar o termo “eu” como referência aos comportamentos do sistema de comportamentos unificado, constituídos da resposta apresentada e da resposta emocional ocorrida quase simultaneamente a ela</i></p>

**Nome: Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica**

Em conjunto com as classes de comportamentos A2, A3 e A4 – representadas nas Tabelas 3.3., 3.4 e 3.5 –, a classe em questão é constituída da classe de estímulos consequente referente à maior probabilidade de utilização do termo “eu” como representação do sistema de comportamentos que foi constituído: *“aumento da probabilidade de utilizar o termo “eu” como referência aos comportamentos do sistema de comportamentos unificado, constituídos da resposta apresentada e da resposta emocional ocorrida quase simultaneamente a ela”*.

As classes de comportamentos “A6. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais” e “A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns” ressaltam características nucleares de sistemas de comportamentos. A classe de comportamentos A6 está representada na Tabela 3.7 e apresenta ênfase à classe de estímulos antecedentes que exerce controle sobre comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos: a classe de estímulos antecedentes contextuais (SC) “determinados estímulos contextuais”. A classe de respostas “apresentar respostas constituintes de comportamentos restritos a determinados estímulos contextuais” faz referência aos estímulos contextuais sob controle dos quais ocorre – “determinados estímulos contextuais” –, assim como a classe de estímulos consequente: *“sistema de comportamentos restrito a situações em que ocorrem determinados estímulos contextuais”*.

Classes de estímulos antecedentes condicionais e discriminativos e operações motivadoras que interfiram no valor reforçador da classe de estímulos consequentes não constituem a classe em questão em função de não se tratarem dos aspectos enfatizados nas unidades funcionais das fontes de informações nem nos componentes a partir delas identificados. A ênfase reside no tipo de estímulos antecedentes sob controle indireto dos quais comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos ocorrem. O nome proposto à classe de comportamentos é embasado nessa ênfase em sua caracterização.

**TABELA 3.7 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A6. APRESENTAR COMPORTAMENTOS DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS SOB CONTROLE DE DETERMINADOS ESTÍMULOS CONTEXTUAIS”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- determinados estímulos contextuais	-	-	- apresentar respostas constituintes de comportamentos restritos a determinados estímulos contextuais	- <i>sistema de comportamentos restrito a situações em que ocorrem determinados estímulos contextuais</i>

**Nome: Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais**

A classe de comportamentos “A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns”, representada na Tabela 3.8, apresenta ênfase no outro aspecto principal que caracteriza sistemas de comportamentos: a obtenção de reforçadores em situações comuns. Não somente os comportamentos ocorrem sob controle dos mesmos estímulos contextuais (SC), mas são constituídos de respostas eficazes em produzir estímulos reforçadores em tais situações. Como operação motivadora, há “comportamento X, cuja resposta é eficaz em conseguir reforçador em situações A”; como classes de estímulos antecedentes contextuais, há “situação A”, que coincide com a classe de estímulos antecedentes contextuais do comportamento X desenvolvido no repertório do indivíduo. A classe de respostas é genericamente “resposta Y”, a qual não consiste em qualquer resposta apresentada pelo

organismo, por ser caracterizada pela produção de um estímulo consequente reforçador.

**TABELA 3.8 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A7. APRESENTAR COMPORTAMENTO CONSTITUINTE DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS CONSTITUÍDO PELA OBTENÇÃO DE REFORÇADOR EM SITUAÇÕES COMUNS”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** comportamento X, cuja resposta é eficaz em conseguir reforçador em situações A

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- situação A			- resposta Y	- eficácia da resposta Y em conseguir reforçador na situação A - unificação dos comportamentos Y e X em um sistema de comportamentos - <i>comportamento Y apresentado distinto de comportamentos cujos reforçadores são obtidos em situações B</i>

**Nome:** Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns

A classe de estímulos consequente “unificação dos comportamentos Y e X em um sistema de comportamentos” se refere à suficiência das duas principais características do comportamento a sua unificação em um sistema de comportamentos constituído pelo comportamento A previamente apresentado pelo indivíduo: (1) ocorrer em situações com determinados estímulos contextuais equivalentes aos presentes na apresentação do comportamento A e, tal qual o comportamento A, (2) produzir estímulos reforçadores nessa situação. A última classe de estímulos consequentes, “*comportamento Y apresentado distinto de comportamentos cujos reforçadores são obtidos em situações B*” faz referência ao aspecto que distingue os comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos dos constituintes de outro sistema: a ocorrência de estímulos contextuais distintos – representados pela redação “situações B”, distintas das “situações A”. O nome da classe de comportamentos “Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns” se refere à ênfase apresentada nos componentes que o constituem: a obtenção de um reforçador por respostas diferentes diante de estímulos contextuais comuns.

A classe de comportamentos “A8. Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence” é representada na Tabela 3.9. Das três últimas classes de estímulos consequentes, derivam os demais componentes da classe de comportamentos, com alto grau de generalidade de modo a abrangerem praticamente quaisquer comportamentos que apresentem características que os tornem constituintes de sistemas de comportamentos. A classe de estímulos consequentes “relação de funcionalidade estabelecida entre a resposta e os estímulos consequentes e antecedentes da ação e externos a ela” se refere ao “efeito” da ocorrência de qualquer comportamento em sua primeira apresentação, o estabelecimento de relações de funcionalidade entre os componentes do comportamento.

**TABELA 3.9 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A8. APRESENTAR COMPORTAMENTO SOB CONTROLE DAS MESMAS VARIÁVEIS EXTERNAS QUE OUTROS COMPORTAMENTOS DO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS A QUE PERTENCE”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *comportamento A; operações motivadoras externas à resposta do organismo*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- estímulos contextuais externos à resposta do organismo, equivalentes aos estímulos contextuais presentes na apresentação do comportamento A pelo indivíduo	- estímulos condicionais externos à resposta do organismo	- estímulos discriminativos externos à resposta do organismo	- apresentar resposta B	<p>* ocorrência de uma das duas consequências abaixo, equivalente à ocorrida no comportamento A:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ocorrência de estímulo gratificante externo à resposta do organismo</li> <li>- remoção de estímulo aversivo externo à resposta do organismo</li> </ul> <p>- relação de funcionalidade estabelecida entre a resposta e os estímulos consequentes e antecedentes da ação e externos a ela</p> <p>- estabelecimento de um sistema de comportamentos funcionalmente unificados constituído do comportamento apresentado e do comportamento A</p> <p>- aumento da probabilidade de utilizar eu como artifício para representar o sistema de comportamentos funcionalmente unificado constituído do comportamento apresentado e do comportamento A</p>

**Nome:** **Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence**

A penúltima classe de estímulos consequentes “estabelecimento de um sistema de comportamentos funcionalmente unificados constituído do comportamento apresentado e do comportamento A”, por sua vez, faz alusão às relações estabelecidas entre um comportamento apresentado em determinada configuração de estímulos contextuais, cujos estímulos consequentes são reforçadores, e outro previamente apresentado pelo indivíduo, cuja ocorrência se dá também na mesma configuração antecedente e a consequência produzida é também reforçadora. O desenvolvimento prévio desse comportamento é contemplado na operação motivadora constituinte do comportamento: “*comportamento A*”. Também interfere na classe de comportamentos em questão a operação motivadora genérica “*operações motivadoras externas à resposta do organismo*”.

A classe de respostas “*apresentar resposta B*” genericamente se refere a quaisquer respostas que produzam uma consequência reforçadora em situações em que há estímulos da classe de estímulos contextuais (SC) “*estímulos contextuais externos à resposta do organismo, equivalentes aos estímulos contextuais presentes na apresentação do comportamento A pelo indivíduo*”, da classe de estímulos condicionais (Sc) “*estímulos condicionais externos à resposta do organismo*” e da classe de estímulos discriminativos (Sd) “*estímulos discriminativos externos à resposta do organismo*”.

As duas primeiras classes de estímulos consequentes se referem às duas possíveis condições que se configuram em consequências reforçadoras externas produzidas pela resposta apresentada, tanto “*ocorrência de estímulo gratificante externo à resposta do organismo*”, quanto “*remoção de estímulo aversivo externo à resposta do organismo*”. A última classe de estímulos consequentes do comportamento, “aumento da probabilidade de utilizar eu como artifício para representar o sistema de comportamentos funcionalmente unificado constituído do comportamento apresentado e do comportamento A”, se refere à maior probabilidade de utilização do termo “eu” como referência ao sistema de comportamentos constituído dos comportamentos A e B referidos na representação da análise funcional da classe de comportamentos A8. O nome da classe de comportamentos, “Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence”, enfatiza o aspecto “sob controle das mesmas variáveis externas” que outros comportamentos do mesmo sistema de comportamentos.

As classes de comportamento “A9. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais”, “A10. Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes” e “A11. Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente”, representadas respectivamente nas Tabelas 3.10, 3.11 e 3.12, se referem às possibilidades de apresentação de sistemas de comportamentos conforme as diferentes configurações de classes de estímulos antecedentes constituintes dos comportamentos. A primeira dessas classes de comportamentos, a classe A9 representada na Tabela 3.10, se refere à ocorrência de comportamentos constituintes apenas de um sistema de comportamentos, em função de a classe de estímulos contextuais do ambiente (SC) “ocorrência, em determinados momentos, de estímulos contextuais que exercem controle sobre comportamentos constituintes de um sistema A de comportamentos” estabelecer ocasião para estímulos condicionais e discriminativos controladores de classes de respostas de comportamentos somente de um sistema de comportamentos.

A classe de respostas, “respostas dos comportamentos constituintes do sistema A de comportamentos, consistentes com estímulos de determinada classe de estímulos contextuais presente em determinados momentos” está diretamente relacionada às classes de estímulos antecedentes contextuais, que estabelecem ocasião somente para a ocorrência de respostas dos comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos. A primeira classe de estímulos consequentes “*ocorrência de consequências específicas relacionadas ao sistema A de comportamentos, consistente com estímulos de determinada classe de estímulos contextuais, presentes em determinados momentos*” se refere às suas consequências específicas. A classe de estímulos consequente “baixa probabilidade de incompatibilidade entre os sistemas A e B de comportamentos”, decorre da baixa probabilidade de que comportamentos de sistemas de comportamentos distintos ocorram simultaneamente, o que diminui a probabilidade de serem incompatíveis, por ocorrerem em uma mesma circunstância. O nome proposto à classe de comportamentos, “Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos

contextuais” tem como base a relação entre a classe de respostas e a classes de estímulos antecedentes contextuais.

**TABELA 3.10 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A9. APRESENTAR COMPORTAMENTOS DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS SOB CONTROLE DE ESTÍMULOS DE DETERMINADA CLASSE DE ESTÍMULOS CONTEXTUAIS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- ocorrência, em determinados momentos, de estímulos contextuais que exercem controle sobre comportamentos constituintes de um sistema A de comportamentos	-	-	- respostas dos comportamentos constituintes do sistema A de comportamentos , consistentes com estímulos de determinada classe de estímulos contextuais presente em determinados momentos	- <i>ocorrência de consequências específicas relacionadas ao sistema A de comportamentos, consistente com estímulos de determinada classe de estímulos contextuais, presentes em determinados momentos</i> - baixa probabilidade de incompatibilidade entre os sistemas A e B de comportamentos

**Nome: Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais**

A classe de respostas, “respostas dos comportamentos constituintes do sistema A de comportamentos, consistentes com estímulos de determinada classe de estímulos contextuais presente em determinados momentos” está diretamente relacionada às classes de estímulos antecedentes contextuais, que estabelecem ocasião somente para a ocorrência de respostas dos comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos. A primeira classe de estímulos consequentes “*ocorrência de consequências específicas relacionadas ao sistema A de comportamentos, consistente com estímulos de determinada classe de estímulos contextuais, presentes em determinados momentos*” se refere às suas consequências específicas. A classe de estímulos consequente “baixa probabilidade de incompatibilidade entre os sistemas A e B de comportamentos”, decorre da baixa probabilidade de que comportamentos de sistemas de comportamentos distintos ocorram simultaneamente, o que diminui a probabilidade de serem incompatíveis, por ocorrerem em uma mesma circunstância. O nome proposto à classe de comportamentos, “Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais” tem como base a relação entre a classe de respostas e a classes de estímulos antecedentes contextuais.

A classe de comportamentos “A10. Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes” é representada na Tabela 3.11. Similarmente à classe de comportamentos A9, representada na Tabela 3.10, também se refere à relação entre os estímulos de uma classe de estímulos contextuais e a ocorrência de comportamentos de apenas um sistema de comportamentos. Distinguem-se em relação à quantidade de classes estímulos contextuais mencionados nas classes de estímulos antecedentes contextuais que constituem as classes de comportamentos em questão. A classe de comportamentos A9 é constituída apenas de uma classe de estímulos contextuais, enquanto a classe de estímulos contextuais (SC) “estímulos contextuais do ambiente variáveis de momento a momento” constituinte da classe de comportamentos A10 se refere à diversidade de estímulos contextuais variáveis de momento a momento para um mesmo indivíduo.

**TABELA 3.11 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A10. APRESENTAR COMPORTAMENTOS DE SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS DISTINTOS EM FUNÇÃO DOS ESTÍMULOS CONTEXTUAIS PRESENTES”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- estímulos contextuais do ambiente variáveis de momento a momento	-	-	- <i>respostas de comportamentos constituintes de diferentes sistemas de comportamentos, consistentes cada qual com uma classe distinta de estímulos contextuais do ambiente, presentes em momentos distintos</i>	- <i>estímulos consequentes de comportamentos constituintes de diferentes sistemas de comportamentos, apresentados pelo indivíduo, conforme a classe de estímulos contextuais presentes no ambiente</i>  - alta probabilidade de apresentação não simultânea de comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos inconsistentes e incompatíveis entre si, conforme os estímulos contextuais presentes a cada momento

**Nome: Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes no ambiente**

Tal qual a classe de estímulos antecedentes contextuais, a classe de respostas “*respostas de comportamentos constituintes de diferentes sistemas de comportamentos, consistentes cada qual com uma classe*

*distinta de estímulos contextuais do ambiente, presentes em momentos distintos”* se refere à diversidade de respostas apresentadas pelo indivíduo de momento a momento, constituintes de diferentes sistemas de comportamentos. Por serem constituintes de comportamentos que são apresentados consistentemente com os estímulos contextuais e por tais estímulos servem variáveis, há uma implicação na variação das respostas. Apesar de a classe de respostas representar a ocorrência de várias respostas distintas pelo indivíduo, elas não ocorrem simultaneamente, como é especificado no complemento da redação da classe de respostas e da classe de estímulos consequentes “*estímulos consequentes de comportamentos constituintes de diferentes sistemas de comportamentos, apresentados pelo indivíduo, conforme a classe de estímulos contextuais presentes no ambiente*”.

A segunda classe de estímulos consequentes “alta probabilidade de apresentação não simultânea de comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos inconsistentes e incompatíveis entre si, conforme os estímulos contextuais presentes a cada momento” se refere à alta probabilidade de o indivíduo cujo repertório é organizado em sistemas de comportamentos controlados por estímulos contextuais constituintes de distintas classes de estímulos contextuais apresentar comportamentos inconsistentes e incompatíveis entre si – por serem de sistemas de comportamentos distintos – conforme os estímulos contextuais presentes no ambiente. A ocorrência de comportamentos de distintos sistemas de comportamentos não é simultânea, o que assegura que a incompatibilidade entre os comportamentos não interfira na ocorrência de comportamentos de nenhum dos sistemas.

A classe de comportamentos “A11. Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente”, é representada na Tabela 3.12. Exerce função de operação motivadora em relação à classe de comportamentos em questão a classe de eventos “*respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos A e B com probabilidade similar de ocorrência*”, decorrente de comportamentos previamente desenvolvidos. Como classes de estímulos antecedentes, há estímulos antecedentes que exercem controle sobre dois sistemas de comportamentos, simultaneamente: a classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “estímulos discriminativos das respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos A e das respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos B presentes concomitantemente” e as classes de

estímulos antecedentes condicionais (Sc) “*estímulos condicionais que exercem controle sobre os sistemas A e B de comportamentos presentes simultaneamente*” e contextuais (SC) “*estímulos contextuais que exercem controle sobre os sistemas A e B de comportamentos presentes simultaneamente*”, derivadas da obra.

**TABELA 3.12 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A11. PERCEBER-SE INCAPAZ DE DECIDIR QUE COMPORTAMENTOS APRESENTAR EM DETERMINADA SITUAÇÃO, EM FUNÇÃO DE ESTÍMULOS CONTEXTUAIS DE MAIS DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS ESTAREM PRESENTES SIMULTANEAMENTE”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos A e B com probabilidade similar de ocorrência*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
<i>- estímulos contextuais que exercem controle sobre os sistemas A e B de comportamentos presentes simultaneamente</i>	<i>- estímulos condicionais que exercem controle sobre os sistemas A e B de comportamentos presentes simultaneamente</i>	<i>- estímulos discriminativos das respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos A e das respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos B presentes concomitantemente</i>	<i>- notar própria dificuldade em apresentar comportamentos constituintes do sistema A de comportamentos e comportamentos constituintes do sistema B de comportamentos</i>	<i>- baixa probabilidade de ocorrência de consequências produzidas pelos comportamentos constituintes do sistema A e do sistema B de comportamentos</i>

**Nome:** *Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente*

Considerando as probabilidades de incompatibilidade de comportamentos que constituem as classes A9 e A10, representadas nas Tabelas 3.10 e 3.11, e a presença simultânea de estímulos contextuais, condicionais e discriminativos que exercem controle sobre ambos os sistemas de comportamentos, constitui a classe de comportamentos em questão a classe de respostas “*notar própria dificuldade em apresentar comportamentos constituintes do sistema A de comportamentos e comportamentos constituintes do sistema B de comportamentos*”. A presença de estímulos contextuais, condicionais e discriminativos que controlam a ocorrência de respostas de comportamentos de mais de um sistema de comportamentos implica em uma dificuldade identificada pelo próprio indivíduo em apresentar tanto os comportamentos de um sistema de comportamentos quanto de outro.

A classe de estímulos consequentes “*baixa probabilidade de ocorrência de consequências produzidas pelos comportamentos constituintes do sistema A e do sistema B de comportamentos*” se refere à menor probabilidade de ocorrência das consequências dos comportamentos de qualquer dos sistemas de comportamentos, dada a dificuldade do indivíduo em apresentar comportamentos desses sistemas. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente”, é embasado na relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes constituintes da classe de comportamentos.

Na Tabela 3.13 está representada a classe de comportamentos “A12. Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros”, referente não às características de um sistema de comportamento ou das condições em que sistemas de comportamentos ocorrem, mas de relações entre sistemas de comportamentos. No valor reforçador de seus estímulos consequentes interfere a operação motivadora: “*comportamentos constituintes dos sistemas A, B, C (...) de comportamentos com determinada probabilidade de estabelecerem relações entre si em função de serem constituídos de respostas topograficamente semelhantes, por produzirem consequências de uma mesma classe ou de serem controlados por estímulos de uma mesma classe*”. Os determinantes da probabilidade de estabelecimento de relações entre sistemas de comportamentos, de acordo com as informações da obra, consistem nos mesmos de relações estabelecidas entre respostas simples.

**TABELA 3.13 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A12. APRESENTAR COMPORTAMENTOS DE DIFERENTES SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS RELACIONADOS UNS COM OS OUTROS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *comportamentos constituintes dos sistemas A, B, C (...) de comportamentos com determinada probabilidade de estabelecerem relações entre si em função de serem constituídos de respostas topograficamente semelhantes, por produzirem conseqüências de uma mesma classe ou de serem controlados por estímulos de uma mesma classe*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulos que constituem comportamentos do sistema A de comportamentos</li> <li>ou</li> <li>- estímulos que constituem comportamentos do sistema B de comportamentos</li> <li>ou</li> <li>- estímulos que constituem comportamentos do sistema C de comportamentos</li> <li>- (...)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- apresentar respostas de comportamentos constituintes um sistema (A, B, C...) de comportamentos relacionadas com os comportamentos de outro de seus próprios sistemas (A, B, C...) de comportamentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>conseqüências específicas às respostas dos comportamentos constituintes do sistema A de comportamentos</i></li> <li>- <i>conseqüências específicas às respostas dos comportamentos constituintes do sistema B de comportamentos</i></li> <li>- <i>conseqüências específicas às respostas dos comportamentos constituintes do sistema C de comportamentos</i></li> <li>- <i>conseqüências específicas das relações estabelecidas entre os comportamentos constituintes dos sistemas A, B ou C de comportamentos</i></li> </ul>

**Nome:** **Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros**

As classes de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) da classe de comportamentos em questão – “estímulos que constituem comportamentos do sistema A de comportamentos” “estímulos que constituem comportamentos do sistema B de comportamentos” e “estímulos que constituem comportamentos do sistema C de comportamentos” – consistem em classes alternativas que se referem à apresentação pelo próprio indivíduo de conjuntos distintos de comportamentos que constituem sistemas de comportamentos. A classe de respostas “apresentar respostas de comportamentos constituintes um sistema (A, B, C...) de comportamentos relacionadas com os comportamentos de outro de seus próprios sistemas (A, B, C...) de comportamentos” se refere à apresentação de respostas de comportamentos constituintes de um dos sistemas de comportamentos em relação aos comportamentos constituintes de outro sistema de comportamentos.

Por sua vez, dentre as classes de estímulos consequentes, as três primeiras se referem às consequências específicas de cada um dos sistemas de comportamentos apresentados e a última se refere às consequências específicas das relações estabelecidas entre os comportamentos constituintes dos sistemas que foram apresentados relacionados entre si. Um exemplo de relação entre sistemas de comportamentos, apresentado por Skinner (1953/2003), é o processo “Conhecer-se”, constituído de um sistema de comportamentos que é observado e descrito pelo próprio indivíduo e de um sistema de comportamentos que observa e descreve o primeiro sistema. Por fim, o nome “Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros” foi atribuído ao comportamento com base principalmente na classe de respostas, que enfatiza a relação estabelecida entre diferentes sistemas de comportamentos.

As classes de comportamentos A13, A14 e A15 fazem referência em suas classes de respostas à utilização do termo “eu” pelo indivíduo. A primeira dessas classes, “A13. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” está representada na Tabela 3.14. A classe de respostas constituinte da classe de comportamentos faz menção à utilização do termo “eu” como um recurso para representar conjuntos de comportamentos de um indivíduo, especificamente sistemas de comportamentos cujos comportamentos são constituídos de respostas com topografia comum.

**TABELA 3.14 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A13. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO REPRESENTAÇÃO DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO CUJAS RESPOSTAS SÃO TOPOGRÁFICA E FUNCIONALMENTE SEMELHANTES”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- respostas topograficamente comuns constituintes de comportamentos de um sistema de comportamentos	- utilizar termo “eu” como artifício para representar o sistema de comportamentos constituído de comportamentos cujas respostas são topograficamente comuns	- termo “eu” utilizado como referência aos comportamentos constituídos de respostas topograficamente comuns de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado

**Nome: Referir-se ao termo “Eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes**

Da classe de respostas são derivadas a classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “*respostas topograficamente comuns constituintes de comportamentos de um sistema de comportamentos*” e a classe de estímulos consequentes “*termo “eu” utilizado como referência aos comportamentos constituídos de respostas topograficamente comuns de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*”, às quais ambas se referem. O nome da classe de comportamentos, “Referir-se ao termo “eu” como representação de um

sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”, é embasado principalmente na classe de respostas.

A classe de comportamentos “A14. Referir-se ao termo “eu” como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” está representada na Tabela 3.15 e se assemelha à classe de comportamentos A13, apresentada na Tabela 3.14. Ambas diferem em relação às características das classes de estímulos antecedentes discriminativos (Sd): no primeiro a classe é constituída de respostas topograficamente semelhantes de comportamentos previamente apresentados constituintes de um mesmo sistema de comportamentos e no segundo é constituída de respostas distintas, porém também de comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado.

A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “*respostas de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*” e a classe de estímulos consequentes “*termo ‘eu’ como referência aos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*” são derivadas da classe de respostas identificada a partir da obra, “utilizar o termo ‘eu’ como referência aos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”. O nome da classe de comportamentos proposta, “Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” apresenta ênfase principalmente à classe de respostas.

**TABELA 3.15 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A14. REFERIR-SE AO TERMO “EU” COMO REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS FUNCIONALMENTE UNIFICADO”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- <i>respostas de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>	- utilizar o termo “eu” como referência aos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado	- <i>termo “eu” utilizado como referência aos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>

**Nome: Referir-se ao termo “Eu” como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado**

Na Tabela 3.16 está representada a classe de comportamentos “A15. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo”, também referente à utilização do termo “eu” como representação de sistemas de comportamentos. É constituída de uma classe de respostas genérica que se refere a qualquer tipo de sistemas de comportamentos: “utilizar o termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos”. Interfere no valor reforçador dos estímulos das classes de estímulos consequentes a operação motivadora “unificação de comportamentos do próprio indivíduo em um sistema de comportamentos funcionalmente unificados”, que se refere ao

estabelecimento prévio de um sistema de comportamentos constituído de comportamentos funcionalmente equivalentes do próprio indivíduo.

**TABELA 3.16 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A15. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO REPRESENTAÇÃO DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** unificação de comportamentos do próprio indivíduo em um sistema de comportamentos funcionalmente unificados

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- ocorrência de comportamentos do sistema de comportamentos funcionalmente unificados	- utilizar o termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos	- conceito “eu” utilizado como representação de um sistema de comportamentos - possibilidade de utilização do conceito “eu” consistir em uma primeira vantagem para a representação de sistema de comportamentos

**Nome: Referir-se ao termo “Eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo**

A primeira classe de estímulos consequentes, “conceito ‘eu’ utilizado como representação de um sistema de comportamentos”, consiste na consequência imediata das respostas da classe de respostas; e a segunda se refere a uma implicação mencionada na obra a uma possível contribuição da utilização do termo “eu” na linguagem: “possibilidade de utilização do conceito ‘eu’ consistir em uma primeira

vantagem para a representação de sistema de comportamentos”. O nome “Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo” proposto à classe de comportamentos não faz referência aos comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos, mas ao sistema de comportamentos como um todo, tal qual a ênfase presente na classe de respostas.

A última classe de comportamentos da primeira categoria de classes de comportamentos identificadas e derivadas da obra de Skinner (1953/2003), categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, é a classe “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, representada na Tabela 3.17. Essa classe de comportamentos se refere a mais que o uso do termo “eu”, mas à utilização da referência aos três “eu” ou às três “personalidades” do esquema teórico freudiano.

A classe de respostas “utilizar os três ‘eu’ ou as três ‘personalidades’ do esquema freudiano para representar características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social” apresenta uma definição do que o autor entende pelos três “eu” ou pelas três “personalidades” aos quais Freud se refere em sua produção teórica: recursos linguísticos de representação de características relevantes de sistemas de comportamentos dos indivíduos no meio social. A classe de estímulos contextuais antecedentes (SC) “estímulos contextuais importantes de um meio social” enfatiza que é sob controle de características importantes de um meio social, comuns a todos os indivíduos nele inseridos, que “características importantes dos sistemas de comportamentos” desses indivíduos, classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd), ocorrem. A classe “características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social representadas pelos três eu ou pelas três personalidades do esquema freudiano” consiste na classe de estímulos consequentes.

**TABELA 3.17 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A16. REFERIR-SE AOS TRÊS ‘EU’ OU ÀS TRÊS ‘PERSONALIDADES’ DO ESQUEMA FREUDIANO COMO REPRESENTAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DOS SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS QUE OCORREM SOB CONTROLE DE ESTÍMULOS CONTEXTUAIS IMPORTANTES DE UM MEIO SOCIAL”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- estímulos contextuais importantes de um meio social	-	- características importantes dos sistemas de comportamentos	- utilizar os três “eu” ou as três “personalidades” do esquema freudiano para representar características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social	- características importantes dos sistemas de comportamento s que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social representadas pelos três “eu” ou pelas três “personalidades” do esquema freudiano

**Nome: Referir-se aos três “eu” ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social**

O nome atribuído à classe de comportamentos, “Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de

comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, enfatiza a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes contextuais, que denota “base factual” a partir da qual três grandes conceitos teóricos de Freud teriam sido elaborados, segundo Skinner (1953/2003). Com representação da análise funcional do comportamento A16 é encerrada a apresentação das caracterizações dos comportamentos da primeira categoria de comportamentos identificados e derivados a partir da obra de Skinner (1953/2003), referente aos processos aos quais o conceito “eu” efetivamente se refere, em maiores e menores graus de abrangência: a sistemas de comportamentos dos indivíduos, passíveis de relacionarem-se uns com os outros e constituídos de comportamentos funcionalmente unificados.

## **2.2. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”**

Além da identificação e derivação de classes de comportamentos às quais o conceito “Eu” se refere efetivamente a partir da concepção de Skinner (1953/2003), o capítulo “O Eu” de sua obra *Ciência e Comportamento Humano* também possibilitou identificar classes de comportamentos que favorecem o desenvolvimento da concepção de um “Eu iniciador”, agente e originador dos comportamentos dos indivíduos. Tratam-se de classes constituídas de aspectos que caracterizam o desenvolvimento de um conceito “Eu” considerado equivocado pelo autor, em que é suposto tratar-se do agente responsável pelos sentimentos e ações dos indivíduos. Tais classes de comportamentos – as classes B1 a B11 – são apresentadas no conjunto B da Tabela 3.1 e nas Tabelas 3.18 a 3.28 estão representadas suas análises funcionais. De todo o conjunto, as classes B8, B9, B10 e B11 foram derivadas a partir das informações da obra e as demais foram a partir dela identificadas.

### ***2.2.1. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B***

A classe de comportamentos “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de

sistemas de comportamentos”, representada na Tabela 3.18, enfatiza a desconsideração da função que variáveis externas exercem sobre ações dos indivíduos constituintes de sistemas de comportamentos.

**TABELA 3.18 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B1. IGNORAR A FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS EXTERNAS DAS AÇÕES CONSTITUINTES DE COMPORTAMENTOS DE SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
	- relações funcionais estabelecidas entre a resposta apresentada e as variáveis externas à resposta	- determinada resposta apresentada	- ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos	- variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ignoradas - diminuição da probabilidade de caracterização dos comportamentos constituintes de sistemas de comportamentos cujas relações entre as ações e as variáveis externas que lhes constituem são ignoradas

**Nome: Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos**

A classe de respostas “ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos” é o componente da classe de comportamentos que deixa suas dimensões críticas mais evidentes. De tal classe de respostas foram derivadas as classes de estímulos antecedentes e a operação motivadora. A classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) “*relações funcionais estabelecidas entre a resposta apresentada e as variáveis externas à resposta*” consiste em condição para que a classe “*determinada resposta apresentada*” passasse a exercer função discriminativa (Sd) em relação às respostas da classe de respostas.

A operação motivadora “*desconhecimento do conceito de comportamento*” consiste em característica do repertório do indivíduo que interfere no valor reforçador das consequências do comportamento. A primeira classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos, “*variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ignoradas*”, se refere à consequência imediata da classe de respostas. A segunda classe de estímulos consequentes, “*diminuição da probabilidade de caracterização dos comportamentos constituintes de sistemas de comportamentos cujas relações entre as ações e as variáveis externas que lhes constituem são ignoradas*”, se refere à alteração da probabilidade de ocorrência de outro comportamento, especificamente a caracterização apropriada de sistemas de comportamentos, como decorrência de as variáveis externas das quais são função serem ignoradas.

A classe de comportamentos “B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas” está representada na Tabela 3.19. Tal classe se refere ao que Skinner (1953/2003) concebe como um equívoco que fundamenta grande parte das concepções de senso-comum e científicas acerca do comportamento humano. Sua classe de respostas, “*atribuir a unidade funcional de um grupo de respostas ao indivíduo que as apresenta*”, consiste em uma atribuição de status causal exclusivamente ao próprio indivíduo em relação às respostas que apresenta, relacionado ao “*desconhecimento do conceito de comportamento*” e ao “*desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*”, eventos derivados a partir da obra e categorizados como operações motivadoras da classe de comportamentos caracterizada. A primeira classe de estímulos consequentes, “*atribuição da unidade funcional de um grupo de respostas ao indivíduo que as apresenta*”, consiste em uma consequência imediata da classe de respostas, enquanto a segunda, “*aumento da*

probabilidade de superestima de um grupo de respostas”, se refere à alteração na probabilidade de outros comportamentos, especificamente em comportamentos relacionados à resposta de superestima de um grupo de respostas. O nome proposto à classe de comportamentos B2, “Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas” apresenta a ênfase no equívoco entre o que significa uma unidade funcional de um grupo de respostas e a atribuição desse conjunto de respostas ao indivíduo que as apresenta.

**TABELA 3.19 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B2. ATRIBUIR AO INDIVÍDUO A UNIDADE FUNCIONAL DE UM GRUPO DE RESPOSTAS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	-	- atribuir a unidade funcional de um grupo de respostas ao indivíduo que as apresenta	- atribuição da unidade funcional de um grupo de respostas ao indivíduo que as apresenta - aumento da probabilidade de superestima de um grupo de respostas

**Nome:** **Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas**

A classe de comportamentos “B3. Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui” está representada na Tabela 3.20.

**TABELA 3.20 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B3. ATRIBUIR MAIOR RELEVÂNCIA A UMA UNIDADE DE UM GRUPO DE RESPOSTAS DO ORGANISMO DO QUE EFETIVAMENTE POSSUI”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	- atribuição da unidade funcional de um grupo de respostas ao indivíduo que as apresenta	-	- superestimar unidade de um grupo de respostas	-

**Nome: Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui**

A classe de respostas “superestimar unidade de um grupo de respostas” que constitui o comportamento consiste na que tem sua probabilidade aumentada a partir da ocorrência da classe de comportamentos B2, representada na Tabela 3.19, interferência explicitada na segunda classe de estímulos consequentes dessa classe. Não há na representação da análise funcional uma classe de estímulos discriminativos em relação às respostas da classe de respostas, mas uma classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) que estabelece a ocasião para eventos exercerem função discriminativa em relação às respostas: a “atribuição da unidade funcional de um grupo de respostas ao indivíduo que as apresenta”, outra classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos B2. O nome “Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui” enfatiza a superestima da unidade de um grupo de respostas e o equívoco implicado nessa superestima.

Na Tabela 3.21 está representada a classe de comportamentos “B4. Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos”, relacionada à personificação das respostas e comportamentos dos indivíduos e à ignorância a respeito da função das variáveis ambientais sobre tais comportamentos (Skinner, 1953/2003), classes de comportamentos B1 e B2, representadas nas Tabelas 3.18 e 3.19. A classe de respostas de que é constituída, “identificar consistências e integridades funcionais inexistentes entre os comportamentos”, se refere ao equívoco de, ao atribuir ao indivíduo a unidade funcional de suas respostas e ao ignorar as variáveis ambientais que interferem em seus comportamentos, supor consistências e integridades funcionais entre comportamentos que não apresentam tais características entre si.

**TABELA 3.21 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B4. PRESSUPOR CONSISTÊNCIAS E INTEGRIDADES FUNCIONAIS INEXISTENTES ENTRE COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** controlar, com baixa probabilidade de ocorrência, os comportamentos cuja unidade funcional é atribuída ao indivíduo; função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos ignorada

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- <i>comportamentos apresentados sem consistências e integridades entre si</i>	- identificar consistências e integridades funcionais inexistentes entre os comportamentos	-

**Nome:** Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos

A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “*comportamentos sem consistências e integridades entre si*”

*apresentados*” faz menção aos comportamentos em relação aos quais a classe de respostas se refere. A primeira operação motivadora que constitui a classe de comportamentos, “*controlar, com baixa probabilidade de ocorrência, os comportamentos cuja unidade funcional é atribuída ao indivíduo*”, deriva da relação entre o controle dos comportamentos pelo próprio indivíduo e a atribuição de seus comportamentos à sua própria pessoa, apresentada na classe de comportamentos “B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas”. A segunda operação motivadora, “*função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos ignorada*” coincide com a classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos”. O nome “Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos” atribuído à classe de comportamentos enfatiza principalmente a classe de respostas que a constitui.

A classe de comportamentos “B5. Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao ‘Eu’ como agente e originador dos comportamentos” está representada na Tabela 3.22. Interfere em tal classe a classe de eventos com função de operação motivadora “*comportamentos constituintes de sistemas de comportamentos cujas relações entre as ações e as variáveis externas que lhes constituem são ignoradas com baixa probabilidade de serem caracterizados*”. Consiste em uma classe referente a uma implicação do desconhecimento da função de variáveis externas em relação às respostas de comportamentos: a baixa probabilidade de que tais comportamentos sejam caracterizados apropriadamente, de modo que as variáveis que lhe constituem sejam descritas.

Estímulos antecedentes discriminativos (Sd) da classe de comportamentos não constituem a classe, mas uma classe de estímulos condicionais (Sc) a partir da qual sua função discriminativa é estabelecida, sim: “*variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ignoradas*”. Dada a ignorância em relação às variáveis externas das ações e desde que haja a ocorrência de estímulos discriminativos, a classe de respostas “*atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao ‘eu’ como um agente dentro do organismo e como causa hipotética dos comportamentos*” é favorecida.

**TABELA 3.22 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B5. ATRIBUIR FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS EXTERNAS DAS AÇÕES CONSTITUINTES DE COMPORTAMENTOS DE SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS AO ‘EU’ COMO AGENTE E ORIGINADOR DOS COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

*OM: comportamentos constituintes de sistemas de comportamentos cujas relações entre as ações e as variáveis externas que lhes constituem são ignoradas com baixa probabilidade de serem caracterizados*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	- variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ignoradas	-	- atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao “eu” como um agente dentro do organismo e como causa hipotética dos comportamentos	- função das variáveis externas das ações constituintes de sistemas de comportamentos atribuídas ao “eu” como um agente originador dentro do organismo e como causa hipotética da ação <i>- diminuição da probabilidade de controle dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos cuja origem e agente são atribuídos ao “eu”</i>

**Nome: Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao “Eu” como agente e originador dos comportamentos**

A primeira classe de estímulos consequentes, “função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de

sistemas de comportamentos atribuídas ao ‘Eu’ como um agente originador dentro do organismo e como causa hipotética da ação”, se refere à consequência imediata da classe de respostas. A segunda, “*diminuição da probabilidade de controle dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos cuja origem e agente são atribuídos ao ‘Eu’*”, se refere à alteração que a apresentação da classe de comportamentos B5 produz na probabilidade de controle de outros comportamentos, constituintes de sistemas de comportamentos distintos. O nome atribuído à classe de comportamentos é embasado na classe de respostas, porém sem especificidades que lhe constituem, como a especificação de que o “eu” ao qual é atribuída a função das variáveis externas das ações é considerado localizado interiormente no organismo e de que a concepção de ser o originador de seus comportamentos consiste em uma hipótese.

Na Tabela 3.23 há a representação da classe de comportamentos “B6. Identificar o ‘Eu’ como uma instância não física”, constituído apenas de uma classe de respostas identificada a partir da obra e duas operações motivadoras dela derivadas. A classe de respostas “identificar o ‘Eu’ como uma instância não física” se refere ao equívoco de atribuir uma natureza não física a uma instância inferida em função do desconhecimento do conceito de comportamento e de suas variáveis constituintes e determinantes (Skinner, 1953/2003). As operações motivadoras “*desconhecimento do conceito de comportamento*” e “*desconhecimento da natureza das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*” são referentes às lacunas conceituais que interferem no valor reforçador das consequências às respostas da classe de respostas. O nome atribuído à classe de comportamentos é baseado exclusivamente na classe de respostas, por não haver mais componentes a partir dos quais a proposição pudesse ser realizada.

**TABELA 3.23 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B6. IDENTIFICAR O ‘EU’ COMO UMA INSTÂNCIA NÃO FÍSICA”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento da natureza das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	-	- identificar o “eu” como uma instância não física	-

**Nome:** Identificar o “Eu” como uma instância não física

A classe de comportamentos “B7. Pressupor que o ‘Eu’ é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta” é representada na Tabela 3.24. A classe de respostas “supor que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta” que a constitui se refere a uma separação entre o “eu”, instância inferida, e o “organismo”, além de uma atribuição da origem e direção dos comportamentos do organismo ao “eu”. A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “comportamentos apresentados” é genérica e representa quaisquer comportamentos apresentados pelo próprio indivíduo, os quais na classe de respostas são atribuídos a ele. As operações motivadoras “*ocorrência de diversos sistemas de comportamentos apresentados sob controle de diferentes estímulos contextuais, cujas consequências são variadas e que estabelecem diferentes relações*”, “*desconhecimento do conceito de comportamento*” e “*desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamento*”. Sua ocorrência confere valor reforçador às consequências de respostas que atribuam a origem e o

controle das próprias ações a quaisquer variáveis que não as que efetivamente constituem comportamentos.

**TABELA 3.24 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B7. PRESSUPOR QUE O ‘EU’ É ORIGINADOR E AGENTE DOS COMPORTAMENTOS E QUE O ORGANISMO SE COMPORTA”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *ocorrência de diversos sistemas de comportamentos apresentados sob controle de diferentes estímulos contextuais, cujas consequências são variadas e que estabelecem diferentes relações; desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamento*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- comportamentos apresentados	- supor que o “Eu” inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta	- <i>suposição de que o “Eu” inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta</i> - <i>variáveis determinantes e constituintes dos comportamentos do organismo não observadas</i> - <i>sistemas de comportamentos distintos conforme a situação não observados</i> - <i>diminuição da probabilidade de controle efetivo dos comportamentos cuja origem e controle são atribuídos ao “Eu”</i>

**Nome: Pressupor que o “Eu” é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta**

A primeira classe de estímulos consequentes, “*suposição de que o ‘Eu’ inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*” consiste na consequência imediata da classe de respostas. A classe “*variáveis determinantes e constituintes dos comportamentos do organismo não observadas*” deriva da classe de respostas, uma vez que ao supor que o “eu” é origem e agente dos comportamentos do organismo, variáveis que exercem tais funções deixam de ser observadas. Também ao supor a existência de um “Eu” organizador dos comportamentos do organismo, distintos sistemas de comportamentos que o mesmo apresenta em seu repertório ou venha a apresentar deixam de ser observados. A classe de estímulos consequentes “*sistemas de comportamentos distintos conforme a situação não observados*” representa o equívoco de considerar haver uma unidade em todos os comportamentos de um organismo. “*Diminuição da probabilidade de controle efetivo dos comportamentos cuja origem e controle são atribuídos ao ‘Eu’*”, por sua vez, se refere à interferência que a classe de comportamentos apresentada exerce na probabilidade de controle dos comportamentos cujas variáveis constituintes e determinantes são ignoradas e atribuídas a uma instância inferida.

### ***2.2.2. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B***

As classes de comportamentos B8, B9, B10 e B11 foram inteiramente derivadas a partir de todas as demais classes de comportamentos do conjunto B. “Comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” e de quatro classes de comportamentos do conjunto A. “Sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, as classes de comportamentos A13, A14, A15 e A16, cujas características estão apresentadas nas Tabelas 3.14, 3.15, 3.16 e 3.17. A classe de comportamentos “B8. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” está representada na Tabela 3.25.

**TABELA 3.25 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B8. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO AGENTE E ORIGINADOR DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO CUJAS RESPOSTAS SÃO TOPOGRAFICAMENTE E FUNCIONALMENTE SEMELHANTES”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos; suposição de que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes	- utilizar “Eu” como referência a uma instância agente e originadora de um sistema de comportamento s do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes	- conceito “Eu” utilizado como referente a uma instância agente e originadora de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes

**Nome:** Referir-se ao termo “eu” como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes

Tal classe se refere ao tipo de uso do termo “Eu” em relação a sistemas de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes quando é concebido como uma instância agente e originadora dos comportamentos do indivíduo, como retrata sua classe de respostas “*utilizar ‘Eu’ como referência a uma instância*

*agente e originadora de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*". Trata-se de um comportamento mais abrangente que o B7, representado na Tabela 3.24, por se referir a sistemas de comportamentos e não somente a comportamentos do indivíduo.

A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) "*sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*" se refere a um conjunto de comportamentos apresentados pelo indivíduo, topograficamente e funcionalmente semelhantes, que exercem controle sobre a classe de respostas. A classe de estímulos consequentes, "*conceito eu utilizado como referente a uma instância agente e originadora de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*", se refere à consequência imediata da classe de respostas. As operações motivadoras "*desconhecimento do conceito de comportamento*", "*desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*" e "*suposição de que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*" consistem nos fatores que favorecem o equívoco de considerar um sistema de comportamentos exclusivamente originado e sob controle de uma instância "Eu" inferida e de propriedades desconhecidas. O nome proposto à classe de comportamentos tem como base principalmente a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos.

Na Tabela 3.26 está representada a classe de comportamentos "B9. Referir-se ao termo 'Eu' como agente e originador dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado". Tal classe é equivalente em todos os aspectos à classe "B8. Referir-se ao termo 'eu' como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes", representada na Tabela 3.25. As exceções que as distinguem são os sistemas de comportamentos cujos comportamentos a classe de respostas se refere. Tais sistemas de comportamentos não são topograficamente semelhantes, como na classe de comportamentos B8, somente funcionalmente equivalentes. Tal distinção também aparece na classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) e no nome proposto à classe de comportamentos.

**TABELA 3.26 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B9. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO AGENTE E ORIGINADOR DOS DIFERENTES COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS FUNCIONALMENTE UNIFICADO”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos; suposição de que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
		<i>- diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>	<i>- utilizar eu como referência a uma instância agente e originadora dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>	<i>- conceito eu utilizado como referente a uma instância agente e originadora dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>

**Nome:** *Referir-se ao termo “Eu” como agente e originador dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*

A classe de comportamentos “B10. Referir-se ao termo ‘Eu’ como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo” está representada na Tabela 3.27 e equivale em diversos aspectos às classes de comportamentos B8 e B9. Consiste em uma classe mais abrangente que as contém em sua caracterização.

**TABELA 3.27 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B10. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO AGENTE E ORIGINADOR DOS SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos; suposição de que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- <i>ocorrência de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado</i>	- <i>utilizar termo “Eu” como referente a uma instância agente e originadora dos sistemas de comportamentos do indivíduo</i>	- <i>conceito eu utilizado como referente a uma instância agente e originadora dos sistemas de comportamentos do indivíduo</i>

**Nome: Referir-se ao termo “Eu” como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo**

A classe de respostas que a constitui é “*utilizar termo ‘Eu’ como referente a uma instância agente e originadora dos sistemas de comportamentos do indivíduo*”, que abrange referências a quaisquer sistemas de respostas – tanto sistemas constituídos de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente equivalentes, quanto sistemas cujos comportamentos são tipograficamente distintos, porém funcionalmente equivalentes. A classe de estímulos consequentes “*conceito ‘Eu’ utilizado como referente a uma instância agente e originadora dos sistemas de comportamentos do indivíduo*” consiste na consequência imediata da classe de respostas. Exercem função discriminativa em relação às respostas que constituem a classe de comportamentos estímulos da classe (Sd) “*ocorrência de um sistema de*

*comportamentos funcionalmente unificado*”, sendo a funcionalidade a única variável que caracteriza o sistema de comportamentos em questão.

“*Desconhecimento do conceito de comportamento*”, “*desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*” e “*suposição de que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*” consistem nas três primeiras operações motivadoras da classe de comportamentos, relacionadas às características do repertório do indivíduo que interferem no valor reforçador das consequências de utilizar o termo “eu” como referente a uma instância agente e originadora dos sistemas de comportamentos do indivíduo. O nome “Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo”, proposto à classe de comportamentos tem como base a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos que a constituem.

A última classe de comportamentos da categoria B, “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’”, consiste na classe “B11. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo”, representada na Tabela 3.28. Tal classe de comportamentos é derivada das características das demais classes da categoria B e da classe “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social” (Tabela 3.17) da categoria A, referente à utilização dos três conceitos base da teoria freudiana: eu, id e superego.

Na classe de comportamentos A16, a utilização dos três “eu” ou das três “personalidades” da teoria de Freud consiste em recurso linguístico à representação de características importantes de comportamentos comuns sob determinadas características do ambiente contextual/social em que os indivíduos vivem. No caso da classe de comportamentos B11 em questão, trata-se de uma utilização com base na “*suposição de que o ‘Eu’ inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*”, no “*desconhecimento do conceito de comportamento*” e no “*desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos*”, operações motivadoras do comportamento. A classe de respostas que constitui a classe de comportamentos e que representa a utilização dos conceitos freudianos favorecidos pelas operações motivadoras é “*utilizar os três ‘Eu’ ou as*

*três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo”.*

**TABELA 3.28 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B11. REFERIR-SE AOS TRÊS EU OU ÀS TRÊS PERSONALIDADES DO ESQUEMA FREUDIANO COMO AGENTES E ORIGINADORES DE TRÊS GRANDES CONJUNTOS DE COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *desconhecimento do conceito de comportamento; desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos; suposição de que o eu inicia e dirige os comportamentos enquanto o organismo se comporta*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
<i>- estímulos contextuais importantes de um meio social</i>	-	<i>- características importantes dos sistemas de comportamentos</i>	<i>- utilizar os três “eu” ou as três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo</i>	<i>- três “eu” ou três personalidades do esquema freudiano consideradas agentes e originadores de três sistemas de comportamentos relacionados a estímulos contextuais importantes de um meio social</i>

**Nome:** *Referir-se aos três “eu” ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo*

A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) consiste na ocorrência de *“características importantes dos sistemas de*

*comportamentos*” e a classe de estímulos antecedentes contextuais (SC), na ocorrência de “*estímulos contextuais importantes de um meio social*”. Como classe de estímulos consequentes, há a consequência imediata da classe de respostas: “*três ‘Eu’ ou três personalidades do esquema freudiano consideradas agentes e originadores de três sistemas de comportamentos relacionados a estímulos contextuais importantes de um meio social*”. O nome atribuído à classe de comportamentos é embasado na relação entre as operações motivadoras que interferem no valor reforçador das consequências do comportamento e na classe de respostas.

### **2.3. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘Eu iniciador’”**

A partir do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003) foi possível identificar mais que as classes de comportamentos às quais o termo “Eu” se refere quando utilizado e mais que as classes envolvidas nos equívocos embutidos na utilização do termo como equivalente a um agente e originador de comportamentos do indivíduo. O autor apresenta também características de classes de comportamentos consideradas alternativas à concepção de um “Eu iniciador”, embasadas no conhecimento dos dados sob os quais tal concepção é desenvolvida. Os nomes de tais classes de comportamentos são apresentados na Tabela 3.1, como as classes de comportamentos de C1 a C9, e suas análises funcionais são representadas nas Tabelas 3.29 a 3.37. As classes C1 a C5 tiveram seus componentes identificados ou derivados a partir da obra, enquanto as classes C6 a C9 tiveram todos os seus componentes derivados.

#### **2.3.1. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C**

A classe de comportamentos “C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” está representada na Tabela 3.29 e se refere a um tipo de ação do organismo em relação às covariações de comportamentos distintos, que ocorrem em função de consistirem em um mesmo sistema de comportamentos. A classe de respostas “identificar covariações na frequência de diferentes respostas”

circunscreve exclusivamente a identificação de tais covariações. As classes de estímulos antecedentes se referem à ocorrência de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos em determinada configuração de estímulos contextuais e, especificamente, à variação correspondente desses comportamentos: “*determinados estímulos contextuais*” consiste na classe de estímulos contextuais, “ocorrência de diferentes respostas de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos” consiste na classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) e “covariação na frequência de diferentes respostas de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos” na classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd).

Ambas as classes de estímulos consequentes se referem às consequências imediatas da classe de respostas. A primeira, “*covariações na frequência de diferentes respostas identificadas*”, referente à possibilidade de o indivíduo notar as covariações específicas das próprias respostas; e a segunda, “*covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos identificadas*”, referente a uma implicação mais ampla: à condição de o indivíduo notar que as covariações nas próprias respostas implicam em covariações também nos comportamentos constituídos pelas respostas. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos”, enfatiza não apenas a covariação de respostas, mas dos comportamentos dos quais fazem parte.

**TABELA 3.29 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C1. IDENTIFICAR COVARIÇÕES NA FREQUÊNCIA DE DIFERENTES COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- <i>determinados estímulos contextuais</i>	- ocorrência de diferentes respostas de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos	- covariação na frequência de diferentes respostas de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos	- identificar covariações na frequência de diferentes respostas	- <i>covariações na frequência de diferentes respostas identificadas</i> - <i>covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos identificadas</i>

**Nome: Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos**

A classe de comportamentos “C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” está representada na Tabela 3.30 e se refere, tal qual a classe C1, a um tipo de ação em relação às covariações de comportamentos distintos. No caso, a classe de respostas que a constitui, “demonstrar covariações na frequência de diferentes respostas e dos diferentes comportamentos que lhes contêm”, se refere à demonstração dessas covariações.

**TABELA 3.30 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C2. DEMONSTRAR COVARIÇÕES NA FREQUÊNCIA DE DIFERENTES COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

OM: -			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Classes de estímulos antecedentes				
SC	Sc	Sd		
- determinados estímulos contextuais	- ocorrência de diferentes respostas e dos diferentes comportamentos que lhes contêm, constituintes de um sistema de comportamentos	- covariações na frequência de diferentes respostas identificadas - covariações na frequência de diferentes comportamentos identificadas	- demonstrar covariações na frequência de diferentes respostas e dos diferentes comportamentos que lhes contêm	- covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas - covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas - diminuição na probabilidade de uso do conceito “eu” quando há covariações demonstradas na frequência de respostas e dos comportamentos que lhes contêm, constituintes de um sistema de comportamentos
<b>Nome: Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos</b>				

As classes de estímulos antecedentes discriminativos (Sd), “*covariações na frequência de diferentes respostas identificadas*” e “*covariações na frequência de diferentes comportamentos identificadas*”, além de serem derivadas dos demais componentes da classe de comportamentos, o são também das classes de estímulos consequentes da classe de comportamentos C1, representadas na Tabela 3.29. A identificação das covariações na frequência de diferentes comportamentos consiste em requisito necessário à demonstração de tais covariações. A classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) “*ocorrência de diferentes respostas e dos diferentes comportamentos que lhes contêm, constituintes de um sistema de comportamentos*” consiste no evento que possibilita que as covariações identificadas entre comportamentos exerçam função discriminativa em relação às respostas da classe de respostas. No caso, por serem condição à própria ocorrência das covariações. A classe de estímulos contextuais “*determinados estímulos contextuais*”, por sua vez, é a condição à ocorrência de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos.

As duas primeiras classes de estímulos consequentes consistem nas consequências imediatas das respostas da classe de respostas: “*covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas*” e “*covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas*”. A primeira referente à demonstração da covariação das respostas de comportamentos e a segunda à demonstração da covariação dos comportamentos constituídos por tais respostas. A última classe de estímulos consequentes consiste em “*diminuição na probabilidade de uso do conceito ‘eu’ quando há covariações demonstradas na frequência de respostas e dos comportamentos que lhes contêm, constituintes de um sistema de comportamentos*”, referência à menor probabilidade de utilização do termo “eu” em função da classe de comportamentos apresentada. O nome proposto a tal classe enfatiza a demonstração da covariação da frequência de respostas e dos comportamentos dos quais tais respostas fazem parte.

Na Tabela 3.31 está representada a classe de comportamentos “C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos”. Tal classe de comportamentos se refere à condição do indivíduo de explicar a equivalência funcional de comportamentos distintos que constituem um mesmo sistema de comportamentos, a partir de seu conceito de comportamento e de sua possibilidade de identificar e

demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos. A classe de respostas “explicar unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada”, menos abrangente que o nome da classe de comportamentos, especifica a unidade funcional de comportamentos a partir da covariação das respostas desses comportamentos. Refere-se à possibilidade de o indivíduo explicitar as variáveis envolvidas em uma unidade funcional de comportamentos cujas respostas covariam.

As operações motivadoras “*covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas*”, “*covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas*” e “*conceito de comportamento*” que interferem na ocorrência dessa classe de comportamentos, especificamente no valor reforçador dos estímulos das classes de estímulos consequentes por conferirem subsídios às respostas da classe de respostas. São derivadas das características da classe de respostas e de classes de estímulos consequentes das classes de comportamentos C1 e C2, representadas nas Tabelas 3.29 e 3.30.

Três classes de estímulos antecedentes constituem a classe de comportamentos: (SC) “*determinados estímulos contextuais*”; (Sc) “*ocorrência de diferentes respostas constituintes de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos*” como classe de estímulos antecedentes condicionais; e (Sd) “*unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos*”, cuja função discriminativa é possibilitada pela ocorrência de respostas de diferentes comportamentos funcionalmente equivalentes. Dentre as classes de estímulos consequentes, a primeira classe de estímulos consequentes constituintes do comportamento, “*unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada*”, se refere à consequência imediata da classe de respostas. A segunda classe de estímulos consequentes se refere à alteração na probabilidade de utilização do conceito “eu”, que se torna menor em função da explicação da unidade funcional de comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos. O nome proposto à classe de comportamentos, “*Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos*”, tem como base principalmente a relação entre as classes de estímulos antecedentes e a classe de respostas.

**TABELA 3.31 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C3. EXPLICAR UNIDADE FUNCIONAL DOS COMPORTAMENTOS CUJAS FREQUÊNCIAS VARIAM CORRESPONDENTEMENTE E QUE CONSTITUEM UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

*OM: covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas; covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas; conceito de comportamento*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- <i>determinados estímulos contextuais</i>	- ocorrência de diferentes respostas constituintes de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos	- unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos	- explicar unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada	- unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada  - <i>diminuição na probabilidade de uso do conceito “eu” em função de a unidade funcional dos comportamentos de um sistema de comportamentos cujas respostas covariam ter sido explicada</i>

**Nome: Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos**

A classe de comportamentos “C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” está representada na Tabela 3.32.

**TABELA 3.32 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C4. DEMONSTRAR RELAÇÕES FUNCIONAIS IDENTIFICADAS ENTRE COMPORTAMENTOS CUJAS FREQUÊNCIAS VARIAM CORRESPONDENTEMENTE E QUE CONSTITUEM UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** *covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas; covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas; conceito de comportamento*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- <i>determinados estímulos contextuais</i>	- ocorrência de diferentes respostas constituintes de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos	- unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos	- explicar várias relações funcionais que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos	- várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos explicadas  - <i>diminuição na probabilidade de uso do conceito “eu” em função de as várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos terem sido explicadas</i>

**Nome:** **Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos**

Tal classe requer a demonstração de todas as relações funcionais que unificam comportamentos em um sistema, o que implica na demonstração de cada relação funcional entre os comportamentos de um sistema. As operações motivadoras da classe são as mesmas

apresentadas na classe de comportamentos C3: “*covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas*”, “*covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas*” e “*conceito de comportamento*”, também derivadas das características da classe de respostas e das classes de comportamentos C1 e C2, representadas nas Tabelas 3.29 e 3.30.

As classes de estímulos antecedentes e consequentes também coincidem com as constituintes da classe de comportamentos C3. “*Determinados estímulos contextuais*” consiste na classe de estímulos contextuais (SC); “*ocorrência de diferentes respostas constituintes de diferentes comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos*” consiste na classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) e “*unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos*” na classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) à classe de respostas. Diferem por exercer controle em relação à explicação das diversas relações funcionais existentes entre os comportamentos de um sistema de comportamentos.

A primeira classe de estímulos consequentes, “*várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos explicadas*”, consiste na consequência imediata da classe de respostas. A segunda, “*diminuição na probabilidade de uso do conceito “eu” em função de as várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos terem sido explicadas*”, por sua vez, se refere à alteração que a classe de comportamentos em questão produz na probabilidade de ocorrência de comportamentos que envolvam a utilização do termo “eu”. O nome “*Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos*” se refere principalmente à relação entre as classes de estímulos antecedentes e a classe de respostas.

A classe de comportamentos “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de “eu” ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo”<sup>6</sup> está representada na Tabela

---

<sup>6</sup> É válido ressaltar que essa classe de comportamentos, assim como todas as demais caracterizadas no presente trabalho, teve suas características identificadas e derivadas a partir das informações da obra utilizada com fonte de informações. Não foram selecionadas classes de comportamentos de acordo com sua pertinência, mas todas foram caracterizadas a fim de possibilitar uma melhor compreensão das proposições dos autores acerca do conceito “Eu”.

3.33 e consiste em uma avaliação da relevância da utilização do conceito “eu” em situações em que o indivíduo tem condições de identificar e demonstrar covariações na frequência de comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos, além de demonstrar a unidade funcional e as relações funcionais estabelecidas entre tais comportamentos.

**TABELA 3.33 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C5. IDENTIFICAR IRRELEVÂNCIA EM UTILIZAR O CONCEITO DE ‘EU’ AO IDENTIFICAR E DEMONSTRAR A COVARIAÇÃO DE DIFERENTES COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** (1) uso do conceito “eu” com baixa probabilidade quando há covariações demonstradas na frequência de respostas e dos comportamentos que lhes contêm, constituintes de um sistema de comportamentos; (2) uso do conceito “eu” com baixa probabilidade em função de a unidade funcional dos comportamentos de um sistema de comportamentos cujas respostas covariam ter sido explicada; (3) uso do conceito “eu” com baixa probabilidade em função de as várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos terem sido explicadas; (4) utilizar o conceito “eu” com baixa probabilidade como recurso explicativo dos comportamentos do indivíduo

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos explicadas - unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada <i>*dados sob os quais se baseiam explicações fictícias</i>	- avaliar conceito de eu como desnecessário para representar sistemas de respostas	- conceito de eu avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas

**Nome:** Identificar irrelevância em utilizar o conceito de “eu” ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo

A classe de respostas “avaliar conceito de eu como desnecessário para representar sistemas de respostas” expressa a avaliação em questão. Consiste na primeira menção à utilização do termo “eu” dentre os comportamentos do conjunto C – “Comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’” – e, por sua caracterização, abrange as classes de comportamentos já apresentadas que compõem o conjunto. Duas classes de estímulos consistem nas classes estímulos antecedentes discriminativos (Sd) da classe de comportamentos: “várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos explicadas” e “unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada”, que coincidem com as primeiras classes de estímulos consequentes das classes de comportamentos C3 e C4 – representadas nas Tabelas 3.31 e 3.32. A ressalva apresentada ao final da coluna de estímulos antecedentes discriminativos (de que as classes apresentadas consistem nos dados sob os quais explicações fictícias sobre o comportamento se baseiam) foi identificada na obra e considerada relevante para ser destacada, pois as mesmas classes de estímulos antecedentes exercem função discriminativa para diferentes classes de respostas.

Das quatro operações motivadoras que interferem no valor reforçador dos estímulos das classes de estímulos consequentes, as três primeiras – *“uso do conceito ‘eu’ com baixa probabilidade quando há covariações demonstradas na frequência de respostas e dos comportamentos que lhes contêm, constituintes de um sistema de comportamentos”*, *“uso do conceito ‘eu’ com baixa probabilidade em função de a unidade funcional dos comportamentos de um sistema de comportamentos cujas respostas covariam ter sido explicada”* e *“uso do conceito ‘eu’ com baixa probabilidade em função de as várias relações que existem entre comportamentos de um sistema de comportamentos terem sido explicadas”* – se referem à probabilidade baixa de utilização do conceito “eu” em função da condição do desenvolvimento prévio de três classes de comportamentos no repertório do indivíduo. A última operação motivadora, *“utilizar o conceito ‘eu’ com baixa probabilidade como recurso explicativo dos comportamentos do indivíduo”* se refere a uma probabilidade indefinida de utilização do termo “eu” como agente e originador dos comportamentos do indivíduo. O nome proposto à classe de comportamentos se refere ao resultado da avaliação realizada acerca da relevância da utilização do conceito “eu”, seja como recurso explicativo dos comportamentos do organismo, seja como representação de características importantes dos comportamentos dos indivíduos em

função de características importantes do meio social em que estão inseridos.

### ***2.3.2. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C***

Do mesmo modo como as classes de comportamentos B8, B9, B10 e B11 da categoria B – representadas nas Tabelas 3.25 a 3.28 –, as classes de comportamentos C6, C7, C8 e C9 foram derivadas inteiramente a partir das informações apresentadas no capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003). Tais classes foram derivadas das características dos demais comportamentos da categoria C, “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’”, e das características das classes de comportamentos A13, A14, A15 e A16, cujas características são apresentadas nas Tabelas 3.14 a 3.17. A primeira classe de comportamentos inteiramente derivada da categoria é a classe “C6. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes”, representada na Tabela 3.34.

A classe de respostas “*referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*” tem como base a consideração de que ao apresentar os demais comportamentos da categoria C, o indivíduo passaria a considerar desnecessária a utilização do termo “eu”, mesmo como representação de comportamentos correntes conforme características importantes do contexto social. Tal classe se refere especificamente à falta de necessidade de utilização do termo para representação de sistemas de comportamentos cujas respostas são topograficamente semelhantes. A classe de estímulos discriminativos (Sd) à classe de respostas é “*sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são tipograficamente e funcionalmente semelhantes*”, cujas propriedades o indivíduo passa a ficar sob controle. A classe de estímulos consequentes derivada, “*termo ‘eu’ referido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*”, expressa a consequência imediata da classe de respostas.

**TABELA 3.34 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C6. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO RECURSO DESNECESSÁRIO À REPRESENTAÇÃO DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS DO INDIVÍDUO CUJAS RESPOSTAS SÃO TOPOGRÁFICA E FUNCIONALMENTE SEMELHANTES”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** (1) *covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas*; (2) *covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas*; (3) *unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada*; (4) *conceito de eu avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas*

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- <i>sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes</i>	- <i>referir-se ao termo “Eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes</i>	- <i>termo “Eu” referido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes</i>

**Nome:** Referir-se ao termo “Eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes

Quatro operações motivadoras constituem a classe de comportamentos: (1) “*covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas*”, (2) “*covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas*”, (3)

“*unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada*” e (4) “*conceito de eu avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas*”. As duas primeiras consistem em classes de estímulos consequentes da classe de comportamentos “C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos”, representada na Tabela 3.30. A terceira operação motivadora equivale a uma classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos “C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos”, representada na Tabela 3.31, e a última operação motivadora consiste na classe de estímulos consequente da classe de comportamentos “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de ‘eu’ ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo”, representada na Tabela 3.33.

As operações motivadoras da classe C6 em questão consistem em eventos que tornam mais reforçadores os estímulos consequentes das classes de estímulos consequentes, por darem subsídios às respostas da classe de respostas. O nome “Referir-se ao termo ‘Eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” tem como base as relações entre a classe de respostas, a classe de estímulos antecedentes discriminativos e a classe de estímulos consequentes e representa a condição do indivíduo de, ao identificar covariações na frequência de comportamentos topograficamente e funcionalmente semelhantes, considerar desnecessária a utilização do termo “eu” para representá-los.

Na tabela 3.35 está representada a classe de comportamentos “C7. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”. Tal classe se assemelha à classe de comportamentos “C6. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes”, representada na Tabela 3.34. Difere dessa classe por não se referir exclusivamente a comportamentos topograficamente e funcionalmente semelhantes, mas a comportamentos funcionalmente equivalentes. Tal distinção entre as classes de comportamentos aparece na classe de estímulos antecedentes

discriminativos, na classe de respostas, na classe de estímulos consequentes e no nome proposto ao comportamento, com a especificação de que o sistema de comportamentos ao qual a classe de respostas se refere é constituído de comportamentos distintos e funcionalmente unificados. As operações motivadoras que integram a classe de comportamentos são as mesmas da classe de comportamentos C6.

**TABELA 3.35 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C7. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO RECURSO DESNECESSÁRIO À REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE UM MESMO SISTEMA DE COMPORTAMENTOS FUNCIONALMENTE UNIFICADO”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** (1) covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas; (2) covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas; (3) unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada; (4) conceito de eu avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado	- referir-se ao termo “Eu” como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado	- termo “Eu” referido como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado

**Nome:** Referir-se ao termo “Eu” como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado

A penúltima classe de comportamentos da categoria C, a classe “C8. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos”, está representada na Tabela 3.36. Tal classe abrange as classes C6 e C7, cujas caracterizações estão representadas nas Tabelas 3.34 e 3.35, por também se referir ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de sistemas de comportamentos. Sua distinção em relação às classes que contempla consiste na não especificação de tipos de sistemas de comportamentos, se constituídos de comportamentos topograficamente semelhantes ou de comportamentos distintos. Tanto a classe de respostas, “*referir-se ao termo ‘Eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo*”, quanto o nome proposto à classe de comportamentos fazem referência exclusivamente a “sistemas de comportamentos” de maneira geral.

As classes de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) constituintes do comportamento fazem referência tanto a sistemas de comportamentos constituídos de comportamentos topograficamente e funcionalmente semelhantes quanto a sistemas constituídos por comportamentos distintos e funcionalmente semelhantes: “*sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*” ou “*diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*”. A classe de estímulos consequentes se refere apenas à consequência imediata da classe de respostas: “*termo ‘Eu’ referido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo*”.

Seis classes de eventos consistem em operações motivadoras que interferem no valor reforçador das classes de estímulos consequentes da classe de comportamentos, todas derivadas das classes de comportamentos abrangidas pela classe de comportamentos C8 (classes C6 e C7) em questão e se referem a classes de estímulos consequentes de classes de comportamentos previamente desenvolvidas do indivíduo que possibilitam a ocorrência da classe de respostas, dado valor reforçador da classe de estímulos consequentes, por lhe conferirem subsídios.

**TABELA 3.36 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C8. REFERIR-SE AO TERMO ‘EU’ COMO RECURSO DESNECESSÁRIO À REPRESENTAÇÃO DE UM SISTEMA DE COMPORTAMENTOS”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** (1) covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas; (2) covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas; (3) unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada; (4) conceito de eu avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas; (5) termo “Eu” concebido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes; (6) termo “Eu” concebido como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
-	-	- sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são tipograficamente e funcionalmente semelhantes ou - diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado	- referir-se ao termo “Eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo	- termo “Eu” referido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo

**Nome:** Referir-se ao termo “Eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos

As quatro primeiras operações motivadoras – (1) “*covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas*”, (2) “*covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas*”, (3) “*unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada*” e (4) “*conceito de eu avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas*” equivalem às operações motivadoras das classes de comportamentos abrangidas (classes C6 e C7). Somam-se a elas operações que coincidem com as classes de estímulos consequentes das classes de comportamentos abrangidas, a não ser pela especificação de tipos de sistemas de comportamentos a que se referem: (5) “*termo ‘Eu’ concebido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes*” e (6) “*termo ‘Eu’ concebido como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado*”.

Na Tabela 3.37 está representada a classe de comportamentos “C9. Referir-se aos três ‘Eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, classe mais abrangente de todo o conjunto de comportamentos C. Parte de seus componentes propostos tem como base as características da classe de comportamentos A16 da categoria A (Tabela 3.17), referente à utilização dos três “eu” ou três “personalidades” da teoria freudiana. No caso da classe de comportamentos em questão, a referência ao termo “eu” decorre da avaliação acerca da não necessidade de utilizá-lo para representar quaisquer sistemas de comportamentos. Tal avaliação ocorre na classe de comportamentos C8, representada na Tabela 3.36, que também consiste em subsídio à proposição das características da classe em questão.

**TABELA 3.37- CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C9. REFERIR-SE AOS TRÊS EU OU ÀS TRÊS PERSONALIDADES DO ESQUEMA FREUDIANO COMO RECURSOS DESNECESSÁRIOS À REPRESENTAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DOS SISTEMAS DE COMPORTAMENTOS QUE OCORREM SOB CONTROLE DE ESTÍMULOS CONTEXTUAIS IMPORTANTES DE UM MEIO SOCIAL”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE SKINNER (1953/2003)**

**OM:** (1) covariações na frequência de diferentes respostas demonstradas; (2) covariações na frequência de diferentes comportamentos constituídos pelas respostas apresentadas e constituintes de um sistema de comportamentos demonstradas; (3) unidade funcional dos comportamentos constituídos pelas respostas cuja covariação é demonstrada explicada; (4) conceito de ‘Eu’ avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas

Classes de estímulos antecedentes			Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
SC	Sc	Sd		
- estímulos contextuais importantes de um meio social	-	- características importantes dos sistemas de comportamentos	- referir-se aos três “Eu” ou as três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social	- três “Eu” ou as três personalidades do esquema freudiano referidos como recursos desnecessários à representação de características importantes dos comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social

**Nome:** Referir-se aos três “Eu” ou às três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social

A classe de respostas constituinte da classe de comportamentos apresenta a mesma redação do nome da classe de comportamentos e consiste em seu componente de maior relevância. A classe de estímulos consequentes *“três ‘Eu’ ou as três personalidades do esquema freudiano referidos como recursos desnecessários à representação de características importantes dos comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”* faz referência à consequência imediata da classe de respostas, e *“características importantes dos sistemas de comportamentos”* consiste na classe de estímulos antecedentes com função discriminativa (Sd) à classe de respostas. Tal classe exerce controle sobre as respostas do indivíduo dada a sua condição de identificar relações funcionais entre os comportamentos que apresenta, relacionados a estímulos das classes de estímulos contextuais a cada momento. Como representação de estímulos importantes do contexto em que o indivíduo está inserido, *“estímulos contextuais importantes de um meio social”* consiste na classe de estímulos contextuais (SC) da classe de comportamentos.

As operações motivadoras se assemelham às da classe de comportamentos C8, representada na Tabela 3.36. As três primeiras são equivalentes e a quarta – *“conceito de ‘Eu’ avaliado como desnecessário para representar sistemas de respostas”* – abrange e substitui a quinta e a sexta constituintes da classe de comportamentos C8 – *“termo ‘Eu’ concebido como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”* e *“termo ‘Eu’ concebido como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”* – por ser derivada da consequência da classe C8. Nessa classe de estímulos consequentes, o termo “Eu” é referido como desnecessário à representação de quaisquer sistemas de respostas, o que requer a avaliação de tal necessidade.

**3. Observar os aspectos que constituem as classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” no capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner possibilita ampliar suas possíveis contribuições à produção de conhecimento científico e à intervenção profissional, bem como confere à obra parâmetros de comparação com outras proposições da área da Análise Experimental do Comportamento relacionadas ao mesmo conceito**

Examinar a obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner do ponto de vista das funções que cumpre e das que provavelmente consistiram em objetivo do próprio autor, implica em relativizar o que possa consistir em suas próprias limitações em relação à interpretação que oferece ao conceito “eu”. Considerá-la um texto de divulgação do conhecimento científico da Análise Experimental do Comportamento que reúne fundamentos e pressupostos de tal área de conhecimento, conceitos básicos que dão sustentação a seus processos de produção de conhecimento, exames do comportamento humano individual e em grupos e exames das agências de controle do comportamento humano, possibilita sugerir a que fins Skinner escreveu a obra em questão. É possível sugerir que o autor tenha pretendido oferecer um material que apresentasse, de maneira bem fundamentada, a extensão possível do conhecimento científico acerca do comportamento tanto como contribuição à solução de problemas humanos individuais quanto – e talvez especialmente – de problemas humanos em grupo, em contextos sociais. Suas asserções acerca dos processos comportamentais implicados no conceito “eu”, nesse contexto, parecem ter tido muito mais a função de conferir subsídios à demonstração de equívocos conceituais em concepções de senso comum ou de outros tipos de conhecimento em Psicologia que exercem função na manutenção de fenômenos prejudiciais aos indivíduos em sociedade, do que oferecer uma interpretação minuciosa dos processos efetivamente envolvidos no conceito em questão.

O instrumental conceitual desenvolvido na área, no entanto, oferece a possibilidade de analisar as informações que o autor apresenta no texto a fim de identificar classes de componentes de classes de comportamentos implicadas nas proposições. Se o texto, em seu formato original, oferece contribuição restrita como subsídio a intervenções profissionais nos fenômenos envolvidos no conceito “eu” e em processos de produção de conhecimento a seu respeito, por meio da

análise de cada uma das unidades de informação da obra, da identificação (e derivação) de classes de componentes de classes de comportamentos, de classes de comportamentos e da derivação de classes de componentes e de comportamentos, tal contribuição é ampliada. Ironicamente, essa ampliação da contribuição é possibilitada por meio do conceito formulado pelo próprio Skinner a respeito do “comportamento operante” (1953/2003; 1957/1978; 1974/2003; 1991). À observação e interpretação de fenômenos comportamentais; à intervenção em fenômenos envolvidos no conceito “eu” da Análise do Comportamento; ao ensino de tais comportamentos; à capacitação profissional acerca da intervenção neles; à produção de conhecimento científico que requeira conhecimento previamente produzido acerca das características de comportamentos envolvidos no conceito “eu” da área; e à análise da coerência conceitual da área em relação ao conceito “eu” em questão. Tais contribuições podem ser aludidas com base nos princípios da Ciência (Russell, 1956; Botomé, 1997) de que a intervenção em fenômenos requer o conhecimento de suas variáveis, passíveis de observação.

Uma análise preliminar da obra de Skinner (1953/2003) que derive somente da leitura e interpretação das asserções do autor – ainda que sob interferência dos conceitos do leitor a respeito das proposições da área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento e de seus comportamentos desenvolvidos com base neles – possibilita compreender que o autor se refere ao termo “eu” como mero recurso linguístico à representação de “sistemas de respostas unificadas” dos organismos. Skinner propõe ainda que os conceitos “eu” de senso comum e outros tipos de conhecimento em Psicologia, em especial na Psicanálise, consistam em fonte de informações a respeito não das diferentes “personalidades” ou “esquemas psíquicos” responsáveis pela apresentação das interações dos indivíduos com o meio, mas de características predominantes em ambientes sociais nos quais vivem os indivíduos que implicam no desenvolvimento de determinados “padrões de comportamentos”.

Cada qual equivalente a um conjunto de respostas unificadas por sua função comum, diferentes “eus” se refeririam simplesmente a diferentes conjuntos de respostas funcionalmente unificados. Cada conjunto seria constituído de respostas cuja ocorrência seria controlada por aspectos comuns dos ambientes – distintos dos aspectos que controlam outros sistemas de respostas – e seguidos de consequências da mesma classe – distintas das classes produzidas por outros sistemas de respostas. Por explicar conjuntos de comportamentos dos indivíduos

apresentados sob controle dos mesmos aspectos do ambiente e seguidos de consequências comuns em função da unidade funcional que constituem, Skinner torna desnecessária a inferência de um “eu” responsável por originar e controlar os comportamentos do organismo. As variáveis do ambiente seriam suficientes para explicá-los.

Com suas proposições, Skinner (1953/2003) contribui ao desenvolvimento do conhecimento científico a respeito do comportamento e à elaboração e avaliação de intervenções nesse fenômeno não somente por questionar a sustentação da inferência de uma entidade “eu” que explique os comportamentos dos indivíduos. Também favorece a elaboração de questionamentos contundentes acerca da determinação e manutenção de tantos comportamentos individuais específicos e de indivíduos em grupo, comumente atribuídos a agentes inferidos, cuja existência e função são, muitas vezes, de difícil demonstração. Embora tais contribuições sejam evidentes a partir da vasta produção de conhecimento científico em Análise Experimental do Comportamento e de intervenções subsidiadas pelos conceitos e procedimentos desenvolvidos na área, é válido questionar se já não estariam suficientemente garantidas nas demais proposições da área acerca das características do fenômeno “comportamento”, tanto as de Skinner quanto as de outros autores. Se o tratamento oferecido pelo autor ao conceito “eu” na obra em questão apresenta especificidades que conferem maior precisão à análise de determinados fenômenos comportamentais – aqueles circunscritos pelo conceito – ou se somente serviu como mais um recurso à argumentação em favor das características do comportamento humano segundo concebido na Análise Experimental do Comportamento. No formato dissertativo como as informações são apresentadas na obra examinada, talvez seja possível concluir que as proposições do autor serviram à segunda hipótese. A análise mais minuciosa possibilitada pelo desenvolvimento do conceito instrumental “comportamento” e pelo recurso da análise funcional, no entanto, parecem ampliar as possíveis contribuições da fonte de informações ao evidenciar aspectos não apresentados de maneira evidente no texto, mas implicados nas asserções do autor. É importante ressaltar, no entanto, que, embora as proposições do autor acerca do conceito “Eu” na obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) sejam apresentadas no texto com grau de generalidade alto, suas asserções acerca desse mesmo conceito consistem no ponto de partida para muito do conhecimento produzido sob o nome da área da Análise Experimental do Comportamento.

O conceito “comportamento” desenvolvido e constantemente aprimorado consiste nas relações entre aquilo que um organismo faz e aspectos do ambiente em que o faz, ou, de maneira muito mais precisa, nas relações entre valores de propriedades de respostas de uma classe de respostas e valores de propriedades de estímulos de classes de estímulos antecedentes e valores de propriedades de estímulos de classes de estímulos consequentes (Skinner, 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; 1991; Botomé, 2001). Embasado nos princípios da multideterminação de fenômenos (Botomé e Kubo, 2008) e na noção de contingência – como oposição à noção de necessidade de ocorrência de eventos e referente a relações funcionais probabilisticamente determinadas entre eventos –, tal conceito já consiste em refutação de que todos os comportamentos de um indivíduo sejam originados e controlados pelas características de seu “eu” ou de sua “estrutura de personalidade” por oferecer como contraposição o estabelecimento e a manutenção de múltiplas relações de controle do comportamento humano pelas variáveis ambientais.

A noção de classe, implicada no conceito de comportamento em seu atual estágio de desenvolvimento, também o configura como subsídio à refutação de um “eu iniciador” que explique os comportamentos dos indivíduos. Não como contraposição exclusiva à noção de determinação absoluta que fundamenta o conceito de uma instância “eu”, mas principalmente por possibilitar compreender que a formação de classes de respostas e de classes de comportamentos se dá funcionalmente. Após o longo processo de desenvolvimento do conhecimento acerca dos conceitos “classe de respostas”, “comportamento” e “comportamento operante” descrito por Sérgio (1983), tornou-se possível compreender que constituem uma classe de respostas aquelas que exercem a mesma função no ambiente ao produzirem consequências de uma mesma classe, independentemente de suas propriedades topográficas (Skinner, 1953/2003; 1969/1980; Keller e Schoenfeld, 1950/1971; Millenson, 1967/1975; Sérgio, 1983; Todorov, 2002; Botomé, 2001). O mesmo se pode afirmar em relação à formação de uma classe de comportamentos, o que torna constituintes de uma mesma classe de comportamentos os constituídos de componentes que embora possam diferir em relação às suas propriedades formais, são funcionalmente equivalentes.

Num primeiro exame das proposições de Skinner no capítulo “O Eu” de *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), parece razoável propor que a expressão “sistema de respostas funcionalmente unificadas” equivalha à expressão “classe de respostas”, já que a ambas

o critério funcional é o aspecto nuclear à unificação de distintas operações do indivíduo em relação ao ambiente. Caso tal equivalência se mostrasse verdadeira, seria plausível sugerir que o que Skinner propõe na obra como interpretação comportamental ao conceito “eu” apresentado no senso comum e em outros tipos de conhecimento em Psicologia – os sistemas de respostas – já é suficientemente contemplado em suas proposições a respeito do “comportamento” de uma maneira geral e nos aprimoramentos providos a tal conceito devido ao contínuo investimento de profissionais da área a lhe conferir aumento do grau de precisão (Skinner, 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; 1991; Sérgio, 1983; Botomé, 2001; Todorov, 2002).

É parcimonioso, no entanto, manter a questão em constante avaliação e examiná-la novamente a partir dos resultados produzidos por meio do processo de produção de conhecimento em que das informações apresentadas nas sentenças da obra foram identificadas classes de componentes de comportamentos e classes de comportamentos. De todo modo, parece cabível sugerir que a não especificação do autor acerca de o termo “sistema” delimitar ou não em um conjunto de fenômenos distinto do conjunto delimitado pelo termo “classe” implica em um grau baixo de precisão, o que torna suas proposições acerca do conceito “eu” suscetíveis a serem consideradas indistintas das que caracterizam quaisquer comportamentos. Sem nada que os delimite por estarem envolvidos no conceito “eu” – o que não insinua valoração negativa a tal possível não distinção entre as proposições, visto que parte do investimento de Skinner ao longo de sua produção científica consistiu justamente em demonstrar que fenômenos “subjetivos” supostamente envolvidos nos comportamentos humanos não exerçam função determinante em relação aos demais comportamentos dos indivíduos nem possuam as propriedades que tradicionalmente lhe são atribuídas – como uma natureza não física, etérea, como uma estrutura etc. Que, de maneira mais geral, “inexistam” do modo como são comumente concebidos.

Os resultados obtidos por meio da análise das informações apresentadas nas afirmações de Skinner (1953/2003), orientada pelo conceito “comportamento” e pelo conjunto de procedimentos envolvidos no que é chamado de “análise funcional” de comportamentos, passaram a consistir em conjunto de informações com grau de minúcia bastante maior em comparação às dispostas no texto dissertativo do autor constituindo seus argumentos. Tanto em relação aos processos propostos como efetivamente envolvidos no conceito “eu” quanto aos processos envolvidos na concepção de um “eu iniciador” e

processos alternativos a tal concepção que vão de encontro a ela. O maior grau de minúcia se dá em função de terem sido identificadas as classes de componentes a que as informações da obra fazem referência, por terem sido identificados os sistemas de relações (classes de comportamentos) dos quais tais classes de componentes fazem parte e, ainda, por terem sido derivadas classes de componentes e classes de comportamentos a partir dos identificados a partir da obra. Dessa forma, se tornou mais possível compreender a que processos Skinner efetivamente se refere e, por meio das derivações, prover-lhes maior minúcia e extensão. As análises funcionais das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Skinner em questão, provavelmente se configurem em fonte relevante de informações tanto a intervenções nos processos caracterizados quanto à análise conceitual da área da Análise Experimental do Comportamento.

### **3.1. Exame das Características das classes de comportamentos da Categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”**

Dentre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Skinner (1953/2003), as 16 que constituem a categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” configuram o conjunto mais importante de tais resultados produzidos por melhor corresponderem aos “fenômenos” investigados – classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “eu” –, já que consistem em classes de comportamentos que caracterizam o processo que Skinner concebe como o fenômeno a que o conceito “eu” se refere. Consistem em classes de comportamentos envolvidas em seu processo de desenvolvimento/determinação, em sua manutenção e em suas variações de ocorrências possíveis, assim como no processo de nomeação ou referência a tais classes.

Previamente ao exame das características das classes de eventos que constituem as classes de comportamentos dessa categoria, em seu nome já é possível notar uma implicação de decisões de método: no lugar da expressão “sistema de respostas funcionalmente unificado”, apresentada por Skinner na obra, há menção a “sistemas de comportamentos”. A alteração da expressão decorreu de um processo de interpretação com implicações a praticamente todos os resultados produzidos. Considerando a qualidade “instrumental” dos conceitos “resposta” e “comportamento”, por vezes um mesmo conjunto de

eventos é considerado uma resposta ou um comportamento. O que determina a utilização de um ou outro como referência à delimitação do conjunto de eventos consiste no fenômeno em análise e seu grau de microscopia. O termo “resposta” é usado adequadamente se um fenômeno mais abrangente ao qual pertence (um comportamento) estiver sob exame, o qual é também constituído de estímulos antecedentes e estímulos consequentes e, mais precisamente, das relações entre tais eventos. Um exemplo pode ser apresentado como recurso para conferir maior clareza às delimitações em questão: o conjunto de interações de um indivíduo ao “escovar os dentes” seria considerado uma resposta se o comportamento “higienizar-se” for o conjunto de eventos sob análise. Se, ao contrário, “escovar os dentes” for o próprio conjunto de interações analisado, pode ser considerado um comportamento constituído da resposta “mover as cerdas da escova em círculos sobre os dentes”. Nesse caso, no entanto, também constituem o comportamento os estímulos antecedentes e consequentes à resposta apresentada.

Ao examinar as unidades de informações apresentadas na obra de Skinner (1953/2003) foi considerado que o autor muito provavelmente confere maior importância ao conjunto de eventos “relações entre estímulos antecedentes, resposta e estímulos consequentes” do que exclusivamente às respostas do organismo. A expressão “sistema de respostas funcionalmente unificadas”, por si, não se refere exclusivamente às ações do organismo, já que a ênfase ao aspecto funcional responsável pela unificação de tais ações em um sistema implica em uma relação com estímulos antecedentes e consequentes. Se o fenômeno de interesse é constituído dos eventos “resposta”, “estímulos antecedentes”, “estímulos consequentes” e “relações entre esses eventos”, a expressão original poderia ser suficiente, por aludi-los todos ao fazer menção ao aspecto funcional. No entanto, foi considerado que somente a alusão não era suficiente, já que ao utilizar o termo “resposta” para delimitar um fenômeno, essa se torna a unidade de análise e os eventos “estímulos antecedentes”, “estímulos consequentes” e “relações entre a resposta e os estímulos antecedentes e consequentes” são delimitados como não constituintes do fenômeno em análise, embora a ele relacionados. O termo “comportamento” foi considerado mais apropriado por incluir todos os eventos em questão como constituintes do fenômeno de interesse.

A partir de tais considerações, a expressão “sistema de respostas funcionalmente unificadas” poderia ter sido simplesmente substituída pelo termo “comportamento”, que circunscreve um sistema de relações

funcionais entre os eventos em questão. No entanto, não foi considerada uma equivalência plausível, já que Skinner (1953/2003) utiliza o termo “comportamento” no restante do livro e no próprio capítulo e poderia tê-lo feito também ao se referir ao fenômeno envolvido no “eu”. Por tal razão, foi avaliado que o termo “sistema” utilizado no capítulo se refere a algo mais abrangente do que uma unidade de comportamento. Como um dos critérios orientadores às análises das unidades de informação contidas nos trechos do capítulo, as distinções entre as noções de “unidade”, “classe” e “sistema” (Skinner, 1953/2003; 1957/1978; 1969/1980; 1974/2003; Millenson, 1975; Sério, 1983; Botomé, 2001; 2010; Todorov, 2002; Catania, 1996 apud Todorov, 2002; Sério, Andery, Gioia e Micheletto, 2005; Viecili, 2008; Kienen, 2008) fundamentaram as interpretações da expressão em questão. Se uma “classe de comportamentos” contempla todos os componentes que constituem comportamentos e se refere a um conjunto de comportamentos funcionalmente equivalentes, poderia também substituir a expressão original, se o termo “sistema” que a constitui representar o sistema de relações entre as classes de componentes de uma classe de comportamentos.

No entanto, o exame de alguns dos trechos da obra possibilita verificar que equivaler a expressão do autor a “classe de comportamentos” é também pouco plausível e implica provavelmente em um equívoco conceitual. Ao propor que a referência a um “sistema de comportamentos funcionalmente unificados” substitua a noção de um “eu” responsável pelos comportamentos dos indivíduos, Skinner (1953/2003) não se limita a propor uma superação do termo “eu”, mas também do termo “personalidade”, os quais utiliza de maneira equivalente. Num trecho em que propõe características ao processo dos quais são inferidos “eus” ou “personalidades”, o autor afirma “(...) se um indivíduo desenvolveu *repertórios* diferentes com a família e com amigos, as duas *personalidades* entram em conflito quando ele está com os dois ao mesmo tempo” (pg. 165)” (grifo nosso). Considerando a equivalência com que o autor utiliza os termos “eu” e “personalidade”, ao afirmar que duas “personalidades” consistem, na verdade, em dois repertórios de comportamentos distintos desenvolvidos conforme o grupo de pessoas com que o indivíduo se relaciona, Skinner também estaria equivalendo o conceito “eu” a “repertório de comportamentos”. Ao propor a expressão “sistema de respostas funcionalmente unificadas”, portanto, o autor estaria se referindo a um repertório de comportamentos, constituído de várias classes de comportamentos, e não a uma unidade ou a uma classe de comportamentos específica.

Bastaria interpretar a expressão como equivalente a um repertório de comportamentos do indivíduo? Numa análise preliminar, muito provavelmente. Ao referir-se a suas proposições acerca do “eu” em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), o próprio Skinner (1991) afirma o ter concebido à época simplesmente como repertório de comportamentos. À luz da noção de “sistema” e a partir das análises das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra, no entanto, é possível sugerir aspectos de sua proposição que já lhe conferiam maior precisão e distinção dos conjuntos de eventos que a expressão “repertório de comportamentos” delimita, ainda que para notar tal minúcia tenha sido necessário utilizar-se do conceito “comportamento” e do conjunto de procedimentos da “análise funcional” em seus estágios mais atuais de desenvolvimento. Tal noção, conceito e procedimentos, tornam mais minuciosa a observação das sutilezas das proposições de Skinner.

A noção de “sistema”, entendida como um conjunto de eventos que estabelecem relações ordenadas entre si e cuja configuração como um sistema depende de todos os elementos que lhe constituem – podendo a ausência ou o acréscimo de elementos conferir decorrências à própria manutenção do conjunto – implica na possibilidade de conceber que entre classes de comportamentos sejam estabelecidas relações de tal tipo. Segundo essa perspectiva, é razoável sugerir que o repertório de comportamentos a que Skinner (1953/2003) se refere como aquele em relação ao qual o termo “eu” é equivocadamente utilizado apresente as características envolvidas na noção de “sistema” e tenham sido tais propriedades as que justificam a escolha, justamente, do termo “sistema”. Se tal interpretação não coincide com a proposta de Skinner à época, passa a poder sê-lo ao examiná-la a partir da extensão da noção em questão e dos avanços da área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento, que conferem maiores graus de precisão, complexidade e minúcia ao conceito “comportamento” e ao conjunto de procedimentos “análise funcional” e favorecem a observação das proposições do autor, bem como a derivação de componentes que preencham eventuais lacunas. Tal proposição, no entanto, não é isenta de falibilidade.

A expressão “sistema de respostas funcionalmente unificado” substituída por “sistema de comportamentos funcionalmente unificado” e concebida como um conjunto de classes de comportamentos que estabelecem relações ordenadas entre si, unificadas por critério funcional, portanto, consistiu em decisão de método embasada na análise da própria obra à luz do conceito de “comportamento” e da

noção de “sistema”. A análise das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra possibilitam identificar as características desses sistemas, aspectos nucleares de seu desenvolvimento, possibilidades de interação entre sistemas e que relação o termo “eu” estabelece com as características de tais fenômenos comportamentais. É válido destacar, previamente ao exame das características identificadas ou derivadas de componentes das classes de comportamentos envolvidas no conceito “eu” apresentado por Skinner (1953/2003), que a condição de um sistema de comportamentos ser “funcionalmente unificado” está relacionada à função que o sistema como um todo passa a exercer sobre o ambiente, devido às relações específicas entre as classes de comportamentos constituintes do sistema. Trata-se da condição que difere uma “classe de comportamentos” de um “sistema de comportamentos”.

O exame das características das classes de comportamentos da categoria A – cujos nomes são apresentados na Tabela 3.1 e suas análises funcionais são representadas nas Tabelas 3.2 a 3.37) – possibilita reuni-las, com exceção de duas classes, em três subcategorias de acordo com aspectos que apresentam em comum. A (1) primeira delas é referente aos determinantes da unificação de comportamentos em um sistema e às características nucleares de tal sistema. A análise de suas características possibilita identificar aspectos nucleares da determinação de formação de sistemas de comportamentos, já que o desenvolvimento de cada uma das classes reunidas nessa subcategoria tem como decorrência a unificação de diferentes comportamentos que passam a exercer sobre o ambiente uma função conjunta.

Tratam-se das classes “A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.3), “A3. Apresentar distintos comportamentos funcionalmente semelhantes constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.4), “A4. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer” (Tabela 3.5), “A5. Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica” (Tabela 3.6), “A6. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais” (Tabela 3.7), “A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns” (Tabela

3.8) e “A8. Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence” (Tabela 3.9).

Cada uma das classes A2, A3, A4 e A5 se refere ao processo de unificação de comportamentos em um sistema em função de variáveis nucleares distintas, as classes A6 e A7 agrupam tais variáveis em classes mais abrangentes de eventos e a classe A8 é caracterizada por reunir todas as características de maior relevância das demais classes, das quais é possível identificar as características de um sistema de comportamentos depois de desenvolvido. Ao se referirem à apresentação de comportamentos com topografia e função comuns e consequente unificação dos mesmos em um sistema, as características da classe de comportamentos “A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.3) tornam saliente como aspectos determinantes da unificação de comportamentos em um sistema as variáveis “topografia comum” e “função comum”. Avaliar tais variáveis a partir do conceito “comportamento” possibilita identificar que “topografia comum” consiste em uma variável irrelevante à formação de uma unidade funcional entre comportamentos que estabelecem relações ordenadas entre si, o que na classe em questão ainda parece impreciso.

A classe de comportamentos “A3. Apresentar distintos comportamentos funcionalmente semelhantes constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.4), ao ser constituída de comportamentos topograficamente distintos e funcionalmente equivalentes que configuram um sistema, denota a irrelevância da variável “topografia das respostas”, já que dela independe a unificação dos comportamentos. Já há anúncio nas características dessa classe acerca também da relevância dos estímulos contextuais em relação ao fenômeno sob análise, pois embora os estímulos discriminativos e condicionais variem “de momento a momento” e exerçam controle sobre distintos comportamentos, os contextuais não sofrem variação. É tal variável também um aspecto nuclear na formação de sistemas de comportamentos? A análise das demais análises confere maior quantidade de dados a tal exame.

O aspecto determinante da unificação de sistemas de comportamentos salientado na classe “A4. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum

em situações quaisquer” reside em suas classes de estímulos consequentes. Por se tratarem de reforçadores comuns a diferentes comportamentos é que determinam que os mesmos façam parte de um sistema. Na classe “A5. Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica” (Tabela 3.6), por sua vez, a variável determinante em destaque é a resposta fisiológica que acompanha as constituintes dos comportamentos que são unificados.

Como constituinte das classes de comportamentos A2, A3, A4, A5, há em comum a produção de um aumento na probabilidade de o indivíduo utilizar o termo “eu” como referência aos comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado, tenha tal unificação ocorrido em função de quaisquer das variáveis críticas identificadas a partir das características das classes de comportamentos em questão. Tal classe de estímulos consequentes está relacionada às classes de comportamentos “A13. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.14), “A14. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.15) e “A15. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.16). As características de tais classes denotam aspectos de um dos processos comportamentais por meio do qual os indivíduos utilizam o termo “eu”: no caso, como recurso de representação dos próprios sistemas de comportamentos funcionalmente unificados ou de tais sistemas de outros indivíduos. Para que o recurso possa ser utilizado, evidentemente que é requerido o desenvolvimento dos sistemas de comportamentos representados pelo termo, sendo esse o aspecto que confere às classes de comportamentos A2, A3, A4, A5 a condição de aumentar a probabilidade de utilização do termo “eu” como recurso de representação.

As classes de comportamentos “A6. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais” (Tabela 3.7) e “A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns” (Tabela 3.8) destacam os mesmos aspectos determinantes da unificação de comportamentos em um sistema de comportamentos que as classes A2, A3, A4 e A5, porém de modo mais abrangente. A classe A6 se refere à

apresentação de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais e à delimitação de um sistema de comportamentos em função de tais estímulos. Destaca, portanto, a relevância de estímulos contextuais exercerem controle sobre todos os comportamentos de um mesmo sistema – o que os torna distintos de comportamentos cuja ocorrência é controlada por estímulos contextuais de outras classes de estímulos contextuais, pertencentes a outros sistemas de comportamentos. A hipótese de que a variável “estímulos contextuais” consistisse em um dos aspectos determinantes da formação de um sistema de comportamentos é respaldada, portanto, também pela classe de comportamentos em questão.

A classe A7, por sua vez, enfatiza a produção de reforçadores em situações comuns. É possível considerá-la classe complementar à A6, o que torna a menção às “situações comuns” uma referência aos estímulos contextuais comuns. Ao tornarem possível identificar os aspectos nucleares que determinam a unificação de comportamentos em um sistema de comportamentos, as características das classes de comportamentos A2 a A7 contribuem ao desenvolvimento de arranjos de condições apropriadas ao desenvolvimento de sistemas de comportamentos, cuja utilidade serve a processos de intervenção direta ou indireta em novos sistemas a serem desenvolvidos em indivíduos. A classe de comportamentos “A8. Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence” (Tabela 3.9) consiste em uma classe de comportamentos mais abrangente que as classes de comportamento A6 e A7, representadas nas tabelas 3.7 e 3.8, ao conferir relevância tanto ao controle de estímulos exercido por estímulos contextuais comuns aos comportamentos de um mesmo sistema quanto às consequências reforçadoras comuns que também os constituem.

Observar as características da classe de comportamentos A8 em questão, assim como as por ela abrangidas, torna relevante questionar o grau de abrangência das classes de estímulos reforçadores consequentes às respostas dos comportamentos constituintes de um mesmo sistema e das classes de estímulos contextuais que exercem controle sobre a ocorrência dessas respostas. Para que sejam classes de componentes comuns a diversos comportamentos sem que tal constituição os torne simplesmente elementos de uma classe abrangente de comportamentos, mas lhes confira as características de um sistema – em que os comportamentos apresentam relações ordenadas entre si e exercem em conjunto sua função sobre o ambiente –, parece razoável sugerir que

ambas as classes de estímulos (contextuais e consequentes) em questão sejam suficientemente abrangentes de modo a não serem restritas somente a comportamentos de uma mesma classe, mas sejam comuns a várias que constituem um sistema. No caso das classes de estímulos consequentes, parecem somar-se às classes de estímulos consequentes produzidos por cada classe de comportamentos constituinte do sistema de comportamentos. Parecem consistir em consequências somente produzidas graças às consequências de todas as classes de comportamentos que constituem o sistema, que podem ser diferentes ao considerar uma unidade comportamental de cada vez.

Em relação às classes de estímulos contextuais, a própria qualificação de sua função como “contextual” implica que sejam constituídas de estímulos que exercem função condicional a estímulos condicionais – e se configuram, portanto, como estímulos condicionais de segunda ordem (Lopes e Matos, 1995; Assis e Galvão, 1996; Assis et al., 2000; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Sidman, 1994; Costa, de Rose e de Souza, 2009) – que constituem os comportamentos dos organismos. A partir da formação de classes de estímulos contextuais, portanto, decorre que sua ocorrência passa a consistir na condição para que sejam exercidas as funções condicionais de estímulos em relação aos estímulos discriminativos e que estes, por sua vez, exerçam função discriminativa em relação às respostas dos comportamentos que constituem. De sua ocorrência decorre também que um mesmo estímulo exerça funções distintas (sejam condicionais ou discriminativas) conforme os estímulos contextuais no ambiente (Assis e Galvão, 1996; Assis, Batista e Alves, 2000; Bush, Sidman e de Rose, 1989; Costa, de Rose e de Souza, 2009). Considerando tais propriedades relacionais – não formais –, em sistemas de comportamentos, consistem em classes de estímulos que condicionam as funções condicionais e discriminativas de estímulos que constituem todos os comportamentos do sistema.

As classes “A9. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais” (Tabela 3.10), “A10. Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes” (Tabela 3.11) e “A11. Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente” (Tabela 3.12), podem ser agrupadas em uma (2) segunda subcategoria organizadora dos resultados obtidos. Ao se referirem a uma configuração distinta de estímulos contextuais e enfatizarem as decorrências dessas disposições

em relação à apresentação de sistemas de comportamentos, suas características podem ser consideradas mais uma variável que denota a relevância de estímulos com tal função na formação e organização de um sistema de comportamentos.

Ao ser constituída somente de uma classe de estímulos contextuais que faz referência a determinados estímulos contextuais presentes de momento a momento e ao ter como classe de respostas a apresentação de respostas de comportamentos constituintes somente de um sistema de comportamentos, a classe A9 possibilita identificar indícios de uma relação de controle relevante: a relação de controle que estímulos de uma classe de estímulos contextuais exerce sobre as respostas de comportamentos de somente um sistema de comportamentos. O mesmo pode ser verificado na análise da classe A10, uma vez que tal classe se refere à apresentação de comportamentos de diferentes sistemas comportamentais conforme os estímulos contextuais presentes a cada momento. Ambas as classes denotam que a alteração da classe de estímulos contextuais implica na apresentação de comportamentos de outro sistema.

A classe A11, por fim, consiste em um último indício acerca de ser a relação de controle entre estímulos contextuais e respostas de um sistema de comportamentos uma variável nuclear de tal sistema. Por ser constituída simultaneamente de dois estímulos pertencentes a duas classes distintas de estímulos contextuais, cada um de tais estímulos favorece a ocorrência de respostas de diferentes sistemas. A classe de estímulos que exerce função de operação motivadora nessa classe de comportamentos – *“respostas dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos A e B com probabilidade similar de ocorrência”* – também apresenta ênfase à probabilidade de ocorrência de respostas de diferentes sistemas. Mais especificamente, à probabilidade similar de suas ocorrências. Diferentemente da classe de estímulos contextuais, no entanto, tal menção se dá somente como produto do desenvolvimento dos sistemas de comportamentos A e B e fortalecimento das relações entre as classes de componentes que os constituem. A presença de estímulos contextuais que exercem controle sobre os comportamentos do sistema A e de estímulos contextuais (distintos) que exercem controle sobre comportamentos do sistema B, por sua vez, implicam na probabilidade de ocorrência *simultânea* de respostas das classes de comportamentos que constituem os comportamentos de ambos os sistemas graças às relações de controle que exercem sobre tais respostas. A resposta de notar a própria dificuldade em apresentar comportamentos de qualquer um dos dois

sistemas, no entanto, denota que cada um é restrito somente às situações em que os estímulos contextuais que exercem controle sobre as respostas estão presentes, e, no caso, não na presença de outros. A concomitância de estímulos contextuais que controlam mais de um sistema de comportamentos e a consequente dificuldade do organismo em se comportar seria, então, indicativo do alto grau de relevância da relação de controle de estímulos contextuais sobre os comportamentos de cada sistema de comportamentos e implicaria em relações aprendidas e fortalecidas ao longo da história de um indivíduo.

Além de consistir em subsídio à conclusão acerca do papel que estímulos contextuais exercem em sistemas de comportamentos, as características dos componentes da classe de comportamentos A11 também favorecem compreender o que ocorre aos indivíduos ao apresentarem dificuldade em apresentar comportamentos já previamente desenvolvidos. Às várias possibilidades, soma-se a possibilidade de estarem presentes na mesma situação estímulos que exercem função contextual a sistemas de comportamentos distintos, sendo a apresentação de um sistema incompatível com a apresentação de outro. Ao denotar a possibilidade de um mesmo indivíduo apresentar comportamentos constituintes de sistemas de comportamentos distintos, cada qual sob controle de estímulos contextuais distintos, a classe A10 também consiste em fonte de informações acerca do que possibilita que um mesmo indivíduo se comporte de maneiras variadas conforme a situação. Embora funcionalmente distintos, poderia se supor uma unidade em comum entre todos os sistemas de comportamentos de um indivíduo, como uma noção de “eu iniciador” implica ao sugerir que uma mesma “instância” seja responsável por todas as interações do indivíduo – o que os tornaria coerentes entre si de alguma forma, mas as semelhanças encerram-se aí. Distingões em graus muito elevados entre comportamentos de sistemas de comportamentos distintos, por sua vez, segundo tal paradigma (de um “eu iniciador”) são muito provavelmente atribuídos a personalidades múltiplas. Cada uma delas apresentando uma “unidade” em comum.

As características das classes de comportamentos examinadas, no entanto, conferem subsídios à refutação tanto da suposição de uma unidade entre todos os comportamentos de um indivíduo quanto de atribuir repertórios muito distintos entre si a “personalidades” distintas. Skinner (1953/2003) já apresenta tais argumentos ao longo de seu texto, porém em formato dissertativo não são reunidas em análises funcionais as características de comportamentos cujo conhecimento efetivamente contrapõe as noções de “eus” ou “personalidades”. Não havendo um

agente único a quem atribuir a origem e responsabilidade dos comportamentos do indivíduo, não há necessidade de supor uma unidade entre todos os comportamentos de um indivíduo. O desenvolvimento de sistemas de comportamentos confere uma unidade apenas entre os conjuntos de comportamentos constituídos de classes de estímulos consequentes reforçadores comuns e por ocorrerem sob controle de estímulos de uma mesma classe de estímulos contextuais. O que é chamado de “personalidades múltiplas”, por sua vez, a partir dos resultados observados, pode ser considerado simplesmente sistemas de comportamentos bastante distintos entre si.

Observar as características da classe de comportamentos “A12. Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros” (Tabela 3.13), embora de alto grau de generalidade, favorece a compreensão de interações do indivíduo aparentemente “consigo próprio”. Sem o conhecimento acerca das características de tal tipo de interação, é favorecida a interpretação de que se configura em relações entre diferentes “eus” ou diferentes “personalidades” de um mesmo indivíduo que interagem entre si – como na proposição freudiana de interações entre o “id”, “ego” e “superego”. Segundo as características da classe em questão, trata-se simplesmente da apresentação de respostas de comportamentos de um sistema em relação às respostas de comportamentos de outro sistema. Tal tipo de interação seria estabelecida por a função de um sistema de comportamentos depender da ocorrência de outro. O exemplo referente ao processo de “Conhecer-se” seria, portanto, constituído de um sistema de comportamentos observado e descrito pelo próprio indivíduo e de um sistema de comportamentos que observa e descreve o primeiro sistema em função de ser necessária a apresentação de comportamentos pelo próprio indivíduo para que os mesmos possam ser observados e descritos. Do mesmo modo, nos processos denominados “autocontrole”, “autoestima” e “autoconceito”, portanto, não há nenhum “eu” necessário de ser controlado, estimado ou conceituado. Em seu lugar, sistemas de comportamentos a serem conhecidos, controlados, estimados ou conceituados.

Uma (3) terceira subcategoria organizadora dos resultados obtidos que favorece sua interpretação agrupa as classes que se referem à utilização do termo “eu” como representação de sistemas de comportamentos: “A13. Referir-se ao termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.14), “A14. Referir-se ao termo “eu” como representação de diferentes

comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.15), “A15. Referir-se ao termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.16) e “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social” (Tabela 3.17). Todas consistem na utilização do termo “eu” como representação de sistemas de comportamentos, cada uma referente a uma de suas propriedades ou a um nível de abrangência distinto.

A partir do exame das características de tais classes fica ainda mais claro qual o conceito de “Eu” para Skinner (1953/2003). A análise das demais classes de comportamentos que constituem a categoria A denota que características são possíveis de identificar ou derivar como aquelas atribuídas pelo autor aos processos que concebe como efetivamente envolvidos no conceito “Eu”. Não se tratam de propriedades de um “Eu” agente e originador das ações dos indivíduos, mas de sistemas de comportamentos que tal indivíduo apresenta. Por meio da análise das classes de comportamentos A13, A14, A15 e A16, no caso, é possível compreender – com maior grau de minúcia que somente a partir das proposições do autor em formato dissertativo – que função Skinner atribui ao termo “eu”, originalmente formulado e utilizado em nossa cultura como meio de supervalorizar o indivíduo e sua responsabilidade sobre suas ações. Consistem em classes de comportamentos cujas probabilidades de ocorrência haviam sido anunciadas em classes de estímulos consequentes das classes A2, A3, A4, A5 e A8 (Tabelas 3.4, 3.5, 3.6, e 3.9), relacionadas à unificação de comportamentos em um mesmo sistema de comportamentos. Ao desenvolver classes de comportamentos requeridas à unificação de comportamentos em um sistema de comportamentos funcionalmente unificado, o indivíduo obtém como consequência, ao menos, a possibilidade de o sistema formado passar a consistir em um conjunto de eventos diferenciado dos demais eventos da natureza e a responder sob controle de tal conjunto. Por tal condição ser favorecida é que há como consequências das classes A2, A3, A4, A5 e A8 a maior probabilidade de que o indivíduo venha a se referir ao “eu” como representação de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado.

Enquanto as análises das classes “A13. Referir-se ao termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.14) e “A14. Referir-se ao termo “eu” como representação de diferentes

comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.15) denotam o uso do termo “eu” como recurso para representar sistemas de comportamentos com propriedades específicas – constituídos de respostas topograficamente semelhantes (A13) ou topograficamente distintas (A14) – a classe “A15. Referir-se ao termo “eu” como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.16) apresenta características do uso do termo como representação de quaisquer sistemas de comportamentos, independentemente do aspecto topográfico. É possível sugerir que tal classe abranja as classes de comportamentos A13 e A14, já que é constituída de classes de respostas que abarcam as que constituem as classes A13 e A14 e o mesmo ocorre com suas demais classes de componentes. No lugar de sua classe de estímulos discriminativos consistir em comportamentos que constituem sistemas de comportamentos, os sistemas como um todo é que exercem função discriminativa.

A classe de comportamentos “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social” (Tabela 3.17), por fim, além de fazer referência às características de sistemas de comportamentos como sendo o fenômeno representado pelo termo “eu” – e não nenhuma entidade “eu” – apresenta destaque nas informações que podem ser obtidas a partir das características nucleares desses sistemas de comportamentos: características das classes de estímulos contextuais em destaque nos ambientes sociais nos quais tais sistemas são desenvolvidos. No caso específico da classe em questão, classes de estímulos contextuais favorecem a ocorrência de sistemas de comportamentos, os quais exercem função discriminativa sobre a resposta de utilizar os termos “id”, “ego” e “superego” como recursos para representar as características dos sistemas em questão. Segundo Skinner (1953/2003), tais são sistemas de comportamentos legítimos e poderiam ser nomeados e definidos com base em suas características nucleares. Foram, no entanto, atribuídos a três instâncias psíquicas originadoras de suas características e, com isso, as asserções subsequentes embasadas na existência dessas três instâncias carecem de fundamentação empírica.

A relevância da análise das características da classe A16 em questão se dá principalmente pela ênfase novamente às classes de estímulos contextuais como aspectos que controlam os comportamentos de um sistema de comportamentos. No entanto, também se dá por

explicitar em maior grau de minúcia do que nas proposições apresentadas em meio a seu texto dissertativo, tanto a legitimidade de proposições psicanalíticas acerca dos comportamentos humanos, a utilidade das mesmas como recursos para representar características críticas de comportamentos que são desenvolvidos em ambientes sociais, quanto, em parte, explicita o que considera o “erro lógico” em que estão implicadas e que limita suas contribuições. Ao atribuir a determinação das características dos que poderiam ser considerados os principais sistemas de comportamentos dos indivíduos a instâncias psíquicas responsáveis pelos comportamentos dos indivíduos é que incorreria no equívoco de deduzir do nome atribuído a um conjunto de eventos os seus próprios determinantes e, com isso, restringiria ou mesmo invalidaria suas contribuições como sistema explicativo do comportamento dos organismos.

A validade da interpretação de Skinner (1953/2003) acerca das proposições freudianas acerca do funcionamento psíquico, no entanto, necessitam ser examinadas a fim de a extensão de suas conjecturas poderem ser inteiramente consideradas. Como é sabido que Freud embasou suas proposições nas características em comum que observou em seus casos clínicos (1926), parece razoável, ao menos, a suposição de Skinner de que esse autor tenha elaborado seus conceitos com base nas características de sistemas de comportamentos de seus pacientes, bem como de que tais características tivessem sido possibilitadas somente em função das características sociais preponderantes da época. Afirmar acerca do quanto os comportamentos dos indivíduos são explicados nesse tipo de conhecimento exclusivamente em função das características de suas “instâncias psíquicas” e de que forma isso ocorre, no entanto, parece extrapolar os dados examinados ou explicitado por Skinner (1953/2003).

Ao possibilitarem identificar as características nucleares de **(a)** comportamentos de cujo desenvolvimento decorre a unificação de sistemas de comportamentos; **(b)** sistemas de comportamentos, sob variadas circunstâncias; **(c)** relações entre sistemas de comportamentos; e **(d)** comportamentos verbais constituídos da resposta verbal “eu” como representação de sistemas de comportamentos, as características das classes de comportamentos da categoria A identificadas e derivadas a partir do capítulo “O Eu” de *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) consistem em fonte de informações com alto grau de minúcia acerca das características da proposição de Skinner na obra acerca do fenômeno a que o conceito “eu” apresentado pelo autor se refere. Acerca também das características das classes de

comportamentos verbais consideradas por ele como aquelas que, embora sejam constituídos do termo “eu”, sejam compatíveis com os princípios do behaviorismo radical e com os conceitos da Análise Experimental do Comportamento.

Dentre todas as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra em questão, as pertencentes à categoria A são as que fornecem subsídios à comparação entre as proposições do autor a respeito do conceito “eu”, proposições apresentadas em outras obras da mesma área de conhecimento a respeito do mesmo conceito e suas próprias proposições apresentadas em outras de suas obras. De uma maneira geral, por se referirem a classes de comportamento ainda com grau de abrangência alto, fornecem subsídios também à elaboração e arranjo de condições apropriadas ao desenvolvimento de sistemas de comportamentos.

### **3.2. Exame das Características das classes de comportamentos da Categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”**

As 11 classes de comportamentos que constituem a Categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’” concentram características que foram possíveis de identificar e derivar a partir das proposições de Skinner (1953/2003) acerca do que está envolvido na concepção tradicional de um “eu iniciador”. Mais precisamente, acerca das classes de componentes que constituem classes de comportamentos desenvolvidas na ausência da noção de comportamento e que favorecem o “erro lógico” de presumir uma instância a ser responsabilizada pelos comportamentos dos indivíduos, que obscurece a identificação das variáveis das quais tais comportamento são efetivamente função, bem como seu controle. Não se tratam de classes de comportamentos que constituem ou determinam o que o autor concebe como “eu” (sistemas de comportamentos funcionalmente unificados). No entanto, são fontes de informações importantes por consistirem nas características do repertório dos indivíduos que favorecem o desenvolvimento da concepção de um eu iniciador.

Por meio do conhecimento das características das classes de comportamentos da categoria B, torna-se possível melhor contrapor a concepção acerca da existência de um “eu iniciador” por possibilitar mais que um “embate teórico”, mas uma possível demonstração de quais interações desenvolvidas entre os indivíduos e o ambiente ao longo de

sua história favorecem que utilizem o termo “eu” de uma ou outra forma. Meramente como um recurso para representar / nomear conjuntos de comportamentos apresentados pelos indivíduos com propriedades específicas que os distinguem dos demais ou como o agente responsável por todos e quaisquer de seus comportamentos. A exposição apenas de duas utilizações do termo e duas concepções que as sustentam não pressupõem serem tais as únicas possibilidades – tanto de uso do termo quanto de concepções acerca da determinação e manutenção das interações dos indivíduos com o ambiente. São unicamente aquelas cuja identificação foi possibilitada a partir da observação dos resultados obtidos nas categorias A e B a partir da obra de Skinner (1953/2003).

Embora as proposições do autor ao longo do capítulo “O Eu” acerca das variáveis relacionadas ao desenvolvimento da concepção que avalia como equivocada sejam bem fundamentadas – tanto por meio da apresentação ao longo da obra dos conceitos básicos da Análise Experimental do Comportamento que possibilitam o controle de variáveis em processos de produção de conhecimento científico na área e a interpretação de fenômenos da natureza, quanto por meio da sustentação das premissas que apresenta ao longo da dissertação do capítulo –, identificar e derivar as classes de componentes a que o autor se refere e as classes de comportamentos que tais componentes confere ainda maior precisão à demonstração do que determina e no que consiste o “erro lógico” a que o autor se refere. “Erro” esse, muitas vezes induzido pelas próprias contingências sociais que a comunidade verbal dispõe.

É possível examinar os resultados agrupados sob a categoria B em ainda duas subcategorias. Uma que abrange as classes de comportamentos envolvidas no desenvolvimento da concepção de uma instância interna originária e agente dos comportamentos do indivíduo, sendo tais classes as que favorecem a utilização do termo “eu” como nomeação dessa instância, e outra que abrange as classes de comportamentos de nomeação dessa instância inferida por meio do termo “eu”. A (1) primeira delas é constituída das classes de comportamentos “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos” (Tabela 3.18), “B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas” (Tabela 3.19), “B3. Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui” (Tabela 3.20), “B4. Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos” (Tabela 3.21), “B5.

Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao ‘eu’ como agente e originador dos comportamentos” (Tabela 3.22), “B6. Identificar o eu como uma instância não física” (Tabela 3.23) e “B7. Pressupor que o eu é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta” (Tabela 3.24).

A ênfase apresentada por Staats e Staats (1963/1973) acerca das relações de dependência entre o processo de produção de conhecimento acerca de um fenômeno, os instrumentos disponíveis à sua observação e os conceitos envolvidos nos termos utilizados em tais instrumentos, pode consistir também em fundamentação à proposição de os conceitos de um indivíduo em relação a eventos da natureza interferem no modo como observam, conhecem ou interpretam os fenômenos constituídos de tais eventos. A partir da proposição de Russell (1956) de que os processos de produção de conhecimento científico acerca dos fenômenos da natureza servem à identificação de “leis gerais” acerca de suas características e ordenação, a partir das quais é possível deduzir as características de fenômenos específicos que compartilham os padrões identificados, prever e controlar sua ocorrência, é possível estender a relevância acerca da relação entre conceitos e o modo como os indivíduos conhecem os fenômenos. Conceitos não somente embasam observações e interferem nos processos de produção de conhecimento (científico ou não), mas interferem em sua utilidade às necessidades de uma sociedade (Skinner, 1968/1972).

Entender a função de conceitos em processos de produção de conhecimento científico e nas possibilidades dos indivíduos conhecerem os fenômenos que ocorrem consigo próprios e com os demais com quem se relaciona possibilita identificar parte da relevância das características das classes B1 a B7. Por se referirem às classes de comportamentos que favorecem o desenvolvimento de uma concepção ou conceito avaliado por Skinner (1953/2003) como equivocado e cujo desenvolvimento traz prejuízos aos indivíduos pessoalmente e à sociedade, possibilitam mais que simplesmente alegar o equívoco e posicionar-se de maneira contrária. Possibilitam a intervenção nessas classes de comportamentos, bem como uma mais precisa e minuciosa fundamentação de argumentações com fins à refutação do conceito de “eu” como um agente responsável pelas ações e sentimentos dos indivíduos.

Há uma ressalva a ser realizada previamente ao exame das análises das classes de comportamentos em questão e identificação de suas contribuições específicas. As classes B1 (Tabela 3.18), B2 (Tabela 3.19), B6 (Tabela 3.23) e B7 (Tabela 3.24) são constituídas de classes

de eventos “desconhecimento do conceito de comportamento” e/ou da classe “desconhecimento das variáveis determinantes e constituintes de comportamentos” com função de operações motivadoras, propostas a partir das demais características das classes de comportamentos. Há, pelo menos, duas limitações na proposição dessas classes. A primeira por referirem-se a características do repertório do indivíduo e não a uma classe de eventos atual, decorrente de tal repertório, cujos elementos interferem no valor reforçador das consequências das classes de comportamentos em relação às quais são consideradas operações motivadoras. A segunda, por consistirem em menções a lacunas no repertório de comportamentos, e não a classes de comportamentos a partir das quais é possível notar que o indivíduo desconhece o conceito de “comportamento” e das variáveis que determinam e constituem comportamentos.

Embora consistam em limitações dentre os resultados da categoria B, não foi possível derivar a partir dos demais componentes constituintes das classes de comportamentos as classes de comportamentos das quais os “desconhecimentos” em questão pudessem ter sido inferidos. Tampouco derivar dessas classes suas decorrências que efetivamente poderiam estar presentes no momento de apresentação das classes B1, B2, B6 e B7. A decisão de manter as classes de eventos em questão como operações motivadoras se deu em função do alto grau de relevância da interferência dos conceitos dos indivíduos em seus comportamentos e, especificamente, da avaliação do alto grau de relevância da interferência do conceito “comportamento”. Dada a limitação discutida, trata-se de uma parcela dos resultados em relação à qual é necessário investimento para que seja ainda aperfeiçoada.

A classe de comportamentos “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos” (Tabela 3.18) consiste em uma condição fundamental ao desenvolvimento da concepção de um “eu iniciador”, pois se trata da interação do indivíduo com o ambiente que demarca o desconhecimento das variáveis que constituem comportamentos e, conseqüentemente, o predispõe a fazer inferências sem base factual acerca da determinação e constituição dos mesmos. Embora na classe de estímulos condicionais haja as relações funcionais estabelecidas entre as respostas do organismo e as variáveis externas à resposta, tais variáveis externas não exercem função discriminativa ao indivíduo – somente as respostas com as quais estabelecem relação. A diminuição da probabilidade de caracterizar apropriadamente os próprios

comportamentos que constituem sistemas de comportamentos consiste em uma implicação da classe de comportamentos em questão, que denota o alto grau de relevância do desenvolvimento da condição de identificar relações funcionais entre estímulos do ambiente e respostas dos indivíduos. Sem tal conhecimento, os indivíduos tornam-se vulneráveis a caracterizá-los adequadamente e, a médio prazo, a atribuir função “causal” a variáveis irrelevantes, bem como a fracassar em seu controle.

As características da classe “B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas” (Tabela 3.19) denotam o processo por meio do qual a unidade funcional formada que é constituída por um conjunto de respostas funcionalmente equivalentes é atribuída integralmente ao próprio indivíduo que se comporta, de modo que as interferências das variáveis do ambiente sobre a determinação e manutenção dessas respostas são obscurecidas. As características da classe possibilitam compreender que o “erro lógico” ou o “equivoco conceitual” a que Skinner (1953/2003) se refere ao examinar proposições de senso comum e de outros tipos de conhecimento em Psicologia consistem em um comportamento, cujas características, ao serem conhecidas, podem subsidiar intervenções em suas classes de componentes. Por desconhecer que um grupo de respostas de um indivíduo pode ser “unificado” ao produzir consequências de uma mesma classe e, por isso, constituir um mesmo comportamento, a unidade funcional de um grupo de respostas pode ser atribuída ao “conjunto de variáveis” observável de maneira não dissociada de suas ações: o próprio indivíduo que as apresenta. Sendo o indivíduo cultuado e valorizado pela cultura como um ser autônomo (Elias, 1987/1994), não é difícil que seja o primeiro conjunto de eventos em relação ao qual é suposta uma relação de determinação. Há uma personificação das respostas e, concomitantemente, as demais variáveis constituintes do comportamento, principalmente as variáveis ambientais que exercem funções sobre as respostas que o constituem, são ignoradas ou têm seu papel desconsiderado.

Como uma das consequências da classe B2 em questão, há uma maior probabilidade de que grupos de respostas sejam supraestimados, que consiste na classe de comportamentos “B3. Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui” (Tabela 3.20). Ao serem todas as respostas apresentadas por um indivíduo atribuídas a ele próprio – classe de eventos que consiste na classe de estímulos consequentes da classe B2 e na classe de estímulos antecedentes condicionais da classe B3 –, a

equivalência funcional que efetivamente determina a unificação de conjuntos de suas respostas e comportamentos é ignorada. Ao ser notada de alguma maneira pelo indivíduo, a constituição de uma unidade de respostas passa a ser considerada mais do que simplesmente o desenvolvimento de um conjunto graças a sua equivalência funcional. Ao indivíduo que se responsabiliza integralmente por suas respostas, é quase evidente supor que tal unificação se dê graças a seus próprios atributos. Tal suposição pode ser considerada um “passo” anterior à atribuição das unidades funcionais de respostas e comportamentos a um “eu”.

A classe “B4. Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos” (Tabela 3.21) assemelha-se à classe B3 por também se referir a uma superestima das ações de um indivíduo, porém se refere a comportamentos e não somente a respostas. Além de se tratar da superestima de conjuntos de respostas que efetivamente formam entre si uma unidade funcional, quaisquer outras respostas de comportamentos apresentados pelo indivíduo passam a ser consideradas com propriedades comuns às demais, mesmo que tais propriedades não existam. Do mesmo modo como avaliada a classe B3, a B4 também pode ser considerada uma etapa anterior, ou uma classe de comportamentos que favorece, à inferência de um “eu” responsável pelas respostas dos indivíduos. Em função da classe em questão, as características de tal “eu” seriam responsáveis por conferir consistência e integridades a todas as ações apresentadas pelo indivíduo.

A classe de comportamentos em função da qual a função das variáveis externas é atribuída não mais ao indivíduo (entendido mais como organismo, até então), mas a seu “eu”, é a classe “B5. Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao ‘eu’ como agente e originador dos comportamentos” (Tabela 3.22). Seu desenvolvimento é favorecido pela ocorrência das classes B1, B2, B3 e B4, já que uma instância responsável pelos comportamentos do indivíduo faz sentido caso as variáveis que efetivamente exercem controle sobre tais comportamentos sejam ignoradas, a unidade funcional formada de classes funcionalmente equivalentes seja atribuída primeiramente ao indivíduo e seja também superestimada – como se revelasse um “denominador comum” além da equivalência funcional – e, além disso, sejam supostas consistências entre quaisquer comportamentos apresentados pelo indivíduo.

Dentre as classes de componentes que constituem a classe B5 em questão, é de alto grau de relevância a classe de estímulos

consequentes “*diminuição da probabilidade de controle dos comportamentos constituintes do sistema de comportamentos cuja origem e agente são atribuídos ao ‘eu’*”. Ao ignorar as variáveis ambientais que interferem nos próprios comportamentos e ao atribuí-las a uma instância inferida, sendo ela a única responsável pelas características das próprias ações, a possibilidade de controle atual ou futuro de tais ações pelo próprio indivíduo se torna gradativamente mais baixa. Com tal baixo grau de controle, sem dar-se conta, o indivíduo se torna suscetível e refém das características do ambiente. Tem seus comportamentos por tais características determinado e mantido, sem que nada possa fazer para intervir nessas relações.

A classe de comportamentos “B6. Identificar o ‘eu’ como uma instância não física” (Tabela 3.23) consiste em uma classe cujas características extrapolam ainda mais os “dados de realidade” que o indivíduo tem à sua disposição. Se as variáveis que determinam e mantêm os comportamentos são desconhecidas, há espaço para inferências das mais variadas. É o caso de supor não somente que exista uma instância com função de originar e controlar os comportamentos do indivíduo, mas também que tal instância seja constituída de substância etérea. Embora na obra não tenham sido identificadas informações acerca das classes de estímulos antecedentes da classe de comportamentos, é possível sugerir que ao atribuir a responsabilidade dos próprios comportamentos a si, como indivíduo, e a uma instância interna dotada de condições de originar e controlar tais comportamentos, fossem inferidas também qualidades de tal instância. Concebê-la como de natureza não física parece consistir na solução possível por se tratar de uma instância interna não observável ou palpável. Segundo uma interpretação embasada nos conceitos da Análise Experimental do Comportamento, a limitação de acesso a eventos ou fenômenos privados não implica que os mesmos sejam por isso de natureza distinta da física. Mas supor tal natureza à instância “eu” consiste em uma classe de comportamentos ainda mais dúbia, já que o próprio fenômeno “eu” consiste em uma inferência fundada em equívocos decorrentes do desconhecimento das funções determinantes e mantenedoras que as variáveis externas às ações dos indivíduos.

Última classe da primeira subcategoria, a classe “B7. Pressupor que o ‘eu’ é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta” (Tabela 3.24) também se refere à atribuição de status “causal” à instância inferida “eu”. Difere da classe de comportamentos B5 (Tabela 3.22) por não se referir especificamente à atribuição das funções das variáveis externas das ações dos organismos ao “eu”, mas,

de uma maneira mais abrangente, à atribuição de todos os seus comportamentos a tal instância. Se os processos de inferência com base nas ações observadas terminassem na suposição de existência de uma mente ou personalidade, já haveria consequências aos indivíduos e à sociedade. O próximo “elo” do raciocínio, expresso na classe de comportamentos B7 e explicitado por Robinson (2003), no entanto, as expande e torna mais danosas.

Conforme argumenta o autor, as características atribuídas à “personalidade” ou à mente dos indivíduos (ou a seu “eu”) são inferidas a partir da observação de suas ações e das qualidades a tais ações atribuídas. Ao sugerir que as qualidades conferidas às ações a partir da observação das mesmas são *produtos* da mente ou personalidade, é estabelecido um raciocínio circular que nada serve ao conhecimento dos comportamentos dos organismos, à sua previsão e controle. Sugerir que alguém se comporta generosamente porque seu “eu”, sua “mente” ou sua “personalidade” são “generosas”, por exemplo, não possibilita compreender os aspectos na história de vida do indivíduo que determinaram as características de seus comportamentos, nem o que em seu ambiente atual as mantêm. Compreender tais implicações talvez já fosse plenamente possível a partir das informações apresentadas no texto de Skinner (1953/2003), mas as classes de estímulos consequentes da classe B7 são mais precisas ao especificar que deixam de ser observadas (e consequentemente controladas, quando necessário) as variáveis determinantes e constituintes de comportamentos dos indivíduos, mas também de conjuntos de seus comportamentos que configuram “sistemas de comportamentos”.

A (2) segunda subcategoria de classes de comportamentos constituintes da categoria B abrange as classes de comportamentos verbais relacionadas à nomeação da instância interna originária e agente dos comportamentos do indivíduo, inferida: “B8. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.25), “B9. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.26), “B10. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.27) e “B11. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.28).

Enquanto nas classes A13 a A16 (Tabelas 3.14 a 3.17) o indivíduo se refere ao termo “eu” como um recurso com função explícita de representar os sistemas de comportamentos sob controle dos quais é comumente utilizado, nas classes em questão o mesmo termo é considerado uma referência à instância interna inferida como agente e originadora das interações dos indivíduos. Com base em uma concepção funcional da linguagem, em que tal é compreendida como comportamentos verbais (Skinner 1957/1978), é que Skinner (1953/2003) despende atenção aos aspectos dos comportamentos dos próprios indivíduos que muito provavelmente consistem nos estímulos discriminativos que exercem controle sobre as respostas verbais “eu” dos indivíduos, os quais propõe que consistam nas características dos sistemas de comportamentos dos indivíduos. A partir de tal interpretação, portanto, o termo “eu” pode ser utilizado nas classes A13 a A16 somente como um signo verbal por meio do qual são delimitados os aspectos do fenômeno “sistema de comportamentos” dentre os demais eventos da natureza.

Nas classes B8 a B11 em questão, no entanto, o termo “eu” é concebido conforme uma concepção tradicional da linguagem. Consistem em classes que explicitam o conceito do indivíduo que as apresenta em relação ao termo, já que são constituídas de respostas “utilizar o termo ‘eu’ como (...)”, em que as reticências são complementadas pelo referido conceito. Como um agente de sistemas de comportamentos topográfica e funcionalmente semelhantes, na classe B8; de sistemas de comportamentos funcionalmente semelhantes, na classe B9; e de quaisquer sistemas de comportamentos, na classe B10. A resposta que constitui a classe de comportamentos B11, por sua vez, não se refere à utilização apenas do termo “eu”, mas dos termos *id*, *ego* e *superego* apresentados na literatura freudiana, os quais Skinner (1953/2003) interpreta como três “eus” ou três “personalidades”. Nessa classe de comportamentos, os termos são utilizados como nomes de instâncias psíquicas responsáveis pelos comportamentos dos indivíduos. Tal conceito é explicitado na classe de respostas “*utilizar os três ‘eu’ ou as três personalidades do esquema freudiano como (...)*” como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo.

Segundo a interpretação de Skinner (1953/2003) tal seria a classe de comportamentos apresentadas por psicanalistas ao utilizarem os termos “*id*”, “*ego*” e “*superego*”: embora sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social (SC) e, especificamente, de características importantes de sistemas de comportamentos, tais termos não seriam utilizados como recursos de representação de tais sistemas.

Inclusive por desconhecê-los. Em lugar disso, seriam utilizados como referência a três instâncias psíquicas responsáveis pela determinação e controle dos comportamentos dos indivíduos. A essa interpretação de Skinner, no entanto, cabe a mesma ressalva apresentada em relação ao exame da classe de comportamentos A16 (Tabela 3.17). Ou faltam-lhe dados nos quais fundamentar sua interpretação ou os mesmos deixaram de ser apresentados, o que limita as possibilidades de verificação de sua validade e extensão. As interpretações de Skinner em relação às proposições psicanalíticas, inclusive, consistem em fontes de informações importantes de serem investigadas a fim de examinar sua pertinência e conformidade com o que de fato propõem tanto Freud quanto demais psicanalistas – o que não consiste, no entanto, no objetivo do trabalho.

Tais quatro classes de comportamentos podem ser compreendidas à luz da concepção tradicional da linguagem, em que os termos são compreendidos como os nomes atribuídos a fenômenos existentes. Como se nomes fossem representações desses fenômenos. No lugar de identificar quais os aspectos efetivamente comuns às situações em que si próprio e os outros utilizam o termo “eu” a fim de identificar quais estímulos ou conjuntos de estímulos exercem controle sobre tais respostas verbais – o que configuraria na investigação acerca dos estímulos que exercem controle sobre comportamentos de “tato” (Skinner, 1957/1978; Matos, 1991; e Sérgio et. al, 2004) que está implicada nas classes A13 a A16 –, as classes B8 a B11 partem do princípio de que o termo “eu” consista no nome da instância inferida como agente e originadora das interações dos indivíduos e, mais especificamente, responsável por seus sistemas de comportamentos.

As características das classes de comportamentos B1 a B7, no entanto, possibilitam ainda outros parâmetros ao exame das características das classes B8 a B11. Por possibilitarem a observação das características de classes de interações entre classes de estímulos do ambiente e classes de respostas do indivíduo que têm como consequência o “erro lógico” – segundo a perspectiva de Skinner (1953/2003) – de pressupor uma instância interna determinante e mantenedora das interações do indivíduo, enquanto o organismo se comporta, tornam possível compreender a nomeação dessa classe como “eu” de maneira mais precisa do que somente uma decorrência da concepção tradicional da linguagem. Além de o termo “eu” ser considerado um fenômeno existente ao ser utilizado verbalmente e legitimado pela cultura como uma referência ao mencionado agente, as classes de comportamentos B1 a B7 denotam que além de tal

legitimação, o indivíduo é induzido a pressupor uma instância além dos próprios comportamentos ao desconhecer as relações de controle que variáveis do ambiente exercem sobre as respostas e comportamentos dos indivíduos. Tal interferência é identificada dentre os componentes das classes de comportamentos B8 a B11, como suas operações motivadoras. Embora não consista em característica das classes em questão, é válido também destacar que uma consequência importante que muito provavelmente mantém a concepção de atribuir a um “eu” com função iniciadora é o oferecer uma “explicação” cabal a tudo o que um organismo faz. Tornando tanto as variáveis do ambiente – dentre elas as variáveis sociais – isentas de “responsabilidade”, quanto serve de subsídio ao indivíduo ao não investimento em mudanças que possam lhe ser necessárias.

As classes de comportamentos que constituem a categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’” consistem em um conjunto importante dentre os resultados obtidos a partir do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003). Embora não caracterizem o que o autor concebe como efetivamente referente ao conceito “eu”, suas características possibilitam compreender em que outras perspectivas na Psicologia ou mesmo o senso-comum embasam suas proposições. Mais especificamente, ao apresentar quais classes de comportamentos tais concepções são formadas e mantidas.

As características de tais classes de comportamentos possibilitam denotar em que precisamente Skinner (1953/2003) se embasa para sugerir que tais concepções consistam em equívocos conceituais: tanto por possuírem como classes de operações motivadoras lacunas no repertório referentes ao conhecimento do conceito de comportamento e das relações funcionais possíveis de serem estabelecidas entre as variáveis do ambiente e as respostas dos indivíduos, quanto por serem constituídas de inferências sem fundamentação e implicarem na diminuição das probabilidades de conhecimento e controle efetivos dos comportamentos do próprio indivíduo. Partindo da identificação de relações funcionais entre variáveis – quando ao controlar a ocorrência de uma se obtém alteração na outra – como critério de *verdade* da Análise Experimental do Comportamento, inferências baseadas em outros critérios que não a validação experimental da relação entre variáveis são avaliadas como infundadas. O exame das características das classes de comportamentos B1 a B7 possibilita identificar diversas inferências dessa natureza e as classes de componentes nelas envolvidas, bem como suas implicações.

O exame das características das classes B8 a B11, por sua vez, torna possível identificar uma das decorrências mais importantes das classes anteriores: a sustentação – limitada – da concepção funcional da linguagem em relação ao termo “eu”.

Ao não somente propor uma delimitação do conceito “eu” segundo uma interpretação analítico-comportamental, mas também caracterizar classes de comportamentos apresentadas em outros tipos de conhecimento na Psicologia que não coincidem com sua proposição, Skinner (1953/2003) contribui ao estabelecimento das distinções entre as proposições entre cada tipo de conhecimento e ao aumento do grau de clareza acerca das delimitações do conceito “eu” segundo sua perspectiva. Por meio das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas das asserções do autor, tais contribuições se tornam mais precisas e de conseqüente maior utilidade ao desenvolvimento conceitual da Análise Experimental do Comportamento.

### **3.3. Exame das características das classes de comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘Eu iniciador’”**

A análise das informações apresentadas no capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) ainda possibilitou a identificação de nove classes de comportamentos cujo desenvolvimento, por denotar o equívoco da utilização do termo “eu” como referente a um agente iniciador dos comportamentos dos indivíduos e a irrelevância da utilização do mesmo como representação de sistemas de comportamentos, torna possível uma alternativa à utilização do termo. Se o que favorece a utilização do termo como se nomeasse a instância interna que origina e controla os comportamentos do indivíduo reside no desconhecimento do conceito de comportamentos e das relações funcionais que são estabelecidas entre aspectos do ambiente e respostas dos indivíduos, tal pode ser evitada se as relações entre aspectos do ambiente e respostas do organismo forem observadas e demonstradas. A partir de tais classes se desenvolvem as demais do conjunto C, as quais tornam o termo “eu” dispensável, até mesmo como mero recurso de representação de sistemas de comportamentos. As conseqüências individuais e sociais de seu uso, cujo conceito implicado dificilmente difere da noção de consistir em uma instância iniciadora, é que justificam a recusa por utilizá-lo.

Para favorecer o exame das características das classes da categoria, as mesmas podem ser distribuídas em ainda duas subcategorias. A (1) primeira abrange classes de comportamentos que favorecem a avaliação da utilização do termo “eu” como recurso irrelevante à representação de quaisquer sistemas de comportamentos. São elas: “C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” (Tabela 3.29), “C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” (Tabela 3.30), “C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” (Tabela 3.31), “C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” (Tabela 3.32) e “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de “eu” ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.33).

A classe “C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” (Tabela 3.29) consiste na base a partir da qual as demais classes da categoria B podem ser apresentadas. Representa a possibilidade de, primeiramente, o indivíduo observar que diferentes comportamentos que ele próprio apresenta variam de maneira correspondente conforme os estímulos contextuais presentes no ambiente. Além disso, de interpretar tal covariação como um indício de que constituam um mesmo sistema de comportamentos, já que ocorrem sob controle de estímulos de uma mesma classe de estímulos contextuais e, muito provavelmente, obtêm consequências reforçadoras sob tais condições. Embora classes de operações motivadoras não tenham sido identificadas ou derivadas a partir da fonte de informações, é razoável sugerir que o desenvolvimento de alguns conceitos interfira na ocorrência da classe de comportamentos em questão, como o próprio conceito de comportamento e outros mais específicos. Tal suposição se dá em função da proposição de Staats e Staats (1963/1973) de que a observação de eventos que ocorrem na natureza depende de signos verbais que delimitam conjuntos de eventos dentre os demais e que tais signos, por sua vez, façam menção a conceitos.

Se o indivíduo é capaz de observar covariações entre diferentes respostas constituintes de diferentes comportamentos e interpretá-las como indícios de que tais configuram um mesmo sistema de

comportamentos, tem também condições de **(a)** demonstrar as covariações de respostas e argumentar em favor das covariações de comportamentos que configurem, por isso, sistemas e **(b)** explicar a unidade funcional de comportamentos cujas respostas variam correspondentemente. Tais relações constituem as classe de comportamentos “C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” (Tabela 3.30) e “C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” (Tabela 3.31), cuja relevância se dá por consistirem nos subsídios a partir dos quais a concepção de que há um “eu” responsável por unificar as respostas e os comportamentos em conjuntos pode ser refutada. Tal “eu” como instância determinante da unificação é dispensável. A covariação – e formação de uma unidade, conjunto ou sistema – de comportamentos se dá em função dos aspectos que constituem e mantêm sistemas de comportamentos, já representados nas classes de comportamentos da categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”.

Em conjunto com as classes C1, C2 e C3, a classe “C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” (Tabela 3.32) contribui à identificação da irrelevância da utilização do conceito “eu”, classe de comportamentos “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de “eu” ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.33). Trata-se de uma classe de comportamentos mais abrangente que a classe C3 (Tabela 3.31), já que requer que a unidade funcional de diferentes comportamentos que constituem um sistema seja explicada, mas, além disso, é caracterizada por demonstrar as relações funcionais estabelecidas entre todos os comportamentos de um mesmo sistema.

A classe “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de “eu” ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.33), por fim, consiste no próprio conjunto de interações do indivíduo com o ambiente cujas características possibilitaram abranger as classes C1, C2, C3 e C4 em uma subcategoria. Em função de as quatro primeiras consistirem nas condições que favorecem a ocorrência da classe C5 em questão. A identificação das várias relações funcionais (classe de estímulos consequentes da classe C4, Tabela 3.32) e da unidade funcional que se

forma entre comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos (classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos C3, Tabela 3.31), passam a consistir nas classes de estímulos discriminativos para que o indivíduo possa avaliar o termo “eu” como um signo verbal irrelevante, já que há melhores formas de explicar a covariação de respostas e comportamentos. Por meio da explicitação de que a variação correspondente de classes de comportamentos se dá em função das relações funcionais estabelecidas entre suas classes de respostas e uma mesma classe de estímulos antecedentes contextuais, diante da qual há sinalização da produção de consequências reforçadoras pelas respostas, torna-se evidente que sistemas de comportamentos são determinados e mantidos por relações com os aspectos do ambiente. Não de maneira independente dele, o que evita as consequências individuais e sociais que a utilização do termo “eu” torna mais prováveis de ocorrer.

Não fosse a cultura ocidental tão rápida em conferir ao indivíduo o mérito e a responsabilidade integrais por suas próprias ações (Elias, 1987/1994), a utilização do termo “eu” como nas classes A13 a A16 (Tabelas 3.14 a 3.17) não necessariamente precisaria ser evitada, já que evidencia a qualidade de tal termo como um “recurso”, simplesmente. Conforme as características observadas das classes de comportamentos do conjunto B, no entanto, somada às heranças culturais de hipervalorização do sujeito e obscurecimento das relações de determinação entre suas ações e os aspectos do ambiente (Tourinho, 2009), algumas lacunas conceituais e os aspectos mais facilmente observáveis como relacionados aos comportamentos dos indivíduos (o próprio indivíduo) favorecem a suposição de uma instância individual, interna, agente e originadora de tais comportamentos. Podendo ser evitada, portanto, deixa de fazer sentido a perpetuação do uso do termo “eu”, mesmo que consista em um conceito distinto do tradicional.

As últimas quatro classes de comportamentos que constituem a categoria C, “C6. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.34), “C7. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” (Tabela 3.35), “C8. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos” (Tabela 3.36) e “C9. Referir-se aos três “eu” ou às três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle

de estímulos contextuais importantes de um meio social” (Tabela 3.37), podem ser examinadas como constituintes de uma (2) segunda subcategoria relacionada diretamente à avaliação da utilização do termo “eu” como recurso irrelevante para representar sistemas de comportamentos. Tais classes são favorecidas pela ocorrência das classes da primeira subcategoria, de modo mais direto pela classe “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de ‘eu’ ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.33). O desenvolvimento de condições de explicar as relações funcionais entre respostas dos indivíduos e aspectos do ambiente, possibilita também que se possa avaliar a utilização do termo “eu” como desnecessária inclusive como recurso de representação de sistemas de comportamentos.

Trata-se de um conjunto de classes de comportamentos que contrapõe o conjunto formado pelas classes A13 a A16 (Tabelas 3.14 a 3.17) ao conjunto formado pelas classes B8 a B11 (Tabelas 3.25 a 3.28), sendo todas relacionadas à utilização do termo “eu”. Enquanto as pertencentes ao conjunto A tratam da utilização do termo como um recurso para representação de sistemas de comportamentos dos indivíduos – por exemplo, o sistema de comportamentos que abrange as diversas classes de comportamentos de cuidado com os filhos pode ser nomeado “eu mãe” ou “eu pai” etc. – e as pertencentes à categoria B tratam de sua utilização como referência a uma entidade interna, agente e originadora dos sistemas de comportamentos do indivíduo, as classes do conjunto C – especialmente as classes C6 a C9 – se referem à refutação da utilização do termo, sob quaisquer condições e relacionada a quaisquer conceitos (independentemente se o termo estiver relacionado a sistemas de comportamentos ou a uma instância originadora, é considerado desnecessário).

Cada uma das classes C6 a C9 é relacionada à avaliação da relevância – e conclusão acerca de sua irrelevância – do uso do termo “eu” como recurso para representar um sistema de comportamentos. Enquanto as classes C6 e C7 (Tabelas 3.34 e 3.35) são constituídas de classes de respostas relacionadas à avaliação da utilização do termo “eu” em relação a sistemas de comportamentos mais específicos – constituídos de respostas topográfica e funcionalmente semelhantes (C6) ou de respostas topograficamente distintas e funcionalmente semelhantes (C7) – na classe C8 (Tabela 3.36) tal avaliação se refere à utilização do termo em relação a quaisquer sistemas de respostas. Na C9 (Tabela 3.37), por sua vez, à utilização dos termos “id”, “ego” e “superego” em relação aos três grandes conjuntos de classes de

comportamentos considerados por Skinner (1953/2003) como os que exercem função discriminativa à apresentação das respostas verbais constituídas de tais termos. Todas são constituídas de classes de operações motivadoras cuja ocorrência é possibilitada pelo desenvolvimento das classes de comportamentos da primeira subcategoria – que abrange as classes C1 a C5 (Tabelas 3.29 a 3.33).

Examinar as características das classes de comportamentos da categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’” possibilita identificar o alto grau de relevância da observação de interações dos indivíduos orientada pelo conceito de comportamento e afins – como a noção de multideterminação dos fenômenos e multiconstituição de comportamentos –, pois são as condições que permitem aos indivíduos compreender que o desenvolvimento de unidades funcionais entre classes de comportamentos em sistemas de comportamentos não se dá devido a nenhuma entidade comum a todos eles, mas porque a equivalência funcional lhes torna “covariantes”, o que possibilita inferir a função de condição necessária para ocorrência dos comportamentos reunidos sob a categoria “A”. Em comparação ao encadeamento de argumentos apresentados no capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (Skinner, 1953/2003), a identificação de classes de comportamentos e especificação de suas classes de componentes configura subsídios mais específicos à argumentação contrária à entidade “eu” com status causal sobre interações humanas. Embora tal grau de minúcia não tivesse lugar na obra em questão, dada a grande quantidade de princípios, conceitos e fenômenos descritos e examinados, sua produção expande a utilidade das informações apresentadas pelo autor.

Torna-se ainda mais relevante observar as características das classes de comportamentos que constituem a categoria em questão por tal exercício possibilitar notar que o desenvolvimento dos conceitos “comportamento” e das noções nele implicadas, por si, são condições insuficientes à ocorrência das contribuições referidas, embora sejam fundamentais. Tais só podem ser atingidas por meio do desenvolvimento de relações específicas entre classes de aspectos do ambiente e de respostas dos indivíduos, como é o caso das classes de comportamentos C1 a C9.

Os resultados produzidos por meio da coleta, análise e tratamento de dados a partir das informações do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner parecem ter possibilitado estender as contribuições de tais informações por terem

lhes conferido maior grau de minúcia. Em tal configuração, consistem em subsídios mais completos a diferentes modalidades de intervenção que requeiram conhecimento produzido acerca do fenômeno relacionado ao conceito “eu” de Skinner apresentado na obra em questão, bem como a exames da coerência conceitual da área da Análise Experimental do Comportamento. Observar especificamente os resultados agrupados na categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” possibilita responder – em algum grau – ao questionamento previamente apresentado acerca de se as proposições de Skinner a respeito do conceito “Eu” na obra utilizada como fonte de informações, bem como os resultados obtidos a partir dela, consistem em avanço ao conhecimento de uma classe específica de eventos da natureza ou se o conhecimento produzido acerca do conceito “comportamento” seria suficiente para produzir as mesmas contribuições.

A decisão de método de interpretar a expressão “sistema de respostas funcionalmente unificado” utilizada pelo autor como uma expressão por meio da qual expressava o fenômeno (ou conjunto de) que concebia como efetivamente relacionados ao termo “eu” já implicava em uma distinção entre o fenômeno nomeado “eu” – embora o termo seja avaliado pelo autor como inadequado – e os demais fenômenos comportamentais – sejam unidades, classes ou repertórios de comportamentos. A partir dos resultados obtidos não só essa distinção se torna mais nítida, como passam a ser identificadas características nucleares de sistemas de comportamentos que lhes conferem alto grau de relevância: o controle exercido por estímulos de classes de estímulos contextuais e produção, por todas as classes de comportamentos que constituem o sistema, de consequências reforçadoras e de uma consequência possibilitada exclusivamente em função da ocorrência das consequências de todas as demais dos comportamentos do sistema. A dimensão da relevância e das implicações do conhecimento de tais variáveis críticas de sistemas de comportamentos, no entanto, são ainda dados a serem obtidos.

O que Skinner (1953/2003) concebe como o fenômeno sob controle do qual foi elaborado e é utilizado o conceito “eu” difere nitidamente da concepção de senso comum e empregada em outros tipos de conhecimento na Psicologia, mas também do conceito genérico “comportamento”. As classes de comportamentos identificadas e derivadas cujas classes de componentes foram também identificadas e derivadas a partir das informações da obra, portanto, possibilitam conhecer as especificidades de classes de comportamentos que, se

desenvolvidas, favorecem que os indivíduos se refiram a seu(s) eu(s). De acordo com o exame realizado dos resultados, então, não são quaisquer conjuntos de comportamentos apresentados pelos indivíduos que seriam considerados “sistemas de comportamentos funcionalmente unificados”. Ainda assim, embora os procedimentos realizados tenham conferido às proposições do autor maior grau de minúcia e tenham possibilitado delimitar com maior clareza as distinções entre o que é um “sistema de comportamentos” e o que não é, ainda não é possível concluir que a maior especificidade apresentada consista num nível “ideal”. Ainda parece razoável considerar a caracterização de tais sistemas bastante genérica.

Tal caracterização, no entanto, é suficiente para identificar correspondências entre as proposições de Skinner na obra examinada e em *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991), de difícil identificação a partir apenas de análises preliminares realizadas das obras do autor. À luz dos resultados obtidos, é possível interpretar que a ênfase identificada às variáveis contextuais – que exercem controle sobre classes de comportamentos de um mesmo sistema – coincida com a proposição posteriormente apresentada pelo autor acerca de o “eu” consistir em produto da seleção por contingências culturais. Embora na fonte de informações examinada não haja destaque ao terceiro nível de seleção de comportamentos dos indivíduos, sendo “estímulos contextuais” aquelas variáveis presentes nos “contextos” em que são estabelecidas relações entre outros estímulos e respostas dos indivíduos e que acabam por também exercer controle sobre as respostas ao consistirem em condição ao exercício da função de estímulos condicionais e discriminativos (Costa, de Rose e de Souza, 2009; Rehfeldt, 2003; Assis, Batista e Alves, 2000; Assis e Galvão, 1996; e Bush, Sidman e de Rose, 1989), é razoável sugerir que já impliquem em alguma menção às variáveis de nível cultural.

Embora para tanto fosse necessário qualificar as classes de estímulos consequentes produzidas como consequências arrançadas pelos membros de um grupo (Skinner, 1991). É plausível supor que tal seja a qualidade das consequências reforçadoras que unificam comportamentos em um sistema, além das consequências específicas produzidas por comportamentos de cada classe que constitui o sistema. Por não se tratar de um resultado identificado nas características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra, no entanto, por ora consiste ainda em uma proposição a ser experimentada. Ainda assim, identificar possíveis aproximações entre as proposições de Skinner em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e outras

apresentadas em suas demais obras requereu procedimentos que possibilitassem a observação de classes de comportamentos e de classes de componentes de comportamentos referidas em suas asserções. Com maior grau de minúcia e precisão, foram produzidos parâmetros a comparações entre diferentes proposições de uma mesma área de conhecimento em relação a um conceito, condição ao exame e aperfeiçoamento conceitual da área.

Além das características das classes de comportamentos constituintes da categoria A, por conferir maior grau de minúcia e precisão à delimitação entre o que Skinner concebe na obra como o fenômeno a que o termo “eu” se refere – sistemas de comportamentos – e o que interpreta como a concepção tradicional relacionada a tal termo, as características das classes de comportamentos da categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” contribuem à comparação entre as proposições de Skinner na obra examinada (e suas implicações) e outras obras do próprio autor ou outros da mesma área em relação ao conceito “eu”. Observá-las e examiná-las possibilita melhor compreensão acerca do que está envolvido nas concepções refutadas pelo autor em relação ao “eu” e em que aspectos as classes de comportamentos envolvidas carecem de base factual como sustentação de suas inferências. Mais que criticar a noção de um “eu iniciador” e oferecer alternativamente o conceito de comportamento e as interpretações das interações entre os eventos da natureza e as respostas dos indivíduos à luz de tal conceito, a análise das características das classes da categoria B confere dados a tal contraposição. Embora os mesmos precisem ser ainda experimentalmente validados.

Também à análise conceitual da área de conhecimento da Análise Experimental da Análise do Comportamento servem os resultados obtidos e agrupados na categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’”. Não exatamente por favorecerem a identificação das características do fenômeno referido por Skinner como aquele que efetivamente ocorre sob a denominação “eu”, nem por favorecer a delimitação entre tal fenômeno e a interpretação acerca de uma instância iniciadora. Por consistirem em classes de comportamentos relacionadas às condições dos próprios indivíduos de identificar a formação de conjuntos funcionalmente unificados de seus comportamentos sem a necessidade de alusão a nenhuma instância determinante e controladora de tais interações, contribuem mais por favorecerem a identificação e

caracterização do processo de conhecer o fenômeno concebido por meio do conceito “eu” do autor.

Aspecto importante a ser destacado em relação aos resultados obtidos a partir da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner consiste em avaliá-los como fontes de informação não apenas ao exame e aperfeiçoamento conceitual da área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento, mas para intervenções nos fenômenos cujas características constituem as classes identificadas e derivadas. Em processos de desenvolvimento de sistemas de comportamentos e de descrições (conhecimento) de tais sistemas ou intervenções em sistemas já desenvolvidos cujas características acarretam prejuízos ao indivíduo ou a outros e descrições equivocadas dos aspectos constituintes e determinantes dos mesmos.

O conhecimento das características das classes de comportamentos da categoria A – “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” – pode ser utilizado como subsídio para o desenvolvimento de quaisquer sistemas de comportamentos (independente ou inter-relacionado com outros sistemas), pode consistir em substrato ao desenvolvimento de classes de comportamentos de descrição das características de quaisquer sistemas de comportamentos ou dos próprios e, ainda, ao desenvolvimento da utilização do termo “eu” exclusivamente como um signo verbal constituinte de um comportamento de tato com função de comunicação aos demais membros da comunidade verbal acerca das propriedades do ambiente sob controle dos quais o falante se comporta. No caso, sob controle de propriedades de sistemas de comportamentos.

As características das classes de comportamentos da categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’”, ao tornarem-se passíveis de conhecimento, podem já consistir em fontes de informação à elaboração de procedimentos para seu desenvolvimento. À clínica ou outros campos de atuação em que o desenvolvimento de classes de comportamentos que promovam melhor qualidade de vida aos indivíduos sob intervenção, a pertinência do desenvolvimento dessas classes de comportamentos pode se dar por favorecer maior autonomia aos clientes. Ao se tornarem capazes de identificar e demonstrar que covariações entre seus próprios comportamentos ocorrem por tais exercerem em conjunto função sobre o ambiente, diminuem sua vulnerabilidade a resignação diante das características de uma(s) suposta(s) personalidade(s) ou de suposto(s) eu(s). Daí em diante o desenvolvimento de novos sistemas de comportamentos ou a intervenção em sistemas já desenvolvidos e dos

quais decorrem prejuízos, pode ser melhor favorecido. É possível ainda conjecturar acerca do sentido da afirmação já clássica no meio clínico de indicar como objetivo de uma terapia: promover que o cliente “conheça-se a si mesmo”. Muito provavelmente, analistas de comportamento e terapeutas cuja atuação é embasada em outros sistemas explicativos têm entendimentos muito diferentes.

Por fim, as características das classes de comportamentos da categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” podem servir de fonte de informações que complementem o desenvolvimento das classes de comportamentos das categorias A e C. Ao tornarem passíveis de conhecimento as relações entre classes de componentes de comportamentos dos indivíduos implicadas na concepção de um “eu iniciador”, possibilitam que o repertório dos indivíduos que apresentam tal concepção seja avaliado. Com finalidade de que possam ser melhor planejadas as condições ao desenvolvimento de comportamentos contrários – como as classes de comportamentos da categoria C – e mais promissoras à autonomia e desenvolvimento de comportamentos “adaptativos” dos indivíduos.

## 4.

**CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS  
REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO  
“EU” NO CAPÍTULO “O SELF” DA OBRA *FAP -  
PSICOTERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL DE KOHLENBERG E  
TSAI (1991/2006)***

Ao exame das proposições da área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento em relação ao conceito “Eu” e do fenômeno a que tal conceito se refere, o capítulo “O Self” da obra “*FAP - Psicoterapia Analítico Funcional*”, de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) foi selecionado primeiramente por se tratar de uma obra embasada nos princípios do Behaviorismo Radical na qual o conceito “Eu” (ou sua tradução para o inglês “Self”) é investigado e em relação ao qual são realizadas conjecturas com base na fundamentação que sustenta as análises dos autores. Além disso, por se tratar de uma obra com impacto significativo tanto na produção científica quanto em intervenções diretas e indiretas em fenômenos comportamentais (Kohlenberg et al., 2005; Mangabeira, Kanter e Del Prette, 2012). Desde as proposições iniciais dos autores acerca de processos e procedimentos clínicos, tais se consolidaram como um “modelo” de intervenção clínica, classificado, inclusive, como pertencente ao que é concebido tanto no Brasil como internacionalmente como a “terceira onda de terapias comportamentais”. Tal expressão abrange algumas das proposições ao campo clínico derivadas dos conceitos da Análise Experimental do Comportamento que obtiveram maior destaque desde a década de 90 (Guilhardi e Vandenberghe, 2012).

Mas o que torna a obra em questão e especificamente seu capítulo “O Self” fontes relevantes e de *impacto* a respeito do conceito “Eu” produzido com base no sistema explicativo da Análise Experimental do Comportamento? A Psicoterapia Analítico Funcional (FAP) proposta por Kohlenberg e Tsai consiste em um modelo de intervenção clínico desenvolvido em um contexto em que psicoterapeutas analistas do comportamento identificavam carência de proposições da área específicas à modalidade de intervenção clínica (Kohlenberg et. al, 2005). Embasado nos princípios do Behaviorismo Radical, tal modelo apresenta como proposta a utilização da relação entre o cliente e o terapeuta como principal instrumento de intervenção nos “comportamentos-problema” do cliente, principalmente clientes que

apresentem dificuldades em relacionamentos interpessoais. O suposto é de que as classes de comportamentos por ele apresentadas em seu ambiente natural ocorram também na interação com o terapeuta e essas ocorrências consistam nas melhores oportunidades para intervenção nas classes de interesse.

Tal proposição pretendeu se opor (ou superar) à utilização principalmente do relato verbal como recurso de acesso às interações do cliente que necessitam alteração e à apresentação de consequências reforçadoras artificiais às mudanças observadas. Como alternativa considerada mais promissora, o terapeuta instrumentalizado com os procedimentos da FAP investe no desenvolvimento de uma relação “intensa”, “próxima” e “emocional” com o cliente, que favoreça a ocorrência de seus “comportamentos-problema” nas próprias sessões e possibilite ao terapeuta intervir neles diretamente por meio de consequências naturais. Na proposta de Kohlenberg e Tsai (1991/2006; 1994; 1987 apud Kohlenberg et. al, 2005; Kohlenberg, Hayes, e Tsai, 1993), a relação terapêutica é o principal contexto no qual são desenvolvidos processos de mudança.

A relevância das proposições dos autores e especificamente de sua apresentação na obra “*FAP - Psicoterapia Analítico Funcional*”, primeiramente publicada em 1991, se dá, em uma primeira análise, por atender à necessidade de constante desenvolvimento de conhecimento relacionado aos comportamentos profissionais do psicólogo clínico com base nos princípios do Behaviorismo Radical. Também em função da alta frequência com que clientes apresentam dificuldades em seus relacionamentos interpessoais, fenômeno enfatizado pelos autores. Além disso, o grande volume de publicações relacionadas à proposição dos autores – desde que foi apresentada, em 1991, até o ano de 2010 – relacionadas tanto a processos de investigação (empíricos ou teóricos) quanto relatos e análises de intervenções e supervisões realizadas com base na FAP (Mangabeira, Kanter e Del Prette, 2012), é indício de seu alto grau de impacto não apenas como subsídio a intervenções clínicas, mas a processos de produção de conhecimento a seu respeito.

A análise de Kohlenberg e Tsai em relação ao conceito “Eu” (ou sua tradução para o inglês “Self”) na obra em questão é apresentada dentro do mesmo contexto da obra. Os autores apresentam um conjunto de proposições acerca de fenômenos relacionados ao conceito “Eu” – tanto referências a classes de comportamentos apresentadas ao longo de processos de desenvolvimento de um fenômeno quanto após seu desenvolvimento – a fim de oferecer subsídios aos terapeutas intervirem nesses processos durante as sessões, por meio da relação terapêutica

“intensa”. Embora a contribuição do capítulo à intervenção clínica seja de grande valia, sua relevância extrapola os limites de tal modalidade de atuação do psicólogo. Além de proporem uma caracterização de como indivíduos desenvolvem a unidade de comportamento verbal “Eu” e o que se referiram como “experiência de Eu”, se referem também a aspectos do que seja o(s) fenômeno(s) a que o conceito “Eu” se refere. Sendo assim, apresentaram uma contribuição ao desenvolvimento conceitual da área da Análise Experimental do Comportamento em relação a um dos principais conceitos que a diferenciam dos demais tipos de conhecimento na Psicologia, cujo exame a fim de identificar as características das classes de comportamentos a que se referem foi considerado promissor. Tanto à caracterização do processo a que se referem por meio do conceito, à caracterização do modo como tal conceito é apresentado e ao contraste a ser realizado com a proposição de Skinner apresentada em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), autor em cuja produção científica Kohlenberg e Tsai (1991/2006) afirmam se embasar.

### **1. Classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere**

Os nomes das 30 classes de comportamentos identificadas ou derivadas a partir do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como as referidas pelos conceitos “Eu” ou “Self” utilizados pelos autores são apresentados na Tabela 4.1. 12 classes de comportamentos foram classificadas como constituintes da categoria A. “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”; 12 foram classificadas como constituintes da categoria B. “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”; e seis foram classificadas como constituintes da categoria C. “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’”. Os nomes das classes de comportamentos identificadas a partir das informações da obra estão apresentados primeiramente e sem nenhum destaque, enquanto os nomes das inteiramente derivadas estão apresentados na sequência, com destaque itálico.

TABELA 4.1

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS E DERIVADAS A PARTIR DO CAPÍTULO “O SELF” DA OBRA “FAP – PSICOTERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL” DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006) COMO AQUELAS ÀS QUAIS O CONCEITO “EU” SE REFERE, DISTRIBUÍDAS POR CATEGORIA**

CATEGORIA	NOMES DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS
<p align="center"><b>A.</b> <b>CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO DA UNIDADE FUNCIONAL “EU” E DE TAL UNIDADE DEPOIS DE DESENVOLVIDA</b></p>	<p>A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores</p> <p>A2. Responder verbalmente “eu+ação+objeto” como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto</p> <p>A3. Responder verbalmente “eu+ação+objeto” como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto</p> <p>A4. Responder verbalmente “eu+ação” como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto</p> <p>A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis</p> <p>A6. Responder verbalmente “eu” como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva</p> <p>A7. Experienciar o “Eu” como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor</p> <p><i>A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores</i></p> <p><i>A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis</i></p> <p><i>A10. Experienciar o “Eu” como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor</i></p> <p><i>A11. Responder verbalmente “objeto” como uma unidade funcional sob controle de estímulos públicos de objetos variáveis</i></p> <p><i>A12. Experienciar o “Eu” como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor</i></p>
<p align="center"><b>B.</b> <b>CARACTERIZAÇÃO DOS PROCESSOS OU EVENTOS A QUE AS UNIDADES FUNCIONAIS CONSTITUÍDAS DO TERMO “EU” SE REFEREM</b></p>	<p>B1. Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados</p> <p>B2. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação+objeto” desenvolvida</p> <p>B3. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação” desenvolvida</p> <p>B4. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” desenvolvida</p> <p>B5. Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal “Eu” em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento</p> <p>B6. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” após seu desenvolvimento</p> <p>B7. Caracterizar a experiência do “Eu”</p> <p>B8. Caracterizar a experiência da própria ação</p> <p>B9. Caracterizar o “Eu”</p> <p><i>B10. Caracterizar componentes públicos da própria ação</i></p> <p><i>B11. Caracterizar componentes privados da própria ação</i></p> <p><i>B12. Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo “eu” se referem</i></p>
<p align="center"><b>C.</b> <b>CARACTERÍSTICAS DE COMPORTAMENTOS FAVORECEDORES DA CONCEPÇÃO DE UM “EU INICIADOR”</b></p>	<p>C1. Experienciar “Eu” como evento de natureza distinta da física</p> <p>C2. Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente</p> <p>C3. Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal</p> <p>C4. Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal “dizer Eu” como evento desprovido de características físicas</p> <p>C5. Caracterizar “Eu” como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo</p> <p><i>C6. Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional “Eu” se refere, bem como suas propriedades</i></p>



## **2. Componentes das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere**

As 30 classes de comportamentos identificadas ou derivadas a partir das informações do capítulo “O Self” da obra “FAP - Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) têm suas características apresentadas nas Tabelas 4.2 a 4.31, organizadas conforme a categoria a que pertencem – categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”, categoria B “Conhecer as propriedades dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘Eu’ se referem” e categoria C “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’” –, bem como conforme o processo por meio da qual foram originadas: se identificadas ou derivadas a partir das unidades de informação da fonte de informações.

Conforme a função que as classes de eventos identificadas ou derivadas exercem nos sistemas de relações que constituem classes de comportamentos, foram registradas nas tabelas como constituintes das classes de comportamentos ou como operações que interferem no valor reforçador das classes de estímulos consequentes. Tais tabelas representam análises funcionais das classes de comportamentos e são constituídas de quatro colunas e cinco linhas. Da esquerda para a direita, na primeira e segunda colunas estão registradas as classes de eventos cuja função nos sistemas de relações que constituem as classes de comportamentos é de “classes de estímulos antecedentes”. Na primeira coluna, especificamente as (1) “classes de estímulos antecedentes condicionais”, representadas pela sigla “Sc”; e na segunda as (2) “classes de estímulos antecedentes discriminativos”, representadas por “Sd”. Na terceira coluna estão registradas as (3) “classes de respostas”; e na quarta as (4) “classes de estímulos consequentes”. Na primeira linha das tabelas estão representadas as (5) “operações motivadoras” que interferem no valor reforçador dos estímulos consequentes das classes de estímulos consequentes identificadas. E na última linha, local de registro dos últimos elementos propostos, estão os nomes das classes de comportamentos propostas a partir dos componentes identificados e derivados.

Diferentemente das tabelas em que são representadas as análises funcionais elaboradas a partir das informações do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003), as tabelas nas quais são apresentadas as características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das informações da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) não apresentam uma coluna destinada ao registro de “classes de estímulos antecedentes contextuais” por não terem sido identificadas classes de componentes com tais funções nas classes de comportamentos. Classes de componentes identificadas diretamente a partir das unidades de informação da obra não apresentam nenhuma formatação especial, enquanto as classes de componentes derivadas a partir das unidades de informação da obra e dos demais componentes apresentam destaque itálico. Há classes de comportamentos com colunas preenchidas com hífen “-”, os quais representam lacunas na identificação de componentes a partir da obra e impossibilidade derivá-los a partir dos demais componentes da classe de comportamentos.

### **2.1. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”**

A partir das informações apresentadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) foram identificadas e derivadas classes de componentes de classes de comportamentos relacionadas à unidade funcional “Eu”, que consiste na menor unidade de comportamento verbal de tato constituída unicamente do termo “Eu”. Dentre tais classes de comportamentos, há tanto classes envolvidas no processo de desenvolvimento da unidade funcional em questão, ao longo do qual unidades maiores de comportamentos verbais de tato constituídas do termo “Eu” são desenvolvidas e fragmentadas pelo indivíduo, quanto classes envolvidas na utilização do termo depois de desenvolvido como uma unidade independente de comportamento verbal.

### ***2.1.1. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”***

Dentre as classes de comportamentos agrupadas na categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”, as classes A1, A2, A3, A4, A5, A6 e A7, representadas respectivamente nas Tabelas 4.2, 4.3, 4.5, 4.6, 4.7 e 4.8, foram identificadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). A classe de comportamentos A1 “Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis por pais ou cuidadores” se refere a uma classe de comportamentos genérica que abrange quaisquer comportamentos de uma criança em seus dois primeiros anos de vida que envolvam uma ação em relação a um objeto cujas dimensões públicas – da ação – sejam observáveis aos pais ou cuidadores. A delimitação da necessidade de observação da ação pelos pais ou cuidadores constitui a classe de comportamentos e é explicitada em seu nome dada a relevância que os estímulos consequentes apresentados pelos pais ou cuidadores às ações dos filhos por selecionarem as classes de respostas da criança.

A classe de respostas “*apresentar ação em relação ao objeto, cujos componentes públicos são observáveis para os pais ou cuidadores*” se refere, tal qual sinaliza o nome da classe de comportamentos, a quaisquer ações da criança em relação a um objeto constituídas de propriedades públicas que podem ser observadas pelos pais ou pelos cuidadores da criança. A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “*objetos no campo visual da criança*” estabelece a ocasião para a ocorrência de respostas da classe de respostas que produzam estímulos das classes de estímulos consequentes e se refere a quaisquer objetos observáveis pela criança em relação aos quais ela tenha condições de apresentar ações.

Como estímulos antecedentes condicionais (Sc), há três classes: “dois primeiros anos de vida / período em que a criança aprende a falar”, “*presença dos pais ou cuidadores*”, “*criança no campo visual dos pais ou cuidadores*” e “*objeto no campo visual dos pais ou cuidadores*”. Todas são referentes às condições nas quais os estímulos discriminativos exercem tal função em relação à possibilidade de respostas da classe de respostas serem seguidas de estímulos de determinada classe de estímulos consequentes. Ações da criança em

relação a objetos em situações em que os pais ou cuidadores não estão presentes, portanto, não constituem a classe de comportamentos em questão. As três classes de estímulos consequentes, “ação apresentada em relação ao objeto”, “efeitos produzidos no objeto pela ação apresentada” e “componentes públicos da ação em relação ao objeto observáveis para os pais ou cuidadores”, se referem às consequências imediatas das respostas da classe de respostas.

**TABELA 4.2 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A1. COMPORTAR-SE EM RELAÇÃO A UM OBJETO DE MODO QUE OS COMPONENTES PÚBLICOS DA AÇÃO SEJAM OBSERVÁVEIS PARA OS PAIS OU CUIDADORES”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- dois primeiros anos de vida/ período em que a criança aprende a falar</li> <li>- presença dos pais ou cuidadores</li> <li>- criança no campo visual dos pais ou cuidadores</li> <li>- objeto no campo visual dos pais ou cuidadores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- objeto no campo visual da criança</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- apresentar ação em relação ao objeto, cujos componentes públicos são observáveis para os pais ou cuidadores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ação apresentada em relação ao objeto</li> <li>- efeitos produzidos no objeto pela ação apresentada</li> <li>- componentes públicos da ação em relação ao objeto observáveis para os pais ou cuidadores</li> </ul>

**Nome: Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis por pais ou cuidadores**

A primeira classe de comportamentos relacionada diretamente ao comportamento verbal que envolve o termo “eu” é a classe “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto”, representada na Tabela 4.3. Tal classe se refere à apresentação de um comportamento verbal de tato<sup>7</sup> relacionado à realização, pelo próprio indivíduo, de uma ação em relação a um objeto. Tal tato inclui os termos “eu”, “ação” e “objeto”, sendo os termos “ação” e “objeto” específicos conforme o tipo de ação apresentada e o tipo de objeto em relação ao qual é apresentada.

Na classe de comportamentos em questão, os três termos em conjunto constituem uma única unidade funcional, o que quer dizer que somente em conjunto são uma unidade de comportamento verbal. “Dizer ‘eu’+‘ação’+‘objeto’ de modo a ter um significado muito mais próximo do tato simples ‘objeto’” consiste na classe de respostas constituinte do comportamento e se refere a uma resposta verbal constituída de uma unidade funcional que além de ser constituída de três termos, possui significado próximo ao tato simples “objeto” como uma unidade funcional. Isso significa que além de os termos “eu” e “ação” não consistirem em unidades funcionais independentes, na classe de comportamento em questão são apresentadas agregadas ao termo “objeto” que pode se configurar como uma unidade funcional independente.

As condições sem as quais a classe de estímulos discriminativos da classe de comportamentos não exerce tal função consistem na presença de um objeto, na realização pelo próprio indivíduo de uma ação em relação a tal objeto e na ocasião em que pais ou cuidadores ensinam a unidade funcional em questão. Consistem nas classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc): “situação em que pais ou cuidadores ensinam a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ pela primeira vez”, “própria ação específica em relação a um objeto” e “objeto específico em relação ao qual o indivíduo realiza a ação”. A classe de estímulos discriminativos (Sd) consiste em “estímulos públicos essenciais da própria ação em relação ao objeto na situação em que os pais ou cuidadores ensinam a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ pela primeira vez”. Da ação apresentada pelo próprio indivíduo em relação a um objeto, elemento constituinte do conjunto de classes de estímulos

---

<sup>7</sup> O termo “tato” é utilizado de maneira genérica para se referir aos diferentes tamanhos da frase (“eu + vejo + maçã”, “eu + vejo” e “eu”), cada qual controlado por estímulos ou conjuntos de estímulos específicos.

condicionais, apenas suas propriedades públicas e observáveis a terceiros consistem nos eventos com função discriminativa.

**TABELA 4.3 - CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A2. RESPONDER VERBALMENTE ‘EU+AÇÃO+OBJETO’ COMO UMA UNIDADE FUNCIONAL, SOB CONTROLE DO OBJETO E DE ESTÍMULOS PÚBLICOS COMPONENTES DA PRÓPRIA AÇÃO EM RELAÇÃO AO OBJETO”, DA AÇÃO SEJAM OBSERVÁVEIS PARA OS PAIS OU CUIDADORES”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- situação em que pais ou cuidadores ensinam a unidade funcional “eu+ação+objeto” pela primeira vez</li> <li>- própria ação específica em relação a um objeto</li> <li>- objeto específico em relação ao qual o indivíduo realiza a ação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulos públicos essenciais da própria ação em relação ao objeto na situação em que os pais ou cuidadores ensinam a unidade funcional “eu+ação+objeto” pela primeira vez</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- dizer “eu+ação+objeto” de modo a ter um significado muito mais próximo do tato simples “objeto”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- expressão “eu+ação+objeto” específica desenvolvida como uma unidade funcional</li> <li>- <i>apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</i></li> <li>- primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” desenvolvido</li> </ul>

**Nome: Responder verbalmente “eu+ação+objeto” como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto**

“Expressão ‘eu+ação+objeto’ específica desenvolvida como uma unidade funcional” consiste em uma das classes de estímulos consequentes, referente à consequência imediata das respostas da classe de respostas. A segunda classe de estímulos consequentes, “*apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores*”, se refere às consequências reforçadoras apresentadas às respostas da classe de respostas. A última classe, “primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ desenvolvido”, se refere à conclusão de uma primeira etapa, artificialmente delimitada pelos autores da fonte de informações, do desenvolvimento da unidade funcional “Eu”, em que tal termo ainda não é uma unidade funcional independente, mas já compõe uma unidade de comportamento verbal. O nome da classe “Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” enfatiza a relação entre a classe de estímulos antecedentes discriminativos e a classe de respostas.

A classe de comportamentos “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” está representada na Tabela 4.4. Trata-se de uma classe semelhante à A2, representada na Tabela 4.3, porém se distingue em função de a classe de respostas, “dizer ‘eu+ação+objeto’ em relação a situações em que a ação é apresentada em relação a objetos variáveis”, estar relacionada a uma ação do indivíduo apresentada em relação a distintos objetos, não apenas um.

As classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) que constituem a classe são “objetos variáveis” e “própria ação apresentada em relação a cada objeto”. A primeira se refere à disposição ao indivíduo de não somente um objeto, mas de vários, e a segunda faz referência a uma mesma ação ser apresentada em relação a cada um dos distintos objetos. A ocorrência de estímulos dessas classes torna discriminativos (Sd) os estímulos antecedentes constituintes da classe “estímulos públicos de cada ação do indivíduo em relação aos objetos, variáveis conforme o objeto”, que é constituída das propriedades observáveis de cada ação em relação aos objetos distintos. Ações de uma mesma classe, ao serem apresentadas em relação a objetos distintos, necessariamente têm suas propriedades alteradas e, dentre elas, as publicamente observáveis por terceiros que, no caso da classe de comportamentos em questão, exerce função discriminativa.

**TABELA 4.4 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A3. RESPONDER VERBALMENTE ‘EU+AÇÃO+OBJETO’ COMO UMA UNIDADE FUNCIONAL EM DIFERENTES SITUAÇÕES, SOB CONTROLE DO OBJETO VARIÁVEL E DE ESTÍMULOS PÚBLICOS VARIÁVEIS COMPONENTES DA AÇÃO INVARIÁVEL EM RELAÇÃO AO OBJETO”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- objetos variáveis - própria ação apresentada em relação a cada objeto	- estímulos públicos de cada ação apresentada pelo indivíduo em relação aos objetos, variáveis conforme o objeto	- dizer “eu+ação+objeto” em relação a situações em que a ação é apresentada em relação a objetos variáveis	- <i>expressão “eu+ação+objeto” apresentada como uma unidade funcional sob controle dos estímulos públicos variáveis da ação em relação a objetos variáveis</i> - <i>apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</i> - <i>várias unidades funcionais grandes constituídas por “eu”+“ação”+“objeto” desenvolvidas como um todo</i>

**Nome: Responder verbalmente “eu+ação+objeto” como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da própria ação invariável em relação ao objeto**

Exercem função de classes de estímulos consequentes as classes de eventos “*expressão ‘eu+ação+objeto’ apresentada como uma unidade funcional sob controle dos estímulos públicos variáveis da ação em relação a objetos variáveis*”, consequência imediata das respostas da classe de respostas; “*apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores*”, referente às consequências reforçadoras fornecidas pelo outro como avaliação do comportamento; e “*várias unidades funcionais grandes constituídas por ‘eu+ação+objeto’ desenvolvidas como um todo*”, que enfatiza o desenvolvimento não somente de uma unidade funcional constituída dos três termos, mas várias. O nome “Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” proposto à classe de comportamentos tem como base a relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes, tanto condicionais quanto discriminativos.

A classe de comportamentos “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” se refere à diminuição da unidade funcional, de “eu+ação+objeto” para “eu+ação” e está representada na Tabela 4.5. Sendo tal classe parte de um processo de desenvolvimento da unidade funcional “Eu”, está localizada em algum “ponto” de tal processo. Especificamente, após o desenvolvimento de diversas unidades funcionais “eu + ação + objeto”, como evidencia a classe de eventos “*variedades de unidades funcionais grandes envolvendo ‘eu+ação X’ e ‘objeto’ desenvolvidas*”, que exerce função de operação motivadora à classe de comportamentos em questão.

**TABELA 4.5 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A4. RESPONDER VERBALMENTE ‘EU+AÇÃO’ COMO UMA UNIDADE FUNCIONAL, SOB CONTROLE DE ESTÍMULOS PRIVADOS E/OU PÚBLICOS PERMANENTES CONSTITUINTES DE UMA AÇÃO ESPECÍFICA EM RELAÇÃO AO OBJETO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** variedades de unidades funcionais grandes envolvendo “eu + ação X” e “objeto” desenvolvidas

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<p>- objeto</p> <p>- própria ação específica em relação ao objeto</p>	<p>- estímulos públicos da própria ação específica em relação ao objeto</p> <p>- estímulos privados à ação específica do indivíduo</p>	<p>- dizer “eu+ação”</p>	<p>- expressão “eu+ação” apresentada como uma unidade funcional</p> <p>- unidade funcional menor constituída por “eu+ação” desenvolvida como unidade</p> <p>- apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</p> <p>- segundo estágio de desenvolvimento da unidade funcional “Eu” desenvolvido</p> <p>- aumento do grau de probabilidade de a unidade funcional “eu”+“ação” ser combinada com quase todos os outros tatos de objetos que estão no repertório</p> <p>- aumento do grau de probabilidade de dizer frases constituídas por “eu”+“ação”+“objeto” mesmo sem tê-las pronunciado anteriormente</p>

**Nome: Responder verbalmente “eu+ação” como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto**

A classe de eventos que exerce função de operação motivadora se refere a consequências do desenvolvimento prévio de outras classes de comportamentos no repertório do indivíduo. Especificamente do desenvolvimento de várias unidades funcionais constituídas dos termos “eu”, “ação” e “objeto”, sendo variável o termo “objeto” de cada unidade e constantes os termos “eu” e “ação”, por isso a delimitação “ação X”. Ou seja, cada unidade funcional previamente desenvolvida consiste em um comportamento verbal de tato referente à apresentação de ações de uma mesma classe em relação a diferentes objetos (ex: “eu vejo maçã”, “eu vejo mamãe”, “eu vejo brinquedo”), cada qual sob controle exclusivamente de estímulos públicos das ações em relação aos objetos. Como se referem a ações de uma mesma classe efetivamente realizada em relação a objetos variáveis, a realização de várias delas possibilita que os estímulos antecedentes privados em comum passem também a exercer função discriminativa a unidades funcionais verbais, os quais constituem uma das classes de comportamentos em questão como classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd): “*estímulos privados da própria ação específica do indivíduo*”. De tal classe, é válido ressaltar que consiste na primeira ocorrência de controle de estímulos privados – ainda que parcial – em relação a respostas verbais de tato do indivíduo, dentre as identificadas e derivadas a partir do capítulo “O Self” da obra em exame (Kohlenberg e Tsai, 1991/2006). A outra classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd), “*estímulos públicos da própria ação específica em relação ao objeto*”, consiste na classe que também exerce controle sobre a resposta verbal de tato “eu + ação + objeto” do indivíduo.

A classe de respostas que se torna possível de ser apresentada em função de consequências do repertório previamente desenvolvido é “dizer ‘eu+ação’” como uma unidade funcional, que consiste no elemento comum de em cada uma das variedades de respostas verbais “eu+ação+objeto” referentes a comportamentos semelhantes apresentados em relação a objetos distintos. “*Objeto*” e “*própria ação específica em relação ao objeto*” consistem nas classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) da classe de comportamentos. A exigência de se tratar de uma ação específica se dá em função de as respostas da classe de respostas ocorrerem sob controle de aspectos de uma ação invariável que pode ser apresentada em relação a quaisquer objetos. Além dos estímulos privados associados à ação do indivíduo apresentadas em relação a um objeto exercerem função discriminativa em relação às respostas da classe de respostas, também exercem tal

função (Sd) os estímulos da classe “*estímulos públicos associados à ação específica do indivíduo*”.

As duas primeiras classes de estímulos consequentes, “*expressão ‘eu+ação’ apresentada como uma unidade funcional*” e “*unidade funcional menor constituída por ‘eu+ação’ desenvolvida como unidade*” consistem nas consequências imediatas das respostas da classe de respostas. A terceira, “*apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores*”, se refere à avaliação apresentada pelos pais ou cuidadores relacionada à aprovação das respostas da classe de respostas. “Segundo estágio de desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ desenvolvido”, quarta classe de estímulos consequentes, se refere à delimitação artificial dos autores da obra utilizada como fonte de informações a respeito da finalização de mais uma etapa de desenvolvimento da unidade funcional “Eu”. As duas últimas consistem em referências a alterações provocadas nas probabilidades de ocorrência de outras classes de comportamentos: “*aumento do grau de probabilidade de a unidade funcional ‘eu+ação’ ser combinada com quase todos os outros tatos de objetos que estão no repertório*” e “*aumento do grau de probabilidade de dizer frases constituídas por ‘eu+ação+objeto’ mesmo sem tê-las pronunciado anteriormente*”.

A partir do desenvolvimento da unidade funcional “eu+ação” de maneira independente, se torna possível apresentá-la em conjunto com unidades funcionais também independentes e previamente desenvolvidas referentes a quaisquer objetos, tenham os termos sido apresentados em conjunto em um comportamento verbal de tato ou não. Exemplo de uma situação em que uma frase constituída das unidades funcionais em questão é apresentada pelo indivíduo sem nunca tê-la falado anteriormente é quando tem previamente desenvolvidas em seu repertório as unidades funcionais “eu como” e “maçã” separadamente e passa a apresentá-las em conjunto, “eu como maçã”, sem necessidade de ensino explícito. O nome “Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” proposto à classe de comportamentos possui ênfase na relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

Na Tabela 4.6 está representada a classe de comportamentos “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis”.

**TABELA 4.6 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A5. RESPONDER VERBALMENTE ‘EU+AÇÃO’ COMO UMA UNIDADE FUNCIONAL EM DIFERENTES SITUAÇÕES, SOB CONTROLE DE ESTÍMULOS PRIVADOS E/OU PÚBLICOS PERMANENTES CONSTITUINTES DE CADA AÇÃO VARIÁVEL EM RELAÇÃO A OBJETOS VARIÁVEIS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>objetos variáveis</i></li> <li>- <i>próprias ações variáveis em relação aos objetos</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>estímulos privados associados às ações do indivíduo</i></li> <li>- <i>estímulos públicos das ações do indivíduo variáveis conforme a ação e conforme o objeto</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- dizer “eu + ação” em relação a situações em que ações variáveis são apresentadas em relação a objetos também variáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>expressão “eu+ação” apresentada como uma unidade funcional</i></li> <li>- <i>unidades funcionais menores constituídas por “eu+ação” desenvolvidas como unidades</i></li> <li>- <i>apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</i></li> <li>- <i>aumento do grau de probabilidade de aspectos privados passarem a exercer controle sobre a unidade funcional “eu”</i></li> </ul>

**Nome: Responder verbalmente “eu+ação” como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis**

Tal classe é caracterizada tanto pela classe de respostas constituída da unidade funcional “eu+ação” quanto pelo controle que estímulos públicos e/ou privados exercem em relação às respostas da classe de respostas, aspectos equivalentes aos da classe de comportamentos A4 (Tabela 4.5). Diferem entre si em relação à variabilidade do termo “ação” constituinte da unidade funcional de ambas as classes de comportamentos, evidenciada no nome da classe a partir das especificidades “em diferentes situações”, que complementa sua classe de respostas, e “constituíntes de cada ação variável em relação a objetos”, que complementa as classes de estímulos antecedentes discriminativos que exercem controle sobre as respostas. A unidade funcional “eu + ação” da classe A5 em questão é apresentada não apenas sob controle de aspectos de uma ação específica apresentada pelo próprio indivíduo em relação a um objeto, mas sob controle de ações apresentadas em relação a distintos objetos.

Enquanto na classe de comportamentos A4 o termo “ação” da unidade funcional “eu+ação” se refere exclusivamente a uma ação, na classe de comportamentos A5 se refere a ações variáveis. A classe de respostas constituinte da classe de comportamentos e identificada a partir da obra é “dizer ‘eu+ação’ em relação a situações em que ações variáveis são apresentadas em relação a objetos também variáveis”. Apesar da menção à possibilidade de variação de objetos, a diferença nuclear dessa classe de respostas é a variação das ações às quais o termo “ação” se refere. As classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) são “*objetos variáveis*” e “*próprias ações variáveis em relação aos objetos*”. Em função de sua ocorrência é que as classes de estímulos “*estímulos privados associados às ações do indivíduo*” e “*estímulos públicos das ações do indivíduo variáveis conforme a ação e conforme o objeto*”, referentes a estímulos públicos e privados constituintes de cada uma das ações apresentadas em relação a objetos, se tornam discriminativas (Sd) às respostas da classe de respostas.

As duas primeiras classes de estímulos consequentes, “*expressão “eu+ação” apresentada como uma unidade funcional*” e “*unidades funcionais menores constituídas por ‘eu+ação’ desenvolvidas como unidades*”, consistem nas consequências imediatas das respostas da classe de respostas. “*Apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores*” consiste na expressão de avaliação positiva dos pais ou cuidadores em relação ao comportamento apresentado. A última classe de estímulos consequentes, “*aumento do grau de probabilidade de aspectos privados passarem a exercer controle sobre a unidade funcional ‘eu’*” se refere à alteração produzida na probabilidade de ocorrência de

outra classe de comportamentos, em que somente o termo “eu” consiste em uma unidade funcional. O nome “Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos” proposto à classe de comportamentos enfatiza a relação entre as classes de estímulos antecedentes e a classe de respostas.

Na Tabela 4.7 está representada a classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘Eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva”, constituída pela unidade funcional “eu” independente dos termos “ação” e “objeto”, a qual consiste na menor unidade funcional possível constituída pelo termo “eu”. Após o desenvolvimento de diversas unidades funcionais constituídas dos termos “eu” e “ação” caracterizadas pelo termo “eu” em comum e o termo “ação” variável conforme a ação do indivíduo sob controle da qual o comportamento verbal é apresentado, o indivíduo se torna capaz de apresentar uma classe de respostas sob controle exclusivamente dos estímulos antecedentes comuns a todas as classes de comportamentos envolvendo as unidades funcionais “eu+ação”. Os estímulos antecedentes em comum consistem nos referentes exclusivamente ao termo “eu”.

A classe de respostas que a constitui é “dizer ‘eu’”, sendo tal termo uma unidade funcional independente. As classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) da classe de comportamentos são “estímulos do lugar em que o indivíduo se encontra”, “comportamentos do indivíduo” e “estímulos privados dos comportamentos do indivíduo”. Referem-se aos estímulos que constituem tanto o local em que o indivíduo está inserido quanto seus comportamentos e, desses comportamentos, exclusivamente os estímulos privados que os constituem.

**TABELA 4.7 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A6. RESPONDER VERBALMENTE ‘EU’ COMO UMA UNIDADE FUNCIONAL, SOB CONTROLE DO ESTÍMULO PRIVADO PERSPECTIVA”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** quantidade considerável de unidades funcionais maiores desenvolvidas (tatos “eu + ação” e “eu + ação + objeto”)

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulos do lugar em que o indivíduo se encontra</li> <li>- comportamentos do indivíduo</li> <li>- estímulos privados dos comportamentos do indivíduo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulo privado perspectiva [constituída pela relação entre as características do local no espaço onde o indivíduo se encontra (aqui) e onde acontece a atividade privada constituente de comportamentos do indivíduo e as características do local onde não se encontra (lá), constituído de eventos públicos e privados] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- dizer “Eu”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- expressão “Eu” apresentada como uma unidade funcional</li> <li>- unidade funcional menor e única do “Eu” desenvolvida</li> <li>- apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores</li> </ul>

**Nome: Responder verbalmente “eu” como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva**

A ocorrência das classes de estímulos condicionais é ocasião na qual os estímulos da classe “estímulo privado perspectiva” exercem função discriminativa (Sd) às respostas da classe de resposta. Tal classe de estímulos, como especificado na própria análise da classe de comportamentos, consiste na relação constante entre o “local” onde ocorrem todas as propriedades privadas das ações do indivíduo – local onde o indivíduo se encontra – e as características do “local” onde não ocorrem tais propriedades – local onde não se encontra. O ambiente externo em que o indivíduo está inserido sofre alterações a cada instante, conforme características propriamente do ambiente externo, independentes da intervenção do indivíduo, ou conforme suas ações apresentadas em relação ao ambiente. Também o indivíduo varia em relação às propriedades que lhe constituem conforme as circunstâncias ou conforme o passar do tempo. Há um aspecto presente em todas as interações do indivíduo com o meio, no entanto, invariável e atemporal, que consiste no lócus de onde todas as tais interações ocorrem, oposto ao lócus onde não ocorrem. Essa “perspectiva” do indivíduo em relação ao ambiente ao redor e em relação às suas próprias interações com tal ambiente consiste na classe de estímulos comum a todas as classes de comportamentos constituídas das unidades funcionais “eu+ação+objeto” e “eu+ação”, a qual passa a exercer controle sobre o termo invariável de tais unidades funcionais e que se torna uma unidade independente de comportamento verbal de tato, o termo “eu”.

“*Expressão ‘Eu’ apresentada como uma unidade funcional*” e “unidade funcional menor e única do ‘Eu’ desenvolvida” consistem nas duas primeiras classes de estímulos consequentes da classe de comportamentos e se referem às consequências imediatas das respostas da classe de respostas. Uma expressão de avaliação positiva dos pais ou cuidadores em relação à apresentação da unidade funcional “eu” consiste na terceira classe de estímulos consequentes: “*apresentação pelos pais ou cuidadores de estímulos reforçadores*”. Não há uma classe de estímulos consequentes referente à delimitação do término de um terceiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “eu”, pois a classe de comportamentos em questão se refere tanto à primeira vez em que um comportamento dessa classe é apresentado, que poderia ser considerado referência à delimitação do terceiro estágio, quanto a quaisquer outras apresentações de comportamentos da classe, as quais se refeririam à apresentação da unidade funcional “eu” já desenvolvida. O nome atribuído à classe de comportamentos é embasado na relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

A classe de comportamentos “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” representada na Tabela 4.8 se refere a uma implicação da ocorrência da classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva”, representada na Tabela 4.7. A classe de comportamento em questão se refere a uma implicação do desenvolvimento da unidade de comportamento verbal constituída exclusivamente do termo “eu” – que ocorre na classe de comportamentos A6, representada na Tabela 4.7: a percepção de que há um referente em relação ao qual o termo se dirige, do mesmo modo como os termos “ação” e “objeto” se referem a (têm correlação com) eventos do ambiente ou de interação de ações do indivíduo com o ambiente. Por decorrer do desenvolvimento da unidade funcional “eu” independente de outros termos, se refere à percepção de um “eu” independente das ações do organismo e dos objetos com os quais tais ações se relacionam, como enfatizado em sua redação: “*notar instância ‘eu’ de maneira dissociada das ações apresentadas e dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações*”.

Os estímulos discriminativos às respostas da classe de respostas são constituintes da mesma classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) da classe verbal de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva”: “estímulo privado perspectiva”. Tal classe é repetida em ambas as classes de comportamentos por ser em função do desenvolvimento do unidade funcional “eu” que o evento privado “perspectiva” adquire função discriminativa e passa a controlar também a resposta “*notar instância ‘eu’ (...)*”: “Variação nas características físicas pessoais” e “variação na localização pessoal” consistem nas classes de estímulos condicionais (Sc), relacionadas não somente às características físicas do indivíduo e à sua localização, mas à variação desses. Em função de o “estímulo interno perspectiva” requerer não somente alteração nas características do indivíduo e em sua localização, mas também a apresentação de comportamentos e, especificamente, suas propriedades privadas para que possa exercer função discriminativa, “*comportamentos do indivíduo*” e “*estímulos privados dos comportamentos do indivíduo*” também constituem a classe de comportamentos como classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc).

**TABELA 4.8 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A7. EXPERIENCIAR O ‘EU’ COMO UMA INSTÂNCIA DISSOCIADA DAS PRÓPRIAS AÇÕES E DOS OBJETOS A SEU REDOR”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<p>- variação nas características físicas pessoais</p> <p>- variação na localização pessoal</p> <p>- <i>comportamentos do indivíduo</i></p> <p>- <i>estímulos privados dos comportamentos do indivíduo</i></p>	<p>- estímulo privado perspectiva [constituída pela relação entre as características do local no espaço onde o indivíduo se encontra (aqui) e onde acontece a atividade privada constituente de comportamentos do indivíduo e as características do local onde não se encontra (lá), constituído de eventos públicos e privados] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades</p>	<p>- <i>notar instância “eu” de maneira dissociada das ações apresentadas e dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações</i></p>	<p>- experiência do “Eu” <i>como uma instância independente das próprias ações e dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações</i> desenvolvida</p>

**Nome: Experienciar o “Eu” como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor**

A classe de estímulos consequentes “experiência do ‘Eu’ *como uma instância independente das próprias ações e dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações desenvolvida*” consiste na consequência imediata das respostas da classe de respostas. O nome “Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” da classe de comportamentos é embasado no termo “experienciar” utilizado pelos autores da obra utilizada como fonte de informações e nas características da relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

### ***2.1.2. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria A***

Também pertencentes à categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”, as classes de comportamentos A8, A9, A10, A11 e A12 foram inteiramente derivadas a partir das informações apresentadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) e estão representadas respectivamente nas Tabelas 4.9 a 4.13. A classe de comportamentos “A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, está representada na Tabela 4.9. Sua derivação partiu de características da classe de comportamentos “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” (Tabela 4.4), já que à ocorrência de tal classe é requerido o desenvolvimento de comportamentos do indivíduo em relação a diversos objetos por meio de uma mesma ação.

A classe A8 em questão é bastante genérica e se assemelha à classe “A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, representada na Tabela 4.2. Difere em relação aos objetos em relação aos quais as respostas da classe de respostas são apresentadas: enquanto na classe de comportamentos A1 a classe de respostas é constituída apenas de uma ação em relação a um objeto, a classe de respostas da classe de comportamentos A8, “*apresentar ação em relação aos objetos variáveis, cujos componentes públicos são observáveis para os pais ou cuidadores*”, é constituída de uma ação em relação a diversos objetos. A ação é equivalente, mas com alterações

conforme o objeto variável em relação ao qual é apresentada – por exemplo, “comer uma maçã”, “comer um pastel”, “comer sushi” etc. em que ação “comer” é apresentada em relação a objetos (comidas, no caso) diferentes.

**TABELA 4.9 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A8. COMPORTAR-SE EM RELAÇÃO A OBJETOS VARIÁVEIS DE MODO QUE OS COMPONENTES PÚBLICOS DA AÇÃO SEJAM OBSERVÁVEIS PARA OS PAIS OU CUIDADORES”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<p>- presença dos pais ou cuidadores</p> <p>- objetos variáveis no campo visual dos pais ou cuidadores</p> <p>- criança no campo visual dos pais ou cuidadores</p>	<p>- objetos variáveis no campo visual da criança</p>	<p>- apresentar ação em relação aos objetos variáveis, cujos componentes públicos são observáveis para os pais ou cuidadores</p>	<p>- ação apresentada em relação aos objetos variáveis</p> <p>- objetos variáveis sob efeito da ação apresentada</p> <p>- componentes públicos da ação em relação aos objetos variáveis observados pelos pais ou cuidadores</p>

**Nome: Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores**

Tal qual a classe de comportamentos A1, a condição que restringe a amplitude da classe de comportamentos é a especificação de que a ação apresentada tenha seus componentes públicos observáveis pelos pais ou cuidadores, assim como os objetos em relação aos quais está relacionada. “*Presença dos pais ou cuidadores*”, “*objetos variáveis no campo visual dos pais ou cuidadores*” e “*criança no campo visual dos pais ou cuidadores*” consistem nas classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) da classe de comportamentos, que estabelecem a ocasião na qual os estímulos discriminativos constituintes da classe (Sd) “*objetos variáveis no campo visual da criança*” exercem função discriminativa à classe de respostas. As três classes de estímulos consequentes, “*ação apresentada em relação aos objetos variáveis*”, “*objetos variáveis sob efeito da ação apresentada*” e “*componentes públicos da ação em relação aos objetos variáveis observados pelos pais ou cuidadores*”, consistem em consequências imediatas da classe de respostas. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, tem como base a relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

A classe de comportamentos “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis”, representada na Tabela 4.10, é também referente a comportamentos genéricos do indivíduo em relação a objetos. Sua derivação se deu principalmente a partir da classe de comportamentos “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis”, representada na Tabela 4.6, cuja ocorrência dependia do desenvolvimento da classe A9 como pré-requisito. Tal classe possui semelhanças com as classes de comportamentos A1 e A8 (Tabelas 4.2 e 4.9) por consistir em uma classe de comportamentos referente a ações do indivíduo em relação a objetos. Sua distinção é referente a se referir a objetos variáveis, como a classe de comportamentos A8, mas também a ações variáveis. A classe de respostas “*apresentar ações variáveis em relação aos objetos variáveis*” não se refere apenas a uma ação realizada com distintos objetos, mas a diversas ações apresentadas em relação a diversos objetos.

**TABELA 4.10 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A9. COMPORTAR-SE DE DIFERENTES FORMAS EM RELAÇÃO A OBJETOS VARIÁVEIS”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- <i>objetos variáveis no campo visual da criança</i>	- <i>apresentar ações variáveis em relação aos objetos variáveis</i>	- <i>ações variáveis apresentadas em relação aos objetos variáveis</i> - <i>objetos variáveis sob efeito das ações variáveis apresentadas</i>

**Nome: Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis**

A restrição à observabilidade aos pais/cuidadores das propriedades públicas das ações apresentadas não aparece na classe de comportamentos em questão nem, por consequência, classes de estímulos antecedentes condicionais derivadas de tal condição. Como classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd), há a classe “*objetos variáveis no campo visual da criança*”, sendo que os aspectos que exercem função discriminativa são os objetos. O complemento “variável” é apresentado para que fique claro que a classe de comportamentos se refere a distintas ações relacionadas a distintos objetos, não apenas um. Duas classes de estímulos consequentes constituem a classe de comportamentos: “*ações variáveis apresentadas em relação aos objetos variáveis*” e “*objetos variáveis sob efeito das ações variáveis apresentadas*”, referentes às consequências imediatas das respostas da classe de respostas. O nome proposto à classe de

comportamentos tem como base a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos.

“Experenciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor” é o nome da classe de comportamentos A10, representada na Tabela 4.11.

**TABELA 4.11 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A10. EXPERENCIAR O ‘EU’ COMO UMA INSTÂNCIA NÃO DISSOCIADA DAS PRÓPRIAS AÇÕES NEM DOS OBJETOS A SEU REDOR”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- objeto em relação ao qual o indivíduo realiza a ação - própria ação em relação a um objeto	- estímulos públicos essenciais da própria ação em relação ao objeto	- notar instância “eu” de maneira não dissociada das ações apresentadas nem dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações	- experiência do “Eu” como uma instância dependente das próprias ações dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações desenvolvida

**Nome: Experenciar o “Eu” como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor**

Trata-se de uma classe de comportamentos relacionada ao que os autores da fonte de informações denominam “experiência do ‘Eu’”, especificamente a tal experiência após o desenvolvimento da unidade funcional “eu+ação+objeto” – maior unidade funcional dentre as que constituem o processo de desenvolvimento da unidade funcional “Eu”

de maneira independente. Diretamente a partir das informações da fonte de informações, foi identificada uma classe de comportamentos relacionadas ao que os autores mencionam como “experienciar o ‘Eu’”, cujas características serviram de base à derivação de características da classe de comportamentos A10 em questão: a classe de comportamentos “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela. 4.8).

O desenvolvimento da unidade funcional “eu + ação + objeto” ocorre na classe de comportamentos “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” (Tabela 4.3) e implica na percepção de que há um referente em relação ao qual a unidade funcional se dirige. Uma vez que nessa classe os termos “eu”, “ação” e “objeto” somente configuram uma unidade funcional em conjunto, o referente inferido pelo indivíduo consiste em um “todo” constituído pelas próprias ações e pelos objetos em relação aos quais tais ações são apresentadas. Uma instância “eu” percebida como não dissociada das ações nem dos objetos com que se relaciona.

As classes de estímulos antecedentes equivalem às constituintes da classe de comportamentos A2, exceto por serem apresentados de maneira menos restrita – não há referência a objetos e ações específicas, nem à situação em que os pais ou cuidadores ensinam a unidade funcional “eu+ação+objeto” pela primeira vez. As classes de estímulos condicionais são “*objeto em relação ao qual o indivíduo realiza a ação*” e “*própria ação em relação a um objeto*”. A classe de estímulos que tornam discriminativa em função de sua ocorrência e que consiste em uma propriedade da relação entre a ação realizada e o objeto em relação ao qual é realizada é “*estímulos públicos essenciais da própria ação em relação ao objeto*”. A classe derivada como classe de respostas foi “*notar instância ‘eu’ de maneira não dissociada das ações apresentadas nem dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações*” e se refere a uma primeira percepção de uma instância “eu”, inferida a partir da utilização do termo na unidade funcional “eu+ação+objeto”. Embora tal unidade de comportamento verbal apresente um significado próximo do tato simples “objeto”, o fato de o termo “eu” a constituir implica em algum tipo de experiência à qual tal palavra se refere. No caso, a experiência derivada é justamente a de que consiste em algo não dissociado das próprias ações e aos objetos em relação aos quais tais ações estão relacionadas.

A classe de estímulos consequentes consiste em uma consequência imediata da ocorrência de respostas da classe de respostas:

“*experiência do ‘Eu’ como uma instância dependente das próprias ações dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações desenvolvida*”. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Experienciar o ‘Eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos externos”, preserva o termo “experienciar” utilizado pelos autores da fonte de informações e enfatiza a relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

À apresentação de comportamentos verbais de tato constituídos de uma unidade funcional “eu+ação” e de outra “objeto” separadamente – cuja probabilidade de ocorrência é mencionada nas duas últimas classes de estímulos consequentes da classe de comportamentos A4, representada na Tabela 4.5 –, é necessário o desenvolvimento de uma classe de comportamentos referente à unidade de comportamento verbal “objeto”, independente. Tal classe é representada na Tabela 4.12 e nomeada “A11. Responder verbalmente “objeto” como uma unidade funcional sob controle de estímulos públicos de objetos variáveis”.

A classe de respostas constituinte da classe de comportamentos é “*dizer ‘objeto’ como uma unidade funcional*” e se refere à resposta verbal com função de tato relacionada a quaisquer objetos, de maneira independente de outros termos que não sejam os utilizados pela comunidade verbal como nome de tais objetos. “*Estímulos públicos de objetos*” consiste na classe de estímulos discriminativos (Sd) sob controle dos quais as respostas são apresentadas. “*Objetos*” consiste na classe de estímulos condicionais (Sc) dos quais algumas dimensões públicas que os constituem adquirem função discriminativa. Exercem função de classes de estímulos consequentes as classes de eventos “*unidades funcionais ‘objeto’ desenvolvidas*” e “*aumento do grau de probabilidade de formar frases constituídas por ‘eu+ação+objeto’ mesmo sem tê-las pronunciado anteriormente*”. A primeira referente a uma consequência imediata das respostas da classe de respostas e a segunda referente à alta probabilidade de formulação e enunciação de sentenças constituídas de duas unidades funcionais, uma “eu+ação” e outra “objeto” nunca antes faladas pelo indivíduo – equivalente à última classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos A4 (Tabela 4.5).

**TABELA 4.12 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A11. RESPONDER VERBALMENTE ‘OBJETO’ COMO UMA UNIDADE FUNCIONAL SOB CONTROLE DE ESTÍMULOS PÚBLICOS DE OBJETOS VARIÁVEIS”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- <i>objetos</i>	- <i>estímulos públicos de objetos</i>	- <i>dizer “objeto” como uma unidade funcional</i>	- <i>unidades funcionais “objeto” desenvolvidas</i> - <i>aumento do grau de probabilidade de formar frases constituídas por “eu+ação+objeto” mesmo sem tê-las pronunciado anteriormente</i>

**Nome: Responder verbalmente “objeto” como uma unidade funcional sob controle de estímulos públicos de objetos variáveis**

“Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor”, classe de comportamentos A12, está representada na Tabela 4.13 e consiste em mais uma classe de comportamentos relacionada à percepção de uma instância “eu” pelo próprio indivíduo. Especificamente de uma instância “eu” percebida como dissociada dos objetos, porém não dissociada das ações do próprio organismo.

**TABELA 4.13 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “A12. EXPERIENCIAR O “EU” COMO UMA INSTÂNCIA NÃO DISSOCIADA DAS PRÓPRIAS AÇÕES E DISSOCIADA DOS OBJETOS A SEU REDOR”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- objeto - própria ação em relação ao objeto	- estímulos privados associados à ação do indivíduo - estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto	- notar instância “Eu” de maneira não dissociada das ações apresentadas e dissociada dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações	- experiência do “Eu” como uma instância dependente das próprias ações e independente dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações desenvolvida

**Nome: Experienciar o “Eu” como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor**

Trata-se de uma classe de comportamentos derivada das características da classe de comportamentos “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8), e cuja ocorrência é possibilitada pelo desenvolvimento da unidade funcional “eu+ação”, que ocorre na classe de comportamentos “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” (Tabela 4.5). Embora os termos “eu” e “ação” constituintes da unidade funcional somente constituam uma unidade de comportamento verbal

conjuntamente, não tendo efeito sobre o ambiente se apresentados separadamente, a inclusão do termo “eu” na unidade possibilita uma inferência acerca da existência de uma instância por tal termo referida.

De uma referência ao termo “eu” por meio da unidade funcional constituída dos termos “eu” e “ação” de modo independente do termo “objeto”, torna-se possível a inferência de uma instância “eu” dissociada dos objetos em relação aos quais tais ações se referem, mas não dissociada das próprias ações. A classe de respostas constituente do comportamento A12 em questão que representa tal inferência é “*notar instância ‘Eu’ de maneira não dissociada das ações apresentadas e dissociada dos objetos externos em relação aos quais apresenta suas ações*”. Tal qual a classe verbal de comportamentos de tato constituído da unidade funcional “eu+ação” – classe A4 (Tabela 4.5) –, é sob controle tanto das propriedades públicas quanto das propriedades privadas das próprias ações em relação a objetos que a classe de respostas em questão ocorre. As classes de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) constituintes da classe de comportamentos são “*estímulos privados associados à ação do indivíduo*” e “*estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto*”. Em ambas as classes de comportamentos equivalem também as classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc): “*objeto*” e “*própria ação em relação ao objeto*”. O nome “Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos externos” atribuído à classe de comportamentos mantém o termo “experienciar” utilizado pelos autores da fonte de informações e apresenta ênfase principalmente na relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

## **2.2. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo “eu” se referem”**

As classes de comportamentos constituintes da categoria B de comportamentos identificados ou derivados a partir do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) se referem às características de comportamentos relacionados à possibilidade de caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais que envolvem o termo “eu” se referem. Tal caracterização se dá, de acordo com as informações identificadas e

derivadas da obra, a partir da identificação das características das unidades funcionais, mais especificamente das classes de estímulos antecedentes discriminativos à unidade funcional “eu” e às demais unidades funcionais constituídas por tal termo. Os autores partem da suposição de que o mais próximo possível de se conhecer o processo a que o conceito “eu” se refere consiste no conhecimento da “experiência de ‘eu’”, percepção que acompanharia a ocorrência de tal evento ou processo. O conhecimento dessa “experiência”, por sua vez, se dá, também conforme os autores, a partir da identificação dos estímulos discriminativos constituintes dos comportamentos que a envolvem e é essa categoria de eventos aos quais se pode ter acesso e conhecimento, uma vez que se tratariam dos mesmos que controlam as unidades funcionais “eu”, “eu+ação” e “eu+ação+objeto”.

### ***2.2.1. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B***

A primeira classe de comportamentos constituintes da categoria B é “B1. Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados”, representada na Tabela 4.14. As classes de estímulos antecedentes constituintes da classe de comportamentos e identificadas a partir da obra são “própria ação realizada sem seus componentes públicos”, como classe de estímulos condicionais (Sc), e “estímulos privados que constituem a própria ação realizada” como classe de estímulos discriminativos (Sd). Tais classes de estímulos se referem à apresentação de um comportamento pelo próprio indivíduo cujas ações e talvez objetos em relação aos quais as ações são apresentadas ocorrem apenas com suas propriedades privadas, como é o caso do comportamento “imaginar”, comumente apresentado por crianças e tornado possível em função da discriminação entre estímulos públicos e privados constituintes das ações. A classe de respostas possibilitada por tal discriminação constituinte da classe de comportamento em questão é “relatar estímulos imaginados”, a qual é seguida da consequência imediata “*estímulos imaginados relatados*”. O nome da classe “Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados” é embasado na relação entre a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes.

**TABELA 4.14 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “B1. RELATAR PRÓPRIA AÇÃO  
APRESENTADA SEM SEUS COMPONENTES PÚBLICOS A  
PARTIR DE SEUS COMPONENTES PRIVADOS”,  
IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES  
DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE  
KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** estímulos privados constituintes das ações em relação a objetos exercem controle, em graus variados, sobre a unidade funcional “eu+ação”

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- própria ação realizada sem seus componentes públicos	- estímulos privados que constituem a própria ação realizada	- relatar estímulos imaginados	- <i>estímulos imaginados relatados</i>

**Nome: Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados**

A classe de comportamentos B1 em questão é possibilitada pelo desenvolvimento da classe de comportamentos “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.6), em que a variação de objetos em relação aos quais o indivíduo apresenta suas ações produz “independência” à unidade funcional “eu+ação”, que passa a poder ser apresentada sem o complemento “objeto”. Tal “independência” se dá em função da alteração no controle de estímulos: enquanto a unidade funcional “eu+ação+objeto” ocorre sob controle apenas de estímulos públicos das ações em relação aos objetos, a unidade “eu+ação” ocorre sob controle tanto de estímulos públicos quanto de estímulos privados constituintes das ações às quais se refere. O controle que estímulos privados exercem

sobre respostas verbais constituintes de comportamentos de tato é a condição favorecedora consiste em operação motivadora da classe de comportamentos em questão: “estímulos privados constituintes das ações em relação a objetos exercem controle, em graus variados, sobre a unidade funcional ‘eu+ação’”.

As classes de comportamentos B2, B3, B4 e B5, representadas nas Tabelas 4.15, 4.16, 4.17 e 4.18, se referem à caracterização dos estímulos discriminativos das unidades funcionais que envolvem o termo “eu”. Cada uma das três primeiras é referente à caracterização dos estímulos discriminativos de uma das unidades funcionais desenvolvidas nas demais classes de comportamentos identificadas e derivadas na obra: “eu+ação+objeto”, “eu+ação” e “eu”, e a última consiste em uma classe mais abrangente constituída das anteriores. A classe de comportamentos “B2. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ desenvolvida”, referente à unidade funcional maior, está representada na Tabela 4.15 e é constituída da classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) “estímulos públicos essenciais da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’”, a qual faz referência aos estímulos discriminativos da classe de comportamentos “A2. Responder verbalmente “eu+ação+objeto” como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” (Tabela 4.3).

A classe de respostas constituinte da classe de comportamentos é “descrever estímulos públicos essenciais da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’”, sendo o verbo “descrever” referente às respostas cujo produto consiste na identificação das características dos estímulos antecedentes que exercem controle sobre a unidade funcional em questão. A primeira classe de estímulos consequentes, “estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ descritos” se refere à consequência imediata das respostas da classe de respostas.

**TABELA 4.15 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “B2. CARACTERIZAR ESTÍMULOS  
DISCRIMINATIVOS DA UNIDADE FUNCIONAL  
“EU+AÇÃO+OBJETO” DESENVOLVIDA”, IDENTIFICADOS E  
DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO  
IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI  
(1991/2006)**

OM: -			
Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- estímulos públicos essenciais da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação+objeto”	- descrever estímulos públicos essenciais da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação+objeto”	- estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação+objeto” descritos  - <i>estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a experiência de “eu” enquanto o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional “eu+ação+objeto” descritos</i>
<b>Nome: Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação+objeto” desenvolvida</b>			

*“Estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a experiência de ‘eu’ enquanto o indivíduo tem desenvolvido*

no repertório a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ descritos”, a segunda classe de estímulos consequentes, é derivada dos demais componentes do comportamento e das informações da obra acerca das suposições dos autores de que a identificação dos estímulos que exercem controle sobre uma unidade funcional constituída do termo “eu” equivale à dos estímulos que exercem controle sobre a “experiência do ‘eu’” naquele estágio de desenvolvimento da unidade funcional “eu”<sup>8</sup>. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ desenvolvida”, enfatiza a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes.

A classe de comportamentos “B3. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu+ação’ desenvolvida”, representada na Tabela 4.16, é semelhante à classe de comportamentos B2 (Tabela 4.15), exceto por se tratar da descrição de características dos estímulos discriminativos que exercem controle sobre a unidade funcional intermediária “eu+ação” (intermediária entre as unidades “eu” e “eu+ação+objeto”). As classes de estímulos que a constituem se referem às constituintes da classe de comportamentos relacionada à apresentação da unidade funcional “eu+ação”, a classe “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” (Tabela 4.5). São elas: “estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’” e “estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’”.

---

<sup>8</sup> Embora o termo “estágio” se refira a uma delimitação artificial proposta pelos autores em relação a três parcelas do que consideram o processo de desenvolvimento da unidade funcional “Eu”, as fragmentações propostas pelos autores foram mantidas por terem sido consideradas didáticos e a fim de tornar os resultados fidedignos à obra.

**TABELA 4.16 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B3. CARACTERIZAR ESTÍMULOS DISCRIMINATIVOS DA UNIDADE FUNCIONAL ‘EU+AÇÃO’ DESENVOLVIDA”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a unidade funcional “eu+ação”</li> <li>- estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- descrever estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a unidade funcional “eu+ação”</li> <li>- descrever estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a unidade funcional “eu+ação” descritos</li> <li>- estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação” descritos</li> <li>- <i>estímulos privados associados à atividade do indivíduo que controlam a experiência de “eu” enquanto o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional “eu+ação” descritos</i></li> <li>- <i>estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a experiência de “eu” enquanto o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional “eu+ação” descritos</i></li> </ul>

**Nome: Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação” desenvolvida**

Duas classes de respostas constituem a classe de comportamentos, as quais poderiam ser sintetizadas em uma única redação, mas estão separadas por função didática: “descrever estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’” e “descrever estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’”, cada qual relacionada a uma classe de estímulos discriminativos. As duas primeiras classes de estímulos consequentes, “estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’ descritos” e “estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’ descritos”, se referem às consequências imediatas de cada uma das classes de respostas.

As duas últimas classes de estímulos consequentes se referem a consequências cuja derivação foi embasada na proposição dos autores em relação à equivalência entre os estímulos discriminativos de unidades funcionais que envolvem o termo “eu” e os que envolvem a experiência do “eu” a cada estágio. No caso da classe de comportamentos em questão, “*estímulos privados da atividade do indivíduo que controlam a experiência de ‘eu’ enquanto o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional ‘eu+ação’ descritos*” e “*estímulos públicos da própria ação em relação ao objeto que controlam a experiência de ‘eu’ enquanto o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional ‘eu+ação’ descritos*” se referem à identificação dos estímulos discriminativos da experiência do “eu” a partir da unidade funcional “eu+ação”, em que uma instância “eu” é considerada como associada às ações do próprio organismo. O nome proposto à classe de comportamentos enfatiza a relação entre as classes de respostas e as classes de estímulos discriminativos.

A classe de comportamentos “B4. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ desenvolvida”, representada na Tabela 4.17, é a última das três classes de comportamentos referentes à caracterização dos estímulos discriminativos de cada unidade funcional constituída do termo “eu” separadamente.

**TABELA 4.17 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “B4. CARACTERIZAR ESTÍMULOS  
DISCRIMINATIVOS DA UNIDADE FUNCIONAL ‘EU’  
DESENVOLVIDA”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR  
DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA  
OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -			
Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- estímulo privado perspectiva [constituída pela relação entre as características do local no espaço onde o indivíduo se encontra (aqui) e onde acontece a atividade privada constituinte de comportamentos do indivíduo e as características do local onde não se encontra (lá), constituído de eventos públicos e privados] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades, que controla a unidade funcional “eu”	- descrever estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades, que controla a unidade funcional “eu”	- estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades, que controla a unidade funcional “eu” descrito <i>- estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades, que controla a experiência de “eu” a partir do momento em que o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional “eu” descrito</i>

**Nome: Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” desenvolvida**

Consiste, especificamente, na caracterização dos estímulos que controlam a menor funcional “eu” independente dos termos “ação” e “objeto”. A classe de respostas que a constitui é “descrever estímulo privado perspectiva [...]”, cuja redação é complementada pela definição do estímulo privado perspectiva – relação entre o local onde se encontram as propriedades privadas de quaisquer ações do indivíduo e os locais onde não se encontram –, representada pelos colchetes [...], e pelo destaque à constância de tal relação independentemente de variações nas ações apresentadas pelo indivíduo ou de alterações em suas características físicas e de localização. A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) é constituída dos estímulos referidos pela classe de respostas, como aqueles descritos pelas respostas: “estímulo privado perspectiva [...]”, cuja redação é também complementada pela definição de tal estímulo e do destaque à constância dos estímulos dessa classe.

Duas classes de estímulos consequentes constituem a classe de comportamentos. A primeira, “estímulo privado perspectiva [...] descrito” se refere a uma consequência imediata das respostas da classe de respostas. A derivação da segunda, “*estímulo privado perspectiva [...] que controla a experiência de ‘eu’ a partir do momento em que o indivíduo tem desenvolvido no repertório a unidade funcional ‘eu’ descrito*” – tal qual as classes de comportamentos B2 e B3 representadas nas Tabelas 4.15 e 4.16 –, partiu da hipótese dos autores acerca da equivalência entre os estímulos que exercem função discriminativa na classe de comportamentos constituída da unidade funcional “eu” e os que exercem a mesma função em relação à classe que envolve a experiência do “eu”. O nome “Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ desenvolvida” proposto à classe de comportamentos teve ênfase na relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos.

A classe de comportamentos “B5. Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘eu’ em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento”, representada na Tabela 4.18, é a última classe referente à caracterização de estímulos que exercem função discriminativa em relação às respostas de comportamentos envolvendo as unidades funcionais constituídas do termo “eu”. Sua apresentação sintetiza a ocorrência das três outras classes de comportamentos referentes à caracterização em questão, B2, B3 e B4, representadas nas Tabelas 4.15, 4.16 e 4.17.

**TABELA 4.18 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B5. CARACTERIZAR ESTÍMULOS DISCRIMINATIVOS DA RESPOSTA VERBAL ‘EU’ EM CADA UNIDADE FUNCIONAL EM QUE ESTEVE INSERIDA AO LONGO DE SEU DESENVOLVIMENTO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** estímulos que controlam a resposta verbal “eu” separadamente em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente descritos

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	-	- descrever estímulos que controlam a resposta verbal “eu” em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente	- estímulos que controlam a resposta verbal “eu” em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente descritos  <i>- estímulos que controlam a experiência de “eu” em cada estágio de desenvolvimento da resposta verbal “eu” descritos</i>

**Nome:** Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal “Eu” em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento

A classe de respostas é genérica o suficiente para abranger as respostas das três outras classes de respostas: “descrever estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente”. “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ separadamente em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional

independente descritos” consiste na operação motivadora que interfere no valor reforçador dos estímulos consequentes da classe de comportamentos e faz referência à caracterização previamente realizada dos estímulos que exercem função discriminativa a cada unidade funcional constituída do termo “eu” separadamente. A primeira classe de estímulos consequentes, “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente descritos”, se refere a uma consequência imediata das respostas da classe de respostas.

A segunda classe de estímulos consequentes, “*estímulos que controlam a experiência de ‘eu’ em cada estágio de desenvolvimento da resposta verbal ‘eu’ descritos*”, tal qual as classes de comportamentos abrangidas pela classe de comportamentos em questão, se refere a uma implicação do suposto de os estímulos discriminativos da unidade funcional constituída do termo “eu” e de “experienciar” o “eu” serem os mesmos: à possibilidade de, por meio da descrição dos estímulos que exercem controle sobre as unidades funcionais, produzir como consequência também a descrição dos que exercem controle sobre a “experiência de ‘eu’”. Além de a classe de comportamento ser constituída de três outras subclasses de comportamentos, suas características implicam na compreensão de alteração no controle de estímulos de respostas verbais constituídas do termo “eu”, à medida que o tamanho de tais respostas verbais é reduzido.

A classe de comportamentos “B6. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ após seu desenvolvimento”, representada na Tabela 4.19, se assemelha à classe de comportamentos B5 (Tabela 4.18) por também se referir à descrição dos estímulos que controlam unidades de comportamentos verbais constituídas do termo “eu”. Enquanto a classe de comportamentos B5 é caracterizada pela descrição dos estímulos discriminativos dessas unidades de comportamentos verbais em seus estágios de desenvolvimento, a classe de comportamentos B6 em questão é caracterizada pela descrição dos estímulos que exercem função discriminativa à unidade funcional “Eu” depois de desenvolvida – quando é constituída exclusivamente do termo “Eu”. A classe de estímulos discriminativos (Sd) que constitui a classe de comportamentos em questão é “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento”. Da mesma forma, a classe de respostas “descrever estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ como uma unidade funcional” se refere à descrição somente dos estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” independente.

**TABELA 4.19 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “B6. CARACTERIZAR ESTÍMULOS  
DISCRIMINATIVOS DA UNIDADE FUNCIONAL ‘EU’ APÓS  
SEU DESENVOLVIMENTO”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS*  
A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO  
IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI  
(1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- estímulos que controlam a resposta verbal “eu” como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento	- descrever estímulos que controlam a resposta verbal “eu” como uma unidade funcional	- estímulos que controlam a resposta verbal “eu” como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento, descritos  <i>- estímulos que controlam a experiência de “eu” depois de o indivíduo desenvolver a unidade funcional “eu” descritos</i>

**Nome: Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” após seu desenvolvimento**

A primeira classe de estímulos consequentes se refere a uma consequência imediata das respostas da classe de respostas e a segunda está relacionada à equivalência proposta na fonte de informações entre

os estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” e da “experiência de eu”. São elas, respectivamente: “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento, descritos” e “*estímulos que controlam a experiência de ‘eu’ depois de o indivíduo desenvolver a unidade funcional ‘eu’ descritos*”. O nome da classe de comportamentos, “Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ após seu desenvolvimento”, foi proposto com base na relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos.

A classe de comportamentos “B7. Caracterizar a experiência do ‘eu’” está representada na Tabela 4.20.

**TABELA 4.20 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B7. CARACTERIZAR A EXPERIÊNCIA DO ‘EU’”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** estímulos que controlam a resposta verbal “eu” em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente descritos; estímulos que controlam a resposta verbal “eu” como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento descritos

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	-	- caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal “eu” em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento e quando utilizada após seu desenvolvimento	- estímulos que controlam a resposta verbal “eu” como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento, caracterizados - estímulos que controlam a resposta verbal “eu” em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente caracterizados

**Nome: Caracterizar a experiência do “Eu”**

Segundo a perspectiva da fonte de informações, caracterizar a “experiência do ‘eu’” envolve caracterizar os estímulos discriminativos de tal experiência. Caracterizar tais estímulos, conforme a proposta teórica dos autores da fonte – acerca da equivalência entre os estímulos que exercem função discriminativa sobre respostas verbais de tato constituídas do termo “eu” os que exercem a mesma função em relação à resposta “experienciar ‘eu’” – consiste em caracterizar os estímulos discriminativos em relação às respostas verbais de tato constituídas do termo “eu”, tanto ao longo de seu desenvolvimento quanto depois de desenvolvida. Tal prerrogativa confere à classe de comportamentos B7 em questão a necessidade de o indivíduo ter descrito os estímulos que controlam as respostas verbais de tato constituídas do termo “eu”, o que constitui as classes de eventos que exercem função de operações motivadoras em relação à classe: “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma unidade funcional independente descritos” e “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento descritos”.

Dadas as características das operações motivadoras, a classe de comportamentos B7 em questão abrange e sintetiza as classes de estímulos discriminativos das classes de comportamentos B5 e B6, representadas nas Tabelas 4.18 e 4.19. Tais subclasses se referem à identificação dos estímulos que exercem função discriminativa em relação a todas as respostas verbais que envolvem o termo “eu” como parte da unidade funcional ou como unidade funcional independente. Também abrange e sintetiza componentes dessas classes de comportamentos a classe de respostas da classe B7 em questão: “Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘eu’ em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento e quando utilizada após seu desenvolvimento”, a qual se refere à descrição dos estímulos que exercem função discriminativa em relação a todas as respostas verbais constituídas do termo “eu”.

Ambas as classes de estímulos consequentes identificadas se referem a consequências diretas das respostas da classe de respostas e, do mesmo modo como a classe de respostas e as classes de estímulos antecedentes discriminativos, abrange e sintetiza classes de estímulos consequentes das classes de comportamentos B5 e B6, representadas nas Tabelas 4.18 e 4.19. São elas: “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ como uma unidade funcional, apresentada após seu desenvolvimento, caracterizados” e “estímulos que controlam a resposta verbal ‘eu’ em cada estágio de seu desenvolvimento até tornar-se uma

unidade funcional independente caracterizados”. O nome atribuído à classe faz referência direta à caracterização da “experiência” do “eu” e é constituída de respostas de caracterização dos estímulos discriminativos das unidades funcionais que envolvem o termo “eu” – “eu+ação+objeto”, “eu+ação” e “eu”.

Na Tabela 4.21 está representada a classe de comportamentos “B8. Caracterizar a experiência da ação”. Conforme os autores, caracterizar a experiência da ação ocorre quando o organismo apresenta comportamentos verbais cujas unidades funcionais são constituídas do termo “ação” e por meio desse termo, há uma referência aos componentes privados e públicos de sua experiência da ação, condição que aparece na classe de respostas “Dizer ‘eu+ação+objeto’ de modo a referir-se, por meio do termo ‘ação’, aos componentes públicos e privados da experiência da ação apresentada” constituinte da classe de comportamentos em questão. Tal classe de comportamentos difere das classes de comportamentos verbais constituídas do termo “ação” apresentado de maneira não dissociada dos objetos em relação aos quais a ação relatada é apresentada ou de maneira não dissociada tanto desses objetos quanto do indivíduo que as apresenta. Diferentemente, o termo “ação” é utilizado sob controle exclusivo das propriedades da ação apresentada, não de propriedades do objeto ou do indivíduo.

As classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) constituintes da classe de comportamentos são “própria ação” e “experiência da própria ação”, cuja ocorrência permite a execução da função discriminativa das classes de estímulos (Sd) “componentes públicos da experiência da própria ação” e “componentes privados da experiência da própria ação”. Não há especificação nessa classe de comportamentos acerca de quais são os componentes públicos e privados da experiência da própria ação<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Para contemplar essa lacuna, foram derivadas duas classes de comportamentos que especificam características das classes de estímulos públicos e privados que constituem o que os autores chamam de “experiência da ação”. Tratam-se das classes de comportamentos B10 e B11, representadas adiante nas tabelas 4.23 e 4.24.

**TABELA 4.21 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “B8. CARACTERIZAR A EXPERIÊNCIA  
DA PRÓPRIA AÇÃO”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A  
PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS  
NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- própria ação - experiência da própria ação	- componentes públicos da experiência da própria ação - componentes privados da experiência da própria ação	- dizer “eu+ação+objeto” de modo a referir-se, por meio do termo “ação”, aos componentes públicos e privados da própria experiência da ação apresentada	- <i>tato</i> “ <i>eu+ação+objeto</i> ” <i>apresentado, de modo a referir-se aos componentes públicos e privados da própria experiência da ação</i>

**Nome: Caracterizar a experiência da própria ação**

A classe de estímulos consequentes “*tato ‘eu+ação+objeto’ apresentado, de modo a referir-se aos componentes públicos e privados da própria experiência da ação*” consiste em uma consequência imediata das respostas da classe de respostas e se refere à apresentação de uma unidade de comportamento verbal cujo termo “ação” utilizado é apresentado sob controle dos estímulos que efetivamente constituem essa ação, bem como a “experiência” dessa ação. Para que tal termo seja apresentado como uma unidade dissociada dos demais termos da expressão, também os demais termos o são, sendo cada qual apresentado sob controle de estímulos diferentes. O nome “Caracterizar a experiência da própria ‘ação’” tem como base as relações entre todos os componentes da classe de comportamentos e enfatiza a caracterização

da experiência da “ação” referida pelo termo “ação” que constitui a unidade de comportamento verbal apresentada.

A classe de comportamentos “B9. Caracterizar o ‘eu’”, representada na Tabela 4.22, abrange a classe de comportamentos “B7. Caracterizar a experiência do ‘eu’” (Tabela 4.20). Conforme as informações apresentadas na obra, caracterizar a “experiência do ‘eu’” consiste em uma das possíveis formas de conhecer as características do fenômeno ou evento a que o conceito “eu” se refere. A partir da proposição acerca da equivalência entre os estímulos discriminativos de unidades funcionais envolvendo o termo “eu” e os estímulos que exercem função discriminativa em relação à “experiência do ‘eu’”, torna-se possível conhecer as características da “experiência do ‘eu’” a partir do conhecimento proposto na obra acerca dos estímulos que exercem função discriminativa em relação às unidades funcionais constituídas pelo termo “eu”. Conhecer propriedades do que é chamado de “experiência do ‘eu’”, por sua vez, é a forma proposta pelos autores como meio de conhecimento do “eu”, ao qual a classe de comportamentos em questão se refere.

As classes de eventos que exercem função de operações motivadoras em relação à classe de comportamentos em questão equivalem às que exercem a mesma função na classe de comportamentos “B7. Caracterizar a experiência do ‘eu’” (Tabela 4.20), com a distinção de serem apresentadas com maior grau de minúcia. No lugar da menção ao conhecimento dos estímulos que controlam a resposta verbal “eu” em cada estágio de seu desenvolvimento e dos que controlam essa resposta depois de desenvolvida, há menção às classes de estímulos específicas que exercem tais funções em cada um dos estágios. São elas: (1) “estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ descritos”, referente ao primeiro estágio; (2) “estímulos privados da ação do indivíduo que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’ descritos” e (3) “estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional ‘eu+ação’ descritos”, referentes ao segundo estágio; e (4) “estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades, que controla a unidade funcional ‘eu’ descrito”, referente ao terceiro estágio.

**TABELA 4.22 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B9. CARACTERIZAR O ‘EU’”, IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** (1) estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação+objeto” descritos; (2) estímulos privados da ação do indivíduo que controlam a unidade funcional “eu+ação” descritos; (3) estímulos públicos da ação em relação ao objeto que controlam a unidade funcional “eu+ação” descritos; (4) estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades, que controla a unidade funcional “eu” descrito

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	-	- descrever as características do “Eu”	- <i>maior aproximação possível da descrição do evento ou fenômeno denominado “Eu”</i>

**Nome: Caracterizar o “Eu”**

A classe de respostas que constitui a classe de comportamentos consiste em “descrever características do ‘eu’”, de maneira genérica. Não há especificações acerca das características das respostas dessa classe que, a partir da identificação dos estímulos que exercem controle discriminativo sobre as respostas verbais constituídas do termo “eu” e dos estímulos que exercem a mesma função sobre a classe de comportamentos “experenciar ‘eu’”, tornem conhecidas as características de um evento ou fenômeno a que o conceito “Eu” se refere. Constitui a classe de comportamentos a classe de estímulos consequentes “*maior aproximação possível da descrição do ‘eu’*”.

Trata-se da implicação de duas das proposições teóricas dos autores da fonte de informações: a primeira acerca da equivalência entre os estímulos discriminativos das unidades de comportamento verbal de tato constituídas do termo eu e os estímulos que exercem a mesma função em relação às respostas de “experienciar o ‘eu’” e a segunda em relação a serem os estímulos discriminativos da “experiência de ‘eu’” aqueles mais próximos ao conhecimento do evento ou fenômeno a que o termo “eu” se refere. Sendo os estímulos discriminativos das unidades funcionais aqueles passíveis de serem identificados, são estes os eventos que constituem as classes de eventos que interferem na classe de comportamentos. O nome da classe de comportamentos tem como base as proposições teóricas dos autores acerca da possibilidade de conhecer/caracterizar o “eu” por meio do conhecimento/caracterização da “experiência de eu”.

### ***2.2.2. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria B***

O aspecto definidor da categoria B de comportamentos consiste em tal categoria abranger classes de comportamentos que possibilitam a identificação das características dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo “Eu” se referem. Além de tais unidades serem constituídas do termo “eu”, nas configurações “eu + ação + objeto” e “eu + ação”, são constituídas também do termo “ação” (termo que varia conforme a ação apresentada pelo indivíduo e sob controle da qual o comportamento verbal de tato é apresentado). Dentre as classes derivadas a partir das demais identificadas por meio da fonte de informações, duas classes foram derivadas como relacionadas à identificação das características das ações sob controle das quais as unidades de comportamentos verbais constituídos dos termos “eu” e “ação” ocorrem. Tratam-se das classes B10 e B11, representadas nas Tabelas 4.23 e 4.24, respectivamente, cujas derivações se deram especificamente a partir das características das classes de comportamentos referentes à caracterização de estímulos discriminativos das unidades funcionais constituídas do termo “eu” – classes B1 a B5 (Tabelas 4.14 a 4.18) – e da classe de comportamentos “B8. Caracterizar experiência da própria ação” (Tabela 4.21).

A classe de comportamentos “B10. Caracterizar componentes públicos da própria ação”, representada na Tabela 4.23, se refere

especificamente à descrição dos componentes públicos da ação, como salientado na classe de respostas “*descrever componentes públicos da própria ação apresentada*”. “*Própria ação apresentada*” consiste na classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc). A ocorrência de estímulos que constituem essa classe possibilita que os componentes públicos (observáveis) e privados dessas ações exerçam função discriminativa em relação às respostas da classe de respostas. No caso da classe de comportamentos em questão, somente “*componentes públicos da própria ação apresentada*” consiste na classe de estímulos discriminativos (Sd).

**TABELA 4.23 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B10. CARACTERIZAR COMPONENTES PÚBLICOS DA PRÓPRIA AÇÃO”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- <i>própria ação apresentada</i>	- <i>componentes públicos da própria ação apresentada</i>	- <i>descrever componentes públicos da própria ação apresentada</i>	- <i>componentes públicos da própria ação apresentada descritos</i> - <i>componentes públicos da experiência da própria ação apresentada descritos</i>

**Nome: Caracterizar componentes públicos da própria ação**

Como classes de estímulos consequentes, há uma consequência imediata da classe de respostas – “*componentes públicos da ação apresentada descritos*” – e uma a relacionada à proposição dos autores acerca da equivalência entre propriedades dos comportamentos constituídos de unidades funcionais constituídas pelo termo “eu” e propriedades da “experiência de eu” – “*componentes públicos da experiência da ação apresentada descritos*” foi inferida. Se aos autores há uma correspondência entre os estímulos discriminativos da experiência do “eu” e das unidades funcionais constituídas do termo “eu”, o mesmo raciocínio embasa a proposição da classe de comportamentos em questão: de que há também uma equivalência entre os componentes públicos da ação apresentada e da experiência da apresentação de tal ação. O nome atribuído à classe de comportamentos tem como base a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos.

Na Tabela 4.24 está representada a classe de comportamentos “B11. Caracterizar componentes privados da própria ação”, cujos componentes correspondem aos da classe de comportamentos B10 (Tabela 4.23), com exceção de que se referem aos componentes privados das ações no lugar dos públicos. Também a base a partir da qual se deram as derivações dos componentes de ambas as classes de comportamentos correspondem. “*Descrever componentes privados da própria ação apresentada*” é a classe de respostas que constitui a classe de comportamentos, “*própria ação apresentada*” consiste na classe de estímulos antecedentes condicionais e “*componentes privados da própria ação apresentada*” na classe de estímulos antecedentes discriminativos. “*Componentes privados da própria ação apresentada descritos*” consiste em uma classe de estímulos consequentes imediata da classe de respostas e “*componentes privados da experiência da própria ação apresentada descritos*” na classe de estímulos consequentes inferida a partir das proposições dos autores. O nome da classe de comportamentos é embasado na relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes discriminativos.

**TABELA 4.24 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B11. CARACTERIZAR COMPONENTES PRIVADOS DA PRÓPRIA AÇÃO”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

<b>OM: -</b>			
<b>Classes de estímulos antecedentes</b>		<b>Classe de respostas</b>	<b>Classes de estímulos consequentes</b>
<b>Sc</b>	<b>Sd</b>		
<i>- própria ação apresentada</i>	<i>- componentes privados da própria ação apresentada</i>	<i>- descrever componentes privados da própria ação apresentada</i>	<i>- componentes privados da própria ação apresentada descritos</i> <i>- componentes privados da experiência da própria ação apresentada descritos</i>

**Nome: Caracterizar componentes privados da própria ação**

A classe de comportamentos “B12. Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”, representada na Tabela 4.25, abrange todas as demais classes de comportamentos da categoria “B. Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”. Trata-se de uma classe de comportamentos constituída de comportamentos que possibilitam identificar as propriedades dos eventos ou processos a que os termos “eu”, “ação” e “objeto” utilizados como unidades funcionais se referem.

“*Própria ação apresentada em relação a um objeto*” consiste na primeira classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc) e se refere à ocorrência de um comportamento do indivíduo relacionado a

um objeto. “*Unidades funcionais ‘eu’, ‘ação’ e ‘objeto’ independentes apresentadas em uma mesma sentença, cada qual sob controle diferente de estímulos*”, segunda classe de estímulos antecedentes condicionais (Sc), se refere à apresentação de unidades de comportamentos verbais constituídas cada qual por um dos três termos mencionados na classe. Tais unidades funcionais podem ser apresentadas em uma mesma sentença ou separadamente, desde que cada termo seja dito sob controle de estímulos distintos da situação em que o comportamento em relação a um objeto é apresentado, o que torna cada unidade funcional independente das demais.

Quatro classes de estímulos passam a exercer a função discriminativa (Sd) em relação às respostas da classe de respostas a partir da ocorrência dos estímulos condicionais, cada uma referente a um aspecto ou um conjunto de aspectos que exercem controle sobre as respostas verbais envolvidas no desenvolvimento da unidade funcional “eu”. São elas: “*aspectos do objeto em relação ao qual a ação é apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional ‘objeto’*”, “*aspectos públicos da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional ‘ação’*” e “*aspectos privados da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional ‘ação’*” e “*estímulo interno perspectiva [...] que exerce controle sobre a unidade funcional ‘eu’*”. Dentre tais classes de estímulos antecedentes discriminativos, há tanto propriedades de eventos ou processos aos quais as unidades funcionais “objeto” e “ação” efetivamente se referem, quanto propriedades de eventos ou processos que consistem na maior aproximação possível do conhecimento do que o termo “eu” se refere – já que o estímulo privado “perspectiva [...]” é o estímulo que exerce controle sobre a unidade funcional “eu” e sobre a resposta de “experienciar ‘eu’”, e não necessariamente consiste em uma propriedade de um processo ou evento “eu”.

TABELA 4.25

**CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “B12. CARACTERIZAR OS PROCESSOS OU EVENTOS A QUE AS UNIDADES FUNCIONAIS CONSTITUÍDAS DO TERMO ‘EU’ SE REFEREM”, DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

OM: -

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<p>- própria ação apresentada em relação a um objeto</p> <p>- unidades funcionais “eu”, “ação” e “objeto” independentes apresentadas em uma mesma sentença, cada qual sob controle diferente de estímulos</p>	<p>- aspectos do objeto em relação ao qual a ação é apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional “objeto”</p> <p>- aspectos públicos da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional “ação”</p> <p>- aspectos privados da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional “ação”</p> <p>- estímulo interno perspectiva [...] que exerce controle sobre a unidade funcional “eu”</p>	<p>- identificar aspectos constituintes dos processos ou eventos sob controle dos quais as unidades funcionais “eu”, “ação” e “objeto” ocorrem</p>	<p>- aspectos do objeto em relação ao qual a ação é apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional “objeto” identificados</p> <p>- aspectos públicos da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional “ação” identificados</p> <p>- aspectos privados da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional “ação” identificados</p> <p>- estímulo interno perspectiva [...] que exerce controle sobre a unidade funcional “eu” e cujo conhecimento consiste na maior aproximação possível do conhecimento dos processos referidos pela unidade funcional ‘eu’ identificado</p> <p>- maior aproximação possível de identificar processos e/ou eventos referidos pelas unidades funcionais</p>
<p><b>Nome: Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo “eu” se referem</b></p>			



A classe de respostas que abrange respostas que ocorrem sob controle de ambas as categorias de estímulos discriminativos é *“identificar aspectos constituintes dos processos ou eventos sob controle dos quais as unidades funcionais ‘eu’, ‘ação’ e ‘objeto’ ocorrem”*, por se referir a quaisquer eventos que exerçam controle sobre as unidades funcionais, independentemente de corresponderem a processos ou eventos comumente concebidos como referidos pelos termos utilizados – como um processo ou evento denominado “eu”. Cinco classes de estímulos consequentes constituem a classe de comportamentos em questão. As quatro primeiras referentes à identificação de estímulos das classes de estímulos discriminativos, cada qual referente a uma classe: *“aspectos do objeto em relação ao qual a ação é apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional ‘objeto’ identificados”*, *“aspectos públicos da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional ‘ação’ identificados”*, *“aspectos privados da própria ação apresentada que exercem controle sobre a unidade funcional ‘ação’ identificados”* e *“estímulo interno perspectiva [...] que exerce controle sobre a unidade funcional ‘eu’ e cujo conhecimento consiste na maior aproximação possível do conhecimento dos processos referidos pela unidade funcional ‘eu’ identificado”*.

A última classe de estímulos consequentes, *“maior aproximação possível de identificar processos e/ou eventos referidos pelas unidades funcionais”*, faz referência à relação proposta na fonte de informações a respeito de o conhecimento dos aspectos que exercem controle sobre as unidades de comportamento verbal de tato serem fontes de informações plausíveis – e até então as melhores disponíveis – acerca das características dos eventos ou processos a que sob controle dos quais são apresentadas e a respeito dos quais os conceitos se referem. O nome atribuído à classe de comportamentos, *“Conhecer as propriedades dos processos ou eventos a que as unidades funcionais ‘eu’, ‘ação’ e ‘objeto’ se referem”*, enfatiza a relação entre as classes de estímulos antecedentes e as classes de respostas.

### **2.3. Características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”**

Além de possibilitar a identificação e derivação de características de classes de comportamentos efetivamente relacionadas

ao conceito “Eu” de acordo com uma perspectiva da Análise do Comportamento (categoria A de comportamentos) e de classes de comportamentos relacionadas à identificação das características das classes de comportamentos relacionadas ao conceito “Eu” (categoria B de comportamentos), as informações apresentadas no capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) subsidiaram a identificação de outras classes de comportamentos. Tratam-se de classes de comportamentos que favorecem o desenvolvimento da concepção acerca de “eu iniciador”, agente e originador dos comportamentos dos indivíduos. As classes constituintes dessa categoria, C1 a C6, são apresentadas nas Tabelas 4.26 a 4.31 e, com exceção da classe de comportamentos C6, foram todas identificadas e caracterizadas a partir das informações apresentadas na obra.

### ***2.3.1. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos identificadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C***

Na Tabela 4.26 está representada a classe de comportamentos “C1. Experienciar ‘eu’ como evento de natureza distinta da física”, que se refere à inferência de uma natureza distinta da física ao processo/evento também inferido “eu”. Como classes de estímulos antecedentes condicionais (Sc) há as classes “*comportamentos apresentados em relação a objetos*”, “*variação nas características físicas pessoais*” e “*variação na localização pessoal*”. A cada comportamento do indivíduo apresentado em relação a objetos, há variação nas características físicas do próprio indivíduo, bem como nas características de sua localização. A ocorrência de estímulos de tais classes possibilita que os estímulos da classe “estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades” exerçam função discriminativa (Sd) em relação às respostas da classe de respostas. Tal classe de estímulos corresponde à que exerce controle sobre a unidade funcional “eu”, quando independente de demais termos e se refere à relação constante entre a localização das propriedades privadas das ações apresentadas pelo indivíduo e a localização onde tais propriedades não ocorrem. “Experiência do ‘eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” exerce função de operação motivadora na classe de comportamentos e consiste no

produto de uma das classes de comportamentos desenvolvida previamente pelo indivíduo, especificamente a classe “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8).

**TABELA 4.26 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C1. EXPERIENCIAR ‘EU’ COMO EVENTO DE NATUREZA DISTINTA DA FÍSICA”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM:** “experiência do ‘eu’” como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>comportamentos apresentados em relação a objetos</i></li> <li>- variação nas características físicas pessoais</li> <li>- variação na localização pessoal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulo privado perspectiva [...]</li> <li>constante do indivíduo,</li> <li>independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- notar “eu” como evento de natureza distinta da física</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “eu” notado como evento de natureza distinta da física</li> </ul>

**Nome:** Experienciar “Eu” como evento de natureza distinta da física

A classe de comportamentos C1 em questão é constituída da classe de respostas “notar ‘eu’ como evento de natureza distinta da física”, referente à inferência acerca da natureza da instância “eu”, também inferida. Ocorre sob controle do estímulo privado “perspectiva” e dele depreende uma característica não física do “eu”, provavelmente

por tal estímulo consistir em uma relação entre dois locais – entre o local onde ocorre a parcela privada de seus comportamentos e o local onde não ocorre tal parcela –, diferentemente de grande parcela de eventos mais comumente reconhecidos como estímulos. A classe “‘eu’ notado como evento de natureza distinta da física” consiste em uma consequência imediata das respostas da classe de respostas. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Experenciar ‘eu’ como evento de natureza distinta da física”, tem como base a relação entre a classe de respostas e a classe de estímulos antecedentes, além da operação motivadora que interfere no valor reforçador da classe.

“C2. Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente” consiste na segunda classe de comportamentos da categoria C, representada na Tabela 4.27. Tal classe tem sua ocorrência possibilitada pelo desenvolvimento da classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7), em que é estabelecido o controle de estímulos da classe “estímulo privado perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades” sobre a classe de respostas constituída da unidade funcional “eu”. A partir da discriminação de estímulos dessa classe, outras respostas passam a ocorrer sob seu controle, como é o caso das respostas da classe de comportamentos C2 em questão. A classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd) consiste, por isso, na mesma da classe de comportamentos A6, e sua classe de respostas é “notar estímulo interno perspectiva como interno e permanente em todas as situações”. Tal classe se refere à percepção de propriedades do estímulo interno “perspectiva”, sob controle do qual o indivíduo passa a apresentar comportamentos. No caso, especificamente das propriedades “interno” e “permanente”. “Propriedades ‘interno’ e ‘permanente’ do estímulo interno ‘perspectiva’ percebidas” é a classe de estímulos consequentes da classe de comportamentos em questão e se refere a uma consequência imediata das respostas da classe de respostas. O nome “Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente” é embasado nas características das relações entre seus três componentes identificados.

**TABELA 4.27 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “C2. PERCEBER ESTÍMULO INTERNO  
PERSPECTIVA COMO INTERNO E PERMANENTE”,  
IDENTIFICADOS E *DERIVADOS* A PARTIR DAS UNIDADES  
DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE  
KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- estímulo interno perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades	- notar estímulo interno perspectiva como interno e permanente em todas as situações	- propriedades “interno” e “permanente” do estímulo interno perspectiva percebidas

**Nome: Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente**

A classe de comportamentos “C3. Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal” está representada na Tabela 4.28. Trata-se de uma classe de comportamentos que também ocorre sob controle de estímulos da classe de estímulos discriminativos “estímulo interno perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades” – cuja discriminação se dá originalmente na classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7). A classe de respostas “notar estímulo interno perspectiva como atemporal em todas as situações” se refere à percepção da “constância” do estímulo interno “perspectiva”, independentemente da passagem de tempo. A classe de

estímulos consequentes “estímulo interno perspectiva percebido como atemporal” consiste em uma consequência imediata da classe de respostas. O nome atribuído à classe de comportamentos, “Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal”, é embasado nas características dos três componentes identificados como seus constituintes.

**TABELA 4.28 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C3. PERCEBER ESTÍMULO INTERNO PERSPECTIVA COMO ATEMPORAL”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- estímulo interno perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades	- notar estímulo interno perspectiva como atemporal em todas as situações	- estímulo interno perspectiva percebido como atemporal

**Nome: Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal**

Na Tabela 4.29 está representada a classe de comportamentos “C4. Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal ‘dizer eu’ como evento desprovido de características físicas”, que se refere à identificação de características inferidas da classe de estímulos

discriminativos que controlam a unidade funcional “eu”. No caso, especificamente da propriedade inferida “natureza distinta da física”.

**TABELA 4.29 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C4. CARACTERIZAR ESTÍMULO DISCRIMINATIVO DA RESPOSTA VERBAL ‘DIZER EU’ COMO EVENTO DESPROVIDO DE CARACTERÍSTICAS FÍSICAS”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

**OM: -**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
- estímulo interno perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades com características físicas	- “eu” notado como evento de natureza distinta da física	- descrever estímulo discriminativo da resposta verbal “dizer eu” como evento desprovido de características físicas	- característica física do Sd que controla a unidade funcional “eu” descrita como evento desprovido de características físicas, apesar de sua constituição ser física

**Nome: Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal “dizer eu” como evento desprovido de características físicas**

Tal classe de comportamentos está relacionada às classes “C1. Experienciar ‘eu’ como evento de natureza distinta da física” (Tabela 4.26) e “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7). Enquanto a classe A6 estabelece a função discriminativa de estímulos da classe

“estímulo privado perspectiva [...]”, na classe de comportamentos em questão, tal classe exerce função condicional (Sc), que possibilita a outra classe de eventos exercer função discriminativa às respostas da classe de respostas. A classe de eventos que exerce função discriminativa na classe de comportamentos em questão (Sd) é “*eu notado como evento de natureza distinta da física*”, a qual coincide com a classe de estímulos consequentes da classe C1 (Tabela 4.26).

A classe de respostas, “descrever estímulo discriminativo da resposta verbal ‘dizer Eu’ como evento desprovido de características físicas”, se refere a uma implicação da inferência a respeito da natureza do “estímulo interno perspectiva”: de que seja desprovido de características físicas. Tal inferência, tal qual a envolvida na classe de comportamentos C1, ocorre provavelmente como implicação de o estímulo consistir em uma relação entre a localização de propriedades de estímulos.

Como classe de estímulos consequentes, há “característica física do Sd que controla a unidade funcional ‘eu’ descrita como evento desprovido de características físicas, apesar de sua constituição ser física”. Consiste em uma consequência imediata das respostas da classe de respostas, com ênfase também à característica física do estímulo privado “perspectiva”, a qual é inferida e descrita como não física pelas respostas da classe de respostas. O nome “Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal “dizer Eu” como evento desprovido de características físicas” da classe de comportamentos é embasado nas relações entre os três componentes do comportamento identificados.

A classe de comportamentos “C5. Caracterizar ‘Eu’ como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo” está representada na Tabela 4.30 e se refere a mais uma classe de comportamentos cujas relações configuram um processo de caracterização. No caso, consiste em uma caracterização do evento ou processo denominado “Eu”, realizada com base em classes de comportamentos de perceber propriedades ou qualidades dos estímulos discriminativos que exercem controle sobre a unidade funcional “eu” depois de desenvolvida. “Estímulo privado perspectiva [...]” consiste na classe de estímulos que exerce tal função discriminativa, o que torna as suas características aquelas que favorecem a ocorrência de comportamentos de “perceber”, que interferem na ocorrência da classe C5 em questão. Os produtos dessas classes de comportamentos exercem na classe C5 função discriminativa (Sd): “propriedades ‘interno’ e ‘permanente’ do estímulo interno ‘perspectiva’ percebidas” e “estímulo interno ‘perspectiva’ percebido como atemporal”.

**TABELA 4.30 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS  
CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE  
COMPORTAMENTOS “C5. CARACTERIZAR ‘EU’ COMO  
UNIDADE PERMANENTE E ATEMPORAL LOCALIZADA  
INTERNAMENTE AO ORGANISMO”, IDENTIFICADOS E  
DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO  
IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI  
(1991/2006)**

<b>OM: -</b>			
<b>Classes de estímulos antecedentes</b>		<b>Classe de respostas</b>	<b>Classes de estímulos consequentes</b>
<b>Sc</b>	<b>Sd</b>		
-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- propriedades “interno” e “permanente” do estímulo interno “perspectiva” percebidas</li> <li>- estímulo interno “perspectiva” percebido como atemporal</li> </ul>	- descrever “eu” como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “eu” descrito como unidade permanente</li> <li>- “eu” descrito como unidade atemporal</li> <li>- “eu” descrito como unidade localizada internamente ao organismo</li> </ul>

**Nome: Caracterizar “Eu” como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo**

Como classe de respostas, “descrever ‘eu’ como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo” constitui a classe de comportamentos. Trata-se de uma transposição de qualidades ou propriedades identificadas como constituintes dos estímulos que controlam a unidade funcional “eu” para uma “unidade” denominada “eu”. Tal transposição se dá de acordo com a proposta teórica dos autores da fonte de informações acerca da equivalência entre os estímulos que exercem controle sobre a unidade funcional “x” e a “experiência” de “x” (como se tratasse de um referente). Segundo tal proposta, os estímulos da classe “estímulo interno perspectiva”

controlam também a “experiência de eu”. Também como propõem os autores, a caracterização da “experiência de eu” possibilita caracterizar o “eu”, como um processo ou evento existente.

As três classes de estímulos consequentes consistem em consequências imediatas das respostas da classe de respostas: “‘eu’ descrito como unidade permanente”, “‘eu’ descrito como unidade atemporal” e “‘eu’ descrito como unidade localizada internamente ao organismo”. O nome “Caracterizar ‘Eu’ como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo” atribuído à classe de comportamentos é embasado tanto nas características das relações entre todos os componentes constituintes da classe, quanto nas proposições dos autores acerca da equivalência entre as classes de estímulos que exercem função discriminativa sobre a unidade funcional “eu” e a “experiência de eu” e acerca da possibilidade de caracterizar o “eu” a partir da caracterização de sua experiência.

### ***2.3.2. Características das classes de componentes que constituem classes de comportamentos derivadas a partir da obra, pertencentes à Categoria C***

A última e mais abrangente classe de comportamentos da Categoria C, “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’”, é a classe “C6. Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional ‘eu’ se refere, bem como suas propriedades”, representada na Tabela 4.31. Trata-se de uma classe de comportamentos relacionada à inferência de uma instância à qual o termo “eu” se refere, bem como das propriedades dessa instância. Como classe de estímulos antecedentes discriminativos (Sd), “*estímulo interno perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades*” constitui a classe de comportamentos, equivalente à classe que exerce controle sobre as respostas verbais “eu” como uma unidade funcional independente.

Sob controle dos estímulos da classe de estímulos antecedentes discriminativos há a classe de respostas “*inferir evento ou instância ‘eu’ caracterizado por ser uma unidade permanente, atemporal, localizada internamente ao organismo e de natureza distinta da física*”, que se refere à inferência de um referente ao termo “eu” e de que tal referente se localize internamente ao organismo, seja de natureza não física, permanente e atemporal independentemente da passagem do tempo. Tal

classe de respostas consiste em uma expressão do equívoco de supor um agente originador dos comportamentos dos indivíduos, e a classe de estímulos antecedentes discriminativos possibilita identificar e caracterizar os estímulos cujas características favorecem o equívoco. Como classes de estímulos consequentes, constituem a classe de comportamento as classes “*evento ou instância ‘eu’ inferido*” e “*propriedades inferidas de evento ou instância ‘eu’ inferido*”, que consistem em consequências imediatas das respostas da classe de respostas. O nome da classe de comportamentos, “Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional ‘eu’ se refere, bem como suas propriedades”, é embasado na relação entre a classe de estímulos antecedentes discriminativos e a classe de respostas.

**TABELA 4.31 – CARACTERÍSTICAS DAS POSSÍVEIS CLASSES DE COMPONENTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS “C6. INFERIR EVENTO OU INSTÂNCIA AO QUAL A UNIDADE FUNCIONAL “EU” SE REFERE, BEM COMO SUAS PROPRIEDADES”, IDENTIFICADOS E DERIVADOS A PARTIR DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO IDENTIFICADAS NA OBRA DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006)**

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
Sc	Sd		
-	- estímulo interno perspectiva [...] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades	- inferir evento ou instância “eu” caracterizado por ser uma unidade permanente, atemporal, localizada internamente ao organismo e de natureza distinta da física	- evento ou instância “eu” inferido - propriedades inferidas de evento ou instância “eu” inferido

**Nome: Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional “Eu” se refere, bem como suas propriedades**

**3. Observar os aspectos que constituem as classes de comportamentos referidas pelo conceito “Eu” na obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai possibilita ampliar suas possíveis contribuições à produção de conhecimento científico e à intervenção profissional, bem como confere à obra parâmetros de comparação com outras proposições da área da Análise Experimental do Comportamento relacionadas ao mesmo conceito**

O capítulo “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai consiste em uma fonte de informações já com alto grau de minúcia em relação às características de classes de comportamentos envolvidas no desenvolvimento da unidade funcional “Eu”, processo considerado pelos autores como relacionado ao que denominam “experiência do Eu” e, inclusive, ao próprio “Eu”. É possível sugerir que, ao se proporem a suprir (em algum grau) a lacuna por eles identificada na área da Análise Experimental do Comportamento a respeito de processos comportamentais que possibilitassem intervenções clínicas mais apropriadas e mais eficazes às necessidades dos clientes, os autores estabeleceram um compromisso em produzir conhecimento a respeito de tais processos de modo mais pormenorizado do que previamente já havia sido feito. O produto por eles apresentado muito provavelmente cumpre tais exigências.

No formato dissertativo e descritivo como são apresentadas ao longo do capítulo investigado, as proposições dos autores oferecem aos psicólogos clínicos subsídios a intervenções em vários fenômenos, por possibilitarem ao profissional a identificação de características nucleares dos processos de desenvolvimento da unidade funcional “eu” e da mesma depois de desenvolvida. Por conferirem tratamento distinto dos anteriormente providos aos relatos do que denominam “experiência de eu”, como uma experiência humana relevante que interfere em outros comportamentos dos indivíduos, e possibilitarem a identificação dos processos envolvidos em tal “experiência”. Servem a intervenções no desenvolvimento da unidade funcional “eu” e, conseqüentemente, na “experiência do eu”, à medida que o indivíduo sob intervenção desenvolve suas primeiras interações verbais; em classes de comportamentos que sofrem interferências significativas das características do processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu”, como as que os autores reúnem sob a denominação “desenvolvimento mal-adaptativo da experiência do Self”; e nas

próprias classes de comportamentos verbais “eu” e de “experiência do ‘eu’”, já desenvolvidas.

A descrição do desenvolvimento do comportamento verbal vocal “eu” e da “experiência de eu” como posteriores ao desenvolvimento de comportamentos verbais vocais compostos de unidades funcionais maiores constituídas do termo “eu” – “eu + ação + objeto” e “eu + ação” – possibilita que em intervenções no desenvolvimento da unidade funcional menor em questão não sejam observadas somente as resposta verbais constituídas exclusivamente do termo “eu”, mas todas as demais por tal termo constituídas. Mais que isso, possibilita o arranjo de condições de ensino que favoreçam o desenvolvimento de unidades funcionais maiores constituídas do termo “eu” e sua posterior fragmentação, a fim de promover desenvolvimento “adequado” de unidades funcionais menores. A ênfase à função que os estímulos discriminativos de comportamentos constituídos da resposta verbal vocal “eu” exercem também na classe de comportamentos referida pelos autores como “experiência de eu” e em todas as classes a ela relacionadas – como classes que interferem na qualidade das relações interpessoais dos indivíduos –, por sua vez, possibilita ao profissional identificar o alto grau de relevância dos estímulos que exercem tal função e projetar intervenções especificamente em tais relações de controle. Não mais ao longo do processo de desenvolvimento das unidades funcionais constituídas do termo “eu”, mas após ter sido aprendida.

Resumidamente, os autores produzem e apresentam na obra conhecimento de qualidade acerca de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu”. Denotam relevâncias de tais comportamentos que possibilitaram ampliar consideravelmente as possibilidades de intervenção em processos cujo desenvolvimento depende ou dependeu da história de aquisição dos comportamentos de tato em questão. Com suas proposições, que fundamentam procedimentos de intervenção sobre fenômenos psicológicos em contexto clínico e bem definidos, atendem o objetivo de prover subsídios à intervenção nos comportamentos dos clientes que ocorrem ao longo da própria sessão, já que comportamentos verbais de tato dos clientes que são constituídos do termo “eu” deixam de ter função exclusiva de fonte de informações a respeito das características das interações do cliente fora do consultório. Passam a poder ser objeto de intervenção direta do terapeuta, à medida que o profissional passa a ficar sob controle das características de tais comportamentos verbais e a identificar que funções cumprem na própria relação com ele. Se ocorrem

sob controle prioritariamente de estímulos públicos, os quais podem envolver a suposição de comportamentos do próprio terapeuta e atendem suas necessidades inferidas; se prioritariamente sob controle de estímulos privados; ou outras variadas proporções.

As contribuições dos autores da obra em relação ao desenvolvimento e aprimoramento do conceito “eu” na Análise do Comportamento, embora necessariamente implicadas dado que no capítulo o termo é tratado como seu objeto de análise, não são tão nitidamente identificáveis. O investimento de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) não tem como objetivo apresentar uma definição do que seja o “Eu”, conforme sua concepção, nem de com sua obra examinar os conceitos de outras proposições da Análise do Comportamento em relação ao termo e propor aperfeiçoamentos, caso necessário. Ao discorrerem sobre processos comportamentais por intermédio do termo, no entanto, possibilitam que as circunstâncias em que o utilizam, bem como sob controle de que o fazem se tornem passíveis de identificação. Também possibilitam identificar as classes de comportamentos aludidas por meio do termo, as quais, ao identificadas e organizadas, passam a conferir parâmetros à análise e avaliação do conceito dos autores. Tornam-no passível de ser conhecido.

A descrição que Kohlenberg e Tsai (1991/2006) fazem acerca das características dos processos de desenvolvimento da unidade funcional “eu” decorre de terem-na considerado condição para compreender o desenvolvimento da “experiência de eu”. Tal experiência, a eles, é que consiste no fenômeno cuja identificação e caracterização do desenvolvimento têm alto grau de relevância, dada sua utilidade à compreensão de outros fenômenos bastante frequentes dentre os que levam os clientes a buscarem atendimento clínico. A partir das proposições dos autores acerca do que seja tal “experiência”, é possível interpretar também qual seja sua concepção acerca do termo “eu”. Ao afirmarem que “qualquer explicação adequada sobre o *self* deve levar em conta a experiência ou senso do *self*” (pg. 139), denotam que compreendem o conhecimento acerca da “experiência do eu” ou “senso de eu” como requisitos ao entendimento do que seja o “Eu” (ou “Self”).

Não fosse por ressalvas apresentadas ao longo do capítulo, a partir de uma leitura preliminar da obra, seria possível interpretar que os autores concebem uma instância “Eu” existente, já que antepõem ao termo “eu” o artigo definido “o”, aspecto que pressupõe função substantiva ao termo em questão (Cunha e Cintra, 2008). Se assim fosse, difeririam do que afirma Skinner (1953/2003), acerca de ser o termo “eu” um recurso linguístico de representação de sistemas de

comportamentos. Os autores, no entanto, apresentam uma proposição em conformidade com os conceitos da Análise Experimental do Comportamento e oferecem uma interpretação que destoa da concepção de um “eu” com função iniciadora ou deflagradora das ações do indivíduo e de natureza outra que a de comportamentos. Ainda assim, além de proporem uma análise da “experiência de eu” como condição à compreensão do que seja o “eu” não oferecem uma definição ou descrição do termo em questão que possibilite identificar prontamente as características de seu conceito e em que aspectos efetivamente destoam de uma “essencialização” do “eu”. Para tanto, serve a análise dos resultados obtidos.

À atuação profissional, as informações do capítulo em exame já consistem em subsídios de qualidade e com alto grau de minúcia no formato original com que são apresentadas. Embora com menor grau de minúcia, também servem à identificação do conceito de “eu” dos autores que contribua ao exame da coerência conceitual da Análise Experimental do Comportamento em relação a tal conceito. Ao serem utilizadas como fonte de informações para identificar e derivar classes de componentes de classes de comportamentos relacionadas ao conceito “Eu” na Análise do Comportamento, no entanto, possibilitaram ampliação de suas contribuições. Passam a ser identificadas e dispostas de maneira organizada classes de relações entre classes de aspectos do ambiente e classes de respostas dos indivíduos envolvidas no desenvolvimento da unidade funcional “Eu” e do que é denominado como “experiência de eu”, bem como outras a tais classes de comportamentos relacionadas.

Por meio da utilização do conceito instrumental “comportamento” e dos procedimentos reunidos sob a denominação “análise funcional” é conferido maior grau de minúcia ao conhecimento das interações dos indivíduos ao longo dos processos descritos na obra, bem como maior grau de precisão – a ser avaliado – em relação às funções que cada classe de aspectos do meio exerce nas classes de comportamentos identificadas. A contribuição das informações apresentadas na obra é, portanto, estendida, pois caracterizar e analisar funcionalmente as classes de comportamentos aludidas na obra lhes confere parâmetros para que possam ser colocadas em contraste às classes aludidas em outras obras da mesma área identificadas por meio dos mesmos procedimentos, assim como torna possível maior precisão no manejo das variáveis cujas funções foram identificadas.

### **3.1. Exame das características das classes de comportamentos da Categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”**

Dentre as 30 classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), as 12 de maior relevância em relação à identificação do conceito de “Eu” implicado nas proposições do capítulo constituem a categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”. Embora o nome da categoria enfatize o desenvolvimento da unidade funcional “Eu”, constituinte de comportamentos verbais vocais, dentre as classes reunidas sob a categoria há classes relacionadas ao que os autores denominam “experiência do Eu”, base a partir das quais as características do que concebem como “eu” podem ser inferidas. Tal processo de inferência é, por sua vez, caracterizado nas classes de comportamentos da categoria B – “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘Eu’ se referem”.

Examinar as características das classes de comportamentos da categoria A possibilita reuni-las ainda em três subcategorias conforme suas características em comum, com exceção de uma classe. A (1) primeira referente a classes de comportamentos bastante simples relacionadas às interações do indivíduo que, nas classes de comportamentos de tato constituídas da unidade funcional “eu”, configuram as classes de estímulos do ambiente sob controle das quais as respostas de tato são apresentadas. As classes dessa subcategoria estão relacionadas à apresentação de ações em relação a objetos na presença de indivíduos da comunidade verbal na qual o indivíduo em desenvolvimento está inserido. São elas as classes: “A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” (Tabela 4.2), “A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” (Tabela 4.9) e “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.10). Consistem em classes que diferem entre si somente em relação à quantidade de ações referidas como apresentadas pelo indivíduo e a quantidade de objetos em relação aos quais apresenta as ações. A relevância de conhecer suas classes de estímulos e de respostas, bem como as relações que estabelecem entre si se dá por consistirem em condições para o desenvolvimento de outras classes de comportamentos da categoria A. É por meio de sua

apresentação que determinados conjuntos de eventos do ambiente passam a poder ser distinguidos dos demais por meio de classes de comportamentos de tato que têm tais classes como requisitos.

A apresentação da classe de comportamentos “A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” (Tabela 4.2), torna a parcela pública do conjunto de eventos “ação em relação a um objeto” observável pelos pais ou cuidadores presentes, os quais podem vir a oferecer condições que favoreçam ao indivíduo a discriminação dessa parcela de eventos da natureza (parcela pública da ação em relação ao objeto) como um conjunto distinto dos demais. Ao apresentar ações comuns em relação a objetos variáveis – interação que caracteriza a classe “A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” (Tabela 4.9) – tornam-se passíveis de distinção os conjuntos de eventos públicos e privados que constituem as ações dos indivíduos de maneira independente dos aspectos que constituem os objetos em relação aos quais as ações são apresentadas. Tal se torna uma possibilidade uma vez que os aspectos públicos que constituem os objetos variam a cada situação, enquanto os conjuntos de eventos (públicos e privados) que constituem somente as ações se mantêm os mesmos.

Apresentar a classe “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.10), por fim, implica que da variação tanto dos objetos em relação aos quais as ações são apresentadas quanto das próprias ações se torne possível tornar discriminativos os aspectos que se mantêm comuns a cada variação. Como é possível observar em outras das classes da categoria A, tais aspectos consistem nos aspectos privados comuns a todas as ações variadas apresentadas pelo indivíduo. Embora tais classes consistam em condição para que os aspectos constituintes das interações do indivíduo com objetos por meio de ações se tornem classes de eventos diferenciados dos demais, o estabelecimento da função discriminativa a diferentes conjuntos de aspectos dessas interações somente é possibilitado pelas classes de comportamentos agrupadas numa segunda subcategoria, referente ao desenvolvimento de comportamentos verbais de tato em relação às próprias interações com o ambiente.

Na (2) segunda subcategoria de classes de comportamentos estão agrupadas as classes “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao

objeto” (Tabela 4.3), “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” (Tabela 4.4), “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” (Tabela 4.5), “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.6) e “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7). Consistem nas classes de comportamentos que constituem o processo de desenvolvimento de tatos constituídos do termo “eu”, desde classes de comportamentos em que as respostas são constituídas do termo “eu” de maneira não dissociada dos termos “ação” e “objeto” (sendo esses termos genéricos que representam os efetivamente utilizados a cada ocorrência de comportamentos de tato em questão, como em “eu vejo maçã”, “eu como bolo” etc.), até classes em que a resposta verbal vocal apresentada é constituída exclusivamente do termo “eu”.

Conforme é possível notar, as classes de comportamentos abrangidas pela subcategoria (2) em questão consistem em classes de comportamentos verbais. Como já considerado, são classes cuja ocorrência possibilita que os aspectos que constituem interações do indivíduo com objetos por meio de distintas ações sejam distinguidos. Para que sejam desenvolvidas, no entanto, é plausível considerar que requeiram previamente o desenvolvimento de classes de comportamentos pré-requisitos à auto-referência constituída do termo “eu”. Como classes de comportamentos verbais em que o indivíduo refere-se a si próprio na terceira pessoa – como em “Pedro quer maçã”. Há na fonte de informações de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) menções à possibilidade de o indivíduo utilizar distintos termos funcionalmente equivalentes ao termo “eu”. Como o próprio nome, o termo “mim” ou mesmo “nenê” – como em “nenê quer suco”. No entanto, as informações apresentadas na obra não foram suficientes à identificação de classes de comportamentos intermediárias entre o desenvolvimento das interações simples dos indivíduos com objetos por meio de ações distintas e as classes de comportamentos verbais já constituídas do termo “eu”. Investigar se há classes intermediárias, portanto, pode consistir em um novo problema de pesquisa, cuja sustentação requer dados a serem diretamente observados, relacionados às características

das classes de comportamentos que constituem todo o processo de desenvolvimento de classes de comportamentos verbais de tato constituídas do termo “eu”.

Em relação às classes efetivamente identificadas a partir da fonte de informações e agrupadas na subcategoria (2), observar suas características possibilita identificar os aspectos mais importantes que lhes constituem e que caracterizam o processo de desenvolvimento que configuram, de modo mais minucioso e preciso do que somente a partir da descrição apresentada pelos autores. Trata-se da mudança de controle de estímulos possibilitada a cada nova classe de comportamentos do conjunto desenvolvida, que favorece a fragmentação de unidades funcionais maiores constituídas do termo “eu” e culmina na condição do indivíduo de apresentar a resposta “dizer eu” sob controle exclusivo do estímulo privado “perspectiva”. Como identificado a partir da fonte de informações, são as características desse processo de desenvolvimento que determinam as características das classes de comportamentos denominadas pelos autores como “experiência de eu”. Tais classes proporcionam ao indivíduo seu “senso de ‘eu’”, ainda por ser discutido na terceira subcategoria constituída de classes de comportamentos da categoria A.

Sendo a mudança no controle de estímulos a cada classe de comportamentos o aspecto mais relevante do processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu”, dado o papel que exerce também nas classes de comportamentos de “experienciar ‘eu’”, informações acerca de quais características de classes de comportamentos favorecem tal mudança são também de valor e é possível identificá-las ao examinar as características das classes de comportamentos da subcategoria em questão. Dentre as cinco que a constituem, as classes A2, A4 e A6 (Tabelas 4.3, 4.5 e 4.7, respectivamente) são constituídas de uma resposta sob controle de determinada configuração de estímulos antecedentes e representam as classes nucleares de cada um dos três estágios de desenvolvimento da unidade funcional “eu”. As classes A3 (Tabela 4.4) e A5 (Tabela 4.6), por sua vez, são caracterizadas como constituídas de várias respostas com alguns aspectos em comum e outros distintos sob controle de estímulos do ambiente também com aspectos comuns e outros distintos. Consistem nas classes intermediárias entre os estágios de desenvolvimento descritos pelos autores e a variação de estímulos antecedentes e de respostas que as definem são as condições que muito provavelmente promovem alteração no controle de estímulos e fragmentação das unidades funcionais. Possibilitam que eventos

inicialmente neutros nas primeiras classes adquiram função discriminativa.

Todas as classes em questão requerem como classes de estímulos condicionais a apresentação de uma ou várias ações do indivíduo em relação a objetos do ambiente. A rigor, ações apresentadas pelo próprio indivíduo constituem comportamentos ou classes de comportamentos e, assim, sua representação mais adequada seria no componente “classe de respostas” de outra classe de comportamentos. Se assim fossem consideradas as ações do indivíduo apresentadas em relação a objetos, não seriam representadas como estímulos antecedentes às respostas das classes de comportamentos verbais, mas como constituintes de uma classe de comportamentos apresentada anteriormente aos comportamentos das classes de comportamentos de tato. No entanto, por tais ações consistirem no conjunto de eventos relevante cujas características exercem controle sobre as respostas verbais do indivíduo, com função “didática”, foi optado por representá-las como pertencentes a classes de estímulos antecedentes dos comportamentos verbais.

As ações referidas como pertencentes a classes de estímulos condicionais às classes de comportamentos da segunda subcategoria dentre as classes pertencentes à categoria “A” consistem em conjuntos de eventos constituídos tanto de variáveis públicas e observáveis pelos demais quanto de variáveis privadas cujo acesso é direto somente ao próprio indivíduo, desde que consistam em parcelas diferenciadas de estímulos dentre os demais eventos do ambiente. Considerando que o processo de desenvolvimento da unidade funcional inicia com a apresentação da classe de comportamentos “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” (Tabela 4.3) e encerra com a apresentação da classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente “eu” como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7), é possível verificar que o controle de estímulos sobre a resposta verbal inicialmente exercido exclusivamente por estímulos públicos passa a ser exercido por estímulos públicos e privados e, por fim, exclusivamente por um estímulo privado, acessível somente ao próprio indivíduo. Concomitantemente, a unidade funcional “eu+ação+objeto” é fragmentada até a unidade mínima “eu”. Observar as características de cada classe em relação às demais possibilita identificar como tais processos ocorrem de maneira gradativa. Assim como possibilita

identificar quais as relações entre as classes de comportamentos que as torna constituintes de um mesmo processo de desenvolvimento.

A alteração do controle exercido exclusivamente por aspectos públicos das próprias ações em relação a objetos (o que inclui as propriedades de tais objetos) para uma relação em que tanto aspectos públicos quanto privados dessas ações exercem função discriminativa em relação às unidades funcionais é possibilitada pela ocorrência das classes de comportamentos A2 (Tabela 4.3) e “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” (Tabela 4.4), em conjunto com as classes “A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” (Tabela 4.2) e “A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” (Tabela 4.9). Concomitantemente, é também possibilitada a fragmentação da unidade funcional constituída dos termos “eu”, “ação” e “objeto” como termos não dissociados primeiramente – “eu+ação+objeto” – na unidade funcional “eu+ação”.

Ao apresentar a classe de comportamentos A2, o indivíduo responde sob controle apenas dos aspectos públicos que constituem a própria ação em relação ao objeto (o que inclui os estímulos do próprio objeto). Tais aspectos consistem na parcela tornada passível de discriminação a partir da apresentação da classe de comportamentos A1 (Tabela 4.2), referente a um comportamento não verbal apresentado em relação a um objeto na presença dos pais ou cuidadores. É razoável sugerir – e os próprios autores mencionam tal condição ao longo do texto – que entre a apresentação da classe de comportamentos A1 e a da classe A2 em questão, os pais ou cuidadores forneçam condições para que o sujeito em desenvolvimento apresente a resposta verbal “eu + ação + objeto”, que passa a consistir em uma unidade funcional por meio da consequenciação apresentada pelo meio social, em geral.

Por meio da apresentação da classe de comportamentos A2, portanto, não apenas o indivíduo apresenta um comportamento em relação a um objeto, mas por meio da resposta verbal apresentada e selecionada, uma parcela das variáveis que constituem a interação do indivíduo com o ambiente passa a ser diferenciada dos demais eventos presentes. O mesmo não ocorre com uma outra parcela de eventos presentes, diferenciada somente por meio da apresentação de outras classes de comportamentos da categoria: os estímulos privados que

constituem a ação apresentada em relação ao objeto – como estímulos e respostas fisiológicas que ocorrem concomitantemente à resposta – e, especificamente, o estímulo privado “perspectiva”. Embora essa parcela privada de variáveis constitua a ação apresentada em relação a um objeto, ação essa que exerce função condicional no sistema de relações, permanece indiferenciada às respostas da classe de respostas verbal em questão.

Somada à apresentação da classe de comportamentos “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” (Tabela 4.4), a classe A2 (Tabela 4.3) consiste na condição para que aspectos privados constituintes das ações apresentadas passem a exercer função discriminativa em relação às respostas do indivíduo que as apresenta. Não de maneira exclusiva, mas em conjunto com os aspectos públicos que exercem a mesma função. Na classe A3, ações de uma mesma classe apresentadas em relação a objetos distintos exercem função condicional (diferentemente da classe A2, em que apenas uma ação é apresentada) a respostas verbais “eu+ação+objeto”, cada uma em conformidade com a ação e o objeto que consistem nos estímulos condicionais. Seu desenvolvimento tem como implicação que o indivíduo apresente vários comportamentos de tato constituídos da unidade funcional maior “eu+ação+objeto”, em que os termos “ação” de cada um dos comportamentos são os mesmos e os termos “objeto” não – como em respostas verbais de tato “quero maçã”, “quero bolo”, “quero cama” etc. Do mesmo modo como na classe de comportamentos A2, a parcela privada dos eventos que exercem função condicional – apresentação de uma ação em relação a vários objetos, no caso – se mantém indiferenciada. Exercem função discriminativa somente os aspectos públicos dessas interações.

É a variação dos aspectos públicos que constituem objetos e cada uma das ações apresentadas seguidas de respostas de tato sob controle condicional de tais interações que possibilita a discriminação do conjunto de variáveis comum a todas as interações com objetos distintos por meio de ações de uma mesma classe. Sendo as ações os aspectos em comum e os objetos os conjuntos de aspectos distintos, são as variáveis públicas e também privadas dessas ações que passam a ser diferenciadas dos demais eventos da natureza. É tal variação a condição, por exemplo, para que ao apresentar as unidades funcionais “eu vejo maçã”, “eu vejo mamãe” e “eu vejo carro” as variáveis que constituem a ação “ver” sejam diferenciadas das que constituem os objetos “maçã”,

“mamãe” e “carro”. Por se tornarem uma parcela distinguível dentre os demais eventos da natureza, os aspectos privados e públicos somente das ações (independentemente dos objetos em relação aos quais são apresentadas) passam a poder exercer função discriminativa.

Uma primeira relevância das classes de comportamentos A2 (Tabela 4.3) e A3 (Tabela 4.4), portanto, se dá em função de consistirem nas condições para que o indivíduo passe a apresentar unidades funcionais constituídas do termo “eu” sob controle de eventos que ocorrem sob a sua própria pele. A partir disso, tais unidades passam a se diferenciar do tato simples “objeto”, já que deixam de possibilitar ao ouvinte acesso somente às variáveis que constituem o próprio objeto – características que configuram o tato simples “objeto” –, mas variáveis que constituem também exclusivamente suas ações. É possível sugerir que ao tatear as próprias ações sob controle de estímulos privados que as constituem, o indivíduo passa a ter condições de identificar tais estímulos e de diferenciar aspectos do ambiente que lhe são privados daqueles públicos e acessíveis diretamente à observação dos demais.

O início da apresentação de unidades funcionais sob controle de estímulos privados está, portanto, em conformidade com o conhecimento produzido em Análise Experimental do Comportamento acerca da diferenciação de estímulos privados, em que é proposto que somente ocorra graças às contingências oferecidas pela comunidade verbal (Skinner, 1945 apud Tourinho, 2009; Skinner, 1957/1978; Moore, 2001 apud Tourinho, 2009). Tal característica é observada nas classes de componentes das classes “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” (Tabela 4.5) e “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.6), nas quais as respostas verbais de tato “eu+ação” ocorrem sob controle somente dos estímulos que constituem as próprias ações, tanto de seus aspectos públicos quanto privados. A unidade funcional constituída do termo “eu” em tais classes, embora já dissociada do termo “objeto”, é ainda constituída conjuntamente do termo “ação”.

Analisar as características da classe A4 (Tabelas 4.5) possibilita identificar que consiste na classe que delimita o segundo estágio de desenvolvimento da unidade funcional “eu”, uma vez que se trata da classe em que a unidade funcional “eu+ação” se torna possível de ser apresentada de maneira independente. Compará-la à classe “A2.

Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” (Tabela 4.3) que representa o primeiro estágio do mesmo processo de desenvolvimento possibilita conferir destaque às suas principais distinções, referentes justamente aos aspectos nucleares do processo. A primeira em relação à classe de respostas, que passa a se referir a uma unidade funcional constituída dos termos “eu” e “ação”, enquanto na classe de comportamentos A2 a resposta verbal que consiste em uma unidade funcional é composta também pelo termo “objeto”. A segunda distinção se refere ao controle de estímulos sobre as respostas da classe de respostas: enquanto na classe de comportamentos A2 (Tabela 4.3) apenas estímulos do objeto e estímulos públicos essenciais da ação em relação ao objeto exercem função discriminativa às respostas, na classe A4 (Tabela 4.5), os estímulos privados da ação em relação ao objeto também passam a exercer tal função.

Outro aspecto que as torna comparáveis entre si consiste em suas classes de estímulos condicionais. Em ambas somente uma ação apresentada em relação a um objeto exerce consiste na classe de estímulos condicionais. Como tais, não possibilitam sozinhas a fragmentação das unidades funcionais nem a alteração do controle de estímulos. Para que a unidade funcional “eu+ação” seja mais uma vez fracionada e se desenvolva a unidade funcional “eu” de maneira independente, portanto, é que a classe “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.6) constitui o processo de desenvolvimento em questão.

É em função de sua classe de estímulos condicionais abranger não uma ação apresentada em relação a um objeto, mas várias ações apresentadas em relação a vários objetos, que os aspectos em comum às várias ações distintas passam a poder ser distinguidos dos demais aspectos do conjunto de eventos ao qual pertencem. Tal operação de discriminação é efetivada, no entanto, por meio da apresentação das respostas que constituem a classe de respostas: várias unidades funcionais “eu+ação” em que o termo “eu” se mantém e os termos “ação” variam. Ainda que todas elas sejam apresentadas sob controle do conjunto de eventos que constitui as ações apresentadas, tanto seus aspectos privados quanto seus aspectos públicos, à medida que as ações que exercem função condicional variam concomitantemente ao termo “ação” da unidade funcional, o controle de estímulos é gradativamente

alterado. Os aspectos das classes de estímulos condicionais que se mantêm comuns passam a adquirir controle sobre uma unidade funcional menor “eu”, enquanto os que variam conforme a ação apresentada passam a exercer controle sobre a unidade funcional “ação”.

Ainda que a classe de comportamentos A5 (Tabela 4.6) consista na condição para que os aspectos privados comuns a quaisquer ações apresentadas pelo próprio indivíduo se tornem estímulos com função discriminativa a unidades funcionais constituídas exclusivamente do termo “eu”, em suas ocorrências tal parcela de aspectos que constituem as próprias ações permanece neutra. Trata-se de um processo semelhante ao possibilitado pela classe A3 (Tabela 4.4), em que ao serem apresentadas várias ações de uma mesma classe em relação a objetos distintos e ao serem apresentadas várias respostas verbais constituídas da unidade funcional “eu+ação+objeto”, os aspectos que constituem exclusivamente as ações – e não os objetos em relação aos quais são apresentadas – passam a poder exercer função discriminativa a respostas do indivíduo. Às respostas da classe de comportamentos A3, no entanto, tais aspectos permanecem neutros e indistintos.

A relevância do desenvolvimento da classe de comportamentos A5 (Tabela 4.6), portanto, se dá por tornar possível a operação de discriminação em relação aos aspectos privados que coincidem em quaisquer ações do indivíduo, bem como que tais aspectos consistam nos estímulos discriminativos especificamente da resposta verbal que configura em unidade funcional constituída exclusivamente do termo “eu”. Ao longo do processo de desenvolvimento em questão, trata-se de conferir condições para a apresentação de respostas de tato sob controle exclusivamente de um estímulo de natureza privada. Não apenas tais eventos são privados ao indivíduo, mas configuram uma classe específica. Como propõem Kohlenberg e Tsai (1991/2006), trata-se do estímulo privado “perspectiva”, que passa a exercer função discriminativa na classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7).

Sua distinção é tornada possível uma vez que a cada ação apresentada pelo indivíduo seguida de unidades funcionais de tato “eu+ação” (sendo o termo ação correspondente ao nome atribuído à ação apresentada) há uma variação nas características físicas pessoais, na localização pessoal e nas características de cada ação, ao passo em que permanece constante uma mesma relação entre o local onde o indivíduo se encontra e o local onde não se encontra ao longo da apresentação das diferentes ações. O que os autores chamam – e é

mantido dentre as características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra – de “perspectiva” é, portanto, o conjunto de eventos privados que permanecem constantes em todas as interações do indivíduo, independente de variações nas características do próprio indivíduo, do ambiente em que se encontra ou das ações apresentadas. Tal é a classe de estímulos que exerce função discriminativa sobre as unidades funcionais menores constituídas exclusivamente do termo “eu”, cuja apresentação encerra seu processo de desenvolvimento. No que seria, conforme os autores, o terceiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “eu” (classe A6, Tabela 4.7), cujas características da classe de comportamentos que o caracteriza coincidem com as demais ocorrências da apresentação da unidade funcional “eu”, depois de desenvolvida.

A identificação não apenas das classes de comportamentos constituídas das unidades funcionais “eu+ação+objeto”, “eu+ação” e “eu” sob controle cada qual de uma interação do indivíduo com aspectos do ambiente, mas também das classes de comportamentos intermediárias a cada um dos estágios de desenvolvimento, é altamente relevante, pois revela de quais classes de interações decorre efetivamente o tato constituído do termo “eu”. Não é produto de aprendizagens de respostas verbais menores, mas decorre da fragmentação de unidades maiores por tal termo constituídas. A tal conclusão as informações apresentadas na obra são suficientes. A análise das características de cada uma das classes de componentes aludidas nas unidades de informação do capítulo, no entanto, denota **(a)** quais das classes de comportamentos exercem papel crítico na fragmentação das unidades funcionais, **(b)** quais de suas classes de componentes têm também função fundamental e **(c)** graus de minúcia e precisão maiores em relação a todas as classes de componentes que constituem as classes de comportamentos do processo.

Por meio dessas contribuições se torna possível notar que a alteração gradativa no controle de estímulos em relação a respostas verbais de tato constituídas do termo “eu” confere função discriminativa a propriedades de eventos que desde o início do processo de desenvolvimento estavam presentes no ambiente. É em função da apresentação dos produtos de cada estágio de desenvolvimento em variadas circunstâncias que ocorrem as consecutivas operações de discriminação, as quais, por sua vez, possibilitam ao indivíduo apresentar cada um dos termos constituintes das unidades funcionais sob controle de um conjunto mais restrito e mais específico de eventos. No início do processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu”, todas

as palavras que constituíam respostas verbais com tal termo eram apresentadas muito provavelmente sob controle de um conjunto indiferenciado de estímulos.

Especificamente em relação à classe de estímulos antecedentes que passa a exercer função discriminativa na última classe de comportamentos do processo (classe A6, Tabela 4.7), a classe “estímulo privado perspectiva [constituída pela relação entre as características do local no espaço onde o indivíduo se encontra (aqui) e onde acontece a atividade privada constituinte de comportamentos do indivíduo e as características do local onde não se encontra (lá), constituído de eventos públicos e privados] constante do indivíduo, independentemente de alterações das próprias características físicas ou das próprias atividades”, passa a ser possível verificar seu alto grau de complexidade, dada a quantidade de complementos que a qualificam. Embora possa ser sugerido que tal classe de eventos antecedente constitua quaisquer comportamentos do indivíduo desde o seu nascimento, conforme o que é observado nos resultados, tal só passa a exercer função discriminativa após o longo processo de desenvolvimento de comportamentos verbais constituídos de respostas de tato compostas pelo termo “eu”. Até a ocorrência de tal processo, a constância de uma mesma relação entre o local onde o indivíduo se encontra e onde não se encontra a cada interação com o ambiente se manteria como um conjunto de eventos indiferenciados.

A operação de discriminação que possibilita que o estímulo “perspectiva [...]” passe a consistir em um conjunto de eventos da natureza distinto dos demais, no entanto, não implica ainda que as características desse estímulo sejam conhecidas pelo próprio indivíduo. Até o desenvolvimento da classe de comportamentos A6 (Tabela 4.7), o que o indivíduo é capaz de fazer é apresentar o termo “eu” em comportamentos verbais de tato como uma unidade funcional independente sob controle do tal estímulo privado. Considerando a definição de comportamentos de tato, que demarca como um de seus aspectos delimitadores uma suposta identidade funcional entre as características da situação sob controle da qual o indivíduo apresenta as respostas verbais e as características de tais respostas (Matos, 1991), é possível indagar acerca da ocorrência de tal correspondência funcional entre a resposta verbal vocal “eu” e o estímulo privado “perspectiva [...]” que adquire função discriminativa a tal resposta.

A uma primeira análise parece evidente que os aspectos antecedentes à resposta verbal vocal “eu” e as características do estímulo sob controle do qual é apresentada não compartilham entre si a

correspondência em questão. Diferentemente da relação entre as características da ação “ver” e a resposta verbal vocal “ver” ou do objeto “maçã” e a resposta verbal vocal “maçã”, já que à comunidade verbal na qual tais respostas verbais são desenvolvidas e selecionadas os termos “ver” e “maçã” apresentam correspondências com as variáveis que constituem a ação “ver” e as que constituem o objeto “maçã”, respectivamente. Tal correspondência somente poderia ser sugerida também em relação ao termo “eu”, caso à comunidade verbal na qual é desenvolvido o comportamento de tato constituído da resposta verbal vocal “eu” seja consenso que tal termo apresente correspondências com o dado estímulo discriminativo. Que consista em mero recurso para representar suas características, como Skinner (1953/2003) propõe, num primeiro momento, em relação aos “sistemas de respostas funcionalmente unificados”. O que, no entanto, não é observado dentre as concepções tradicionais envolvidas no termo.

Sendo os comportamentos de tato o meio pelo qual a comunidade pode ter acesso às características do ambiente que exercem controle sobre o falante, inclusive a respeito dos estímulos privados que exercem tal função (Matos, 1991), a ausência de uma tal correspondência não favorece a comunicação entre os membros da comunidade. Por meio do mesmo termo, se torna possível aos ouvintes suporem variados aspectos do ambiente sob controle dos quais o indivíduo esteja sob controle. À luz dos resultados agrupados numa terceira subcategoria da categoria A de classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), tais conjecturas acerca das implicações da apresentação de comportamentos de tato constituídos da resposta verbal “eu” sob controle do estímulo privado “perspectiva [...]” podem ser melhor examinadas, já que em tal agrupamento estão reunidas classes de comportamentos relacionadas ao que os autores denominam “experiência de ‘eu’”, cujos desenvolvimento são aparentemente função dos comportamentos de tato constituídos de respostas verbais compostas do termo “eu”.

Reunidas sob a (3) terceira subcategoria de classes de comportamentos dentre a categoria A, estão as classes “A7. Experienciar o ‘eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8), “A10. Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor” (Tabela 4.11) e “A12. Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor” (Tabela 4.13). Ao examinar suas características e as relações que

estabelecem com as classes reunidas sob a segunda subcategoria, a extensão das contribuições dos procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados é melhor compreendida. Além de o conceito dos autores a respeito do termo “eu” se tornar mais claro.

As classes em questão apresentam em comum o fato de se referirem a relações entre classes de respostas do indivíduo e classes de aspectos do ambiente identificadas como aquelas referidas pelos autores por meio da expressão “experiência de ‘eu’”. Correspondem entre si também em função de suas classes de estímulos discriminativos serem equivalentes às classes de estímulos discriminativos de classes de comportamentos relacionadas ao desenvolvimento da unidade funcional “eu”. Como é possível observar a partir dos resultados, cada uma partilha as mesmas classes de estímulos antecedentes discriminativos com classes de comportamentos de diferentes estágios de desenvolvimento da unidade funcional. A observação e análise de suas características possibilita sugerir que tal equivalência implique em as classes de comportamentos que constituem o processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu” serem requisitos ao desenvolvimento das classes relacionadas à “experiência de ‘eu’”, já são as condições às operações de discriminação em questão. Respostas de “experienciar ‘eu’” com determinadas qualidades, portanto, parece decorrer do desenvolvimento de comportamentos verbais de tato compostos pelo termo “eu”.

Por partilhar a classe de estímulos discriminativos com a classe de comportamentos que demarca o primeiro estágio de desenvolvimento da unidade funcional “eu” – “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” (Tabela 4.3) –, é possível concluir que a classe A10 (Tabela 4.11) é a primeira das três agrupadas na terceira subcategoria a ser apresentada cronologicamente ao longo do processo de desenvolvimento da unidade funcional. Seguida da classe de comportamentos A12 (Tabela 4.13), por tal classe ser constituída dos mesmos estímulos discriminativos que a classe de comportamentos “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” (Tabela 4.5), demarcadora do segundo estágio de desenvolvimento da unidade funcional em questão. Por fim, a última classe desenvolvida em paralelo ao desenvolvimento da unidade funcional “eu”, é a A7 (Tabela 4.8), por sua classe de estímulos discriminativos corresponder à da classe que demarca o último estágio

de desenvolvimento do comportamento verbal vocal de tato constituído da unidade funcional “eu” – a classe “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7).

A derivação das características das classes A10 (Tabela 4.11) e A12 (Tabela 4.13) e a identificação das características da classe A7 (Tabela 4.8) possibilitam esclarecer que está implicado nas proposições dos autores o entendimento de que os indivíduos inseridos em uma comunidade verbal que os ensina a tatear suas próprias ações por meio de expressões que contêm o termo “eu” experimentam a existência de um “eu” primeiramente de maneira não dissociada dos objetos nem das próprias ações, depois dissociada apenas dos objetos e, por fim, dissociada tanto dos objetos como das ações. Tal se daria em função das características dos estímulos que exercem função discriminativa sobre cada unidade funcional, o que também implica necessidade de oportunidades para que comportamentos de tato ocorram continuamente.

Conforme as características da classe A10 (Tabela 4.11) em relação às características da classe A2 (Tabela 4.3), ao responder “eu+ação+objeto” sob controle dos aspectos públicos tanto das ações apresentadas quanto de objetos com os quais se relaciona, o indivíduo tende a notar um “eu” como algo que compartilha das propriedades dos estímulos discriminativos da resposta verbal de tato em questão. Como algo indiferenciado das próprias ações e objetos e, mais precisamente, desprovido de aspectos encobertos. Ao passo em que a expressão “eu+ação” se torna uma unidade funcional independente do termo “objeto” – o que ocorre na classe de comportamentos A4 (Tabela 4.5) – e é apresentada sob controle discriminativo tanto de aspectos públicos quanto privados constituintes da ação (não mais do objeto) previamente apresentada pelo indivíduo, esse tende a notar um “eu” com propriedades correspondentes aos estímulos com função discriminativa em relação à nova unidade funcional. Como “algo” dissociado dos objetos com que o indivíduo se relaciona, com algumas propriedades públicas e outras privadas, correspondentes às propriedades das ações apresentadas.

Uma noção de “eu” como “algo” dissociado das próprias ações e dos objetos com que o indivíduo se relaciona só ocorreria a partir da fragmentação da unidade funcional “eu+ação+objeto” em “eu+ação” e, por fim, em “eu”. A partir do momento em que somente o estímulo “perspectiva [...]” comum a todas as interações do indivíduo assume função discriminativa em relação à resposta verbal vocal “eu”, que

ocorre na classe de comportamentos A6 (Tabela 4.7). Tal sequência de desenvolvimento é congruente com as proposições da Análise Experimental do Comportamento e especificamente de Skinner (1953/2003) acerca da negação de uma instância “eu” independente das interações do indivíduo com aspectos do ambiente. Independentemente de serem concebidas por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) propriedades ao “eu” experimentado pelo indivíduo, analisar as características das classes de comportamentos que implicam em tal “experiência” possibilita identificar que aos autores o indivíduo somente “nota”, “sente” ou “experimenta” um “eu” como “algo” com determinadas qualidades em função do desenvolvimento de comportamentos verbais que envolvem o termo. Mais especificamente, do desenvolvimento de variadas unidades funcionais grandes (“eu+ação+objeto”) por ele constituídas.

Enquanto tal “algo” percebido como um “eu” existente e independente dos demais eventos da natureza fosse entendido somente como as características das classes de estímulos antecedentes que exercem controle sobre respostas verbais constituídas do termo “eu”, não haveria provavelmente consequências danosas ao próprio indivíduo nem, a partir de uma análise mais abrangente, à sociedade. Entendê-lo como uma “instância”, no entanto – como ocorre nas classes de comportamentos A10 (Tabela 4.11), A12 (Tabela 4.13) e A7 (Tabela 4.8) – implica em extrapolar as características dos eventos da natureza coincidentes em quaisquer interações do indivíduo com o ambiente. Extrapolar a base factual a partir da qual interpretações embasadas na Análise Experimental do Comportamento são realizadas e, com isso, ir ao encontro das concepções representacionais da linguagem criticadas por Skinner (1957/1978), nas quais os termos nomeiam referentes necessariamente existentes na natureza. Nas quais não são consideradas as contingências que dão origem e mantêm o uso das palavras. Dentre as características das classes de comportamentos agrupadas nas categorias B e C, há indícios de decorrências de ambas as interpretações, possíveis de identificar ou derivar a partir da obra. Como atribuir a função das variáveis externas das ações a uma instância iniciadora “eu” e pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos apresentados pelo mesmo indivíduo.

A partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir do capítulo “O Self” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) e reunidas na categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” é possível conjecturar com maior fundamentação acerca

do conceito de “eu” envolvido nas proposições dos autores. Embora tenham utilizado o termo “eu” antecedido de artigos definidos e com isso predisposto o leitor a inferir função substantiva ao termo e, por conseguinte, concebê-lo como o nome de uma instância existente, as ressalvas pelos próprios autores apresentadas ao longo do texto impedem tal interpretação. Ao possibilitarem a interpretação (com base nas características das classes de comportamentos identificadas e derivadas) de que o processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu” é constituído de variáveis determinantes de classes de comportamentos cujas classes de estímulos consequentes consistem em “experiências de ‘eu’” como uma instância com determinadas qualidades, as informações da obra denotam que ao menos a percepção da existência de uma instância “eu” é função de interações verbais estabelecidas e selecionadas pela comunidade verbal.

Até tal implicação dos resultados não é possível concluir acerca da natureza que os autores atribuem ao “eu”, se o fazem, nem se o concebem como uma instância/entidade ou um fenômeno existente. Menos ainda que características constituiriam tal fenômeno. Se, no entanto, as classes de estímulos discriminativos das classes de comportamentos de “experienciar ‘eu’ como uma instância (...)” coincidem as com as das classes de comportamentos verbais constituídas do termo “eu” e tais são desenvolvidas sob controle de aspectos das interações dos próprios indivíduos com o ambiente, é possível notar que ao menos o “senso” de “eu” independe de uma instância “eu” existir como um evento ou fenômeno da natureza. Mais que simplesmente denotar a falta de necessidade de sua existência para que os indivíduos possam “experimentá-la” como uma instância existente, os resultados ainda apresentam subsídios que possibilitam verificar o que torna a experiência de “eu” independente de uma dada instância.

Se de tais informações for interpretado ser o “eu” algo existente somente como um constructo, não como um fenômeno comportamental além do comportamento verbal, tal implica em corroborar a proposição de Skinner (1953/2003) apresentada no capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de que o termo “eu” consista simplesmente em um recurso verbal e não no nome de algum fenômeno. Aos autores, no entanto, tal recurso seria utilizado como representação do estímulo discriminativo interno “perspectiva [...]”, não de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados como é possível interpretar a partir dos resultados obtidos por meio da análise da obra de Skinner. Identificar possíveis correspondências e graus de coerência entre as

proposições de Skinner e as implicadas no capítulo “O Self” da obra *FAP- Psicoterapia Analítico Funcional* de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), no entanto, requerem exame das características das demais classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir de tal obra.

Mais que prover subsídios com maior grau de minúcia à identificação do conceito de “eu” que Kohlenberg e Tsai (1991/2006) apresentam implicado na obra sob exame, as características identificadas ou derivadas das classes de comportamentos que constituem a categoria A de comportamentos – “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” – servem de contribuição também à intervenção direta ou indireta (por meio de ensino ou novos processos de produção de conhecimento) em comportamentos constituintes das classes cujas características das classes de componentes e suas funções nos sistemas de relações a que pertencem foram identificadas ou derivadas. Seja no campo de atuação clínica ou em quaisquer outros em que intervir nesses fenômenos produza benefícios ao(s) indivíduo(s) sob intervenção ou a outros com quem se relaciona. Seja à intervenção nas classes de comportamentos decorrentes dos processos de desenvolvimento da unidade funcional “eu” e da “experiência de ‘eu’”, seja à intervenção nas classes que ocorrem ao longo de tais processos.

### **3.2. Exame das características das classes de comportamentos da Categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘Eu’ se referem”**

A utilidade do conhecimento produzido acerca das características das classes de comportamentos reunidas na categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘Eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” à identificação do conceito de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) acerca do termo “eu” e à produção de subsídios para campos de atuação em que os fenômenos caracterizados como relacionados a tal conceito são objetos de intervenção é complementada pelas características identificadas e derivadas das 12 classes de comportamentos classificadas como pertencentes à categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘Eu’ se referem”. Em tal categoria estão reunidas classes de comportamentos que podem ser apresentadas pelos próprios indivíduos à medida que passam não só a apresentar comportamentos verbais constituídos do termo “eu” e a “experienciar o

‘eu’”, mas também a descrevê-las. Podem também consistir em classes apresentadas por outrem, a partir da observação das características das interações verbais do indivíduo que se comporta, constituídas do termo “eu”.

Por meio da análise dos resultados reunidos sob a categoria B, o conceito de “eu” dos autores se torna mais evidente, uma vez que em suas asserções é possível identificar a implicação de que, segundo suas proposições, por meio da caracterização das classes de comportamentos verbais de tato constituídas do termo “eu” e das classes de “experienciar um ‘eu’” o indivíduo passa a conhecer não só propriamente as características de tais classes, mas teria a seu dispor informações que se aproximam das características do que seja “o” “eu”. Examinar as características das classes de comportamentos da categoria possibilita agrupar nove delas em duas subcategorias conforme suas propriedades comuns, enquanto três classes apresentam características particulares que merecem exame separadamente.

A (1) primeira subcategoria reúne classes relacionadas à caracterização da experiência de “eu”. Embora as classes que a constituem sejam, cada qual, relacionadas à caracterização de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu”, sua função se dá por prover informações acerca das características da “experiência de ‘eu’”, mais que unicamente acerca das unidades funcionais em questão. Analisar as características das classes de comportamentos envolvidas nessa subcategoria possibilita identificar quais os aspectos nucleares a serem conhecidos das classes constituídas de unidades funcionais a fim de que também as classes relacionadas à “experiência de ‘eu’” sejam conhecidas. Consistem nas classes “B2. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu+ação+objeto’ desenvolvida” (Tabela 4.15); “B3. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu+ação’ desenvolvida” (Tabela 4.16); “B4. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ desenvolvida” (Tabela 4.17); “B5. Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘Eu’ em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento” (Tabela 4.18); “B6. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ após seu desenvolvimento” (Tabela 4.19); e “B7. Caracterizar a experiência do ‘Eu’” (Tabela 4.20). De todas, apenas a classe B7 (Tabela 4.20) apresenta em seu nome menção à “experiência de ‘eu’”. As demais são relacionadas à identificação dos estímulos que exercem função discriminativa em relação às unidades funcionais “eu”, tanto ao longo de seu desenvolvimento quanto depois de desenvolvidas.

O que possibilita agrupar as classes referentes à caracterização do controle de estímulos de classes de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu” à classe na qual é caracterizado o processo comportamental a que os autores se referem como “experiência de ‘eu’” é o fato de as classes B2 a B6 (Tabelas 4.15 a 4.19) terem como uma ou duas de suas classes de estímulos consequentes a identificação de variáveis que exercem função discriminativa também em relação às classes de comportamentos de “experenciar” um “eu” ao longo do processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu” ou após seu término. Assim como a classe B7 (Tabela 4.21) ter como classes de operações motivadoras as classes de estímulos consequentes referidas. Consistem, por isso, em classes de comportamentos relacionadas entre si. A relevância dos resultados acerca de suas características se dá, em parte, por possibilitarem identificar que os autores não propõem nada além das características dos estímulos discriminativos das unidades funcionais “eu” como propriedades ou qualidades de comportamentos de caracterização da experiência de “eu”.

Para avaliar a extensão das implicações de tal concepção acerca do que configure a classe relacionada à caracterização da “experiência de ‘eu’” – classe “B7. Caracterizar a experiência do ‘Eu’” (Tabela 4.20) –, as proposições acerca das características dos processos de “Autoconhecimento” propostas por Skinner (1953/2003; 1969/1980; 1974/2003) servem como subsídio. Se somadas à consideração de que as classes de comportamentos B2 a B7 podem ser desenvolvidas tanto pelo indivíduo que se comporta e desenvolve comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu” quanto por outrem que os observam. Para Skinner, comportar-se sob controle de conjuntos diferenciados de estímulos consiste em um tipo de comportamento de “conhecer”. Enquadram-se nessa categoria quaisquer dos comportamentos aprendidos pelos indivíduos, cuja apresentação é realizada somente diante de conjuntos diferenciados de estímulos que se tornaram discriminativos em função dos estímulos consequentes que seguiram respostas da classe de respostas da classe de comportamentos em questão. Alguém “saber” andar de bicicleta é um exemplo desse tipo de conhecimento, já que representa a condição do indivíduo de comportar-se diferentemente diante de conjuntos de eventos (classes de estímulos discriminativos). Tal tipo de comportamento “conhecer”, no entanto, não equivale sozinho ao processo de “Conhecer-se”.

Segundo a interpretação de Skinner (1953/2003; 1969/1980; 1974/2003), “Autoconhecimento” ou “Conhecer-se” requer não somente que o indivíduo se comporte sob controle de estímulos de classes de

estímulos discriminativos, mas que saiba descrever as variáveis de seus comportamentos. Consiste em um processo que envolve uma interação entre dois grandes sistemas de comportamentos: um cognoscível e outro que conhece. Dentre as possibilidades do sistema de comportamentos “que conhece”, Skinner (1969/1980) categoriza ainda dois conjuntos: conhecimento acerca do que se faz e conhecimento do “por que” se faz. Mais especificamente, o autor categoriza o “Autoconhecimento” / “Conhecer-se” entre aquele relacionado às **(a)** variáveis constituintes dos próprios comportamentos e ao relacionado às **(b)** variáveis das quais são função. É razoável sugerir, e o próprio Skinner o faz (1974/2003), que o processo de “Conhecer o outro” seja análogo ao de “Conhecer-se”. As variáveis identificadas como constituintes e determinantes de comportamentos, no entanto, constituem e determinam as classes de comportamentos de outro indivíduo. Não as próprias.

Examinar as características das classes de comportamentos identificadas como constituintes da primeira subcategoria constituinte, por sua vez, da categoria B, possibilita identificar que o nome de todas é constituído do termo “caracterizar”. Como examinado, as classes B2 a B6 (Tabelas 4.15 a 4.19) se referem à caracterização dos estímulos discriminativos das unidades funcionais “eu” ao longo de seu desenvolvimento e depois de desenvolvida, mas foram agrupadas à classe B7 (Tabela 4.20) por produzirem conhecimento acerca das características das classes de estímulos discriminativos de comportamentos de “experenciar ‘eu’” e, com isso, favorecerem a *caracterização* de tais comportamentos. Não é aleatório o nome da classe B7 consistir em “Caracterizar a experiência do ‘Eu’”.

O termo “caracterizar” utilizado no nome atribuído à classe B7 (Tabela 4.20) se refere à identificação das características ou propriedades de um evento ou fenômeno. Presume-se, portanto, que a classe em questão sirva à identificação das propriedades do fenômeno de “experenciar o ‘Eu’”. Ao observar as características de suas classes de componentes, no entanto, é possível notar que como classe de respostas há apenas “caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘eu’” em cada uma das unidades funcionais de tal termo constituídas (tanto ao longo de seu desenvolvimento quanto após o término de tal processo) e, como classes de estímulos consequentes, há a caracterização tanto dos estímulos discriminativos da resposta verbal “eu” quanto do que recebe a denominação de “experiência de ‘eu’”. Nenhuma outra classe de componentes foi identificada ou derivada a partir das informações apresentadas na obra de Kohlenberg e Tsai

(1991/2006) como constituintes da classe de comportamentos em questão.

É possível sugerir, com base nas características que constituem a classe de comportamentos B7 (Tabela 4.20), que “caracterizar a experiência de ‘eu’” seja uma classe suficientemente composta da identificação dos estímulos discriminativos que controlam as respostas verbais de tato constituídas do termo “eu” ao longo de seu desenvolvimento e após terem sido desenvolvidas. Que não haja nada mais a ser conhecido como variáveis constituintes e determinantes da classe de “experienciar o ‘eu’” além de tais classes de estímulos. Que uma sensação de um “eu” como “algo” ou como uma “instância” decorra exclusivamente da discriminação do estímulo privado “perspectiva [...]” – relação permanente entre o “local” onde ocorre a parcela privada dos próprios comportamentos o “local” onde tal não ocorre –, possibilitada pela apresentação de variadas e consecutivas unidades funcionais de diversos tamanhos constituídas do termo “eu”. Ao longo do processo de desenvolvimento da unidade funcional menor “eu”, portanto, estariam as variáveis *determinantes* de classes intermediárias de “experienciar” o “eu”. E, após tal unidade ter sido desenvolvida, as variáveis que exercem sobre ela controle discriminativo consistem nas variáveis *constituintes* da “experiência” de “eu”. Nada mais.

As características das classes de comportamentos da primeira subcategoria que organiza a análise dos resultados da categoria B de classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) – na qual são agrupadas as classes B2 a B7 (Tabelas 4.15 a 4.20), portanto, servem de subsídio que complementa a análise das características das classes da categoria A. Denotam as relações entre as classes de comportamentos que constituem o processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu” e as classes envolvidas na experiência do indivíduo acerca do “eu”. Mas, principalmente, ao serem constituídas de características plausíveis de interações apresentadas pelos indivíduos, as classes de comportamentos examinadas implicam em um conceito da “noção/experiência” de si como classes de comportamentos – especificamente as classes “A10. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor”, “A12. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor” e “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabelas 4.11, 4.13 e 4.6) –

estritamente relacionadas ao desenvolvimento dos comportamentos verbais do indivíduo e determinadas por eles.

Embora seja um pressuposto da área da Análise Experimental do Comportamento que os fenômenos atribuídos à “subjetividade” sejam desenvolvidos por meio das interações verbais dos indivíduos, já que consistem na condição à diferenciação das parcelas privadas de tais processos (Skinner, 1953/2003; 1957/1978; 1974/2003; 1968/1972; Skinner, 1945 apud Tourinho, 2009; Moore, 2001 apud Tourinho, 2009), os resultados sob exame conferem dados – a serem experimentalmente verificados – a respeito da ocorrência de tal proposição em classes de comportamentos específicas.

Além de as características das classes de comportamentos B2 a B7 (Tabelas 4.15 a 4.20) proverem mais subsídios à compreensão acerca das características que constituem as classes de comportamentos dos indivíduos relacionadas à unidade funcional “eu” e à “experiência de ‘eu’” – classes A1 a A12 (Tabelas 4.2 a 4.13) –, seu conhecimento serve também a mais fins. À luz das características dos processos “Conhecer” e “Conhecer-se” a partir de uma perspectiva da Análise do Comportamento (Skinner, 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; Sérió, 1997), podem ser consideradas constituintes de um ou outro processo. Se forem apresentadas pelo próprio indivíduo que apresenta as classes de comportamentos que em conjunto constituem os processos de desenvolvimento da unidade funcional “eu” e da “experiência de ‘eu’” que servem de fonte de informações à caracterização da “experiência de ‘eu’”, podem ser consideradas constituintes de uma classe mais abrangente de “Conhecer-se”. Se apresentadas por outrem, como parte de uma classe de “Conhecer o outro”. Ao constituírem o processo “Conhecer-se”, possibilitam que o indivíduo não apenas apresente comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu” e, a partir deles, comportamentos de “experienciar um ‘eu’”, mas identifique variáveis que constituem tais comportamentos e variáveis determinantes de sua ocorrência.

De tal perspectiva de análise, as classes de comportamentos da categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” podem ser consideradas como um sistema de comportamentos cognoscível, enquanto as da primeira subcategoria da categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” um sistema de comportamentos que conhece. Ainda que o “Autoconhecimento” não seja necessário para a ocorrência e manutenção de comportamentos, já que esses dependem das

consequências que os seguem, produz vantagens aos indivíduos: produz a possibilidade de alterarem a determinação de seus comportamentos exclusivamente sob controle de sua história de vida. Ao conhecer as características das classes de eventos que exercem função discriminativa às suas respostas verbais de tato constituídas do termo “eu”, das constituídas exclusivamente do termo “eu” e de suas respostas de “notar uma instância ‘eu’” com determinadas qualidades, portanto, o indivíduo passa a poder intervir nelas e alterá-las.

Além das classes de estímulos consequentes identificadas como constituintes da classe de comportamentos “B7. Caracterizar a experiência do ‘Eu’” (Tabela 4.20), é possível conjecturar ainda a respeito de outras classes de consequências que venham a ocorrer a médio e longo prazo. Ao tornar-se capaz de notar que sua “experiência” / “senso” de “eu” como uma instância distinta de seus próprios comportamentos e com determinadas qualidades consiste em uma classe de comportamentos determinada e mantida exclusivamente pelos estímulos que adquiriram função discriminativa à medida que foram desenvolvidos comportamentos verbais de tato sob controle de aspectos de suas próprias interações, pode ser produzido aumento nas probabilidades de ocorrência de comportamentos de outras classes.

É o caso de comportamentos qualificados como “autônomos” ou agrupados sob o substantivo “autonomia”. Parece razoável sugerir que ao identificar a ausência de base factual que legitime ser o “eu” considerado uma instância distinta dos próprios comportamentos, como as classes de comportamentos de “experienciar um ‘eu’” levam o indivíduo a acreditar, o indivíduo venha a questionar todos os conceitos que tenha formado a respeito das qualidades de tal “eu”. Ainda, se supunha ser tal “eu” não só uma instância distinta dos próprios comportamentos, mas com status causal em relação a eles, tal também passa a poder ser questionado e refutado. Em seu lugar, as variáveis que efetivamente determinam e constituem seus comportamentos passam a poder ser investigadas pelo próprio indivíduo e, se puder identificar meios de controlá-las, pode vir a alterar os próprios comportamentos. Como afirma Sérgio (1997) ao discorrer sobre o processo de “Autoconhecimento” a partir dos conceitos da Análise Experimental do Comportamento, “com base na descrição e previsão, o homem é capaz de planejar futuras relações de tal forma que o resultados delas – o próprio homem – não será mais produto do acaso” (pg. 211).

Conforme propõem Kohlenberg e Tsai (1991/2006), desenvolvimentos “normais” ou “adaptativos” da unidade funcional “eu” e da “experiência de ‘eu’” dependem de ao longo de seus processos

de desenvolvimento terem sido estabelecidas relações de controle entre as respostas envolvidas e o estímulo privado “perspectiva [...]”. Do não desenvolvimento ou não fortalecimento dessas relações de controle, desencadeariam séries de outras classes de comportamentos categorizadas pelos autores como os “desenvolvimentos mal adaptativos da experiência do ‘self’”. O indivíduo que conhece tais parâmetros e desenvolve condições de identificar as variáveis que exercem controle sobre suas respostas verbais de tato “eu” e suas classes de comportamentos de “experienciar o ‘eu’”, possivelmente desenvolve a classe de comportamentos de “Conhecer-se” num grau bastante sofisticado. É possível supor, inclusive, que conhecer as características das classes de comportamentos de “experienciar o ‘eu’” tenha um grau de relevância e interferência ainda desconhecido dentro o processo “Conhecer-se”. Talvez como parcela constituinte, cujo acréscimo estenderia consideravelmente as contribuições de seu desenvolvimento.

Além de possibilitar compreender o conceito de “eu” dos autores com mais subsídios, os resultados examinados da categoria B de classes de comportamentos consiste também em fonte de informações para intervenções cujo objeto de intervenção, em algum momento, seja o desenvolvimento de classes de comportamento cômicas acerca do próprio desenvolvimento da unidade funcional “eu” e da classe de “experienciar ‘eu’” decorrentes de tal processo. O primeiro campo de atuação a ser beneficiado com tal conhecimento parece evidentemente o campo clínico. Especialmente em intervenções em que as classes em questão já foram desenvolvidas e acarretaram nos controles de estímulos “mal-adaptativos”: quando as respostas “dizer ‘eu’” ou “notar ‘eu’” ocorrem excessivamente ou parcialmente sob controle dos estímulos públicos presentes nas situações. Em tais casos, é possível que aos indivíduos sejam proporcionados benefícios se souberem identificar as variáveis críticas que determinam ou interferem em várias de suas classes de comportamentos. Não será suficiente, certamente, já que condições ainda necessitarão ser arranjadas pelo profissional a fim de mudar o controle de estímulos. Mas pode produzir contribuições que, caso ocorram, ainda necessitariam ter a extensão mensurada.

Numa (2) segunda subcategoria podem ser agrupadas as classes de comportamentos “B10. Caracterizar componentes públicos da própria ação” (Tabela 4.23), “B11. Caracterizar componentes privados da própria ação” (Tabela 4.24) e “B8. Caracterizar a experiência da própria ação” (Tabela 4.21), em função de serem todas relacionadas à caracterização da experiência da ação. As classes B10 e B11 como condições à ocorrência da classe B8. São agrupadas pelo mesmo critério

que a primeira subcategoria, por consistirem nas classes de comportamentos que denotam os aspectos cujo conhecimento configura a caracterização de uma classe de comportamentos de “experienciar”. No caso, no entanto, não se trata caracterizar uma classe de comportamentos de “experienciar” um “eu”, mas “experienciar” ações apresentadas pelo próprio indivíduo. Do mesmo modo também como o fenômeno caracterizado pelas classes da primeira subcategoria, trata-se de uma “experiência” que decorre do desenvolvimento de classes de comportamentos verbais de tato.

Embora não tenham constituído a categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” de classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra, é possível presumir que a classe de comportamentos “experienciar ação” ocorra sob controle dos estímulos discriminativos que também exercem tal função em relação a comportamentos verbais vocais de tato constituídos do termo “ação”. Do mesmo modo como as classes de comportamentos “experienciar ‘eu’” ocorrem sob controle dos estímulos discriminativos de comportamentos verbais vocais de tato constituídos do termo “eu”. Se a apresentação de diversos comportamentos verbais vocais de tato constituídos de unidades funcionais “eu + ação + objeto” possibilita a fragmentação das unidades funcionais até que o termo “eu” constitua uma unidade funcional independente, o mesmo deve ocorrer com o termo “ação”. Os estímulos que passam a exercer controle sobre as unidades funcionais menores, como é possível observar nas características das classes de comportamentos da categoria A, consistem nos comuns a todas as situações em que tais termos constituem as unidades funcionais. No caso do termo “eu”, consiste no estímulo privado “perspectiva [...]”. No caso dos termos “ação”, por sua vez, é plausível sugerir que consistam nos estímulos públicos e privados que constituem as ações apresentadas, de maneira independente dos estímulos que constituem os objetos e do estímulo privado “perspectiva [...]”. Os comportamentos verbais vocais de tato “ação”, portanto, provavelmente ocorrem sob controle dos estímulos públicos e privados que constituem as ações apresentadas pelo próprio indivíduo.

Diferentemente das classes de comportamentos “experienciar um ‘eu’” como uma instância com determinadas qualidades, portanto, os estímulos que exercem função discriminativa sobre as respostas verbais vocais de tato “ação” coincidem com as que efetivamente constituem a ação apresentada. Trata-se da identidade funcional mencionada por Matos (1991) entre as características da situação que exercem controle

sobre as respostas verbais de tato e as características de tais respostas. Enquanto a experiência de um “eu” ocorre sob controle de estímulos que nada têm a ver com uma “instância” “eu”, mas consistem nos aspectos comuns de todas as interações do indivíduo ao longo da vida, a experiência das ações ocorreria sob controle dos aspectos que efetivamente constituem as ações. Considerando um processo “adaptativo” de desenvolvimento de comportamentos verbais de tato do indivíduo sob controle de suas próprias interações. A experiência da ação “comer” pelo indivíduo, por exemplo, deve ocorrer sob controle dos mesmos estímulos discriminativos que a resposta verbal de tato “eu como”, os quais coincidem com os aspectos públicos e privados da ação “comer”.

A derivação das classes de comportamentos B10 e B11 como requisitos à ocorrência da classe B8, portanto, se dá pela avaliação da coincidência entre os aspectos que exercem controle sobre as classes de comportamentos “experienciar ‘ação’” e os que efetivamente constituem as ações apresentadas. É com base na proposição dos autores acerca da equivalência de função dos estímulos discriminativos de respostas verbais de tato e de “experienciar”, que se considera que ao caracterizar os aspectos públicos das ações apresentadas – classe “B10. Caracterizar componentes públicos da própria ação” (Tabela 4.23) – e os aspectos privados das mesmas – classe “B11. Caracterizar componentes privados da própria ação” (Tabela 4.24) –, o indivíduo também caracteriza a “experiência” da “ação”, classe “B8. Caracterizar a experiência da própria ação” (Tabela 4.21).

Parece aceitável sugerir que as contribuições do conhecimento acerca das características das classes de comportamentos que constituem a subcategoria em questão se dão por tal conhecimento servir de subsídio a intervenções com fins ao desenvolvimento de processos de “Autoconhecimento”. Cujo sistema de comportamentos cognoscível seja, justamente, constituído das classes de “experienciar um ‘eu’” com determinadas qualidades. Ao possibilitar ao indivíduo sob intervenção a identificação de que os estímulos sob controle dos quais apresenta classes de comportamentos “experienciar ‘ação’” coincidem com os das classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídos da unidade funcional “ação” e que esses consistem nos que efetivamente constituem as ações apresentadas, é possível que o indivíduo passe a ter mais parâmetros à compreensão do processo de desenvolvimento de suas classes de comportamentos que produzem uma “sensação” acerca da existência de uma instância “eu”.

Não compartilham propriedades comuns com outras classes de comportamentos da categoria B as classes “B1. Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados” (Tabela 4.14), “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22) e “B12. Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” (Tabela 4.25). A apresentação da classe B1 (Tabela 4.14) por um indivíduo apresenta algumas contribuições aos processos de desenvolvimento adaptativo da unidade funcional “eu” e, conseqüentemente, da experiência de “eu”, descritos pelos autores como “adaptativos”.

Ser capaz de relatar a própria ação apresentada sem seus componentes públicos implica que, primeiramente, a ação tenha sido apresentada de tal maneira, como nos casos de comportamentos de se imaginar falando com outra pessoa, correndo, comendo etc., em que somente os componentes privados de tais comportamentos estariam presentes. A afirmação de que apresentar um comportamento sem sua parcela pública o mantenha constituinte da mesma classe dos comportamentos constituídos tanto das parcelas públicas quanto privadas é questionável, já que necessariamente consistem em sistemas de interações distintos do indivíduo com os aspectos do ambiente. Ainda assim, trata-se de uma classe de comportamentos cujo desenvolvimento tem alto grau de relevância. Apresentar comportamentos constituídos prioritariamente de aspectos privados implica em ter havido a discriminação dos aspectos privados das próprias interações constituídas também de aspectos observáveis. Se a classe de comportamentos B1 em questão se refere não à apresentação unicamente de aspectos privados de ações, mas à apresentação de uma resposta verbal vocal de tato em relação a tal ação, ainda, isso denota que não apenas o indivíduo responde diferentemente a aspectos privados do próprio organismo, mas “tateia” tal parcela privada de eventos. Tal condição favorece, muito provavelmente, o estabelecimento de controle de estímulos exclusivamente privados sobre as respostas de “notar” um “eu”.

Do exame da classe de comportamentos “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22) é possível, enfim, depreender o conceito de “eu” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) com ainda mais subsídios. Por se tratar de uma classe cujas características consistem em implicações de duas proposições teóricas dos autores, examiná-las possibilita avaliar também tais proposições. Ao terem proposto **(a)** serem equivalentes os estímulos discriminativos das respostas verbais que incluem o termo “eu” e os que exercem controle sobre respostas de “experienciar o ‘eu’”; e **(b)** ser o conhecimento da experiência do “eu” a condição mais próxima possível

do conhecimento acerca do “eu”, tornaram possível identificar a partir de suas asserções que o conhecimento dos estímulos que exercem função discriminativa sobre as unidades funcionais “eu” consistem nos eventos passíveis de conhecimento que possibilitam, da maneira mais próxima possível, conhecer o que seja o “eu”. O que teria tornado a classe de comportamentos “B7. Caracterizar a experiência do ‘Eu’” (Tabela 4.20) uma classe abrangida pela B9 em questão – já que tal classe possibilita a descrição das classes de estímulos com função discriminativa a cada unidade funcional constituída do termo “eu”.

Do mesmo modo como avaliado em relação à classe de comportamentos B7 (Tabela 4.20), parece plausível conceber que a classe “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22) esteja de algum modo relacionado aos processos de “Conhecer” e “Conhecer-se”. Embora o termo “caracterizar” não enfatize necessariamente as variáveis determinantes, ao menos as constituintes do fenômeno a ser caracterizado deveriam ser contempladas em sua análise. As classes de componentes que a constituem, no entanto, são bastante restritas e não fazem menção a nenhuma característica efetivamente constituinte de um fenômeno “eu”. A partir das informações apresentadas na obra foi possível identificar apenas um processo de caracterização do “eu” sob interferência, como operações motivadoras, da identificação das características dos estímulos discriminativos das unidades funcionais constituídas do termo “eu”. Nenhum aspecto do ambiente sob controle do qual ocorram as respostas que constituem a classe de respostas. Nenhuma especificidade em relação a características da classe de respostas – resumidas em “descrever as características do ‘Eu’” – nem em relação a características da classe de estímulos consequentes, em que só há menção à produção da “maior aproximação possível da descrição do evento ou fenômeno ‘Eu’”.

A partir de tais características da classe de comportamentos B9 em questão, identificadas e derivadas como implicadas nas proposições dos autores, é possível conjecturar acerca de, ao menos, três possibilidades. Embora os autores tenham se posicionado contrariamente à existência de uma instância iniciadora tal como a concebida pelo senso comum ou outros sistemas explicativos em Psicologia, em suas asserções é possível estar implicada uma concepção acerca de um fenômeno ou um evento “eu” com determinadas características distintas das tradicionalmente a ele concebidas, passíveis de serem efetivamente conhecidas. A utilização que fazem do artigo definido para se referirem ao “eu” e que lhe confere função substantiva, nesse caso, faria sentido. A tal possibilidade, no entanto, teria faltado

aos autores base factual na qual tivessem sustentado suas asserções a fim de demonstrar a existência de um tal evento ou fenômeno. Ou ao menos a explicitação de tal base.

Uma segunda possibilidade de interpretação acerca do conceito de “eu” dos autores consiste em os mesmos terem não apenas se posicionado contra a concepção de um “eu iniciador” responsável pelos comportamentos dos indivíduos, mas terem também tido como objetivo não declarado a demonstração de inexistência de um fenômeno assim denominado. Independentemente de quais características lhe possam ser atribuídas. Nesse caso, ter sido possível identificar e derivar alto grau de minúcia somente em relação às características das classes de comportamentos verbais de tato relacionadas ao termo “eu” e das classes de comportamentos de “experenciar um ‘eu’” com determinadas qualidades consistiria em indício acerca da inexistência de um fenômeno ou evento “eu”. Em indício de os autores considerarem as classes de comportamentos de indivíduos relacionadas à produção de “sentimentos”, “sensações” ou “experiências” de um “eu” como objetos de estudo e intervenção, mas os conceberem como, em parte, função da concepção representacional da linguagem, à qual se opõem. Caso a falta de dados acerca das características que efetivamente constituem um fenômeno “eu” consista em subsídio a tal conclusão, no entanto, parece razoável concluir que teria faltado aos autores deixar esse posicionamento suficientemente explícito.

A terceira possibilidade possível de conjecturar a partir das características da classe de comportamentos B9 (Tabela 4.22) consiste em os autores conceberem o “eu” como os próprios eventos que exercem controle sobre a unidade funcional “eu”, quando independente dos demais termos – ação ou objeto. Nesse caso, o “eu” seria o próprio estímulo privado “perspectiva [...]”, relacionado à constante relação entre a localização da parcela privada dos comportamentos do indivíduo e a localização de onde não ocorre tal parcela, ao longo de todas as suas interações apresentadas ao longo da vida. Nos casos de desenvolvimentos mal adaptativos do “eu”, segundo essa interpretação, o “eu” dos indivíduos seria os outros estímulos sob controle dos quais apresentariam seus comportamentos verbais de tato “eu”. Também em relação a essa terceira possibilidade, é válido considerar que também tenha faltado aos autores deixá-la explícita dentre suas asserções. Mais que isso, considerar que seria plausível a eles terem proposto que o termo “eu” deixasse de ser utilizado a tal fim, dado o alto grau de probabilidade de que seja interpretado de outra forma.

Ainda que não fique suficientemente claro qual das possibilidades presumidas configure o conceito dos autores e que quaisquer delas necessitassem de algum grau de complemento, é possível notar, no entanto, que todas conferem subsídios à refutação de uma entidade “eu” iniciadora e agente dos comportamentos dos indivíduos. Em todas há a vinculação nítida com o processo de desenvolvimento dos comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu”. Suas características, quaisquer que sejam, dependem das condições oferecidas pelos pais ou cuidadores – ou outros agentes, em casos de o processo de desenvolvimento ocorrer em outros momentos da vida dos indivíduos – ao desenvolvimento de tais comportamentos verbais e especificamente ao estabelecimento de controle de estímulos dessas classes.

Por fim, a última classe de comportamentos identificada como constituinte da categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” e não agrupada em nenhuma subcategoria consiste na mais abrangente de todas, cujo nome coincide com o atribuído à própria categoria. Trata-se da classe “B12. Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” (Tabela 4.25). Do mesmo modo como as classes “B8. Caracterizar a experiência da própria ação” (Tabela 4.21) e “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22), também decorre das proposições teóricas dos autores de que é possível conhecer os fenômenos sob controle dos quais comportamentos verbais vocais de tato ocorrem a partir da caracterização dos estímulos que exercem função discriminativa sobre tais respostas. Embora a validade dessa proposição tenha sido discutida em relação aos comportamentos de tato “eu”, já que a própria existência de um fenômeno ou evento “eu” é questionável, está implicada nas características da classe em questão, que abrange tanto as classes de comportamentos que, sugere-se, possibilitam caracterizar o “eu”, quanto as que possibilitam caracterizar as ações.

Observar as características tanto da classe de comportamentos B12 (Tabela 4.25) e das demais pertencentes à categoria B possibilita avaliar como plausível a proposição dos autores acerca da correspondência entre os estímulos com função discriminativa em relação a respostas verbais de tato constituídas de determinados termos e os com mesma função em relação às respostas de “experienciar/notar” fenômenos que recebem o nome dos termos utilizados. No entanto, tal avaliação difere de supor que a ocorrência de classes de comportamentos de “experienciar” um fenômeno impliquem na

existência de tal fenômeno. Afirmar tal existência somente poderia ser realizado mediante verificação experimental.

### **3.3. Exame das características das classes de comportamentos da Categoria C “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”**

As características das classes de componentes das seis classes de comportamentos agrupadas na categoria C “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’” estendem as contribuições possibilitadas pela identificação das classes de comportamentos reunidas nas categorias A e B. Consistem em classes de comportamentos que, em conjunto, favorecem a inferência de existência de um “eu” como uma instância interna, permanente, atemporal e de natureza distinta da física. Independentemente de por meio das características das classes de comportamentos das categorias A e B ser possível depreender – como uma das interpretações possíveis – que Kohlenberg e Tsai (1991/2006) concebem a existência de um fenômeno ou evento “eu”, de todo modo os autores refutam a concepção de que tal fenômeno ou evento possua status causal em relação aos comportamentos dos indivíduos, seja independente dos processos de desenvolvimento de tais comportamentos e possua natureza distinta da física. As informações da obra de cuja análise foram identificadas e derivadas as classes de comportamentos da categoria C, por sua vez, não coincidem com o conceito dos autores. Consistem nos processos que os mesmos concebem como os que possibilitam o desenvolvimento de inferências equivocadas a respeito de propriedades de um “eu”.

A identificação e derivação de classes de componentes de classes de comportamentos que favorecem conceitos equivocados acerca das qualidades de uma instância “eu” confere minúcia e precisão à compreensão do que está envolvido na concepção acerca de uma unidade agente e originadora dos comportamentos dos indivíduos. Mais que simplesmente aludi-la como um pressuposto adotado pelos indivíduos e qualificá-lo como antagonístico ao conceito proposto na obra, as informações apresentadas no capítulo em exame possibilitam compreendê-la como uma classe de comportamentos decorrente do desenvolvimento de outras classes. Além de com isso favorecerem a identificação das características das classes de comportamentos em questão, por torná-las passíveis de conhecimento, a partir das informações da obra tais características são aludidas ou estão

implicadas. A produção de conhecimento acerca do conjunto de classes de comportamentos reunidas sob a categoria C, portanto, ao viabilizar a identificação ou derivação de suas características, torna possível compreender quais de suas variáveis são críticas à atribuição de qualidades “interna”, “permanente”, “atemporal” e “de natureza não física” a uma instância “eu”. Por meio de tal precisão, aumenta a probabilidade de que intervenções em tais classes de comportamentos sejam realizadas de maneira eficaz a fim de “reparar” ou ao menos tornar questionável o que seria um “erro lógico” de observação e interpretação de eventos envolvidos nos próprios comportamentos. Assim como se torna uma fonte de informações com serventia a novos processos de produção de conhecimento.

A análise das características das classes de comportamentos em questão possibilita agrupar cinco delas em duas subcategorias em função de propriedades comuns. Numa (1) primeira subcategoria são reunidas três classes relacionadas à “transposição” de características do estímulo privado “perspectiva [...]” a uma instância inferida “eu” – o que difere de conceber o estímulo “perspectiva [...]” como um evento da natureza que pode ser nomeado “eu”, que configura a terceira hipótese acerca do conceito “eu” dos autores. Consistem nas classes: “C2. Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente” (Tabela 4.27), “C3. Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal” (Tabela 4.28) e “C5. Caracterizar ‘eu’ como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo” (Tabela 4.30). Analisar as características das classes C2 e C3 possibilita notar que não implicam, sozinhas, em nenhum equívoco de observação ou interpretação. Simplesmente representam a condição de o indivíduo perceber algumas propriedades do estímulo privado “perspectiva [...]”, sob controle do qual apresenta respostas de tato constituídas da unidade funcional “eu” e respostas de “experienciar um ‘eu’” com determinadas qualidades. Propriedades ou condições que efetivamente lhe constituem. Especificamente, as propriedades “interno”, “permanente” e “atemporal”.

A relevância de identificar as classes de componentes das classes C2 e C3 (Tabelas 4.27 e 4.28) se dá em função de tais consistirem em variáveis que interferem na ocorrência da classe de comportamentos C5 (Tabela 4.30). Mais especificamente por suas classes de estímulos consequentes exercerem controle sobre as respostas da classe C5. É em tal classe que estão implicadas as relações entre aspectos do ambiente e respostas do indivíduo que podem ser avaliadas como determinantes de ao menos parte do “equivoco” conceitual de

conceber que as propriedades “interna”, “permanente” e “atemporal” não são somente características de um estímulo que exerce função discriminativa a respostas verbais vocais constituídas do termo “eu”, mas são também propriedades de uma *unidade* “eu”. De uma *instância* distinta dos comportamentos apresentados.

A análise das características da classe de comportamentos C5 possibilita observar que tal apresenta semelhanças com a classe “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22). Ambas se referem à caracterização do “Eu”, mas enquanto a classe B9 está relacionada à produção de conhecimento acerca do que seja o “Eu” por meio das características das classes de estímulos que exercem controle discriminativo em relação às unidades funcionais “eu” e às respostas “experienciar ‘eu’”, na classe C5 há **(a)** a inferência de existir um “eu” como efetivamente uma *instância/unidade* distinta dos próprios comportamentos e **(b)** a atribuição das características da classe de estímulos discriminativos “perspectiva [...]” interna, permanente e atemporal a tal instância. A distinção entre ambas as classes de comportamentos representa o que pode ser avaliado como uma inferência equivocada e sem base factual: a suposição acerca da existência de uma instância distinta do próprio estímulo interno “perspectiva [...]” a que a unidade funcional “eu” se refira. À luz das críticas de Skinner (1957/1978) a respeito de concepções tradicionais da linguagem, é possível compreender que a suposição em questão se dá provavelmente embasada no suposto de haver referentes aos quais os termos se refiram.

Em uma **(2)** segunda subcategoria podem ser agrupadas as classes “C1. Experienciar ‘Eu’ como evento de natureza distinta da física” (Tabela 4.26) e “C4. Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal “dizer Eu” como evento desprovido de características físicas” (Tabela 4.29), ambas relacionadas à inferência de uma natureza não física ao evento / fenômeno “eu”. A classe C1 se assemelha às classes da terceira subcategoria da categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”, relacionadas às características de classes de comportamentos de “experienciar” um “eu” com determinadas qualidades. Tais classes da categoria A, no entanto, são constituídas de respostas de “experienciar” um “eu” como uma instância com as propriedades dos estímulos que exercem controle discriminativo em relação às unidades funcionais constituídas do termo “eu”. A classe C1 em questão, no entanto, apresenta como especificidade que a qualidade “experienciada” como de uma instância “eu” não constitui o estímulo discriminativo “perspectiva [...]” nem nenhum dos demais que exercem

controle sobre as referidas unidades funcionais. Trata-se de uma propriedade inferida sem nenhuma evidência a partir da qual pudesse ter sido derivada.

É possível sugerir que consista em uma classe favorecida pela apresentação das classes de comportamentos que constituem a categoria A de comportamentos, pois já tendo o indivíduo desenvolvido a unidade funcional “eu” independente e a experiência de “eu” dissociada das próprias ações e dos objetos, estaria propenso a responder sob controle do estímulo privado “perspectiva”, previamente discriminado. Suas propriedades “atemporal” e “permanente”, por distinguirem-se das propriedades de quaisquer outros eventos com os quais o indivíduo se relaciona, e sua condição de acesso “privado”, por dificultar um exame cuidadoso de suas características, no entanto, podem consistir nos aspectos que favorecem a percepção equivocada do estímulo “perspectiva [...]” como de natureza distinta da física. Minimizar a probabilidade de ocorrência do processo de atribuir ao “eu” status de “causador” caberia à comunidade verbal.

A análise das características da classe de comportamentos C4 (Tabela 4.29), por sua vez, possibilita notar que se trata de mais uma inferência acerca das características de uma “instância” “eu”. Ao considerá-la uma instância de natureza “não física”, a mesma natureza passa a ser atribuída ao estímulo privado “perspectiva [...]” que exerce controle sobre as respostas verbais constituídas da unidade funcional “eu”. Como é possível notar a partir das características descritas e examinadas das classes de comportamentos da categoria A (Tabelas 4.2 a 4.13), a sequência de classes de comportamentos que possibilita ao indivíduo que desenvolva uma “experiência” ou um “senso” de “eu” decorre do desenvolvimento de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu”. É a partir das características do estímulo privado “perspectiva [...]” que uma instância “eu” passa a ser “experienciada”. Não o contrário, como a relação entre as classes C1 e C4 expressa. Em que a partir da identificação de uma natureza distinta da física constituinte de uma instância “eu” poderia ser identificada a natureza do estímulo discriminativo em questão. Tal como as demais características das classes de comportamentos da categoria C, as das classes em questão conferem precisão à identificação dos aspectos constituintes de relações dos indivíduos que culminam no desenvolvimento de concepções acerca do “eu” com pouca ou nenhuma base empírica.

É relevante identificar as características das classes de comportamentos C1 e C4 em questão, pois denotam em que aspectos as

interações dos indivíduos com variáveis do ambiente podem conferir dois equívocos conceituais importantes – ao menos se sob exame dos conceitos da área da Análise Experimental do Comportamento. Tanto a suposição de o estímulo privado perspectiva é de natureza não física quanto a de que tal natureza possa ser também atribuída à instância “eu”, também inferida. A profissionais que intervenham nessas classes de comportamentos, as informações em questão podem servir de subsídios precisos à identificação dos aspectos em relação aos quais as intervenções possam ser enfatizadas.

As características da última classe de comportamentos constituintes da categoria C, a classe “C6. Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional “Eu” se refere, bem como suas propriedades” (Tabela 4.31), por fim, simplesmente abarcam as de todas as classes de componentes das classes de comportamentos da categoria C. Trata-se de uma classe de onde as demais são sintetizadas e cuja relevância já está pormenorizada em seus exames. Tanto à identificação de mais subsídios para compreender o conceito “eu” dos autores, quanto como fontes de informações a servirem de fundamentação de intervenções ou, ainda, como substrato a outros processos de produção de conhecimento científico.

Os resultados obtidos a partir da análise das informações do capítulo “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai consistem em condições para examinar com maior precisão o conceito de “Eu” apresentado pelos autores. Tal análise serve à exigência de constante verificação e aperfeiçoamento da coerência conceitual da área de conhecimento da Análise Experimental do Comportamento, já que confere um tratamento às informações e implicações da obra que possibilita compará-las com demais produções científicas embasadas nos princípios do Behaviorismo Radical e nos conceitos desenvolvidos na área. Além de conferir maior precisão à observação do conceito dos autores, os procedimentos de obtenção e transformação dos dados permitem, ainda, que as classes de comportamentos identificadas ou derivadas e analisadas conforme as funções de suas classes de componentes sirvam de subsídios à intervenção direta nos fenômenos descritos, a seu ensino e mesmo a novos processos de produção de conhecimento.

O conhecimento produzido e divulgado pelos autores na obra em exame vai ao encontro de seu objetivo de oferecer à intervenção clínica mais subsídios. Por meio dos procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados a contribuição se torna ainda maior, pois os processos comportamentais aludidos pelos autores passam a ser

organizados em sistemas de relações entre classes de componentes identificadas e outras derivadas a partir da obra. Tal organização confere ao material mais graus de clareza e precisão, cujos benefícios à intervenção são evidentes. Tanto para caracterizar os repertórios dos clientes quanto para servirem de orientação à elaboração de comportamentos-objetivo e de condições a seu desenvolvimento.

Considerando a suposta utilidade do conhecimento produzido a intervenções e, especialmente, intervenções no campo clínico, é válido conjecturar acerca de algumas de suas contribuições. Como descrevem Kohlenberg e Tsai (1991/2006) no próprio capítulo em exame, a gama de classes de comportamentos denominadas por eles como caracterizadoras de desenvolvimentos mal adaptativos do “self” decorre, em algum grau, do não estabelecimento do controle de estímulos privados sobre as respostas verbais de tato constituídas do termo “eu”. Mais especificamente, de o estímulo privado “perspectiva [...]” adquirir função de estímulo discriminativo para tatos constituídos exclusivamente do termo “eu”. São os casos em que os indivíduos não sabem ou apresentam dificuldades em variados graus em descrever a si próprios e em sentir seu “eu” como uma instância estável na presença do outro, para dizer o mínimo. Tal se daria em função de os relatos acerca de si, em que o termo “eu” ou correlatos estão envolvidos, ocorrerem prioritariamente ou em grande medida sob controle de estímulos públicos do ambiente. De tal condição decorreriam classes de comportamentos de “experienciar um ‘eu’” também sob controle público e, com isso, a produção de “sensos” de si como algo não ou pouco dissociado do meio. Sem informações de tal meio acerca das qualidades do indivíduo, seria a ele produzidos sentimentos de desconforto, em variados graus.

A alta frequência mencionada pelos autores com que os clientes que procuram atendimento clínico apresentam tais classes de comportamentos denota o alto grau de relevância de ser produzido conhecimento a seu respeito no maior grau de minúcia e precisão possíveis. Com base no conhecimento proposto e esmiuçado e, supõe-se, estendido por meio dos procedimentos utilizados, têm-se parâmetros a partir dos quais os profissionais podem analisar as classes de comportamentos dos indivíduos sob intervenção e, precisamente, identificar se o controle de estímulos de suas respostas verbais de “tato” é exercido por estímulos privados diferenciados das ações e dos objetos e em que grau o são. Ainda, a partir de tal verificação, o profissional pode deduzir o controle de estímulos envolvido em suas classes de

comportamentos de “experienciar um ‘eu’” e elaborar condições para alterá-lo quando necessário.

Não se trata de uma condição genérica de identificar se o indivíduo responde sob controle “mais públicos” ou “mais privados” ao falar de si e ao “experienciar um ‘eu’” que atribui a si – o que já consiste em grande contribuição. Mais que isso, as características das classes de comportamentos organizadas nos resultados possibilitam ao profissional identificar se o controle de estímulos é exercido por conjuntos indiferenciados de eventos da ação do indivíduo e dos objetos com que se relaciona, por conjuntos indiferenciados de eventos de quaisquer das ações apresentadas ou de estímulos da classe formada “perspectiva [...]”. Ainda, ao identificar que a função discriminativa sobre respostas de tato “eu” e respostas de “experienciar ‘eu’” é exercida por conjuntos de eventos indiferenciados, em que grau o são, se há uma parcela pública ou privada preponderante e, também, em que grau. De posse das características das classes de comportamentos identificadas, derivadas e organizadas, portanto, o profissional tem condições de fazer um exame minucioso das características das classes de comportamentos apresentadas por seus clientes em relação aos fenômenos analisados e, a partir desse, elaborar condições apropriadas de intervenção a fim de tornar distinguível o estímulo privado “perspectiva [...]” e lhe conferir controle sobre as respostas verbais de tato “eu” do cliente.

Em relação às interpretações possíveis de serem feitas acerca do conceito “eu” dos autores implicado em suas asserções, independentemente de qual configure na mais apropriada, todas denotam o papel do desenvolvimento de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu” como determinante de sua ocorrência. Seja (a) de um fenômeno que, embora distinto das concepções tradicionais acerca do “eu”, existe como uma classe de comportamentos ou um conjunto de classes de comportamentos, cujas características distinguem-no dos demais processos comportamentais e lhes conferem relevância; (b) simplesmente das classes de comportamentos de “experienciar um ‘eu’”, sendo tal termo utilizado como menção a um processo ou evento inexistente, a não ser verbalmente; ou (c) dos processos que possibilitam a discriminação dos estímulos da classe “estímulo interno ‘perspectiva [...]’”, os quais equivaleriam aos *eventos* que recebem o nome “eu”.

Embora os autores não tenham apresentado essa proposição de maneira tão explícita, é possível identificá-la a partir dos procedimentos utilizados. Ter o desenvolvimento de comportamentos verbais como processo determinante dos eventos ou fenômenos envolvidos em

quaisquer dos três conceitos possibilita examinar os fenômenos e eventos envolvidos no conceito “eu” a partir do conhecimento produzido em Análise Experimental do Comportamento acerca do comportamento verbal. Especialmente sobre a relevância de intervir em comportamentos verbais como forma de alterar demais comportamentos dos indivíduos.

Se do desenvolvimento de comportamentos verbais constituídos do termo “eu” dependem as características das classes de comportamentos “experienciar um ‘eu’” e demais classes relacionadas à sensação/senso de “eu” produzida, é possível concluir que intervir nos comportamentos verbais de tato “eu” tenha como produto a alteração das classes a eles vinculadas. A tal interpretação corroboram proposições do próprio Skinner (1969/1980), e de Tourinho (2009). Tais autores discorrem acerca da interferência de comportamentos de auto-relato nas probabilidades de outras classes de comportamentos do indivíduo que descreve a si e suas interações com aspectos do ambiente. Embora tratassem do auto-relato e tal poder ser entendido como parte do processo comportamental “Conhecer-se”, e não necessariamente coincidente com comportamentos verbais de “tato” constituídos do termo “eu”, propõem que comportamentos verbais vocais dos próprios indivíduos podem exercer função em relação à ocorrência de outros de seus comportamentos. Tourinho (2009), inclusive, menciona a possibilidade defendida por Friman e cols (1998 apud Tourinho, 2009) de que a função em questão possa ser de determinação, em algumas circunstâncias. Possibilitam corroborar tal proposição as relações passíveis de serem observadas a partir das características das classes A2 e A10 (Tabelas 4.3 e 4.11); A4 e A12 (Tabelas 4.5 e 4.13); A6 e A7 (Tabelas 4.7 e 4.8), em que o desenvolvimento de respostas verbais vocais de tato constituídas do termo “eu” sob controle de uma classe de aspectos do meio favorece que um “eu” seja “experienciado” como uma instância com tais características.

À atuação clínica e a outras modalidades de intervenção em comportamentos, o valor não apenas de tal proposição, mas da produção de clareza e precisão acerca de intervenções em quais aspectos constituintes de comportamentos verbais muito provavelmente surtirão efeitos em outras classes de comportamentos – “experienciar um ‘eu’ com determinadas qualidades” – relacionadas a grandes classes de comportamentos dos indivíduos é notório. Assim como à produção de conhecimento a seu respeito.

## 5.

**ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS E DERIVADAS COMO AQUELAS REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO “EU” NOS CAPÍTULOS “O EU” DA OBRA *CIÊNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO* DE SKINNER (1953/2003) E “O SELF” DA OBRA *FAP – PSICOTERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL* DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006) EM SISTEMAS COMPORTAMENTAIS**

Identificar as características de classes de componentes das classes de comportamentos referidas respectivamente nos capítulos “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) em proposições acerca do conceito “Eu” possibilita examinar com minúcia as proposições dos autores a respeito do conceito em questão. Tanto em relação às características das proposições quanto dos fenômenos a que se referem. Tais caracterizações podem servir como subsídio a intervenções (diretas ou indiretas por meio de ensino) nos fenômenos referidos nas obras e como base a novos processos de produção de conhecimento a eles relacionados. Assim como consiste em uma análise minuciosa dos conceitos dos autores que as torna passíveis de exames mais minuciosos.

No entanto, organizar as classes de comportamentos em forma (1) de lista com os nomes das classes de comportamentos ou (2) de tabelas de análises funcionais de cada uma das classes de comportamentos não evidencia, com altos graus de clareza e precisão, se há relações entre as classes e quais sejam elas. Por tais relações poderem consistir em variáveis de alto grau de relevância envolvidas nos conceitos dos autores apresentados nas obras, bem como serem fundamentais à eficácia de intervenções que possam vir a ser embasadas nas características das classes de componentes descobertas, tanto de intervenções diretas quanto indiretas por meio do ensino, é válido o investimento em sua identificação. Bem como na elaboração de uma forma de representá-las de modo que sejam facilmente localizáveis e compreensíveis.

Como subsídio à finalidade de aumentar as possíveis contribuições da caracterização de classes de comportamentos a que as obras se referem, serve a descrição apresentada por Botomé (1975)

acerca de uma classe geral de procedimentos que possibilita identificar comportamentos intermediários a uma classe de comportamentos mais complexa. Trata-se da utilização de uma pergunta orientadora relacionada ao que o indivíduo necessita estar apto a fazer para conseguir realizar um determinado comportamento. A partir de tal orientação e com base nas características do conceito instrumental “comportamento”, se torna possível decompor a classe submetida ao procedimento em classes de comportamentos menos abrangentes e pré-requisitos à sua ocorrência. Diferentemente da finalidade enfatizada pelo autor, utilizar tal procedimento em relação às características identificadas ou derivadas como relacionadas ao conceito “eu” em proposições apresentadas nas obras sob exame não serve para decompor classes mais abrangentes em seus pré-requisitos, mas para examinar se entre as classes identificadas e derivadas a partir da obra há relações de pré-requisito. Havendo, se torna possível identificar também que entre as classes que estabelecem tal tipo de relação há diferentes graus de abrangência.

Além do procedimento proposto por Botomé (1975), orientam a identificação de relações entre classes de comportamentos também o conhecimento acerca de encadeamento de comportamentos (Sério et al., 2004; Millenson, 1967/1975). Quando dentre as características das classes de componentes dos comportamentos são identificadas classes de estímulos que exercem tanto função reforçadora a uma classe de respostas quanto discriminativa a outra, pertencente a outra classe de comportamentos, além de ser possível qualificar as classes de comportamentos a que pertencem como elo de uma mesma cadeia comportamental, o mesmo grau de abrangência lhes é conferido.

Somados aos critérios que o conhecimento apresentado por Botomé (1975) e os conceitos instrumentais em questão, também podem ser utilizados os procedimentos sistematizados por Kienen (2008) e Viecili (2008) a partir da análise de ocupações apresentada por Mechner (1974 apud Viecili, 2008) e do exame de Botomé (1977) acerca da decomposição de comportamentos. As autoras propõem categorias que delimitam graus de abrangência com função organizadora das relações entre classes de comportamentos pertencentes a um mesmo sistema. Por serem categorias derivadas da análise de cargos profissionais, conferem critérios bastante apropriados à identificação e organização das relações entre as várias classes de comportamentos apresentadas em uma profissão, necessariamente inter-relacionadas de modo a possibilitar que sua função social seja cumprida. Desde as classes de comportamentos mais abrangentes caracterizadas pela produção da função social, até

classes de comportamentos bastante simples, de cuja ocorrência depende o desenvolvimento de grande parte das classes intermediárias.

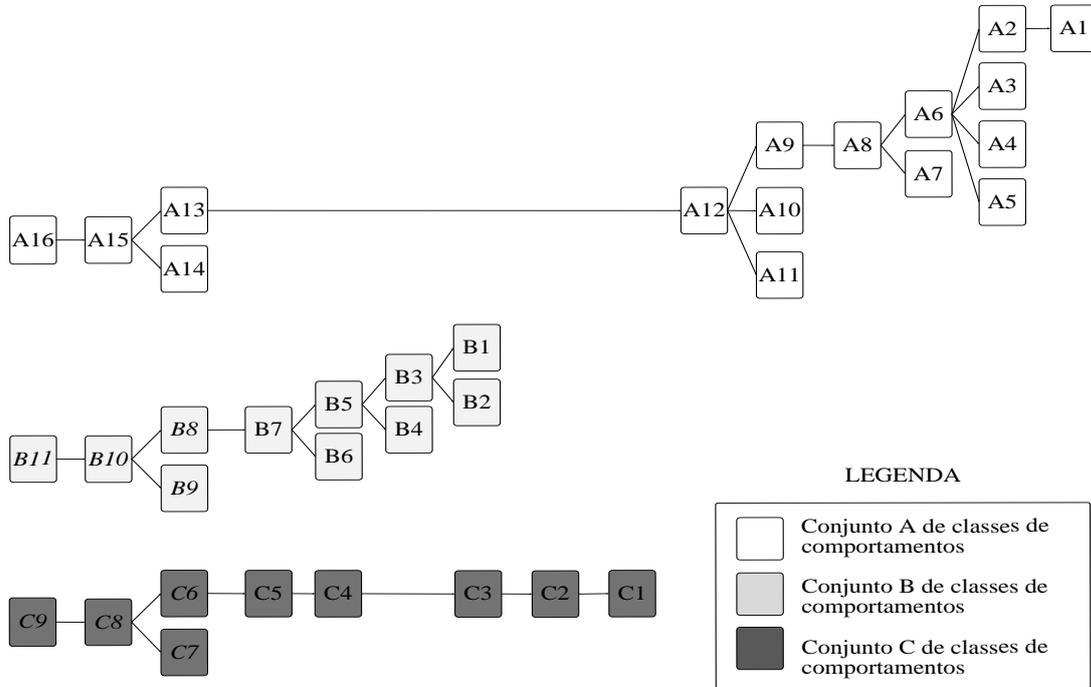
Com base no conhecimento produzido acerca de critérios orientadores à identificação de relações entre classes de comportamentos e graus de abrangência de cada uma em relação às demais, as inter-relações entre classes de comportamentos que constituem um mesmo sistema podem ser identificadas e representadas de maneira clara. Embasados em alguns ou todos os critérios e conhecimentos em questão, já foram realizados vários processos de produção de conhecimento científico com fins à identificação de inter-relações entre classes de comportamentos de um mesmo sistema, cujos produtos denotam o alto grau de relevância da realização dos procedimentos. Alguns exemplos são pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Análise e Síntese de Comportamentos da Universidade Federal de Santa Catarina relacionadas à identificação de sistemas de comportamentos constituídos de classes de comportamentos profissionais do psicólogo em diferentes modalidades de intervenção, como **(a)** intervir por meio de pesquisa sobre fenômenos psicológicos (Viecili, 2008); **(b)** intervir por meio do ensino sobre fenômenos e processos psicológicos (Kienen, 2008); **(c)** intervir diretamente sobre fenômenos psicológicos (Gonçalves, 2010); **(d)** intervir diretamente em fenômenos psicológicos no campo da psicoterapia com o apoio de cães (Garcia, 2009); e **(e)** intervir diretamente em fenômenos psicológicos no campo da psicoterapia (Moskorz, 2011; Mattana, 2004). Outras ainda, desenvolvidas no mesmo núcleo de pesquisa, são relacionadas à caracterização de outros fenômenos psicológicos, cujas descrições também servem à atuação profissional do psicólogo. É o caso da identificação de sistemas de comportamentos relacionados a **(f)** projetar a vida profissional (Luiz, 2008); **(g)** delimitar problema de pesquisa a partir de perguntas (Noceti, 2011); **(h)** analisar e sintetizar comportamentos em interações com filhos (Teixeira, 2010); classes de comportamentos de empregados em período de experiência (Lamonato, 2011) e **(i)** avaliar objetivos propostos em um projeto de prevenção do comportamento de usar drogas (Silva, 2013).

Ao exame das características das relações entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir dos capítulos “O Eu” de *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner e “O Self” de *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai, no entanto, foram avaliados como suficientes como critérios organizadores **(a)** as relações de cadeia; **(b)**; pré-requisito e **(c)** de abrangência entre comportamentos. As categorias e subcategorias de

classes de comportamentos utilizadas como critérios delimitadores por Viecili (2008) e Kienen (2008) de classes de comportamentos identificadas poderiam ter sido utilizadas como orientadoras à organização das classes de comportamentos, porém foram avaliadas como mais adequadas à análise de ocupações profissionais ou outros grandes conjuntos de comportamentos inter-relacionados cuja função comum é minimamente conhecida. Por o termo “eu” não se tratar de uma palavra cuja interpretação e conceitos a ela relacionados são seguramente comuns mesmo na área da Análise Experimental do Comportamento – e essa observação consistir em parte da identificação da necessidade de empreendimento do projeto de pesquisa –, é necessário produzir conhecimento acerca das características dos fenômenos a tal termo relacionados para, então, poderem ser realizadas conjecturas e processos de verificação experimental acerca de sua função sobre o ambiente, assim como a respeito de outras de suas características.

### **1. Organização das classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere no capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003) em um sistema comportamental**

A partir da análise e avaliação das características de cada classe de comportamentos identificada e derivada a partir do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” (1953/2003) de Skinner, foi possível identificar relações entre as classes de comportamentos, classificá-las segundo os critérios de abrangência, cadeia, complexidade e pré-requisito, bem como categorizá-las em grandes conjuntos. Com base nas relações identificadas e em suas propriedades, as classes de comportamentos foram organizadas em um sistema comportamental, como representado por um diagrama apresentado na Figura 5.1.



**Figura 5.1** – Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos relacionadas ao conceito “Eu” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

Ao todo estão representadas 36 classes de comportamentos distribuídas em 15 graus de abrangência e em três grandes conjuntos. As classes de comportamentos são representadas pelos conjuntos de quadrados apresentados na parte central da figura e conectados entre si por meio de setas, enquanto os quadrados brancos localizados na parte superior representam os graus de abrangência das classes de comportamentos. As letras e números que identificam cada quadrado dos que representam as classes de comportamentos equivalem às siglas atribuídas aos nomes das classes de comportamentos na Tabela 3.1 – “Nomes das classes de comportamentos identificadas e *derivadas* a partir do capítulo ‘O Eu’ da obra ‘Ciência e Comportamento Humano’ de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito ‘eu’ se refere, distribuídas por categoria” (Capítulo 3).

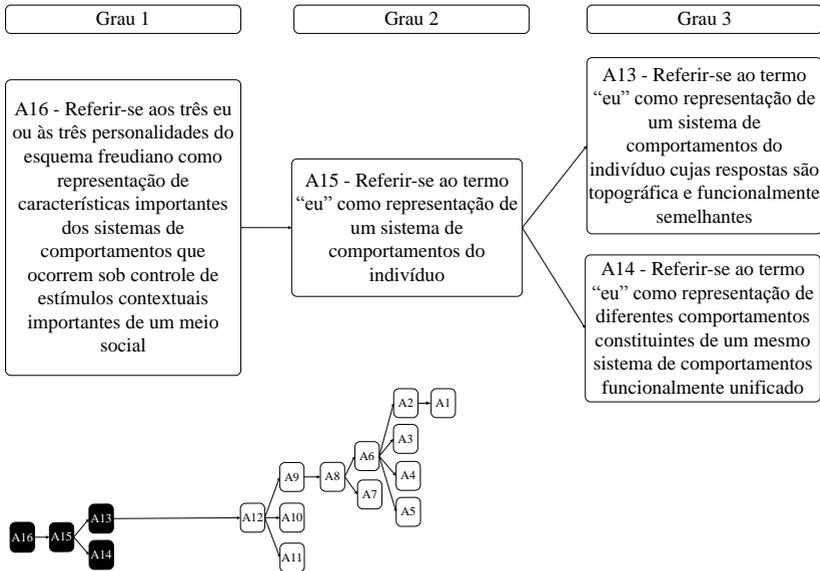
O conjunto constituído pelos quadrados brancos representa as 16 classes de comportamentos da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, categoria principal identificada a partir da obra, por se referir às características de comportamentos aos quais o termo “eu” se refere; o conjunto de quadrados em tonalidade clara de cinza, constituído de 11 classes de comportamentos, representa a categoria “B. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’”; e o conjunto com tonalidade cinza escuro, constituído de nove classes de comportamentos, representa a categoria “C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’”.

A abrangência das classes de comportamentos representadas é maior à esquerda e menor à direita. A propriedade “complexidade” das classes de comportamentos – cujo grau não necessariamente coincide com o grau de abrangência das classes, já que comportamentos mais abrangentes que outros não necessariamente são mais complexos do que as relações requeridas previamente a sua ocorrência – também tem maior grau quanto mais à esquerda no diagrama. Em relação a tal quesito apenas as classes de cada conjunto são comparáveis entre si. As classes de comportamentos conectadas por setas representam relações de pré-requisito entre si, sendo o desenvolvimento das classes mais à direita requisitos à ocorrência das classes à esquerda. Relações de pré-requisitos estabelecidas entre classes de um mesmo conjunto e de mesmo grau de abrangência com uma mesma classe de comportamentos são representadas por meio de uma seta somente entre a primeira classe dentre as várias de mesmo grau de abrangência e a classe cujo desenvolvimento é requisito à ocorrência do conjunto. Um exemplo

desse tipo de relação é o caso da relação entre as classes de comportamentos A2, A3, A4 e A5 e a classe de comportamentos A1. Conjuntos de classes de comportamentos que possuem todas ou algumas das classes de outro conjunto como pré-requisitos são representados abaixo do conjunto constituído de seus pré-requisitos e à esquerda da parcela de classes que exercem tal função em relação à sua ocorrência. É o caso dos conjuntos “B” e “C”, cuja ocorrência de suas classes de comportamentos depende do desenvolvimento das classes A1 a A12, pertencentes ao conjunto “A” de classes de comportamentos.

Não foram identificadas relações de cadeia entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas da obra de Skinner (1953/2003). As classes de comportamentos identificadas a partir da obra cuja redação dos componentes se manteve fiel às informações apresentadas nas unidades de informação identificadas na fonte de informações, as classes cuja redação de seus componentes foi aperfeiçoada e as classes constituídas de alguns componentes derivados dos demais são representadas pelos quadrados com siglas sem nenhum destaque. Classes de comportamentos inteiramente derivadas – em relação às quais todas as classes de componentes foram derivadas das demais classes de comportamentos – são representadas pelos quadrados com siglas em *itálico*.

Nas Figuras 5.2, 5.3, 5.4, 5.5 e 5.6 estão representadas parcelas da Figura 5.1 referentes às relações entre as classes de comportamentos de cada categoria identificada a partir do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003). Em tais figuras, os nomes das classes de comportamentos cujos componentes foram todos derivados das informações apresentadas na fonte de informações estão representados em *itálico*, enquanto os demais não apresentam destaque. As relações identificadas entre as classes de comportamentos constituintes da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” estão representadas nas Figuras 5.2 e 5.3. Na Figura 5.2 estão representadas as quatro classes de comportamentos mais abrangentes da categoria, classificadas como de grau um, dois e três de abrangência. No canto inferior esquerdo é apresentado em miniatura o diagrama de todas as classes de comportamentos da categoria A, com destaque em preto às classes de comportamentos em questão.



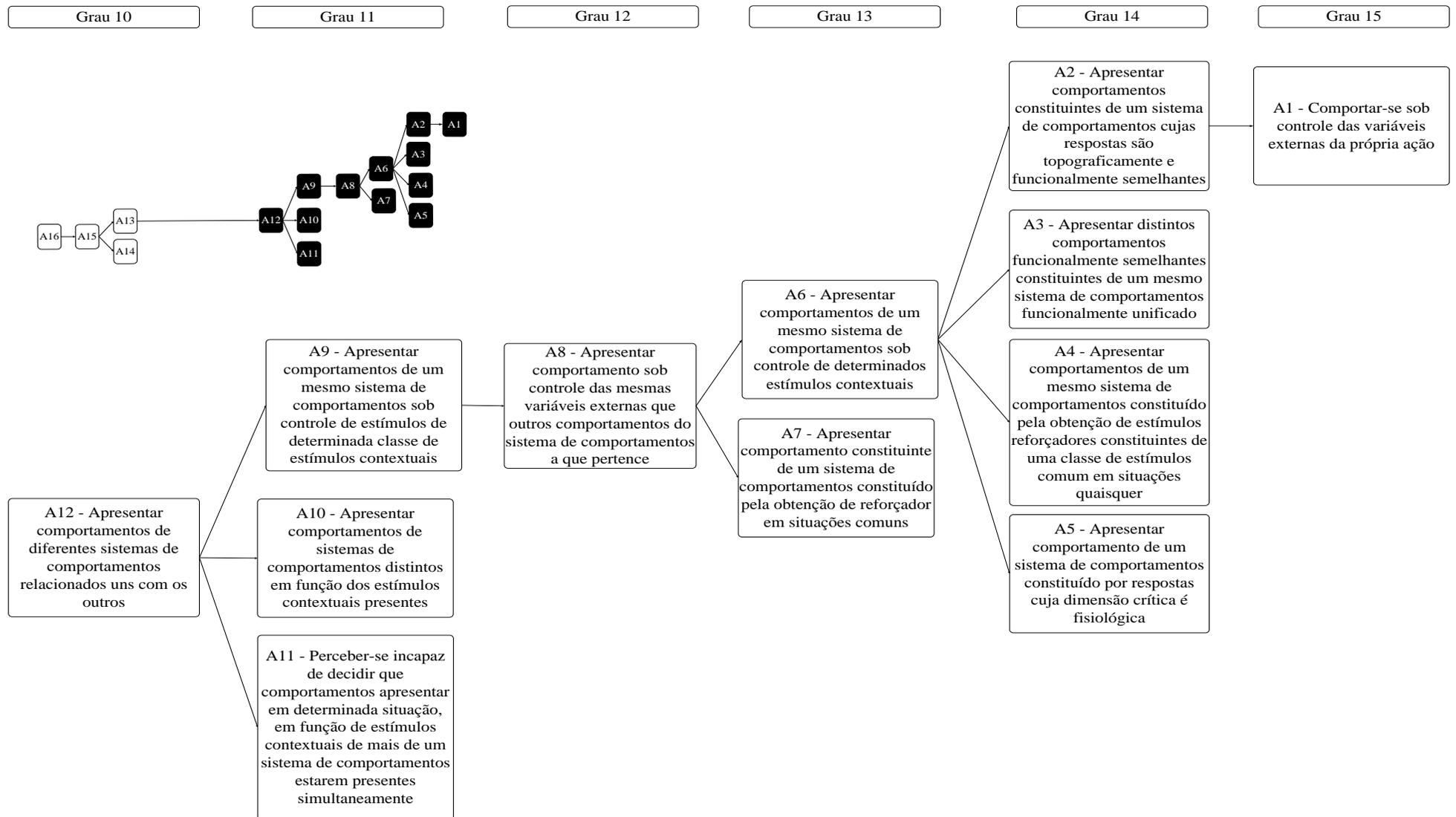
**Figura 5.2** – Diagrama da parcela 1 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

À ocorrência da classe de comportamentos “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três ‘personalidades’ do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, classificada como de grau de abrangência um por ser o comportamento mais abrangente do conjunto, é requerido o desenvolvimento prévio da classe de comportamentos “A15. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo”, uma vez que para ser possível utilizar um recurso para representar três grandes sistemas de comportamentos dos indivíduos é necessário já ter desenvolvido a utilização de um recurso para a representação, genericamente, de quaisquer sistemas de comportamentos. Além de a classe A16 ser menos abrangente, exerce

em relação à classe A15, cuja abrangência tem grau dois, função de pré-requisito.

As classes de comportamentos A13 e A14 classificadas com grau três de abrangência, por sua vez, exercem em relação à classe A15 função de pré-requisito. A ocorrência de comportamentos relacionados à utilização do recurso “eu” como representação genérica de quaisquer sistemas de comportamentos dos indivíduos, todas as propriedades possíveis de sistemas de comportamentos necessitam ser contempladas por meio da utilização do termo. A classe de comportamentos A13 se refere à utilização do termo “eu” à representação de sistemas de comportamentos constituídos de respostas topográfica e funcionalmente semelhantes, uma das propriedades possíveis de um sistema de comportamentos, e a classe A14 se refere à propriedade “equivalência de função” entre os comportamentos que constituem sistemas, sua característica mais importante e definidora.

12 classes de comportamentos menos abrangentes que as representadas na Figura 5.2 e também pertencentes à categoria A de comportamentos estão representadas na Figura 5.3. Tais classes estão distribuídas em seis graus de abrangência, desde o grau dez até o 15. No canto superior esquerdo há uma representação em miniatura do diagrama de todos os comportamentos da categoria A, com destaque em preto às classes de comportamentos em questão. Sua análise permite observar que todas as classes de comportamentos representadas consistem em pré-requisitos das classes “A13. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” e “A14. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, representadas na Figura 5.2.



**Figura 5.3** – Diagrama da parcela 2 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

As 12 classes representadas estão relacionadas às características de “sistemas de comportamentos”, conjuntos de comportamentos com determinadas características definidoras aos quais, conforme Skinner (1953/2003), o termo “eu” se refere. A primeira e mais abrangente – classificada com grau de abrangência dez em relação às demais – é “A12. Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros”, relacionada à apresentação de comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos relacionados a comportamentos constituintes de outros sistemas. Como exemplos desse tipo de relação, o autor cita o “Autocontrole”, em que ocorrem determinados comportamentos com função de aumentar ou diminuir a ocorrência de que comportamentos de outro conjunto ocorram. Para os comportamentos da classe A12 serem apresentados é necessário o desenvolvimento de três outras classes menos abrangentes: as classes A9, A10 e A11, cujas abrangências são classificadas como de grau 11 e estão relacionadas à apresentação de sistemas de comportamentos em diferentes configurações de estímulos antecedentes contextuais.

A classe de comportamentos “A9. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais” se refere à apresentação de comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos em função da presença de estímulos contextuais apenas de uma classe. A classe “A10. Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes” se refere à apresentação de comportamentos de sistemas comportamentais distintos conforme os estímulos contextuais presentes, sendo que apenas estímulos de uma classe de estímulos contextuais ocorrem a cada situação. Já a classe de comportamentos “A11. Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente” se refere à presença simultânea de estímulos contextuais de classes distintas e a consequente dificuldade do indivíduo em apresentar comportamentos de quaisquer dos sistemas em função de sua incompatibilidade. A apresentação de comportamentos de diferentes sistemas relacionados funcionalmente uns com os outros contempla as diferentes configurações possíveis de estímulos contextuais: ocorrem simultaneamente caso os comportamentos de cada sistema não sejam concorrentes entre si e se estímulos de classes de estímulos contextuais de ambos os sistemas ocorrerem simultaneamente; ou ocorrem em

momentos distintos, conforme a disposição dos estímulos de classes de estímulos contextuais.

Como pré-requisito das classes de comportamentos A9, A10 e A11, há a classe de comportamentos “A8. Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence”, classificada como de grau de abrangência 12. Tal classe enfatiza uma característica definidora de sistemas de comportamentos e que está sintetizada nas classes que a tem como requisito: a equivalência do controle de estímulos de todos os comportamentos que os constituem. As classes de comportamentos A6 e A7, por sua vez, consistem nos pré-requisitos da classe A8. Cada uma dessas classes de comportamentos, classificadas com grau de abrangência 13, se refere a estímulos externos de uma mesma classe, que exercem função sobre os comportamentos de um mesmo sistema e determinam sua unificação em tal sistema.

A classe de comportamentos “A6. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais” enfatiza comportamentos cuja apresentação é possibilitada em função da ocorrência de estímulos da mesma classe de estímulos contextuais, enquanto a classe “A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns” apresenta ênfase na produção de estímulos reforçadores de uma mesma classe em situações equivalentes. Ambas as características enfatizadas encontram-se contempladas na análise da classe de comportamentos A8 (Tabela 3.9, capítulo 3). Tanto a classe de comportamentos A6 como a classe A7 possuem quatro comportamentos pré-requisitos classificadas com grau de abrangência 14: as classes A2, A3, A4 e A5, cada uma relacionada a uma característica específica de conjuntos de comportamentos que determina sua unificação como sistemas de comportamentos. Todas estão relacionadas à classe de comportamentos A8 por tais características serem estímulos externos ou serem constituídas de estímulos externos.

A classe de comportamentos “A2. Apresentar comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” trata de um conjunto de comportamentos topograficamente semelhantes que são unificados em um sistema por sua função equivalente. A classe de comportamentos “A3. Apresentar distintos comportamentos funcionalmente semelhantes constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado” também trata de comportamentos funcionalmente

equivalentes, porém topograficamente distintos. “A4. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer” tem como ênfase dois aspectos determinantes da unificação de comportamentos desse conjunto em um sistema: a obtenção de reforçadores de uma mesma classe de estímulos consequentes e a variabilidade de estímulos antecedentes.

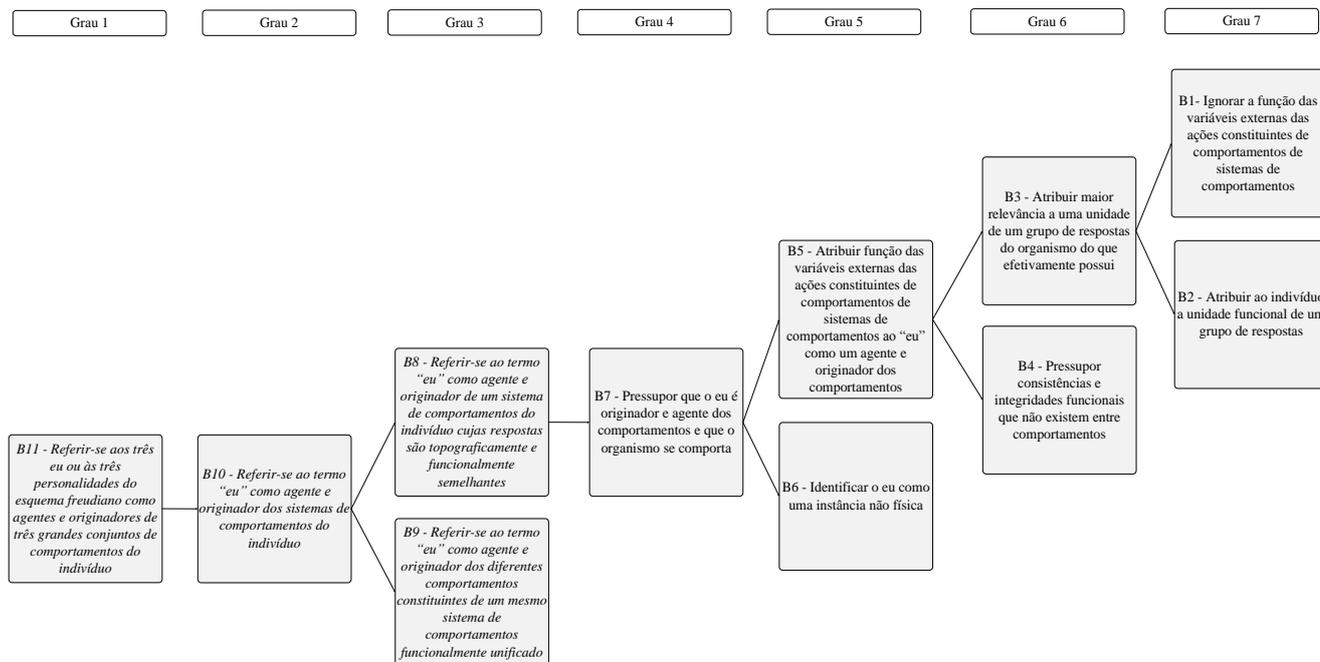
Por fim, a classe de comportamentos “A5. Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica” especifica um tipo de propriedade mais particular que determina a unificação de um conjunto de comportamentos em um sistema: a ocorrência de determinadas respostas emocionais / fisiológicas semelhantes quase concomitantemente às respostas dos comportamentos do conjunto. Embora o nome não enfatize aspectos externos sob controle dos quais as respostas emocionais ocorrem, tais aspectos constituem uma classe de eventos cuja ocorrência também delimita o desenvolvimento do sistema. Conforme as características das classes A2, A3, A4 e A5, elas consistem em classes menos abrangentes que as classes A6 e A7 e especificam tipos de estímulos consequentes e outras propriedades determinantes da unificação de comportamentos distintos ou semelhantes em um mesmo sistema, cujos comportamentos ocorrem sob controle de estímulos de uma mesma classe de estímulos contextuais e produzem estímulos consequentes também de uma mesma classe.

As quatro classes de comportamentos classificadas com grau de abrangência grau 13 – A2, A3, A4 e A5 – têm como pré-requisito comportamentos da classe “A1. Comportar-se sob controle das variáveis externas da própria ação”. Tal classe é a mais básica da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” e se refere a quaisquer comportamentos, uma vez que a única propriedade que lhe distingue é a característica comum a quaisquer comportamentos: o controle externo. Ainda que um comportamento possa ocorrer sob controle de estímulos internos ao organismo e inobserváveis aos demais, há propriedades públicas do comportamento que também o constituem. A ocorrência de comportamentos dessa classe é requerida ao desenvolvimento de todas as outras classes de comportamentos.

As relações identificadas entre as classes de comportamentos da categoria “B. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” estão representadas na Figura 5.4. As 11 classes estão distribuídas em sete graus de abrangência e estão

relacionadas aos pressupostos envolvidos na concepção de um “eu” com funções de originar e controlar os comportamentos do indivíduo. As quatro classes mais abrangentes – B11, B10, B9 e B8 – foram derivadas das demais classes da categoria B, bem como de características das quatro classes de comportamentos mais abrangentes da categoria A – A13, A14, A15 e A16. “B11. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo” é a classe mais abrangente, classificada com grau de abrangência um. Tal qual a classe de comportamentos A16, representada na Figura 5.2, se refere à utilização dos três termos “eu” ou “personalidades” da teoria freudiana.

Enquanto na classe A16, no entanto, os termos são utilizados como recursos de representação de três grandes sistemas de comportamentos, na classe B11 em questão, os termos são utilizados como referências a três instâncias agentes e originadoras dos comportamentos, internas ao organismo e que controlam três grandes conjuntos de comportamentos. À sua ocorrência, é necessário o desenvolvimento da classe “B10. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo”, de grau de abrangência dois. Sua função de pré-requisito é exercida por ser necessário conceber um “eu” genérico como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo para que três grandes sistemas de comportamentos sejam também concebidos dessa forma.



**Figura 5.4** – Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “B. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

“B8. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” e “B9. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, ambas classificadas com grau de abrangência três, estabelecem com a classe de comportamentos B10 relações de pré-requisitos. Referem-se à utilização do termo “eu” como agente e originador de sistemas de comportamentos cujas características são mais específicas que na classe de comportamentos B10: possuem respostas topográfica e funcionalmente semelhantes ou são distintas, porém funcionalmente equivalentes. Nessas classes, a propriedade “comportamentos funcionalmente semelhantes” dos sistemas de comportamentos referidos em cada uma também não substitui a atribuição dos comportamentos a um agente interno. Ambas as classes tratam da utilização do conceito “eu” como um agente iniciador de “sistemas de comportamentos” dos indivíduos. Para que ocorram, requerem o desenvolvimento do pressuposto de que o “eu” consiste em uma instância originadora e agente dos “comportamentos” dos indivíduos, além do pressuposto de que há um “eu” e um “organismo” pelo “eu” controlado. Tais pressupostos são desenvolvidos na classe de comportamentos “B7. Pressupor que o ‘eu’ é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta”, cuja abrangência definida é de grau quatro e referente a comportamentos dos indivíduos, não a sistemas de comportamentos.

Pressupor que o “eu” origina comportamentos requer, por sua vez, o desenvolvimento de comportamentos de ao menos outras duas classes com grau de abrangência cinco: “B5. Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao ‘eu’ como um agente e originador dos comportamentos” e “B6. Identificar o ‘eu’ como uma instância não física”. A primeira é referente ao que Skinner (1953/2003) considera o equívoco de ignorar a função das variáveis externas das ações dos comportamentos e atribuí-las ao “eu” e está relacionada ao desconhecimento ou conhecimento impreciso do conceito de “comportamento”. A segunda se refere à inferência, também avaliada como equivocada conforme a perspectiva de Skinner (1953/2003), de uma natureza do “eu” distinta da física. A relação de tal classe com a classe B7 é de pré-requisito, especificamente à suposição de que há uma separação entre o “organismo” e o “eu”. O primeiro seria no qual os comportamentos se manifestam e ao qual uma natureza física seria

possível, enquanto o “eu” seria uma instância independente, não observável e nem física.

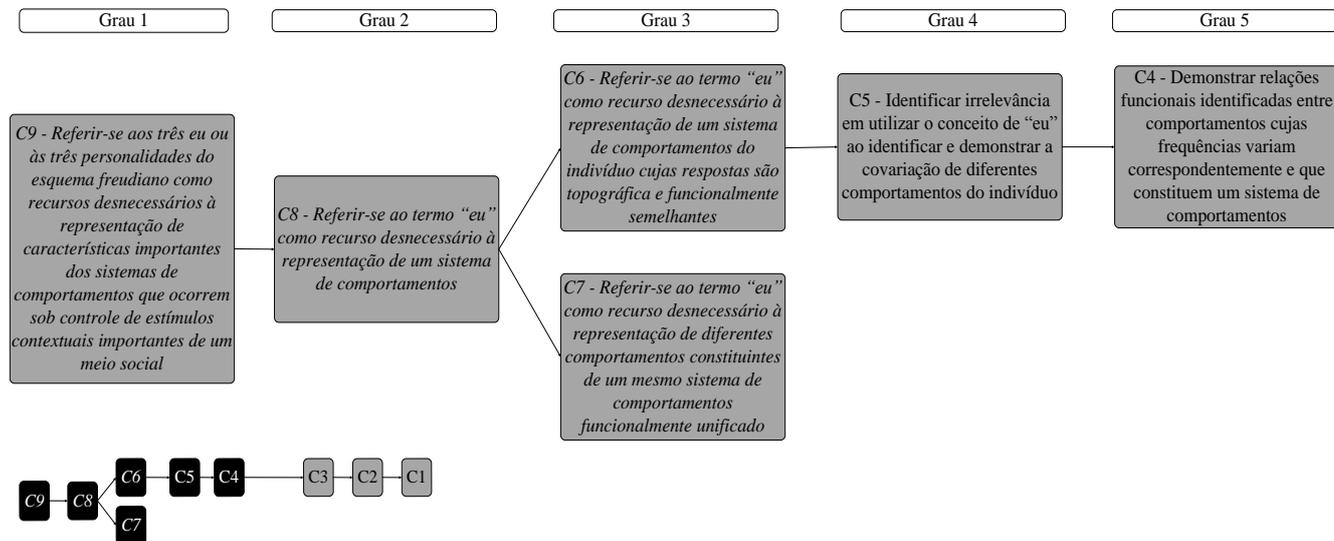
Relações de pré-requisitos também são estabelecidas entre a classe de comportamentos B5 e as classes “B3. Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui” e “B4. Pressupor consistências e integridades funcionais que não existem entre comportamentos”, ambas consideradas de grau de abrangência quatro. Estão relacionadas a uma “extrapolação” de relações entre um pequeno grupo de respostas apresentadas pelo indivíduo, que favorece a suposição de haver um “denominador comum” a todas as suas respostas. Tal “denominador comum” é proposto na classe B5 como sendo a instância “eu”. A classe B3 se refere à atribuição de um maior grau de relevância a uma unidade de grupo de respostas do indivíduo do que efetivamente o tem, o que favorece a suposição de que há uma instância responsável por determinar tal unidade. A classe B4, por sua vez, se refere à inferência de relações funcionais entre comportamentos. Tal inferência favorece a concepção de que entre todos os comportamentos dos indivíduos há relações funcionais comuns, a qual, por sua vez, favorece o desenvolvimento do conceito de que o que unifica funcionalmente todos os comportamentos é a instância “eu”.

Por fim, as duas classes menos abrangentes da categoria B de comportamentos, classificadas com grau sete de abrangência, consistem nos pré-requisitos das classes B3 e B4. Extrapolando os graus de relevância, consistência e integridade de um grupo de respostas e, com base nisso, conceber um “eu” unificador, agente e iniciador dos comportamentos dos indivíduos (decorrente das demais classes da categoria), requer primeiramente que as variáveis externas das ações constituintes de comportamentos sejam desconhecidas / ignoradas, como ocorre na classe “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos”. Outro requisito é o desenvolvimento da classe “B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas”, que se refere a um primeiro “denominador comum” identificado entre todas as respostas dos indivíduos: o indivíduo que as apresenta. A suposição de o indivíduo consistir em um primeiro “denominador comum” entre todos os comportamentos favorece a superestima da unidade de quaisquer comportamentos, ainda que não sejam estabeleçam entre si relações funcionais.

“C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’”, a última categoria de comportamentos

identificados a partir da obra de Skinner (1953/2003), se refere a classes de comportamentos alternativas às que favorecem a concepção de um “eu iniciador” e está representada nas Figuras 5.5 e 5.6. Na Figura 5.5 estão representadas as seis classes mais abrangentes, distribuídas em cinco graus de abrangência. No canto inferior esquerdo há uma representação em miniatura do diagrama de todas as classes de comportamentos da categoria, com destaque em preto às classes em questão.

A classe de comportamentos “C9. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, tal qual as classes de comportamentos mais abrangentes das categorias A e B, representadas nas Figuras 5.2 e 5.4, está relacionada aos três “eu” ou às três “personalidades” da teoria freudiana. A classe de comportamentos em questão, ao contrário das anteriores, não se refere nem à utilização dos termos como recursos de representação de grandes sistemas de comportamentos dos indivíduos nem como referentes a instâncias originadoras e agentes dos seus comportamentos. Trata-se de uma avaliação acerca da necessidade de utilização dos termos, cujo resultado é a consideração de que são desnecessários, uma vez que a análise funcional das classes comportamentos envolvidas no que é denominado “eu” ou “personalidade” possibilita compreender de outra forma as semelhanças entre conjuntos de comportamentos, bem como relações entre conjuntos de comportamentos. As demais classes de comportamentos da categoria consistem nos requisitos para que a classe C9 possa ocorrer.



**Figura 5.5** – Diagrama da parcela 1 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e derivadas a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

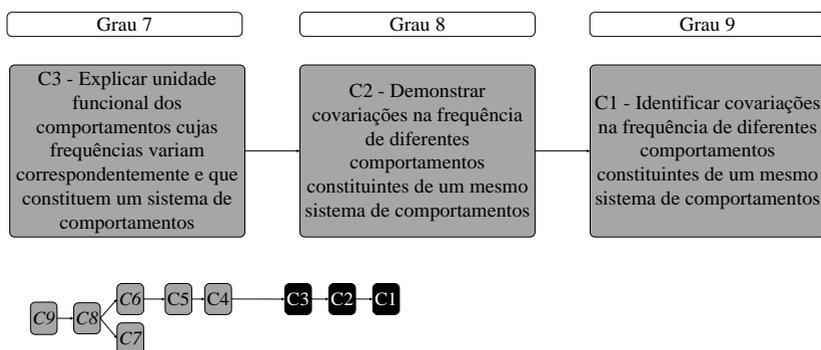
A classe de comportamentos “C8. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos”, classificada com grau de abrangência dois, está relacionada à avaliação acerca da relevância de utilizar o termo “eu” como representação de quaisquer sistemas de comportamentos e conclusão de que é dispensável. O desenvolvimento de tal julgamento em relação à utilização do termo não em relação aos três grandes conjuntos de comportamentos abordados na teoria freudiana envolvidos no que é chamado de Id, Ego e Superego, mas a quaisquer sistemas de comportamentos do indivíduo é requerido para que tal avaliação possa ser estendida aos termos freudianos. Tal classe, por sua vez, possui dois comportamentos pré-requisitos cujas abrangências foram classificadas como de terceiro grau, as classes “C6. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” e “C7. Referir-se ao termo “eu” como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”.

Do mesmo modo como as três classes de comportamentos mais abrangentes da categoria, as classes C6 e C7 se referem à avaliação de que a utilização do termo “eu” é desnecessária à representação de sistemas de comportamentos. Distinguem-se por serem mais específicas e se referirem a determinados tipos de sistemas de comportamentos em relação aos quais a utilização do termo “eu” como forma de representação é inócua: funcionalmente semelhantes e constituídos de respostas topograficamente semelhantes ou constituídos de respostas distintas, porém também funcionalmente semelhantes. Com abrangência classificada como de grau quatro, a classe de comportamentos “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de ‘eu’ ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes respostas do indivíduo” consiste em comportamento pré-requisito à ocorrência das classes C6 e C7, uma vez que especifica que comportamentos do indivíduo possibilitam avaliar o conceito “eu” como irrelevante. Não só para a representação de um sistema de comportamentos, mas em qualquer circunstância.

A classe de comportamentos menos abrangente da Figura 5.5 é a classe “C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos”, que exerce em relação à classe de comportamentos C5 função de pré-requisito. Tal função é justificada por consistir no fundamento que possibilita que identificar e

demonstrar covariações de diferentes respostas do indivíduo impliquem na identificação da irrelevância do conceito “eu” (como sugere a classe de comportamentos C5). A variação correspondente de diferentes comportamentos não ocorre em função de uma instância interna que implica na ocorrência de “padrões comportamentais”, chamados de “personalidade”, mas em função de estabelecerem entre si relações funcionais. Por tal razão é que se tais relações podem ser demonstradas, demonstra-se também a independência dos comportamentos que “covariam” de qualquer instância interna do indivíduo.

Na Figura 5.6 está representada a continuação do diagrama das relações entre os comportamentos da categoria C de comportamentos identificados e derivados a partir da obra de Skinner (1953/2003), referente a três classes de comportamentos distribuídas em três graus de abrangência – do sétimo ao nono grau. No canto inferior esquerdo está representado em miniatura o diagrama de todas as classes de comportamentos da categoria, com destaque em preto às classes de comportamento em questão. Menos complexo que demonstrar cada relação funcional entre os comportamentos cujas frequências variam correspondentemente, a classe de comportamentos “C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” consiste em pré-requisito da classe de comportamentos C4.



**Figura 5.6** – Diagrama da parcela 2 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu

iniciador”” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

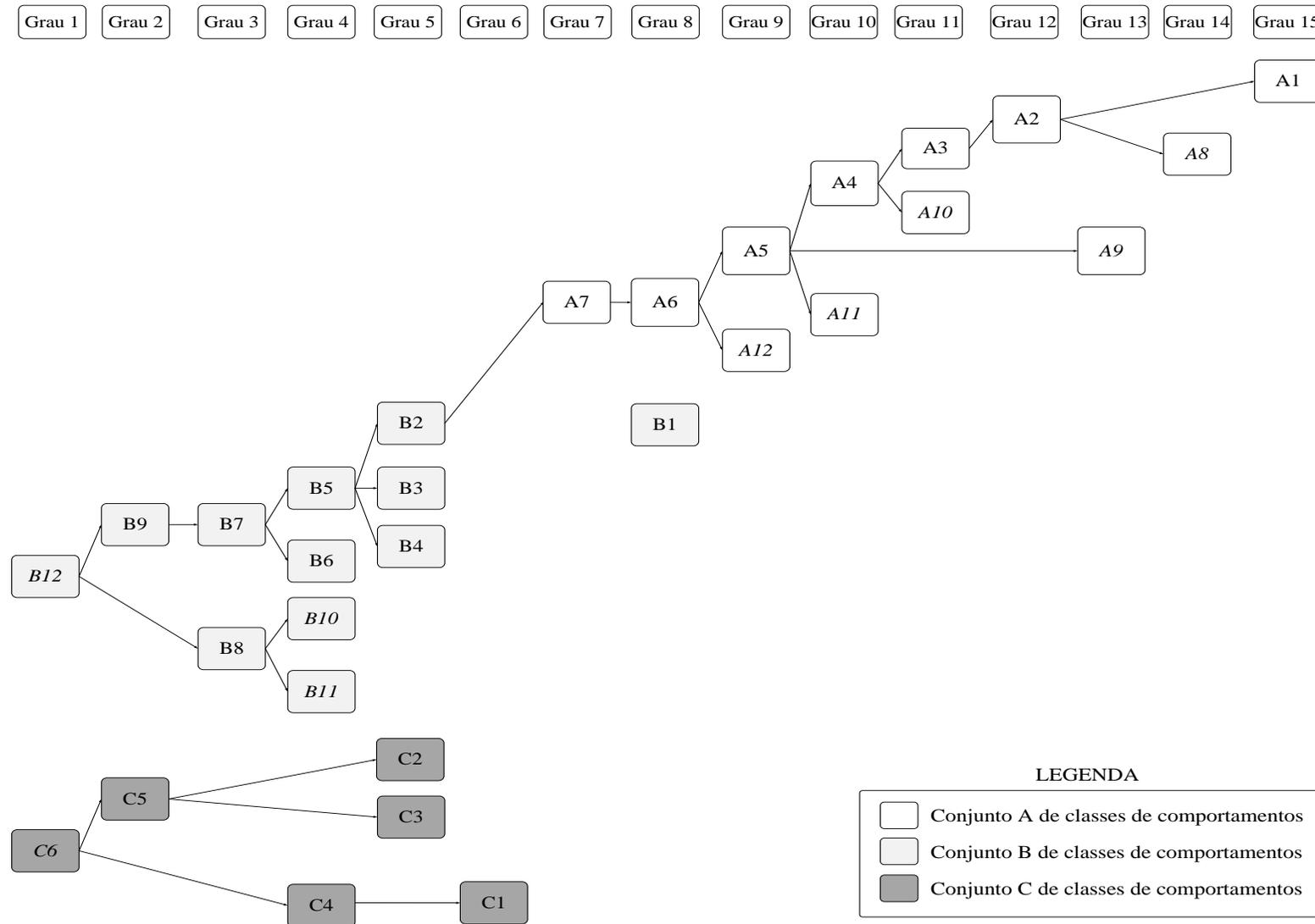
As classes de comportamentos “C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” e “C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos”, cujas abrangências identificadas foram de grau oito e nove respectivamente, consistem nos dois mais básicos<sup>10</sup> pré-requisitos à demonstração da irrelevância da utilização do conceito “eu” para representar comportamentos, sistemas de comportamentos ou especificamente os três sistemas de comportamentos aos quais os termos “id”, “ego” e “superego” da teoria freudiana se referem, segundo Skinner (1953/2003). A classe mais básica se refere à identificação de covariações em diferentes comportamentos, variável que os torna membros de um mesmo sistema de comportamentos, enquanto a classe C2 se refere à demonstração de tais covariações.

## **2. Organização das classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas às quais o conceito “Eu” se refere no capítulo “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) em um sistema comportamental**

A partir da análise e avaliação das características de cada classe de comportamentos identificada e derivada a partir do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) foram identificadas relações entre as classes de comportamentos, tais relações foram classificadas conforme os critérios de abrangência, cadeia, complexidade e pré-requisito e categorizadas em grandes conjuntos. A partir das relações identificadas e de suas propriedades, as classes de comportamentos foram organizadas em um sistema comportamental, representado no diagrama da Figura 5.7.

---

<sup>10</sup> Como classes de comportamentos “mais básicas” se entende classes cujo desenvolvimento é requisito a todo o restante do sistema.



**Figura 5.7** – Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos relacionadas ao conceito “Eu” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.



Na figura estão representadas 30 classes de comportamentos distribuídas em 15 graus de abrangência e em três conjuntos. As classes de comportamentos são representadas pelos conjuntos de quadrados conectados entre si por meio de setas e apresentados na parte central da figura, enquanto os quadrados brancos localizados na parte superior representam os graus de abrangência atribuídos às classes de comportamentos. Em cada quadrado que representa as classes de comportamentos há uma letra e um número, que consistem nas siglas atribuídas aos nomes das classes de comportamentos na Tabela 4.1 – “Classes de comportamentos identificadas e *derivadas* do capítulo ‘O Self’ da obra ‘FAP – Psicoterapia Analítico Funcional’ de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como aquelas às quais o conceito ‘eu’ se refere, distribuídas por categoria” (Capítulo 4).

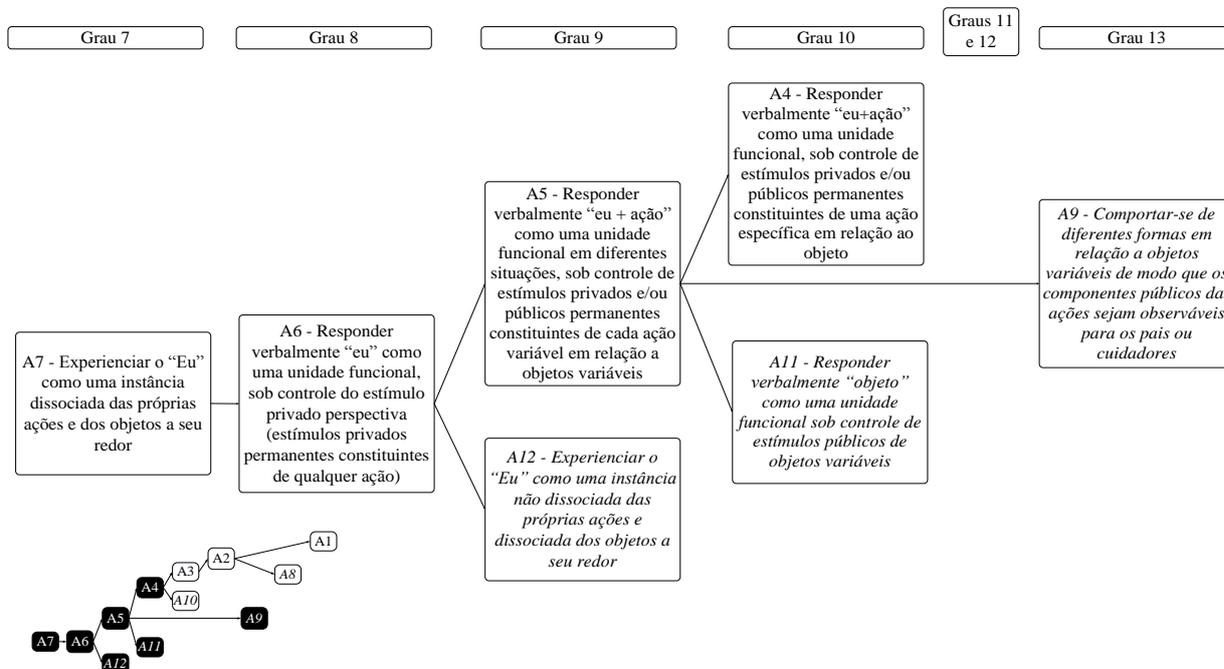
O conjunto constituído pelos quadrados brancos representa as 12 classes de comportamentos da categoria “A. Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”, principal categoria dentre as identificadas a partir da obra. As classes que a constituem são as mais diretamente relacionadas ao conhecimento dos comportamentos envolvidos no conceito “eu”, conforme os autores. O conjunto de quadrados com tonalidade cinza claro é constituído também de 12 classes de comportamentos e representa a categoria “B. Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”. A categoria “C. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” é constituída de seis classes de comportamentos, representadas na figura pelo conjunto de quadrados de tonalidade cinza escuro.

Dentre as siglas representadas na figura, as com destaque em *itálico* representam as classes de comportamentos derivadas dos componentes das demais classes, enquanto as classes identificadas a partir da obra cuja redação dos componentes se manteve fiel às informações apresentadas nas unidades de informação identificadas na fonte de informações, as classes cuja redação de seus componentes foi aperfeiçoada e as classes constituídas de alguns componentes derivados dos demais são representadas pelos quadrados com siglas sem nenhum destaque. Relações de cadeia entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) não foram identificadas.

As relações identificadas entre as classes de comportamentos constituintes de cada categoria (“A”, “B” e “C”) da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) estão representadas nas Figuras 5.8, 5.9, 5.10 e 5.11.

Nelas, os nomes das classes de comportamentos constituídas de componentes identificados a partir da fonte de informações – ainda que componentes derivados da fonte ou componentes cuja redação foi aperfeiçoada também as constituam – estão apresentados sem nenhum destaque, enquanto os das classes cujos componentes foram todos derivados da fonte de informações estão representados em itálico. Nas Figuras 5.8 e 5.9 estão representadas as relações entre as 12 classes de comportamentos da categoria “A. Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”. As relações entre as seis classes de comportamentos mais abrangentes da categoria estão representadas na Figura 5.8, na qual também é representada a relação dessas com a classe “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis”.

Os graus de abrangência atribuídos às classes representadas na Figura 5.8 variam entre os níveis sete a 13. No canto inferior esquerdo é apresentado em miniatura o diagrama de todos os comportamentos da categoria A, com destaque em preto às classes de comportamentos em questão. “A7. Experimentar o ‘eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” consiste na classe de comportamentos mais abrangente da categoria A e ocupa o grau sete de abrangência. Consiste em uma classe em que o indivíduo “experimenta” uma instância “eu” como uma unidade diferente das próprias respostas e dos objetos em relação aos quais apresenta tais respostas. Por consistir em uma classe constituída de respostas que ocorrem sob controle discriminativo de estímulos da classe “estímulo privado perspectiva”, sua ocorrência depende de os estímulos dessa classe terem adquirido previamente função discriminativa em relação a respostas do organismo. Por tal função ser estabelecida na classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva”, tal classe consiste em um pré-requisito à classe A7.



**Figura 5.8** – Diagrama da parcela 1 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

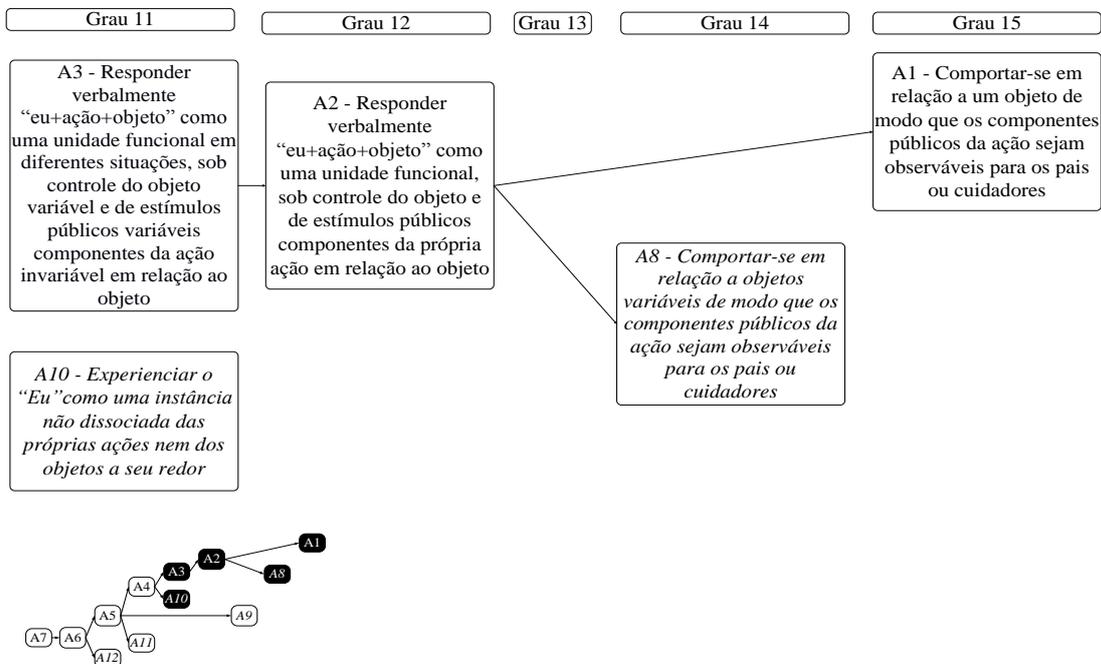
A ocorrência da classe A6, classificada com grau oito de abrangência, consiste na apresentação da unidade funcional “eu” de modo independente de outros termos, o que implica em controle de estímulos estabelecido em relação à resposta verbal “eu”, somente. À discriminação do estímulo privado “perspectiva” e à ocorrência das demais características da classe A6, por sua vez, é requerido o desenvolvimento de duas outras classes: “A5. Responder verbalmente ‘eu + ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de ações variáveis em relação a objetos variáveis” e “A12. Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor”, derivada. Ambas com abrangência grau nove. A classe de comportamentos A5 consiste na apresentação de diversas unidades funcionais “eu+ação”, ainda sob controle de estímulos comuns, em relação a diferentes ações apresentadas pelo indivíduo. A variação dos estímulos constituintes das ações e que exercem controle sobre as respostas “eu+ação” é o que torna possível a discriminação do estímulo privado “perspectiva”, variável comum em todas as situações. A classe A12 se refere à percepção do indivíduo de haver uma instância “eu” ainda não dissociada das ações por ele próprio apresentadas, e tal qual a classe A5, pode ocorrer relacionada a diferentes ações do indivíduo e favorece a discriminação do estímulo privado “perspectiva”.

Tanto para a classe A5 quanto para a A12 são consideradas pré-requisitos duas classes classificadas como de graus de abrangência dez: “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” e “A11. Responder verbalmente ‘objeto’ como uma unidade funcional sob controle de estímulos públicos de objetos variáveis”. A classe A4 se refere à apresentação da unidade funcional “eu+ação” em uma situação específica. Seu desenvolvimento é necessário para que outras unidades funcionais “eu+ação” sejam apresentadas, como na classe A5, e para que uma instância “eu” não dissociada das ações seja “experienciada”, como na classe A12. A classe A11, por sua vez, exerce função de pré-requisito por seu produto ser o desenvolvimento da unidade funcional “objeto” como uma unidade independente da unidade funcional “eu+ação”. Tal independência possibilita que, ainda que ações sejam apresentadas em relação a objetos, os estímulos discriminativos das unidades funcionais “eu+ação” sejam distintos dos que controlam as unidades funcionais “objeto”.

A classe de comportamentos “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis”, cuja abrangência é classificada como de grau 13, se refere à ocorrência de diversos comportamentos do indivíduo constituídos de ações distintas em relação a objetos distintos. De seu desenvolvimento depende a classe de comportamentos “A5. Responder verbalmente ‘eu + ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de ações variáveis em relação a objetos variáveis”, por consistir na classe que possibilita que os aspectos públicos e privados de diversas ações passem a exercer controle sobre comportamentos verbais do indivíduo.

As cinco outras classes de comportamentos menos abrangentes – cujas abrangências foram consideradas entre os graus 11 e 15 – que também constituem a categoria A de comportamentos identificados e derivados a partir da obra estão representadas na Figura 5.9. Com graus de abrangência 11, as classes de comportamentos “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da própria ação invariável em relação ao objeto” e “A10. Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor” consistem em pré-requisitos das classes de comportamentos A4 e A11, representadas na Figura 5.8. A classe A3 por ser constituída de uma unidade funcional maior “eu+ação+objeto” a partir da qual é desenvolvida a unidade funcional “eu+ação” e por ser apresentada em relação ao relato de uma mesma ação apresentada com diversos objetos, o que possibilita a discriminação dos estímulos antecedentes comuns somente às ações – já que os objetos variam. A classe A10, por se referir a respostas de “experienciar o eu” mais simples, em que uma instância “eu” é concebida como não dissociada nem das ações nem dos objetos.

Com grau de abrangência 12, a classe de comportamentos “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto” consiste em pré-requisito da classe de comportamentos A3. Consistem em classes praticamente equivalentes, porém a classe A3 se refere à apresentação da unidade funcional “eu+ação+objeto” em uma situação específica e referente a apenas uma ação e um objeto. Seu desenvolvimento é necessário à sua apresentação em relação a uma mesma ação em relação a diversos objetos, como ocorre na classe A2.



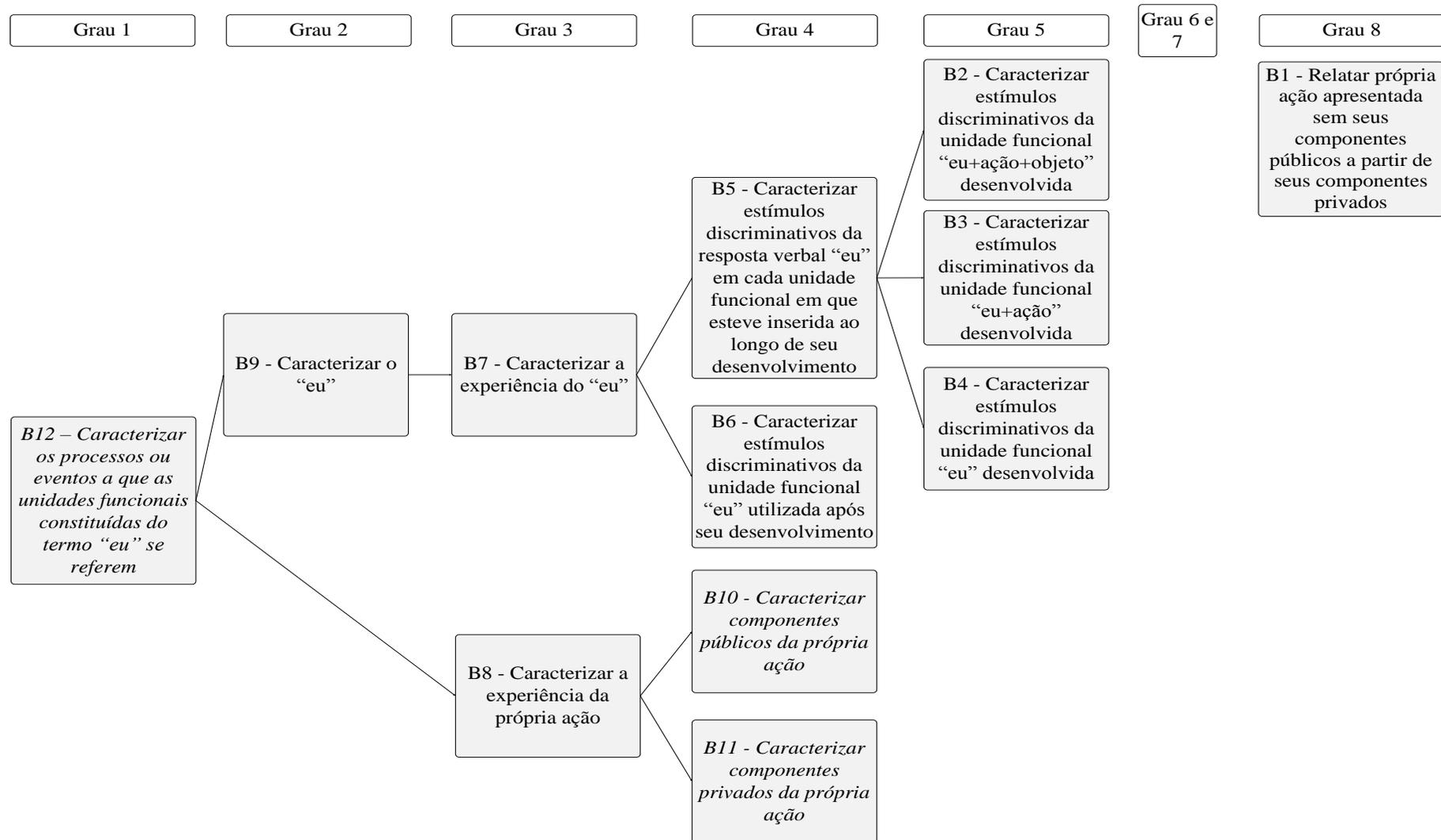
**Figura 5.9** – Diagrama da parcela 2 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

Considerada com grau de abrangência 14, a classe de comportamentos “A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores” consiste em pré-requisito da classe A3, relacionada à apresentação de diversas unidades funcionais “eu+ação+objeto” apresentadas como referência a uma ação invariável apresentada em relação a diversos objetos variáveis. A ocorrência da classe de comportamentos verbais A3 requer o desenvolvimento de comportamentos constituídos de ações equivalentes em relação a diversos objetos, o que ocorre na classe A8 em questão. Por fim, a classe “A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, exerce função de pré-requisito em relação à classe A2, a qual está relacionada à apresentação da unidade funcional “eu+ação+objeto” apresentada como referente a apenas uma ação do indivíduo apresentada em relação a apenas um objeto. Considerada com o menor grau de abrangência da categoria A – grau 15 –, a classe A1 se refere ao desenvolvimento do comportamento em relação ao qual a unidade funcional da classe A2 se refere, constituído de uma ação específica e um objeto específico.

As relações identificadas entre as classes de comportamentos da categoria “B. Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” estão representadas na Figura 5.10. A classe mais abrangente da categoria, considerada com grau um de abrangência, é a classe “B12. Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”. Refere-se à possibilidade de identificar as propriedades dos eventos aos quais unidades de comportamentos verbais constituídos do termo “eu” se referem, desde aqueles em que o “eu” não é dissociado dos termos “ação” ou “objeto” até o comportamento em que é apresentado como uma unidade funcional independente de outros termos. À sua ocorrência é necessário o desenvolvimento das classes “B9. Caracterizar o ‘eu’”, considerada de abrangência grau dois; e “B8. Caracterizar a experiência da própria ação”, à qual é atribuído grau três. A classe B9 em função de seus produtos consistirem na identificação das propriedades do que é denominado “eu” e a classe B8 por consistir, dentre as classes de comportamentos identificadas, na classe cujos produtos são os mais próximos do conhecimento das propriedades das ações dos indivíduos.

A classe de comportamentos B9, por sua vez, tem sua ocorrência vinculada ao desenvolvimento da classe “B7. Caracterizar a experiência do ‘eu’”, considerada com grau três de abrangência, cujos produtos consistem na maior aproximação possível das características do evento ou processo denominado “eu”. Como pré-requisitos das classes de comportamentos B7 e B8 há quatro classes com grau de abrangência quatro. O desenvolvimento das classes “B5. Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘eu’ em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento” e “B6. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ após seu desenvolvimento” é requerido à ocorrência da classe B7. Ambas se referem à identificação de características dos estímulos que exercem função discriminativa em relação à unidade funcional “eu”, que equivalem aos que exercem a mesma função em relação à “experiência de ‘eu’”. Distinguem-se apenas em relação ao momento na história da vida do indivíduo que apresenta a unidade funcional “eu” desenvolvida em que os estímulos exercem a função discriminativa: ao longo do desenvolvimento de tal unidade funcional ou no momento presente em que o indivíduo já a apresenta em seu repertório. Consistem em pré-requisitos da classe B7 por seus produtos consistirem nas propriedades da “experiência de eu” possíveis de serem conhecidas.

As classes “B10. Caracterizar componentes públicos da própria ação” e “B11. Caracterizar componentes privados própria da ação”, ambas derivadas das informações da obra, consistem nos pré-requisitos da classe B8 por consistirem nos aspectos das ações que exercem controle sobre as unidades funcionais “ação” e por tais aspectos equivalerem aos que exercem controle sobre a “experiência da ação”. Além de possibilitar o conhecimento das características dos estímulos discriminativos dessa “experiência”, abrangem também as propriedades das ações a serem conhecidas: tanto suas propriedades públicas quanto privadas.



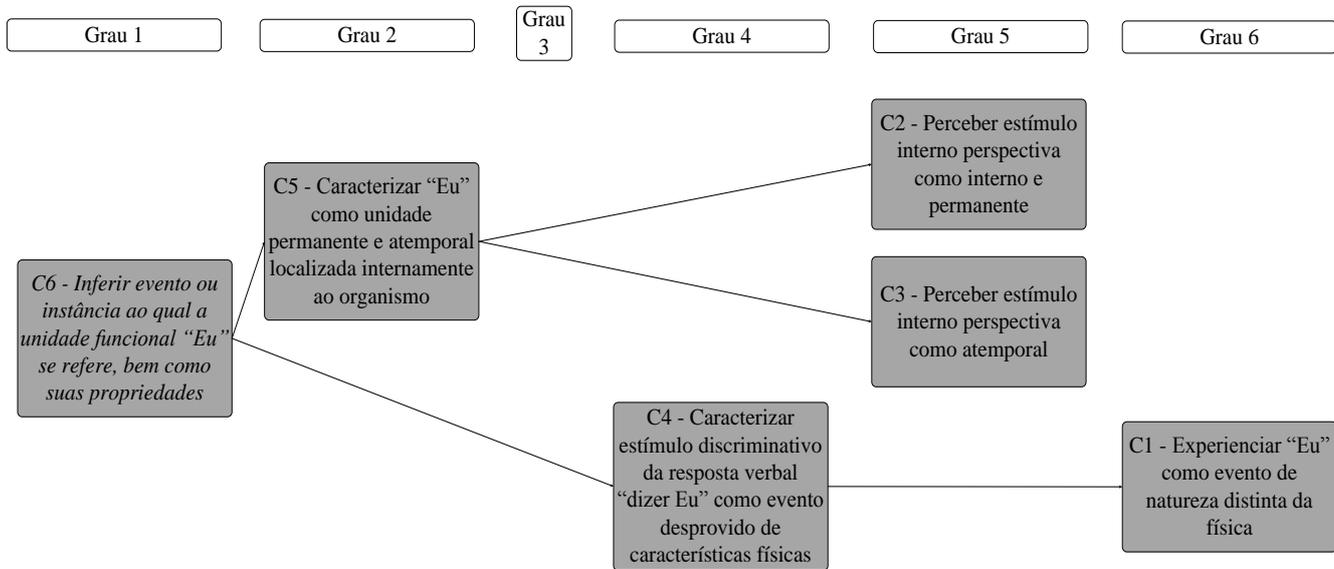
**Figura 5.10** – Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “B. Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.



Com grau de abrangência cinco, três classes de comportamentos estabelecem com a classe “B5. Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘eu’ em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento” relações de pré-requisito. Tratam-se das classes “B2. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação+objeto” desenvolvida”, “B3. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação” desenvolvida” e “B4. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” desenvolvida”. Tais classes caracterizam estímulos que exercem função discriminativa em cada um dos estágios de desenvolvimento da unidade funcional “eu”, mencionados no nome da classe B5: quando o termo “eu” constitui uma unidade funcional em conjunto com os termos “ação” e “objeto”, quando constitui uma unidade em conjunto apenas com o termo “ação” e quando, sozinho, constitui uma unidade funcional.

A classe “B1. Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados” não exerce com as demais classes de comportamentos da categoria nenhuma relação de pré-requisito. Constitui a categoria por, tal qual as outras classes, se referir a uma implicação de classes de comportamentos que constituem o conjunto “A” de classes de comportamentos, relacionado à identificação das propriedades dos eventos ou processos a que as unidades constituídas do termo “eu” se referem. A classe B1 em questão é possibilitada especificamente pelo controle estabelecido entre os componentes privados de ações apresentadas pelo indivíduo e suas respostas verbais de tato – o que ocorre graças às classes A2, A3, A4 e A5 –, uma vez que o relato que constitui a classe de comportamentos em questão já ocorre sob controle desses componentes. Na Figura 5.7 é possível observar que a classe B1 está localizada um grau de abrangência à esquerda das classes A5 e A12 e é, conseqüentemente, mais abrangente que tais classes, assim como todas as demais apresentadas à direita na figura. Com elas estabelece relações de pré-requisitos.

A última figura que representa as relações estabelecidas entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) é a Figura 5.11, onde estão representadas as relações entre as seis classes da categoria “C. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’”.



**Figura 5.11** – Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “C. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.

Considerada de grau de abrangência um, a classe “C6. Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional ‘eu’ se refere, bem como suas propriedades” é a mais abrangente da categoria, foi derivada das informações da obra e se refere ao comportamento indutivo de, a partir de algumas características da unidade funcional “eu”, conceber a existência de uma instância à qual o termo se refere. À sua ocorrência é necessário o desenvolvimento da classe “C5. Caracterizar ‘eu’ como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo”, cuja abrangência é considerada de grau dois. Tal classe especifica duas propriedades atribuídas a uma unidade “eu”, as propriedades constância independente do passar do tempo e localização interna do estímulo discriminativo da unidade funcional “eu”. Além disso, seu desenvolvimento consiste em uma especificidade da classe C6 mais abrangente.

Outra classe que exerce a função de pré-requisito em relação à classe C6 é a classe “C4. Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal ‘dizer eu’ como evento desprovido de características físicas”, à qual é atribuído grau quatro de abrangência. A suposição de que os relatos verbais “eu” são controlados por um evento desprovido de características físicas, ou mais especificamente que o “estímulo privado perspectiva” é desprovido de características físicas, favorece a concepção de que tal evento “não físico” constitua uma unidade também “não física: o “eu”. Consideradas com graus de abrangência cinco, as classes “C2. Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente” e “C3. Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal” exercem função de pré-requisito em relação à classe C5, que as abrange. Ao notar as propriedades “interno”, “permanente” e “atemporal” do estímulo privado “perspectiva” é que o indivíduo tende a qualificar não apenas esse estímulo, mas uma unidade “eu” que infere a partir das propriedades percebidas. Por fim, à ocorrência de comportamentos da classe C4 é necessário o desenvolvimento prévio da classe “C1. Experimentar ‘eu’ como evento de natureza distinta da física”. De acordo com a proposição de que os estímulos que exercem controle sobre a unidade funcional “eu” equivalem aos que exercem controle sobre a “experiência de eu”, perceber as características dessa experiência como não físicas favorece que sejam também percebidos os estímulos discriminativos da unidade funcional “eu” como de natureza não física.

**3. Organizar classes de comportamentos identificadas e derivadas como aquelas referidas em proposições acerca do conceito “Eu” nos capítulos “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* de Skinner (1953/2003) e “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) em sistemas comportamentais como forma de prover subsídios a intervenções e processos de produção de conhecimento acerca das características das relações estabelecidas entre as classes**

Examinar as características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca de um mesmo conceito em diferentes obras de um tipo de conhecimento da área de conhecimento Psicologia – ou uma subárea como a Análise Experimental do Comportamento pode ser considerada – a fim de identificar relações entre tais classes e propor diagramas de sistemas comportamentais se faz relevante por todas as suas contribuições a diversos campos de atuação do psicólogo, à área e à subárea ou tipo de conhecimento em questão. Primeiramente por contribuir à análise conceitual da área e subárea ou tipo de conhecimento. O conceito de autores em relação a um termo é expresso no modo como o utilizam ao longo de suas proposições e, se for utilizado sob controle de um processo comportamental, nesse “modo de utilização do termo” estão envolvidas as características referidas pelos autores como constituintes ou determinantes do dado processo. Por isso o investimento em procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados em relação às características das classes de comportamentos referidas em proposições de autores acerca do conceito “eu”.

Processos comportamentais podem consistir e ser concebidos, no entanto, como grandes classes de comportamentos ou grandes conjuntos de comportamentos que configuram não uma classe geral, mas um *sistema* de comportamentos inter-relacionados entre si. Nesses casos, as características das classes de comportamentos que constituem o sistema consistem apenas em parte do que está envolvido no conceito dos autores a seu respeito. Suas características podem ser identificadas, portanto, não somente a partir das características das classes de componentes que constituem as classes de comportamentos do sistema, mas também a partir das características das relações que tais classes estabelecem entre si e que as tornam constituintes de um mesmo sistema. Identificar as características das relações entre as classes de comportamentos referidas em proposições apresentadas em uma obra relacionadas a um conceito sob exame e organizá-las conforme critérios

que possibilitam analisar tais relações com clareza e precisão configura, portanto, em investimento que complementa a análise do conceito de um autor em uma de suas obras.

Ao serem realizados em relação a várias obras fundamentadas em uma mesma área e tipo ou subárea de conhecimento, os procedimentos que possibilitam identificar relações entre classes de comportamentos e organizá-las de maneira clara e precisa complementa também a análise conceitual de tal área e tipo ou subárea, já que confere parâmetros de comparação das características dos sistemas de comportamentos envolvidos no conceito de cada obra. Representações das análises funcionais de cada classe de comportamentos identificada ou derivada como implicadas nas proposições em mais de uma obra já conferem parâmetros comuns para que suas características possam ser comparadas. No entanto, tal não permite comparar os conceitos dos autores em relação a suas implicações às características dos processos referidos “como um todo”. Somente em relação a suas especificidades em cada classe de comportamentos. Assim, por meio da elaboração de diagramas de sistemas comportamentais, passa a ser possível examinar as proposições implicadas nos conceitos de cada autor de uma maneira mais abrangente.

Além das contribuições à complementação de análises conceituais, a elaboração de diagramas de representação de sistemas de comportamento é de grande utilidade a intervenções diretas ou indiretas por meio do ensino nos fenômenos analisados e decompostos. De posse de tais diagramas, profissionais que tenham como objetivo de intervenção o desenvolvimento dos sistemas de comportamentos caracterizados ou de parcelas deles, têm favorecidas várias de suas próprias classes de comportamentos profissionais. Organizadas nos diagramas, as classes de comportamentos são fontes de informação que favorecem estabelecer comportamentos-objetivo a serem desenvolvidos; caracterizar o repertório do(s) indivíduo(s) em intervenção em relação aos objetivos definidos; identificar dentre as classes quais as menos abrangentes das quais dependem o desenvolvimento das demais; e definir sequências de ensino, considerando ordens mais promissoras de desenvolvimento (Botomé, 1981; Teixeira, 2010, Kubo e Botomé, 2011).

As características dos diagramas servem ainda a mais duas classes de comportamentos profissionais de fundamental importância, não restritas às modalidades de intervenção direta ou indireta por meio do ensino, mas também à produção de conhecimento. Servem à avaliação da própria proposição de relações entre as classes de

comportamentos e à identificação de lacunas dentre as classes identificadas como constituintes de um sistema. Ao oferecer condições ao desenvolvimento das classes de comportamentos considerando as relações de pré-requisito, abrangência e cadeia propostas, a ocorrência ou não dos processos de aprendizagem consiste em indício acerca da validade das relações identificadas e propostas (Botomé, 1975; 1981; Kubo e Botomé, 2011). O desenvolvimento de comportamentos mais abrangentes e complexos a partir do ensino dos comportamentos considerados mais básicos e pré-requisitos denota que há *síntese comportamental*. Havendo controle sistemático das variáveis envolvidas, é possível considerar tais sínteses como a validação experimental das relações propostas (Kubo e Botomé, 2011). Se, ao contrário, o ensino das classes de comportamentos consideradas intermediárias não for suficiente ao desenvolvimento das mais complexas, tal consiste em uma evidência acerca de lacunas no sistema comportamental proposto. A qual serve, por sua vez, à investigação de outras classes ou outras relações entre classes previamente não identificadas.

As contribuições específicas da identificação de relações entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das obras “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) podem ser verificadas ao examinar os diagramas obtidos como resultados. De modo geral, no entanto, é possível afirmar que por meio da produção dos diagramas de representação das relações estabelecidas entre as classes de comportamentos referidas nas obras são conferidos mais subsídios à refutação das concepções de um “eu” como uma instância iniciadora e agente de comportamentos ou como uma unidade interna, atemporal e de natureza distinta da física. Bem como à demonstração de que, em lugar de uma instância ou unidade com tais qualidades, há processos de desenvolvimento de classes de comportamentos cujos produtos são tradicionalmente nomeados “eu”. Ainda, as relações identificadas entre as classes de comportamentos favorecem a compreensão do conceito “eu” apresentado nas obras examinadas e suas implicações.

### **3.1. Contribuições dos sistemas comportamentais propostos a partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner**

Observar as características do primeiro diagrama de um sistema comportamental (Figura 5.1) proposto com base nas relações identificadas entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) de Skinner possibilita indagar acerca, primeiramente, das relações de pré-requisitos estabelecidas entre todas as classes de comportamentos pertencentes às categorias B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu’ iniciador” e C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu’ iniciador” e a as classes de comportamentos da categoria A “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, com exceção de suas quatro classes mais abrangentes relacionadas à utilização do termo “eu” (classes A13 a A16). As relações entre as classes, cujo exame é possibilitado pelas características dos diagramas apresentados nas Figuras 5.2 a 5.6, denotam – o que não seria difícil supor – que tanto classes de comportamentos que possibilitam o desenvolvimento de uma concepção de um “eu” iniciador e agente de comportamentos (agrupadas na categoria B) quanto classes das quais decorre uma avaliação acerca da irrelevância do termo “eu” (agrupadas na categoria C), visto não haver alguma instância a ser assim nomeada, dependem de os indivíduos desenvolverem sistemas de comportamentos previamente.

As principais contribuições dos resultados obtidos e organizados em cada um dos demais diagramas de comportamentos (Figuras 5.2 a 5.6) se dão não pela identificação de tantas novas relações entre as classes de comportamentos cujas características foram previamente analisadas, mas por corroborar várias das potenciais conclusões derivadas das características examinadas das classes de comportamentos. Além de, claro, consistirem em fonte de informações de grande utilidade a intervenções que tenham os fenômenos caracterizados como objetos de intervenção.

O diagrama do sistema comportamental especificamente constituído das classes de comportamentos da categoria A, representado nas Figuras 5.2 e 5.3, tem suas classes ordenadas em conformidade com as subcategorias de classes de comportamentos identificadas. As

características das classes “A1. Comportar-se sob controle das variáveis externas da própria ação” (Tabela 3.2) a “A12. Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros” (Tabela 3.13) já consistiam em subsídios contrários à concepção de um “eu iniciador” e denotavam, conforme as características identificadas e derivadas das proposições de Skinner (1953/2003), que o que é tradicionalmente concebido como “eu” consiste em classes de comportamentos inter-relacionadas entre si que constituem sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Embora as características das classes de comportamentos em questão contribuíssem a tal demonstração, sua disposição em um diagrama de relações confere mais evidências à argumentação.

Ao serem identificadas relações de pré-requisitos e abrangência entre as classes e tais serem dispostas no diagrama em questão, torna-se mais nítido que em conjunto constituem **(a)** o processo de desenvolvimento de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado e **(b)** o processo de desenvolvimento de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados relacionados uns com os outros. Que ao desenvolvimento de um sistema de comportamentos funcionalmente unificados é requerido o desenvolvimento das classes A1 a A7 e o desenvolvimento de relações entre sistemas de comportamentos, além dessas classes é também requerido o desenvolvimento das classes A8 a A11. Não só é requerido o desenvolvimento de todas as classes em questão, como o desenvolvimento de cada uma com grau de abrangência maior requer o desenvolvimento das menos abrangentes.

As classes de comportamentos “A13. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes” (Tabela 3.14) a “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social” (Tabela 3.17), ao serem consideradas de abrangência com graus um a três, mais abrangentes que os graus atribuídos às classes A1 a A12 (graus 10 a 15), denotam que seu desenvolvimento é delas dependente. Tal relação, se fidedigna, consiste em evidência de que ao autor a utilização do termo “eu” não depende do desenvolvimento de uma instância agente e originadora dos comportamentos dos indivíduos, mas do desenvolvimento dos sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. A utilização tradicional do termo “eu” como referência a uma entidade independente do

desenvolvimento de classes de interações entre ações dos indivíduos e aspectos do ambiente se torna nitidamente incompatível com a noção de processo implicada pela disposição das classes de comportamentos nas Figuras 5.2 e 5.3.

À intervenção clínica ou a quaisquer outras modalidades de intervenção do psicólogo em que seja requerido o desenvolvimento de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados ao(s) indivíduo(s) sob intervenção – quaisquer sistemas –, como subsídios para a promoção desses sistemas, o diagrama em que são representadas as relações entre as classes de comportamentos da categoria A soma-se às análises funcionais de cada uma de tais classes. Não por possibilitar a identificação das variáveis críticas que determinam a unificação de comportamentos em um sistema, do estabelecimento de relações entre diferentes sistemas ou de classes de comportamentos verbais vocais constituídos da resposta “eu”. Mas por propor uma ordenação entre as classes de comportamentos que serve a decisões de intervenção, especialmente aquelas requeridas em processo de ensinar.

As características das classes de componentes das classes de comportamentos da categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu’ iniciador” também serviam previamente à demonstração de haver processos comportamentais necessariamente implicados na utilização do termo “eu”, mesmo quando utilizado como representação de um “eu iniciador”. O mesmo se pode afirmar em relação à concepção de um “eu iniciador”: que também consiste em uma classe de comportamentos. A disposição das classes constituintes da categoria B em um sistema de relações, no entanto, torna tais processos comportamentais ainda mais nítidos, bem como quais são suas classes de pré-requisitos e como podem ser ordenadas conforme sua abrangência. O que, por si, é contribuição à intervenção do psicólogo ao elucidar comportamentos que constituem o desenvolvimento da concepção de um “eu iniciador”, possibilitando uma intervenção preventiva em processos prejudiciais aos indivíduos relacionados à não identificação das variáveis críticas envolvidas na determinação e manutenção de seus comportamentos.

Analisar as características da classe “B7. Pressupor que o eu é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta” (Tabela 3.24), por exemplo, é suficiente para notar que se trata de um conjunto de interações entre ações do indivíduo e aspectos do meio. Ao se tratar de uma classe de comportamentos, distingue-se de simplesmente uma concepção a ser “adotada” e passam a ser passíveis de identificação as suas variáveis determinantes e outras constituintes.

Embora relações entre a classe B7 e as classes “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos” a “B6. Identificar o eu como uma instância não física” (Tabelas 3.18 a 3.23) já tivessem sido aludidas ao serem caracterizadas, tornam-se mais evidentes no diagrama de relações entre as classes que constituem um sistema comportamental representado na Figura 5.4, onde tais são classificadas como pré-requisitos da classe B7 e distribuídas em três graus menores de abrangência. Por meio da explicitação dessas relações, portanto, tornam-se mais nítidas as classes de comportamentos de cujo desenvolvimento decorre a formação de uma concepção equivocada acerca da origem e manutenção dos comportamentos. Bem como sua ordenação em sequências de conjuntos de pré-requisitos.

As características dos diagramas de relações entre as classes de comportamentos da categoria B (Figura 5.4), de relações entre as classes de comportamentos da categoria A (Figura 5.3) e de relações entre todas as classes de comportamentos (Figura 5.1) identificadas e derivadas a partir de Skinner (1953/2003) possibilitam ainda identificar que entre as classes de comportamentos relacionadas à utilização do termo “eu” com função de referência a uma instância agente e originadora dos comportamentos dos indivíduos – “B8. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes” a “B11. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo” –, e o desenvolvimento de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados há sete classes intermediárias que exercem função de pré-requisitos. Especificamente as classes das quais decorre a formação de uma concepção equivocada acerca da origem e manutenção dos comportamentos.

Das relações de pré-requisito identificadas, é possível concluir que tanto a utilização do termo “eu” como uma referência a uma instância iniciadora quanto o desenvolvimento da concepção acerca de um “eu” com função iniciadora, estão embasadas nas características de um ou mais sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. No entanto, a observação de suas características sofre interferência das classes B1 a B6, que inviabiliza a identificação das variáveis que efetivamente interferem no desenvolvimento e manutenção de sistemas de comportamentos e favorecem a inferência acerca de alguma entidade responsável. Além disso, a ordenação proposta entre as classes representadas na Figura 5.4 possibilita parâmetros para a caracterização

de repertórios de indivíduos que apresentam classes de comportamentos sob interferência de concepções acerca de uma entidade iniciadora. Uma tal caracterização orientada pelas relações identificadas no diagrama favorece também a elaboração de condições de intervenção mais promissoras, considerando que a depender de qual classe for objeto de intervenção, o alcance das alterações nas demais será maior ou menor, a depender das relações de abrangência e pré-requisitos identificadas.

Do mesmo modo como apenas a partir das análises das características das classes de comportamentos agrupadas na categoria B, a partir da análise das que constituem a categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu’ iniciador” também são suficientes à demonstração de que concepções alternativas, ou mesmo antagonônicas, em relação à concepção de um “eu iniciador” consistem em classes de comportamentos. Cujas variáveis constituintes e determinantes são passíveis de identificação dentre aspectos do ambiente. Embora nas características das classes de comportamentos houvesse alusão às relações de dependência entre a classe “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de ‘eu’ ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo” (Tabela 3.33) e as classes “C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos” (Tabela 3.29) a “C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos” (Tabela 3.32), ao serem dispostas nos diagramas apresentados nas Figuras 5.5 e 5.6, suas relações de pré-requisito tornam-se nítidas. Bem como a relevância de cada uma se torna mais evidente, já a ocorrência de cada uma das classes categorizada com um grau de abrangência maior depende diretamente do desenvolvimento das classes com menor grau de abrangência.

As características do sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria C (Figuras 5.5 e 5.6), se observadas em conjunto com as características dos sistemas constituídos das classes das categorias A (Figuras 5.2 e 5.3) e B (Figura 5.4), aumentam o grau de clareza acerca do conceito “eu” de Skinner (1953/2003) implicado na obra. Fica nítido que ao autor há fenômenos sob controle dos quais o termo “eu” é utilizado e sob controle dos quais provavelmente foi formulado originalmente: os sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. No entanto, isso não justifica que tais fenômenos sejam nomeados por meio do termo “eu”, já que tal obscurece as relações de determinação e manutenção entre as

variáveis dos fenômenos e outras do ambiente e favorece a interpretação do termo com base na concepção representacional da linguagem.

A representação do sistema de comportamentos da categoria C contribui a essa análise por denotar que o desenvolvimento das classes de comportamentos C1 a C4, relacionadas à condição do indivíduo de observar as covariações entre comportamentos distintos que apresenta e atribuí-la às variáveis críticas que constituem sistemas de comportamentos (classes de estímulos contextuais e consequentes comuns) com base no conceito de “comportamento”, é suficiente para o desenvolvimento da classe C5, em que o conceito “eu” é avaliado como irrelevante. Conforme o diagrama, ainda, do desenvolvimento dessas cinco classes supõe-se a síntese de classes de comportamentos relacionadas à avaliação da utilização do termo “eu” como recurso desnecessário.

Em comparação com as características do diagrama de relações entre todas as classes de comportamentos (Figura 5.1) identificadas e derivadas a partir de Skinner (1953/2003) é ainda possível identificar que entre o desenvolvimento de sistemas de comportamentos e o de classes que têm como produtos a avaliação acerca da irrelevância do termo “eu” é necessário o desenvolvimento de, ao menos, as quatro classes intermediárias C1 a C4. Sendo tais classes relacionadas ao conceito “comportamento”, a relevância do investimento em tal conceito torna-se também mais nítida a partir da disposição das classes em um sistema.

A distribuição das classes de comportamentos constituintes da categoria C em um sistema de comportamentos conforme as relações que estabelecem entre si tem serventia como subsídios a modalidades de intervenção do psicólogo por consistir em uma proposição acerca da ordenação de classes que favorecem ao indivíduo que as desenvolve notar e descrever as variáveis que efetivamente constituem e determinam seus próprios comportamentos. Bem como avaliar informações acerca de sua determinação e constituição. Não comportamentos de maneira isolada, no entanto, mas comportamentos que integram sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Ao arranjo de condições de ensino de tais classes, a ordenação em sequências de pré-requisito é fonte de informações bastante útil a profissionais.

### **3.2. Contribuições dos sistemas comportamentais propostos a partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas do capítulo “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) de Kohlenberg e Tsai**

Do mesmo modo as características apresentadas no diagrama representado na Figura 5.1, as características do sistema comportamental representado no primeiro diagrama dentre os referentes às relações entre as classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), apresentado na Figura 5.7, suscita questionamentos acerca das relações de pré-requisitos representadas entre as classes que constituem as categorias B. “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” e C. “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” em relação as classes da categoria A. “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ de tal unidade depois de desenvolvida”.

Examinar as características do diagrama em questão em comparação com os que representam exclusivamente as relações estabelecidas entre as classes da categoria A (Figuras 5.8 e 5.9) e as da categoria B (Figura 5.10) possibilita notar que o desenvolvimento do conjunto de classes da categoria A é necessário às classes de caracterização das classes de comportamentos “experenciar ‘eu’” e “experenciar ‘ação’” e dos estímulos discriminativos de unidades funcionais constituídas do termo “eu”, constituintes da categoria B. Tal é possível concluir uma vez que as classes em questão e o estabelecimento de função discriminativa a classes de eventos do ambiente sob controle dos quais são apresentadas as unidades funcionais constituídas do termo “eu” são produtos do processo representado pela categoria A.

Constituem diferentes categorias, no entanto, pela função distinta que exercem em conjunto com as demais classes de cada categoria. As pertencentes à categoria A se referem simplesmente ao desenvolvimento das unidades funcionais “eu” e suas implicações, cujo produto final é o desenvolvimento da classe “A7. Experenciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8). As pertencentes à categoria B, por sua vez, têm função de caracterização de aspectos das classes de comportamentos desenvolvidas ao longo do processo constituído das classes da categoria A. Como subsídios a intervenções, as classes em questão constituem

sistemas comportamentais distintos com base nos quais foram produzidos os diagramas sob exame tem como serventia a produção de duas fontes de informações adequadas, cada qual, a fins específicos.

O diagrama de relações entre classes de comportamentos da categoria A representado nas Figuras 5.8 e 5.9 consiste em fonte de informações a partir da qual profissionais podem se embasar ao avaliar o repertório de indivíduos sob intervenção em relação ao desenvolvimento de suas classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídos do termo “eu”, bem como de suas classes de comportamentos de “experienciar” um “eu” ou “ações”. Com base na ordenação das classes de comportamentos como pré-requisitos umas das outras, é facilitada a identificação de lacunas ou especificidades nos repertórios. Ainda, à elaboração de condições de intervenção, a organização das relações entre as classes também favorece identificar variáveis críticas que, ao serem manejadas, produzirão com maior probabilidade, alterações nas demais classes de comportamentos. Assim como dispõe informações acerca de comportamentos mais básicos cujo desenvolvimento precisa ser garantido a fim de serem desenvolvidas as classes mais complexas. No caso, para o indivíduo perceber um “eu” como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor – produto da classe de comportamentos mais abrangente da categoria A –, é requerido que todas as demais classes de comportamentos do sistema comportamental tenham sido desenvolvidas. Embora as relações entre as classes da categoria A já estivessem aludidas nas características de cada uma das classes de comportamentos que a constitui, tais tornam-se mais nítidas dispostas no diagrama conforme seus graus de abrangência e tipos de relações que estabelecem entre si.

O diagrama das classes da categoria B, representado na Figura 5.10, por sua vez configura uma fonte de informações a partir da qual o profissional pode caracterizar o repertório do(s) indivíduo(s) em intervenção em relação a sua condição de descrever seus próprios comportamentos verbais vocais de tato constituídos do termo “eu” e, especificamente, os conjuntos de estímulos que exercem controle discriminativo sobre tais comportamentos, bem como de descrever suas classes de comportamentos “experienciar” um “eu” com determinadas qualidades e as próprias ações com determinadas características. As características das classes de comportamentos que constituem a categoria B, já consistem em fontes de informações que orientam a caracterização do repertório de indivíduos sob intervenção em relação ao sistema de comportamentos em questão. Sua distribuição no diagrama conforme as relações de pré-requisito e abrangência que

estabelecem entre si, no entanto, confere precisão à caracterização. Além dos parâmetros à avaliação das características de cada classe de comportamentos, confere parâmetros à avaliação das interferências que as características de cada uma exercem sobre as demais do conjunto, uma vez que é explicitada a natureza das relações que estabelecem entre si.

Consiste, ainda, em fonte de informações que serve de subsídio à elaboração de condições de ensino ou desenvolvimento às classes em questão, bem como para decisões acerca de sequências mais promissoras de ensino, quando necessário em intervenções do psicólogo. Considerando o quanto o desenvolvimento das classes da categoria B potencialmente contribui para que o indivíduo identifique as relações de determinação entre a história de desenvolvimento de suas classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídas do termo “eu” e suas classes de comportamentos cujos produtos são seu “senso” de “eu” – o que inclui as características e qualidades que lhe atribui –, a condição de o diagrama de relações entre as classes da categoria B consistir em fonte de informações que favorece o desenvolvimento das classes representadas lhe confere relevância.

Há ainda especificidades dentre os resultados relacionados às características das relações entre as classes de comportamentos da categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ de tal unidade depois de desenvolvida”, cujo exame possibilita observar outras contribuições. À complementação da caracterização dos conceitos de Kohlenberg e Tsai (1991/2003), primeiramente. Examinar as características das classes de comportamentos identificadas ou derivadas como referidas nas proposições dos autores acerca do conceito “eu” categorizadas como pertencentes ao conjunto em questão (Tabelas 4.2 a 4.13), já possibilita identificar que a “experiência” ou o “senso” de “eu” são classes de comportamentos. Não um sentimento ou uma “percepção” cujas qualidades e origem não são passíveis de identificação ou tais são atribuídas a variáveis irrelevantes ou inexistentes. Mais que isso, possibilita notar que se trata de uma classe cuja determinação está relacionada ao desenvolvimento das classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídas do termo “eu” até tal termo consistir em uma unidade funcional independente. A disposição das classes de comportamentos em um diagrama que representa as relações que estabelecem entre si e que denotam seu pertencimento a um sistema de comportamentos, no entanto, confere mais subsídios que corroboram as conclusões previamente formadas. Por tornar evidente de quais classes o desenvolvimento da “experiência”

ou o “senso” de “eu” dependem e de que forma tais classes se relacionam entre si, umas como pré-requisitos das outras a cada menor grau de abrangência.

Uma vez que dentre todas as classes classificadas como pré-requisitos da classe “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8)”, representado nas Figuras 5.8 e 5.9, não há nenhuma relacionada às características de desenvolvimento de um fenômeno “eu”, torna-se ainda mais claro que os autores concebem a “experiência” ou “senso” de “eu” como uma classe de comportamentos independente de quaisquer características que possam vir a constituir um fenômeno “eu”. Dependem exclusivamente do desenvolvimento de comportamentos verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”, que favorece a discriminação do estímulo privado “perspectiva [...]” como um evento distinto das propriedades de ações apresentadas pelo indivíduo e de objetos do ambiente.

Observar as características do diagrama do sistema comportamental constituído das classes da categoria A torna mais evidente também o alto grau de relevância das classes de comportamentos verbais vocais constituídas do termo “eu” caracterizadas pela apresentação de variadas unidades funcionais, com alguns aspectos em comum e outros variáveis – as classes “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto” (Tabela 4.4) e “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.6). Sua função de determinante em relação à fragmentação das unidades funcionais maiores em unidades menores e à alteração no controle de estímulos para conjuntos mais delimitados dentre os aspectos que constituem comportamentos do próprio indivíduo já é evidenciada ao comparar suas análises funcionais com as análises das classes de comportamentos que delas decorrem – as classes “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto” (Tabela 4.5) e “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7). Ao serem dispostas no diagrama representado nas Figuras 5.8 e 5.9, no entanto, a representação das relações de pré-requisitos

estabelecidas entre as classes denota com mais nitidez que são fundamentais ao processo de desenvolvimento da unidade funcional “eu”. Se de tal processo decorre o desenvolvimento da “experiência de ‘eu’”, a tal classe consistem também em condições fundamentais. Denotar o alto grau de relevância das classes A3 e A5 (Tabelas 4.4 e 4.6) serve como fonte de informações importante à elaboração de condições de ensino em intervenções profissionais ou desenvolvimento das classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”. Por favorecer ao profissional a identificação das variáveis críticas nas quais deve investir para que o desenvolvimento de todo o processo seja mais promissor.

As características das relações identificadas entre as classes de comportamentos da categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” e dispostas no diagrama representado na Figura 5.10 também possibilitam identificar mais contribuições. Como mencionado, as classes de comportamentos da categoria B, em conjunto, servem à caracterização dos processos ou evento envolvidos no desenvolvimento das unidades funcionais constituídas do termo “eu” são apresentadas e das classes de comportamentos de “experienciar um ‘eu’” e as próprias ações. Analisar as características de cada uma das classes de comportamentos que constitui o conjunto é fonte de informações que complementa o entendimento do conceito “eu” dos autores primeiramente possibilitado pela análise das características das classes da categoria A. Mais especificamente, consiste na base a partir da qual são elaboradas as três conjecturas acerca de possíveis concepções implicadas nas proposições sob exame: **(a)** “Eu” como um fenômeno existente, cujas características são distintas das que tradicionalmente lhe são atribuídas; **(b)** “Eu” meramente como um recurso verbal equivocado, já que não há nenhum fenômeno a que efetivamente se refere; e **(c)** “Eu” como os próprios estímulos que exercem função discriminativa em relação à unidade funcional constituída exclusivamente do termo “eu”.

Embora não apresente muitas contribuições à avaliação da validade das hipóteses cogitadas, nem à mensuração de qual se aproxima mais da concepção embutida nas asserções dos autores, a disposição das classes da categoria B no diagrama de relações denota com mais clareza que quaisquer das possibilidades estão necessariamente vinculadas ao desenvolvimento de classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”. A única classe em cujo nome há menção diretamente ao “eu” – cuja

menção precedida do artigo definido “o”, inclusive, consiste na base a partir da qual é conjecturado que aos autores tal termo se refira a um fenômeno existente – consiste na classe “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22) à qual é atribuído grau dois de abrangência. Para que sua ocorrência seja possível, são consideradas como classes pré-requisitos todas as demais relacionadas à caracterização dos estímulos que exercem função discriminativa em relação às respostas verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”. Tal relação de dependência denota que o “eu” concebido pelos autores, se considerado um fenômeno existente na natureza, como fenômeno ou evento conhecido a partir das características dos comportamentos constituídos das unidades funcionais “eu”.

Ainda, por não haver entre os pré-requisitos da classe B9 nenhuma classe que caracterize especificamente propriedades de um “eu”, tal pode consistir em evidência de que não há nenhum fenômeno a ser caracterizado, além do fenômeno verbal. Muito embora os autores não tenham afirmado isso, mas tenham sugerido simplesmente que uma proposição apropriada sobre o “eu” requer que a “experiência de ‘eu’” seja examinada. Como concebem tal experiência dependente do desenvolvimento das unidades funcionais constituídas do termo “eu”, vinculam “uma proposição apropriada sobre o ‘eu’” ao conhecimento do processo de desenvolvimento de tais unidades funcionais. Se lhes faltou informações que pudessem complementar as características que concebem como constituintes de um fenômeno “eu” ou se tais não existem e limitam-se aos estímulos discriminativos de classes de comportamentos verbais vocais de tato “eu”, no entanto, não é possível concluir com precisão.

As relações identificadas entre as classes de comportamentos da categoria C. “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” e observadas no diagrama em que estão dispostas na Figura 5.11, por fim, também consistem em informações que, ao analisadas, apresentam contribuições a intervenções profissionais do psicólogo e à análise do conceito dos autores cuja obra é examinada. As seis classes de comportamentos que constituem a categoria, ao serem dispostas no diagrama em questão em graus de abrangência variados, tornam bastante claro o quanto concepções acerca de um “eu” como uma unidade independente dos comportamentos dos indivíduos e caracterizada como “atemporal”, “permanente”, “interna” e de natureza “distinta da física” consiste em uma classe de comportamentos. Tal se torna nítido uma vez que as relações de pré-requisitos identificadas são representadas em formato que denota se

tratar de um processo, sintetizado unicamente graças ao desenvolvimento das classes menos abrangentes, caracterizadas como inferências sem base a partir da qual pudessem ter sido realizadas de maneira confiável. A ordenação proposta entre as classes de comportamentos da categoria em um sistema comportamental, ainda, serve a intervenções profissionais tanto como subsídio à caracterização de repertórios de indivíduos sob intervenção como fonte de informações à elaboração de condições de ensino ou desenvolvimento em tais classes com a finalidade de demonstrar ao próprio indivíduo os equívocos nelas implicados.

## 6.

**IDENTIFICAR E DERIVAR CARACTERÍSTICAS DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS REFERIDAS EM PROPOSIÇÕES ACERCA DO CONCEITO “EU” NOS CAPÍTULOS “O EU” DA OBRA *CIÊNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO* DE SKINNER (1953/2003) E “O SELF” DA OBRA *FAP – PSICOTERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL* DE KOHLENBERG E TSAI (1991/2006) DENOTA ALTO GRAU DE RELEVÂNCIA DAS CONTINGÊNCIAS CULTURAIS AO DESENVOLVIMENTO DE PROCESSOS RELACIONADOS AO QUE É DENOMINADO “EU”**

Embora o termo “Eu” remeta, graças ao conhecimento de senso comum e à concepção representacional da linguagem (Skinner 1957/1978; Passos, 2003) a “algo” existente representado pelo termo, localizado internamente aos organismos e, por vezes, com função determinante em relação aos comportamentos e sentimentos dos indivíduos, tal não coincide com as interpretações da Análise Experimental do Comportamento, embasadas nos princípios do Behaviorismo Radical. Não somente não coincide, como pode ser considerada uma interpretação quase antagônica aos principais pressupostos da área de conhecimento (subárea ou tipo de conhecimento, se considerada em relação à área da Psicologia), em que a oposição a um “eu” com as qualidades que lhe são comumente atribuídas é uma de suas demarcações importantes (Carrara, 2005). O investimento na demonstração do equívoco implicado em tal interpretação acerca das interações humanas (e mesmo de outras espécies), bem como dos conceitos “subjetividade” e “mente” vinculados às concepções tradicionais acerca do “eu”, inclusive, caracteriza grande parte da produção científica da área. Especialmente sua produção inicial e na implicada em sua consolidação.

Ao mesmo tempo em que se distingue como área de conhecimento em parte em função de sua oposição ao idealismo, em que é suposto um “mundo subjetivo” determinante dos eventos “objetivos”, a admissão da Análise Experimental do Comportamento acerca da existência de eventos não observáveis, internos aos organismos, dentre as variáveis que constituem os comportamentos dos indivíduos e são passíveis de conhecimento (Skinner, 1974/2003; 1953/2003; 1957/1978; Botomé, 2001; Carrara, 2005; Silva e Banaco, 2000; Tourinho, 2006;

Tourinho, 2009; De Rose, 1982) implica em um conceito particular da área acerca do que seja o “Eu”. Uma solução simples que estabelecesse seu conceito em relação ao termo seria defini-lo como encerrado “em si mesmo”. Como mera confusão conceitual derivada da concepção representacional da linguagem (Skinner 1957/1978; Passos, 2003), fundamentada, por sua vez, no próprio idealismo. Concepções, conceitos e linguagem, no entanto, são entendidos a partir de uma interpretação comportamental como classes de comportamentos (Skinner, 1953/2003; 1957/1978; 1974/2003; 1991; Millenson, 1967/1975; Sérgio e cols., 2004). Não basta, por isso, examiná-los apenas como decorrentes de pressupostos filosóficos distintos. O conhecimento produzido na área possibilita, além de oposição e argumentação meramente conceituais, examinar as circunstâncias nas quais o termo “eu” é utilizado e conjecturar acerca de determinantes da origem de tal termo a fim de identificar ou propor características de classes de comportamentos efetivamente envolvidas em tais processos. Possibilita, ainda, investigar e verificar experimentalmente a validade das próprias observações e interpretações. Se há fenômenos efetivamente relacionados à utilização do termo “eu” e se tais interferem em outros comportamentos dos indivíduos, essas são condições suficientes que justificam a necessidade de conhecê-los. A depender dos graus de interferência, a relevância desse investimento é acrescida. Mensurá-la, no entanto, depende de que suas características possam ser conhecidas para serem, então, observadas.

Considerando os instrumentos conceituais e os procedimentos desenvolvidos pela área da Análise Experimental do Comportamento, optar por apenas negar uma instância “eu” e propor que quaisquer dos eventos ou fenômenos concebidos como “representados” pelo termo inexistam, parece consistir em proposição genérica. Os processos de desenvolvimento do conceito “comportamento” o tornaram um conceito instrumental bastante sofisticado e de altíssimo grau de complexidade (Skinner, 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; 1991; Sérgio, 1983; Catania, 1999; Botomé, 2001; Todorov, 2002). Embora sirva à análise de quaisquer processos comportamentais, tem especial serventia à caracterização de processos comportamentais específicos. Serve, assim, como subsídio à identificação das variáveis constituintes e determinantes de comportamentos, de classes de comportamentos e de sistemas de comportamentos específicas. Considerando a variedade de interações dos indivíduos que envolvem menções a seus “eus” ou mesmo à falta ou desconhecimento “deles” (Kohlenberg e Tsai, 1991/2006), é razoável sugerir que seja possível identificar as

características desses fenômenos cujos produtos são as menções referidas.

Propor que tudo que envolve interações humanas sejam comportamentos, mesmo se parte ou a totalidade de tais interações seja inacessível diretamente, promove uma mudança de paradigma de valor inestimável para o desenvolvimento de processos de investigação das interações dos organismos e procedimentos de intervenção em tais fenômenos. Trata-se de premissa que torna o profissional apto a observar as características das relações entre as variáveis do ambiente e das respostas dos organismos que constituem, inclusive, fenômenos usualmente concebidos como de outra natureza (pensamento, sentimento, percepção, cognição etc.), investigar suas propriedades e intervir nelas. No entanto, ainda que consista em variável responsável pelo aumento da probabilidade de intervenções serem precisas e eficazes em comportamentos e de os processos de investigação acerca de tais fenômenos produzirem conhecimento fidedigno às suas características, consiste em orientação com alto grau de generalidade por consistir em um instrumento de análise de fenômenos, classes ou sistemas de fenômenos comportamentais. A ser complementada, portanto, pela produção de conhecimento acerca das variáveis que constituem e determinam classes de comportamentos específicas apresentadas pelos indivíduos. Examinar de maneira minuciosa as características dos processos de determinação e manutenção da utilização de um termo tão difundido e intrincado na cultura ocidental, como o caso do “eu” (Tourinho, 2009; Elias, 1987/1994), portanto, consiste em investimento não somente possível a partir do instrumental da área da Análise Experimental do Comportamento, como necessário.

Embora os fenômenos referidos por termos tradicionalmente associados à “subjetividade”, como é o caso do termo “eu”, não sejam fartamente investigado em pesquisas da área (Tourinho, 2009), os investimentos já realizados podem servir de subsídios a intervenções e processos de produção de conhecimento científico, ainda que seja necessário avaliar o quanto contemplam das variáveis que constituem e determinam tal fenômeno – se houver. Como enfatizam Staats e Staats (1963/1973), no entanto, delimitações imprecisas dos eventos a que os termos utilizados em uma área de conhecimento se referem produzem variadas categorias de confusões conceituais como decorrência. Torna-se fundamental, também por isso, não somente investir na identificação das características dos processos envolvidos na utilização do termo “eu” a partir do instrumental desenvolvido pela Análise Experimental do Comportamento, mas avaliar a coerência entre as proposições da área já

existentes a seu respeito. O que equivale a analisar e avaliar as características das classes de comportamentos nelas referidas em relação ao conceito “eu”. A depender dos graus de coerência ou divergência entre as proposições, ao desenvolvimento da área é requerido ainda que sejam propostas delimitações mais precisas, concisas e claras acerca do(s) fenômeno(s) relacionados ao termo.

Os procedimentos de coleta, tratamento e análise dos dados produzidos a partir das informações apresentadas nos capítulos “O Eu” e “O Self” das obras *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e *FAP- Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006), respectivamente, serviram, assim, à identificação das características do(s) fenômeno(s) referidos em proposições acerca do conceito “eu” em obras da área da Análise Experimental do Comportamento com fins a **(a)** tornar as características das classes de componentes do(s) processo(s) referido(s) nas obras mais claras e com maior grau de minúcia, de modo que consistam em fontes úteis de informação para intervenções e novos processos de produção de conhecimento e que possibilitem comparações entre distintas contribuições da Análise do Comportamento a respeito do conceito “eu”; e **(b)** examinar os graus de coerência conceitual entre as proposições, de modo a possibilitar identificar se há necessidade de investir em uma delimitação mais precisa, concisa e clara do que seja concebido por meio do termo “eu” na área de conhecimento em questão. Ainda que concluir acerca da necessidade de uma maior delimitação do conhecimento a respeito das características dos processos referidos pelo termo requeira que sejam analisadas as características das classes de comportamentos referidas em proposições de outras obras da área.

### **1. Possíveis relações entre as características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das informações apresentadas nos capítulos “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e “O Self” de *FAP- Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006) e dos sistemas comportamentais propostos como constituídos de tais classes**

Com base nas características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das obras em exame, representadas nas Tabelas 3.2 a 3.37 e 4.2 a 4.31, e nas características das relações identificadas entre as classes que deram base à proposição de diagramas de sistemas comportamentais, representadas nas Figuras 5.1 a 5.11, é possível avaliar conjuntamente as contribuições dos resultados

produzidos em relação ao que possibilitam descobrir a respeito das características do(s) processo(s) relacionado(s) ao termo “eu” e dos graus de coerência, contradição e/ou potencial complementaridade entre os conceitos implicados nas duas obras da mesma área.

Examinar os resultados obtidos à luz das noções de “unidade”, “classe” e “sistema” (Sério, 1983; Todorov, 2002; Viecili, 2008; Kiemen, 2008; Botomé, 2001; Botomé, 2010; Skinner 1953/2003; 1969/1980; 1974/2003; Millenson, 1967/1975; e Sério et al., 2004) possibilita considerar possíveis distinções nas perspectivas de análise adotadas pelos autores e em consequentes distinções nos graus de microscopia de suas proposições. A partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir do exame das unidades de informação do capítulo “O Eu” da obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), mas especialmente os agrupados na categoria A – “Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” –, é possível notar que a principal perspectiva de análise de Skinner (1953/2003) não é referente a unidades, classes ou grandes classes de comportamentos. O autor apresenta proposições que possibilitam identificar e derivar características de processos envolvidos no desenvolvimento e manutenção de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados, cujo grau de abrangência, se comparadas às características de unidades ou classes de comportamentos, é bastante alto. A análise de suas proposições possibilita identificar que os fenômenos cuja caracterização foi possível realizar a partir de suas asserções acerca do conceito “eu” consistem em tais sistemas de comportamentos funcionalmente unificados, quaisquer que sejam, cujas características nucleares são **(a)** o controle por classes de estímulos contextuais constituindo sistemas comportamentais; **(b)** inter-relações entre sistemas comportamentais; **(c)** inter-relações específicas entre as classes de comportamentos que constituem um sistema; e **(d)** classes de estímulos consequentes reforçadores comuns.

Os resultados obtidos a partir do capítulo “O Self” da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006), em especial os categorizados como pertencentes à categoria A “Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida”, por sua vez, se referem a características de classes de comportamentos. Considerando as que tiveram os aspectos constituintes e determinantes referidos com maior frequência nas proposições dos autores e a classe em que o termo “eu” é utilizado como menção clara a um fenômeno (não apenas como menção a comportamentos verbais ou

comportamentos de “experienciar algo”), consistem especificamente nas classes de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7), “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8) e “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22). Considerando a perspectiva dos autores de caracterizarem classes de comportamentos e não unidades de comportamentos específicas ou sistemas de comportamentos na acepção considerada para exame da obra de Skinner (1953/2003), a análise de suas asserções possibilita identificar características de classes de componentes com maior grau de microscopia que as implicadas nas asserções da obra de Skinner (1953/2003) em relação ao conceito “eu”.

Além da distinção em relação ao grau de microscopia do qual partem as proposições apresentadas em cada uma das obras examinadas, ainda é possível notar que Skinner (1953/2003) discorre acerca de características do fenômeno que considera consistir naquele que efetivamente exerce controle sobre a utilização do termo “eu” pelos indivíduos em sociedade – mas especificamente pelos inseridos na cultura ocidental –, enquanto Kohlenberg e Tsai (1991/2006) discorrem principalmente acerca de classes de comportamentos verbais constituídas do termo “eu” e suas implicações. As características de um fenômeno “eu” identificadas a partir da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* são bastante genéricas, como é possível observar na classe de comportamentos “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22), em cuja classe de respostas há meramente a menção a “características do ‘Eu’”, que não são especificadas pelos autores nem puderam ser derivadas a partir dos demais aspectos discutidos na obra. A respeito de um tal fenômeno “eu”, resta a possibilidade de conjecturar acerca de conceitos dos autores. Independentemente de qual hipótese consista na mais apropriada, o que há em comum entre elas é que em quaisquer de seus possíveis conceitos acerca do que seja o “eu”, seu desenvolvimento é vinculado ao de comportamentos verbais de tato constituídas do termo “eu”.

Embora as asserções de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) enfatizem o desenvolvimento de classes de comportamentos verbais vocais constituídas do termo “eu”, já que dessas classes decorre o desenvolvimento das classes de comportamentos “experienciar um ‘eu’” com determinadas qualidades, possibilitam notar que dentre os aspectos nucleares dos processos de desenvolvimento em questão está a alteração no controle de estímulos. Os aspectos do ambiente que primeiramente exercem controle sobre uma resposta verbal vocal de tato constituída do

termo “eu” – “eu+ação+objeto” – consiste no conjunto indiferenciado de eventos que constitui um comportamento previamente apresentado pelo próprio indivíduo que apresenta o comportamento de tato. Em função da apresentação de variados comportamentos pelo indivíduo e de variados comportamentos verbais vocais de tato apresentados sob controle dos aspectos desses comportamentos previamente apresentados, decorrem tanto a fragmentação das respostas verbais até que o termo “eu” se configure em uma unidade funcional independente, quanto duas operações de discriminação em relação aos conjuntos de aspectos dos comportamentos sob controle dos quais as respostas de tato são apresentadas. Especificamente, discriminação dos aspectos privados que constituem as ações do indivíduo e, posteriormente, discriminação da parcela privada comum a quaisquer ações do indivíduo: o estímulo privado “perspectiva [...]”.

O exame das proposições de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) no capítulo em questão possibilita, portanto, identificar as características do ambiente – sendo por “ambiente” entendidos também os aspectos do próprio organismo – sob controle das quais passam a ser apresentadas as respostas verbais de tato “eu”. Possibilita, inclusive, considerar como condições implícitas as características das contingências propiciadas por uma comunidade verbal para modelagem do comportamento de tato dos indivíduos que dela fazem parte. Tais características são qualificadas como dentre os aspectos nucleares tanto de todo o processo de desenvolvimento das classes de comportamentos verbais de tato constituídas do termo “eu” quanto das duas últimas classes de comportamentos desse processo. As classes “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva” (Tabela 4.7) e “A7. Experienciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8).

Embora as menções de Skinner (1953/2003) a comportamentos verbais relacionados ao que seja o fenômeno “eu” sejam realizadas ao avaliar as concepções tradicionais acerca do “eu”, nas quais o termo é utilizado como se equivalesse a um agente originador das interações dos indivíduos, ao se propor a interpretar quais seriam efetivamente as características de um fenômeno ao qual tal termo pudesse estar relacionado, é possível sugerir que o autor estivesse também caracterizando aspectos de comportamentos verbais vocais de tato constituídos da unidade funcional “eu”. Ainda que, ao serem apresentados com base em concepções representacionais da linguagem (Skinner, 1957/1978; Passos, 2003) e com base nos conceitos ocidentais

e modernos acerca da autonomia do homem em relação aos aspectos do meio (Tourinho, 2009; Elias, 1987/1994), não ocorram sob controle das características que Skinner (1953/2003) concebe como as que efetivamente constituem um fenômeno “eu” – cuja denominação é por ele próprio questionada. E ainda que, nesses casos, as classes de eventos que efetivamente constituem um fenômeno “eu” sob controle das quais respostas de tato “eu” seriam apresentadas sejam parcelas indiferenciadas de eventos da natureza. Com base nas características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir de suas proposições, é possível sugerir que comportamentos “mais adequados” de tato constituídos do termo “eu” ocorressem sob controle dos aspectos que constituem os sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Sendo tais os fenômenos que expressam o conceito de Skinner (1953/2003) em relação ao “eu”.

Contrastar os dois principais processos cujas características puderam ser identificadas – e algumas propostas por estarem implicadas nas asserções apesar de não serem apresentadas explicitamente – por meio dos procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados reunidos sob a categoria A de classes de comportamentos de cada obra possibilita identificar que, de alguma forma, ambos tratam de **(a)** características possíveis de um processo comumente denominado “eu”, constituído e determinado por outras variáveis que as tradicionalmente a ele atribuídas, e **(b)** de comportamentos verbais vocais de indivíduos em que as respostas são constituídas do termo “eu”. Sejam os comportamentos verbais vocais de tato descritos por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como produtos de um longo processo de desenvolvimento (também descrito pelos autores), sejam os comportamentos verbais vocais comumente apresentados por indivíduos inseridos em uma cultura, cujos indivíduos (mais especificamente seus comportamentos) consistiram no objeto de análise de Skinner (1953/2003). Os aspectos enfatizados em cada obra, no entanto, diferem se examinados em relação a classes de comportamentos verbais constituídos do termo “eu”.

É nítido que Kohlenberg e Tsai (1991/2006) vinculam sua proposição acerca do “eu” à caracterização de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu”. Tal consiste em premissa explicitada pelos próprios autores. É a partir dessa premissa que, com base nos pressupostos do Behaviorismo Radical e nos conceitos da Análise Experimental do Comportamento, interpretam os relatos principalmente de pacientes clínicos acerca de seus sentimentos e percepções acerca de seus “eus”. E com base nessa interpretação conjecturam a respeito de um modo de conhecer o que seja o “eu” “experenciado”. Observar as

características do diagrama do sistema comportamental representado na Figura 5.10 constituído das classes de comportamentos da categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”, referentes à obra dos autores, possibilita notar que ao desenvolvimento da classe de comportamentos “B9. Caracterizar o ‘Eu’” (Tabela 4.22) é considerada pré-requisito a classe “B7. Caracterizar a experiência do ‘Eu’” (Tabela 4.20) e ao desenvolvimento dessa classe, por sua vez, é requerido unicamente que sejam conhecidas as características das classes de estímulos com função discriminativa em relação às respostas verbais de tato constituídas do termo “eu”. Dessas relações é possível depreender que as características relevantes do que os autores chamam de “experiência do ‘eu’” sejam seus estímulos discriminativos, que equivalem aos das respostas verbais em questão. E ainda, que tais estímulos sejam também as características relevantes a serem conhecidas em relação ao que consista no “Eu”.

Analisar a cadeia de argumentação de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) – tanto a partir do próprio texto utilizado como fonte de informações quanto a partir dos resultados com base nele obtidos –, quais são suas premissas, seus dados e suas conclusões, possibilita sugerir que além de constituírem um conjunto de informações distinto da obra de Skinner (1953/2003) em relação ao grau de microscopia das análises feitas, tal conjunto parte também de uma perspectiva de análise distinta, em que as características de **(b)** comportamentos verbais vocais de indivíduos em que as respostas são constituídas do termo “eu” consistem em fontes de informação acerca das **(a)** características possíveis de um processo comumente denominado “eu”. Considerando terem sido identificadas as classes de estímulos antecedentes das respostas verbais vocais de tato “eu” como as variáveis de alguma maneira relacionadas ao fenômeno “eu”, a “perspectiva de análise” inferida da qual partiram os autores pode ser representada na Figura 6.1.

Na figura há a representação de uma classe de comportamentos de tato constituída de uma resposta verbal vocal de tato constituída da unidade funcional “eu” e de uma menção a características do fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu” como classe de eventos antecedentes. Ainda que os autores proponham que o estímulo que exerce função discriminativa em relação à resposta verbal vocal de tato “eu” consista especificamente no estímulo privado “perspectiva [...]”, tal estímulo é ao mesmo tempo considerado como de alguma forma relacionado ao fenômeno “eu”. Seja como variável envolvida em sua determinação, como variável constituínte, como o próprio fenômeno ou, ainda, como a fonte de informações existente acerca de suas

características. Tal estímulo, portanto, não encerra necessariamente as características do que seja o “Eu”, mas consiste na que é passível de identificar a partir da obra dos autores.

Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
- características do fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”	- RESPOSTA VERBAL VOCAL DE TATO “EU”	-



**Figura 6.1.** Representação da perspectiva de análise inferida das proposições de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) a partir da qual os autores discorrem sobre as características de um fenômeno “eu”.

O destaque em cinza à coluna central da tabela em que a classe de comportamentos é representada consiste em recurso para destacar em qual das propriedades de uma tal classe de comportamentos consiste naquela investida por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como fenômeno analisado, a partir do qual características de outro fenômeno podem ser identificadas, propostas ou conjecturadas. A seta que parte da coluna central e finda na coluna à esquerda, referente às classes de estímulos antecedentes, representa ser a partir da análise das características de respostas verbais vocais de tato “eu” que os autores possibilitam conhecer o fenômeno tradicionalmente nomeado “eu”.

Considerando ter Skinner (1953/2003) discorrido acerca das características de um processo em relação ao qual os indivíduos, embora desconheçam, respondem sob controle ao afirmarem acerca da existência de um “eu iniciador” e considerando ser a partir das características desse processo que podem ser identificadas, propostas ou conjecturadas características de outras classes de componentes de classes de comportamentos verbais vocais constituídas da unidade funcional “eu”, é possível concluir que no capítulo “O Eu” de *Ciência e Comportamento Humano*, o autor tenha partido de referencial contrário ao adotado por Kohlenberg e Tsai (1991/2006). Conforme representado

na Figura 6.2, o autor apresenta ênfase nas **(a)** características possíveis de um processo comumente denominado “eu” – por isso o destaque em cinza à coluna referente às características de tal fenômeno – e essas podem consistir em fonte de informações acerca de **(b)** comportamentos verbais vocais de indivíduos em que as respostas são constituídas do termo “eu”. A seta que parte da coluna à esquerda e finda na coluna central representa serem as características que propõe como constituintes e determinantes do fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu” as fontes de informação acerca de outros processos a ele relacionados e, dentre eles, características de respostas verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”.

<b>Classes de estímulos antecedentes</b>	<b>Classe de respostas</b>	<b>Classes de estímulos consequentes</b>
<b>- CARACTERÍSTICAS DO FENÔMENO NOMEADO TRADICIONALMENTE COMO “EU”</b>	- resposta verbal vocal de tato “eu” <b>específico</b>	-



**Figura 6.2.** Representação da perspectiva de análise inferida das proposições de Skinner (1953/2003) a partir da qual o autor discorre sobre as características de um fenômeno “eu”.

Além de cada obra diferir em relação ao fenômeno analisado com maior grau de minúcia a partir do qual podem ser identificadas características de outros a ele relacionados, há uma especificidade que também torna distintos os resultados obtidos. Ao serem examinados de maneira a evidenciar o que cada obra possibilita identificar em relação a **(a)** características possíveis de um processo comumente denominado “eu” e **(b)** comportamentos verbais vocais de indivíduos em que as respostas são constituídas do termo “eu”, passa a ser possível contrastar os resultados de maneira mais clara a fim de identificar se apresentam aspectos comuns, potencialmente complementares ou mesmo incompatíveis. É possível notar um primeiro aspecto distinto – ainda sem que tal distinção seja avaliada como indicativo de coerência ou incoerência entre as proposições – em relação às classes de respostas

verbais passíveis de identificação ou proposição a partir dos resultados de cada obra. Enquanto Kohlenberg e Tsai (1991/2006) tratam da resposta “eu” genérica – produto do processo de desenvolvimento descrito pelos autores –, das proposições de Skinner (1953/2003) é possível depreender acerca de respostas verbais vocais “eu” específicas, cada qual relacionada a um sistema de comportamentos funcionalmente unificado. Exemplos simples de tais respostas verbais, mas cujo formato é muito provavelmente distinto, consistem em “eu mãe” ou “eu profissional”. A depender das características do sistema de comportamentos funcionalmente unificado sob controle do qual a resposta verbal de tato “eu” seria apresentada, tal seria complementada por uma delimitação. Por isso, na representação apresentada na Figura 6.2 referente aos processos passíveis de caracterização – em diferentes graus – a partir das proposições de Skinner (1953/2003), a redação da classe de respostas verbais vocais de tato “eu” é complementada pelo termo “específico” com destaque em negrito.

Examinar os principais aspectos identificados ou propostos a partir de cada obra especificamente a respeito das **(a)** características possíveis de um processo comumente denominado “eu” favorece comparar as características das proposições implicadas em cada uma. Embora com algumas limitações, na Figura 6.3 há uma representação de uma classe de comportamentos em que as características das classes de eventos antecedentes à resposta verbal vocal de tato “eu” equivalem às identificadas a partir das informações da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). A limitação referida consiste em representar na primeira coluna à esquerda vários comportamentos apresentados pelo próprio indivíduo como se todos estivessem presentes em uma ocorrência do comportamento. Não o são, mas estão representados a fim de evidenciar aspectos nucleares do processo de desenvolvimento da classe de comportamentos verbais de tato em questão, em que é requerida a apresentação de variados comportamentos e a discriminação do aspecto comum a todos eles. Tal aspecto em comum consiste na classe de estímulos privados “perspectiva [...]”, destacada em negrito e representada na segunda coluna da tabela (também com destaque), que exerce função discriminativa em relação à resposta verbal vocal de tato “eu”. A partir da análise dos autores, à exceção do estímulo privado “perspectiva [...]”, todos os demais aspectos que constituem cada um dos comportamentos previamente apresentados pelo indivíduo variam a cada comportamento. Por isso não constituem a classe de eventos diferenciada como discriminativa em relação à resposta.

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
- comportamento 1	<b>- estímulo privado “perspectiva” comum</b>	- resposta verbal vocal de tato “eu”	-
- comportamento 2			
- comportamento 3			

**Figura 6.3.** Representação de aspectos relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato “eu”.

Se examinadas também sob a perspectiva de uma classe de comportamentos verbais de tato constituída do termo “eu”, as características identificadas e derivadas a partir das proposições de Skinner (1953/2003) poderiam dar subsídio à proposição de uma outra classe, como a representada na Figura 6.4. A classe de eventos antecedentes às respostas verbais vocais constituídas da unidade funcional “eu” seria, nesse caso, o conjunto de comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado. Tal se dá em função de o autor conceber que o fenômeno efetivamente relacionado ao termo “eu” (apesar de ser possível depreender que o autor considere tal termo inapropriado) consista em um sistema de comportamentos funcionalmente unificados. Sugerir que os comportamentos constituintes de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado consistam em classe de estímulos antecedente às respostas da classe de comportamentos não equivale a propor que todos os seus aspectos ou mesmo quaisquer um deles exerçam função discriminativa em relação às respostas da classe de comportamentos hipotética sob exame. A relevância da análise de Skinner (1953/2003) se dá, inclusive, pelo fato de tal classe de eventos não ser identificada pelos indivíduos e seu desconhecimento favorecer inferências infundadas

acerca de um “eu” com função de determinação e manutenção dos comportamentos dos indivíduos.

Classes de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
<p align="center"><b>- comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado</b></p>	<p align="center"><b>- resposta verbal vocal de tato “eu” específico</b></p>	<p align="center">-</p>

**Figura 6.4.** Representação de aspectos relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir da obra de Skinner (1953/2003) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato constituídas da unidade funcional “eu”.

Se num primeiro momento for ignorada a distinção entre as respostas verbais que constituem as duas classes de comportamentos verbais hipotéticas propostas como recurso didático de comparação entre os resultados obtidos, é possível examinar apenas suas classes de estímulos antecedentes. Em ambas as classes de comportamentos propostas com base nos resultados obtidos, há como classes de eventos antecedentes referência a outros comportamentos apresentados pelo próprio indivíduo. Sejam comportamentos cuja parcela privada “perspectiva [...]” é distinguida e exerce função discriminativa em relação às respostas de tato, no caso da classe representada na Figura 6.3 a partir dos resultados obtidos em relação à obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), sejam comportamentos do indivíduo que constituem um sistema de comportamentos funcionalmente unificado, no caso da classe representada na Figura 6.4 com base nos resultados obtidos em relação à obra de Skinner (1953/2003).

Kohlenberg e Tsai (1991/2006) não consideraram em sua análise a possibilidade de os comportamentos apresentados pelo próprio indivíduo que tateia suas interações poderem constituir um sistema de comportamentos funcionalmente unificado, como o que descreve Skinner (1953/2003). Se tal possibilidade for considerada, haveria outras especificidades em relação às classes de eventos antecedentes às

respostas verbais de tato constituídas do termo “eu” descritas pelos autores, não consideradas por eles. Ou talvez simplesmente não explicitadas. As decorrências de serem consideradas são difíceis de mensurar, ao que seria requerido novos procedimentos de observação dos fenômenos. Ainda assim, com base nos resultados obtidos a partir das duas obras examinadas, é possível apresentar algumas conjecturas.

Se forem consideradas as características dos processos de desenvolvimento de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado e especificamente as que constituem sistemas já formados identificadas e derivadas a partir das proposições de Skinner (1953/2003), como as possíveis de observar na análise da classe de comportamentos “A8. Apresentar comportamentos sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence” (Tabela 3.9), apresentar vários comportamentos sob controle de variáveis contextuais de uma mesma classe cujos produtos das respostas consistem – dentre outros – na produção de estímulos consequentes também de uma mesma classe, implica em sua unificação em um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado.

Ao se referirem em suas asserções a interações variadas do indivíduo por meio de diversas ações em relação a distintos objetos, Kohlenberg e Tsai (1991/2006) possibilitaram identificar e derivar características da classe de comportamentos “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis” (Tabela 4.10). Não há em suas características, no entanto, menção às variáveis que configuram sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Apesar disso, por ser caracterizada de maneira bastante genérica, é razoável considerar a possibilidade de que as várias respostas apresentadas em relação a variados objetos também constituam comportamentos que configurem sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Nesse caso, a apresentação de tais comportamentos e, sob controle de suas características, a apresentação de comportamentos verbais vocais de tato constituídos de unidades funcionais maiores “eu+ação+objeto” e “eu+ação” culminariam não somente na discriminação do estímulo privado “perspectiva [...]”. A cada classe de comportamento tateada, tal qual propõem Kohlenberg e Tsai (1991/2006), variariam os aspectos que constituem cada objeto com que o indivíduo interage e os aspectos públicos e privados que constituem cada uma das ações apresentadas, enquanto o estímulo privado “perspectiva [...]” se manteria comum em todas as classes de comportamentos. Se, no entanto, for considerada a possibilidade de os comportamentos tateados constituírem um mesmo

sistema de comportamentos funcionalmente unificado, dentre todos os comportamentos apresentados também seriam comuns **(a)** a classe de estímulos contextuais sob controle dos quais cada resposta teria sido apresentada e **(b)** a classe de estímulos consequentes às respostas (ao menos algumas delas, com grau de abrangência maior que os demais). Tal possibilidade é representada na Figura 6.5.

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
- variados comportamentos constituintes de <b>um</b> mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado	- classe de estímulos contextuais comum	- resposta verbal vocal de tato “eu”	-
	- estímulo privado “perspectiva” comum		
	- classe de estímulos consequentes comum		

**Figura 6.5.** Representação (A) de possíveis aspectos complementares relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir das obras de Skinner (1953/2003) e Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato “eu”.

Na primeira coluna à esquerda da tabela está representada a apresentação de variados comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos do indivíduo. Embora não estejam necessariamente presentes como eventos antecedentes à apresentação da resposta verbal vocal de tato “eu”, tais comportamentos são registrados na tabela a fim de ilustrar os aspectos nucleares do processo de desenvolvimento da classe hipotética de comportamentos verbais de tato em questão. Na segunda coluna, com destaque em cinza, estão apresentadas as classes de aspectos comuns a todos os comportamentos representados na primeira coluna: “classe de estímulos contextuais comum”, “estímulo privado ‘perspectiva’ comum” e “classe de

estímulos consequentes comum”, cada qual com destaque em negrito. Como resposta da classe de comportamentos, é representada uma resposta verbal vocal de tato constituída do termo “eu” inespecífico, tal qual a apreendida dos resultados referentes à obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).

As características da classe de comportamentos ilustrada na Figura 6.5, utilizada como recurso didático a fim de favorecer o contraste entre os resultados obtidos a partir das duas obras e, conseqüentemente, dos conceitos “eu” implicados em cada uma, denotam uma possível complementação entre as análises apresentadas pelos autores. Os resultados obtidos a partir dos procedimentos a que foram submetidas as informações apresentadas na obra de Skinner (1953/2003) podem complementar os obtidos a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) em relação à possibilidade de os comportamentos do próprio indivíduo sob controle dos quais apresenta respostas verbais de tato constituídas do termo “eu” configurarem em um sistema de comportamentos funcionalmente unificado. Tal condição implicaria em ser necessário considerar que não apenas o estímulo privado “perspectiva [...]” é comum a todos os comportamentos de um mesmo sistema, mas também as características nucleares que unificam comportamentos e que são comuns a todos eles.

Da possibilidade de a classe de estímulos contextuais e a classe de estímulos reforçadores consequentes serem em conjunto com o estímulo privado “perspectiva [...]” diferenciadas dos outros eventos que constituem os comportamentos tateados pelo indivíduo, decorre que tal conjunto, como um todo, adquiriria função discriminativa em relação às respostas de tato “eu” em que tal termo é apresentado de maneira independente. Conseqüentemente, também em relação às pertencentes às classes de comportamentos “experenciar ‘eu’”. Ao considerar essa possibilidade, é cabível questionar acerca de suas implicações. Conforme os resultados obtidos, sob controle exclusivamente do estímulo privado “perspectiva [...]” o indivíduo desenvolve a classe de comportamentos “A7. Experenciar o ‘Eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor” (Tabela 4.8), já que o estímulo “perspectiva [...]” se distingue dos demais aspectos dos comportamentos do indivíduo por ser um conjunto de eventos independente das características das ações e dos objetos. Se a classe de estímulos com função discriminativa em relação à resposta verbal vocal “eu” abranger os demais eventos em questão, é possível sugerir que a classe de comportamentos A7 apresentaria algumas distinções. Seria provavelmente constituída de uma classe de respostas “notar” um “eu”

como algo dissociado das próprias ações e objetos em relação aos quais apresenta as ações, porém não dissociada dos estímulos que constituem a classe de estímulos contextuais presentes nem dos que constituem a classe de estímulos consequentes comum a todos os comportamentos do sistema.

Talvez uma classe assim caracterizada evitasse que a resposta envolvida no que os autores denominam “experiência de ‘eu’” implique em notar uma “instância ‘eu’”. Mais especificamente, uma instância independente de aspectos do ambiente. Considerando a proposição de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) acerca de um desenvolvimento “adaptativo” da “experiência do ‘eu’” depender de o indivíduo responder sob controle exclusivamente do estímulo privado “perspectiva [...]”, no entanto, é necessário avaliar se a complementação possível entre parte dos resultados obtidos corresponde ao que é pelos autores considerado como um desenvolvimento saudável.

Considerando a observação dos autores de que o indivíduo que responde verbalmente “eu” sob controle de estímulos privados e públicos como um conjunto indiferenciado de eventos ou, em casos mais graves, sob controle exclusivo de estímulos públicos, apresenta comportamentos de “experienciar um ‘eu’” como algo mutável. Tal condição decorre de parte da classe de comportamentos cujo produto é uma noção/senso/percepção de “eu” ocorrer sob controle de estímulos públicos, variáveis a cada momento e a cada comportamento apresentado. Quanto maior for a parcela de estímulos públicos sob controle da resposta verbal “eu”, mais mutável o indivíduo experimenta um “eu”. Em relação a uma tal noção instável, o indivíduo experimenta também sentimentos de desconforto. A classe de comportamentos “experienciar um ‘eu’”, inferida como decorrente do desenvolvimento de uma classe como a representada na Figura 6.5, produziria uma noção/senso/percepção de “eu” como algo estável e delimitado, em relação às características propriamente de suas ações e dos objetos em relação aos quais apresenta essas ações. Diferentemente dos produtos descritos pelos autores, no entanto, por também ocorrer sob controle da classe de estímulos contextuais e de uma classe de estímulos consequentes comum a todos os comportamentos do sistema, como “algo” com uma relação de identidade em relação a tais classes. Sendo tais classes de eventos também estáveis a todos os comportamentos de um mesmo sistema sob controle dos quais as respostas de tato são apresentadas, não produziriam como decorrência uma noção instável de “eu”. Tal noção, no entanto, não seria provavelmente de uma “instância” independente das características do ambiente, mas vinculada às

características de tal ambiente que se tornam estáveis após o desenvolvimento de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado.

Eventos “de contexto”, no entanto, podem variar. Se forem desenvolvidos outros comportamentos sob controle de tais eventos, novas classes de estímulos contextuais são formadas e também novas classes de estímulos consequentes comuns entre os comportamentos desenvolvidos. Novos sistemas de comportamentos funcionalmente unificados, portanto – como ilustram as características das classes de comportamentos A9 a A12 identificadas a partir da obra de Skinner (1953/2006) e representadas nas Tabelas 3.10 a 3.13. Em comparação com as características das classes de comportamentos de outros sistemas de comportamentos, deixam de ser comuns as classes de estímulos contextuais e uma das classes de estímulos consequentes. Considerando o desenvolvimento de uma classe de comportamentos “experienciar um ‘eu’” sob controle do conjunto de estímulo privado “perspectiva [...]”, de estímulos contextuais e dos estímulos da classe de estímulos comum entre os comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado, da apresentação de comportamentos constituintes de sistemas de comportamentos distintos decorreriam, provavelmente, os sentimentos descritos por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) de desconforto e desajustamento. De confusão do indivíduo em relação ao que é seu “eu”.

Como um exemplo extremo desse tipo de condição, é possível sugerir a mudança de um indivíduo de país, em que os eventos “de contexto” sofrem grande variação e na presença dos quais nenhuma classe de comportamentos do indivíduo teria sido desenvolvida previamente. Do que decorre que nenhum sistema de comportamentos teria sido formado sob tal circunstância e, com isso, não haveria classes de estímulos contextuais estabelecidas nem classes de estímulos consequentes comuns. Se tal conjectura for plausível e também a possível complementação proposta entre as características das classes de comportamentos sob exame, fica nítida a relação entre a formação de um “eu” e as variáveis do terceiro nível de seleção por consequências, mencionado por Skinner em *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991) como o responsável pelo desenvolvimento do “eu”.

Kohlenberg e Tsai (1991/2006) se embasaram nas proposições do próprio Skinner e outros analistas do comportamento para proporem como se dá o processo de desenvolvimento de comportamentos verbais vocais de tato “eu” e, com base nas características desse processo,

sugerem decorrências em classes de comportamentos “experienciar um ‘eu’”. A análise dos autores, no entanto, não contempla as características identificadas como nucleares de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Ao sugerirem que o estímulo privado “perspectiva [...]” consiste no único conjunto de eventos comum a quaisquer comportamentos apresentados pelo indivíduo, desconsideram a possibilidade de tais comportamentos comporem sistemas de comportamentos funcionalmente unificados, sendo esse o fenômeno considerado por Skinner em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) como o efetivamente envolvido no termo “eu” utilizado tradicionalmente de maneira equivocada. Tal, no entanto, não implica necessariamente que as classes de comportamentos referidas nas proposições das duas obras sejam incoerentes entre si. As análises apresentadas nas Figuras 6.1 e 6.2, 6.3, 6.4 e 6.5 configuram uma possibilidade de que tratem de aspectos complementares.

Considerando, no entanto, a possibilidade de como decorrência do desenvolvimento de uma classe de comportamentos tal qual a representada na Figura 6.5 o indivíduo vir a desenvolver uma classe de comportamentos “experienciar um ‘eu’” qualificada como “não adaptativa”, uma segunda classe de comportamentos composta de aspectos identificados como nucleares a partir de cada obra pode ser proposta, como a apresentada na Figura 6.6.

Considerando a possibilidade de um mesmo indivíduo desenvolver mais de um sistema de comportamentos funcionalmente unificado (Skinner, 1953/2003), se forem apresentados por ele vários desses sistemas e se tais fossem seguidos de comportamentos verbais de tato constituídos de respostas verbais “eu” específicas a cada sistema de comportamentos – como as respostas “eu mãe” ou “eu profissional” mencionadas –, seria possível serem diferenciados **(a)** os estímulos privados “perspectiva [...]” dos **(b)** estímulos de uma mesma classe de estímulos contextuais e estímulos de uma mesma classe de estímulos consequentes, já que em comum a todos os comportamentos que exerceriam controle sobre respostas verbais “eu” específicas haveria com maior probabilidade apenas o estímulo privado “perspectiva [...]”. Seria possível, então, o indivíduo responder verbalmente “eu” somente sob controle de estímulos dessa classe.

Classes de estímulos antecedentes		Classe de respostas	Classes de estímulos consequentes
- comportamentos constituintes do sistema de comportamentos funcionalmente unificado A	<b>- estímulo privado “perspectiva” comum</b>	- resposta verbal vocal de tato “eu”	-
- comportamentos constituintes do sistema de comportamentos funcionalmente unificado B			

**Figura 6.6.** Representação (B) de possíveis aspectos complementares relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir das obras de Skinner (1953/2003) e Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato “eu”.

Em que tais possíveis complementações entre os aspectos identificados a partir de cada obra implicam em relação aos conceitos dos autores em relação ao “eu”? O conceito de Skinner (1953/2003) já estava suficientemente claro a partir das características identificadas e derivadas de classes de comportamentos e de relações entre tais classes. O grau de generalidade de seu conceito “eu”, no entanto, pode ser questionada com base nas características das classes de comportamentos identificados e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). Segundo esses autores, o que os indivíduos ficam sob controle ao responder verbalmente “eu” não é o sistema de comportamentos funcionalmente unificado “como um todo”, mas de algumas propriedades específicas desse grande conjunto de eventos. Se tal consistir em uma proposição válida, isso implica que o conceito de Skinner (1953/2003) seja demasiado abrangente a ponto de não delimitar com precisão as características nucleares do que seja o

fenômeno que efetivamente exerce controle sobre as respostas verbais vocais “eu” dos indivíduos e, de certa maneira e em certo grau, seria complementado pelas proposições apresentadas por Kohlenberg e Tsai (1991/2006), cuja contribuição relacionada à de Skinner (1953/2003) seria possibilitar caracterizar com mais minúcia processos relacionados ao que possa ser o desenvolvimento de um “eu”.

O conceito de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), no entanto, não é suficientemente claro a partir das asserções da obra examinada. Sendo os três conceitos possíveis dos autores necessariamente vinculados ao desenvolvimento de comportamentos verbais constituídos do termo “eu”, considerar as interferências da formação de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados no desenvolvimento de tais comportamentos verbais implica em haver mais elementos a serem contemplados em relação ao que seja o fenômeno denominado “eu” e em relação ao que possa consistir no conceito dos autores. No caso de conceberem o “eu” como os próprios estímulos discriminativos das respostas verbais de tato “eu”, à sua discriminação passa a ser necessário que tais estímulos sejam diferenciados também das outras variáveis comuns a quaisquer comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado. Dentre as quais há eventos públicos. Ou, ao contrário, o conceito passaria a abarcar também as classes de eventos “classes de estímulos contextuais” e “classe de estímulos consequentes” comuns a todos os comportamentos de um mesmo sistema. O que tornaria o fenômeno “eu” um conjunto de eventos constituído de estímulos privados e públicos permanentes a cada sistema de comportamentos. No caso de conceberem o “eu” como um fenômeno distinto do estímulo privado “perspectiva [...]”, mas cuja determinação é vinculada ao processo de desenvolvimento de respostas verbais constituídas do termo “eu”, também passa a ser necessário considerar outras variáveis presentes ao longo desse processo. Em particular a operação de discriminação do estímulo em questão dos aspectos nucleares de sistemas de comportamentos funcionalmente unificados.

A partir das características das classes de comportamentos identificadas e derivadas por meio do exame das obras, não apenas as que constituem as categorias “A” podem ser contrastadas, embora tais consistam nos principais processos comportamentais referidos nas proposições dos autores. Como as concepções apresentadas em ambas as obras são contrárias à de um “Eu iniciador”, parte das características das classes de comportamentos por eles consideradas como as efetivamente relacionadas ao que é denominado na cultura como “Eu”

pôde ser identificada e derivada de suas asserções contrárias ao que avaliam como uma concepção equivocada. Essas asserções apresentadas em ambas as obras serviram como fonte de informações acerca das classes de comportamentos que os autores se referem como constituintes do próprio processo de conceber um “eu” como uma instância com determinadas qualidades e atribuições, as quais foram categorizadas como pertencentes ao conjunto “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘Eu iniciador’”, que consiste na categoria organizadora “B” dos resultados da obra de Skinner (1953/2003) e “C” da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). Por consistirem em classes pertencentes a categorias comuns dentre as constituídas a partir dos procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados de cada obra, podem ser contrastadas a fim de identificar se consistem em classes potencialmente complementares, comuns ou mesmo incompatíveis.

As classes relacionadas à suposição de uma instância “eu” referidas por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) se referem a implicações do desenvolvimento de classes de comportamentos “Experienciar um ‘eu’” com base nas características do estímulo que exerce função discriminativa em relação às respostas verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”. Sob controle das características de tais estímulos é que a “experiência”/senso/noção de “eu” seria constituída, como se consistisse em uma instância existente, interna, atemporal, permanente e de natureza não física – essa última como uma característica do estímulo “perspectiva [...]” inferida equivocadamente. Não há entre as classes alguma cujo produto consista na suposição de que além de possuir essas propriedades a tal instância “eu” seja também iniciadora dos comportamentos dos indivíduos. No entanto, por possibilitarem que seja concebida a existência de uma unidade interna, de natureza distinta dos demais eventos da natureza e sem nenhuma referência às classes de eventos externas ao próprio indivíduo, foram consideradas classes que configuram uma condição favorecedora a, na falta de informações acerca das variáveis que efetivamente determinam e mantêm os comportamentos dos indivíduos, tais funções sejam atribuídas à instância “eu” inferida.

As classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das informações da obra de Skinner (1953/2003), por sua vez, são caracterizadas por terem dentre seus produtos justamente a atribuição de função originadora e mantenedora dos comportamentos dos indivíduos à unidade “eu” inferida. Mais que esse produto, são caracterizadas as demais classes de componentes das classes de comportamentos que

favorecem o desenvolvimento do “raciocínio” que culmina nas funções – avaliada como equivocada tanto por Skinner (1953/2003) quanto por Kohlenberg e Tsai (1991/2003) – atribuídas ao que seja o “eu”. Tais classes de componentes consistem em implicações, de algum modo, do desconhecimento do indivíduo em relação ao conceito de “comportamento” e das relações que são estabelecidas entre respostas dos indivíduos e aspectos do meio, que favorecem a atribuição de correspondências entre classes de comportamentos a algo distinto das características dos próprios sistemas de interações constituídos de variáveis das ações do indivíduo e variáveis do ambiente. Ao passo em que em relação às propriedades “formais” de tal instância, os resultados obtidos a partir da obra de Skinner somente favorecem a interpretação – também equivocada – de que tenha natureza distinta da física.

As características das classes de comportamentos que constituem as categorias “B” da obra de Skinner (1953/2003) e “C” da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) podem ser consideradas complementares, já que em conjunto possibilitam conhecer mais propriedades do processo do qual decorre a inferência de propriedades e funções a uma instância “eu”, também inferida. Com base nas informações das duas obras, a concepção de um “Eu iniciador” pode ser entendida como um produto tanto da suposição de o “eu” ser constituído das características do estímulo interno “perspectiva [...]” quanto do desconhecimento acerca das relações entre respostas dos organismos e aspectos do ambiente que constituem comportamentos.

Também podem ser contrastadas as características das classes de comportamentos identificadas e derivadas como constituintes da categoria C “Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’” da obra de Skinner (1953/2003) e B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). Ambos os conjuntos tratam de classes de comportamentos que, se desenvolvidas, evitam o equívoco de conceber um “eu” como agente e iniciador dos comportamentos dos indivíduos. O desenvolvimento das classes de comportamentos caracterizadas com base nas informações da obra *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* possibilita que o indivíduo identifique que sua “experiência”/percepção/noção de “eu” ocorre sob controle dos aspectos do ambiente discriminativos às respostas “dizer eu”. Possibilita que note que o desenvolvimento de sua noção de “eu” independe da existência de uma instância assim denominada e que as qualidades que a tal unidade atribui não necessariamente lhe constituem. Constituem o estímulo

privado “perspectiva [...]” sob controle do qual a resposta verbal “eu” ocorre.

O desenvolvimento das classes caracterizadas a partir da obra de Skinner (1953/2003), por sua vez, possibilita que o indivíduo identifique as variáveis que efetivamente determinam e mantêm comportamentos e sistemas de comportamentos funcionalmente unificados. Que a ocorrência de covariações entre comportamentos não necessita ser atribuída a nenhuma instância distinta dos próprios sistemas de relações que o indivíduo desenvolve com os aspectos do meio. Considerando as contribuições do desenvolvimento das classes de ambas as categorias de classes de comportamentos sob exame, embasadas cada qual nas informações de uma das obras, é possível também considerá-las complementares. Em conjunto, tornam mais provável que o indivíduo não só refute uma instância “eu iniciadora”, mas identifique que as características que lhe atribui decorrem do desenvolvimento de comportamentos verbais vocais de tato constituintes do termo “eu”.

Além de o conjunto total de classes de comportamentos identificadas, derivadas e caracterizadas – considerando as categorizadas como pertencentes aos conjuntos A, B e C referente a cada obra – e de sistemas comportamentais elaborados com base nas relações entre tais classes favorecer a compreensão dos conceitos dos autores em relação ao termo “eu”, conforme discutido em relação aos resultados relacionados a cada obra, serve como subsídio a intervenções nos fenômenos a que se referem. Considerar o papel fundamental que a análise das características de um comportamento definido como objetivos de intervenções (“comportamentos-objetivo”), a decomposição desse comportamento em comportamentos mais básicos dos quais depende seu desenvolvimento e a análise de cada um desses comportamentos exerce em relação às características da elaboração das condições a seu ensino/desenvolvimento (Botomé, 1975; 1981; Kubo e Botomé, 2001; Teixeira, 2010), possibilita enfatizar a relevância dos resultados obtidos como fontes de informação a intervenções. Seja para a elaboração especificamente de programas de ensino, seja para a intervenção em classes de comportamentos específicas dentre as identificadas/derivadas.

A caracterização e análise funcional de cada uma das classes de comportamentos que configuram os resultados possibilita ao profissional elaborar condições específicas ao desenvolvimento de cada uma, com base nas características de suas classes de componentes. As relações entre cada classe de comportamentos, representada nos

sistemas comportamentais elaborados, por sua vez, ampliam as possibilidades de intervenção com fins ao desenvolvimento das classes em questão, uma vez que tornam conhecidas as relações de pré-requisito e abrangência entre as classes. Que denotam que ao desenvolvimento de classes de comportamentos dentre as identificadas ou derivadas a partir das obras, há outras relacionadas, cujo desenvolvimento é condição à sua ocorrência. Cada uma das relações específicas entre classes representadas nos diagramas contribuem às decisões do profissional em relação a sequências de ensino e são fontes de informação que subsidiam a avaliação dos desempenhos dos indivíduos sob intervenção, bem como – e principalmente – as condições de ensino oferecidas. A fim de que os sistemas comportamentais propostos nos diagramas representados nas Figuras 5.1 a 5.11 sirvam como fontes de informações fidedignas às relações que efetivamente ocorrem entre as classes de comportamentos que os constituem, no entanto, é necessário que tais sejam submetidas a processos de verificação experimental (Botomé, 2010; Botomé e Kubo, 2004; Tourinho, 2006b). Somente sob essa condição será possível afirmar que do desenvolvimento das classes de comportamentos mais básicas são sintetizadas as classes mais abrangentes.

## **2. Algumas implicações dos resultados obtidos e das características dos processos identificados nas fontes de informações em relação aos conceitos “Eu” apresentados em outras obras da Análise Experimental do Comportamento**

Com base nos resultados obtidos a partir das obras de Skinner (1953/2003) e de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) é possível retomar alguns aspectos do exame em relação às proposições acerca do conceito “Eu” em diferentes obras da Análise Experimental do Comportamento. É possível avaliar o quanto o aumento do grau de minúcia em relação às características dos processos referidos nas asserções apresentadas pelos autores favorece contrastá-las às proposições de outros autores da área, ao examinarem aspectos relativos ao conceito “eu”. Ainda que a uma comparação precisa fosse requerido que os mesmos procedimentos a que foram submetidas as obras utilizadas como fontes de informações fossem realizados com as asserções dos demais autores. Tal condição, em que haveria parâmetros comuns à análise, configuraria uma análise conceitual da área com maior rigor. No entanto, apesar das limitações do grau de amplitude dos resultados obtidos, cabe examinar em que medida esses contribuem para o exame do conceito.

Em relação às proposições do próprio Skinner em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003), os resultados obtidos parecem permitir que sejam complementados, conferindo às características dos processos mencionados pelo autor nessa obra maior grau de minúcia e precisão. Ao definir “Eus” como repertórios de comportamentos, simplesmente, o autor não possibilita distinguir o que seja um “eu” de quaisquer outros repertórios do indivíduo. Ou qual o tamanho e os delimitadores desse conjunto de comportamentos. Ao complementar que diferentes repertórios coexistem num mesmo organismo, apenas possibilita compreender que o que define como “eu” – repertório de comportamentos – não abrange todos os comportamentos do indivíduo. A depender de aspectos que também não são explicitados, mais de um conjunto de comportamentos “eu” podem ser desenvolvidos pelo mesmo indivíduo. Por meio dos resultados obtidos com base na obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003), as particularidades relevantes que determinam diferentes repertórios em um mesmo indivíduo foram mais bem especificadas. Ou ao menos algumas delas. Um “repertório” que configura um “eu” seria um sistema de comportamentos funcionalmente unificado, cujo desenvolvimento e manutenção estão relacionados a uma classe de estímulos contextuais, às inter-relações entre as classes de comportamentos que constituem o conjunto e a uma classe de estímulos consequentes reforçadores comum. Ao compartilharem tais propriedades não formais é que muito provavelmente comportamentos constituiriam o repertório a que Skinner se refere.

Na mesma obra, a definição que apresenta de “pessoa”, termo que utiliza de maneira equivalente ao termo “eu”, como um “lugar” em que condições ambientais e genéticas se “reúnem num efeito conjunto” (pg. 145) é igualmente genérica. Considerando os resultados obtidos, o “efeito conjunto” pode consistir nas características do próprio sistema de comportamentos funcionalmente unificado, cuja interferência provida pelo desenvolvimento de comportamentos verbais de auto referência é admitida, porém ainda sem precisão de qual seja. O “lugar” a que Skinner (1974/2003) se refere, por sua vez, parece coincidir com a relação constante entre onde ocorrem atividades privadas do indivíduo e onde não ocorrem, que Kohlenberg e Tsai (1991/2006) identificam e utilizam como base para proporem que dessa relação constante decorra a diferenciação do estímulo privado “perspectiva [...]”. Nesse caso, o que é chamado de “lugar” por Skinner (1974/2003) pode ser complementado como sendo, especificamente, o local onde ocorre a parcela privada de todos os comportamentos apresentados pelo indivíduo.

As proposições de Skinner em *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991), por sua vez, apresentam diversos aspectos coincidentes com os resultados obtidos. É nessa obra que o autor propõe que o “eu” seja o produto do terceiro tipo de seleção de comportamentos, propiciada pela evolução da cultura. Tal já foi previamente relacionada ao aspecto identificado a partir dos resultados acerca da formação de classes de estímulos contextuais em um sistema de comportamentos funcionalmente unificado e de essas classes consistirem em um aspecto nuclear dos sistemas, conjunto de eventos a que Skinner (1953/2003) denomina “eu”. Parece válido reapresentar tal correspondência, no entanto, em função do grau de relevância que parece ter à compreensão do que possa ser o “eu”. Incontáveis conjuntos de comportamentos são unificados graças a sua funcionalidade comum. Não são quaisquer desses conjuntos, no entanto, que configuram um “eu”, mas especialmente os que apresentam em comum o controle por estímulos “de contexto” comuns, o que pode estar de alguma forma relacionado à seleção desses comportamentos pela cultura.

As proposições de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) não fazem nenhuma referência direta a variáveis de contexto ou a processos de seleção por consequências a nível cultural como determinantes ou constituintes da formação de um “eu”. No entanto, ao possibilitarem identificar que o desenvolvimento da “experiência de um ‘eu’” somente pode ser realizada por intermédio da comunidade verbal em que o indivíduo está inserido, já que decorre do desenvolvimento de comportamentos verbais de tato “eu” selecionados por membros da comunidade verbal, tal seleção não deixa de ser parte de uma contingência arranjada por membros de um grupo social (Skinner, 1957/1978; 1981). Em sociedades ocidentais, em particular, a seleção de respostas verbais vocais de tato “eu” possibilita a perpetuação de uma prática cultural.

Ao afirmar, ainda, que os repertórios de comportamentos que configuram “eus” diferem dos que configuram “pessoas” – diferentemente de suas proposições em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003) e *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) – Skinner (1991) delimita melhor quais conjuntos de comportamentos configuram um “eu”. Apresenta proposições em conformidade com os resultados obtidos ao especificar que tais podem ser observados apenas pelo próprio indivíduo e que consistem na condição corporal que acompanham os “estados internos” do indivíduo. Essa condição corporal observada somente pelo próprio indivíduo parece corresponder ao estímulo privado “perspectiva [...]”, que consiste na parcela privada

comum a quaisquer comportamentos por ele apresentados. Considerando a complementação conferida pelos resultados obtidos a partir da obra de Skinner (1953/2003), para que tal estímulo se torne uma parcela diferenciada de eventos da natureza, são requeridas condições para sua distinção em relação aos estímulos contextuais e estímulos consequentes também comuns a quaisquer comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado.

Ao contrastar as definições de Skinner (1991) acerca do “eu” aos possíveis conceitos de “eu” implicados nas proposições de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), é possível notar que corresponderiam somente ao conceito dos autores em que o “eu” é considerado equivalente aos próprios estímulos discriminativos dos comportamentos de “experienciar um ‘eu’” – consequentemente, dos comportamentos verbais vocais de tato “eu”. Se o que é chamado de “eu” por Skinner (1991) consiste na condição corporal que acompanha os comportamentos dos indivíduos, a delimitação oferecida principalmente por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) de aspectos dessa condição corporal somente faz sentido se aos autores tal também coincidir com a definição de um “eu”.

As classes de comportamentos identificadas ou derivadas como referidas em cada obra, as relações identificadas entre tais classes e as possíveis complementaridades entre os conjuntos de resultados também possibilitam identificar mais congruências com as proposições de Pessotti (2008) do que apenas a partir das asserções apresentadas diretamente nos textos. Na análise preliminar acerca das proposições de “eu” em diferentes obras da Análise Experimental do Comportamento, o segundo “nível de eu” referido por Pessotti (2008) – “*Sistema singular de respostas*” – foi considerado em conformidade com as asserções de Skinner em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003). Um “*Sistema singular de respostas*” desenvolvido por meio de interações dos indivíduos com o meio selecionadas por evitarem lesões ao próprio organismo e servirem à satisfação de suas necessidades, parecia apresentar semelhanças ao “sistema de respostas unificado” proposto por Skinner (1953/2003) como definidor de “eu”. No entanto, os resultados obtidos a partir da utilização dos procedimentos de coleta, análise e tratamento de dados em relação às informações da obra denotam que há mais especificidades que definem e delimitam o que seja o “sistema” a que Skinner se refere na obra em questão.

A relevância do comportamento verbal no desenvolvimento do terceiro nível de “Eu” descrito por Pessotti (2008) – “*Consciência da Experiência*” – pode, nitidamente, ser relacionada à relevância de tal

categoria de comportamentos em relação às classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). Para Pessotti (2008), o desenvolvimento da linguagem e especificamente de comportamentos de relatar a própria experiência culminam no desenvolvimento de um estágio de “eu” mais sofisticado que os anteriormente desenvolvidos, denominado por ele de “*Consciência da experiência*”. Embora o conceito de “Eu” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) não tenha ficado suficientemente claro a partir dos resultados, todas as possibilidades estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos verbais que, embora não seja possível afirmar com alto grau de confiabilidade, implicam em condições favorecedoras de o indivíduo aprender a relatar a própria experiência e, com isso, muito provavelmente, desenvolver o sentido de protagonista dos eventos que relata.

As classes de comportamentos da categoria B “Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”, que reúne 12 classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), são caracterizadas justamente pelo relato do próprio indivíduo acerca da própria experiência. Cada classe referente à caracterização de aspectos dessa experiência. A função do comportamento verbal em relação ao que seja o fenômeno a que o conceito “eu” se refere implicada nas asserções dos autores é de tão alto grau de relevância que consiste em aspecto nuclear das classes de comportamentos identificadas como relacionadas ao relato da própria experiência de “eu” e mesmo do que seja o próprio “eu”, as quais podem ser apresentadas pelo próprio indivíduo e serem configuradas como “auto relato”. Em ambas, os únicos aspectos descritos como constituintes ou como variáveis de algum modo relacionados à própria “experiência de ‘eu’” (que coincide com a sensação de um “eu”) ou ao “eu” são aspectos que constituem seus próprios comportamentos verbais vocais de tato “eu”.

Ainda em relação ao terceiro nível de “Eu” descrito por Pessotti (2008), as decorrências que sugere ocorrerem como função do desenvolvimento de comportamentos de relatar a própria experiência coincidem, em alguma medida, com o que foi possível identificar a partir das asserções de Kohlenberg e Tsai (1991/2006). Conforme afirma Pessotti (2008), os comportamentos de relatar a própria experiência produzem o sentimento de autoria em relação aos próprios comportamentos relatados. É possível sugerir que as características das classes de comportamentos que constituem a categoria A

“Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” referente aos resultados obtidos da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) se refiram ao mesmo processo e provenham à sua descrição maior grau de minúcia. Assim como as relações propostas entre tais classes, representadas nas Figuras 5.8 e 5.9.

As classes constituintes da categoria “A” dentre os resultados obtidos da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) configuram dois processos de desenvolvimento: da classe de comportamentos verbais vocais de tato constituída do termo “eu” singular e de classes de “experienciar um ‘eu’” como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor (classes A6 e A7, representadas nas Tabelas 4.7 e 4.8). Dentre as relações identificadas entre as classes de comportamentos que constituem esses processos, foi possível identificar que as classes de “experienciar um ‘eu’” com determinadas qualidades dependem todas do desenvolvimento das classes de comportamentos verbais vocais de tato constituídas do termo “eu”. Sendo a última das classes de “experienciar um ‘eu’” constituída do estímulo privado “perspectiva [...]”, o que é experienciado/sentido como um “eu” consiste em uma unidade dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor, propriedades que coincidem com as do estímulo privado “perspectiva [...]” sob controle do qual ocorre. O desenvolvimento de comportamentos verbais constituídos do termo “eu”, portanto, possibilitam que o indivíduo note um “eu” como uma instância existente e presente a todo momento. Sob tal condição, atribuir a essa unidade a função de autora em relação aos comportamentos referidos em classes de comportamentos verbais de tato constituídas do termo “eu” passa, provavelmente, a ser muito mais provável.

Se às classes mencionadas forem ainda somadas as classes da categoria B “Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” organizadora dos resultados obtidos a partir da obra de Skinner (1953/2003), então as características do processo de desenvolvimento da atribuição de autoria dos próprios comportamentos a si, e mais especificamente ao próprio “eu”, são ainda mais complementadas e lhes é conferido maior grau de precisão. A descrição desses processos implicados no desenvolvimento de relação de controle de estímulo equivocada, segundo autores das obras consultadas, “explica” com relativa clareza a facilidade com que pessoas, nas relações cotidianas de interação, aprenderem desde muito cedo a se referirem a um “eu” com função iniciadora de seus comportamentos.

Por fim, também podem ser identificadas correspondências entre a proposição de Pessotti (2008) acerca do nível “*Identidade Narrativa*” e os resultados obtidos. Especialmente em relação à proposição de complementaridade entre os resultados referentes às duas obras. Ao destacar como uma das propriedades importantes desse estágio a continuidade no tempo dos eventos *internos* e *externos* com que o indivíduo se relaciona e em relação aos quais apresenta seus relatos, o autor descreve o mesmo aspecto salientado também por Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como sendo a condição que possibilita a diferenciação do estímulo privado “perspectiva [...]” dos demais que constituem as próprias interações e cujas variáveis exercem controle sobre seus relatos, uma vez que consiste no aspecto em comum a todas essas interações.

As proposições acerca de possíveis complementaridades entre os resultados obtidos a partir das duas obras utilizadas como fontes de informação, por sua vez, destacam a possibilidade de a classe de estímulos privados “perspectiva [...]” não ser o único conjunto de eventos comum a todos os comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado. Nesse caso, ao desenvolver comportamentos verbais vocais de tato sob controle de aspectos dos comportamentos constituintes de um mesmo sistema, não apenas a classe de estímulos “perspectiva [...]” permanece constante no tempo – como constituinte de todos os comportamentos apresentados. Também o são as classes de estímulos contextuais e ao menos uma classe de estímulos consequentes. De tal condição, decorreria a possibilidade de o indivíduo pode vir a notar não apenas a constância do estímulo privado em questão, mas também dos estímulos públicos pertencentes a tais classes. O destaque de Pessotti (2008) acerca da continuidade de estímulos *internos* e *externos* aos indivíduos ao longo de seus relatos, da qual decorre ao indivíduo uma percepção de si como protagonista de sua história “única e coerente”, portanto, corresponde mais à proposição de complementação das características dos processos identificadas e derivadas a partir de ambas as obras investigadas.

Retomar as proposições de Skinner apresentadas em *Sobre o Behaviorismo* (1974/2003) e em *Questões Recentes na Análise Comportamental* (1991), bem como as de Pessotti em seu seminário *Sobre o conceito de “eu”* (2008) à luz dos resultados obtidos, portanto, possibilita principalmente identificar que há mais aspectos em comum entre as proposições acerca do termo “eu” do que uma análise preliminar possa permitir identificar. Que os aspectos não coincidentes entre as proposições, são provavelmente complementares. Embora os

resultados possibilitem identificar indícios de uma coerência e potencial complementaridade entre os conceitos dos autores, a fim de uma análise conceitual precisa e rigorosa do conceito “eu” em obras da Análise Experimental do Comportamento, seria necessário submeter as demais obras e ainda outras aos mesmos procedimentos e, sob parâmetros comuns, contrastar os resultados. Como se tornou possível de ser feito em relação às características das classes de comportamentos e de relações entre tais classes identificadas e derivadas a partir das obras *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e *FAP – Psicoterapia Analítico Funcional* (1991/2006).

Ainda que a tal exame sejam necessários novos processos de produção de conhecimento científico, as comparações realizadas possibilitaram tornar ainda mais saliente – embora tal aspecto já estivesse suficientemente destacado dentre os resultados obtidos com base nas duas obras examinadas – o papel fundamental do comportamento verbal em relação ao que consista no fenômeno denominado “eu”. Em que medida o desenvolvimento de comportamentos verbais de tato constituídos do termo “eu” implica no desenvolvimento desse fenômeno, no entanto, parece ainda consistir em uma relação imprecisa, tanto na literatura quanto nos resultados obtidos. Desenvolver meios de identificá-la consiste em investimento relevante principalmente ao desenvolvimento conceitual da área da Análise Experimental do Comportamento.

A relação entre processos de desenvolvimento de comportamentos verbais e processos de desenvolvimento de classes “perceber” ou “experienciar” um “eu”, por sua vez, parece ter sido caracterizada com grau de minúcia alto. Bem como pode consistir em processo cujo conhecimento é suficiente a intervenções diretas no campo clínico ou outros campos de atuação, se a “experiência” ou o senso de “eu” se desenvolver de fato exclusivamente em função das características do desenvolvimento de comportamentos verbais vocais de tato constituídos do termo “eu”. À validade da relação entre os comportamentos verbais e os comportamentos de “experienciar o ‘eu’”, no entanto, é ainda necessário o desenvolvimento de procedimentos experimentais que possibilitem observar a ocorrência das relações descritas. Se as características das classes de comportamentos identificadas e derivadas a partir das obras, bem como dos sistemas comportamentais propostos, se mostrarem verdadeiras, o manejo das variáveis envolvidas nos processos descritos se torna bastante facilitado, especialmente à extensa variedade de fenômenos que sofrem interferência de sentimentos de desconhecimento ou volatilidade do

próprio “eu” (Kohlenberg e Tsai, 1991/2006), o conhecimento produzido serve como contribuição.

### **3. Limitações dos resultados obtidos por meio do conjunto de procedimentos de coleta, análise e tratamento dos dados em relação às características das classes de comportamentos referidas em proposições acerca do conceito “Eu” na Análise Experimental do Comportamento e ao exame de seus graus de coerência**

Em relação tanto aos resultados obtidos quanto aos exames dos mesmos e às proposições de possíveis complementaridade entre as proposições apresentadas em ambas as obras, é necessário destacar algumas ressalvas. Embora os procedimentos de coleta, análise e tratamento de dados tenham sido elaborados com base na exigência de rigor em relação ao controle das variáveis envolvidas nos processos de conhecer fenômenos cientificamente (Botomé, 1997), tais não estão isentos de falibilidade. Com isso, não estão isentos de distorções na natureza das informações apresentadas pelos autores nas duas obras utilizadas como fontes de informações. Por ter sido necessário interpretar as informações apresentadas em parcela das asserções selecionadas como dados dentre as informações das obras para transformá-las segundo denominadores comuns que possibilitassem comparações entre os dados de uma mesma obra e entre dados de duas obras distintas, tais podem ter sido realizadas com limitações e serem sujeitas a equívocos.

Também as limitações inerentes à própria linguagem devem ser consideradas, uma vez que de conceitos e expressões dependeram grande parte dos procedimentos realizados. Pelo menos em relação à nomeação das classes de comportamentos identificadas e derivadas e à suposição de relação entre tais classes, que serviu de embasamento à proposição de sistemas comportamentais delas constituídos. Cabe destacar, ainda, a limitação imposta pela própria natureza do processo investigado, que induz a exames com alto grau de abstração. Analisar proposições com o objetivo de identificar os conceitos dos autores relacionados ao termo “eu” requereu considerar diversos processos comportamentais com propriedades críticas não observáveis e, em sua maioria, ainda pouco estudados. Disso decorre que os processos de identificar e derivar características das classes de comportamentos que constituem os resultados do problema de pesquisa e das relações que estabelecem entre si tenham estado sujeitos a equívocos. Cuja resolução

depende do desenvolvimento de procedimentos de observação direta que possibilitem verificar experimentalmente como efetivamente são constituídas as classes de comportamentos identificadas e derivadas. E, mesmo, se tais proposições são plausíveis.

Por fim, é possível notar que o material produzido conferiria subsídios a exames mais minuciosos de suas contribuições ao campo clínico de atuação profissional do psicólogo. Os quais no trabalho, no entanto, ficaram circunscritos às possíveis funções de subsídio de cada subcategoria de classes de comportamentos caracterizadas a partir de cada obra e, de maneira genérica, às orientações que os diagramas de sistemas comportamentais oferecem ao arranjo de condições ao seu desenvolvimento, quando relevante. Em relação ao conjunto de resultados como um todo é possível conjecturar principalmente acerca de que confira elementos para intervenções clínicas direcionadas a indivíduos que apresentam lacunas em seus repertórios relacionadas ao processo de “Conhecer-se” e a indivíduos com baixos graus de assertividade. Ou, como mais precisamente propõe Müller (2011b), em indivíduos que não desenvolveram “comportamentos assertivos” ou os desenvolveram com baixos graus de perfeição.

Müller (2011a e 2011b) indica serem os “comportamentos assertivos” incompatíveis com comportamentos danosos ao próprio indivíduo e àqueles com quem se relaciona – como comportamentos agressivos e passivos. É possível entendê-los, a partir das proposições da autora, como possivelmente constituintes de um complexo sistema comportamental relacionado à condição do indivíduo de considerar tanto as implicações a si próprio quanto aos demais ao se comportar, bem como de tomar decisões com base na relevância de que sejam produzidos benefícios a ambos e/ou evitados malefícios também a ambos. Com base nesse entendimento, parece plausível propor que para tais tipos de interações serem desenvolvidos, é requerido ao indivíduo que previamente se torne capaz de responder sob controle de aspectos prioritariamente privados das suas próprias interações com o meio, uma vez que sob circunstâncias em que não distingue elementos públicos de elementos privados das próprias ações, pode vir a se comportar unicamente sob controle de aspectos que correspondem às necessidades ou expressões de outros. De maneira a desconsiderar demais aspectos relevantes relacionados à produção de benefício a si próprio. Com base nos resultados obtidos, é possível notar que dentre os produtos do processo de desenvolvimento das classes de comportamentos verbais constituídas do termo “eu”, identificadas e caracterizadas com base nas informações do capítulo “O Self” da obra de Kohlenberg e Tsai

(1991/2006), há justamente a discriminação dos aspectos prioritariamente privados das interações do indivíduo com o meio. Favorecer o desenvolvimento dessas classes de comportamentos, portanto, pode consistir em importante processo que favoreça o desenvolvimento de “comportamentos assertivos”.

A finalidade do problema de pesquisa de ampliar o entendimento acerca de quais sejam os conceitos “Eu” implicados nas proposições de autores cuja produção é vinculada à área da Análise Experimental do Comportamento e quais os graus de coerência entre si, foi respondida por meio da identificação e derivação de classes de comportamentos implicadas nas asserções das obras de Skinner (1953/2003) e Kohlenberg e Tsai (1991/2006) investigadas. Assim como por meio da identificação das características de seus componentes e de relações entre as classes de comportamentos. Resta a necessidade de avaliar experimentalmente a pertinência de tais resultados e de responder de maneira mais minuciosa às relações que estabelecem com as características e necessidades dos campos de atuação profissionais do psicólogo.

## REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007) *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo/SP: Martins Fontes.
- Autor desconhecido (1961). *Princípios básicos para Programação de Ensino*. Texto não publicado e de autoria desconhecida, traduzido e adaptado por Botomé, S. P. (1970) exclusivamente para uso didático.
- Assini, L. C. (2011). *Classes de comportamentos profissionais do psicólogo constituintes da classe "prevenir comportamentos-problema"*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- Assis, G. J. A.; Baptista, M. Q. G.; Kato, O. M.; & Alves, K. R. (2000) Relações de Equivalência Após Treino com Pareamento Consistente de Estímulos sob Controle Contextual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n. 2, pp. 125-133.
- Assis, G. J. A.; & Galvão, O. F. (1996) Relações condicionais entre palavras conhecidas. *Acta Comportamentalia*, v. 4, n. 1, pp. 5-22.
- Banaco, R.A. (1999). O acesso a eventos encobertos na prática clínica: um fim ou um meio? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 1, n. 2, pp. 135-142. Campinas/SP.
- Botomé, S. P. (1975). *Um procedimento para encontrar os comportamentos que constituem as aprendizagens envolvidas em um objetivo de ensino*. Universidade Federal de São Carlos. Texto não publicado.
- Botomé, S. P. (1977). *Atividades de ensino e objetivos comportamentais: no que diferem?* Trabalho não publicado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.
- Botomé, S. P. (1981) *Objetivos comportamentais no ensino: a contribuição da análise experimental do comportamento*. Tese de

Doutorado não publicada, Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

- Botomé, S. P. (1997) Processos comportamentais básicos em metodologia de pesquisa: da delimitação do problema à coleta de dados. *Chronos* 30 (1), 46-69.
- Botomé, S. P. (2001) Sobre a noção de comportamento. Em H. P. M. Feltes & U. Ziles (Orgs.) *Filosofia: diálogo de horizontes* (Pp. 685-708) Porto Alegre: EdiPucRS. Caxias do Sul: Educs.
- Botomé, S. P. (2010) Palestra de abertura do II Encontro Catarinense de Análise do Comportamento. Florianópolis, SC.
- Botomé, S. P. & Kubo, O. M. (2002) Responsabilidade social dos programas de pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. *Interação em Psicologia* (6)1, 81-110.
- Botomé S. P. e Kubo, O. M. (2004) *Por que a Análise do Comportamento inclui a experimentação como parte de seu nome: Análise Experimental do Comportamento?* Texto produzido como material didático para uso interno do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Botomé, S. P. e Kubo, O. M. (2006) O fenômeno e o conceito de contingência de reforçamento e suas relações com o comportamento como uma relação entre classes de respostas e classes de estímulos componentes dos ambientes antecedentes e consequentes a essas classes de respostas. *Texto elaborado como instrução às aulas de Psicologia da Aprendizagem I oferecida à graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina em 2006.*
- Botomé S. P. e Kubo, O. M. (2008) *Alguns princípios básicos do processo de conhecer científico.* Texto escrito especificamente para uso didático nas disciplinas ministradas pelos autores na Universidade Federal de Santa Catarina.

- Botomé, S. P. e Kubo, O. M. (2009) *Um sistema de exame do conceito contingências de reforçamento: exercitando o aperfeiçoamento de conceitos básicos da Análise Experimental do Comportamento como processos básicos comportamentais*. Seminário apresentado no XVIII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Campinas (SP), v. 1, pp. 20-21.
- Botomé, S. P., Kubo, O. M., Mattana, P. E., Kienen, N., & Shimbo, I. (2003). *Processos comportamentais básicos como objetivos gerais, ou classes gerais de comportamentos, ou competências para a formação do psicólogo*. Painel apresentado no XII Encontro Anual da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Londrina, Paraná.
- Botomé, S. S. (2009) *Classes de comportamentos que compõem a sub- etapa "segmentar fluxo de eventos para compor figuras de quadrinhos" do processo comportamental "produzir história em quadrinhos"*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis. Não publicado.
- Botomé, S. S.; De Luca, G. G.; Pereira, G. S.; Kubo, O. m. & Botomé, S. P. (2005) Inveja ou invejar? Componentes constituintes da classe de comportamentos denominada “invejar”, identificados em literatura. *XVI Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental*. Anais da XVI Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental. Campinas (SC).
- Bush, K.; Sidman, M.; & De Rose, T. (1989) Contextual control of emergent equivalence relations. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, v. 51, n. 1, pp. 29-45.
- Carrara, K. (2005) *Behaviorismo radical: Crítica e metacrítica*, 2ª Edição. São Paulo: Editora Unesp.
- Catania, A. C., (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. (D.G. Souza, Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Copi, I. M. (1981) *Introdução à lógica*. 2ª ed. São Paulo/SP: Mestre Jou.

- Costa, A. R. A.; De Rose, J. C.; & De Souza, D. (2009) Interferência de variáveis de contexto em sondas de exclusão com substantivos e verbos novos. *Acta Comportamental*, v. 18, n. 1, pp. 35-54.
- Cunha, C., Cintra, L. F. L. (2008) *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Ed. Digital.
- Da Cunha, R. N. (1995) Motivação e Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia*, n. 3.
- De Luca, G. G. (2008). *Características de componentes de comportamentos básicos constituintes da classe geral de comportamentos denominada "avaliar a confiabilidade de informações"*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- De Rose, J. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. Em B. Prado Júnior (Org.). *Filosofia e comportamento*. São Paulo: Brasiliense. Disponível em: <[www.terapiaporcontingencias.com.br](http://www.terapiaporcontingencias.com.br)>. Acesso em: 20/03/2010.
- De Rose, J. C. (2005) Análise comportamental da aprendizagem de leitura e escrita. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 29-50.
- De Souza, D. G. (2000). O conceito de contingência: um enfoque histórico. *Temas em Psicologia da SBP*. v.8 n.2, p. 125-136.
- De Souza, D. G., & De Rose, J. C. C. (2006) Desenvolvendo programas individualizados para o ensino de leitura e escrita. *Acta Comportamental*, 14, p. 77-98.
- Elias, N. (1987/1994). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Franken, J. V. (2009) *Avaliação da formação específica do psicólogo organizacional e do trabalho a partir daquilo que está proposto nos planos de ensino de disciplinas relacionadas ao seu campo de atuação profissional*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-

graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. Não publicado.

Freud, S. (1926) Psychoanalysis: Freudian Scholl. *Encyclopaedia Britannica*, 13ª ed., vol. 3, 253-5. Trad. James Strachey.

Garcia, M. P. (2009). *Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.

Goecks, C. A. (2011). *Comportamentos constituintes da classe geral de comportamentos "ler textos acadêmicos"*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.

Guilhardi, H. J. & Vandenberghe, L. (2012) *Considerações conceituais e históricas sobre a Terceira onda no Brasil*. Palestra ministrada no XXI Encontro da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Curitiba, PR.

Hayes, S. C. Barnes-Holmes, D. e Roche, B. (2001) (Eds.). *Relational Frame Theory: a post-Skinnerian Account of Human Language and Cognition*. New York: Plenum.

Salzinger, K. (2003). On the Verbal Behavior of Relational Frame Theory: a Post Skinnerian Account of Human Language and Cognition. *The Analysis of Verbal Behavior*, v. 19, pp. 7-9

Haydu, V. B. (2004) O que é operação estabelecadora?. In: Costa, C. E. Luzia, J. C. Sant'anna, H. H. N. (Org.). *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição*. Santo André, v. 2, p. 59-66.

Iwatta, B. A. Smith, R. G. Michael, J. (2000) Current research on the influence of establishing operations on behavior in applied settings. *Journal of Applied Behavior Analysis*.v.33, n. 4, p. 411-418.

Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1950/1971). *Princípios de Psicologia: Um texto sistemático na ciência do comportamento*.

Tradução de Carolina Martuscelli Bori e Rodolpho Azzi. São Paulo: Herder. (trabalho original publicado em 1950).

- Kienen, N. (2008). *Classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômeno e processos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares, da formação desse profissional e de um procedimento para decomposição de comportamentos complexos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1987). Functional analytic psychotherapy. En N. Jacobson (Ed.), *Psychoterapists in clinical practice: Cognitive and behavioral perspectives*, pp. 388-443. Nova Iorque: Guilford Press.
- Kohlenberg, Robert J. (1991/2006) *FAP - Psicoterapia analítica funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas*. Santo André : ESETec.
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1994) Functional analytic psychotherapy: A radical behavioral approach to treatment and integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 4, 175-201.
- Kohlenberg, R. J., Hayes, S. C. & Tsai, M. (1993) Radical Behavioral Psychotherapy: two contemporary examples. *Clinical Psychology Review*. Vol. 13, pp. 579-592, Pergamon Press Ltd.
- Kohlenberg, R. J., Tsai, M., García, R. F., Aguayo, L. V., Parra, A. F., Virués-Ortega, J. (2005) Psicoterapia Analítico-Funcional y Terapia de Aceptación y Compromiso: teoría, aplicaciones y continuidad con el análisis del comportamiento. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, vol. 5, nº 2, pp. 349-371.
- Kubo, O. M. e Botomé, S. P. (2001) Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação* (5), 133-170.

- Kubo, O. M. e Botomé, S. P. (2011) *Avaliar os processos e procedimentos de decomposição de comportamentos-objetivo de uma intervenção para alterar comportamentos e diferenciá-los de identificação de necessidades e de análise de comportamentos*. Instrução do Módulo de Produção de Aprendizagem, ministrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Laraway, S.; Snyckerski, S.; Michael, J.; & Poling, A. (2003) Motivating Operations and terms to describe them: some further refinements. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 36, n. 3, 407-414.
- Lopes, J. J., Matos, M. A. (1995) Aspectos conceituais e metodológicos acerca do controle contextual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 11, n. 1, pp. 33-39.
- Luiz, E. C. (2008). *Classes de comportamentos componentes da classe "projetar a vida profissional" organizadas em um sistema comportamental*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- Mangabeira, V. Kanter, J. & Del Prette, G. (2012) Functional Analytic Psychotherapy (FAP): A review of publications from 1990 to 2010. *International Journal Of Behavioral Consultation And Therapy*. Summer-Fall, vol. 7 (2-3), p. 78 (12).
- Matos, M. A. (1991) As Categorias Formais de Comportamento Verbal em Skinner. *Texto publicado nos Anais da XXI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, pp. 333-341.
- Matos, M. A. (1999) Controle de estímulo condicional, formação de classes conceituais e comportamentos cognitivos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 1, n. 2, 159-178.
- Matos, M. A. (2001) Análise de contingências do aprender e do ensinar. *Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem*. In: E. S. de Alencar (Org.), 4ª Ed. São Paulo: Cortez.

- Mattana, P. E. (2004). *Comportamentos profissionais do terapeuta comportamental como objetivos para sua formação*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- Meyer, S. (1998) A Análise funcional como prerrogativa do clínico comportamental. *Integração: ensino, pesquisa e extensão*, v. 12, n. 4.
- Michael, J. (2000) Implications and refinements of the Establishing Operation concept. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 33, n. 4, p. 401-410.
- Michael, J. (1982) Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, v. 37, n. 1, p. 149-155.
- Michael, J. (1993) Establishing Operations. *The Behavior Analyst*. v. 16, n. 2, p. 191-206
- Micheletto, N. (2000) Bases filosóficas da noção de relação funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 2, n. 2, 115-121.
- Miguel, C. F. (2000) O Conceito de Operação Estabelecadora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 16, n. 3, pp. 259-267.
- Millenson, J. R. (1967/1975). *Princípios de Análise do Comportamento*. Tradução de Alina de Almeida Souza e Dione de Rezende. Brasília: Editora Coordenada – Editora de Brasília.
- Moskorz, L. (2011). *Classes de comportamentos profissionais constituintes da classe geral de comportamentos do psicoterapeuta derivadas de um sistema de categorização de comportamentos desse tipo de profissional na interação com cliente*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.

- Moskorz, L.; Kubo, O. M.; Luca, G. G.; Botomé, S. P. (2012) Denominações da intervenção de analistas de comportamento em contextos clínicos como formas de caracterizar objetivos de procedimentos profissionais. *Acta comportamentalia*, v.20, n. 3, pp. 343-365.
- Müller, T. P. (2011a) *Identificação e caracterização das classes gerais de estímulos antecedentes das classes de comportamentos denominados "assertivos"*. In: XX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Salvador - BA. Anais do XX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental.
- Müller, T. P. (2011b) *Classes de componentes de comportamentos que constituem a classe geral "Comportamento Assertivo"*. Projeto de qualificação para o mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- Neno (2003). Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 5, n.2, p. 151-165.
- Noceti, R. V. (2011) *Classes de comportamentos constituintes da Classe geral "delimitar problema de pesquisa a partir de perguntas"*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.
- Passos, M. L. R. F. (2003) A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 5, n. 2, pp. 195-213.
- Pavlov, I. P. (1927/1980) O conceito de reflexo e sua extensão. Em: Pavlov, I. P. e Skinner, B. F. *Pavlov/Skinner - Textos escolhidos/Contingências de reforço* (Pp. 43 – 49). São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores.
- Pavlov, I. P. (1934/1980) O reflexo condicionado. Em: Pavlov, I. P. e Skinner, B. F. *Pavlov/Skinner - Textos escolhidos/Contingências de*

- reforço* (Pp. 51 – 67). São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores.
- Pessotti, I. (2008). *Sobre o conceito de “eu”*. Palestra ministrada no XVII Encontro da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental.
- Rehfeldt, R. A. (2003) Establishing contextual control over generalized equivalence relations. *The Psychological Record*, 53, 415-428.
- Rocha, L. M. Meirelles, F. Sérgio, T. M. A. P. Micheletto, N. Bornacina, R. (2010) A restrição de água e de alimento e alguns de seus múltiplos efeitos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1): 2-15
- Robinson, J.A. (2003) *Trece trucos de magia: el origen verbal de los mitos en Psicología*. Hermosillo, México: Walden Dos (Los Horcones).
- Russell, B. (1956) *A perspectiva científica*. São Paulo/SP: Nacional.
- Sagan, C. (2006). *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. Trad: Rosaura Eichenberg. São Paulo/SP, Companhia das Letras.
- Sampaio, A. A. S. (2005) Skinner: Sobre Ciência e Comportamento Humano. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 25, n. 3, p. 370-383.
- Segura, G. M., Sanchez Prieto, P., & Barbado Nieto, P. (1991). *Análisis Funcional de la Conducta: Un Modelo Explicativo*. Granada, Espanha: Universidade de Granada.
- Sério, T. M. de A. P. (1983) *A noção de classe de respostas operante: sua formulação inicial*. Dissertação de mestrado não publicada, Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Sério, T. M. de A. P. (1997) A concepção de homem e a busca de autoconhecimento. *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista*. Banaco, R. A. (Org.). São Paulo: Arbytes.

- Sério, T. M. A. P.; Andery, M. A.; Gioia, P. S. & Micheletto, N. (2004) *Controle de estímulos e comportamento operante – uma (nova) introdução*. 2ª. ed. São Paulo: EDUC.
- Sério, T. M. A. P.; Andery, M. A.; & Micheletto, N. (2009). *Para ler Ciência e Comportamento Humano: roteiros de leitura*. Laboratório de Psicologia Experimental, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento.
- Sidman, M. (1985) Aprendizagem sem erros e sua importância para o ensino do deficiente mental. *Psicologia*, v. 11, n. 3, pp. 1-15.
- Sidman, M. (1994) *Equivalence Relations and Behavior: a research story*. Boston. Authors Cooperative Pub.
- Sidman, M. (2000) Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal Of The Experimental Analysis Of Behavior*, v. 74, n. 1, 127–146.
- Sidman, M. (2009) Equivalence Relations and Behavior: An Introductory Tutorial. *The Analysis of Verbal Behavior*, 25, 5–17.
- Sidman, M. (1985) Aprendizagem-sem-erros e sua importância para o ensino do deficiente mental. *Psicologia*, v. 11, n. 3. Trad. de Rosana Glat.
- Silva, A. S. & Banaco, R. A. (2000) Investigação dos efeitos do reforçamento na sessão terapêutica, sobre três classes de respostas verbais do cliente. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 2, n. 2, pp. 123-136.
- Silva, C. E. (2013) *Características de um projeto governamental de prevenção do uso de drogas e coerência delas com os conceitos de “prevenção” e “comportamento-objetivo”*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.

- Silvaes, E. F. M.; Meyer, S. M. (2000) Análise funcional da fobia social em uma concepção behaviorista radical, *Revista de Psiquiatria Clínica* (USP, impresso), São Paulo, v. 27, n. 6, pp. 329-334.
- Simonassi, L. E.; Tourinho, E. Z. ; Silva, A. V. (2001) Comportamento privado: Acessibilidade e relação com comportamento público. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, RS, v. 14, n.1, pp. 133-142
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, v. 52, pp. 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1953/2003) *Ciência e comportamento humano*. 11<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes. Publicação original: *Science and Human Behavior*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix. Publicação original: *Verbal behavior*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1968/1972). *Tecnologia de ensino*. São Paulo: E.P.U. Publicação original: *The technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969/1980) *Contingências de Reforço*. Abril Cultural e Industrial, São Paulo/SP. Coleção Os Pensadores.
- Skinner, B. F. (1974/2003). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix. Publicação original: *About behaviorism*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B.F. (1981). Selection by consequences. *Science*, v. 213, pp.501-504.
- Skinner, B. F. (1991) *Questões recentes na Análise Comportamental*. Trad. Anita Liberalesso Neri. Campinas/SP: Papirus.
- Souza, E. J.; Kubo, O. M. (2009) *Distinção entre processo e procedimento que caracteriza cada contingência de reforço como recurso facilitador de formação desse conceito*. In: XVIII Encontro

Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Campinas. Anais do XVIII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental.

Staats, A. W., & Staats, C. K. (1963/1973). *Comportamento Humano Complexo*. São Paulo: EPU. Publicação original: *Complex human behavior*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

Todorov, J. C. (2002). A evolução do conceito de operante. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, pp. 123-127.

Todorov, J. C. (2003) Science and human behavior translated into portuguese: Ciência e Comportamento Humano. *Journal Of The Experimental Analysis Of Behavior*, v. 80, n. 3, pp. 341-343.

Todorov, J. C. (2010) *Por que Análise do Comportamento não é só Análise Experimental do Comportamento*. <<http://jctodorov.blogspot.com.br/2010/08/porque-analise-do-omportame-to-nao-e.html>>. Acesso em: 12/01/2013.

Todorov, J. C. (1991). O conceito de contingência na psicologia experimental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 7, 59-70.

Tourinho, E. Z. (2006) *O Autoconhecimento na Psicologia Comportamental de B. F. Skinner*. 2ª ed. Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

Tourinho, E. Z. (2006b) Relações comportamentais como objeto da Psicologia: algumas implicações. *Interação em Psicologia*, v.10, n. 1, pp. 1-8.

Tourinho, E. Z. (2007). Conceitos científicos e eventos privados como resposta verbal. *Interação*. Curitiba, v. 11, pp. 1-9.

Tourinho, E. Z. (2009) *Subjetividade e Relações Comportamentais*. São Paulo, SP: Paradigma.

Vieçili, J. (2008). *Classes de comportamentos profissionais que compõem a formação do psicólogo para intervir por meio de pesquisa sobre fenômenos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares nacionais para cursos de graduação em*

*psicologia e da formação desse profissional*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Não publicado.

Woodworth, R.S. (1975) *Psicologia*. São Paulo (SP): Nacional.

Zazula, R. & Haydu, V. B. (2011) Análise aplicada do comportamento e capacitação de pais: Revisão dos de artigos publicados pelo Journal of Applied Behavior Analysis. *Acta Comportamental*.v.20, n. 1, p. 87-107.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela</b>	Componentes de classes de comportamentos relacionados a condições de conhecimento e tecnologia existentes para lidar com fenômenos, processos ou problemas psicológicos, adaptado de Botomé e cols. (2003).....	34
<b>1.1.</b>		
<b>Tabela</b>	Resumo dos procedimentos utilizados nas etapas de produção de conhecimento científico acerca das características dos comportamentos referidos pelo conceito “Eu” na Análise do Comportamento e das relações entre tais comportamentos.....	132
<b>2.1.</b>		
<b>Tabela</b>	Representação do PROTOCOLO (A) DE OBSERVAÇÃO de trechos das obras que contêm definições do conceito ou características das classes de componentes de comportamentos referidos por tal conceito.....	136
<b>2.2.</b>		
<b>Tabela</b>	Exemplo de registro de dois trechos selecionados como informações no PROTOCOLO (A) DE OBSERVAÇÃO de trechos das obras que contêm definições do conceito ou características das classes de componentes de comportamentos referidos por tal conceito.....	137
<b>2.3.</b>		
<b>Tabela</b>	Representação do PROTOCOLO (B) DE OBSERVAÇÃO das unidades de informação contidas nos trechos das obras que contêm definições do conceito ou indicações de características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito.....	139
<b>2.4.</b>		

<b>Tabela 2.5.</b>	Exemplo de fragmentação de um trecho no PROTOCOLO (B) DE OBSERVAÇÃO das unidades de informação contidas nos trechos das obras que contêm definições do conceito ou indicações de características de componentes das classes de comportamentos referidos por tal conceito.....	141
<b>Tabela 2.6.</b>	Representação do PROTOCOLO (C) DE OBSERVAÇÃO dos componentes das sentenças das unidades de informação que exercem funções de “sujeito”, “verbo” e “complemento”.....	143
<b>Tabela 2.7.</b>	Exemplo de identificação da função dos componentes das unidades de informação no protocolo C de observação dos componentes das sentenças das unidades de informação que exercem funções de “sujeito”, “verbo” e “complemento”.....	145
<b>Tabela 2.8.</b>	Representação do PROTOCOLO (D) DE PROPOSIÇÃO de aperfeiçoamentos nas sentenças das unidades de informação de modo a favorecer a identificação de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes constituintes de classes de comportamentos.....	147
<b>Tabela 2.9.</b>	Exemplo de registro no protocolo D do aperfeiçoamento na estrutura das sentenças das unidades de informação de modo que o indivíduo envolvido nos fenômenos de interesse exerça função de “sujeito”.....	148
<b>Tabela 2.10.</b>	Exemplo de registro no protocolo D do aperfeiçoamento dos verbos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza das ações ou comportamentos a que se referem.....	152

<b>Tabela 2.11.</b>	Exemplo de registro no protocolo D do aperfeiçoamento dos complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de clareza acerca dos estímulos a que se referem.....	154
<b>Tabela 2.12.</b>	Exemplo de registro no protocolo D do aperfeiçoamento dos complementos das sentenças das unidades de informação conforme o grau de generalidade dos estímulos a que se referem.....	157
<b>Tabela 2.13.</b>	Representação do PROTOCOLO (E) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” referidas pelas unidades de informação.....	160
<b>Tabela 2.14.</b>	Exemplo de registro de classes de eventos constituintes de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (E) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” referidas pelas unidades de informação.....	161
<b>Tabela 2.13.</b>	Exemplo de registro no PROTOCOLO (E) do aperfeiçoamento realizado na redação dos componentes “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” observadas nas unidades funcionais.....	163
<b>Tabela 2.14.</b>	Exemplo de registro de classes de eventos constituintes de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (E) de observação das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” referidas pelas unidades de informação.....	167

<b>Tabela 2.15.</b>	Exemplo de registro no PROTOCOLO (E) do aperfeiçoamento realizado na redação dos componentes “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” observadas nas unidades funcionais.....	163
<b>Tabela 2.16.</b>	Exemplo de registro no PROTOCOLO (E) de derivação de componentes complementares às “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” observadas nas unidades funcionais.....	167
<b>Tabela 2.17.</b>	Representação do PROTOCOLO (F) DE OBSERVAÇÃO de equivalência funcional entre as classes de comportamentos identificadas a partir das unidades de informação.....	169
<b>Tabela 2.18.</b>	Exemplo de registro no PROTOCOLO (F) do agrupamento de classes de comportamentos funcionalmente equivalentes.....	171
<b>Tabela 2.19.</b>	Representação do PROTOCOLO (G) DE PROPOSIÇÃO de nomes às classes de comportamentos analisados funcionalmente cujas “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram observadas nas unidades de informações....	174
<b>Tabela 2.20.</b>	Exemplo de registro do nome de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (G) DE PROPOSIÇÃO de nomes aos comportamentos analisados funcionalmente cujas das “classes de estímulos antecedentes”, “classes de respostas” e “classes de estímulos consequentes” foram observadas nas unidades de informações.....	175

<b>Tabela</b> <b>2.21.</b>	Representação do PROTOCOLO (H) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes contextuais”, “classes de estímulos antecedentes condicionais”, “classes de estímulos antecedentes discriminativos” e “operações motivadoras” referidas pelas unidades de informação.....	185
<b>Tabela</b> <b>2.22.</b>	Exemplo de registro de classes de componentes de uma classe de comportamentos no PROTOCOLO (H) DE OBSERVAÇÃO das “classes de estímulos antecedentes contextuais”, “classes de estímulos antecedentes condicionais”, “classes de estímulos antecedentes discriminativos” e “operações motivadoras” referidas pelas unidades de informação.....	186
<b>Tabela</b> <b>3.1.</b>	Nomes das classes de comportamentos identificadas e <i>derivadas</i> a partir do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito “eu” se refere, distribuídas por categoria.....	191
<b>Tabela</b> <b>3.1.1.</b>	Nomes das classes de comportamentos identificadas e <i>derivadas</i> a partir do capítulo “O Eu” da obra “Ciência e Comportamento Humano” de Skinner (1953/2003) como aquelas às quais o conceito “eu” se refere, distribuídas por categoria.....	192
<b>Tabela</b> <b>3.2.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A1. Comportar-se sob controle das variáveis externas da própria ação”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	195

- Tabela 3.3.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A2. Apresentar comportamentos de um sistema de comportamentos cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 198
- Tabela 3.4.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A3. Apresentar distintos comportamentos funcionalmente semelhantes constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 200
- Tabela 3.5.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A4. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos constituído pela obtenção de estímulos reforçadores constituintes de uma classe de estímulos comum em situações quaisquer”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de s Skinner (1953/2003)..... 202
- Tabela 3.6.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A5. Apresentar comportamento de um sistema de comportamentos constituído por respostas cuja dimensão crítica é fisiológica”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 204

<b>Tabela 3.7.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A6. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de determinados estímulos contextuais”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	206
<b>Tabela 3.8.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A7. Apresentar comportamento constituinte de um sistema de comportamentos constituído pela obtenção de reforçador em situações comuns”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	207
<b>Tabela 3.9.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A8. Apresentar comportamento sob controle das mesmas variáveis externas que outros comportamentos do sistema de comportamentos a que pertence”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	209
<b>Tabela 3.10.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A9. Apresentar comportamentos de um mesmo sistema de comportamentos sob controle de estímulos de determinada classe de estímulos contextuais”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	212

- Tabela 3.11.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A10. Apresentar comportamentos de sistemas de comportamentos distintos em função dos estímulos contextuais presentes”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 214
- Tabela 3.12.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A11. Perceber-se incapaz de decidir que comportamentos apresentar em determinada situação, em função de estímulos contextuais de mais de um sistema de comportamentos estarem presentes simultaneamente”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 216
- Tabela 3.13.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A12. Apresentar comportamentos de diferentes sistemas de comportamentos relacionados uns com os outros”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 218
- Tabela 3.14.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A13. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003) ..... 220

- Tabela 3.15.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A14. Referir-se ao termo “eu” como representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 222
- Tabela 3.16.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A15. Referir-se ao termo ‘eu’ como representação de um sistema de comportamentos do indivíduo”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 223
- Tabela 3.17.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A16. Referir-se aos três ‘eu’ ou às três ‘personalidades’ do esquema freudiano como representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003) ..... 225
- Tabela 3.18.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B1. Ignorar a função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 227

<b>Tabela 3.19.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B2. Atribuir ao indivíduo a unidade funcional de um grupo de respostas”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	229
<b>Tabela 3.20.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B3. Atribuir maior relevância a uma unidade de um grupo de respostas do organismo do que efetivamente possui”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	230
<b>Tabela 3.21.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B4. Pressupor consistências e integridades funcionais inexistentes entre comportamentos”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	231
<b>Tabela 3.22.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B5. Atribuir função das variáveis externas das ações constituintes de comportamentos de sistemas de comportamentos ao ‘eu’ como agente e originador dos comportamentos”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	233
<b>Tabela 3.23.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B6. Identificar o ‘eu’ como uma instância não física”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	235

- Tabela 3.24.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B7. Pressupor que o ‘eu’ é originador e agente dos comportamentos e que o organismo se comporta”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 236
- Tabela 3.25.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B8. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topograficamente e funcionalmente semelhantes”, *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 238
- Tabela 3.26.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B9. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 240
- Tabela 3.27.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B10. Referir-se ao termo ‘eu’ como agente e originador dos sistemas de comportamentos do indivíduo”, *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 241

- Tabela 3.28.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B11. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como agentes e originadores de três grandes conjuntos de comportamentos do indivíduo”, *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 243
- Tabela 3.29.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C1. Identificar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 246
- Tabela 3.30.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C2. Demonstrar covariações na frequência de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 247
- Tabela 3.31.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C3. Explicar unidade funcional dos comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 250

- Tabela 3.32.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C4. Demonstrar relações funcionais identificadas entre comportamentos cujas frequências variam correspondentemente e que constituem um sistema de comportamentos”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 251
- Tabela 3.33.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C5. Identificar irrelevância em utilizar o conceito de ‘eu’ ao identificar e demonstrar a covariação de diferentes comportamentos do indivíduo”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 253
- Tabela 3.34.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C6. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos do indivíduo cujas respostas são topográfica e funcionalmente semelhantes”, *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 256
- Tabela 3.35.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C7. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de diferentes comportamentos constituintes de um mesmo sistema de comportamentos funcionalmente unificado”, *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003)..... 258

<b>Tabela 3.36.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C8. Referir-se ao termo ‘eu’ como recurso desnecessário à representação de um sistema de comportamentos”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	260
<b>Tabela 3.37.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C9. Referir-se aos três eu ou às três personalidades do esquema freudiano como recursos desnecessários à representação de características importantes dos sistemas de comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos contextuais importantes de um meio social”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Skinner (1953/2003).....	262
<b>Tabela 4.1.</b>	Classes de comportamentos identificadas e <i>derivadas</i> a partir do capítulo “O Self” da obra “FAP – Psicoterapia Analítico Funcional” de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como aquelas às quais o conceito “eu” se refere, distribuídas por categoria.....	309
<b>Tabela 4.2.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A1. Comportar-se em relação a um objeto de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	314

- Tabela 4.3.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A2. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional, sob controle do objeto e de estímulos públicos componentes da própria ação em relação ao objeto”, da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 316
- Tabela 4.4.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A3. Responder verbalmente ‘eu+ação+objeto’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle do objeto variável e de estímulos públicos variáveis componentes da ação invariável em relação ao objeto”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 318
- Tabela 4.5.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A4. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de uma ação específica em relação ao objeto”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 320

<b>Tabela 4.6.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A5. Responder verbalmente ‘eu+ação’ como uma unidade funcional em diferentes situações, sob controle de estímulos privados e/ou públicos permanentes constituintes de cada ação variável em relação a objetos variáveis”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	323
<b>Tabela 4.7.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A6. Responder verbalmente ‘eu’ como uma unidade funcional, sob controle do estímulo privado perspectiva”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	326
<b>Tabela 4.8.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A7. Experienciar o ‘eu’ como uma instância dissociada das próprias ações e dos objetos a seu redor”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) .....	329
<b>Tabela 4.9.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A8. Comportar-se em relação a objetos variáveis de modo que os componentes públicos da ação sejam observáveis para os pais ou cuidadores”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	331

<b>Tabela</b> <b>4.10.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A9. Comportar-se de diferentes formas em relação a objetos variáveis”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	333
<b>Tabela</b> <b>4.11.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A10. Experienciar o ‘eu’ como uma instância não dissociada das próprias ações nem dos objetos a seu redor”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	334
<b>Tabela</b> <b>4.12.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A11. Responder verbalmente ‘objeto’ como uma unidade funcional sob controle de estímulos públicos de objetos variáveis”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	337
<b>Tabela</b> <b>4.13.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “A12. Experienciar o “eu” como uma instância não dissociada das próprias ações e dissociada dos objetos a seu redor”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	338
<b>Tabela</b> <b>4.14.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B1. Relatar própria ação apresentada sem seus componentes públicos a partir de seus componentes privados”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	341

<b>Tabela 4.15.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B2. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional “eu+ação+objeto” desenvolvida”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	343
<b>Tabela 4.16.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B3. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu+ação’ desenvolvida”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	345
<b>Tabela 4.17.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B4. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ desenvolvida”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	347
<b>Tabela 4.18.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B5. Caracterizar estímulos discriminativos da resposta verbal ‘eu’ em cada unidade funcional em que esteve inserida ao longo de seu desenvolvimento”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	349
<b>Tabela 4.19.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B6. Caracterizar estímulos discriminativos da unidade funcional ‘eu’ após seu desenvolvimento”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	351

<b>Tabela 4.20.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B7. Caracterizar a experiência do ‘eu’”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	352
<b>Tabela 4.21.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B8. Caracterizar a experiência da própria ação”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	355
<b>Tabela 4.22.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B9. Caracterizar o ‘eu’”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	357
<b>Tabela 4.23.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B10. Caracterizar componentes públicos da própria ação”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	359
<b>Tabela 4.24.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B11. Caracterizar componentes privados da própria ação”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	361
<b>Tabela 4.25.</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “B12. Caracterizar os processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem”, <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	363

- Tabela 4.26.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C1. Experienciar ‘eu’ como evento de natureza distinta da física”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 367
- Tabela 4.27.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C2. Perceber estímulo interno perspectiva como interno e permanente”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 369
- Tabela 4.28.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C3. Perceber estímulo interno perspectiva como atemporal”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 370
- Tabela 4.29.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C4. Caracterizar estímulo discriminativo da resposta verbal ‘dizer eu’ como evento desprovido de características físicas”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 371
- Tabela 4.30.** Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C5. Caracterizar ‘eu’ como unidade permanente e atemporal localizada internamente ao organismo”, identificados e *derivados* a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006)..... 373

<b>Tabela</b>	Características das possíveis classes de componentes da classe de comportamentos “C6. Inferir evento ou instância ao qual a unidade funcional “eu” se refere, bem como suas propriedades”, identificados e <i>derivados</i> a partir das unidades de informação identificadas na obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006).....	367
---------------	---	-----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.1.</b>	Representação das relações entre conceitos utilizados em descrições de fenômenos e intervenções realizadas em fenômenos.....	37
<b>Figura 1.2.</b>	Especificação dos três componentes constituintes da definição do comportamento como relação entre o que um organismo faz e o ambiente (anterior e posterior à ação) em que o faz. Reproduzido de Botomé (2001, p. 697).....	48
<b>Figura 1.3.</b>	Representação das relações básicas entre os três tipos de componentes do comportamento. Adaptada de Botomé (2001).....	51
<b>Figura 1.4.</b>	Representação das características dos processos comportamentais envolvidos nos tipos de contingências de reforço. Adaptada de Botomé e Kubo (2009).....	60
<b>Figura 1.5.</b>	Ilustração dos componentes constituintes de classes de comportamentos e das relações entre eles. Adaptada de ilustrações didáticas apresentadas na disciplina de Análise Experimental do Comportamento do Programa de Pós-Graduação da UFSC, 2011; e da dissertação de Botomé (2009).....	72
<b>Figura 1.6.</b>	Representação das relações variáveis entre “unidade” e “classe” de eventos.....	74
<b>Figura 1.7.</b>	Representação das relações entre “unidade”, “classe” e “sistema” de eventos.....	77

<b>Figura 1.8.</b>	Ilustração da explicitação das classes de componentes constituintes de classes de comportamentos e das relações entre elas, considerando as funções discriminativa, condicional e contextual passíveis de serem exercidas por estímulos antecedentes, operações motivadoras, classes de respostas e classes de estímulos consequentes que constituem uma análise funcional de uma classe de comportamentos.....	92
<b>Figura 1.9</b>	Representação simplificada das características definidoras de comportamentos verbais.....	101
<b>Figura 2.1.</b>	Modelo de diagrama de relações entre os comportamentos identificados a partir da obra. Adaptado de Botomé (1975).....	178
<b>Figura 2.1.</b>	Representação da identificação de uma lacuna entre comportamentos identificados a partir da obra.....	180
<b>Figura 2.3.</b>	Representação da proposição de classes de comportamentos que preenchem as lacunas identificadas entre comportamentos identificados a partir da obra.....	181
<b>Figura 5.1.</b>	Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos relacionadas ao conceito “Eu” identificadas e <i>derivadas</i> a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas.....	423

- Figura 5.2.** Diagrama da parcela 1 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos”, identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 426
- Figura 5.3.** Diagrama da parcela 2 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características de sistemas de comportamentos e relações entre sistemas de comportamentos” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 428
- Figura 5.4.** Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “B. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 433
- Figura 5.5.** Diagrama da parcela 1 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo graus de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 437

- Figura 5.6.** Diagrama da parcela 2 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “C. Características de comportamentos alternativos à concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Skinner (1953/2003), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 439
- Figura 5.7.** Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 441
- Figura 5.8.** Diagrama da parcela 1 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 445
- Figura 5.9.** Diagrama da parcela 2 de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “A. Características do desenvolvimento da unidade funcional ‘eu’ e de tal unidade depois de desenvolvida” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 448

- Figura 5.10.** Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “B. Caracterização dos processos ou eventos a que as unidades funcionais constituídas do termo ‘eu’ se referem” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 451
- Figura 5.11.** Diagrama de um sistema comportamental constituído das classes de comportamentos da categoria “C. Características de comportamentos favorecedores da concepção de um ‘eu iniciador’” identificadas e *derivadas* a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006), organizadas segundo grau de abrangência, complexidade e relações de dependência entre elas..... 454
- Figura 6.1.** Representação da perspectiva de análise inferida das proposições de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) a partir da qual os autores discorrem sobre as características de um fenômeno “eu”..... 481
- Figura 6.2.** Representação da perspectiva de análise inferida das proposições de Skinner (1953/2003) a partir da qual o autor discorre sobre as características de um fenômeno “eu”..... 482
- Figura 6.3.** Representação de aspectos relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir da obra de Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato “eu”..... 484

- Figura 6.4.** Representação de aspectos relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir da obra de Skinner (1953/2003) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato constituídas da unidade funcional “eu”..... 485
- Figura 6.5.** Representação (A) de possíveis aspectos complementares relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir das obras de Skinner (1953/2003) e Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato “eu”..... 487
- Figura 6.6.** Representação (B) de possíveis aspectos complementares relacionados ao fenômeno nomeado tradicionalmente como “eu”, identificados a partir das obras de Skinner (1953/2003) e Kohlenberg e Tsai (1991/2006) como eventos antecedentes às respostas verbais de tato “eu”..... 492